

1911 - 1912

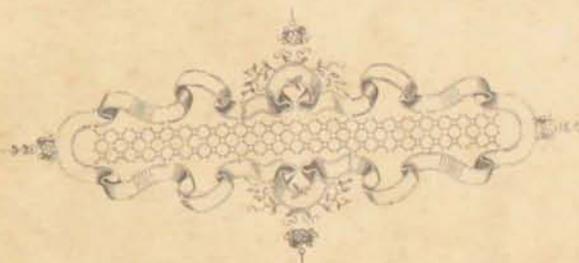


Revista Catharinense

DIRECTOR — JOSÉ JOHANNY

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
UNIDADE DE PATRIMÔNIO CULTURAL

1º VOLUME 8000



LAGUNA
SANTA CATARINA

Biblioteca Técnica Diretoria Patrimônio Cultural da FCC	
Reg. nº:	Data:
Origem:	

Biblioteca Técnica Diretoria Patrimônio Cultural da FCC	
Reg. nº. 314	Data 19/11/94
Origem DOAÇÃO	

05(816.4)

Biblioteca Pública do Estado FLORIANÓPOLIS	
Reg. no 9908	Data 05.03.75



O INTUITO



A REVISTA CATHARINENSE tem por fim principal archivar e divulgar documentos historicos, notas estatisticas, paginas litterarias e informações de ordem economica, financeira, scientifica, politica, artistica, etc., referentes ás cousas e aos homens de Santa Catharina.

Como parte accessoria occupar-se-á, tambem, de todo e qualquer outro assumpto interessante e de actualidade.

No fim de cada anno esta publicação formará um volume de cerca de 400 paginas, constituindo não só um precioso repositorio de documentos do que fomos e do que estamos sendo na evolução brasileira, como, tambem, attraente escritorio de escolhida miscellanea de ordem geral.

Procuraremos fazer uma MAGAZINE que agrade a todas as classes da sociedade, a todas as intelligencias, a todas as idades, em ambos os sexos.

Solicitamos, indistinctamente, portanto, a collaboração e o auxilio de quantos se interessam pelo nosso Estado e sabem avaliar da utilidade de um trabalho deste genero.



A Republica Catharinense

29 de Julho de 1839

Da historia de Santa Catharina a parte mais interessante são os acontecimentos que se enfeixam nesses cento e seis dias agitados que medeiam da proclamação da Republica Catharinense, em 29 de Julho de 1839, ao seu anniquilamento em 15 de Novembro, após o memoravel combate naval travado nas aguas da Villa da Laguna.

E entretanto, de todos os factos de grande importancia que se têm desenrolado no nosso territorio, esses são os menos conhecidos. Poucos os que se têm dedicado ao estudo de tão notavel época, e esses mesmos escriptores, á falta, sem duvida, de documentos ou informações fidedignas, ou têm negado á ephemera e pequenina Republica a feição democratica que a caracteriza, como fez o venerando sr. conselheiro Alencar Araripe na sua obra magistral *A GUERRA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL*, qualificando-a de—verdadeira farça (pag. 96); ou, como o distincto escriptor catharinense sr. Virgilio Varzea, têm publicado narrações que se não condizem com os feitos, com os homens, com as datas que constituem a historia daquelle memoravel periodo da vida politica brazileira.

Além da obra referida do sr. conselheiro Alencar Araripe, perfeitamente desenvolvida e documentada quanto ao Rio Grande do Sul, mas muito omissa e erronea quanto á Santa Catharina, só conhecemos, em relação aos factos de 1839, as *MEMORIAS DE GARIBALDI*, completadas por Alexandre Dumas; os excerptos da obra do sr. Virgilio Varzea — *GARIBALDI E A SUA ACCÃO NO BRASIL* — inseridos no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 4 de Julho de 1907; e parte do substancioso estudo que vinha elaborando o inditoso catharinense sr. capitão Tobias Becker, no periodo revolucionario de 1893-1894, em cujo desfecho foi fuzilado por seus camaradas do exercito.

Nenhum desses escriptos, porém,—todos sem duvida valiosissimos, uns pelo rebuscado litterario, outros pelos fundamentos historicos—faz luz sobre a Republica Catharinense de modo a ficar patenteado quanto foi edificativo, como norma de conducta civica, aquelle ligeiro ensaio de regimen democratico no passado.

Por isso vimos, ha longo tempo, pesquisando nas mais diversas verêdas documentos e informações sobre tão notavel e pouco conhecido periodo historico, e os elementos que temos obtido já nos permitem elaborar apontamentos documentados que sirvam á confecção de um trabalho minucioso sobre a epopéa em que rebrilha a figura extraordinaria de Annita Garibaldi.

Essas notas mostram que a proclamação da Republica Catharinense fôra a effectividade de uma aspiração popular, generalisada em todas as zonas da provincia, assim na litoral como na região serrana; evidenciam que á implantação do regimen presidio o elemento puramente catharinense, tendo os revolucionarios conservado-se na sua esphera propriamente militar, procurando manter as novas instituições sem se immiscuirem directamente na organização dos poderes civis que se instituiam; e deixam provado plenamente que a pessima conducta posterior das forças rio-grandenses tornou-se a mais nociva influencia contra o novo regimen, de modo que, quando as forças imperiaes vieram a 15 de Novembro, pequeno era o numero de catharinenses que se achavam nas fileiras revolucionarias.

Vamos demonstral-o perfunctoriamente, referindo-nos apenas aos factos que são ignorados e aos pouco conhecidos, pois em breve, se Deus nos permittir, publicaremos os longos apontamentos mencionados.

OS ANTECEDENTES

Eram numerosos, e muitos delles gente de excellente conceito, os catharinenses daquella época que se esforçavam pela implantação do regimen do povo pelo povo no Brazil. Onde, porém, mais intensamente se fazia sentir a aspiração democratica, era no sul da provincia, do qual a villa da Laguna se constituia centro principal.

Grande parte do clero, principalmente o nacional, alliava-se a essa phalange, como elemento poderosissimo, que o era, já pelo valor intellectual, já pela auctoridade que exercia entre os habitantes, catholicos-romano em quasi sua totalidade.

Diversos republicanos rio-grandenses acoçados pelos imperiaelistas, vieram homisiar-se na historica Villa, certos de que seriam recebidos carinhosamente pela população, reconhecida em toda a campi-

na gaúcha como afeiçoada ao movimento revolucionario que lá lavrava. Dentre as proprias autoridades lagunenses irradiava essa grande sympathia: não sómente garantiam a vida e dispensavam amavel acatamento aos asylados, como, mesmo, chegavam a fornecer-lhes soccorros pecuniarios por conta dos cofres publicos. Comprova esta asserção o officio que a tal respeito o Juiz de Paz João Thomaz de Oliveira Tavares dirigio, em 30 de Abril de 1836, ao Presidente da Provincia, pedindo approvação para o seu acto de auxilio de dinheiro a immigrados rio-grandenses. E a affirmativa, exarada no officio alludido, de que, caso o presidente José Mariano não o approvasse, elle Tavares auxiliaria com os seus proprios bens aos que estivessem em miseria,—porque não podia ver de bom semblante gemer a humanidade,— não só caracteriza o nobre valor moral e sobrançeria de animo dos homens daquella época, como evidencia o gráo elevado da tendencia á solidariedade com os heróes que se batiam denodadamente pelos principios dignificadores concretisados no longo manifesto de Bento Gonçalves.

A proclamação que aos catharinenses fizera em Janeiro de 1836 o presidente da provincia, Dr. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, insinuando pomposamente que a monarchia constitucional representativa era a melhor fórma de governo; que a fórma republicana só era bella em theoria, pois que o povo não se achava preparado para pratical-a; que não convinha deixar a realidade pela sombra; que os que aspiravam a fórma republicana eram aquelles que nada tinham a perder, pois só ambicionavam riquezas e poder, não se importando com o padecimento do povo, com o entorpecimento do commercio, com o definhamento e a paralyisia das artes;—essa proclamação não teve efficacia quanto aos habitantes do sul de Santa Catharina.

A identificação da zona meridional da provincia com o movimento democratico rio-grandense accentuava-se progressivamente, causando apprehensões ao governo.

Duvidava-se, tambem, da completa fidelidade da guarnição militar da Villa, constituida pelo 2º corpo do exercito, sob o commando do tenente-coronel Henrique Marques da Silva Lisboa.

Em 23 de Fevereiro de 1836 o presidente da provincia veio á Laguna syndicar do estado da guarnição e auscultar o coração popular.

Não ficára satisfeito.

Poucos dias depois de regressar á capital da provincia officiou ao Juiz de Paz da Laguna e ao commandante da guarnição ordenando que providenciassem para estarem promptos, á primeira vóz, afim de encetarem marcha para o sul, um contingente de guardas nacionaes e o 2º corpo do exercito.

Immediatamente o Juiz de Paz, tenente-coronel Francisco de Souza França, monarchista inquebrantavel e irmão do conselheiro Souza França, fez affixar editaes, datados de 12 de Março, determinando que no prazo de oito dias se apresentassem todos os cidadãos válidos, porque se tornava necessario seguir para o Rio Grande um destacamento da milicia civica.

Vendo nisso um estratagema para desfalcar os republicanos, castigando os mais exaltados, a recusa da população foi completa, apesar da ameaça contida nos editaes de serem compellidos severamente os que se não apresentassem.

Desse estado do espirito publico co-participavam os officiaes da guarnição. Sabedor disso, pelo proprio major do corpo, Patricio Antonio de Sepulveda Ewerard, o commandante Lisboa conduzio o batalhão para o campo do Magalhães, hoje praça Duque de Caxias, pô-lo em linha, fez sahir á frente os officiaes e lhes lembrou energeticamente os seus deveres de militares e de defensores das instituições monarchicas, declarando que considerava o 2º corpo prompto a seguir para o sul. Entretanto, exigio que todos os officiaes se manifestassem, verbalmente, a respeito da marcha a encetar.

Identificados, responderam todos, evasivamente, que consideravam improficua a ida do corpo, no estado deficiente em que elle estava e que por isso devia ser reclamado do presidente da provincia reforço sufficiente.

Em face da recusa e da imposição, e não tendo elementos para reagir, o commandante procurou dissimular, assegurando ao corpo que, quando tivesse ordem de marchar, ouviria novamente o parecer da officialidade.

Neste comenos propalavam-se pela Villa boatos alarmantes de que estava concertado o plano de uma sublevação, tendo por fim depôr o commandante Lisboa, o collecter das rendas nacionaes João Francisco de Souza França e assassinar o Juiz de Paz tenente-coronel Francisco de Souza França.

O terror manifestou-se na população. Receiosas, innumeras familias retiraram-se para os arrabaldes e para os sitios.

Disposto a reagir, o Juiz de Paz foi á residencia do commandante Lisboa e interrogou-lhe se podia contar com a força do seu commando para manter a ordem. A resposta acabrunhou-o, pela gravidade que revelava. Nada podia fazer o tenente-coronel Lisboa, declarou-lhe entristecido, pois se achava coacto pela insubordinação do corpo.

Nessa mesma noite, cerca das 10 horas, um republicano exaltado, João Thomaz de Oliveira, foi á casa do Juiz de Paz, declarou-se-lhe partidario do general Bento Gonçalves, o chefe da revolução

rio-grandense, e insultou Souza França, qualificando-o de ladrão e de amigo de Bento Manoel. (*)

Em vista da resposta do commandante e ante as ameaças que lhe eram feitas, o Juiz de Paz Souza França passa o exercicio ao suplente João Antonio de Oliveira Tavares e foge no dia seguinte, 17, para o Desterro.

— Boletins incendiarios começaram a apparecer na Villa desse dia em diante, espalhados com o boato de que alguns soldados do 2º corpo, de combinação com os republicanos, pretendiam sublevar a Villa no dia 20, por occasião de se celebrar a festa do Senhor dos Passos.

As autoridades providenciaram logo, prohibindo-a.

Não obstante, ao amanhecer do dia 20 viam-se boletins affixados em todas as esquinas da Villa concitando a Camara Municipal a depôr as autoridades, induzindo o povo a obrigar-a a isso, e indigitando-se umas quatro ou cinco pessoas para serem assassinadas.

O levante estava preparado para explodir durante a noite.

O commandante Lisboa teve, porém, noticia da seducção que ia no quartel, e pôde, juntamente com as forças civis conseguidas pelo Juiz de Paz Tavares, fazer abortar o plano audacioso.

No dia seguinte eram presos, e enviados para o Desterro, o major Sepulveda, o ajudante 2º tenente Francisco de Almeida Varella e seis soldados, tidos como os mais influentes. A 24 eram, ainda, remetidos presos para a capital o 2º cadete 1º sargento Luiz Marques, por tentar assassinar o commandante Lisboa, e o 2º tenente graduado José Maria Franco, que tambem foi reconhecido implicado nos movimentos sediciosos. No Desterro esses officiaes foram recolhidos á prisão, sendo em uma fortaleza o major Sepulveda Ewerard e os demais no brigue de guerra *Pedro*.

No fim de Março foi retirado o 2º corpo para a capital, ficando na Laguna apenas a 5ª companhia, composta de 2 segundos-tenentes, 3 officiaes, 3 cabos, 1 corneta e 40 soldados, para o commando da qual viéra o capitão Antonio Carlos Costa Aguiar de Andrade.

(*) O coronel do exercito Bento Manoel tinha sido um dos iniciadores do movimento revolucionario rio-grandense, juntamente com o coronel Bento Gonçalves, o major João Manoel de Lima, o capitão Domingos Crescencio, e outros officiaes militares. Entretanto pouco tempo depois abandonava as fileiras republicanas e passava-se para as forças imperiaes, a cujo serviço tornou-se o mais temivel perseguidor dos revolucionarios. Por isso seu nome era execrado pelos partidarios da revolução, sendo citado como opprobrio.

Scientes, por emissarios que lhe eram continuamente enviados da Laguna, do incremento que em Santa Catharina estava tomando a causa republicana, os revolucionarios mandaram, de Porto Alegre, então em seu poder, occupar Torres pelo tenente Alpoim, que para alli seguiu em meiado de Março, levando, com a sua pequena força, 2 peças de calibre 9, afim de prestar auxilio, na primeira oportunidade, aos republicanos catharinenses.

O presidente do Rio Grande do Sul, Dr. Araujo Ribeiro, officiou, em data de 26 de Março, ao Presidente de Santa Catharina, communicando esses movimentos e dando-lhe sciencia de que os revolucionarios haviam enviado partidarios para fazerem propaganda entre a população catharinense.

A Villa de Torres, poucos dias depois, a 9 de Abril, cahia em poder das forças imperialistas commandadas pelo Capitão Francisco Pinto Bandeira; para novamente ser tomada, a 28 do mesmo mez, pelos revolucionarios, em numero de 160, sob o commando do major da guarda-nacional José Alves de Moraes.

Essa permanencia de força republicana na fronteira da provincia sobresaltava os monarchistas da Laguna. Por isso, em 28 de Junho, ao lhe constar que ia a 5ª companhia receber ordem de seguir para a capital, o Juiz de Paz Souza França, que reassumira as funcções em fim de Maio, officiou ao Presidente da Provincia pedindo para não desguarnecer a Villa enquanto durasse a revolução no Rio Grande, porque, affirmava: «o partido republicano possui na Laguna pessoas sympathicas á causa, tendo as mesmas idéas, identificadas com os mesmos principios, e que só têm em mira occasião opportuna para pôrem em execução os seus planos, que ha muito projectam; e lançada a primeira scintilla, o incendio se alastrará por varios pontos, fazendo incalculaveis males.». Continuando, affirmava Souza França que, se até então nada mais haviam feito, restringindo-se á simples propaganda das suas idéas republicanas, era devido unicamente á presença da força, que os continha; mas que já haviam chegado ao ponto de tentarem alliciar praças da dita companhia.

Entretanto, tão criticas eram as circumstancias no Rio Grande, para os interesses do governo imperial, que impossivel foi ao presidente da provincia attender ás reclamações de Souza França.

No dia 20 de Julho, a bordo da lancha *Conceição*, embarcava para o Desterro a 5ª companhia.

Nos mezes de Abril e Maio os republicanos da Laguna haviam remettido auxilio de polvora aos revolucionarios rio-grandereses; e apezar do sigillo que guardaram, a noticia chegou á Regencia do Império. Immediatamente o Ministro da Justiça advertio ao presidente de Santa Catharina e este, por sua vez, em officio reservado, ao Juiz de

Paz da Laguna, datado de 23 de Julho de 1836, extranhou o facto e recommendou-lhe as mais severas providencias para cohibir o mal.

Era tal o effeito da propaganda republicana no sul da provincia, que em officio de 23 de Agosto, dirigido ao presidente Livramento, Souza França affirmava que não tinha uma unica pessoa de confiança no Araranguá, sendo, por isso, obrigado a incumbir a co-religionarios residentes em Torres a missão de lhe enviar informações do sul.

Entretanto, a noticia do combate do Fanfa, (4 de Outubro de 1836) em que foram derrotados os republicanos e presos seus chefes Bento Gonçalves, Onofre Pires e outros de menos renome, fez abater sensivelmente o animo dos democratas catharinenses. E tendo-se tornado difficillimas as communicações com os revolucionarios, depois da restauração de Porto Alegre, em 15 de Junho, pelo affastamento da base de operações para o extremo meridional da provincia, os catharinenses adeptos da revolução mantiveram-se dessa época em diante cautelosamente calmos, mas sempre intransigentes, até que, novamente, em 1839, puderam communicar-se francamente com as forças revolucionarias do sul.

Recrudesceo, então, o enthusiasmo pelas idéas republicanas em todo o sul de Santa Catharina.

De Araranguá até á Laguna, quando Canabarro e Garibaldi passaram com seus companheiros de lutas, foram saudados com alegria effusiva. Em lugar, pois, de encontrarmos inimigos, escreveu Garibaldi, (*Memoiras*, cap. XXXVIII), achámos alliados, fomos festejados.

Em 22 de Julho de 1839 o coronel David Canabarro, á frente dos seus bravos guerrilheiros rio-grandenses e auxiliado pelo heroico José Garibaldi e seus camaradas salvos do naufragio do *Rio Pardo*, tomavam a Laguna, após pequeno combate, em que os imperiaes perderam 15 homens, deixando 77 prisioneiros, tendo as forças revolucionarias soffrido apenas a perda de 1 homem.

A INSTITUIÇÃO DA REPUBLICA

Em officios de 25 e 26 de Julho David Canabarro communicava á Camara Municipal da Villa que as forças commandadas pelo seu ajudante coronel Teixeira tinham levado de vencida as forças imperiaes até aos limites da capital; ponderava que éra opportuno o momento para ser proclamada a independencia de Santa Catharina, adoptando-se o systema republicano rio-grandense; e lembrava a conveniencia de ser feita arrecadação judicial e arrolamento dos bens pertencentes aos adeptos do regimen monarchico, que haviam fugido da Villa e mais Districtos, devendo esses bens serem entregues a depositarios seguros, até que o Governo Provisorio, que se ia criar, decidisse a respeito.

Em consequencia desses officios a Camara Municipal reunio-se extraordinariamente no dia 29, a cuja sessão solemne compareceram os Vereadores tenente Vicente Francisco de Oliveira, negociante importante; Domingos Custodio de Souza, advogado; Antonio José de Freitas e José Pereira de Carpes, negociantes; Floriano José de Andrade, advogado e Manoel Luiz da Silva Leal, negociante; faltando, apenas, e por causa justa, o Vereador Antonio Joaquim Teixeira. Assumindo a presidencia, o tenente Vicente Francisco de Oliveira proclamou a independencia de Santa Catharina do regimen monarchico brasileiro, constituindo-se um Estado Republicano Livre, sob o systema democratico rio-grandense. Em seguida resolveu a Camara Municipal, na mesma sessão; *a)*—fazer expedir proclamas a todos os juizes de paz, declarando-se-lhes ser vontade unanime do povo o que a Camara acabava de celebrar e que, com o maior enthusiasmo se lhe dêsse a devida publicidade; *b)*—expedir circulares a todos os eleitores da parochia no sentido de apresentarem-se, no dia 4 de Agosto, perante o Juiz de Paz da cabeça do Termo, munidos dos seus diplomas, afim de lhes ser marcado dia, hora e local da reunião para a eleição do presidente provisorio do Estado; *c)*—determinar aos Juizes de Paz a arrecadação e deposito dos bens pertencentes aos monarchistas ausentes.

O coronel David Canabarro constituiu-se chefe do Estado até á eleição do presidente provisorio, mas a sua autoridade era exercida em collaboração com a Camara Municipal.

Em 4 de Agosto effectuava-se a inscripção dos eleitores da parochia; em 6 era organizada a Mesa Eleitoral, e no dia 7 realisava-se a eleição para Presidente do Estado Republicano Catharinense, servindo para o processo eleitoral as Instrucções de 26 de Março de 1824.

Era grande o jubilo na Villa da Laguna.

Por solicitação da Camara Municipal o Vigario padre Francisco Vilella de Araujo celebrára na manhã do dia 7 uma missa solemne, na Matriz da Parochia, a que foram assistir todos os eleitores e grande parte da população. Findo o acto religioso o vigario desenvolveu uma allocução sobre o auspicioso facto democratico que se ia realizar, e depois dirigiram-se todos para a casa das sessões da Municipalidade afim de se proceder á eleição.

A parochia da Laguna abrangia então o grande territorio que hoje representa oito municipios, e o numero de eleitores era 22, em virtude das disposições exaradas no § 1º, Cap. I, das supra citadas Instrucções de 1824, que determinavam: « cada parochia dará tantos eleitores, quantas vezes contiver o numero de cem fogos » (casas habitadas). Só um eleitor deixou de comparecer, tendo sido substi-

Em consequencia desses officios a Camara Municipal reunio-se extraordinariamente no dia 29, a cuja sessão solemne compareceram os Vereadores tenente Vicente Francisco de Oliveira, negociante importante; Domingos Custodio de Souza, advogado; Antonio José de Freitas e José Pereira de Carpes, negociantes; Floriano José de Andrade, advogado e Manoel Luiz da Silva Leal, negociante; faltando, apenas, e por causa justa, o Vereador Antonio Joaquim Teixeira. Assumindo a presidencia, o tenente Vicente Francisco de Oliveira proclamou a independencia de Santa Catharina do regimen monarchico brasileiro, constituindo-se um Estado Republicano Livre, sob o systema democratico rio-grandense. Em seguida resolveu a Camara Municipal, na mesma sessão; *a)* — fazer expedir proclamas a todos os juizes de paz, declarando-se-lhes ser vontade unanime do povo o que a Camara acabava de celebrar e que, com o maior enthusiasmo se lhe dêsse a devida publicidade; *b)* — expedir circulares a todos os eleitores da parochia no sentido de apresentarem-se, no dia 4 de Agosto, perante o Juiz de Paz da cabeça do Termo, munidos dos seus diplomas, afim de lhes ser marcado dia, hora e local da reunião para a eleição do presidente provisorio do Estado; *c)* — determinar aos Juizes de Paz a arrecadação e deposito dos bens pertencentes aos monarchistas ausentes.

O coronel David Canabarro constituiu-se chefe do Estado até á eleição do presidente provisorio, mas a sua autoridade era exercida em collaboração com a Camara Municipal.

Em 4 de Agosto effectuava-se a inscrição dos eleitores da parochia; em 6 era organizada a Mesa Eleitoral, e no dia 7 realisava-se a eleição para Presidente do Estado Republicano Catharinense, servindo para o processo eleitoral as Instrucções de 26 de Março de 1824.

Era grande o jubilo na Villa da Laguna.

Por solicitação da Camara Municipal o Vigario padre Francisco Vilella de Araujo celebrára na manhã do dia 7 uma missa solemne, na Matriz da Parochia, a que foram assistir todos os eleitores e grande parte da população. Findo o acto religioso o vigario desenvolveu uma allocução sobre o auspicioso facto democratico que se ia realizar, e depois dirigiram-se todos para a casa das sessões da Municipalidade afim de se proceder á eleição.

A parochia da Laguna abrangia então o grande territorio que hoje representa oito municipios, e o numero de eleitores era 22, em virtude das disposições exaradas no § 1º, Cap. I, das supra citadas Instrucções de 1824, que determinavam: « cada parochia dará tantos eleitores, quantas vezes contiver o numero de cem fogos » (casas habitadas). Só um eleitor deixou de comparecer, tendo sido substi-

tuidos pelos suppletos, na fórmula legal, os eleitores monarchistas que se tinham ausentado do município.

A affluencia do povo ao acto da eleição foi notavel. Effectuado o escrutinio e feita a apuração, verificaram ter o TENENTE-CORONEL JOAQUIM XAVIER NEVES obtido 17 votos (1); e o PADRE VICENTE FERREIRA DOS SANTOS CORDEIRO 4 votos. (2)

Após a eleição a Camara Municipal reunio-se em sessão extraordinaria, tomou posse do livro da acta, que lhe fôra immediatamente enviado, e determinou que se extrahisse o Diploma e se o enviasse sem demora ao Tenente-Coronel Neves, na Villa de S. José, onde residia, afim de que viesse assumir a presidencia.

Éra pensamento geral dotar as novas instituições de bases perfeitamente democraticas nas suas diversas modalidades; por isso resolveu a Camara, de accordo com Canabarro, que fossem eleitos, e não nomeados, os seis cidadãos que deviam compor o Corpo Governativo do Estado (ministerio). Como, porém, as limitações impostas pela lei eleitoral do Imperio, de 24 de Março de 1824, eram um obice á interferencia do povo, resolveram, a Municipalidade e Canabarro, facultar o direito do voto a todos os cidadãos conceituados. Compareceram 171 cidadãos. E trinta e quatro nomes foram suffragados nessa eleição liberrima, sendo os mais votados: Antonio José Machado, 123 votos; Vicente Francisco de Oliveira, 110; Joaquim José da Costa, 104; José Pacheco dos Reis, 100; João Antonio de Oliveira Tavares, 91; Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, 82; Antonio Claudino de Souza Medeiros, 80; Padre João Jacintho de S. Joaquim, 74; Bartholomeu Antonio do Canto, 43; José Prudencio dos Reis, 35. Aos seis primeiros a Camara Municipal fez expedir diplomas, avisando-os que estivessem promptos para a primeira reunião, logo que fosse necessario.

Em 14 do mesmo mez o tenente-coronel Teixeira devolveia á Municipalidade o diploma do Presidente do Estado, porque as forças imperiaes impediam o transito para a Villa de S. José. Em vista dessa

(1) Importante fazendeiro em S. José, de onde era filho, e politico de muito prestigio. Occupou diversos cargos elevados, entre os quaes o de vice-presidente da provincia. Era avô do illustre senador Dr. Hercilio Pedro da Luz.

(2) Natural da Villa de S. José e naquella época Vigario da Parochia da Enseada de Brito. Era um espirito muito illustrado e politico de grande influencia.

impossibilidade, a Camara resolveu expedir diploma ao padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, considerado Vice-Presidente, e convidar-o a assumir o governo da Republica. Na mesma sessão foi resolvido officiar a Antonio Claudino de Souza Medeiros e ao padre João Jacintho de S. Joaquim, então Vigario do Tubarão, enviando-se-lhes diplomas e convidando-os a virem prestar juramento e tomar posse do cargo de Membros do Conselho Governativo do Estado, em vista do impedimento do padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, que fôra chamado para assumir a presidencia, e de ter o capitão Joaquim José da Costa solicitado dispensa, porque seus serviços eram necessarios nas Forças da Vanguarda, onde se achava.

Em 28 de Agosto chegava á Villa o padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, e nesse mesmo dia, em sessão solemne, prestava perante a Camara Municipal o juramento de desempenhar fielmente os deveres relativos ao alto cargo para que fôra votado, e assumia, entre ruidosas manifestações de contentamento do povo, a melindrosa função de Presidente da Republica Catharinense.

O Ministerio foi empossado no dia 2 de Setembro, comparecendo José Pacheco dos Reis, Antonio Claudino de Souza Medeiros, capitão João Antonio de Oliveira Tavares, tenente Vicente Francisco de Oliveira e Antonio José Machado. Faltára unicamente o padre João Jacintho de S. Joaquim, que só em 12 de Setembro pôde vir prestar o juramento perante a Camara Municipal e assumir as funções que lhe foram designadas no Ministerio.

Em homenagem aos relevantes serviços que o coronel David Canabarro havia prestado, o Governo da Republica, por Decreto Nº 1, de 5 de Setembro, promovia-o, nomeando-o General em Chefe do Exercito Catharinense.

Em 12 de Setembro o Presidente da Republica officiou á Camara Municipal recommendando-lhe que fizesse reunir todos os cidadãos afim de prestarem juramento de fidelidade á Independencia do Estado e ao systema democratico, seguindo-se *Te-Deum* e missa solemne em todas as Igrejas da Republica.

O segundo Decreto do novo governo foi assignado no dia 10 de Setembro, e teve por fim elevar a Laguna á cathegoria de cidade e, provisoriamente, de capital do Estado. Esse mesmo Decreto determinou á Camara Municipal que adornasse o seu salão com uma figura da Liberdade encostada a um Escudo, e considerou de festa nacional o dia 22 de Julho.

Na mesma data foi promulgado o Decreto Nº 3, declarando franco o porto da Laguna e assegurando regalias aos armadores e pessoal de equipagem. Ainda um terceiro decreto, (N. 4), teve assignatura no dia 10: o que estabeleceu o distinctivo de cores da bandeira republi-

cana, o distinctivo do tope dos navios, e determinou a todos os cidadãos usarem o distinctivo das cores, sob pena de multa de 6\$000 réis.

Em 13 de Setembro, por Decreto N. 5, o presidente da Republica nomeava Floriano José de Andrade para o cargo de Juiz de Orphãos, cujo exercicio assumio a 14. E no dia 15 eram baixados os quatro decretos seguintes : N.º 6—Nomeando Thezoureiro Geral dos Cofres do Estado e dos Orphãos o cidadão Antonio Gonçalves Barreiros; N.º 7.—Nomeando para Inspector da Alfandega e dos Novos Direitos o cidadão Joaquim de Souza França (irmão do conselheiro Souza França); N.º 8.—Nomeando o cidadão Fidelis José de Fraga para as funções de Chefe da Collectoria da Alfandega e dos Novos Direitos; N.º 9.—Nomeando Escrivão do Thezoureiro Geral dos Cofres do Estado e dos Orphãos o cidadão Domingos Custodio de Souza; N.º 10 —Nomeando o cidadão Francisco Pacheco dos Reis para o cargo de Tabellião do Publico, Judicial e Notas e Escrivão de Orphãos.

O Decreto n. 11, de 15 de Setembro, refere-se á instrucção do sexo feminino, então completamente descurada. Foi nomeada professora da capital do Estado D. Marianna Catharina Nunès, e logo empossada.

Em 17 de Setembro dois decretos ainda foram assignados: N. 12 —Considerando o municipio de Lages como parte integrante da Republica Catharinense; e N.13—Abolindo os impostos que incidiam sobre o commercio do gado e industria pecuaria.

Em meiado de Outubro o governo republicano determinou que a esquadriha, sob o commando em chefe de José Garibaldi, sahisse «para atacar as bandeiras imperiaes que cruzavam na costa do Brazil». O denodado marinheiro e guerreiro italiano preparou-se immediatamente e no dia 20 zarpava a bordo do *Rio Pardo*, (capitanea), sendo a *Caçapava* commandada por Griggs, e o *Seival* por um italiano, de nome Lourenço. Ficára no porto, apenas, incumbida da sua defesa, a escuna de guerra *Itaparica*, sob o encargo do valente lagunense João Henriques.

A joven Anna de Jesus Ribeiro, já então ligada a Garibaldi pelo entranhado amôr que a elevou á immortalidade, quiz acompanhal-o no temerario cruzeiro.

Cheio de incidentes, de combates, de heroicidades, foi esse periplo de guerra, como demonstra desenvolvida e elegantemente o illustre capitão de fragata Henrique Boiteux, no seu trabalho consagrado á estupenda mulher brasileira.

Não podendo continuar em canhoneios no alto mar com a esquadra imperial, em vista do estado em que ficou o *Seival* e da morte de alguns tripulantes do *Rio Pardo*, nos encontros com o brigue escuna *Andorinha*, Garibaldi procurou refugio na enseada de

Imbituba, onde, na manhã de 4 de Novembro, appareceram os brigues escunas *Bella Americana* e *Andorinha* e o patacho *Patagonia*, da esquadra imperial, offerecendo franco combate. Foi nessa terrivel emergencia que Annita Garibaldi deu o primeiro sublime attestado da sua heroicidade.

« Durante este combate, — escreveu Garibaldi, nas suas MEMORIAS — Annita achava-se de sabre em punho em cima do tombadilho: uma bala a derribou. Corri para ella, julgando-a um cadaver, mas a vi levantar-se salva; supliquei-lhe, então, que descesse para a camara.

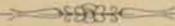
— Sim, vou descer, disse-me ella, mas é para enxotar os poltrões que lá se foram esconder.

E depressa appareceu, trazendo diante de si dois ou tres marinheiros, envergonhados por serem menos bravos que uma mulher. »

No dia seguinte Garibaldi entrava na Laguna, com os seus navios, encontrando desanimo geral e completamente impopularisada a republica. A cordura dos primeiros tempos, das forças rio-grandenses, fôra transmudada em continuos actos de orgulho, de desrespeitos, de atrocidades, desgostando immensamente a população, determinando o affastamento dos mais sensatos e prudentes, e a repulsa dos mais exaltados dos republicanos catharinenses. . .

E sabendo que as forças imperiaes se approximavam, e que lhe não era mais dado contar com auxilio local numeroso, porque os catharinenses anceiavam, desilludidos no seu sonho de democratas, pela retirada das forças rio-grandenses, os desatinos e massacres ordenados por Canabarro chegaram, então, ao auge. O saque da freguezia do Imaruhy, a 9 de Novembro, e o o barbaro assassinio de alguns correligionarios da Laguna, entre os quaes José Pinto dos Reis, o Vigario Vilella de Araujo, etc., encerraram esse tenebroso epilogo da longamente affagada aspiração republicana dos nossos avoengos...

José Johanny.



O methodo, o estylo, a linguagem, as condições, em summa, da arte de escrever são, no mundo das letras, o que a boa educação, a cortesia, as attenções, o respeito para com os usos recebidos são no tracto civil, o que os ritos são nas sociedades religiosas.

Alexandre Herculano.

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

I

Synthese alimentar

Tudo o que vive respira. Ora, a respiração não sendo outra coisa senão uma combustão lenta, segue-se que, para entreter o calor vital, é indispensavel alimentarmo-nos incessantemente, afim de não ser prejudicada a acção renovativa dos elementos dos tecidos, os quaes, depois de terem sido carbonizados, são eliminados pelos nossos diversos órgãos de excreção pelle, pulmões, rins, sob fórmãs de vapores, de acido carbonico, de ammoniaco,

Sendo a vida feita de despezas e de receitas diarias, é necessario, portanto, equilibrar as perdas pelos ganhos, estabelecendo-se uma justa relação entre a respiração, que desgasta, e a alimentação, que restaura. O equilibrio do organismo, que se manifesta pela saude repousa inteiramente sobre esta correlação.

Considerado sob o ponto de vista da respiração e da nutrição, animaes e vegetaes acham-se collocados em condições simillares, independentemente de certos outros phenomenos essenciaes que lhe são communs e que os approximam, taes os do crescimento, do movimento e da sensibilidade cellular, da circulação, da reproducção, etc. Mas, si nos remontamos ás origens da alimentação, veremos que o vegetal tem o reino animal sob sua completa dependencia. Sem a haste da herva, nenhum carnivoro, nem herbivoro, nem grani- voro—a criação inteira, emfim—não poderia subsistir, porque unicamente o vegetal tem o poder de tirar directamente do sólo ou da atmospherã, e de transformar em succos nutritivos, assimilando-os, os elementos desassociados da materia inorganica. Para que o animal possa apropriar o azote, o carbono, o hydrogenio, o oxygenio, emfim todos os principios essenciaes que constituem seu proprio sangue, é preciso, preliminarmente, que esses diversos elementos de nutrição tenham sido elaborados, combinados e convertidos pelo vegetal em materia organica. Que o homem, depois disso, faça seu repasto de animal, pouco importa: elle não fica menos dependente do humilde vegetal que fez, em summa, todos os primeiros trabalhos da sua alimentação. O bife, o frango, o Perú, que são senão hervas ou grãos animalisados?

Differentemente da maior parte dos animaes, o homem tem o grande recurso de tirar ao mesmo tempo a sua subsistencia nos dois reinos—animal e vegetal :elle é, simultaneamente, carnivoro e vegetariano. Preciosa vantagem que dobra a extensão de sua escala alimentar.

Mas os alimentos não podem ser considerados, todos, sob a mesma escala, ei bem que todos concorram, separadamente, por meios diversos, para o mesmo fim—a conservação geral do ser. Ha alimentos, como orgãos, cujas funcções são rigorosamente determinadas. O organismo é um laboratorio que nos offerece o mais admiravel espectáculo da divisão do trabalho.

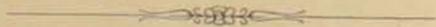
Conforme elles se distinem, á reparação dos tecidos ou unicamente a entretrer a respiração, origem do calor animal, os alimentos são designados sob os nomes de alimentos *azotados* e não *azotados*. Liebig chama ainda *alimentos plasticos* toda substancia alimentar azotada, e *alimentos respiratorios* os que são desprovidos de *azote*. As substancias gordas, as magras, que, na accepção vulgar, têm um sentido preciso, não gozam da mesma significação sob o ponto de vista scientifico, porque a analyse chimica vai direito ao fundo, sem se importar das apparencias. Tal alimento reputado gordo, o toucinho, por exemplo, não contem um atomo de azote, e taes outros, que passam por magros, o pão, o queijo, os ovos, entre outros, não differem em nada, chimicamente, do bife.

Classifica-se, portanto, os alimentos, para evitar confusões, não segundo sua origem ou aspecto, mas sim de accordo com a sua composição.

Conselho—Reler muitas vezes este capitulo que, sob uma forma simples, clara, desprovida de phraseologia scientifica, nos inicia no grande papel que representa a respiração nas funcções da vida animal. Conhecendo-se bem a acção do ar, ter-se-á, não somente a explicação da combustão, da desassimilação, emfim de nossa incessante destruição e restauração physica, mas, tambem, o ar nos apparecerá ainda como o factor universal da harmonia victal, isto é, da vida normal, da saude na sua mais larga accepção. Bem comprehender a funcção do ar, é possuir a chave dos diversos phenomenos da vida physica. Nosso interesse nos aconselha aspirar ar puro, se quizermos durar longo tempo. Renovando-se seguidamente, por uma ventilação completa, o ar dos aposentos, das officinas, pode-se supprir, até certo ponto, o precioso ar dos campos e das praias.

J. B. Franc.

(*Continúa*)



ANCHIETA

O APOSTOLO DO NOVO MUNDO

314 annos são passados que deixou o envulcro carnal esse elevado espirito, cujos serviços inestimaveis na grandiosa obra da civilização dos indígenas e consequente conversão ao gremio do christianismo, o tornaram considerado como o Apostolo do Novo-Mundo.

Passou ao Além rodeado da gratidão e das benções de todo um povo reconhecido pelos extraordinarios beneficios obtidos do seu desprendido ensino, das suas grandes virtudes e da sua extraordinaria abnegação.

O que elle fez, o que soffreu com verdadeira resignação, as difficuldades que teve a vencer, os perigos de vida em que se viu, são outros tantos attestados que, só por si, bastam para o recomendar á veneração de nós-outros e o tornar sempre grande perante os homens e o mundo.

A sua vida entre os filhos das selvas, os indios, no Estado do Espirito Santo, a antiga capitania de Vasco Fernandes Coutinho, é rica de episodios, uns de verdadeira heroicidade, outros cheios de melindrosas peripecias, outros de exemplos do mais raro amor do proximo e da mais acrisolada caridade.

Muito se tem escripto a seu respeito e outro tanto poderiamos hoje fazer, mas a estreiteza do tempo não nos permite; por isso passamos a restabelecer um facto que por ahí corre deturpado, a fim de que não tome elle corpo de verdade.

Affirmam alguns que o veneravel Anchieta falleceu na antiga Villa do Espirito Santo, do hoje Estado do mesmo nome, e esta versão vae calando no espirito publico, quando não é exacta semelhante affirmativa.

E' certo, dizem os chronistas, que, apenas terminado o seu reitorado na Victoria, Anchieta resolveu retirar-se para a então aldeia de Reritigba, depois villa de Benavente, ou Benevente, e hoje cidade de Anchieta, o que levou a effeito em 1585.

A sua idade avançada, a par do seu estado de saúde, já naquela época bastante abalado, como uniformes são em dizer os que se occuparam da historia do Espirito Santo, não mais lhe permittiu sahir de Reritigba.

De facto, chegando á aldeia, ainda por algum tempo occupou-se do seu augusto ministerio; mas, aggravando-se os seus soffrimentos physicos, foi obrigado a tudo abandonar, recolhendo-se então a sua céla e ao seu leito e preso a elle permaneceu até o momento de render a sua alma ao Creador, facto este que se deu no dia 9 de Junho de 1597, contando elle 64 annos de idade e 44 de residencia no Brasil.

Assim descreve Pereira da Silva no seu *Plutarcho Brazileiro*:

« Mas a idade avançava e o corpo procurava repouso na sepultura: já não podendo pessoalmente ir á igreja desenvolver sua magnifica eloquencia, e menos assistir ás festas, ás procissões e aos canticos religiosos dos gentios, que rompiam com os primeiros arrebóes da madrugada; como Job escolheu seu leito e seu quarto e fazia vir ahí quotidianamente os indigenas para com elles praticar ainda; a casa se achava sobre um pequeno oiteiro, donde a vista descortinava toda a campina e todo o arraial...

« Ahí, deitado para se não levantar mais, deixava dormitar sonhando seu coração, como lago de vida, em que se espelhava; bebia pelos olhos e pelos ouvidos o silencio e magnificencia da natureza, e o desdobrar dos valles alegres cultivados, que lhe appareciam. »

Basilio Dæmon, na sua obra *Provincia do Espirito Santo*, diz:—« tendo soffrido longa molestia, rodeado de muitos de seus amigos e Irmãos que da Bahia, Rio de Janeiro e outros logares tinham vindo para vê-lo, depois de despedir-se de todos que o rodeavam, sobraçado com um crucifixo, expirou na mais santa paz do espirito.

« Comquanto estivesse o Collegio rodeado dos moradores e indigenas, ao saber-se de sua morte de toda a parte em redor vieram a vê-lo os moradores, e estes mesmos acompanhados dos Padres da Companhia, formaram uma grandiosa procissão a fim de o conduzirem a esta então villa da Victoria, onde chegaram no fim de dois dias.

« Tresentos e tantos indigenas que elle convertêra e doutrinára, revesando carregaram seu corpo ás costas até o depositarem na Capella de S. Thiago ou dos Jesuitas n'esta hoje capital, e depois de lhe serem feitas solemnes exequias, foi seu corpo dado á sepultura.

« Mais tarde foram trasladados parte de seus ossos para a Igreja do Collegio da Bahia e depositados junto ao altar-mór de S. Thiago, por assim o determinar o Geral da Ordem, Padre Aquaviva:

dissemos parte, pois que muitos de seus ossos foram distribuidos, ficando aqui (*no Espirito Santo e na cidade de Victoria*) um osso tibia, que mais tarde foi depositado na Thesouraria de Fazenda desta hoje provincia, em uma urna de prata.»

Não é conhecida a data, mez e anno, em que foram os seus ossos exhumados e levados para a Bahia.

A prova exacta do seu fallecimento em Reritigba encontra-se na Igreja de S. Thiago, sita na hoje cidade da Victoria, capital do Estado do Espirito Santo, no local do antigo jazigo do Padre José d'Anchieta. Ahi acha-se numa taboa branca marmorea, e lavrado em florões, o seguinte epitaphio :

HIC JACVIT VENERA B.P.
IOSEPHVS DE ANCHIETA SOC.
I. BRARILÆ APOST. ET NOVI
ORB. NOVVS THAMATVRG.
OBIIT RERITIBÆ DIE IXIVN.
ANN. MDXCVII

Já se vê pelo expendido que nenhum fundamento tem a versão dita de haver fallecido Anchieta na villa do Espirito Santo, tendose, a mais, que esta villa dista da cidade da Victoria apenas 3 milhas, ou uma legoa, quando Reritigba acha-se a bôas 15 legoas de distancia d'aquella. (*)

Nem sabemos o motivo de semelhante affirmativa, pois todos os historiadores, que se têm occupado da vida e serviços do grande thaumaturgo, são unanimes em declarar que elle passou-se desta vida para o Além na aldeia Reritigba, localidade que elle muito amava e onde tinha muitas affeições.

E' que elle, no dizer de José Marcellino P. de Vasconcellos, que pelos gentis sacrificára a sua vida e sua existencia, quiz no meio delles viver a derradeira parte de sua mesma existencia e finalizar seus dias.

Corre, é certo, uma versão a esse respeito que, entretanto, não está firmada: é a seguinte, narrada por Gomes Netto na sua obra: — *As Maravilhas da Penha*:

(*)—A villa do Espirito Santo, conhecida por Villa Velha, foi a primeira villa que houve no territorio da capitania concedida a Vasco Fernandes Coutinho, sendo ella fundada pelo donatario em 1535. Acha-se situada á margem esquerda da bahia do Espirito Santo, que forma o porto da capital do Estado. E' ahi onde está a memoravel capella -- convento de N. S. da Penha, edificada no cimo do monte (120 metros do nivel do mar) e fundada por Fr. Pedro Palacios; cuja obra prodigiosa, levada a effeito naquelles tempos, ainda hoje é visitada e vista com verdadeira admiração.

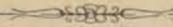
«Ha seis annos, ou pouco mais, (a obra foi dada á publicidade em 1888) achando-nos em Benevente, em conversa com o Sr. Manoel dos Passos Martins, tambem investigador das cousas antigas, soubemos que o chamado Velho Ribeiro contava ter o veneravel padre Anchieta fallecido durante a viagem para a Capital. Immediatamente corremos em busca deste insuspeito informante, e ouvimos de sua propria bocca que seu pai, finado com idade avançada, contava ter o insigne missionario morrido em caminho entre Guarapary e Villa Velha, no lugar denominado *Carahype* ou *Jacarahype*, a 18 kils., ou 3 legoas, da Victoria, isto, quando vinha de Reritigba.»

Sem pôr em duvida a informação dada pelo velho Ribeiro, não podemos aceitar-a porque, entre aquelles que têm tratado deste ponto historico, nenhum diverje quanto á localidade em que se deu o fallecimento de Anchieta. E, quando mesmo seja exacto o que escreve Gomes Netto, ainda assim fica firmado que a sua morte não se deu na villa do Espirito Santo, como algures se tem dito.

E' quanto basta para restabelecer a verdade historica.

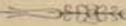
Laguna, 1 de Julho de 1911.

A. Moreira Gomes.



As sociedades civilisadas ainda não conseguiram determinar com rigor senão duas fórmulas de disciplina: a fórmula ecclesiastica e a fórmula militar. A pedagogia tem de escolher uma dellas. Todo o alumno é fundamentalmente ou um noviço ou um recruta. Em nome do céu ou em nome do mundo, ao toque do sino ou ao rufo do tambor, cantando no côro com a collegiada, ou marchando no campo com o batalhão, é preciso que elle comece por aprender a servir obedecendo, isto é, antepoendo ao instincto individual o impulso da *sympathia* adquirida no interesse collectivo da especie e da sociedade.

Ramalho Ortigão.



Quer na ordem social, quer na ordem politica, ou na ordem das simples relações pessoaes, acho sempre preferivel a posição do enganado ou embrulhado, á posição do enganador ou embrulhador. E' um testemunho, pelo menos, da boa fé e da sinceridade com que, em toda a ordem de relação, se devem conduzir os homens que prezam a sua dignidade, os que prezam a sua e a honra alheia

Quintino Bocayuva.

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

Biographia

1860

Mais de meio século ha decorrido que a pedra sepulchral cobre as cinzas do brigadeiro Manoel Soares Coimbra. Já não existe um só companheiro dos seus actos de bravura: jaz em perpetuo silencio a memoria desse heróe eximio, que, sem outros astros que illuminassem a sua carreira mais que o seu solido merecimento, nos desgraçados tempos coloniaes, conquistou a estima e os applausos da sua patria á custa das suas fadigas e dos seus talentos políticos e militares. Hoje apenas algum curioso admirando a sumptuosidade do aquartelamento militar da cidade do Desterro, poderá com penetrar-se da transcendencia do genio do seu fundador. (1)

Hoje, apenas, algumas linhas dos «Annaes da Provincia de S. Pedro», escriptas pelo Visconde de S. Leopoldo, nos dão remotas noticias dos seus assinalados serviços na brilhante campanha do Rio Grande do Sul, no anno de 1776. (2) No meio, porém, de tanto silencio ainda ha quem admire suas raras qualidades, quem tribute veneração á sua memoria e que, attrahido por essa força irresistivel que nos inclina a meditar sobre as acções dos homens, tome a tarefa de escrever (ainda que com mal aparada penna, emquanto que outra mais habil que a nossa, e dirigida pelas regras d'arte, o não faça) a biographia de um heróe tão digno de memoria pelas suas virtudes; sentindo ao mesmo tempo os dissabores que gratuitos inimigos, invejosos da sua gloria, lhe fizeram soffrer em avançada idade, como adiante veremos; ao peso dos quaes teria succumbido se não fôra dotado da magnanimidade de espirito que tanto o distinguiu nos arriscados lances da vida. (3)

Agora, enfim, que o sopro da morte apagou esses thuribulos que nos felizes dias de sua carreira o incensaram, nós vamos, em mal alinhado e tosco quadro, expôr a vida e acções do homem, já em quasi total esquecimento, seguros de que não nos será lançado o ferrete de adulação, prostituindo a verdade dos factos que relatarmos, por não termos a quem lisongear; factos constantes de documentos authenticos, que felizmente vieram ao nosso poder, e temos presentes.

O brigadeiro Manoel Soares Coimbra viu a luz na cidade do Rio de Janeiro e foi baptisado na igreja da Candelaria no dia 23 de Março de 1739. (4)

Foram seus paes Manoel Soares Coimbra, nobre cavalheiro portuguez, natural de Pena Cora, bispado de Coimbra, e D. Barbara Corrêa de Sá, descendentes do illustre tronco dos Corrêas de Sás Benevides, ao qual pertencia Mem de Sá, conquistador do Rio de Janeiro e do qual procedeu tambem Martim Corrêa de Sá Benevides, que veio a ser o primeiro visconde d'Asseca, em Portugal. (5)

Destinado para a carreira das letras, principiou a receber a educação que o seu merecimento e a fortuna de que dispunham seus paes reclamavam, quando a providencia detalhou de diversa maneira, porque notando que se apromptavam petrechos de guerra para serem enviados á fronteira do Rio Grande, colonia do Sacramento e Santa Catharina, por motivo do proximo rompimento com a Hespanha, elle sente em seu peito essa bélica commoção, filha do amor da patria, que descobre os grandes genios, e corre voluntariamente a assentar praça no regimento de artilheria de primeira linha da mesma cidade, a 9 de Janeiro de 1751; (5) sendo notavel que havendo alli corpos de infantaria, elle escolhesse o da arma scientifica.

Esta resolução em tão verdes annos, os cuidados com que se applicou aos exercicios de infantaria e artilheria, e a frequencia aos estudos de mathematicas na aula do seu regimento, chamaram logo a attenção dos seus superiores; e não tardou muito que elle não dêsse novas provas de quão digno era dessa attenção.

Tendo aportado ao Rio de Janeiro as fragatas portuguezas *Nossa Senhora da Piedade* e *Nossa Senhora da Atalaia*, que saindo de Moçambique com destino a Lisboa se viram obrigadas a demandar aquelle porto por lhes faltar competente guarnição, por isso que haviam perdido quasi toda de epidemia durante a viagem, e grande numero de praças pelo incendio, que infelizmente se ateou no castello da referida cidade, voluntariamente se apresentou ao governador da capitania, José Antonio Freire de Andrade, como soldado distincto (porque ainda não havia cadetes), pedindo para ir á Lisboa de guarnição de uma das fragatas; offerecimento que foi acceito, sendo-lhe apontada a fragata *Nossa Senhora da Piedade*, na qual embarcou a 14 de Junho de 1754, sendo seu commandante o tenente José Antonio da Silva. Com prospera viagem fundeou no Tejo, e reembarcando na capitanea da frota, *Nossa Senhora do Livramento*, regressou ao Rio de Janeiro em 22 de Fevereiro de 1755. Distincto foi o seu comportamento durante a viagem e emquanto se

durou em Lisboa. Na viagem prestou serviços como soldado veterano, e na Côrte, em lugar de dar-se ás distrações proprias da sua idade, examinou com a attenção de quem deseja instruir-se os armazens de depositos bellicos e as fortificações, observou a regularidade com que se executavam os exercicios militares, e voltou ao seu paiz natal tão instruido nestes objectos, quanto lhe permittiu a estreiteza do tempo. (6)

No mesmo anno de 1755, organizado o exercito portuguez sob o commando do general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador do Rio de Janeiro, que devia marchar para as Missões do Uruguay, de combinação com o exercito hespanhol, com o fim de debellar os indios, que por sugestões dos jesuitas se rebelaram, marchou Coimbra em uma companhia de granadeiros, da qual era commandante Francisco Xavier Barreiros, e em 10 de Fevereiro de 1756 assistiu ao famoso combate que os indios, capitaneados pelos jesuitas, em numero maior de 20,000 homens, deram ao exercito combinado; e continuando a servir na mesma guerra por espaço de sete annos, se distinguiu em todos os combates que tiveram lugar, com denodo e intrepidez não vulgar; e com resignação supportou as fadigas e privações, faceis de julgar-se, atravessando desertos e longinquas campinas desprovidas de recursos.

Terminada a guerra das Missões, com a submissão dos indios, e exterminados os jesuitas, regressou ao Rio de Janeiro, sendo então promovido a alferes.

Continuando a gozar o bem merecido credito de official intrepido e intelligente, com especialidade em objectos de artilheria, foi, por escolha do vice-rei D. Antonio Rolim de Moura, conde de Azambuja, com preferencia a officiaes de mais elevada graduação, encarregado da promptificação dos petrechos de guerra, para armar a esquadilha composta de oito vasos, que em soccorro da praça da Colonia se fez de vella do porto do Rio de Janeiro em 28 de Fevereiro de 1765. No desempenho desta importante commissão ganhando Coimbra novos creditos, determinou o vice-rei encarregal-o dos aprestos de guerra necessarios para fornecimento do reforço que por este tempo marchou para a fronteira do Rio Grande, sob o commando do tenente-coronel Gregorio de Moraes Castro. (7)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

(Continúa)

O PESCADOR

Voga, voga, ó canoinha!
O' meu amor!
Tu que és do mar a rainha
Não temas as ondas bravas
Porque são ellas escravas
Do pescador!

Surgiu como que encantada
Do céu d'anil.
Eil-a no mar retratada!
Eil-a no mar se lavando,
Lindas conxinhas beijando
A mil e mil.

Ao vento te entrego as velas
O' canoinha!
Guiar-nos-hão as estrellas
Que brilhão no firmamento . . .
Não temas o mar e o vento
Porque és rainha!

Parece na praia nua
Sonhar amores . . .
—Fitando os olhos na lua
Talvez ora esteja a fada
Que faz-me a vida encantada,
Que dá-lhe flores!

Quantos peixinhos —contente
Hei de pescar!
Aqui, onde eu sou potente!
Aqui nestas ondas alvas,
P'ra depois nas praias calvas
Ir dormirar!

Sê ligeira!—ó canoinha!
Olha a vaga!
Dize altiva:—Sou rainha!
Não temo os grandes bramidos
Dos ventos enfurecidos
No mar que alaga!

Voga, voga, ó canoinha!
O' meus amores!
Tu, só tu, és a rainha
Que dominas neste mundo
Onde são peixes no fundo
Habitadores!

Olha o mar que se encapella,
O' meu amor!
Espera!—Eu já colho a vela
É vou levando-te a remo . . .
Mas estou forte, não temo
O seu furor!

A lua já se levanta
Do seu leito!
Ah! quanto sua luz me encanta!
Ah! quanta saudade inspira!
Ah! como d'amor delira
Este meu peito! . . .

Voga, voga, ó canoinha!
O' meu amor!
Tu que és do mar a rainha
Não temas as ondas bravas
Porque são ellas escravas
Do pescador!

Desterro, 1862.

Elyziario Quintanilha.

Documentos Historicos

Provisão do Conselho Ultramarino de 25 de Junho de 1727

D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar, em Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós Francisco de Brito Peixoto, capitão-mór da Villa da Laguna e Ilha de Santa Catharina, que o ouvidor geral da Villa de Parnaguá, Antonio Alves Lenhos Peixoto, me fez presente, em carta de 14 de Abril do anno passado, o grande cuidado com que vos empregais, não só no augmento d'essa Villa, mas na extensão do meu real dominio e que mandastes trinta pessoas até o Rio Grande, jornada d'ahi de pouco menos de um mez, e por cabo d'essa tropa á João de Magalhães, vosso genro, natural da cidade de Braga, e que d'esta gente retrocedêrão alguns, que estavam para voltar, e trouxerão 14 Indios, que aprisionárão no matto, onde vivião de rapinas, e são descendencia de dois Indios casados, que com dois filhos fugirão da Villa do Rio de S. Francisco, havia mais de vinte annos e que entre elles vinha a velha e uma filha, as mesmas que fugirão; e levárão ordem os da dita tropa de fazerem povoação no districto do Rio Grande, e procurarem facilitar o trato com o Gentio Minuano, que anda á vista vago na campanha, de que se espera amizade e conservação, e ainda a sua conversão, do que resultará grande e consideravel utilidade. E dando-me, outrosim, conta de que no vosso posto vos tinheis havido com singular procedimento; me pareceu não só agradecer-vos o zelo com que vos tendes havido em meu real serviço e nas obrigações do vosso posto, mas o com que vos empregastes na expedição d'essa tropa, que mandastes para conseguirdes a amizade dos Minuanos e segurardes as passagens do Rio Grande, e que executados esses projectos, fica muito na minha lembrança a satisfação d'este serviço. El Rei, nosso senhor, mandou por Antonio Rodrigues da Costa e pelo douctor José de Carvalho e Abreu, conselheiros do seu conselho ultramarino e se passou por duas vias. Antonio de Cobellos Pereira a fez em Lisboa Occidental, a 25 de Junho de 1727. O secretario André Lopes de Lavre a fez escrever.

Antonio Rodrigues da Costa
José de Carvalho e Abreu

PRIMAVERA

Vão-se purpureando as bandas do Poente.
E' Primavera. Um ar olympico, dormente,
entra pelos pulmões, em ondas de perfume,
e rasga a atmosphaera o tremulo cardume
das borboletas. Canta alegre a passurada
em bandos pelo Azul. A luz sangui-doirada
do sol vibra subtil nos pinaros da serra!

Ha um concerto de amor por sobre toda a Terra.

Os homens do Trabalho, os bronzeos lavradores,
descansam, vendo o sól nos ultimos fulgores.

A ventania vae por cima das escarpas ...
rumorejando o som de uma surdina de harpas ...

As nuvens rendilhando a abóbada sonóra,
dão ao cahir da tarde um vago quê de aurora.

Toda a amplidão do céu e toda a Natureza
parecem a cathedral de um novo Deus accesa!

Dentro do peito, a rir, o coração da gente
uma alegria enorme e extraordinaria sente.

Do lado do Levante a lua vem surgindo
como um livro de luz que aos poucos vae-se abrindo

Uma cascata ethérea e branca de luar
silenciosamente abre-se pelo mar.

Vêm as aves da Noite, e nem se pode vel-as:

A lua offusca tudo em seu docél de estrelas!..

Carlos de Faria

Laguna, Setembro de 1887.

ORATORIA SACRA CATHARINENSE

Panegyrico de S. Sebastião

Pregado na occasião da benção da primeira pedra para sua Capella, na cidade do Desterro, aos 20 de Janeiro de 1856.

Omnis ergo, qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in caelis est.

Todo aquelle, pois, que me confessar diante dos homens, tambem eu o confessarei diante do meu Pai, que está no Céu.
S. Math., c. 10, v. 32.

A gloria, que os homens presam, os louros, que o mundo ambiciona, nem sempre são agradaveis aos olhos da virtude. Subju-gar imperios, assolar provincias, arrasar muralhas, incendiar cidades, levar o ferro, o fogo, a devastação, a morte por toda a terra; fazer correr rios de sangue, ser o algoz da humanidade consternada : a todas essas atrocidades é que os homens chamam conquistas; a essa cubiça de poderes e sêdencia de sangue amor de gloria; e heroismo a esses actos de injustiça. Entre os grandes feitos de um Alexandre, de um Cesar, de um Napoleão appareceriam muitos destes se a imparcialidade dirigisse a penna dos historiadores.

Mas esses louros, tão viçosos quando o coração humano no ardor do combate e impellido pelo desejo de victoria, vão ao campo da luta bradando vingança!... morte!... contra os seus inimigos—estes louros murcham, porque não teem a sua raiz na virtude.

As estatuas de bronze que attestam semelhantes feitos, succumbem á destruidora mão do tempo. Os escriptos com que a lisonja, abafando as vozes de sua consciencia, endeósa o vicio, mais tarde são queimados pela posteridade justiceira, que lhes vota desprezo e esquecimento eterno; e a sua memoria longe de receber cultos é amaldiçoada e severamente punida pelas gerações vindouras.

A verdadeira gloria, pois, é triumphar das paixões; a verdadeira conquista é a da virtude; e verdadeiro heróe é o homem que neste mundo cumpre os preceitos da justiça, que a mão de Deus gravou em seu coração. E esse homem, cuja memoria sem temer o olvido na terra será abençoada no Céu; porque confessando aqui o seu Redemptor por meio de sacrificios, soffrimentos, actos de piedade, e outros feitos meritorios, será tambem confessado e reconhecido por elle

em presença de seu eterno Pai no Paraizo. *Omnis ergo, qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est.*

Na verdade não é neste mundo que o justo recebe o premio de suas boas acções, é sim na Bemaventurança, porque a virtude é só digna do Céu. Na terra cumpre-lhe unicamente ajuntar esses preciosos e incorruptiveis thesouros, para em seculos mais felizes obter na mansão dos Anjos a immarcessivel coroa de gloria. Assim procedeu o heróe em cuja honra se consagra este Templo: e assim recompensa Deus os fieis discipulos, os corajosos martyres e valentes defensores da sua Religião, outorgando-lhes neste mundo os louvores, as benções e cultos da humanidade, e reservando-lhe no outro uma felicidade perenne.

O martyrio, senhores, é a mais authentica prova que podemos dar a Deus do nosso amor para com elle, ao passo que é o mais irrefragavel testemunho de que temos uma firme esperança em suas promessas. Com effeito, derramar seu sangue entre horriveis torturas, para sustentar a verdade de suas convicções; preferir uma morte crudelissima, ainda que gloriosa, ás doçuras de uma vida marcada pelo estigma do opprobrio e da apostasia, é proprio de uma alma que conscia do quanto deve ao seu Creador, e convencida da infallibilidade do seu Evangelho, renuncia a todos os encantos do mundo, e faz de sua vida um completo e heroico sacrificio, não só na esperança de gozar da herança de Jesus Christo, como em reconhecimento aos trabalhos e soffrimentos por que passou o Martyr da verdade durante o tremendo acto da Redempção do homem.

O insigne varão, cuja morte gloriosa a Santa Igreja commemora neste dia, passou sem duvida pelo mais doloroso martyrio, a que poderia resistir a humanidade, legando-nos um vivo exemplo do modo por que devemos amar a Deus, e confessal-o, ainda mesmo em frente dos mais terriveis instrumentos de supplicios.

A estes é que prometeu Jesus Christo reconhecer por filhos na presença de seu Eterno Pai. *Omnis ergo, qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo, qui in cælis est.*

Arcypriste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva.

(*Continúa*)



Onde não houver respeito e amor ao que fomos, em todas as manifestações do nosso vigor intellectual e da nossa virtude, não pôde existir verdadeiro patriotismo, util, communicativo e sympathico.

Gonçalves Vianna.

O PADRE MANOEL JOÃO

A personalidade do venerando e meigo velhinho cuja vida se extinguiu suavemente na madrugada de 30 de Maio transacto, teria, certamente, assumido proporções notáveis, se para centro de sua actividade lhe fôra dado um outro ambiente social, que não o da Laguna, mais vasto e propicio para a efflorescencia plena dos seus talentos intellectuaes, revelados salientemente logo ao entrar da adolescencia.

Nascido de paes pauperrimos, aos 19 de Dezembro de 1827, na Villa da Laguna, onde, apesar do grande papel que ella ainda desempenhava no scenario das cousas patrias, não se deparavam incentivos nem recursos para estudos litterarios, o pequeno Manoel João Luiz da Silva lutou com difficuldades, quasi que insuperaveis, para se iniciar no amanho da educação intellectual.

Não tendo preceptor que o encaminhasse, viu-se na contingencia de se fazer guia de si mesmo, e, assim, foi-se instruindo desordenadamente nas lições dos livros que se lhe proporcionavam. Caixeiro, a partir dos 12 annos de idade, da casa commercial do seu padrinho de baptismo, na aprazivel freguezia do Imaruhy, centro, então, de muito movimento agricola e commercial, só á noite e aos domingos tinha tempo de cultivar a amizade nunca fementida das letras. Não obstante, aos 15 annos de idade já eram, relativamente á época e ao meio intellectual atrazadissimo em que vivia, tão distinctos os seus predicados mentaes, que delles a noticia chegou ao conhecimento do Vigario da Laguna—um catharinense de subido valor pelos grandes attributos de intelligencia e virtudes peregrinas—o padre João Jacintho de S. Joaquim, natural de Florianopolis, naquelle tempo Villa do Desterro.

Esse sacerdote distinctissimo procurou, na primeira oportunidade, conhecer o intelligente menino, e ficou admirado do exemplo rarissimo que elle patenteava de apreciavel auto-educação, em idade mais propensa aos folguedos que ás cogitações da intelligencia.

Tomou-o desde então ao seu cargo intellectual, ministrando-lhe, com methodo seguro, ensinamentos de grammatica portugueza, de francez, de latim, de historia e de philosophia.

O alumno correspondia galhardamente á dedicação e ao saber que lhe dispensava o amigo e mestre insigne.

Entre as muitas qualidades superiores que caracterisavam

o Vigário João Jacintho — disse-m'o, em attrahente palestra, o padre Manoel João — figurava, em grande relevo, a de orador sacro. Era um tribuno eloquente e exímio, senhor de todos os preceitos da oratória, sabendo despertar no auditorio as mais sub-tis vibrações da emotividade, indo da persuasão ás lagrimas, pela via da eloquencia, de uma forma inenarravel.

A facundia do mestre despertou no discipulo o desejo de o seguir na esteira da poderosa arte.

O pequeno estudante absorvia-se constantemente no cenóbio dessa aspiração.

Imaginava-se ordenado, cingindo as vèstes de sacerdote, num pulpito, em grande dia de festa, desenvolvendo um thema palpitante de ensinamentos christãos... E extasiava-se nesse anhelto, dando largas expansões de caricias ao seu sonho de adolescencia.

Mas, entrementes, a realidade fazia-lhe sentir o dissabor amargo da desesperança: os estudos demandavam dinheiro, a entrada no seminario era difficilima naquella época, exigindo empenhos de influencias na cõrte do Imperio — e elle era pobre... e elle não tinha amigos poderosos...

Um domingo, porém, após a missa, Manoel João retemperou-se de coragem e fallou dos seus sonhos de vida sacerdotal ao vigário João Jacintho.

A resposta do padre deixou-o estupefacto.

Era aquella a intenção do seu grande protector e mestre. Si-giliosamente o virtuoso parochto já se havia correspondido com o Reitor do Seminario do Rio Janeiro, seu amigo intimo, e bem poucas difficuldades faltavam ser vencidas para o pequeno lagunense encaminhar-se na vida sacerdotal. Os recursos pecuniarios precisos, esses, o padre João Jacintho dal-os-ia emquanto Deus lhe permittisse grangeal-os.

E foi assim que, numa ridente alvorada de Maio de 1846, na escuna *Santa Maria*, Manoel João transpunha a barra da Villa da Laguna, em demanda da cõrte do Imperio...

Menos de um lustro, porém, após a entrada no seminario, fallecia o seu generoso amigo.

O novel seminarista não ficou, comtudo, ao desamparo. O Reitor, os professores do Seminario e os lagunenses José Ignacio do Rocha, Antonio da Silva Maiato, Joaquim Rodrigues Torres, promptificaram-se a auxiliá-lo para a conclusão dos estudos, nos quaes tanto se sa-lientava entre os seus collegas.

Sete annos depois de ter deixado a terra em que nascêra, em Maio de 1853, Manoel João concluia seu curso ecclesiastico entre approvações distinctas.

Tal fôra, entretanto, a sua applicação para os exames finaes, que o seu organismo, aliás de compleição robusta, resentiu-se extremamente, determindando uma profunda *surmenage*. Seguiu, então, a conselhos medicos, para a fazenda de um amigo, em Jacarépaguá, onde ficaria, restabelecendo as forças, emquanto aguardava o dia de receber as ordens sacras.

Em Junho, porém, em virtude de uma representação dos lagunenses ao Bispo Diocesano contra incorrecções do pocedimento do Frei Athayde, que ficára parochiando a Laguna após a morte do padre João Jacintho, é posto, inesperadamente, em concurso, o vicariato da antiga villa catharinense.

Os tres lagunenses referidos ao saberem da noticia vão á Jacarépaguá aconselhar Manoel João a preparar-se para pleitear a elevada posição que se lhe offerencia na terra natal. O joven conterraneo oppoz objecções fundadas. Era sua intenção seguir para a provincia de Minas Geraes, onde o chamava um amigo, a quem elle devia afeição sentidissima. Além disso, era muito novato e ordenar-se-ia ainda d'ahi a dois mezes, emquanto que o concurso se realizaria poucos dias depois. Nas materias que se tornavam precisas para disputar o encargo, era elle ainda pouco seguro, tornando-se verdadeira temeridade pretender enfrentar-se com sacerdotes já entrados em annos e mestres nas disciplinas theologicas.

Insistiram, comtudo, seu samigos, demovendo-o da sua ida para Minas e encorajando-o para a liça do concurso á direcção da parochia de Santo Antonio.

Acquiescêra.

Entregou-se, portanto, novamente, aos trabalhos intellectuaes, com affinco, porque o dia do certame estava prestes.

Em 4 de Agosto de 1853 Manoel João recebeu a ordenação de sacerdote e em 15 do mesmo mez realizava-se o concurso, no qual tomaram parte tres padres.

Temperamento muito delicado, extremamente nervoso pelo excesso de trabalho mental, horas longuissimas de anciedade passou-as elle, disse-m'o sorridente, nos dias que precederam e se seguiram ao concurso.

Quasi uma semana depois o resultado das provas lhe era transmittido pelos seus conterraneos mencionados: fôra classificado em primeiro logar e ia ser nomeado Vigario da segunda parochia da provincia Catharinense.

Rejubilara-se.

Não se demorou a embarcar para a Laguna, onde chegou aos 17 de Setembro do mesmo anno, rezando a primeiro missa no dia 8 de Dezembro, consagrado pela Igreja á N. S. da Conceição.

Seus primeiros quatro annos de vida parochial constituem a época mais brilhante da sua vida.

Encontrára a Igreja Matriz da parochia em quasi ruinas e reconstruiu-a logo, obtendo parte dos recursos necessarios do governo da provincia e parte dos seus conterraneos. Sabendo avaliar, por experiencia propria, das difficuldades e dos males oriundos da falta de professores, fez-se mestre de seus conterraneos, instituindo um collegio, onde se instruiram, entre outros, os distinctos lagunenses srs. Francisco Gonçalves da Silva Barreiros, José Martins Cabral, João Cabral de Mello, Antonio Gonçalves da Silva Barreiros, Marcolino Monteiro Cabral, Manoel Gonçalves da Costa Barreiros, Bento Monteiro Cabral, etc.

Muito devotado aos seus deveres sacerdotaes, carinhoso e caritativo, amigo leal e prestimoso o joven parcho via dia a dia augmentar-se patentemente o numero dos seus amigos dedicados.

Nessa época, (disse-m'o ha pouco um illustre amigo, seu antigo discipulo), o padre Manoel João constituia-se a maior potencia eleitoral em toda a redonesa por onde se extendia a parochia da Laguna. Era membro do partido liberal e o seu prestigio, a sua intelligencia, a sua illustração e o gosto que revelava pelas pugnas partidarias, faziam prevêr que seria, em breve tempo, uma figura saliente no scenario da politica do imperio.

Infelizmente, por esse tempo, desviou-se irreflectidamente da senda virtuosissima que vinha trilhando...

Esquecera-se por momentos de que era padre, de que fizera votos de castidade...

A' sua extrema sensibilidade affigurou-se, então, que a sociedade não relevaria o seu erro, que não o desculparia pela attenuante dos ardores e irreflexão da mocidade. . . E condemnou-se, assim, a uma reclusão quasi que completa, affastando-se de tudo e de tocos, lastimavelmente

O isolamento perdurado por dilatados annos tornou-o misanthropo, nervoso, quasi que indifferente a outros assumptos que não os da sua vida de padre.

A' instancias de amigos annos depois foi sahindo, por momentos, da sua thebaida para a frequencia social. . . Mas já não era o mesmo homem de 1853-1858, não tinha mais ardor partidario, era um quasi despreoccupado das cousas do mundo...

Continuava, entretanto, o mesmo intellectual de merecimento, proficiente orador e escriptor donairoso, cujas producções, espalhadas pela imprensa do Desterro e mais tarde pelos jornaes locaes, impressionavam fundo pela mestria da linguagem aprimorada e classica e pelo valor intrinseco dos conceitos.

Em 1905, por ocasião de lhe serem tributadas imponentes homenagens de gratidão e de estima, na passagem do seu jubileu sacerdotal, o velho parcho encerrou o cyclo dos seus trabalhos oratorios de uma fôrma surprehendente, attendendo-se, especialmente, á sua idade e ao quebrantamento do physico, em convalescência de enfermidade melindrosa e prolongada.

Raramente poder-se-á ouvir oração que de modo tão intenso enléve e commova, como a ultima que elle proferiu aos lagunenses.

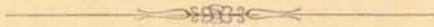
Abeirado do sepulchro para a tenebrosa viagem eterna, ninguem esperava que o padre Manoel João podesse ainda produzir tal peça oratoria, admiravel pelos conceitos e pela belleza litteraria da fôrma.

O auditorio enorme que enchia litteralmente a Igreja Matriz, naquella memoravel tarde de Maio, extasiava-se ante á catadupa das palavras energicamente profundas e bellamente matizadas do seu velhinho pastor...

E ao chegar á peroração, fôra tal o vigor e o sentimento da eloquencia com que elle supplicava aos seus parochianos o perdoassem dos erros ou faltas commettidas, que os circumstantes o interromperam unisonamente pedindo-lhe não proseguisse, porque já era sobre-humana e poder-lhé-ia ser fatal aquella exuberancia de oratoria e de emoção indescriptivel.

Tal foi o modesto e estimado velhinho de 85 annos que em 30 de Maio conduzimos ao cemiterio, num prestito extraordinario, como outro não fôra na Laguna presenciado depois do enterro do seu querido mestre e amigo o Vigario João Jacintho de S. Joaquim.

José Johanny.



Quando as leis cessam de proteger os nossos adversarios, virtualmente cessam de proteger-nos. Porque a caracteristica da lei está no amparar a fraqueza contra a força, a minoria contra a maioria, o direito contra o interesse, o principio contra a occasião. A lei desaparece, logo que d'ella dispõe a occasião, o interesse, a maioria, ou a força. Mas, se ha, sobre todos, um regimen, onde a lei não póde ser vicissitudinaria, onde nenhuma conveniencia pode abrir excepção á estabilidade, á impersonalidade, á imparcialidade, é o republicano. A republica é a lei em acção. Fóra da lei, pois, a republica está morta.

Ruy Barbosa.

A PROMESSA DE MARCOLINA

Ellas cantavam, durante o trabalho, dia e noite. O canto de uma era choroso como o suspiro das fontes ou os suspiros do mar. Chamava-se Anna e tinha menos dous annos que Marcolina. Era pallida e nos seus pensativos olhos negros borbullava uma lagrima eterna. Dir-se-hia que em vez de cortina branca, affagára-lhe o berço apenas a escura aza da morte.

A segunda, a Marcolina, era mais alegre, mais viva e mais creança que a irmã! Tinha uns olhos verdes, olhos de esperança e de amor, perennes fontes de sagradas chiméras e iriantes caricias da mocidade. A alvura de ambas moldurava-se graciosamente sob compridas e ondulantes tranças de cabellos negros. Viviam unidas pelo mesmo pensamento, as mesmas mágoas e as mesmas consolações, como dois lyrios em um só galho, ou em um só hastil duas orvalhadas açucenas.

Eram orphãs de pae e mãe. Pobres e virtuosas, acudiam á magra subsistencia de sua vida trabalhando na costura sem descanso e trajando com a perfeição e o gosto de quem sabe ser formosa, sem adornar-se nem resplandecer como as meninas ricas que se espanejam nos salões da opulencia.

Marcolina amava Anna com a soffreguidão de uma mãe e as santas ternuras da mais dedicada irmã. Tristeza que sombreasse a adorada cabeça de Anninha descia logo sobre o risonho coração da outra, como as dobras de uma mortalha ou a pedra de uma sepultura.

A's vezes Anna deixava cair dos dedos extaticos a costura começada, olhava para o céu azul, onde corria um bando de andorinhas, e suspirava.

— Que tens, Anninha?

— Nada; saudades...

E de novo a agulha embebia-se veloz na dobra da seda ou da cassa, enquanto a voz da menina não cantava, mas gemia umas quadras melancolicas:

Tu has de vir n'uma noite	E os meus pesados tormentos,
Sem estrellas nem luar	Não poderás consolar,
Vêr meus olhos como fecham,	Se vieres n'uma noite
Vêr meu peito agonizar.	Sem estrellas nem luar

— Cala a bocca. Anninha! dizia Marcolina ternamente reprehensiva. Que has de estar cantando sempre essas cousas tristes!

Luiz Guimarães Junior.

(*Continúa*)

EM AGRADECIMENTO

—«»—

Aos nossos distinctos collegas de imprensa e aos dignos cavalheiros, desta cidade e do exterior, que nos distinguiram com bondosas palavras de cumprimento pelo inicio da *Revista Catharinense*, significamos o nosso perfeito reconhecimento e sentida amizade.

Não nos permittindo a excassez do espaço trasladar para estas paginas as cartas, telegrammas e cartões que recebemos, vamos principiar a transcrever, apenas, como é de praxe, e em homenagem aos illustres confrades jornalistas, as palavras bondosas e captivantes com que a imprensa acolheu a *Revista Catharinense*.

Revista Catharinense

«Está publicada a *Revista Catharinense*, do nosse illustrado patricio e provector advogado sr. José Johanny.

A *Revista* é magnifica debaixo de todos os pontos de vista e representa um esforço gigantesco da parte do nosso operoso e intelligente conterraneo sr. José Johanny.

Agradecemos penhoradissimos o exemplar que nos foi enviado.»
(D' *O Albor*, desta cidade)

Revista Catharinense

«Como noticiámos, appareceu a 30 de Julho ultimo o primeiro numero dessa revista, que recebemos com os maiores applausos. E' uma criação do conhecido advogado e jornalista lagunense sr. José Johanny, que merece particular attenção pelo valor desvendavel a que se propõe e por ser o louro de estudos e vontades preciosos.

O summario do numero inicial é interessante e muito variado, pelo que vimos que a *Revista* já conta com bons collaboradores.

O intuito dessa publicação é archivar e divulgar documentos historicos, notas estatisticas, litterarias, informações de ordem financeira, economica, scientifica, politica e artistica, referentes ás cousas e aos homens de Santa Catharina. Dará tambem noticias da actualidade.

No genero é uma publicação inedita no Estado e a Laguna deve orgulhar-se por esse feito, aliás notavel.

Registrando o apparecimento da *Revista Catharinense*, enviamos ao seu fundador os mais intimos cumprimentos e votos de prosperidade á sua obra

Retribuiremos a distincta visita que nos fez.»

(D' *O Correio do Sul*, desta cidade)

Revista Catharinense

«Sob a habilissima e competente direcção do distincto advogado José Johanny, acaba de surgir na visinha cidade da Laguna uma excellente revista, cujo esmero artistico e apurado gosto em sua confecção, muito têm a honrar o bellissimo talento do seu esmerado director.

Agradecendo a remessa desse dedicado e valioso trabalho, que veio aformosear a nossa modesta estante, enviamos ao illustre advogado José Johanny os nosso parabens

(Do *Argonauta*, do Tubarão)

Revista Catharinense

«Chega-nos da Laguna uma preciosidade—o 1º numero da «Revista Catharinense», criação do nosso talentoso e esforçado conterraneo sr. José Johanny.

Muito louvaveis, por grandemente uteis, são os intuitos da «Revista», os quaes, revelando o amor ao estudo e o espirito investigador do seu laborioso director, vem prestar á terra catharinense um serviço inestimavel, restando que todos os catharinenses assim o comprehendam, para que possa a «Revista» realisar-os sem as grandes difficuldades que sóem surgir á frente de todos os nobres committimentos.

Ao lado dos Boiteux, Vieira da Roza e outros patricios, que não esmorecem na lucta pelo engrandecimento da terra onde nasceram, José Johanny apresenta-se agora a engrossar as fileiras destes devotados catharinenses.

Não lhe regatearemos louvores por esse nobre gesto, nem seremos dos que, por falta de comprehensão, por ventura deixem de auxiliá-lo

O programma da «Revista Catharinense» é tão resumido quão altamente expressivo em sua substancia. Não nos furtaremos ao desejo de reproduzil-o em seguida:

.....

Regosijados com o apparecimento da «Revista Catharinense», em moldes como até hoje nem esta capital possuiu, damos sinceros parabens ao nosso collega seu Director, desejando que consiga o seu nobre e patriotico fito—de arrancar do olvido e da obscuridade tantos factos e vultos, que poderão contribuir para ennobrecer as paginas da Historia Catharinense.

(Da *Folha do Commercio*, de Florianopolis)

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

— « » —

NOTAS PARA ESTUDO

— « » —

I

Na sua obra monumental — *Um Estadista do Imperio* — Joaquim Nabuco estudando a formação do character do seu illustre pae, escreveu que — em nossa politica e em nossa sociedade, pelo menos, tem sido esta a regra: são os orphãos, os abandonados, que vencem a luta, sobem e governam.

O conceito do extraordinario patricio que tanto serviu e honrou ao nosso paiz, seguindo as inolvidaveis tradições paternas, encontra plena comprovação na vida publica de dois lagunenses distinctissimos, que, pelos meritos proprios elevaram-se, da mais modesta posição social, á culminancia de estadistas do regimen monarchico, assim no primeiro, como no segundo imperio: os conselheiros Jeronymo Francisco Coelho e Manoel José de Souza França.

Do primeiro, figura immorredoura — «em cuja vida fallam de um modo sublime uma grande lição politica e uma grande lição moral» (1) — já démos, ha cinco annos, no periodico *O Albor*, uma succinta noticia biographica, e contamos poder publicar em breve um estudo sobre a edificante acção parlamentar e administrativa que desenvolveu durante mais de um quarto de século.

Do segundo nada ha publicado, em character biographico, e, mesmo entre nós, bem poucos são os que sabem ter sido a Laguna seu berço natal. Não é uma proposição exaggerada, sem duvida, affirmarmos que, da sua vida publica não ha actualmente uma dezena de pessoas que conheçam, siquer, os traços geraes. No grande numero dos que desconhecem a vida exemplar de Souza França figurámos, tambem, até ha bem pouco tempo, e não foi sem difficul-

(1) Joaquim Manoel de Macedo — *O Conselheiro Jeronymo Coelho* — Discurso no Instituto Historico Brasileiro, 1860.

dades que conseguimos haurir em collecções de leis, nos annaes legislativos, em velhos documentos e em informações das mais antigas pessoas desta cidade as notas que passamos a explanar, como subsidio para o estudo da personalidade do notavel catharinense.

Esses documentos, se não são titulos que elevem Souza França á altura em que, como tribunos, sobresahiram-se naquelle parlamento os inesqueciveis Andrade Machado e Silva, Antonio Carlos, Araujo Lima, (depois Marquez de Olinda), Carneiro de Campos, (depois Marquez de Caravellas), patenteiam, porém, em exuberancia, o grande conceito em que era tido o distincto lagunense; provam o seu grande amor civico e a independencia do seu character, refractario a subserviencias; attestam o seu grande bom senso e a bella educação liberal do seu espirito; mostram, emfim, num alto relevo radiante, a sua longanimidade para com os vencidos, para com os pequenos, e o rigor da sua analyse e das suas censuras aos actos dos prepotentes daquella difficilissima phase da instituição do imperio brasileiro.

O só estudo desses quasi quatro mezes em que se desenvolveu a primeira assembléa constituinte, é sufficiente para definir a personalidade do conselheiro Souza França. E ninguem, de boa fé e larga visão analytica, lendo reflectidamente as peças que vamos trazer a publico, deixará de concluir que, nesse illustre estadista catharinense se encontravam reunidas, em larga somma, a sinceridade, a integridade, a bondade, attributos que formam a essencia do character forte — na expressão de Samuel Smiles.

O conselheiro Manoel José de Souza França nasceu humilde e pobre; não cursou academias; estudou, sem preceptores, consigo mesmo, por esforços proprios, e conseguiu salientar-se como advogado provisionado, na capital do Imperio; como parlamentar nas Assembléas Legislativas Geraes; como administrador da Provincia do Rio de Janeiro; como ministro de mais de uma pasta no supremo governo do paiz, em phases melindrosas, prestando sempre reaes serviços á nossa patria.

E' um admiravel attestado do quanto podem a dedicação ao estudo, a nobresa das acções, a perseverança no trabalho. Trazel-o a publico, apontando-o á nossa mocidade como um bello exemplo a seguir, é certamente desempenhar uma das modalidades dos severos deveres do civismo.

Em seguida á ligeira noticia biographica mostraremos qual foi o papel de Souza França na 1ª Assembléa Constituinte, desde a sessão preparatoria, aos 17 de Abril de 1823, até 12 de Novembro, em que o memoravel congresso dos patriotas da independencia foi violenta e inesperadamente dissolvido.

II

Ligeiros traços biographicos

O coronel de milicias Francisco de Souza França fôra das pessoas de mais representação da antiga Villa da Laguna, nos tempos em que ella se ufanava de criar filhos para as armas e para as letras, na expressão de um notavel escriptor catharinense. (1)

Attestado da sua elevada posição na terra natal tem-o no jazigo perpetuo numero onze, do cemiterio da Irmandade do S. S. Sacramento e Santo Antonio dos Anjos, da Laguna, unico que existe de tão distante época, e em cuja lapide de marmore se lê o epitaphio: AQUI JAZ O CORONEL FRANCISCO DE SOUZA FRANÇA — BEMFEITOR DESTA IGREJA. — FALLECEU A 25 DE JULHO DE 1813.

Do seu consorcio houvera o venerando lagunense cinco filhos varões, que se chamavam Joaquim, Francisco, João, Domingos e Manoel. Logo após o seu fallecimento es filhos retiraram-se, em companhia da genitora, para a cidade do Rio de Janeiro, de onde era ella natural.

Joaquim, Francisco e João regressaram, porém, em breve, á terra natal, preferindo-a aos encantos que a côrte faustosa do principe regente, depois D. João VI, offerencia á velha cidade de Estacio de Sá. Domingos entrára para a vida commercial da grande metrópole, e Manoel, mais intellectual que seus irmãos, collocara-se, como auxiliar, num cartorio de notas, dedicando-se ás lides forenses. Talentoso e amante de glorias, as suas horas de descanso dos trabalhos afanosos do fôro elle as applicava ao estudo, haurindo conhecimentos de humanidades e licções de Direito.

Não lhe fôra facil abrir caminho na vida entre a espessa concurrencia que a mudança da côrte portugueza estabelecêra no Rio de Janeiro. Entretanto, a energia que lhe era peculiar e de que déra seguidas mostras no decorrer da sua vida agitada e brilhante, cingira-lhe couraça para resistir aos attrictos dos egoistas interesseiros e dos invejosos. Em pouco tempo o joven lagunense figurava na nova capital do Reino-Unido, ao lado dos doutores coimbrenses que se additaram ao éxodo da realeza provocado pela approximação dos soldados de Junot ao velho reino luzitano.

Obtivéra provisão e brilhava nas lutas forenses, preferido pelo seu bom senso, pela sua honestidade, pela sua intelligencia esclarecida. Tornara-se popular, grangeára a sympathia da população,

(1) Almeida Coelho—*Memoria Historica do Extincto Regimento de Linha de Santa Catharina*, pag. 56.

firmando uma posição invejavel na nova metropole do reino portuguez.

Os acontecimentos que constituem a historia da nossa independencia tiveram-n'o como *magna pars*. E por isso, ao tratar-se da primeira assembléa constituinte, Souza França foi eleito representante do Rio de Janeiro.

Tão grande era a sua nomeada entre os respeitaveis patriotas que compunham aquella solemníssima assembléa, que na primeira sessão preparatoria, aos 17 de Abril de 1823, elle fôra aclamado secretario interino, juntamente com o illustre d. José Caetano da Silva Coutinho, para presidente. Na sessão de 5 de Julho, ao proceder-se á eleição da Mesa definitiva, foram suffragados: para presidente, o mesmo venerado e sabio prelado, Bispo do Rio de Janeiro; para vice-presidente, o inolvidavel patriarcha da independencia José Bonifacio de Andrade e Silva; e para secretarios Manoel José de Souza França e José Joaquim Carneiro de Campos (depois Marquez de Caravellas), com igual numero de votos. Decidido o empate, á sorte, passou Carneiro de Campos ás funcções de 1º secretario, ficando Souza França como 2º.

A sua acção na primeira assembléa constituinte, como, aliás, nas legislaturas ordinarias, foi notavel sob muitos aspectos. Seus pares sempre o ladearam de considerações significativas de especialissimo apreço e por mais de uma vez o distinguiram como interprete dos seus pensamentos perante o Imperador, em momentos assinalaveis.

Na primeira legislatura geral (1826-1829) Souza França voltou ao parlamento, eleito pelo Rio de Janeiro.

Os successos que se desenrolaram na capital do Imperio de 12 de Março a 7 de Abril de 1831, fizeram avultar ainda mais o grande conceito em que era tido Souza França, já pelo partido liberal, a que pertencia, já pelo Imperador, que muito o considerava.

(Continúa) ◊ ◊ ◊

José Johanny

A paixão da verdade semelha, por vezes, as cachoeiras da serra. Aquelles borbotões d'agua, que rebentam e espadanam, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando pela encosta, e vão ser, dahi a pouco, o fio de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada. Corria murmuroso e descuidado; encontrou o obstaculo: cresceu, affrontou-o, envolveu-o, cobriu-o e, afinal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de crystal e flócos de espuma.

Ruy Barbosa

BATERIA MARECHAL LUZ

—«»—

NO PORTO DE S. FRANCISCO

Acha-se concluída a bateria de bombardeio iniciada em 1909, na entrada do porto de S. Francisco, em S. Catharina, e que se denominou *Marechal Luz*, em homenagem aos serviços do notavel professor e marechal catharinense Francisco Carlos da Luz, que por muitos annos presidiu á commissão technica militar consultiva e leccionou na antiga Escola Militar da Praia Vermelha.

E' um serviço relevante o da construcção de obras de defesa na vasta bahia de S. Francisco.

De muito tempo, patriotas eminentes vêm chamando a attenção dos poderes publicos para as notaveis qualidades desse porto, o mais bem abrigado e o mais estrategico do sul do Brazil.

Não se pensava ainda em ligar por estrada de ferro a ilha de S. Francisco ao porto da União, no Paraná, levando-se esse ramal até o Paraguay e fazendo daquelle porto o assumpto já hoje predilecto das gazetas argentinas, que nelle encontram o ponto privilegiado por onde se escoarão de futuro os productos bolivianos e paraguayos; ainda não gozava da prosperidade extraordinaria que vae tendo a zona uberrima que de Joinville até ás fronteiras paranaenses se está colonizando com o lavrador allemão e cujos productos vão ter a S. Francisco, e já Taunay, o inolvidavel patriota, notava no tempo do imperio o abandono em que vivia aquelle porto e o pouco que os brasileiros delle conheciam.

Escrevia elle, em 1881, que a melhor bahia catharinense possuia agua para navios de 28 pés de calado, como ora succede para os vapores allemães e inglezes que alli aportam em muitas viagens mensaes; que com pequenos cabedaes se construiria nelle um caes commercial e economico, que faria o engrandecimento de qualquer honesta empreza; que mais de doze milhões de metros de área abrigada possuia a bahia; que fartas aguadas, lenha em abundancia, terrenos promissores a todas as culturas e optima piscicultura, que tão facil torna a vida dos naturaes, se encontravam na ilha de S. Francisco e respectiva bahia.

Consequencias muito graves advirão para o paiz se essa posição for tomada e occupada por qualquer nacionalidade. Melhor base de operações navaes e terrestres não existe em todo o sul do Brazil.

Certo que, ponderando estas circumstancias e observando o quanto se achava descurada a defesa do litoral de Santa Catharina e

do Paraná, foi que o marechal Hermes creou, em 1909, uma commissão especial encarregada da defesa dos portos destes Estados. A commissão que ora é chefiada pelo capitão de engenheiros João Baptista da Conceição Monte, teve como primeiro chefe o major de artilheria Mario da Silveira Netto, ora na Europa.

Os portos em que se iniciaram desde logo os serviços de fortificação foram os de Paranaguá, S. Francisco e Florianopolis. Turmas de officiaes se encarregaram desses trabalhos.

O notavel destaque das obras do porto de S. Francisco, de cuja turma era então encarregado aquelle capitão, muito concorreu para que a chefia da citada commissão lhe passasse ás mãos, evidenciando elle nestas obras o maior esforço e honestidade.

De facto: posto que maior que as demais baterias que se constroem, a de S. Francisco se acha concluida, gastando nella o governo importancia menor que nas outras e sobrepujando-se difficuldades de maior monta, quer na conducção da artilheria, quer na do demais material.

A bateria MARECHAL LUZ está situada na ponta do João Dias, em altitude superior a 100 metros. Ella é inteiramente moderna e tem por armamento canhões Armstrong de 12 e de 15 cm.

Atira sobre as duas barras, a do norte e a do sul do porto. E' a barra do sul que contem maiores profundidades; por ella se faz a passagem obrigatoria dos vapores que demandam o porto e que passam a 300 metros da elevada bateria. As suas galerias, paiões e praças foram cavadas em rochas e argila dura. Deram o melhor resultado nestes trabalhos as pequenas empreitadas civis.

Estiveram trabalhando no João Dias o 1º tenente, hoje capitão, Oscar Paiva e os 1ºs tenentes Victor Lapagesse e Theophilo Garcez Durante.

Em S. Francisco será installada a 5ª bateria independente, creada pela reorganização do exercito.

(D' O Paiz, de 9 de Agosto, do Rio de Janeiro.)

Podem valer pouco os juramentos politicos; pode, até, ser absurdo o juramento em geral. Mas a quebra de promessas solemnes e espontaneas, seja qual for a sua formula, será sempre uma vilania emquanto tiverem culto a honra e a lealdade.

Alexandre Herculano

MUNICIPIO DE BRUSQUE

NOTAS CHOROGRAPHICAS

O municipio de Brusque, do Estado de Santa Catharina, achando-se situado entre 27° 5' e 4" de Lat., e 48° 59' 6" de Long. O. do meridiano de Greenwich, confina ao N. e NO. com o municipio de Blumenau, até ás vertentes do ribeirão do Gaspar-Grande e ás vertentes do ribeirão do Gaspar-Pequeno, e ainda com terras da sesmaria—Flores—; ao S. com o municipio de Nova Trento, até ás vertentes do ribeirão do Alferes, Tyrol e 11 kilometros da estrada de Nova Trento; a L. com o ribeirão da Limeira e seus afluentes, na margem direita do rio Itajahy-mirim e na margem esquerda o ribeirão da Limeira e seus afluentes; e a O. com terras devolutas do Sertão, abrangendo todos os mananciaes ou linhas do rio Itajahy-mirim, de ambas as margens, comprehendendo uma zona de cerca de 25 kilometros de largura.

O municipio tem uma superficie de 7.308.000 metros quadrados aproximadamente.

O territorio seu é desigual, bastante accidentado e em geral montanhoso.

Mui poucos são os valles existentes e, estes mesmos, pequenos. Ao sul e oeste encontram-se grandes e extensas florestas ainda não exploradas, cujas arvores colossaes, enlaçadas, até ás suas cumiadas, por enormes cipoães e plantas parasitas, offerecem aos olhos do observador uma força de vegetação esplendorosa.

O clima de todo o municipio é, em geral, ameno e bastante temperado, havendo, porém, variações em alguns pontos centraes do territorio: assim, é quente e temperado no verão, e frio muito delicioso no inverno em toda a zona de lêste; calido bastante e frio um tanto rigoroso para o interior, onde costuma gear, chegando o thermometro na estação calida até 36° e na invernososa a 8°.

O territorio do municipio, de natureza vulcanica em sua totalidade, é atravessado a E. S. E. pela serra denominada *Vicente Sô*, a E. N. O. pela serra das Batêas, um dos pontos mais culminantes do municipio. Ahí, em uma das saliencias do monte, encontra-se uma larga fenda denotando ser a cratera de um vulcão, considerado extincto. A terra que circumda este ponto é vulcanica e em alguns logares encontram-se vestigios certos que corroboram este facto. Em uma

proeminencia que se destaca a N. E., e toma a forma de um cone, em certas épocas do anno, maximé durante a estação do verão, observa-se este pico fumegar, como tivemos occasião de notar, e sente-se, a mais, rumores e pequenos abalos demonstrativos de correntes internas. O terreno ahi é pedregoso e contem não pequena quantidade de minereo. A serra do *Garcia*, que passa a O., a da *Gabirolba* e das *Aguas Nyras*, ao S.; a da *Planicie Alta* e *Aguas Crystalinas* no centro; o morro do *Gaspar* ao N.; os do *Porto Franco* e da *Bôa Vista* ao S.; os morros da *Onça*, dos *Polacos* e do *Werrer* a L.; e o da *Gabirolba* no centro.

O município conta apenas uma bacia, formada pelo rio *Itajahy-mirim*, unico que corre nessa circumscripção,

O *Itajahy-mirim*, cujas nasçenças ainda não estão bem determinadas, muito embora saiba-se que ficam nas matas do município de *Lages*, corre de S. O. para N. E., banha todo o município de *Brusque* e parte do de *Itajahy* e, depois de um percurso de cerca de 160 kilometros, vai despejar no rio *Itajahy Assú*, do qual é tributario, acima do *Sacço Grande* e no lugar denominado *Barra do Rio*, a 5 kils. da séde da cidade de *Itajahy* e a 44 kils. da villa de *Brusque*.

Este rio corre em leito pedregoso, formando um pequeno vale, apertado pelo cordão de serras que o acompanha em todo o seu percurso neste município e recebe os seguintes afluentes: — pela margem direita os ribeirões do *Ouro Grande* e do *Ouro Pequeno*, que nascem ao Sul e no município de *Nova Trento*; o da *Gabirolba*, que tem a sua origem no morro da *Limeira*, ao Sul, e despeja no principal, a um kilometro acima da séde do districto do *Porto-Franco*; o do *Porto Franco*, ao sul, desembocca naquelle, depois de banhar o referido districto; o das *Aguas Nyras* que vem dos encostos da serra do mesmo nome e despeja no lugar -*Aguas Nyras*-; o da *Vargem Alta*; o das *Pedras Grandes* que vem da serra das *Aguas Nyras*; o das *Endonças* que desembocca no lugar denominado *Porto do Antonio Wergue*; o do *Cedro Grande* que nasce na mencionada serra, corre de S. a N. e despeja no lugar *Barra do Cedro*.

A. Moreira Gomes

(Continúa)



Para ser moralmente livre, para ser mais do que um animal, o homem deve poder resistir aos impulsos do instincto, e não alcançará esse fim senão com o costume de dominar-se a si proprio.

S. Smiles

FINANÇAS DO ESTADO

— « » —

EXTRACTO DA MENSAGEM APRESENTADA AO CONGRESSO LEGISLATIVO PELO EXM. SR. CORONEL GOVERNADOR DO ESTADO

— « » —

A receita arrecadada no exercicio de 1910, em virtude da lei orçamentaria respectiva, foi de 1.903:345\$809, assim discriminada:

Renda Ordinaria.	1.489:337\$355
Renda Extraordinaria.	153:941\$417
Renda Especial	260:067\$037
	<hr/>
	1.903:345\$809

Do confronto da receita arrecadada com a orçada, na importancia de 1.712:460\$000, verifica-se em favor daquella uma differença de 190:885\$809.

.....
Si á receita apurada das rendas orçamentarias, na importancia de 1.903:345\$809, adicionarmos

1:383\$000 recebidos da Delegacia Fiscal, como indemnização de despesas com o serviço de colonização;

4:828\$025 proveniente das taxas destinadas aos fiscaes de exportação;

20:553\$495 saldo do exercicio anterior e.

165:572\$750 removidos da caixa do emprestimo para a geral, teremos que as operações da receita do exercicio de 1910 attingiram á somma de 2.095:683\$079.

A despesa fixada para o exercicio de 1910, pela Lei n. 841 de 5 de Outubro de 1909, foi de 1.712:460\$000; adicionando-se-lhe, porém, a somma de 185:458\$653, a que montam os creditos extraordinarios, supplementares e especiaes, abertos durante o exercicio, e mais a de 245:667\$281 despendida em virtude de autorizações contidas em diverssas leis, teremos uma despesa autorizada de 2.143:585\$934, que comparada com a realizada, que somma em 2.082:878\$287, apresenta uma differença para menos de. 60:707\$647 nesta.

Comparando-se a despesa realisada de 2.087:706\$312, elevada a essa importancia pela addição de 4:828\$025, pagos aos fiscaes de exportação, com a despesa effectivamente paga na importancia de 2.060:429\$277, verifica-se que o exercicio findo legou ao actual um compromisso de 27:277\$035.

Do confronto das operações da receita do exercício que attingiu á somma de 2.095:683\$079 com a despesa paga, que foi de 2.060:429\$277, resulta um saldo de 35:253\$802.

A receita do exercício de 1910 foi inferior á de 1909 na importancia de 80:112\$450. Esta differença provem dos impostos de industrias e profissões, de capital e do sello, que produziram maior receita em 1910.

A divida passiva do Estado até 31 de Maio ultimo era a seguinte :

Emprestimo externo.	3.767:259\$709
Divida fundada em apolices. . . .	2.024:900\$000
Divida inscripta e fluctuante. . . .	190:626\$718

O serviço de juros e amortização continúa a ser feito com a maxima regularidade.

Durante os dez mezes do meu governo foi effectuado o resgate de apolices no valor de 159:000\$000, sendo a parte correspondente á importancia de 73:500\$000 resgatada mediante accôrdo com o possuidor. Nesta operação o Estado lucrou 22%.

No calculo da divida passiva não inclui a contrahida com a União, que deve ser considerada como auxilio prestado ao Estado, nos termos do artigo 5º da Constituição Federal.

A divida activa somma em 352:010\$336, excluido desse computo a divida colonial, cujo lançamento é feito nas Agencias do Commissariado de Terras e para o calculo da qual o Thesouro não possui dados, o que constitue uma irregularidade que deve ser obviada.

Da somma da divida activa acima indicada, é considerada insolavel a importancia de 93:325\$832.

Arrecadação do imposto sobre o capital tem augmentado morosamente, devido á resistencia que a sua adopção encontra ainda hoje entre nós, o que é de estranhar tratando-se de um imposto directo.

Arrecadação do imposto sobre o capital no decennio ultimo :

1901	139:359\$950
1902	136:563\$025
1903	132:301\$000
1904	178:857\$709
1905	177:730\$390
1906	179:013\$500
1907	208:374\$900
1908	206:354\$600
1909	208:303\$650
1910	267:645\$175

A PROMESSA DE MARCOLINA

(Continuação)

—E o que tem, se eu sou triste por natureza?

—Ao menos pára ahí. Não gosto do resto dessa cantiga!

Mas Anninha sorria com um ar de angelico martyrio, e depois de dar dous pontos febris na costura, proseguia:

Como, oh pobre! has de soffrer!	Vivamos emquanto é tempo,
Como tu debes chorar!	Emquanto eu posso te amar,
As nossas almas na terra	Ai! antes que chegue a noite
Nunca mais hão de se olhar!	Sem estrellas nem luar!

O seio de Anninha offegava e uma lagrima tremia nas doces palpebras abaixadas sobre a costura.

Marcolina seguia lentamente a ondulação e a queda daquella mysteriosa lagrima.

II

O pae dessas duas costureiras morreu no campo de batalha, em uma de nossas antigas campanhas, batendo-se como um bravo, em honra da patria. Recebeu o golpe fatal, trazendo na farda as divisas de coronel. Serenaram-se os tempos; o resto das tropas empenhadas em defender o nome do ministerio, que sustentou a guerra e a bandeira nacional, voltou aos patrios lares: soldados estropiados, officiaes sem braços e cobertos de cicatrizes; mas a gloria fartára-se de sangue e a palavra da ordem fôra pronunciada nos campos da peleja.

O soldo do coronel morto foi a principio religiosamente, ou, antes, politicamente entregue á viuva, cujas filhas, Anna e Marcolina, contavam nessa época cinco a sete annos de idade. A viuva, para encher a lacuna aberta nos gastos da casa, cosia para fóra; o soldo auxiliava, mas não soccorria a todas as despesas.

Mudaram-se os tempos e mudaram-se as politicas. Quando as meninas completavam, uma treze e a outra quinze annos, não se sabe por que motivo, a viuva deixou de perceber o soldo do coronel morto em defesa da patria.

A desventurada pediu a Deus forças para o trabalho, e nunca mais se apagou a lampada nocturna, a cuja luz cegaram-se pouco a pouco os olhos, que as lagrimas não haviam conseguido ennevoar.

Marcolina e Anna começaram a comprehender então todo o peso da sua desventura, e com uma resignação sublime, com essa

virtude que a Providencia retempera nas almas privilegiadas, atiraram-se ao trabalho e não abandonaram nunca a santa e caruncho-sa meza, junto a qual ia se extinguindo a miserrima viuva do soldado.

A tristeza que pairava, como sinistra ameaça, sobre a fronte macilenta da mãe, ficou por herança á filha; nunca as lagrimas correram isoladas pela face da velha: Anna chorava tambem quando presentia que a pobre mulher retinha um soluço ou suffocava um pranto desolador.

Marcolina, mais alegre por natureza ou, talvez, quem sabe? para affastar um pouco a profunda e mortuaria tristesa que opprimia a familia, ria-se, lembrava anedoctas, cantava e enfiava risadas turbulentas.

—Quem canta seus males espanta! exclamava ella com os olhos brilhantes e sobraçando o travesseiro da costura, onde fazia prodigios de machina. Anna suspirava, cumprimindo as pulsações do seu coração, ferido por mágoa desconhecida, e murmurava com a alma desorientada:

—Isto durará sempre, Mãe Santissima?

Richard era um rapaz de vinte e dous annos, gracioso e modesto como uma menina bem educada. Era louro, tinha olhos azues magnificos, e um meigo sorriso que encantava a todos.

Nascera no Rio de Janeiro e descendia de uma familia franceza. Os paes morreram-lhe antes d'elle contar quinze annos, e a modista, amiga da extincta familia, tomára sob sua protecção o menino, do qual fez o seu mais fiel caixeiro e o mais sisudo amigo.

Richard encarregára-se dos melindrosos traficcos da casa. Por morte do guarda livros cedera-lhe a modista toda a escripturação e as transacções commerciaes jogadas com esta praça e a de Paris. O zelo, a actividade e a limpeza acompanhavam os trabalhos do moço como a sua guarda e o diploma do seu raro valor.

Quem levou pela primeira vez encommendas á casa da viuva do coronel, foi elle. As meninas não lhe appareceram, e a viuva, ciosa até o excesso, tratára-o com certa urbanidade e reserva.

Multiplicaram-se as visitas, e em um bello dia, quem o recebeu não foi a viuva, foi Anninha, com os seus grandes e tristes olhos negros.

Richard era acanhado: cousa rara em um rapaz que tem a liberdade de percorrer a rua do Ouvidor, e que é empregado em casa de uma modista de fama.

(Continúa)

Luiz Guimarães Junior.

ESTUDOS ARCHEOLOGICOS

— « » —

Os sambaquis no Sul de S. Catharina

1880

Nós que nada somos no mundo scientifico, que mal começamos a penetrar nos humbraes da historia, carregamos hoje a nossa pequena pedra para esse edificio que um dia se erguerá, deslumbrante, para contar-nos os feitos mais gloriosos dos nossos antepassados e das gerações modernas.

A historia patria, a do povo brasileiro, ainda não está escripta como deve ser.

Noções geraes, factos controvertidos dos principaes successos, em diferentes épocas, eis o que os homens da sciencia, infelizmente, encontram para indagação e descobrimento da verdade. Longe de imitar-se os paizes estrangeiros, nas pesquisas do passado, nomeando-se commissões especiaes e scientificas para o necessario estudo dos pontos controvertidos e novas descobertas, vemos quasi que exclusivamente das tramas e miserias politicas.

A historia primitiva do Brazil e a da raça indigena e moderna é um abysmo.

Tudo está incompleto e por fazer. O vasto campo da sciencia medica, entre nós está descorinado: temos medicos, cirurgiões mui illustrados, que de investigações em investigações prestam relevantes serviços ás letras e á humanidade.

A jurisprudencia tem encontrado cultores que fazem honra ao paiz, enriquecendo quotidianamente o catalogo de obras uteis e vantajosas, elucidando theorias novas e duvidosas: as artes nada têm que pedir ou invejar á Europa, porque contamos com artistas como Victor Meirelles, Pedro Americo, Carlos Gomes, Trajano, Bittencourt e outros, que de norte a sul se hão esforçado em tornar perfectas todas as suas producções, as quaes rivalizam com as das nações estrangeiras, como por vezes terão estas verificado nas festas do progresso e civilisação — nas exposições universaes: a Historia, porém, ahí está mergulhada em densas trevas, desconhecida dos brasileiros, que não sabem o seu proprio passado.

Nos paizes estrangeiros, os sabios, associados aos ricos, pesquisam todos os monumentos e documentos que aproveitar possam á historia patria, ou á sciencia em geral; fazem sacrificios enormes,

expõem-se aos perigos, penetram nos sertões, nos rios, nas montanhas, com o intuito de estudar aquillo que ignoram, com ardente desejo do encontro de algum vestigio remoto, que sirva de averiguação á historia. Nós, porém, nos esquecemos da patria, não procuramos fazer indagações mais aprofundadas sobre a historia, nem ao menos ainda houve brasileiro que aproveitasse o subsidio valioso fornecido pelo Instituto Historico Geographico. Essa util e necessaria associação scientifica, sob a protecção de S. M. o Imperador, D. Pedro segundo, tem colligido bons materiaes para a confecção da historia patria, depois de reunidos e collocados em seus verdadeiros logares, porém ninguem se animou a aproveitar-se delles para narrar os acontecimentos que se passaram, desde o descobrimento do Imperio até ao actual reinado de esse Sabio Monarcha.

E' verdade que muitos escriptores, imparciaes e de criterio, nacionaes e estrangeiros, se têm empenhado na descripção da historia patria: mas, o que existe, está ainda á quem do que devera ser, todos esses trabalhos são imperfeitissimos, encerram não poucos erros, que devem ser corrigidos, descortinando-se outros factos, esquecidos ou confusos, que dizem respeito ao passado e ao presente. Ha um facto, porém, na historia, que ainda não foi bem elucidado, isto é: desconhece-se até o presente qual o grão de civilisação a que haviam chegado os povos da terra de Santa Cruz, antes de apparecerem os seus descobridores.

Um illustrado escriptor francez, amigo dos brasileiros, o doutor Martius, proclamou a urgente necessidade do historiador estender suas investigações além do tempo da conquista, perscrutar a historia dos habitantes primitivos do Brazil, historia que, por ora não dividida em épocas distinctas, nem offerecendo monumentos visiveis, ainda está envolta em obscuridade, mas que por esta mesma razão, excita summamente a nossa curiosidade.

Esse escriptor se expressa a respeito nestes termos: «Que povos eram aquelles que os portuguezes acharam na terra de Santa Cruz, quando estes aproveitaram e extenderam a descoberta de Cabral? De onde vieram elles? Quaes as causas que os reduziram a essa dissolução moral e civil, pois que nelles não reconhecemos senão ruinas de povos? A' resposta a esta e a outras perguntas semelhantes devem, indubitavelmente, preceder estudos minuciosos.

Francisco Izidoro Rodrigues da Costa

(Continúa)

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

(Continuação)

11

Alimentos azotados e não azotados

Todos os alimentos susceptíveis de se transformar em sangue e em carne, encerram as materias quaternarias seguintes: carbono, azoto, hydrogenio, oxygenio. As substancias não azotadas são impróprias á nutrição.

Os alimentos puramente respiratorios, ou ternarios, compõem-se d'oxygenio, de hydrogenio e de carbono. São totalmente desprovidos de azoto. O sangue, a carne, a fibrina, a caseína, a albumina vegetaes, são alimentos azotados; o amido, as féculas, os assucares, as gorduras, os oleos, o vinho, a aguardente, a cerveja, etc., são alimentos não azotados.

Eis ahi um primeiro passo dado. Daremos o segundo fallando da formação do sangue; e por sangue é preciso que entendamos todos os nossos tecidos, assim como nossos diferentes órgãos, porque elles têm a mesma composição, attendendo-se a que é o sangue que, não só os formou, como ainda continúa a mantel-os. Examinemos, portanto, o sangue ligeiramente.

Sendo o sangue essencialmente composto de fibrina e de albumina, devemos encontrar novamente na composição dos seus dois principaes factores todos os elementos das materias azotadas, e a analyse nos fará conhecer, por outro lado, em que proporção esses principios organicos intervêm. O resultado não é sem importancia.

Analyse comparada

Fibrina e albumina animaes

	Carbono	Hydrogenio	Oxygenio	Azoto
Fibrina	54.56	6.90	22.13	15.72
Albumina . . .	54.84	7.09	21.23	15.83

Nesta analyse do sangue deixamos de mencionar algumas fracções de mineraes. Notámos que a albumina pode converter-se em fibrina e reciprocamente.

Passemos agora aos vegetaes.

Analyse comparada

Fibrina e caseina vegetaes

	Carbono	Hydrogenio	Oxygenio	Azoto
Fibrina(gluten)	53.23	7.01	23.25	16.41
Caseina . . .	53.50	7.05	23.68	15.77

Ora, desta tabella comparativa resulta que essas diversas substancias equivalem-se como valor nutritivo; e todas as analyses têm igualmente demonstrado que a albumina e a caseina, sejam animaes, sejam vegetaes, são de composição identica. Ha séculos que os chinezes fabricam queijos com a caseina de ervilhas, e esse queijo de ervilhas é, sob todos os pontos, igual ao queijo de leite.

Que concluir, se não que sob coordenações moleculares diversas, simples diferenças de formas — fibrina, albumina e caseina, animaes ou vegetaes, são isoméricas? Ha, portanto, identidade de alimentação entre todos os animaes, gentes e bestas: sejam carnívoros, herbívoros, ou granívoros, superiores ou inferiores, todos comem á mesma meza! Toda a diferença consiste em mais ou menos azoto sob o mesmo volume. E' certo que, sob peso igual, a carne será mais rica em azoto que outro qualquer alimento; mas, si se substitue a qualidade pela quantidade, chegar-se-á ao mesmo resultado. Os herbívoros tiram seu azoto dos vegetaes — (todos o contêm); — emquanto que os carnívoros vão buscal-o no sangue e na carne dos seus congeneres.

E' toda a diferença.

Todavia, comquanto o pão, o leite, a clara do ovo sejam tão ricamente azotados como o bife, pois que elles contêm os mesmos elementos de nutrição, não se deve inferir que possuam a mesma força nutritiva. E' muito exacto que, igualmente á carne, a gluten do pão contêm 53.23 de carbono, 7.01 de hydrogenio, 23.25 de oxygenio e 16.41 de azoto, mas o pedaço de carne que representar o mesmo volume que um pão de um kil o pezará tres ou quatro vezes mais, e portanto sua força alimentar será triplice ou quadripla. Eis porque, em volume igual, a carne é muito mais substancial que o pão, bem que formada dos mesmos principios e nas mesmas proporções. Para se chegar ao mesmo resultado é preciso buscar a recuperação na quantidade de materias absorvidas. E' o que praticam, aliás, os vegetarianos, assim como os herbívoros.

J. B. Franc.

(*Continúa*)

O General Laurentino

Um episodio da occupação militar da Laguna

(RECORDAÇÕES DA JUVENTUDE)

Ao ler a noticia da morte de Laurentino Pinto Filho recordei-me de um incidente em que me achei envolvido, em 1893, com o ardoroso caudilho federalista, então commandante em chefe das forças revolucionarias que operavam no sul de Santa Catharina. Constituindo o facto um episodio de alguma relevancia para a resenha da occupação militar da Laguna, julgo de meu dever explanal-o, com o documento que o authentica, e que no escriptorio desta folha fica á disposição de quem quizer examinal-o, juntamente com o numero 33 da *Patria*. (1)

Ainda está muito recente a época da revolta para que já se possa com imparcialidade, mormente os que nella mais ou menos tomámos parte activa, escrever a sua chronica truculenta. Entretanto, factos que, pelo decorrer do tempo podem ser esquecidos, com o desaparecimento dos documentos que demonstram a veracidade de suas minudencias, devem ser publicados pela imprensa, para segura orientação do historiador futuro.

.....

Quinze dias depois de assumir, sob um grande aparato marcial, pela primeira vez observado na Laguna, o commando das forças das tres armas que aqui estacionavam, constituindo a 2ª divisão do exercito revolucionario no Estado de Santa Catharina, o general Laurentino Pinto Filho fizera baixar uma ordem do dia determinando que todos os homens válidos, de 18 a 50 annos de idade, se apresentassem no dia seguinte no quartel-general, afim de tomarem armas contra as forças militares do marechal Floriano.

Distribuida copiosamente em boletins, a tenebrosa ordem do dia levou num átimo, de extremo a extremo da cidade, a agitação terro-

(1)—Este escripto foi publicado no n. 176 do periodico *O Albor*, de 24 de Fevereiro de 1906. Fôra, porém, falsa a noticia. Laurentino Pinto Filho ainda existe e habita actualmente a capital do Estado do Rio de Janeiro, segundo me informam.

rista a todos os lares. Esperando, a qualquer momento, que a Laguna fosse theatro de combates entre as forças revoltosas e as do general Arthur Oscar, que se achavam em Tubarão, desoladora era a situação das famílias: com a exigencia do general Laurentino o pavor chegou ao auge.

Sem reflectir na natureza do momento pelo qual estavamos envolvidos — phase anormalissima de guerra intestina, num reducto militar, sem outra lei que as determinações discrecionarias do commandante da praça — peguei da penna, no mesmo dia do boletim, á noite, (24 de Novembro) e dirigi uma carta ao general. Fil-o como redactor da *Patria*. Notifiquei-lhe que o espirito publico estava apprehensivo com a *Ordem do Dia*; que a desolação imperava nos lares; que, para os claros do exercito revolucionario seria mais razoavel fossem apenas aproveitados os individuos solteiros, sem familia a sustentar. Finalizando pedi ao general que me autorisasse a publicar a sua resposta, na *Patria*, que sahiria a 26.

A's 9 horas da noite de 25 era-me entregue na redacção, por um tenente das forças gaúchas, a seguinte carta do general, facto este, assim como o da carta que lhe dirigi, até hoje só de dois amigos conhecidos: um delles o fallecido actor Celestino Lima e o outro o meu antigo collega José Fernandes de Oliveira;

— «Sr. Redactor da *Patria* — Respondo a vossa carta na qual dizeis que o espirito publico está apprehensivo com a minha determinação de hontem, chamando os cidadãos de 18 a 50 annos ao cumprimento de seus deveres civicos.

Não posso acreditar em tal apprehensão por que faço justiça ao patriotismo do povo deste Estado, que antes dos interesses particulares e privados, sempre se manifestaram pelos da Patria, mormente hoje, que se vê a braços com os tyrannos do Itamaraty; em todo caso, se um ou outro filho desnaturado e falho de patriotismo se tem manifestado receioso ou com medo de affrontar o inimigo da Patria e da familia, podeis tranquilisar, garantindo que para a defesa da santa causa da liberdade não faltam soldados, e que elles têm a isenção a que o medo e falta de patriotismo dão direito.

O Exercito Libertador não tem claros a preencher, e a causa revolucionaria tem soldados de sobra para levar sua bandeira sempre triumphante até ao norte do Brasil, se a isto for obrigada. — Sem mais sou Vosso att. creado — General LAURENTINO PINTO FILHO — 25 — 11 — 93 — P. S. — Desta fazei o uso que vos convier — Vale. »

A carta do general, comquanto fosse a annuercia tacita, pela immediata revogação da ordem do dia, ás razões que eu expendera

na minha missiva — offendia, pelos seus termos acerbos, o meu melindre de lagunense — esse delicado sentimento de solidariedade que se manifesta de modo intenso, entre os que têm cultura civil — quando atacam, sem motivo plausível — a nossa patria, a nossa terra, os nossos conterraneos.

As duas ultimas paginas da *Patria* já estavam no prelo quando li a carta do general.

— Tem paciencia, disse eu ao Mingote, estalando de indignação. Distribue essas noticias da 2ª pagina, enquanto escrevo a resposta que o Laurentino merece.

E no dia immediato a *Patria* publicava o seguinte, cuja explicação só hoje a tem o publico:

« PELA PATRIA. — Em vista da conhecida ordem do dia do sr. general Laurentino Pinto Filho apresentaram-se hontem no quartel-general muitas pessoas, que não foram, no entanto, recebidas, por se achar revogada a determinação nella contida.

A justa apprehensão que pesou sobre o espirito de muitos chefes de familia pauperrimos, que com a pratica stricta daquella ordem ver-se-iam privados de prestar a seus filhos creanças os soccorros provenientes de seu sabores, não tem agora razão de ser, porquanto consta-nos que o invicto general de divisão Oliveira Salgado (2) não tenciona pôr em pratica de forma absoluta semelhante determinação, que seria, no nosso modo de ver, o decreto da morte das creanças pela fome.

O povo brasileiro, quando se trata da defesa das liberdades patrias, quer conspurcadas pelo estrangeiro, como nas lutas com o Paraguay, quer por filhos desnaturados do paiz, como actualmente, jamais implora a isenção de serviço *a que o medo e falta de patriotismo dão direito* (3) E, se não, haja para exemplo a historia da guerra do Paraguay, onde os batalhões de voluntarios rebrilham com a bravura que naquellas lutas tornava-se necessaria para a salvação da integridade da patria. Do solo catharinense, desta pequena Laguna, sahiram naquelles tempos de ultrage para o Brazil muitos batalhões, todos de voluntarios, cujo heroismo nas pugnas descreve circulos de glorias immorredouras nas paginas da historia nacional.

(2) Havia sido nomeado, por decreto de 14 de Novembro, do Governo Provisorio, commandante em chefe de todas as forças revolucionarias de terra, em operações no Estado.

(3) O grypho, allusivo á carta do general, é da *Patria*.

De alguns d'aquelles voluntarios, veteranos em cujos corações o amor da patria não reflecte jámais um interesse individual ou partidario, ouvimos, no emtanto, agora, ao lerem aquella determinação, justos receios, fundadas apprehensões, não por temerem o sacrificio da vida pela liberdade da patria e sim receiando, como pais carinhosos, verem a fome envolvendo em seus mantos negros as tenras creancinhas que apenas balbuciam o doce nome de pae, sem poderem, vivos, soccorrel-as com o seu trabalho.

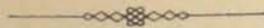
Posta em pratica, de modo absoluto, como se propalava, a determinação do dia 24, a patria ficaria sendo, pela dedução logica das cousas, não a reunião das nossas affeições, e sim, simplesmente, o limite geographico. »

.....
Quando, no dia 26, o general abriu a *Patria* e em vez da inserção da sua carta, a que eu nem aludira, deparou com o vehemente artiguete — teve um impeto de cólera. Mais homem intellectual, porém, que cabo de guerra, com o espirito servido por grande cultura juridica que o tornára advogado respeitavel em seu Estado natal — Laurentino pouco depois asseverava que ia responder, com uma longa carta, ao escripto irreverente.

Não o fez, porém. Venceu mais uma vez o seu apreciavel bom senso e grande coração, graças aos quaes, unicamente, pude sahir da temeraria emergencia apenas com o susto que o Celestino, muito cauteloso, me infundira á força de argumentos ponderosos, prevenindo-me que tivesse muito cuidado com os *bombachas* (3) do general.

José Johnny.

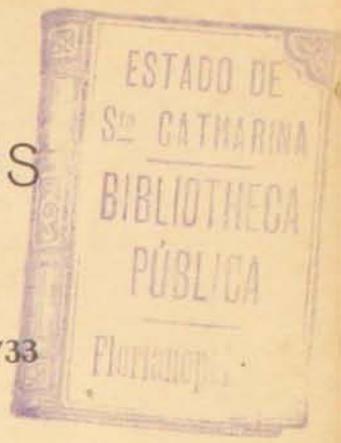
(3) — *Os bombachas* — cognominavamos nós, catharinenses, aos soldados revolucionarios, em razão das calças largas que todos uzavam.



O christianismo é a escola mais completa de respeito que se tem presenciado. A instrucção religiosa é a unica que infunde o espirito de sacrificio, das grandes virtudes e dos pensamentos elevados. Penetra a consciencia e torna a vida supportavel sem um murmurio contra o mysterio da condição humana.

Guizot.

Documentos Historicos



Provisão do Conselho Ultramarino de 24 de Julho de 1733

Dom João, por graça de Deos, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa Senhor de Guiné, etc. Faço saber a vós conde de Sarzedas, governador e capitão general da capitania de S. Paulo, que Francisco de Brito Peixoto, capitão mór da Villa da Laguna, me representou em carta de 20 de Agosto do anno passado, de que com esta se vos remette copia, assignada pelo secretario do meu conselho Ultramarino, haver elle e seu pai povoado aquella terra, examinando e abrindo caminho para o Rio Grande de S. Pedro, e d'ahi para as campanhas de Buenos Ayres, donde se têm conduzido bastantes gados e cavalgadas, pedindo-me fosse servido fazer-lhe mercê de uns campos e terras, que começam de um rio, a que chamam Tramanday, da parte do norte, correndo até o Rio Grande, me pareceu ordenar-vos informeis com o vosso parecer, declarando tudo que ha nesta materia, e se este caminho se tem frequentado, ou se é conveniente frequentar-se, e que extensão têm as terras, que o supplicante pede, e se convem que eu as dê de Sesmaria, e suspendereis as datas d'estas terras até ultima resolução. El Rei nosso senhor o mandou por Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda, e pelo doutor Alexandre Mettello de Souza e Menezes, conselheiros do seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias. Bernardo Telles da Silva a fez em Lisboa Occidental a 24 de Julho de 1733. O secretario Manoel Caetano Lopes de Lavre a fez escrever

*Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda
Alexandre Metello de Souza e Menezes*

Representação a que se refere a provisão supra

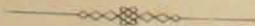
No anno de 1715, estando eu na Villa de Santos já descansado, pela idade e pelos trabalhos que soffri por estes sertões, mandou o governador Francisco de Tavora para esta povoação,

que meu pai Domingos de Brito Peixoto e eu povoamos a nossa costa, para ir eu examinar e abrir caminho para o Rio Grande de S. Pedro, e d'alli para campanhas de Buenos Ayres, o estado em que se achava a nova Colonia do Sacramento, que então estava desertada dos nossos, e dar-lhe de tudo noticia, e do mais que houvesse de novo por esta costa, e aquellas partes; os meus achaques me impedirão sahir a aquellas diligencias do serviço de V. Magestade, para o que estava já preparado; mandei gente de minha familia, e alguns moradores, que não só chegarão á nova Colonia, mas tambem a Maldonado e Montevidéo, como dei conta ao dito governador, do que não tive resposta, por nesse tempo largar este governo, e agora a dou a V. Magestade, ainda que já lhe tenho dado muitas vezes; mas como nunca tive resposta, me parece lhe não serão dadas as minhas cartas, e agora o torno a fazer: e depois d'isto têm estes moradores por disposição minha e com algum gasto de minha fazenda, não só facilitado o caminho para o dito Rio Grande, mas o tem tambem feito para as campanhas da Buenos Ayres, de onde têm trazido bastantes gados e cavalgaduras; e para V. Magestade dispor o que for mais de seu serviço lhe faço esta representação, e supplico queira pôr os olhos de sua grandesa nos meus requerimentos e serviços que andão no tribunal, para que ao menos em minha velhice veja premiados os grandes trabalhos e despezas que eu e meu pai, que Deus haja, temos padecido em fazer e augmentar esta povoação, para augmento deste Estado e fazenda de V. Magestade.

Tambem peço a V. Magestade se queira designar em me fazer mercê dar-me uns campos e terras, que começam de um rio que chamão Tramanday, da parte do norte, correndo a caminho de sudeste da parte de dentro até o Rio Grande, deixando o campo que corre ao longo deste, com repartimento ao dito campo deste que peço a V. Magestade para mim, e minhas familias, ao longo da praia, que vai acabar no mesmo Rio Grande; e eu atrever-me a pedir o V. Magestade esta mercê, é porque vejo trabalhos pelos gastos, que tenho feito nos descobrimentos dos taes campos e caminhos do Rio Grande de S. Pedro; e juntamente me anima a fazel-o uma carta com que V. Magestade foi servido honrar-me em me escrever na era de 1727: V. Magestade mandará o que for servido.

Villa de S. Antonio dos Anjos da Laguna, 20 de Agosto de 1732

Francisco de Brito Peixoto



Caes do porto da Laguna

Balancete da receita e despesas das obras do caes da LAGUNA
apresentado ao Exmo. Sr. coronel Governador do Estado

RECEITA

Recebimentos da Repartição Estadual.	30:000\$000	
Juros de Caixa Economica.	342\$841	
		30:342\$841

DESPEZA

Do inicio até 30 de Julho de 1910	14:833\$930	
3º trimestre de 1910	4:785\$884	
4º " " 1910	2:272\$650	
1º " " 1911	6:285\$190	
2º " " 1911	2:798\$200	30:975\$854
Deficit.		633\$013

Demonstração das despesas effectuadas na construcção do caes da
Laguna e relativas ao período de 22 de Setembro 1909 até 30 de Junho
de 1911.

I. ESTUDOS

Gratificação ao Engenheiro E. Gallois.	500\$000	
Idem a C. Belmiro, sondagens, canoas, etc.	32\$000	532\$000

II. INSTALLAÇÃO

Accessorios para trilhos.	77\$600	
Custo de 2 fluctuantes.	1:482\$200	
Cabos, madeiras, wagonetes e despesas miudas.	488\$890	2:048\$690

III. DESPEZAS GERAES

Telegrammas e sellos.	65\$560	
Despesas de fiscalisação (Antonio Macuco).	319\$000	
Alugel da casa para deposito de cimento.	60\$000	
Carretos e miudezas.	23\$200	
Pranchões para descarga de vapores.	269\$500	737\$260

IV. EXECUÇÃO DAS OBRAS

Empreiteiro: extracção de pedras e lançamento n'agua.	23:163\$854	
Estrada de Ferro: Aterros.	4:494\$050	27:657\$904
Total.		30:975\$854

A Commissão

Cabral Irmão & C^ª.
Thomaz Pereira Netto.
Pacheco & Irmãos

A Instrucção Publica no Estado

DA MENSAGEM APRESENTADA PELO EXMO. SR. CORONEL GOVERNADOR DO ESTADO AO CONGRESSO LEGISLATIVO

1907

Escolas providas	144
Matricula	6.080
Frequencia media	4.703
Porcentagem da frequencia	77%
- Alumnos que concluíram o curso	328
Despezas com a instrucção primaria —	199:935\$000

1908

Escolas providas.	155
Matricula	6.707
Frequencia media	5.227
Porcentagem da frequencia	77%
Alumnos que concluíram o curso	492
Despeza com a instrucção primaria .	219:492\$328

1909

Escolas providas	178
Matricula	7.792
Frequencia media	6.041
Porcentagem da frequencia	77%
Alumnos que concluíram o curso	667
Despeza com a instrucção primaria .	.224:151\$018

1910

Escolas providas	187
Matricula	8.014
Frequencia media.	6.318
Porcentagem da frequencia	66%
Alumnos que concluíram o curso	461
Despeza com o instrucção publica . .	321.221\$980

O numero de escolas mantidas ou subvencionadas pelos cofres municipaes é actualmente de 225, sem contar as do municipio de Blumenau, que não incluío o numero do escolas nos dados que remetteu á Secretaria Geral. A matricula nessas escolas é de 7.729.

ORATORIA SACRA CATHARINENSE

Panegyrico de S. Sebastião

(Continuação)

Adornado do diadema de gloria com que o Senhor costuma condecorar os seus martyres, seu corpo inanimado ainda opéra estupendos milagres; e a simples invocação de seu nome ha muitos seculos tem sido considerada como arma fortissima contra o flagello da péste, esse medonho instrumento com que o braço de Deus sóe profligar o seu povo, quando este, esquecido de seus deveres, menoscaba e ultraja a Justiça Divina. Tal é a valiosa intercessão deste glorioso santo na presença do Creador!

E' por gratidão a tão consideraveis beneficios, que os Fieis em todos os tempos tem honrado a sua memoria. E' em reconhecimento á protecção que recebemos deste Espirito Bemaventurado, livrando-nos por sua intercessão de sermos victimas do contagio, que tem ceifado tantas vidas, e acarretado tanta calamidade sobre quasi todas as provincias do Brazil, que alguns cidadãos prestimosos, dotados de sentimentos de piedade, conceberam o sublime pensamento de levantar um Templo em honra do egregio Martyr.

Tal é, senhores, o motivo da presente solemnidade, e o que constitue o assumpto deste breve discurso.

Vós, Glorioso Martyr, Padroeiro Illustre do Bispado Fluminense, e Precioso Adorno da Igreja Parochial desta nossa Cidade, reparti commigo a eloquencia com que animaveis e fortalecieis na fé do Christianismo aquelles que vos eram entregues para o supplicio, e purificai-me com o suave odôr de vossas virtudes, e merecimentos, para que dignamente possa louvar-vos, descrevendo as glorias de vosso triumpho perante o numerozo concurso, de que me vejo rodeado.

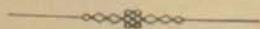
Si na successiva e variada serie de acontecimentos, que nos tem transmittido a historia do seculo, encontramos certos genios, que assombrando o mundo com o estrondo de suas victorias, parecem instrumentos da Providencia, enviados para castigar os povos, e algumas vezes os despotas esquecidos de seus deveres; tambem em todos os tempos o mesmo Deus tem suscitado varões illustres por sua constancia para sustentaculos de sua Igreja e guias fieis da humanidade; afim de desviar do abysmo da perdição essas queridas reliquias, remidas com o precioso sangue de seu Filho amado.

E' nos tristes dias em que os vicios parecem conspirados a subverter a sociedade humana, é no meio da corrupção geral dos costumes, é entre as consequências horribéis do esquecimento de Deus, e o abandono da religião, é em summa quando os grandes do seculo, de envergonharem o mundo com as desordens de suas paixões desenfreadas, pretendem em vão riscar da face da terra o nome de Jesus, que surge o heróe do Chrtianismo, á semelhança do santelmo, quando fulge pairando sobre o navio, para annunciar a bonança, e inspirar ao nauta afflicto a esperanza de salvamento. Então sua coragem na presença dos ensanguentados instrumentos de tortura, sua constância nos soffrimentos e nas dores mais intensas, e uma resignação heroica translusindo em seu semblante sereno, são como os reflexos da luz celeste, que espancando as trevas da noite, trazem o bello dia para admirar-se os primores da Natureza. Essas virtudes sublimes, resplandecendo no meio da cruenta perseguição, são um poderoso incentivo para animar os fieis a permanecerem firmes em suas crenças almejando a palma do triumpho, embora a preço de seu sangue e de sua vida. Tal foi Sebastião, o heróe insigne, que convencido da verdade da Religião Evangelica não duvidou experimentar os tormentos, que se haviam mandado preparar para torturar as infelizes victimas do orgulho e da ferocidade humana.

Corria o quarto seculo, e Diocleciano, Imperador do Occidente, acerrimo perseguidor da Igreja de Jesus Christo, sedento e sempre insaciavel de sangue, fazia expirar a grei do Redemptor ao meio de crudelissimos tormentos. No curto espaço de um mez dezeseite mil Cristãos haviam sido condecorados com a corôa do martyrio, contemplando a Historia n'este numero o inclyto Varão, cuja imagem temos á vista. (*) Nascido na cidade de Narbona e educado por seus extremosos paes para em algum tempo occupar uma posição distincta no Imperio, tornou-se amado do Imperador, já pela nobresa de sua familia, já por seu valor e pericia nas armas, sendo nomeado chefe da primeira cohorte e encarregado da importante commissão de presidir aos tormentos com que o barbaro Diocleciano pretendia extorquir dos fieis a apostasia do verdadeiro Deus e renegação de sua crença.

Arcypreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva.

(*Continúa*)



Não ha se não a disciplina militar para duma natureza feroz e rude fazer um homem forte e energico.

Ruskin.

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

Biographia

(Continuação)

Tanto mais se distinguia este bravo e intelligente official no cumprimento de importantes e arduas commissões na presença do proprio vice-rei, quanto mais se habilitava para empregos novos e de mais difficil desempenho.

A segurança da ilha de Santa Catharina, objecto que em todos os tempos chamou a attenção da Côrte de Portugal, exigia no anno de 1762 que fosse fortificada e posta em attitude de resistir a qualquer invasão inimiga. Reclamava por essa época o governador da mesma ilha, Francisco de Souza Menezes, a presença de um official de artilheria capaz de encarregar-se da importante instrucção desta arma, e ao mesmo tempo exercitasse a infantaria; e o mesmo foi apontar a necessidade de um semelhante official que lembrar Coimbra. Teremos de vêr no decurso da sua carreira militar occurrencias dessa natureza; assim a par de tanto mérito e de tantos serviços corressem os premios! Não obstante haver no Rio de Janeiro e no mesmo regimento officiaes habeis e de maior graduação, nas duas armas, recahio a escolha do vice-rei em Coimbra, promovendo-o de alferes a capitão de uma das companhias do batalhão da ilha. Chegado que fosse ao seu destino entrou logo com ardor e zelo, proprio do seu genio, no desempenho de tão ardua commissão, conseguindo que, em pouco tempo, se mudasse o aspecto militar da tropa, apresentando-se em estado de resistir a qualquer tentativa do inimigo. Nada escapava á sua perspicacia; a tropa, antes bisonha, estava disciplinada e instruida nos exercicios de infantaria e artilheria; as fortificações reparadas e o trem de guerra elevado ao melhor estado que as circumstancias permittiam; e apenas estes preparativos se tinham conseguido, foi com satisfação geral visto, 46 dias depois, á frente da guarnição da fortaleza de Santa Cruz da barra do norte, disposto a defendel-a até ao ultimo momento da sua vida, quando sur-

gio-lhe em frente uma não hespanhola, que ou por não haver ainda formal declaração de guerra, ou por temor de vigorosa resistencia nos defensores, retirou-se sem tentar a sorte das armas. (8)

Corria o anno de 1770, e com a chegada ao Rio de Janeiro de tres regimentos de infantaria expedidos pela Côrte de Portugal ao mando de tenente-general João Henriques Bohm, se operou nas tropas do Brazil essa mudança da nova constituição militar determinada pelo regulamento do conde de Lippe, de 18 de Fevereiro de 1773; e como esse novo regulamento devia tambem ser observado em Santa Catharina, determinou o vice-rei que se enviasse ao Rio de Janeiro o mais habil official com um destacamento, afim de ser alli instruido nos exercicios e disciplina do regulamento.

Esta nomeação não podia recahir em outro official senão em Coimbra, recommendavel por tantas provas, perspicacia e intelligencia. Chegado áquella capital foi aggregado com o destacamento do seu commando ao regimento de Extremoz, do qual era chefe o marechal de campo José Raymundo Chichorro da Gama Lobo, e desenvolvendo a sua natural propensão para tudo quanto respeita ao serviço militar, em pouco tempo pôz o seu destacamento em estado de fazer os exercicios e manobras do regulamento, e com tal perfeição que o proprio vice-rei, e o general, na presença dos quaes se exercitaram, lhe dirigiram bem merecidos elogios.

Promovido então a capitão de granadeiros, companhia que elle devia crear, regressou á Santa Catharina, encarregado da instrucção e commando do regimento, não obstante haver nelle capitães mais antigos. Espinhosa na verdade era essa commissão, e só por sua consummada prudencia, em harmonia com a sua natural actividade e deveres de commando, conseguiria fazer mudar de habitos e inveterados costumes uma officialidade encanecida; poderia, emfim, evitar occurrencias desagradaveis; elle o conseguiu, e a mudança se operou, e em gráo tal, que o tenente-general Bohm transitando por Santa Catharina em marcha com o exercito (1774) para o Sul, teve de applaudir o estado de instrucção e disciplina em que achou o regimento, publicando que elle rivalisava com os corpos portuguezes vindos da Europa, não obstante a falta de pagamentos e fardamentos indispensaveis á manutenção da disciplina.

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

(*Continúa*)

Nunca desampares o caminho da honra e do dever: só assim serás ditoso.

Buffon.

O antigo commercio maritimo da Laguna

**Quadro dos navios de navegação oceanica que possuia
a praça da Laguna no anno de 1879.**

Numero	Armação	Nomes	Toneladas
1	Patacho	<i>Cabral</i> . . .	218
2	«	<i>Luzitano</i> . . .	198
3	«	<i>S. Manoel 2º</i> . . .	180
4	«	<i>Liberal</i> . . .	165
5	«	<i>Apollo</i> . . .	165
6	«	<i>Alegre</i> . . .	165
7	«	<i>Rapido</i> . . .	150
8	«	<i>Monte-Alegre</i> . . .	147
9	«	<i>Esperança</i> . . .	144
10	«	<i>Destino</i> . . .	143
11	«	<i>Nova Flora</i> . . .	133
12	«	<i>Santo Antonio</i> . . .	128
13	«	<i>Wanzeller</i> . . .	125
14	«	<i>Gentil</i> . . .	124
15	«	<i>Bittencourt</i> . . .	121
16	«	<i>Firmeza</i> . . .	118
17	«	<i>S. Pedro</i> . . .	114
18	Brigue Escuna	<i>Alzira</i> . . .	112
19	Sumaca	<i>Boa Nova</i> . . .	110
20	«	<i>Lembrança</i> . . .	100
21	«	<i>Amparo</i> . . .	100
22	Hiate	<i>Graça</i> . . .	95
23	«	<i>Lagunense</i> . . .	91
24	«	<i>Andorinha</i> . . .	89
25	«	<i>Joven Arthur</i> . . .	69
26	«	<i>Senhor dos Passos</i> . . .	61
27	«	<i>Riachuelo</i> . . .	58
28	Escuna	<i>Helena</i> . . .	51

O barco leva na proa a conquista do mundo. Sem elle, quaes outras cadeias mais rijas do que essas, de branca espuma soluçante? Mas os cravos que prendem o costado do barco são ferros que unem o mundo entre si. Não têm só o privilegio de attrahirem o fogo do céu; espalham a fraternidade em volta do globo.

Ruskin

NOTAS

IMPrensa CATHARINENSE

Em consequencia da iniciativa partida ha um anno do ardoroso e intelligente patricio Sr. Dr. José Arthur Boiteux, sempre dedicado ao engrandecimento do seu e nosso Estado natal, foi commemorada, na bella Florianopolis, em 11 do presente mez de Agosto, o 80º anniversario da publicação do *Catharinense*, o primeiro jornal desta circumscripção brasileira, fundado na cidade do Desterro pelo immortal estadista e militar lagunense, o conselheiro marechal Jeronymo Francisco Coelho.

A commemoração constou de uma sessão solemne no theatro ALVARO DE CARVALHO, presidida pelo illustrado jornalista Sr. Dr. Joaquim Thiago da Fonseca, e secretariada pelos distinctos Srs. capitão-tenente Lucas A. Boiteux, Dr. Henrique Fontes e professor Clementino de Brito.

A ella compareceram os Exms. Srs. coroneis Governador e Secretario Geral do Estado, o Exm. Sr. Bispo Diocesano, muitas autoridades estadoaes e federaes e grande numero de pessoas. A imprensa de todo o Estado fez-se representar, occupando lugares especiaes, sendo a *Revista Catharinense* representada pelo illustre Sr. coronel Francisco Barreiros.

Como orador official o nosso talentoso e illustrado collega Sr. Dr. Nereu Ramos proferiu um discurso bello pela fórma e admiravel pelos conceitos expendidos, seguindo-se-lhe na tribuna o distincto deputado Sr. tenente-coronel Sebastião Furtado, cuja oração foi, como a do Dr. Nereu Ramos, muito applaudida pela eloquencia de que se revestiu.

No proximo anno o dia 11 de Agosto será commemorado com um Congresso da Imprensa Catharinense, em Florianopolis. Para tratar da organisação desse congresso foi acclamada, em reunião havida no escriptorio do *Dia*, da capital, a commissão seguinte: Drs. José Boiteux, Nereu Ramos, Ferreira Lima, Thiago da Fonseca, Chrispim Mira, tenentes-coroneis Sebastião Furtado e Thiago de Castro, capitão-tenente Lucas Boiteux, major Francisco Margarida, coronel Ferreira de Albuquerque, professor Henrique Fontes, Horacio Nunes, major Luiz de Vasconcellos, José Johanny, e todos os directores da imprensa catharinense.

ERRATA

Na pag. 53, linha 20ª, onde se lê: *seu sabores*, leia-se:— *seus labores*.

EM AGRADECIMENTO

«——»

«Revista Catharinense» é o nome de uma excellente «magazine», que, sob a direcção criteriosa do sr. José Johanny, acaba de surgir na cidade da Laguna, conforme já noticiou a «Folha».

José Johanny é um moço dotado de talento, que se tem feito por si, unicamente por si, auxiliado pelos seus esforços próprios, e é por isso digno do nosso apreço e alta admiração.

Publicando a «Revista», José Johanny pensou, e com bastante acerto, que viria assim cooperar eficazmente para o bom nome e o desenvolvimento da nossa bôa terra, que até hoje não tem podido trilhar franca e decididamente o caminho do tão almejado progresso material e moral, como é o desejo de todos nós.

Aquí não faltam elementos; tudo possuímos, mas existe uma especie de entorpecimento, uma lethargia interminavel, que communica aos organismos uma lassidão inexplicavel.

Ha moços que trabalham, que produzem e para não irmos longe, temos o Lucas Boiteux, que conseguiu, após longos annos, com paciencia e muitos esforços, escrever a «Historia de Santa Catharina».

Este moço, distincto sob todos os pontos de vista, solicitou, segundo nos consta, ao Governo do Estado, no quadriennio passado para, por conta do erario publico, publicar seu precioso estudo; não sendo, porém, attendido sob o pretexto de que não havia verba.

Cremos, no emtanto, que o sr. Coronel Vidal Ramos, em começo ainda de governo, não allegará essa falta de verba e prestará mais esse valioso serviço ao Estado—mandando imprimir o livro de Lucas Boiteux, que condensa em suas paginas singellas a historia de nossa pequena patria, deste torrão em que nascemos e vivemos e a que Moreira Pinto chamou «Paraiso do Brazil».

Vinhamos a principio fallando da «Revista» de José Johanny, a qual nos encheu de contentamento, por vermos que ainda ha quem seriamente se preocupe com cousas de nossa terra.

Fazemos muitos votos de felicidade á «Revista» e que a sua publicação ora iniciada se prolongue por annos á fóra, como um vibrante attestado do nosso engrandecimento, do nosso valor intellectual e do nosso amor á terra de Santa Catharina, berço de heróes, patria de grandes homens.

NENO

(*Da Folha do Commercio*, de Florianopolis).

Revista Catharinense

Embora annunciada, ha mezes, surpreendeu-nos agradavelmente a visita da *Revista Catharinense*, cujo primeiro numero acaba de ser publicado na futura cidade da Laguna.

O fim da *Revista* é archivar os documentos que se referem á historia do nosso Estado.

Já de ha muito se fazia sentir a falta de tal publicação, de maior importancia para a historia da nossa terra, e ao illustrado advogado e jornalista lagunense, Sr. José Johanny, compete o merito de não ter recuado diante de difficuldades e sacrificios, realisando, emfim, este *desideratum* patriotico.

A feição do primeiro numero, a variedade da materia tratada e o corpo de excellentes cooperadores nos revelam a pujança e energia do nobre fundador, dando-nos esperanças fundadas de uma existencia longa e fructuosa.

E' de esperar que elle será secundado neste patriotico afan pela cooperação pecuniaria e sympathia dos patricios, sem o que perigam os mais nobres e uteis empreendimentos.

Ao intrepito iniciador, Sr. José Johanny, enviamos os mais calorosos applausos, desejando á *Revista Catharinense* um brilhante futuro.

(Da *Época*, de Florianopolis)

Revista Catharinense

JOSÉ JOHANNY, o primoroso escriptor que de ha muito cimentára os seus creditos de correcto estylista e admiravel prosador, acaba de atirar á luz da publicidade um interessante *recueil* de notas estatisticas, documentos historicos, paginas litterarias e informações uteis « referentes ás cousas e aos homens de Santa Catharina ».

A *Revista Catharinense*, que tal é o titulo da nova publicação, enfeixa nas 32 paginas do seu primeiro numero os seguintes trabalhos:

.....

Como se vê é brilhante e opulento o primeiro numero da *Revista* e, dado o espirito de combatividade e de firmeza do seu director, é de esperar que essa publicação vença os obices do indifferntismo, consiga transpor as barreiras do nosso condemnavel desprezo pelas publicações scientificas.

Ao distincto collega sr. José Johanny um caloroso e sincero *shake hands*.

(Do *Dia*, de Florianopolis)

DENOMINAÇÃO DE SANTA CATHARINA

« — — »

A denominação de Santa Catharina, dada á ilha do mesmo nome, não é de data tão recente como geralmente se suppõe, e, se é de crer que os primeiros expedicionarios ás costas do sul não lhe deram esta denominação, é muito possível que elles a tenham conhecido sob o nome de « ISLA DE LOS PATOS », ou, o que é mais provavel, sob a denominação portugueza de « ILHA DOS PATOS », por ser esta locução muito mais frequente entre escriptores portuguezes antigos, do que entre hespanhóes.

Sabe-se que os primeiros que correram as costas do sul do Brazil foram, após a descoberta, André Gonçalves, Gonçalo Coelho ou D. Nuno Manoel, entre 1501 e 1513, vindo como piloto mór dessas primeiras expedições Americo Vespuccio.

A primeira, pelo que consta, foi até ao golpho de S. Mathias, ou, de accôrdo com o estudo das cartas de Vespuccio a Solderini, até ás regiões austraes.

A segunda, pelas deducções mais provaveis, não passou de Cabo Frio.

Na primeira viagem, porém, Vespuccio não podia ter verificado a ilha de SANTA CATHARINA, nem lhe podia ter dado nome algum, como aliás o foi fazendo ás paragens em que sua esquadra ia tocando, porque ao chegar ao rio de S. Vicente, a tripulação, fatigada da longa e trabalhosa viagem, resolvera voltar.

O regresso, porém, não se fez ao longo da costa. Vespuccio, seguro da confiança que nelle depositavam os marinheiros que o acompanhavam, prometteu abrir-lhes novo trilho pelo oceano desconhecido e leval-os a Portugal por um caminho inteiramente novo.

E a 13 de Fevereiro de 1502 a fróta, fazendo-se ao mar, tomou rumo de Portugal; mas, ao achar-se para mais de 500 leguas do ultimo porto que a abrigára, desencadeou-se tão forte tormenta, que os obrigou a navegar em arvore secca.

Aos 2 de Abril avistaram terra deshabitada e inculta, e « o granizo era tão espesso que difficilmente os tripulantes se poderiam ver uns aos outros ».

Bougainville acredita que as terras entrevistadas nesta viagem pelos portugueses correspondiam ás ilhas Malvinas; Navarrette julga que bem poderiam ser o grupo de « TRISTÃO DA CUNHA »; Humboldt se pronuncia pela costa patagonica; Gaffarel e Gariot, de quem tomamos esta citação, acreditam com Duperrey e Varnaghen, que Vespuccio acabava de descobrir a « NOVA GEORGIA, OU GEORGIA DO SUL ». (Congrés des Americanistes, Paris, 1890).

Da mesma sorte Magalhães não a conheceu; pois, se assim acontecesse, o *Diario* de Francisco Albo não deixaria de mencionar semelhante facto.

Quanto a Solis, parece, segundo as suas proprias palavras, que elle foi surgir muito mais ao sul, no RIO DE LOS PATOS, a 34° e UNTERCIO, situando-o o *Diario* do mesmo, entre o Cabo de SANTA MARIA e MONTEVIDÉO.

Navarrette, que publica o *Diario* de Solis, dá-lhe a mesma posição, assegurando que a meio d'elle (Montevidéo) e Cabo de Santa Maria, ha um rio que se chama « RIO DE LOS PATOS ».

Vê-se, pois, que não é entre esses primeiros exploradores e viajantes que se pôde procurar a denominação da ilha, e mesmo geralmente se acredita que a ilha de Santa Catharina tomou esse nome da filha mais velha do paulista Francisco Dias Velho, a quem a tradição accrescentou Monteiro, do nome do filho do mesmo — José Pires Monteiro.

Conta-se que Francisco Dias Velho partira do porto de Santos pelo anno de 1651, em companhia de dous filhos, duas filhas, quinhentos indigenas domesticados, um homem branco, chamado José Tinoco, que tambem se acompanhava de sua familia composta de sua esposa, um filho e duas filhas, e com estes elementos começara a povoar a então deserta ILHA DOS PATOS, tendo sido o seu primeiro cuidado levantar uma igreja, ou ermida, dedicando-a á SANTA CATHARINA, do nome da sua primeira filha.

Deste facto, accrescentam, originou-se o nome da ilha, generalizando-se posteriormente á região que hoje constitue o ESTADO DE SANTA CATHARINA. (V. de S. Leopoldo, *Annaes*; Almeida Coelho, *Mem. Historica*).

A autoridade dos escriptores que affirmam terem recebido estes factos da tradição de seus maiores, foi radicando no animo de todos esta convicção e hoje passa como um facto sem contestação a genese legendaria.

E' tempo, porém, de apurarmos o que ha de verdadeiro em tudo isto e restabelecermos a verdade historica diante de documentos positivos e já ha algum tempo publicados.

Francisco Dias Velho não tinha o sobrenome de Monteiro;

não tinha filha que se chamasse Catharina, e não foi em 1651 que partira do porto de Santos para povoar a ilha de Santa Catharina.

Para restabelecermos estes pontos basta-nos a autoridade de Pedro Taques, que, no dizer do Sr. Capistrano de Abreu, é um dos mais profundos investigadores da Historia Patria que tem havido. (C. de A., *Descobrimento do Brazil*, Rio, 1888.)

Na sua *Nobiltarchia Paulistana*, publicada no volume 34 da REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO do Rio de Janeiro, pag. 24, lê-se que era Francisco Dias Velho filho de outro de igual nome.

Foi aquelle, continúa, quem primeiro penetrou no sertão dos PATOS e RIO DE SÃO FRANCISCO para o sul, até o Rio Grande de S. Pedro.

Se não tivesse sido tão retardada a publicação da obra de Pedro Taques; de certo não seria por tanto tempo deslustrada a memoria do intrepido paulista, que succumbio, não para acautelar a prata que do Corsario Lewis havia roubado na praia deserta das Canavieiras, como assoalhou Monsenhor Pizarro, mas para defender as sagradas imagens do sacrilego attentado que os belgas queriam commetter, quando de improviso saltaram na ilha para roubar a nascente colonia e se passaram para a igreja, depois de terem posto fogo em tudo.

Ahi, no templo, que á sua custa tinha construido, perdeu a vida, como legitimo defensor dos interesses collectivos da nascente colonia, que tão arrojadamente fundára.

Tinha aprendido com o pai, nas entradas que com elle fazia ao sertão dos PATOS, o modo e valor de conquistar gentios, e querendo educar o filho na mesma disciplina, mandou a José Pires Monteiro ao sertão do sul em 1673, com cento e tantos homens de sua administração, afim de escolher um sítio propicio para assentar nova povoação, e José Pires Monteiro agradando-se das excellentes terras da ilha de SANTA CATHARINA, deu logo começo a plantações.

Dois annos depois, em 1675, foi o proprio Dias Velho a esta povoação, levando comsigo novos elementos para seu desenvolvimento e voltando em 1679 requereu, na Villa de Santos, ao Governador da Capitania, diversas datas de terras, situadas uma na ilha onde já havia igreja de Nossa Senhora do Desterro, outras no continente, sendo uma destas no ESTREITO, onde já tinha uma feitoria.

Todas as terras requeridas lhe foram cedidas por sesmarias « em attenção ao grande serviço que fez á Sua Magestade com a nova fundação e povoação das terras de SANTA CATHARINA.

Segundo Pedro Taques, esta representação e sesmarias se acham registradas no cartorio da provedoria da fazenda real de

São Paulo, no livro dos registros das sesmarias n. 13, título 1673, pag. 781.

Os que se occupam da historia da fundação de SANTA CATHARINA e não conhecem os acontecimentos referidos por Pedro Taques, remontando-lhe a fundação a 1651, difficilmente explicarão os factos, pelo mesmo relatados, de ainda em 1720 requerer um filho de Francisco Dias Velho, ao Ouvidor Geral da Repartição do Sul, Raphael Pires Pardino, terras em SANTA CATHARINA. E ainda mesmo que conseguissem ser o requerente Francisco Pires Monteiro, ao tempo da fundação de tenra idade, parece inaceitavel que um octogenario podesse ter velleidades de povoador, e que o seu irmão mais velho João Pires Monteiro, provavelmente nonagenario, estava em S. Paulo com o mesmo animo de vir occupar os sitios que seu pai fabricára.

A *Nobiliarchia Paulistana*, porém, esclarece perfeitamente todos estes factos e o que ha de obscuro e inexplicavel desaparece ao saber-se que foi Francisco Dias Velho, o pai, quem primeiro penetrou no sertão dos Patos e rio de S. Francisco para o sul, até ao Rio Grande de S. Pedro, vindo a fallecer em 1645.

Francisco Dias Velho, o povoador, como lhe chama Taques, acompanhando seu pai nessa excursão, ficou conhecendo as terras que percorrêra, e em 1673, como já dissemos, resolvido a fundar povoações, mandou a estes mesmos sertões a seu filho José Pires Monteiro á testa de uma bandeira, para escolher um paradeiro que mais vantagens offerecesse á fundação de uma nova Villa e José Pires Monteiro, estabelecendo-se nas excellentes terras de SANTA CATHARINA, começou a agricultural-as.

A fundação portugueza de SANTA CATHARINA não deve, portanto, ir além de 1673.

O que se pode apurar de tudo o que deixamos acima consignado é que, tendo fallecido Francisco Dias Velho, o pai, em 1645, não poderia ter sido o fundador de SANTA CATHARINA em 1651.

E Francisco Dias Velho, filho do primeiro, embora tivesse ido com seu pai á conquista de indios bravos nos sertões do sul, só veio fundar a Villa depois que seu filho José Pires Monteiro fez plantações na ilha de SANTA CATHARINA, o que occorreu em 1673.

Resulta ainda dos traços biographicos que nos dá Pedro Taques, de Francisco Dias Velho, o character nobre e altivo do povoador da ILHA DE SANTA CATHARINA.

Não podemos por isso admittir o acto de selvagem pirataria attribuido a Dias Velho por Monsenhor Pizarro, como aliás já o dissemos, e, se quizermos ainda nos socorrer da *Nobiliarchia Paulistana*, que é a melhor fonte de informações que temos a respeito

desses remotos acontecimentos, veremos que o facto de sua morte dentro da propria igreja que fundou e que tinha a invocação de Nossa Senhora do Desterro, occorreu em 1692, com a vinda dos piratas belgas.

Mas para ainda accentuar a dignidade do honrado proceder do illustre paulista, vamos mais uma vez tomar o Taques, o facto pelo mesmo relatado, que está em pleno desacordo com o que se tem dito a respeito do character de Francisco Dias Velho.

Refere Taques que dentro da mesma ilha entrou de arribada um patacho inglez, cujo capitão era Thomaz Frins, e pirata. O capitão-mór foi a bordo, prendeu esse capitão e os mais inglezes e baldeou para terra, por inventario, todo o cabedal que lhe achou e os remetteu presos á sua custa á Villa de Santos, onde se achava então de correcção o Dr. Ouvidor Geral, Thomé de Almeida e Oliveira.

No auto de perguntas feitas ao capitão inglez confessou elle que, sendo arribado á ilha de SANTA CATHARINA, fôra preso pelo capitão-mór Francisco Dias Velho, que lhe inventariára toda fazenda, constante do mesmo inventario que havia remettido com elle capitão e todos os seus companheiros.

Este cabedal reverteu á Real Fazenda, devido sómente ao zelo do integro capitão-mór.

Fica assim explicada a historia da fundação portugueza da ILHA DE SANTA CATHARINA por Francisco Dias Velho, que ao construir a igreja a custa de sua propria fazenda, dotou-a de altar-mór e collecteraes, dando-lhe a invocação de Nossa Senhora do Desterro, nome que conservou até o anno de 1895, época em que, por lei do Congresso Estadoal, passou a denominar-se FLORIANOPOLIS.

Quanto á denominação de SANTA CATHARINA, dada á ilha, essa é muito mais antiga, como passamos a demonstrar.

Paulo José Miguel de Britto, autor de uma memoria historica escripta em 1816 e publicada em 1829, sobre a ILHA DE SANTA CATHARINA, expõe que fôra Martim Affonso de Souza quem deu á ilha, até então denominada dos PATOS, o nome de SANTA CATHARINA, sem duvida, accrescenta, pela avistar a 25 de Novembro, dia desta Santa Virgem e Martyr.

Esta opinião, porém, não encontrou éco; não logrou fazer carreira.

Em 25 de Novembro já Pero Lopes, que foi o chronista da expedição de Martim Affonso, achava-se no Rio da Prata e no dia seguinte chegava fronteiro á ponta onde depois fundou-se a Colonia do Sacramento e, de volta, só chegou ao porto dos Patos na sexta-feira, 4 de Janeiro, e ao sol posto, como melhor se pode ver do seu *Diario*, publicado na *Revista Trimensal*, tomo 24.

Varnhagen, nos commentarios ao *Tratado de Gabriel Soares*, em a nota 67, diz que o nome de SANTA CATHARINA foi dado pelos castelhanos da Armada de Loaysa. Antes, continúa, chamavam-lhe ILHA DOS PATOS, e já lemos que os indigenas a denominavam *Xeremirim*. (*Revista Trimensal*, tomo 14.)

Na *Historia Geral*, porém, modifica essa opinião e diz que Caboto, tendo aportado á PERNAMBUCO, onde já encontrou a feitoria portugueza, seguindo a navegação para o sul, só avistou de novo terra nas alturas da ilha, a que então poz o nome de SANTA CATHARINA.

Candido Mendes, opinando que Caboto não foi á Cananéa, sustenta que a sua arribada no nosso littoral foi na ilha dos PATOS, por elle denominada de SANTA CATHARINA. (*Revista Trimensal*, tomo 40.)

O que, porém, se pode tomar como certo, é que ILHA DOS PATOS era a denominação européa, principalmente portugueza, da ilha a que as tribus que a habitavam denominavam XEREMIRIM (Varnhagen), JUREMIRIM (Almeida Coelho), JUCUMIRIM (Saint-Hilaire), SCHEREMERIN (Hans-Stade), que todos traduzem por *bocca pequena*, denominação que se deriva do estreito que a separa do continente e que une as duas largas bahias.

A denominação de PATOS tambem é ponto controverso.

Acreditam alguns que a denominação lhe veio de terem os castelhanos que se dirigiam ao Rio da Prata, ou que procuravam o caminho das Molucas, deixado alguns destes palmipedes nas suas aguas e que pelo desenvolvimento espantoso que ahí tiveram, deram o nome á bahia.

Outros o julgam derivado de uma nação indigena chamada PATOS.

Alguns supõem mesmo que fôra Pero Lopes de Souza, quem assim a chamara, não em 1531, quando em companhia de seu irmão Martim Affonso, viera até o Rio da Prata, mas em uma das suas primeiras explorações ás costas do BRAZIL, na viagem, provavelmente, que lhe é attribuida por Francisco da Cunha, no principio do reinado de D. João III.

(*Continúa*)

Luiz Gualberto

DO INSTITUTO HISTORICO

2.97



ESTUDOS ARCHEOLOGICOS

—«»—

Os sambaquis no Sul de S. Catharina

1880

(Continuação da pag. 48)

« Só depois de haver estabelecido um juizo certo sobre a natureza primitiva dos autochthones brazileiros, poder-se-ha continuar a mostrar como se formou o seu estado moral e physico por suas relações com os emigrantes; em que estes influiram por leis e commercio com os indios; e qual a parte que toca aos boçaes filhos da terra no desenvolvimento das relações sociaes por portuguezes emigrados.

« Não ha muito tempo eram considerados os aborigenes do Brazil como uma amostra do desenvolvimento possivel do homem, privado de qualquer revelação divina, na vereda das suas necessidades e inclinações physicas, vivendo unicamente por sua razão instinctiva. Enfeitado com as cores de uma philantropia e philosophia enganadoras, consideravam este estado como o primitivo do homem; procuravam explical-o e d'elle derivaram os mais singulares principios para o direito publico, para a religião e para a historia.

« Investigações mais aprofundadas, porém, provaram aos espiritos desprevenidos que aqui não se trata do estado primitivo do homem, e que, pelo contrario, o triste e penivel quadro que nos offerece o actual indigena brazileiro, não é senão o *residuo* de uma muito antiga, posto que perdida civilisação.

« Logo que nos tivermos compenetrado d'esta opinião, estender-se-á o passado da raça americana para uma época encoberta de escuridão, e esclarecel-a será tarefa tão espinhosa quão cheia de interesse. A vereda, que o historiador deve trilhar n'este campo não pode ser outra senão esta:—Em primeiro logar devemos considerar o indigena brazileiro em suas manifestações exteriores como ente physico e comparal-o com os povos visinhos da mesma raça. O passo immediato nos levará á esphera da alma e da intelligencia d'estes homens; a isto se ligam investigações sobre a extensão de sua actividade espirital e como ella se manifesta por documentos historicos.»—Eis, pois, a opinião desse sabio escriptor.

Realmente, como escrever a historia pátria, com todas as particularidades, olvidando o historiador a vida e a civilização dos primeiros povoadores deste vasto paiz?

Pensamos que, em época remota, reinou uma civilização superior entre os antepassados dos selvicolas brasileiros.

Quem tiver lido os trabalhos dos viajantes antigos, quem attender para as observações feitas, ha seculos, pelos jesuitas e outros; quem lêr as cartas dirigidas por Nobrega e Anchieta aos seus superiores, reconhecerá a veracidade desta opinião; pois todos elles affirmam que a costa do Brazil era povoada por indigenas que, sem duvida, possuiam algum gráo de civilização, visto a facilidade com que obedeciam e observavam as suas doutrinas e practicas, civilização herdada de seus antepassados. Não temos conhecimentos especiaes para devassarmos esse passado, para estudarmos o indigena encontrado na época do dominio portuguez, comparando-o com os da interior e com os dos nossos dias; porém não duvidamos affirmar que, em breve, a sciencia apresentará ao historiador mais um facto verdadeiro, digno de figurar na historia patria.

A costa do Brazil, especialmente a da provincia de Santa Catharina, contem innumerous *sambaquis*, conhecidos pelo povo por *casqueiros*, ou *montes de berbigão*. A Laguna, porém, comarca onde residimos ha mais de quatro annos; é a localidade que possui maior numero de *sambaquis*. Conhecemos, entre outros, os sitios nos logares que passamos a mencionar.

CIDADE

Morro da Rozeta, no Campo de Fóra, arrabalde (littoral); **Morro do Magalhães**, arrabalde (littoral). Diversos á margem da lagoa do **Camacho**; outros nos campos da **Carniça**; e alguns na **Ponta do Perrixil**, estreito que fica entre as grandes lagoas de Santo Antonio e de Sant'Anna.

FREGUEZIA DO MIRIM

Na **Passagem Rio Una**, no lugar denominado Thomé Silveira (distante do mar). No lugar conhecido por **Sambaqui**, proximo ao rio Una.

FREGUEZIA DA VILLA NOVA

Entre **Guayuva** e **Villa Nova**, á margem da lagoa de Sant'Anna, ha um bem notavel.

FREGUEZIA DA PESCARIA BRAVA

Entre outros encontra-se um de altura extraordinaria á margem do rio **Siqueiro**, no povoado do mesmo nome.

(*Continúa*)

Francisco Izidoro Rodrigues da Costa

PRIMEIRO DE JANEIRO (*)

— « » —

Sento-me á beira da corrente e fico
mudo e quedo a scismar. Passam as aguas,
passam sempre a gemer, baixinho, a medo,
qual si chorando fôsem as saudades
da sua origem, na montanha—longe. . .

*
* *

Triste ou feliz, de flôres matizado,
ou crivado de espinhos dolorosos,
do anno que finda—o derradeiro dia
marca uma data funda, imperecível
da humanidade nos annaes. . . Ai! quantos
mysteriosos arcanos no seu seio
encerra o anno que a carreira enceta
nos arraiaes da vida! . . . Penetral-os
quem pode? . . . quem desvenda o seu destino
no meio d'essa nevoa opaca e densa? . .

*
* *

O anno que finda nós vivemos todo,
cantando ou a chorar, ricos ou pobres,
nos esplendores do prazer, das festas,
ou nas sombras da dôr que fere e mata. . .
Viveremos acaso o anno que chega? . .
Quem sabe? . . Quem, incólume, na lucta,
n'esta lucta tremenda da existencia,
passará? . . Quem, vencido, irá tombando
na longa estrada que se chama—Vida? . .

(*) Esta poesia foi vasada em um artigo em prosa que publiquei ha alguns annos.

*
* *

Ditosa a humanidade, oh! bem ditosa,
A quem o Deus Supremo da Bondade
não concedeu o dom da presciencia!

Rôla do tempo na fatal voragem
um anno mais, apenas perdurando
uma lembrança que,—vivaz,— aos poucos
vai, lentamente,—fugitiva e triste,
esmorecendo até perder-se, vaga,
como uma nuvem que o tufão arrasta
e, desfazendo vai no espaço infindo,
tê consumir-lhe o ultimo pedaço!

Passa-se o tempo—assim qual passa um sonho...
como as aguas do grande rio da vida,
ora serenas, transparentes, meigas,
como crystal polido, murmurando...
ora revoltas, rugidoras, negras,
rapidas correm, demandando os mares
da eternidade... além!... Lapidés quantas,
tumulares, pesada e friamente,
tombaram, suffocando com seu peso
as mais doces, mais caras esperanças,
as mais ridentes, puras alegrias,
os corações mais sãos e generosos,
os mais castos, mais candidos amores...
Novos sêres, ai! quantos! sorridentes,
das trevas no ignoto levantaram
as frentes esplendentes e orgulhosas,
para entrarem nas luctas da existencia,
para vencerem na batalha ingente,
colher em louros, e ovações, e festas,
e após voltarem,—solitarios, mudos,
ao frio pó de que surgiram fortes!...

*
* *

O amor passa, a gloria vôa,
murcha a palma triumphal,
perdem-se as flôres, á tôa,
batidas do vendaval...

e o tempo,—o tempo inconstante,—
na sua eterna jornada,
na mão enorme e pesada
nos leva tudo afinal...

sorrisos, canticos, sonhos,
auroras, tardes de amôr,
noites d'ideaes risonhos,
das alegrias a flôr,
gosos, visões peregrinas,
almas roseas da bonança,
e, finalmente, a esperança,
que é todo o nosso vigôr. . .

Trabalhar? . . Luctar? . . Da gloria
ambicionar o esplendôr? . . .
Cantar hymnos de victoria? . . .
Ser grande, forte e senhor? . . .
—Desejo inutil! Si tudo
acaba co' a creatura,
si á beira da sepultura
perdemos todo o valôr! . . . (*)

Ha n'essa philosophia
tão rasgada de afflicção,
tão dolorosa, tão fria,
tamanho desolação,
que a noss'alma se confrange,
que a nossa mente estremece,
que a noite descer parece
sobre o nosso coração!

Quando mesmo a vida fosse
como uma nuvem nos céos,
levada da brisa doce,
ou dos negros escarcéos;
quando fôsse um simples fumo,
uma dôida fantasia,
morrendo de dia a dia,
sem a lembrança de Deus...

(*) Pensamento em prosa de um escriptor francez.

—não vale nada um sorriso
 que vem noss'alma expandir?...
 —um raio, mesmo indeciso,
 de luz—a vida a florir?...
 —um canto que nos embala
 o coração docemente,
 e que anima a nossa mente
 a caminhar, progredir?..

Depois... o tempo se passa...
 passa o dia o dia após,
 ora sorriso de graça,
 ora dôr tremenda e atroz...
 passa a fragil creatura,
 passa o homem pela vida
 como uma sombra perdida
 no tempo,—passamos nós!

*
 * *
 *

Termina um anno, e outro levanta-se e caminha,
 outro succede e passa no mar largo da vida,
 ora trazendo as rosas da calma paz florida,
 ora deixando as urzes da lagrima e da dôr...
 Nós,—pobres peregrinos d'esta ignota estrada,
 nós,—pobres viajôres da grande romaria,
 prostrados tombaremos,—hoje, amanhã, um dia,—
 do nada na voragem, da morte no negrôr...

Assim tambem cahiram nas pedras do caminho,
 cegos, sem voz, perdidos, exhaustos forasteiros,
 tantos e tantos, tantos dos nossos companheiros,
 n'um arquejar postremo, n'um derradeiro arfar...
 e se sumindo foram—uns após outros—todos,
 nas ondas marulhantes da fria eternidade,
 de si deixando apenas—aqui uma saudade,
 ali—uma lembrança, que hão de tambem passar...

Antes da vida—o nada...—depois da vida—o vácuo,
 o abysmo imponderavel, o pavido ignoto...
 Aqui,—chora o mendigo, triste, faminto, roto,
 folga a riqueza louca, folga a opulencia em flôr...

Aqui,— sorriso, pranto, hymnos de amôr dourado,
soluços de agonia, tormento, dôr, martyrios,
a rósea flôr do goso, tristes, sombrios lyrios
a morte relembrando no seu triste pallôr...

Não ha rispido orgulho que restitua ovante
da vida o ar aos bronchios que á morte já cederam,
não ha ouro, riqueza que áquelles que morreram
façam pulsar ao menos um dia o coração...
não ha vaidade, força, grandeza, poderio
que ergam da tumba fria materia corrompida,
e digam-lhe:— Caminha! caminha! Eis-te na vida,
da vida nós te damos a luz, a agitação!

*
*
*

Para aquelles que crêm de Deus na Essencia,
como nós cremos com fervente ardôr,
sóbe a noss'alma ás regiões ethereas,
indo viver no seio do esplendôr.

Vai receber o desejado premio,
a recompensa a que direito tem,
si foi na terra bemfazeja e candida,
si fez na terra,— carinhosa,— o bem.

Finda a sua missão a vil materia:
surgio do — nada — e para o — nada — vai...
passa — qual sol no firmamento rútilo,
qual nuvem que no espaço além se esvai...

Deixa em começo — dolorosas lagrimas,
de uma saudade a pungitiva dôr;
depois uma lembrança apenas timida,
depois... nem mesmo uma saudosa flôr...

*
*
*

E quantas ambições! quantas peijas loucas!
 quantos odios de fel! quantas vinganças más!
 quanta vaidade audaz! quanto mesquinho orgulho!
 em sangue a mergulhar, como um chacal voraz!

Feito do mesmo lôdo, ao mesmo lôdo todos
 voltam a desfazer-se em feia podridão,
 voltam a transformar-se em vermes nauseabundos,
 vão victimados ser da mesma corrupção!

O nababo, que passa em carruagem d'ouro,
 com seu orgulho insano os pobres a esmagar,
 e o misero mendigo, — esquálido, sem nome, —
 que a mão, humilde, estende, — aonde vão parar?

Ao mesmo negro pó, á mesma negra lama,
 dos vermes frios, vis, ao mesmo revolver,
 ao silencio infinito, ao silencio do nada,
 sem siquer entre os dois uma diff'rença haver...

A rica sêda e a pobre e misera estamenha,
 o velludo opulento e a chita já sem côr,
 são desfeitos ali pela humidade fria
 do mesmo lodaçal, do mesmo frio horrôr!

*
 * *

E á beira da corrente eu fico quedo e mudo,
 a meditar... em que!.. N'este mysterio fundo
 da vida, do existir... n'esta comedia insana
 que a vida representa e tem por palco o mundo...

Vida, o que vales tu, — vida que vens e passas...
 — nuvem, sonho, illusão, durando um só momento?... —
 Não vales o sentir de uma saudade ao menos,
 não mereces talvez siquer um pensamento!

1909.

Horacio Nunes

João Henriques



O auxilio pedido pelos catharinenses aos abnegados patriotas que em 12 de Setembro de 1836 haviam na cidade do Jaguarão proclamado a Republica Rio Grandense, não se fez esperar; assim é que os lagunenses, secundados pelas forças de mar e terra enviadas respectivamente sob os commandos de José Garibaldi e David Canabarro, a 23 de Julho de 1839, expulsavam as guarnições imperialistas que se achavam na então villa da Laguna e nella instituíram a Republica Catharinense a 29 do mesmo mez.

Constituído o governo, tendo por séde a mesma villa, elevada á cidade com o nome de Juliana, foi um dos seus primeiros actos investir o coronel Canabarro, promovido ao posto de brigadeiro, do commando das tropas de terra e José Garibaldi, no posto de capitão-tenente, no de chefe da flotilha republicana.

Entre os valiosos elementos cahidos em poder dos republicanos contavam-se a escuna de guerra *Itaparica* e as canhoneiras *Lagunense e Sant'Anna*.

Com esses navios e mais o *Seivale Caçapava*, organisou Garibaldi a esquadilha que, sob a nova bandeira, mar em fóra, iria muito em breve levar ataque aos navios imperiaes que pela costa cruzavam.

Tendo perdido no naufragio ao transpor a barra do Araranguá, no *Rio Pardo*, seus melhores officiaes, precisou Garibaldi, antes de emprehender o seu ouzado cruzeiro pela costa, de um homem intelligente, activo e energico, a quem, durante sua ausencia, entregar a guarda e defesa do porto da capital. Não buscou muito, porque o encontrou na pessoa do valente lagunense João Henriques, como pouco antes, para si, havia encontrado em Annita o mais extraordinario dos thesouros,

Basta este facto para aquilatar das qualidades que exornavam aquelle que em breve ia pagar com a vida a honrosa investidura que lhe confiára a nascente republica.

Como substituto de Garibaldi tomou o commando do *Itaparica*, nada esquecendo João Henriques para collocar a coberto de qualquer sorpresa o posto sob sua guarda.

Quando Garibaldi regressou do cruzeiro, perseguido incessantemente pelos navios imperiaes e depois de ter sustentado desigual combate em Imbituba, onde Annita se revelou a extraordinaria mulher que foi, ao entrar na Laguna, já encontrou tudo desperto e aparelhado para a heroica resistencia que se operou a 15 de Novembro.

Em marchas forçadas, por terra, sob o commando do coronel Santos Pereira vinham 2000 homens e por mar, tocados por vento fresco, sob o commando do capitão de mar e guerra Mariath, se approximavam em demanda da barra, treze navios para dar combate aos republicanos.

Ao primeiro tiro, disparado por Annita, de bordo do *Itaparica*, onde se achava ao lado de João Henriques, acode pressuroso Garibaldi, que á terra tinha ido observar o movimento do inimigo. Não pode resistir a pequena flotilha ao peso de tantos canhões: é esmagada.

Do memoravel combate, em que de lado a lado se fizeram prodigios de valor, e que durou das duas ás cinco horas da tarde, só destroços da pequena esquadilha republicana cahiram em poder dos imperiaes.

« O combate foi terrivel, escreveu Garibaldi, e mais mortifero do que se póde imaginar; dos seis officiaes que assistiam nos navios só eu sobrevivi.

Todas as nossas peças foram desmontadas, mas continuámos o combate á carabina e não cessámos de fazer fogo durante todo o tempo em que pela nossa frente passou o inimigo.

Era um verdadeiro açougue de carne humana: caminhava-se sobre cabeças separadas do tronco e a cada passo tropeçava-se em membros dispersos. O commandante do *Itaparica*, João Henriques, jazia no meio de dois terços de sua equipagem: uma bala lhe tinha feito no peito um buraco capaz de deixar passar um braço. O infeliz John Griggs, tinha o corpo partido em dois, por um tiro de metralha, recebido á queima roupa. O busto ficára de pé no convéz da *Caçapava*, com o rosto intrepido, ainda purpureado pelo ardor do combate, mas o resto do corpo mutilado.

Em presença deste espectáculo apalpei-me e perguntei a mim mesmo como, não me tendo poupado mais do que os outros, pudéra ficar incolume ».

Morreu assim João Henriques, obscuro heróe, cujo nome é tão pouco conhecido na historia catharinense.

Teve elle por tumulo as aguas da laguna que banham a sua cidade natal e nas quaes tanto se illustrou.

Quando, no final do combate, as canhoneiras imperiaes nº 6 e 13 investiram para abordar a *Itaparica*, onde ainda fluctuava a insignia inimiga do chefe da esquadilha republicana, o incendio, que lavrava, ateado propositalmente por Garibaldi e Annita, atingindo o paiol da polvora, fez voar em estilhaços aquelle mutilado deposito dos restos dos valentes que o tripulavam.

Resta que alguém, amigo das tradiçções, procure entre os sobreviventes d'aquella epopéa os antecedentes do esquecido e obscuro heróe, afim de reconstituir a sua historia para exemplo futuro.

H. Boiteux

VELANDO UM BERÇO

Esta triste canção que estás cantando
Não cantes mais, querida,
Pois me parece lagrimas voando
Por sobre a nossa vida.

Dorme a nossa doentinha e está sonhando,
O' minha flôr dorida,
E ella póde pensar que estás chorando
E despertar sentida.

Põe fóra de tua alma
Orebanho de magoas que te punge,
Não fiques tristes, o teu receio acalma.

Ergue-te amado ser dilacerado
E na luz branda da esperanza te unge
Que Deus deu vida ao Lazaro enterrado.

Octaviano Ramos.

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

(*Continuação da pag. 50*)

E' verdade estar demonstrado que o azoto entre os animaes, do mesmo modo que o carbono entre os vegetaes, representa um papel dos mais importantes nos phenomenos physiologicos, mas é tambem evidente que os outros elementos não são menos necessarios á manutenção da vida. Por que collocar o azoto em primeiro lugar, de preferencia ao carbono, ao hydrogenio, ao oxygenio? Não ha primeiro nem ultimo entre o comburente e o comburado. Sem o oxígeno, que destroe, o azoto, que repara, não tem mais razão de ser. Combinados, todos esses elementos se prestam mutuo apoio; isolados, elles nada podem. Não é a agua, ainda, que entretem a flexibilidade dos tecidos e vehicula até aos ultimos reconditos do organismo os diversos elementos de nutrição dissolvidos no sangue? A agua fórma as quatro quintas partes do sangue. Sem a agua a vida interromper-se-ia evidentemente: a fibrina a albumina, os glóbulos em suspensão ou em dissolução não poderiam mais entrar na circulação geral.

Entretanto ha um alimento primordial, que parece dominar todos os outros: é o ar. A rigor pode-se supprimir quer a carne, quer os vegetaes, utilizando-nos sómente de um ou de outro; podemos, mesmo, sem grandes inconvenientes, abstermo-nos de alimentos solidos ou líquidos durante alguns dias; mas não se poderá, sob pena de morte, ficar além de alguns minutos sem respirar. O ar é, portanto, o elemento vital universal por excellencia, o grande motor da vida, e, pela combustão dos tecidos que elle provoca, activa ou modéra, segundo sua maior ou menor intensidade, o ar é, ainda, o supremo regulador da nutrição.

Entre os alimentos mais nutritivos occupam o primeiro lugar as carnes frescas de açougue, as aves silvestres e domesticas e os peixes. Vêm em seguida os farinaceos; depois em ultimo lugar, os legumes verdes e as fructas.

Ha, ainda, distincção entre estes ultimos. As bananas, por exemplo, a que os hespanhoes chamam *platano*, de onde elles derivaram o verbo *aplatanar*, que em seu sentido litteral significa *estupeficar, cretinizar*—as bananas servem de nutrição exclusiva a milhões de homens, que não vivem, entretanto, menos que nós, por lhes escassearem energia e intelligencia.

Os caldos ainda não gozam, scientificamente, de grande renome como alimentos reparadores. A analyse não dá para um litro de excellente caldo mais que 16 grs. 917, de materias organicas, contra 983 grs. 83 d'agua. Não tem valôr nutritivo apreciavel.

Isto o que diz a analyse; mas o estomago protesta, e cada um de nós, depois de uma boa chicara de caldo succulento, experimenta certo bem estar e tem a convicção de estar restaurado. O proprio Chevreul, autor da analyse e preparador do caldo analysado, não deixava nunca de o preferir a outros alimentos, em cada refeição, apesar da sua idade centenaria, que parecia exigir alimentação solida. O seu instincto affastava-se da balança do chimico. E' preciso crêr que ha no caldo alguma cousa que escapa á analyse.

Dá-se o mesmo com o leite. O analysta mais rigoroso não tem conseguido encontrar no leite traço, siquer, de fibrina. Sendo o leite, entretanto, a primeira e unica nutrição de todos os mammi-feros, de onde tirarão elles seus musculos e seu sangue, se o leite não contem a substancia indispensavel?

E' que na sciencia nem tudo ainda está claro como crystal.

Sob o ponto de vista da digestibilidade é muito difficil classificar os alimentos. A regra que temos para essa classificação é tão frequentemente infirmada pelas excepções, que bem se pode dizer que não ha regra. Os alimentos reputados os mais indigestos, taes a carne de porco, os mexilhões, as lagostas, os ovos duros, as azeitonas, os cogumellos, as saladas, são as vezes convenientes a muitos estomagos, que não poderiam tolerar substancias as mais ligeiras como o leite, os ovos crus ou quentes, certos peixes, etc., etc. Assim a salada, que é considerada de digestão difficil, não sómente é tolerada pela maior parte, como, até, para muitos tem acção digestiva.

Questão de sabor, de cheiro, de apparencia, de appetencia, de diáthese particular, de genero de occupação, de secreções, de condimentos, de estações e de latitude. Sob esse ponto de vista cada qual deve conformar-se com o seu temperamento, escolhendo o que melhor lhe convier.

J. B. Franc.

(Continúa)

A PROMESSA DE MARCOLINA

(Continuação da pag. 46)

Anninha fez-lhe sala até á chegada de sua mãe e de Marcolina, que haviam sahido. Quando a viuva entrou não franziu o sobr'olho vendo-os juntos, porque Richard entrára na sympathia da honrada senhora.

—Oh! estava ahi, Sr. Richard?

—Trouxe estes vestidos para ficarem promptos até o dia 20, disse o caixeiro, com um leve e picante sotaque francez.

—Até o dia 20! A madama anda agora muito apressada. Diga-lhe que aqui não ha machinas.

—Mas as senhoras trabalham tão depressa!

Richard despediu-se, e ao transpor a porta, os olhos d'elle e os olhos de Anninha encontraram-se por accaso. A formosa menina córou ternamente e sentiu que o seu coração batia mais apressado.

Dahi por diante, não era só a viuva quem vinha attender á Richard nas encommendas da modista. Ora Marcolina, ora Anninha, acodiam pressurosas ás palmas do gracioso moço e davam sempre por bem vinda a sua presença.

Marcolina, que advinhára qualquer cousa, ria-se para Anninha, ao ouvirem ruido na escada, e dizia maliciosamente:

—Temos encommenda, Anninha!

—Melhor!

—Mas não reparaste ainda, mana, que M. Augusta pensa mais em nós agora do que d'antes?

E desprendia uma gargalhada melodiosa e vibrante.

—Marcolina!

A viuva do coronel tambem notára a assiduidade de Richard junto de Anninha, mas não dissera palavra nunca. E Anninha? A propria irmã, até um dos días mais fataes de sua vida, não poude conseguir, por mais que tentasse, ouvir dos labios da outra o menor vislumbre de confissão amorosa.

—Pois não gostas de Richard?

—Gósto. E' um mocinho sério e...

—E bonito?

—Nem reparei ainda! acodia Anninha, erguendo com mimoso desdem os hombros. Para mim, Marcolina, a melhor belleza está na alma, e essa não se vê.

—Bravo! á minha philosopha!

Richard amava Anninha, e devéras.

Ha uma certa relação íntima e espontânea entre aquelles a quem o destino tem ferido nos seus mais caros sentimentos, que não é dado á creatura advinhar ou comprehender na vida. A orphandade de Richard pendia para a triste palidez de Anninha, á semelhança de certas flôres que só brotam na gramma que rodeia os tumulos, e crescem inclinadas sobre a terra que vai recebê-las em breve.

Mas, nunca da bocca de Richard sahira a mais simples palavra de amôr em presença de Anninha. O pobre rapaz deixava á linguagem dos olhos e dos suspiros a confissão de suas secretas mágoas. Como toda a mulher, desde Eva até á leitora desta historia, Anninha advinhára nos olhos e nos suspiros de Richard, o amôr que germinava naquella leal coração e naquella honesta alma.

No dia dos annos de Anninha, Richard trouxe-lhe por mimo um livro de missa, ricamente encadernado em velludo azul e prata.

A menina leu a oração da noite com os mais santos enthusiasmos de sua alma e de seu puro coração de donzella. O livro que Richard lhe offerecêra, tornou-se o seu Evangelho, a Biblia de sua mocidade e aspirações virginaes.

Morreu a viúva do militar. As filhas que rodeiavam-lhe a cama, ouviram de sua bocca, santificada pelas sombras profundas da eternidade, conselhos que só as mães e os anjos sabem proferir nos momentos solemnes.

—Olha bem para Anninha, Marcolina, suspirava a moribunda. A honra é uma cousa que se quebra com facilidade extraordinaria. Cuidado com a nossa honra, filhas!

Marcolina, pallida, forte e resignada, amparava a seu peito palpitante a cabeça desorientada de Anninha.

—Marcolina, tu és mais velha e conheces melhor o mundo do que ella. Salva tua irmã e salva-te!

—Sim, mamãe, sempre!

Richard bateu á porta.

Quando a moribunda vio o moço entrar no seu quarto, tentou, por um herculeo esforço, estender-lhe a mão livida e transparente.

Richard, com os olhos molhados e a bocca tremula, dirigiu-se á Marcolina.

A menina disse-lhe apenas:

—Mamãe está muito mal, Richard.

(*Continúa*)

Luiz Guimarães Junior.

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

Biographia

(Continuação da pag. 62)

A este tempo já Coimbra se achava na Laguna com sua companhia de granadeiros, e encarregado pelo vice-rei da promptificação de quartéis, transporte e viveres para o exercito, sendo-lhe necessario construir um grande armazem, no qual se recolhessem igualmente os petrechos de guerra, enviados do Rio de Janeiro para a fronteira do Rio Grande, bem como de fazer transportar artilheria de grosso calibre até á passagem do caudaloso Araranguá, distante da Laguna 10 leguas, facilitando dest'arte a marcha das tropas e petrechos com a necessaria brevidade, da qual dependiam gloriosos resultados. Para esta importante commissão lhe foi necessario empregar toda a actividade, economia e zelo do serviço, e tal que lhe grangeou agradecimentos e louvores do general em chefe.

Durante o tempo em que esteve Coimbra na Laguna com o character de commandante militar do districto, por commissão do governador da capitania, formou e disciplinou ali as companhias de milicias.

Promovido a major do 1º regimento de infantaria do Rio de Janeiro, denominado—regimento velho—recebeu ordem do vice-rei para deixar o commando da Laguna, e ir immediatamente incorporar-se ao seu regimento, que já se achava na fronteira do Rio Grande, onde os seus serviços se tornavam indispensaveis. Parte logo para a Villa do Desterro, e prestando contas na provedoria da real fazenda das sommas que lhe haviam sido confiadas para acudir ás despezas com o transporte do exercito, recebe agradecimentos bem merecidos do governador da capitania, Souza Menezes, pelos serviços que acabava de prestar, e os saudosos adeuses dos habitantes e do regimento que elle havia formado e disciplinado, e dirige velozmente a sua marcha para o Rio Grande, theatro da guerra, a colher á custa de fadigas e de combates, os louros que a victoria lhe destinava.

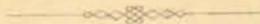
Encorporado ao seu regimento, o passaram para o de Extremoz a instancias do seu chefe o marechal de campo Chichorro, preenchendo a vaga que deixára seu irmão, major do mesmo regimento, fallecido ao transpor a barra da Laguna com grande numero de praças, pelo naufragio da jangada em que haviam embarcado.

Os creditos de intrepidez e habil official de que gozava pelos seus relevantes serviços, são agora ractificados da maneira a mais brilhante a face do exercito nas importantes commissões de que o encarrega o general, e foram esses predicados que determinaram o general a conferir-lhe o commando dos fôrtes da parte do norte da barra do Rio Grande, e onde no decurso de nove mezes patenteou a sua coragem, já no renhido combate que sustentou contra as fortificações hespanholas da margem opposta, já na protecção á entrada e sahida dos navios portuguezes, sobre quem o inimigo descarregava grossa artilharia. Nestes combates, em que os portuguezes perderam alguns soldados, se vio sempre Coimbra expor-se nos lugares mais perigosos, animando a tropa, tanto com expressões dignas de inspirar valor, como com exemplo da maior bravura.

Por este tempo (14 de Fevereiro de 1776) força a barra do Rio-Grande a esquadilha portugueza ao mando do chefe Roberto Makdewal, e tão vivo e constante fogo fez aos fortes inimigos em apoio da esquadilha, que ella poude ancorar no seu destino (villa de S. José do Norte), sendo notavel que ao mesmo tempo que no meio de tão forte refrega dava Coimbra o exemplo de intrepidez, tambem o dêsse de humanidade no prompto soccorro de lanchas para salvar os feridos da tripolação dos navios de guerra encalhados uns, e destruidos outros pelas balas inimigas, subindo á tal ponto neste dia de gloria para as armas portuguezas a sua actividade, que conseguiu durante a noite salvar a artilharia, petrechos de guerra, e viveres de um dos vasos encalhados, e para que o inimigo em alta maré não se apoderasse d'elle, reforçando a sua esquadra, com mais este vaso, o fez incendiar.

(Continúa)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.



Uma boa conducta vale mais do que uma bella fôrma, proporciona gozos mais elevados do que os que podem dar as estatuas e as pinturas: é a mais bella das bellas artes.

Emerson

MUNICIPIO DE BRUSQUE

(Continuação da pag. 41)

Esse affluent recebe o ribeirão da *Bella Vista*, que corre de L. para O., e nasce no Morro da Onça; o do *Salto* e o do *Thomaz Alves*. O rio das *Aguas Claras*, que nasce na serra da Nova Italia, também conhecida por Morro dos Polacos, recebe o ribeirão *Sete de Setembro* e outros menores, corre de S. a N. O. e despeja na séde do Districto das Aguas Claras. O ribeirão do Azambuja, que despeja proximo á séde da Villa. O Ribeirão da *Pomerania*, que nasce na serra de Vicente Só, e despeja abaixo da Passagem, caminho de Nova Trento: é conhecido também sob a denominação de Ribeirão do *Vicente Só*. O do *Poço Fundo*, que nasce na mesma serra e despeja na Pomerania. O da *Limeira*, que nasce no municipio de Itajahy e despeja no logar Limeira. Ha outros de menos importancia.

Pela margem esquerda: o ribeirão da Limeira, que nasce na Serra das Batêas, e vem fazer barra com o ribeirão das Batêas, na situação de João Carlos Reid. O das *Batêas*, que vem da serra do mesmo nome, recebe o Limeira, o Schesvig e o de João Pedro e despeja no Itajahy-mirim. O rio do *Lageado Grande*, que nasce nos contrafortes da Serra do Garcia, a S. O., corre de S. para N. E. até desaguar no principal e em terra do Wogil, nos limites da Villa. Este rio, cujo percurso é de cerca de 60 kilometros, recebe os seguintes ribeirões: o da *Planicie Alta*, que nasce nas contra-vertentes da Serra do Garcia; o do *Lageado Pequeno*; o do *Slsruclphal*, o do *Pomer Strasse*; o *Lorena*; o *Alsacia*; o *Botas*; o *Holeteus*, e outros menores, que correm pela margem direita. O ribeirão das *Aguas Crystalinas*, que recebe o do Pujol, nasce na Serra do Garcia, ao S. O. e corre de O. para E. O ribeirão do *Aguilhão*, que nasce do N., e outros muitos, menores, cuja enumeração seria fastidiosa. Além desses, temos mais os ribeirões do Gaspar Pequeno e do Gaspar Grande, que nascem ao Sul, na Serra da Batêa e Morro do Gaspar e, dirigindo-se para o norte, vêm despejar no Itajahy-assú; o rio Guabiruba, que nasce na contravertente da Serra do Garcia e dirige-se para o norte; e outros.

Reino Vegetal

A flora neste municipio é superabundantemente rica e luxuosa em todos os sentidos. As suas florestas, cuja magnificencia é deslumbrante, encerram infinita variedade de madeiras de construção, proprias, muitas, para marcenaria. Entre as variedades temos o

ipê, o araribá-roza, o cedro, o jácarandá, o pinho, a peroba, a canel-la, o oleo, a sapucaia, a massaranduba, o vinhatico, o jequitibá, o páo-setim, e outras.

Innumeras são as palmeiras, das quaes são conhecidas entre outras, as seguintes : o Palmito, o Girivá, o Butiá, o Ticum, a Jus-sara, o Indaiá, etc.

Entre as plantas medicinaes a exuberancia é enorme; assim, entre muitas, citaremos, apenas, a herva-moura, a japecanga, pari-paroba, o tajuá, o estramonio, conhecido, tambem, por figueira do inferno; o cardo-santo; o cipó-chumbo; o cipó-alho; a avenca; a al-téa; a herva de Santa Maria; o cambará; o jaborandy; a ipecacua-nha; a mamona; a baga do caçador; a caroba, etc.

Entre as especies de arvores fructiferas a variedade tambem é grande e, assim, contam-se: laranjas de differentes qualidades, limas, limões, mamão, abobora, romã, ananaz, uvas, pecegos, figos, ameixas, peras, marmelo, bananas de diversas qualidades, abacate, cajú, jaboticaba, pitangas, cambucá, melancias, granamixamo, araçá, goiaba, etc.

Reino Animal

No reino animal é tão grande a variedade, que difficil seria a sua minuciosa descripção. A caça abunda em todo o municipio admiravelmente e a par della ainda encontra-se a onça, o gato do matto, o cachorro do matto, a irara, o tamanduá, etc.

Na classe dos passaros a diversidade é grandiosa e bastante pomposa, não só pelas suas brilhantes côres, como pelo seu talhe elegante e vistoso. São os grandes e maviosos cantores desses verdejantes e luxuriosos bosques que, embriagando e extasiando aos que passam, vão narrando a grandeza e a magestade que existem nesta nesga de terra catharinense, e no afan generoso de tudo realçar, cantam todas as harmonias desvendando innocentemente os encantos desta terra esplendida.

São elles, entre outros muitos: o alegre e módulo canario; a saudosa juryty; o mavioso sabiá; o mimoso pintasilgo; o gentil tiê; o sonoro gaturamo; o chistoso guacho; a estridula araponga; a terna e pequenina coleira; o altivo tucano; a impetuosa arancuã; o lindo sahira, e tantos outros.

Reino Mineral

O municipio é abundante em mineraes. Conta minas de chumbo, ferro, manganez, ouro, prata, enxofre, marmore, platina, antracita, veias de linito e carvão de pedra.

(Continúa)

A. Moreira Gomes

ORATORIA SACRA CATHARINENSE

Panegyrico de S. Sebastião

(Continuação da pag. 59)

Porém o virtuoso Sebastião era um vaso de eleição, que o Senhor destinava para, com o exemplo, confirmar os seus filhos na Fé; era um prototypo de constancia e dedicação! Conhecei d'aqui, senhores, a repugnancia com que o nosso heróe acceitaria tão barbara missão! Forçado a testemunhar as scenas horrorosas, onde a innocencia succumbia aos golpes do fanatismo e da mais requintada ferocidade, seu coração estalava de dor: ouvindo os clamores que se levantavam ao Céu, de uma multidão de infelizes, arrancados pelo soffrimento das torturas, no momento em que se applicavam ao corpo tenazes ardentes, Sebastião encobria entre as plumas do seu capacete as lagrimas que se deslisavam de suas faces.

Chegou, porém, o momento marcado no grande livro do Eterno, em que de um capitão de perseguidores devia fazer-se um valente defensor da Religião do Nazareno, qual outro Saulo, que illuminado pelo reflexo da verdade converte-se no grande Apostolo das gentes, indemnisando com a penitencia, ardente zelo, innumeros soffrimentos, e, por ultimo, com a palma do martyrio, os males que havia causado ao Christianismo nascente.

Sebastião não pode por mais tempo abafar a voz da sua convicção, nem tem mais lagrimas para derramar em frente de tantas victimas. Abrazado de um fervor santo, que brilhava em seu rosto, surprehendendo a todos quantos se achavam presentes, á semelhança dessa aureola de luz impressa pela mão do Eterno sobre a fronte de Moysés, elle arroja a sua espada aos pés do algoz, e prostrado, elevando os olhos e as mãos ao Céu, exclama: « Deos dos Christãos, unico Deos verdadeiro, perdoai se até « aqui desprezei o vosso Evangelho; mas de ora em diante rece- « bei-me entre os vossos escolhidos. Eu creio que a vossa religião « é a unica santa, divina e salvadora. A constancia que tenho « observado em vossos martyres, a doçura e resignação, com que « recebem a morte, e o numero de Fieis, que crescendo de dia em « dia, parecem rebentar, como as plantas, do seio da terra, regada « e fertilisada com o proprio sangue, tudo me convence, de que « Jesus Christo é vosso filho, e divina a Religião annunciada pelos

« seus Discipulos ». Desde então assistia Sebastião aos martyrios unicamente para animar e fortalecer os mais fracos com palavras de consolação. Si se conduz mais uma victima ao supplicio, elle folga. Si ella parece hesitar em soffrer, elle a exhorta a padecer: aponta-lhe o Céu: lembra-lhe o premio que a espera, si morrer por Jesus Christo.

Assim procedia o nosso heróe, e Deos para recompensar tanta fé, outorga-lhe desde logo o dom dos milagres: e a esposa de Nicostrato encarregado do carcere em que jaziam os Irmãos Marcos e Marceliano, foi a primeira que recebeu este beneficio, sendo-lhe por intercessão e supplicas d'aquelle Santo, restituída a falla, que havia perdido.

Estes factos bem depressa chegaram aos ouvidos do Tyranno: manda immediatamente chamar aquelle outr'ora seu valido fiel, e procura, já com promessas, já com ameaças, apartal-o do seu proposito. Mas... Ah! Sebastião já pertencia ao rebanho do Crucificado; e uma apostasia era impossível da parte de tão santo varão. Assistido das luzes do Espirito Santo não teme lançar em rosto á Diocleciano tanta crueldade: procura convencel-o com irrefragaveis argumentos da verdade da Religião Christã; porém vendo que são em vão todos os seus esforços, reveste-se de coragem, pede-lhe o mais doloroso martyrio, roga-lhe que escolha o tormento mais atroz, porque deseja tambem derramar o seu sangue por amor da verdade.

Eil-o entregue ás mãos do algoz, e ligado ao tronco de uma arvore vai ser traspassado de agudas settas. O Martyr soffre com um semblante alegre e tranquillo, a dor desses golpes, e fixando os olhos no Céu parecia ter expirado. Iria, uma piedosa mulher, que costumava sepultar os restos mortaes dos illustres confesores de Jesus, aproxima-se ao lugar do martyrio, e qual não foi o seu assombro reconhecendo Sebastião ainda vivo! Ella exulta de prazer por ter salvado um discipulo do Redemptor, e trata de desembaraçal-o á sua habitação. Porém este nobre athleta da Fé não quer mais viver. Deixando velozmente a sua bemfeitora, que debalde com lagrimas pretende retê-lo, elle vai ainda apresentar-se ao Tyranno e até os ultimos momentos de sua vida confessar a Divindade de Jesus Christo. Foi então no meio de crudelissimos açoites, que este Glorioso Martyr consumou em Roma o seu sacrificio: e sua alma angelica rodeada de Seraphins, subio á mansão do Eterno, a receber a palma de seu estrondoso triumpho.

(Continúa)

Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva.

Notas Historicas

I

MINISTROS CATHARINENSES

NO IMPERIO

- 1º — **Conselheiro Manoel José de Souza França**, natural da Laguna. Pasta da Justiça, no 10º Gabinete, de 20 de Março de 1831.
- 2º — **Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho**, natural da Laguna. Pasta da Guerra e Marinha, no 27º Gabinete, de 2 de Fevereiro de 1844.
- 3º — **Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho**. Pasta da Guerra, no 37º Gabinete, de 4 de Março de 1857.
- 4º — **Conselheiro João Silveira de Souza**, natural de Florianopolis, então Desterro. Pasta dos Estrangeiros, no 47º Gabinete, de 3 de Agosto de 1866.
- 5º — **Conselheiro Manoel da Silva Mafra**, natural de Florianopolis. Pasta da Justiça, no 64º Gabinete, de 21 de Janeiro de 1882.

NA REPUBLICA

- 6º — **Marechal Antonio Nicolau Falcão da Frota**, natural de Florianopolis. Pasta da Guerra no 2º Ministerio, de 21 de Janeiro de 1891.
- 7º — **Almirante José Pinto da Luz**, natural de Florianopolis. Pasta da Marinha no 3º Ministerio, de 15 de Novembro de 1898.
- 8º — **Tenente-Coronel Dr Lauro Severiano Müller**, natural de Itajahy. Pasta da Industria e Viação no 4º Ministerio, de 15 de Novembro de 1902.

II

SENADORES CATHARINENSES

NO IMPERIO (1826-1889)

- 1º — **Padre Lourenço Rodrigues de Andrade**. Escolhido pelo Imperador D. Pedro I em 19 de Abril de 1826, teve posse em 5 de Maio. Falleceu em 18 de Abril de 1844. Foi a seguinte a lista triplíce que serviu para a escolha: 1º Padre Lourenço Rodrigues de Andrade; 2º, Diogo Duarte Silva; 3º Coronel de Engenheiros Aureliano de Souza e Oliveira.

- 2º—**Tenente-Coronel José da Silva Mafra**. Escolhido pelo Imperador D. Pedro II em 3 de Outubro de 1844, empossado em 27 de Dezembro do mesmo anno. Falleceu a 3 de Julho de 1871. Lista triplice que serviu para a escolha: 1º, Tenente-Coronel José da Silva Mafra; 2º, Coronel Joaquim Xavier Neves; 3º, Dr. Thomaz Silveira de Souza.
- 3º—**Almirante Jezuino Lamego Costa**. 2º Barão da Laguna. Escolhido em 12 de Dezembro de 1871, tomou posse em 4 de Maio de 1872. Falleceu a 16 de Fevereiro de 1886. Lista triplice para a escolha: 1º, Almirante Jezuino Lamego Costa; 2º, Marechal Francisco Carlos da Luz; 3º, Commendador José Ignacio da Rocha.
- 4º—**Major de Engenheiros Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay**, Visconde de Taunay. Escolhido em 28 de Agosto de 1886, tomou posse em 6 de Setembro. Deixou as funcções em 15 de Novembro de 1889, por ter sido dissolvido o Senado, ao proclamar-se a Republica. Lista triplice para a escolha: 1º, Dr. Alfredo Escragnolle Taunay; 2º, Coronel João da Silva Ribeiro; 3º, Conselheiro João Silveira de Souza.

NA REPUBLICA (3cadeiras—1890-1911)

- 1º—**Pharmaceutico Raulino Julio Adolpho Horn**, capitalista, eleito a 15 de Setembro de 1890, reconhecido em 11 de Novembro do mesmo anno, empossado no dia 15 de Novembro de 1889 e terminou o seu mandato em 31 de Dezembro de 1899.
- 2º—**Antonio Justiniano Esteves Junior**, negociante, eleito em 15 de Setembro de 1890, reconhecido em 11 de Novembro, empossado a 15 de Novembro do mesmo anno. Finalizou o seu mandato em 31 de Dezembro de 1896.
- 3º—**Dr. Luiz Delfino dos Santos**, medico, eleito a 15 de Setembro de 1890, reconhecido a 11 de Novembro de 1890, tomou posse em 15 de Novembro do mesmo anno e acabou seu tempo em 31 de Dezembro de 1893.
- 4º—**Coronel Gustavo Richard**, capitalista, eleito em 9 de Outubro de 1894, reconhecido em 19 de Novembro do mesmo anno, terminou o seu mandato em 31 de Dezembro de 1902.
- 5º—**Antonio Justiniano Esteves Junior**, capitalista, eleito em 31 de Dezembro de 1896, reconhecido em 18 de Abril de 1897, empossado á 3 de Maio do mesmo anno, e falleceu a 6 de Maio de 1900.

(*Continúa*)

Rodolpho Baptista de Araujo

NOTAS

Collaboradores da "Revista,"

As produções que estampamos neste fasciculo, firmadas pelos Srs. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, do Instituto Historico, Horacio Nunes, Capitão de Fragata Henrique Boiteux, Octaviano Ramos e Rodolpho Baptista de Araujo, são o inicio do valiosissimo concurso intellectual que esses distintos cavalheiros vêm prestar a esta publicação.

Denominação de Santa Catharina

Do nosso illustrado collaborador Sr. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, membro do Instituto Historico Brasileiro, começamos a publicar no presente numero um estudo muito substancioso sobre a denominação de *Santa Catharina*. Como se sabe era ponto controvertido a origem da denominação, já quanto a pessoas, já quanto á época. O Sr. Dr. Luiz Gualberto tratou de pesquisar o interessante assumpto historico e conseguiu demonstrar que foi *Sebastião Caboto* quem deu a denominação, em 1526, e não Francisco Dias Velho em 1637, como opinavam nossos historiadores.

Esse importante trabalho foi dado á publicidade no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 2 de Março de 1901.

Carta Pastoral

De S. Exa. Revma., o Sr. D. João Becker, Bispo da Diocese de Florianópolis, recebemos um exemplar da Carta Pastoral *Pro Ecclesia et Pontifice*, terceira que S. Exa. dirige aos seus diocesanos. E' um trabalho que muito honra o distincto Principe da Egreja, confirmando os conceitos, que com justiça goza S. Exa., de espirito finamente illustrado e altamente doutrinator.

Monumento á Annita Garibaldi

Nossos applausos ao operoso Sr. Dr. Celso Bayma pelo seu projecto auctoriçando o Presidente da Republica a auxiliar a erecção de um monumento, na cidade do Rio de Janeiro, em homenagem á extraordinaria mulher catharinense, cuja heroicidade fulgura na historia de dois mundos.

Sobre ser um dever civico, é mais um titulo para cimentar as sympathias que entre os catharinenses goza o joven deputado.



DENOMINAÇÃO DE SANTA CATHARINA

« — — »

(Continuação da pag. 72)

O *Diario* de Pedro Lopes, parece, aliás, justificar esta suposição, porque não emprega outras expressões sinão a de PORTO DOS PATOS, ILHA DOS PATOS, etc., embora já fosse conhecido desde 1529 o mappa de Diogo Ribeiro, que assignal-a o porto de SANTA CATHARINA ao norte do porto dos PATOS. E Alonso de Santa Cruz, que acompanhou Caboto na sua viagem de 1522, refere no seu *Islario*, publicado na obra de HARRISSE, que em 10 de Outubro de 1526 a armada avistou o cabo mais septentrional da ilha, a que Caboto deu o nome de TIERRA DE LOS PATOS, pela grande quantidade de *pajaros niños* ou *pinguins*, que alli encontrára.

Desta citação se parece inferir que Sebastião Caboto chamou, como os demais, *tierra de los Patos* á ilha de SANTA CATHARINA, onde, segundo se affirma, elle arribou.

A arribação, porém, de Caboto no nosso littoral sul, depois de ter estado na feitoria fundada por Christovão Jacques, em Itamaracá, não se deu na ilha dos Patos, conforme adianta o profundo Candido Mendes, deu-se, segundo o depoimento produzido em Servilha pelo proprio Caboto, e como se póde ver na mencionada obra de HARRISSE, na enseada de Tijucas, á qual Caboto lhe poz o nome de S. Sebastião, por ahi ter chegado, segundo depõe, na vespera do dia deste santo: (*HARRISSE — John Cabot the Discoverer of America and Sebastian his son.*)

Devia ser agradavel a Caboto dar ao porto onde primeiro arribou o seu proprio nome, embora disfarçada e modestamente faça acreditar que lhe dera esta denominação por ahi ter chegado na vespera do nome desse santo.

Segundo a propria narração, ou *Diario de Viagem*, escripto por Alonso de Santa Cruz, na expedição por aquelle comprehendida ao Rio da Prata, se verifica que Sebastião Caboto chegou á enseada de S. Sebastião das Tijucas Grandes, ou porto dos Patos, em 19 de Outubro de 1526, vespera de S. Simão e S. Judas.

Que Caboto quizesse dar o seu nome ao porto de Tijucas e para disfarçar o seu intento procurasse dizer que ahi tivesse chegado em 19 de Janeiro, ao envez de 19 de Outubro, como de facto chegou, não nos repugna acreditar, porque os escriptores que a elle se referem asseguram que era um homem capaz de dizer uma cousa por outra, se assim lhe conviesse.

NOTAS

Collaboradores da "Revista,,"

As producções que estampamos neste fasciculo, firmadas pelos Srs. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, do Instituto Historico, Horacio Nunes, Capitão de Fragata Henrique Boiteux, Octaviano Ramos e Rodolpho Baptista de Araujo, são o inicio do valiosissimo concurso intellectual que esses distintos cavalheiros vêm prestar a esta publicação.

Denominação de Santa Catharina

Do nosso illustrado collaborador Sr. Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto, membro do Instituto Historico Brasileiro, começamos a publicar no presente numero um estudo muito substancioso sobre a denominação de *Santa Catharina*. Como se sabe era ponto controverso a origem da denominação, já quanto a pessoas, já quanto á época. O Sr. Dr. Luiz Gualberto tratou de pesquisar o interessante assumpto historico e conseguiu demonstrar que foi *Sebastião Caboto* quem deu a denominação, em 1526, e não Francisco Dias Velho em 1637, como opinavam nossos historiadores.

Esse importante trabalho foi dado á publicidade no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em 2 de Março de 1901.

Carta Pastoral

De S. Exa. Revma., o Sr. D. João Becker, Bispo da Diocese de Florianopolis, recebemos um exemplar da Carta Pastoral *Pro Ecclesia et Pontifice*, terceira que S. Exa. dirige aos seus diocesanos. E' um trabalho que muito honra o distincto Principe da Igreja, confirmando os conceitos, que com justiça goza S. Exa., de espirito finamente illustrado e altamente doutrinator.

Monumento á Annita Garibaldi

Nossos applausos ao operoso Sr. Dr. Celso Bayma pelo seu projecto auctorizando o Presidente da Republica a auxiliar a erecção de um monumento, na cidade do Rio de Janeiro, em homenagem á extraordinaria mulher catharinense, cuja heroicidade fulgura na historia de dois mundos.

Sobre ser um dever civico, é mais um titulo para cimentar as sympathias que entre os catharinenses goza o joven deputado.



DENOMINAÇÃO DE SANTA CATHARINA

«—»

(Continuação da pag. 72)

O *Diario* de Pedro Lopes, parece, aliás, justificar esta supposição, porque não emprega outras expressões sinão a de PORTO DOS PATOS, ILHA DOS PATOS, etc., embora já fosse conhecido desde 1529 o mappa de Diogo Ribeiro, que assignal-a o porto de SANTA CATHARINA ao norte do porto dos PATOS. E Alonso de Santa Cruz, que acompanhou Caboto na sua viagem de 1522, refere no seu ISLÁRIO, publicado na obra de HARRISSE, que em 10 de Outubro de 1526 a armada avistou o cabo mais septentrional da ilha, a que Caboto deu o nome de TIERRA DE LOS PATOS, pela grande quantidade de *pajaros niños* ou *pinguins*, que alli encontrára.

Desta citação se parece inferir que Sebastião Caboto chamou, como os demais, *tierra de los Patos* á ilha de SANTA CATHARINA, onde, segundo se affirma, elle arribou.

A arribação, porém, de Caboto no nosso littoral sul, depois de ter estado na feitoria fundada por Christovão Jacques, em Itamaracá, não se deu na ilha dos Patos, conforme adianta o profundo Candido Mendes, deu-se, segundo o depoimento produzido em Servilha pelo proprio Caboto, e como se pôde ver na mencionada obra de HARRISSE, na enseada de Tijucas, á qual Caboto lhe poz o nome de S. Sebastião, por ahi ter chegado, segundo depõe, na vespera do dia deste santo: (*Harrisse—John Cabot the Discoverer of America and Sebastian his son.*)

Devia ser agradavel a Caboto dar ao porto onde primeiro arribou o seu proprio nome, embora disfarçada e modestamente faça acreditar que lhe dera esta denominação por ahi ter chegado na vespera do nome desse santo.

Segundo a propria narração, ou *Diario de Viagem*, escripto por Alonso de Santa Cruz, na expedição por aquelle comprehendida ao Rio da Prata, se verifica que Sebastião Caboto chegou á enseada de S. Sebastião das Tijucas Grandes, ou porto dos Patos, em 19 de Outubro de 1526, vespera de S. Simão e S. Judas.

Que Caboto quizesse dar o seu nome ao porto de Tijucas e para disfarçar o seu intento procurasse dizer que ahi tivesse chegado em 19 de Janeiro, ao envez de 19 de Outubro, como de facto chegou, não nos repugna acreditar, porque os escriptores que a elle se referem asseguram que era um homem capaz de dizer uma cousa por outra, se assim lhe conviesse.

O certo é que Caboto, depois de se demorar cerca de nove dias na enseada de S. Sebastião das Tijucas, seguiu para a ilha de SANTA CATHARINA, á qual assim denominou como uma recordação de sua esposa, que se chamava Catharina Medrano; perdendo, ao entrar neste porto, a não das provisões. (*)

Servindo-nos da obra de HARRISSE, ha poucos annos publicada, e que se occupa principalmente da vida e feitos de João e Sebastião Caboto, seu filho, vamos ver se podemos elucidar este ponto, que aliás nella está perfeitamente esclarecido.

Os escriptores que se occupam em estudar o character de Caboto são accordes em dizer que, comquanto elle conhecesse bem as regras da astrologia e fosse capaz de levantar sem discrepancia um planispherio, não estava, entretanto, nas condições de ser o almirante de uma armada.

E os negociantes de Sevilha, aos quaes Caboto persuadira que elle conhecia um caminho mais curto para o paiz das especiarias, e com os quaes tinha contractado a celebre e desastrada expedição de 1526, ao conhecerem melhor as poucas aptidões de Caboto para empreza de tal ordem, procuraram, mesmo junto ao rei, evitar esta mesma viagem, querendo até substituil-o por um outro, e apontaram Francisco de Rojas, como marinheiro mais experimentado.

(*) Caboto determinou-se entrar no porto de Santa Catharina resolvido a construir uma embarcação que podesse substituir a que havia perdido durante o temporal que o accommetteo pela altura da ilha do *Bom Abrigo*.

Ao entrar nesse porto mandou o piloto Miguel de Rodas e o mestre Antonio Grajeda que fossem sondando a barra e, apezar das recommendações de precaução que o capitão-mór havia dito que tomassem e da confiança que inspiravam os dous officiaes Miguel de Rodas e Antonio Grajeda, a *Victoria*, que era a não dos mantimentos, encalhou nos parceis (conhecidos hoje pela denominação de "Pescadinhas,") e totalmente perdeu-se.

Em consequencia da perda da *Victoria* que, por seu tamanho, armamento e provisões representava a metade da armada e sendo excessivo o numero de pessoas que deviam recolher-se ás náos restantes, Caboto resolveo construir uma galeota que demandasse pouca agua e proseguir a viagem, entrando pelo Rio Solis. Alonso de Santa Cruz diz que Caboto tomou esta resolução em consequencia da perda da *Victoria*.

Obtidas as madeiras, collocou-se a quilha da galeota no dia 25 de Novembro e em commemoração deste dia (de Santa Catharina) anniversario da esposa de Caboto (Catharina Medrano) assim se poz o nome áquella ilha.

(E. Madero. *Historia del Puerto de Buenos Aires*. Tomo primeiro — pag. 62.)

Caboto, porém, atrevido e insinuante, soube captar a boa vontade de Carlos V, de quem mesmo poudo conquistar inteira confiança.

E nomeado pelo monarcha piloto-mór da Hespanha, recebendo até, segundo se diz, instrucções secretas do mesmo rei, zarpou de San Lucár de Barrameda aos 3 de Abril de 1526, á frente de uma expedição, cujo fim extensivo era o descobrimento das ilhas de Tarsis e Orphír a do Catayo oriental, pelo estreito de Magalhães.

Como quer que fosse, Caboto, ou porque tivesse instrucções secretas do rei, ou porque mesmo já estivesse determinado a vir ao Brazil, o facto é que, partindo de Cabo Verde, tomou o rumo das nossas costas, chegando á Pernambuco em fins de Junho do mesmo anno e demorando-se ali cerca de tres mezes, em virtude, segundo se diz, de ter sempre ventos contrarios, poudo se informar, na feitoria do Itamaracá, de que havia no rio de Solis, a que os portuguezes chamavam rio da Prata, muitos metaes preciosos.

Essas observações obteve-as Caboto do proprio feitor, um portuguez, que se chamava Manoel Braga, (*) que lhe adiantou haver no porto dos Patos diversos castelhanos que haviam ficado da expedição de Solis, que lhe podiam melhor informar das riquezas do mencionado rio.

Com estas informações seguiu Caboto rumo do sul, indo, como já d'ssemos, aportar á enseada de Tijucas, á qual chamou Terras dos Patos, onde se demorou até ás vespervas de S. Simão e S. Judas, seguindo dahi para Santa Catharina, perdendo, ao entrar na barra, a não das provisões.

Este facto é assim narrado pelo famoso Alonso de Santa Cruz, testemunha presencial do facto:

« Ao meio dia da qual (ilha de S. Francisco) está outra ilha, á qual se pôz o nome de SANTA CATHARINA, prolongada norte e sul por doze leguas, pouco mais ou menos, tendo de largura tres ou quatro. E' povoada de indios, tem muitas arvores e possui muitas fontes de boa agua doce e entre ella e o continente ha grande

(*) Madero na sua "Historia del Puerto de Buenos Ayres," diz que Caboto, em Pernambuco, foi visitado por João ou Jorge Gomes, que ali ficou da expedição de Solis, referio-lhe as riquezas do Rio de Solis, ao que varias testemunhas no processo de Caboto attribuem a mudança de direcção que o capitão mór deu á expedição. (Hist. del Puerto de Buenos Ayres.)

abundancia de peixes. Para a parte do oriente possui alguns portos, comquanto não sejam tão seguros como os que possui na parte occidental, onde estivemos surtos. Por occasião da entrada perdemos uma náó, que era a maior e melhor que traziamos, em um ilhéó que está situado na bocca do canal, que é baixo, e da qual se perdeu tudo quanto nella vinha, dando causa a que nos demorassemos neste porto mais do que pensavamos e ainda o accordármos em mudar a viagem que levavamos, que era para as ilhas MULUCAS, não só pela falta de provisões que ali perdemos, como também porque deviamos repartir a tripulação da náó que se perdeu pelas outras que nada soffreram e irmos ao rio que communmente se chama da PRATA, môvidos pelas informações que nos deram dous christãos que ali encontramos, que tinham ficado da armada de João Dias de Solis, que se perdeu no rio. »

Os dous christãos a que se refere o trecho acima, deixados nos PATOS por João Dias de Solis, eram Henrique Montes e Melchior Ramirez.

A esses se tinham vindo juntar, havia quatro mezes, pouco mais ou menos, quinze hespanhoes de uma náó do commando de D. Rodrigo da Cunha, da expedição do commendador Loaysa.

Tudo nos leva a acreditar que Henrique Montes e Melchior Ramirez, assim como os quinze castelhanos que não quizeram voltar á Hespanha com D. Rodrigo, depois do naufragio no porto de IMBITUBA, se tinham estabelecido em SANTA CATHARINA, de onde vieram logo que tiveram noticia da arribação de Caboto na enseada de Tijucas.

Luiz Ramirez, na carta datada do Rio da Prata a 10 de Julho de 1528 e publicada na REVISTA TRIMENSAL, tomo 15, conta que, estando ahi, onde Caboto arribou, viram vir uma canoa de indios que se dirigia á náó capitanea e deram a entender por signaes que por alli havia christãos; a estes deu Caboto alguns presentes e elles se foram pela terra a dentro mui contentes a dar novas da chegada da expedição e no dia seguinte viram chegar outra canoa, conduzindo um christão que informara a Caboto da existencia dos 15 deixados pela armada de Loaysa e dos 2 abandonados por Solis e que estavam a 12 leguas daquella paragem.

Pela carta também de Diogo Garcia, que descreve a sua viagem, se sabe que, tendo chegado a um rio, que se chama dos PATOS e que está em 27º, alli lhe deram os indigenas que o habitavam, e que se chamam CARIJÓS, muitos mantimentos, milho, farinha de mandioca, patos, etc., e que por esse tempo ahi também aportou Sebastião Caboto, morto de fome, e os indigenas lhe deram que comer e tudo o mais que precisava, não só a elle como á sua

gente e que, ao partir, Sebastião Caboto levou quatro filhos dos principaes da terra e os conduzio á Hespanha, o que lançou grande consternação nos habitantes da mesma, que até então era a melhor gente que poraquellas partes havia. (REVISTA TRIMENSAL, tomo 15.)

No interrogatorio feito a Caboto depois de seu regresso a Sevilha, perguntado a Caboto como se chamava a terra donde levou o maioral e os dous filhos, respondeu que lhe pôz o nome de S. Sebastião, o que vem confirmar ainda uma vez que Caboto arribou á enseada de Tijucas e os castelhanos que o informaram das riquezas existentes no rio da Prata, habitavam, segundo todas as probabilidades, em SANTA CATHARINA, ou a 12 leguas, pouco mais ou menos, do mesmo porto onde arribou Caboto,

Luiz Ramirez, ainda na carta citada, e que acompanhou Caboto na expedição de 1526, informando-se dos castelhanos, por elles soube que o porto que então habitavam chamava-se porto dos Patos, porto que demorava a 12 leguas da terra dos Patos, ou enseada de Tijucas.

Esses castelhanos fizeram parte da armada do commendador Loaysa, e se fosse este que tivesse denominado a ilha dos Patos de ilha de SANTA CATHARINA, como pondera Varnhagem, de certo que assim a chamariam. Depois que Ramirez entrou no porto dos Patos, onde ao entrar se deu o naufragio da não das provisões, é que escreve:—« no mesmo dia que deste porto de SANTA CATHARINA, *que assim se o denominou*, sahimos, foi tamanha a enfermidade de que fui acommettido, que bem pensei ter chegado a meu fim.»

Por ora, pelos documentos conhecidos, resulta que foi Caboto quem deu o nome de SANTA CATHARINA á ilha do mesmo nome, e emquanto não tivermos provas em contrario, admittiremos o factio como verdadeiro.

O mappa de Caboto, fundado, aliás, nos documentos obtidos por occasião de sua viagem ao Prata, menciona, como se pode ver, a ilha de SANTA CATHARINA sob essa denominação.

E' certo, entretanto, que antes mesmo de 1515, isto é, antes da viagem de Solis, tenha havido portuguezes que trilharam essa costa, e parece mesmo que Solis, na qualidade de portuguez, navegava seguro e como conhecedor da costa que percorria.

Luiz Gualberto

DO INSTITUTO HISTORICO

S. Francisco.

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

—»«—

NOTAS PARA ESTUDO

(Continuação da pag. 38)

Em vista da impassibilidade do governo ante as grandes desordens que se davam no Rio de Janeiro, promovidas pelos portuguezes, e que tiveram seu auge nos lamentaveis factos conhecidos na historia por—*noite das garrafadas*—um grupo de deputados dirigio ao Imperador a seguinte representação energica, escripta pela penna inflammada do inolvidavel jornalista Evaristo Ferreira da Veiga, e que bem caracteriza a phase melindrosissima a que nos referimos:

« Senhor.—Os representantes da Nação, abaixo assignados, doidos profundamente dos acontecimentos que tiveram logar nesta capital, especialmente no dia 13 do corrente mez, por occasião dos festejos que se dispuzeram, não tanto para solemnizar o feliz regresso de V. M. I. e C., como principalmente para ludibriar e maltratar aos Brasileiros, amigos da Liberdade e da Patria, que foram, de facto, cobertos de opprobrios *pelo partido luzitano*, que se insurgio de novo no meio de nós, entre gritos de —Vivam os Portuguezes, entre morras sediciosos e anarchicos e violencias de todo o genero, de que têm sido victimas alguns patriotas, cujo sangue foi derramado em uma aggressão pérfida e já de ante-mão premeditada, por homens que, no delirio de seus crimes, eram claramente protegidos pelo Governo e pelas auctoridades subalternas, como elles mesmos blasonavam, compromettendo, até, com incrível audacia, o nome augusto e respeitavel de V. M. I. e C.; julgando seu devêr, como cidadãos em que recahiram os votos de seus compatriotas, como bons brasileiros, muito de perto interessados na conservação da honra e dignidade da Nação e na estabilidade do throno constitucional, elevar a sua voz até á augusta presença de V. M. I. e C.; pintando-lhe neste breve quadro, a cuja mesquinhez supprirá a alta concepção de V. M. I. e C.; a triste situação em que se acham os negocios da Patria, e pedindo instantemente as providencias necessarias, já para o restabelecimento da ordem e do socego publico, já para *desaffronta do Brazil, villipendiado e pungido no mais delicado e sensivel do brío e pundonor nacional*, providencias estas que não devem, todavia, exorbitar do circulo ordinario da fiel execução das leis,

punindo-se na conformidade dellas os autores e cúmplices dos attentados commettidos e responsabilizando-se as auctoridades que por notoria connivencia ou apathica indifferença, deixaram o campo livre aos assassinos e perturbadores da paz e tranquillidade commum.

Senhor! Os sediciosos, á sombra do augusto nome de V. M. I. e C., continuam na execução dos seus planos tenebrosos; os ultrages crescem; *a nacionalidade soffre*; e nenhum povo tolera, sem resistir, que o estrangeiro venha impor-lhe no seu paiz um jugo ignominoso. De estrangeiros que se honram de ser vassallos de D. Miguel e de outros subditos da Senhora D. Maria II, se compunham, em grande parte, esses grupos, que na noite de 13 e 14 nós vimos e ouvimos encher de improperios e baldrões o nome brasileiro, espancar e ferir a muitos dos nossos compatriotas, a pretexto de federalistas, de uma questão cuja decisão pende do juizo e deliberação do Poder Legislativo, nunca do furor insensato e sanguinario de homens grosseiros, cujo entendimento é demais alienado por suggestões traidoras. Os brasileiros, tão cruelmente offendidos, os brasileiros, a quem se ameaça ainda com prizaes parciaes e injustas, nutrem em seu peito a indignação mais profunda; não sendo possivel calcular até onde chegarão os seus resultados, se accaso o governo não cohibir desde já semelhantes desordens, se não tomar medidas para que a affronta feita á Nação seja quanto antes reparada.

Os Representantes abaixo assignados assim o esperam, confiados na sabedoria e patriotismo de V. M. I. e C., a despeito dos traidores que possam rodear o throno de V. M. I. e C., os quaes não terão força bastante para suffocar ahi estes clamores, que sahem de corações ulcerados, mas amigos do seu paiz e da justiça.

As circumstancias são as mais urgentes e a menor demora pode em taes casos ser funestissima. A confiança que convinha ter no governo está quasi toda perdida, e se por ventura ficam impunes os attentados, contra os quaes os abaixo assignados representam, *importará isto uma declaração ao povo brasileiro de que lhe cumpre vingar, elle mesmo, por todos os meios, a sua honra e brio, tão indignamente maculados.*

Esta linguagem, senhor, é franca e leal. Ouça-lh'a V. M. I. e C. persuadido de que não são os aduladores que salvam os Imperios, sim aquelles que têm bastante força de alma para dizerem a verdade aos Principes, ainda que esta os não lisongeiem.

A ORDEM PUBLICA, O REPOUSO DO ESTADO, O THRONO MESMO, TUDO ESTÁ AMEAÇADO se a representação que os abaixo assignados res-

peitosamente dirigem a V. M. I. e C. NÃO FOR ATTENDIDA e os seus votos completamente satisfeitos.

Rio de Janeiro, 17 de Março de 1831. — Honorato José de Barros Paim, Venancio Henrique de Rezende, Manoel Odorico Mendes, Antonio João de Lessa, José Martiniano de Alencar, Augusto Xavier de Carvalho, José Maria Pinto Peixoto, Honorio Hermeto Carneiro Leão, Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, Francisco de Paula Bastos, Baptista Caetano de Almeida, Manoel Pacheco Pimentel, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Evaristo Ferreira da Veiga, João Fernandes de Vasconellos, José Joaquim Vieira Souto, Antonio Paulino Limpo de Abreu, Antonio de Castro Alvares, José Custodio Dias, Joaquim Francisco Alvares Branco Muniz Barreto, Candido Baptista de Oliveira, Vicente Ferreira de Castro e Silva, Manoel do Nascimento Castro e Silva, Antonio José da Veiga.»

Essa vibrante manifestação de tão grande numero de membros do parlamento abalára profundamente o espirito do Imperador, porque dava bem a nota da crise tremenda que agitava a nação. No dia seguinte, 18 de Março, D. Pedro I promptificandose a attender aos reclamos dos representantes do povo, reconstituia o Gabinete de 4 de Outubro de 1830, só aproveitando Francisco Carneiro de Campos (Marquez de Caravellas), que continuou na pasta dos Estrangeiros, e Hollanda Cavalcanti, na pasta da Fazenda. Os novos ministros, que entraram em nome da reacção nacional, eram MANOEL JOSÉ DE SOUZA FRANÇA, na pasta da Justiça, Bernardo da Gama, na do Imperio, Manoel de Almeida, na da Marinha, e José Manoel de Moraes, na da Guerra.

Ao Ministro da Justiça cabia, mais de perto, as responsabilidades no tocante ás medidas de repressão que o momento requeria. Souza França agiu sem detença e com firmeza, fazendo esmorecer immediatamente o partido luzitano e restabelecendo, assim, a ordem na capital do imperio. Entretanto, emquanto o titular catharinense isso conseguia, com energia e serenidade, fermentava no seio dos federalistas e dos republicanos uma extraordinaria exaltação de animo, que poucos dias depois se traduzia em continuas arruaças contra os portuguezes.

O mal recrudescia, portanto, nas ruas do Rio de Janeiro : apenas fôra deslocada a procedencia.

José Johanny

(Continúa)

15°

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

(Continuação da pag. 85)

A esse respeito cada qual deve conformar-se com o seu temperamento, escolhendo o que melhor lhe convier. O essencial é variar o mais possível a alimentação, misturando o gordo ao magro, porque um regimen exclusivamente animal ou vegetal é inconvenientissimo, acabando por aborrecer e cançar o estomago. O genero da nutrição está ainda, portanto, subordinado á compleição. A's pessoas plethoricas o regimen vegetariano é o que convem: preservará da apoplexia e da gotta; aos lymphaticos, debilitados, anémicos, necessarios se tornam alimentos fortemente azotados. Assim, o regimen a seguir depende sempre do estomago e do temperamento.

III

Assimilação e desassimilação

Nosso estudo ficaria incompleto se, depois de termos fallado dos alimentos sob o ponto de vista da sua composição e do seu valor nutritivo, não apresentassemos, pelo menos, uma ligeira exposição das diversas metamorphoses pelas quaes passam após a ingestão.

Por quaes meios e em virtude de qual principio os alimentos ingeridos em estado sólido passam ao estado fluido, condição expressa de sua assimilação; e, como, uma vez transformados em sangue, convertidos em musculos, nervos, gorduras, em carne e em ossos, solidificados, enfim, novamente, são, em seguida, *des-solidificados* e eliminados sob forma de gaz, de vapor, de liquidos diversos? E' interessante e utilissimo sabel-o, porque não poderemos vcr claro em matéria de alimentação, não possuiremos verdadeiramente a chave do phenomeno, se não quando tivermos seguido o alimento na sua evolução através do organismo.

Primeiramente a saliva começa por converter em assucar os farinaceos. Depois da deglutição será a pepsina do succo gastrico que agirá como um fermento para dissolver os alimentos albuminosos, deixados intactos pela ptyalina da saliva. Do estomago, o bolo alimentar, reduzido a uma massa, passará ao intestino fino. Mas, embora a saliva nada possa sobre os albuminosos, o estomago não atacará por mais tempo os corpos graxos.

Isso será trabalho do intestino, que emulsionará oleos e gorduras com suas proprias secreções, misturadas á pancreatina que lhe enviarão as pancreas, e á bilis que lhe derramará o figado. Relativamente á digestão cellular eis ahi já tres digestões, ou, melhor, tres fermentações por diversos agentes, porque a transformação dos alimentos no tubo digestivo não é outra cousa.

Eis, portanto, o alimento liqueficado. Como vai elle fazer sua entrada na circulação e assimilar-se?

A partir da deglutição, e desde sua descida para o estomago, o alimento não está mais sob a nossa acção: cahe num laboratorio onde tudo se passa alheiado da nossa vontade. E' a vida vegetativa que começa, porque todo o animal é necessariamente analogo a um vegetal, a respeito de funcções puramente automaticas. De facto, as numerosas veias capillares que se alastram pela membrana mucosa do intestino delgado, microscopicos affluentes de mais grosso vaso, vêm, como outros tantos chupadouros, aspirar o chylo (*) leitoso intestinal e o vertem rutilante na torrente da circulação. Essas veias, assim como os conductos chyliferos, representam exactamente filamentos das plantas: ellas immergem-se no chylo, que é seu humus, do mesmo modo que as raizes no sólo.

Assim diffundido por mil canaes, o sangue é alternativamente recebido e repellido pelo coração, motor central, até aos mais infimos reconditos dos tecidos. O sangue é um reservatorio comum, uma especie de mesa de hotel volante que circula livremente por todo o corpo e onde todas as cellulas vêm haurir os elementos organicos em dissolução que convêm especialmente á sua natureza, elementos aos quaes cada tecido faz soffrer, em particular, uma derradeira elaboração, antes da assimilação definitiva em carne, nervos, musculos, graxa, cartilagens, unhas, cabellos, dentes, ossos, materia cerebral, etc., etc., visto como este centro cellular tem uma vida propria: a cellula crêa e reproduz-se.

Antes, portanto, de se incorporar definitivamente, o alimento é sujeito a quatro elaborações successivas: fermentação bocal, estomacal, intestinal e cellular.

(*Continúa*)

J. B. Franc.

(*) Líquido branco que na digestão se separa do alimento e deve passar a formar o sangue.

A RELIGIÃO DOS POVOS ANÃOS

Na ultima metade do seculo passado os estudos ethnologicos acharam cousas interessantes em relação a uma familia de povos, claramente distinctos de todos os outros e que habitam em partes do mundo muito distantes e aparentemente sem cohesão geographica: são os pygmeos, ou povos anãos.

O aspecto desses seres dá-lhes a parecença de typos infantis; quem os vir em photographia com homens inglezes, suppõem que são creanças de 14 a 15 annos de idade.

Em geral são mais pretos do que os negros, mas destes se distinguem pela sua brachycephalia, forma de cabeça considerada por todos os anthropologos como signal certo de distincção entre os povos, e tambem pela proporção elegante dos seus membros.

Segundo um livro erudito (*) apparecido no ultimo anno, a configuração do craneo desses povos approxima-se, mais do que os de qualquer outra raça existente, ás dos povos extinctos, cujos vestigios se encontram nas camadas mais profundas do periodo quaternario. Tambem as suas armas de guerra e de caça e os instrumentos de uso quotidiano são de pedra e perfeitamente semelhantes aos objectos prehistoricos, que se veem em grande quantidade conservados nos museos e que pertencem á primeira parte de um tempo anterior a todos os monumentos historicos—o chamado periodo paleolithico.

A maneira pela qual essa gente obtem fogo é a mais primitiva que se conhece, e entre elles ha um povo que nem dessa fórma primitiva consegue utilizar-se, pelo que conserva incessantemente suas fogueiras.

Esses povos vivem nos mattos virgens da Africa Central, na Ilha do Ceylão, nas Ilhas Andaman (no seio da Bengala), na Malaca, na Ilha de Celebe (nas Indias Hollandezas) e nas Filippinas. Ha pouco tempo foram encontrados tambem na Nova Guinéa, em a Oceania.

Ha uma particularidade que, segundo minha opinião, dá luz sobre a antiguidade desses povos: Como é possivel que esses sel-

(*)—Por ser este estudo escripto para o povo, e não para eruditos, julgo desnecessario indicar todos os livros sobre os quaes me baseei para chegar ao resultado que apresento. Taes indicações figuram no meu livro sobre *A Religião Primitiva dos Homens*, escripto em hollandez, e no qual tratei longamente desta materia.

vagens passassem o oceano nas suas pequenas canoas, do Ceylão até á Africa, numa distancia quasi igual a que ha do Brazil á Europa?

A solução que eu apresentei no meu livro sobre a religião primitiva dos homens, para resolver essa difficuldade, foi acceita por diversos eruditos e por ninguem combatida, de maneira que me persuado de ter adivinhado a verdade. E' esta:

Os animaes e plantas petrificados dessas regiões, e mesmo a composição chimica das pedras já persuadiram a muitos scientists que em tempo assás remoto a Africa e a Asia constituíam um só vasto continente, o qual foi destruido por uma grande inundação, que formou o Oceano Indico.

Se considerarmos, portanto, que os povos anãos existiam desde então, no vasto continente dividido, toda a difficuldade, considerada insolúvel para explicar o que vimos de dizer, desaparece naturalmente. Ora, nos povos anãos, africanos e asiaticos, achamos as mesmas condições culturaes e sciaes e as mesmas tradições religiosas. Por isso devemos attribuir a essas tradições uma antiguidade muito maior do que a dos monumentos mais antigos do Egypto e da Babylonia, uma antiguidade que deve chegar perto do berço do genero humano.

Dessa familia de povos, a mais antiga que conhecemos, escolho o ramo que se me affigura representar o estado primevo, em consequencia, certamente, de se ter elle conservado affastado do commercio com outros povos, e vou dar um resumo da sua religião. Adduzirei, depois, alguns traços superficiaes sobre os outros ramos da mesma familia.

Os andamaneses são, certamente, o ramo mais antigo.

As pedras, grosseiramente talhadas, que os primeiros homens empregavam como martellos; as escamas de quartzo, que empregavam como facas, são perfeitamente semelhantes aos instrumentos dos andamaneses.

Obter fogo, não podem, como já disse. E isto nos prova, principalmente, que nunca tiveram commercio com outros povos antes de 1858, época em que lá chegaram os inglezes e conquistaram o seu paiz. Se algum outro homem, pois, christão ou mahometano, tivesse vivido nessas ilhas durante tempo bastante para aprender a lingua dos aborigenes e lhes dar ensinamentos, certamente os naturaes teriam aprendido tambem uma coisa tão necessaria como fazer fogo, pois é inadmissivel que se hajam esquecido de operação tão rudimentar, cuja pratica é diariamente precisa.

Esta conclusão confirma-se historicamente pelas narrações de viagem dos peregrinos mahometanos, os quaes nunca apórtaram a

essas ilhas suppondo que os seus habitantes eram canibae, suposição que, em verdade, não teriam, se noticia houvesse de alguém se ter communicado com taes homens.

Em vista disso as tradições desse povo não podem ser julgadas oriundas de outros povos, circumstancia que é corroborada pelo facto de se acharem as mesmas tradições, com pequena differença, nos povos da mesma familia que habitam em lugares muito distantes.

Qual é, porém, a religião desse povo, a mais antiga, indubitavelmente, de que se tem noticia de uma maneira puramente scientifica, sem uso dos livros sagrados, da biblia?

Vamos descrevel-a.

I— DEUS.

O nome com que designam o *unico* Ente Supremo é—*Púluga*.

O exterior da Púluga é brilhante como fogo, mas está agora invisivel.

Nunca *nasceu*, nem *morrerá*.

Elle *creou* o mundo e tudo o que existe, com excepção do mal.

Elle *sabe tudo*, inclusivé os segredos dos corações.

E' *misericordioso*, tem piedade dos homens e os ajuda muitas vezes.

Mas os peccados dos homens o fazem *irado*.

E' o *juíz* que julga cada homem depois da morte, e quando encontra culpa, castiga com a *pena de fogo*.

Essas idéas sobre os attributos de Deus, Edward Horace Man, governador inglez das ilhas durante dez annos, nos primeiroo tempos após a conquista, ouviu dos proprios aborigenes. Os seus resultados foram ha pouco examinados e verificados por um scientista muito sceptico—Portman.

E', em verdade, uma doutrina simples, mas digna e bella, sobre os attributos de Deus.

Que alguns erros se achem nella introduzidos, não é de extranhar; quanta differença, porém, dessa *mythologia* grega, dessa religião indigna e sensual, inventada por um povo genial, é verdade, mas pouco virtuoso!

(*Ccontinúa*)

Dr. Jacob Huddleston Slater

Laguna—1911.

O ensino aos cegos nos Estados-Unidos

— » « —

Ha oito escolas mixtas de cegos em New-York. As crianças privadas da vista lá recebem as mesmas licções que nas escolas communs são ministradas ás que não soffrem de cegueira. Rapazes e meninas assistem ás mesmas classes, segundo o methodo americano. Têm os mesmos mestres e ouvem as mesmas explicações. São igualmente interrogados. A recitação é igual para todos. A unica differença consiste nos livros e na escripta. Os cegos servem-se do alphabeto Braille em pontos salientes, modificado e simplificado recentemente por uma annotação americana, cujos resultados são mais rapidos e mais seguros.

A creança cega é logo inciada nesse systema e aprende rapidamente o alphabeto. Passa, em seguida, para a classe commum, onde encontra seus livros com caractéres em saliencia e uma pequena machina de escrever igual ás usadas na dactylographia. Não fica mais isolada de então em diante. Instrue-se da mesma forma que as outras creanças que têm o uso da vista; participa dos exercicios physicos e dos trabalhos profissionaes, e adquire, assim, conhecimentos mais elevados do que a fabricação de cestos, saccos, balaios ou calçados. Formam-se, desta maneira, cegos telephonistas e stenographos, que chegam a escrever com machina ordinaria e a stenographar com um simples lapis. Como em outros paizes, os cegos americanos aprendem musica, e executam-n'a ao piano, violino e outros instrumentos. Tornam-se excellentes afinadores de pianos. As meninas exercitam-se á costura, ao corte de vestidos e capas, ás modas, á cosinha. Os alumnos cegos são objecto de solicitude especial. As escolas mandam buscal-os e reconduzil-os ás suas casas. Quando concluem seus cursos e fazem seus exames, a propria instituição que lhes ministou o ensino procura-lhes emprego no commercio e na industria. Os mais intelligentes são enviados ás universidades e podem aspirar a funcções publicas. Essas escolas mixtas de novo genero datam de 1909. Seus progressos notaveis são devidos principalmente á inspectoría em chefe de miss Gertrudes Bingham. O ensino é completado por conferencias. O systema tem alcançado tal exito que o Ministerio da Instrucção Publica vae applical-os em todas as grandes cidades norte-americanas.

(Da *Revue*, de Paris)

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

Biographia

(Continuação da pag. 72)

Não tendo sido sufficiente o combate naval travado entre as esquadilhas portugueza e hespanhola, protegida esta pelos redutos e fortes intrincheiramentos com que guarneciam a margem do sul do Rio Grande (objecto dos esforços dos portuguezes), da qual estavam os hespanhoes de posse havia 14 annos, contra a lettra expressa do tratado de paz de 1763, o que evidentemente convenia o general Bohm de que grandes sacrificios ainda restavam a fazer para obter o justo fim a que se dirigia o armamento: determinou dar um golpe decisivo ás fortificações inimigas, e para tão ardua e arriscada empreza nomeou Coimbra, com preferencia a todos os mais officiaes superiores, chamando-o das fortificações da barra, que commandava.—Não se pôde fazer maior honra a um official!

Collocado Coimbra á frente de duas bravas companhias de granadeiros, uma do regimento de Extremoz, outra do primeiro regimento no Rio de Janeiro, e de um parque de artilheria (duas peças calibre 3), embarcou na villa de S. José do Norte, onde então se achava o quartel-general, em a noite de 30 de Março de 1776, n'umas jangadas, debaixo de espesso nevoeiro e vencendo os perigos da rapida corrente do rio aportou na margem do sul, quasi no ponto do ataque, que era o forte do Santa Barbara (denominado pelos hespanhoes do—Mosquito,—julgando-o inexpugnável), e formando a tropa com as cautellas necessarias, segundo os preceitos da arte em emprezas semelhantes, marchou a escalar o forte. Presentem os hespanhoes o movimento dos atacantes, e descarregando sobre elles amiudados tiros, metralha, e um vivo fogo de fuzilaria, nada retarda o assalto—avancem granadeiros!—é a voz energica de Coimbra, indicando o caminho da honra e da gloria, e o assalto ás muralhas se executa. Coimbra é o primeiro que as transpõe, e com sua espada abre caminho aos seus heroicos companheiros. A guarnição defende-se com exemplar bravura, mas cede á intrepidez dos assaltantes, depois de um longa peleja, e da perda de grande numero de vidas, entre as quaes se conta a do tenente-coronel commandante do forte, que abraçado com a bandeira da sua nação, prefere a morte ao vexame de ren-

der-se prisioneiro. Raiava já o dia 31 de Março quando entre canticos da victoria e os vivas dos assaltantes foi abatida a bandeira hespanhola, e arvorada a portugueza, saudada com uma salva de 21 tiros (9). Reconhecida pelos hespanhoes a perda do forte de Santa Barbara, o mais seguro baluarte da sua dominação no Rio Grande, não tardou muito que o não viessem bater com insano furor seis vasos de guerra inimigos; porem Coimbra descarrega sobre elles um fogo tambem dirigido, que cortando as amarras fugiram do combate para darem á costa, sahindo a barra apenas dous. Debaixo do alcance da bateria deste forte se achava o do Triunpho, guarnecido pelos hespanhões. Coimbra o bate, e apesar dos destroços que lhe causa, como a guarnição não dava signaes de render-se, marcha sobre elle para o escallar; o que apercebido pelos defensores o abandonam. Inventariado quanto nelle se acha, Coimbra guarnece-o competentemente, e retira-se ao seu posto de Santa Barbara.

Neste dia (1º de Abril de 1776) passando o general para este forte, expedio logo Coimbra a fazer um reconhecimento á fortaleza da Barra, para com sua informação traçar o plano de a render. Chega Coimbra, e achando a fortaleza abandonada e incendiada, e não descobrindo vestigios do inimigo, o participa ao general, e este em pessoa a vai immediatamente guarnecer.

Coimbra é então encarregado de passar á villa do Norte e conduzir dalli a artilheria necessaria para guarnecer esta fortaleza, porque os hespanhoes na sua retirada encravaram a que o guarnecia, e com a qual tanto damno haviam causado aos portuguezes. Conseguido esse trabalho, estabelece alli o general o seu quartel, e Coimbra retira-se ao seu posto de Santa Barbara.

O triumpho das armas portuguezas decidiu finalmente os hespanhões a abandonarem precipitadamente a villa de S. Pedro do Rio Grande e suas dependencias, retirando-se para o interior da campanha; por virtude do que o general Bohm empregou Coimbra em tirar a planta do paiz conquistado, demolir o forte Ladino, e fazer conduzir a artilheria e reparos para a fortaleza da Barra, commissão que desempenhou com sua costumada intelligencia e perspicacia, como se exprimiu o mesmo general em chefe na presença dos officiaes generaes do exercito, e em suas participações officiaes, que alcançaram a Coimbra a patente de tenente-coronel, como se vê da honrosa portaria que vamos transcrever, do marquez do Lavradio, então vice-rei do Estado.

(Continúa)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

MUNICIPIO DE BRUSQUE

— » « —

(Continuação da pag. 91)

Das de chumbo, ferro, prata, marmore e ouro conhecemos a situação e dellas tiramos amostras, que possuímos. A existencia do carvão é incontestada, sendo igual ao melhor da Europa. Em tres pontos do municipio o carvão mostra-se á superficie, tornando pouco trabalhosa a sua obtenção. Temos em nosso poder uma amostra deste mineral, achada no logar denominado Aguas Claras.

A naphta é encontrada tambem em algumas zonas, bem como a turfa.

Segundo informações que obtive, a mina de carvão existente em Brusque é extensa, prolongando-se até grande parte da estrada de Lages. Para este assumpto deveriam convergir as vistas daquelles que se dedicam exclusivamente á mineração, pois de grande vantagem seria, attenta a grande extensão das minas.

A Serra das Batêas é de uma riqueza incommensuravel: ahi encontram-se pedras preciosas, muito ouro e prata, além de vestígios de outros mineraes, como, por exemplo, o bismutho.

A riqueza, e mesmo opulencia, deste municipio é indubitavel, e tão grande que, podemos dizer, não se dá um passo sem que se pize por sobre uma fonte de cousas preciosas.

Agricultura

Os terrenos de todo municipio são de excellente qualidade, bastante accidentados, bem regados e ainda na sua maior parte cobertos de mattas pomposissimas, onde a vegetação se ostenta tão bella e com tão grande opulencia que deslumbra a quem de perto a observa e estuda.

Em taes circumstancias o seu solo acha-se adaptado a todas as culturas, sendo de sentir que, por emquanto, só se tenham limitado ao plantio do milho, feijão, arroz, favas, canna de assucar, batatas, arvores fructiferas, e, principalmente, da mandioca, permanecendo o carrancismo antigo, o qual tem dado logar ao estacionamento da agricultura.

Ha terrenos apropriados para o cultivo do café e do fumo, dois importantissimos factores da fortuna publica e particular. Pouco porém, se tem feito no sentido de desenvolver essas culturas. Ha pouco tempo é que começaram os agricultores a plantar o café, cujo desenvolvimento tem sido magnifico, graças á natureza do solo.

A videira, que era pouco cultivada, vai tomando novos incrementos, já havendo algumas lavras muito boas, de onde se fabricam, embora em pequena escala, saboroso vinho, do qual tivemos ocasião de apreciar.

As qualidades das terras e a suavidade do clima muito concorrerão para, em breve tempo, tornar-se este municipio bastante rico sob todos os aspectos que se o queira encarar.

Industrias

Desenvolve-se a olhos vistos a industria nesta zona e promete augmentar consideravelmente. (*) Assim, já hoje se preparam com vantagem a aguardente, cal de pedra, polvilho de mandioca, araruta, telhas, tijolos, taboados, queijos, manteiga de superior qualidade, azeite de mamona, sapatos, selins, arreios, obras de ferro, de alfaiataria, de carpintaria, de funilaria, tecidos de algodão e lã, etc.

A industria fabril vae em notavel augmento, o que é muito louvavel e digno de affirmar-se por ser a expressão da verdade.

A industria pastoril é, entretanto, pouco desenvolvida; não tem progredido tanto quanto era de esperar.

Commercio

Este ramo de riqueza publica tem-se avantajado extraordinariamente nestes ultimos tempos, graças ás bellas e bem conservadas estradas que dão facil communição para todo o centro do municipio; e muito maior incremento teria se fosse esta importante zona servida por uma estrada ferrea, que mais rapidamente pozesse os centros productores em communição com o porto maritimo e praça commercial de Itajahy. Não obstante esta falta, aliás bem sensível, o commercio é muito activo e assás florescente. A exportação consiste em madeiras, que é o seu principal e maior elemento de grandeza. Depois da madeira vem a farinha de mandioca, cuja exportação é grande; seguindo-se-lhe o arroz, couros, feijão, café, assucar (em pequena escala), manteiga, aguardente, tecidos de algodão e lã.

(*Continúa*)

A. Moreira Gomes

(*) Este estudo foi escripto em 1895. D'ahi para cá o municipio de Brusque tem tido um admiravel desenvolvimento industrial, contando-se, entre outras, as importantes fabricas de tecidos do Sr. Carlos Renaux, de rendas, do Sr. Buettner, etc., etc.

Blumenau debaixo d'agua

— » « —

(Do *Urwaldsbot*, de Blumenau, de 8 de Outubro)

Desenrolou-se em Blumenau uma catastrophe horrivel, a mais funesta a registrar-se na historia desta colonia. O rio Itajahy, em outros tempos a nossa veia vital, tornou-se, como já aconteceu uma vez, causa da nossa ruina. Chuvas torrencias que cahiram por alguns dias, fizeram transbordar o rio e subir as aguas á altura da inundaçãõ em 1880, sendo desta vez o prejuizo incomparavelmente muito mais alto do que naquelle anno; pois, 30 annos atrás, Blumenau, isto é, a cidade, era ainda uma aldeia: no correr do tempo tornou-se cidade que gozava certa abastança, a qual agora fica anniquilada por muitos annos.

Entre nós está bem lembrada ainda a inundaçãõ de 1880, e em muitas casas ainda existem marcos demonstrando a altura das aguas naquelle anno. Atribuiu-se aquella inundaçãõ á coincidência de varios factores, principalmente á maré da lua cheia, que começou depois de chuvas excepcionaes de alguns dias. D'aquella data em diante julgou-se impossivel a repetiçãõ de tal calamidade. As inundações posteriores, as de 1891 e 1898, foram de muito menor alcance. Desde então tornaram-se mais e mais raras, parecendo, assim, que com o roçar dos mattos, dando-se mais facil escoamento ás aguas pluviaes, tivesse acabado o perigo de inundações.

Foi, como fica evidenciado, um optimismo mal fundado.

Na manhã do sabbado, quando a agua começava a alagar as ruas na parte mais baixa da cidade e quando ainda ninguem imaginava a gravidade do perigo que corriamos, chegou aqui um telegramma do sr. Leopoldo Knoblauch, do Pouso Redondo, dizendo que na Serra tinha chovido durante 36 horas e que o rio levava enormes quantidades de agua, devendo por isso preparar-se todos para o peor que podesse acontecer. O aviso não se tornou geralmente conhecido, por que não se lhe deu a devida attençãõ visto não ter havido maiores inundações durante tantos annos. A agua subiu docemente, porém sem cessar, emquanto que ha trinta e um annos atras subiu repentinamente em uma noite. De hora em hora esperava-se que deixasse de subir; de hora em hora subiu mais e isto continuou durante 48 horas seguidas, depois de ficarem submergidadas as ruas. Quando finalmente se comprehendeu a seriedade da situaçãõ, em muitas casas já era tarde demais para pro-

ceder-se a maiores trabalhos de salvação. A' toda pressa foram salvos apenas os objectos de grande valor, sendo completamente impossivel o transporte de objectos pezados. Assim, portanto, foram estragados pela agua numerosos pianos e muitos moveis preciosos. Alguns negociantes perderam quasi o inteiro stok de mercadorias, outros soffreram maiores prejuizos. Os materiaes reservados e até os instrumentos dos operarios, foram destruidos ou estragados. Só poucos ficaram sem prejuizo algum.

A noite de sabbado para domingo, os habitantes passaram-na cheios de inquietação. A linha electrica tinha sido interrompida, ficando ruas e casas ás escuras. Pela madrugada o maior numero das casas já estava cercado d'agua, que continuava a subir. Os moradores refugiaram-se nos sótãos ou nos andares superiores; e perseguindo-os a agua até alli, sahiram pelas janellas e embarcaram nos botes para salvar a vida; outros perseveraram, de pé na agua, em suas casas, até baixar a cheia. A cidade igualava a um vasto lago, de cuja superficie se destacavam aqui e alli umas poucas casas, como ilhas isoladas. Além das duas igrejas e do convento dos frades franciscanos, todos situados á bastante altura, parece-nos que até á ponte da Velha só ficaram umas 20 casas fora d'agua, e d'ahi até á Itoupava-Secca talvez uma duzia. Das restantes ficaram debaixo d'agua umas até á altura das janellas, outras até ao telhado e mais outras até por cima da cumieira. No paço municipal a agua parou no apoio da janella, na Escola Nova um pouco acima do segundo vidro da janella, no Hotel Holetz um pouco mais abaixo, na nossa typographia exactamente á altura de 1, 56 m, na extensão da estrada de ferro cerca de 2 m, na fabrica de Lacticinios por cima das janellas. Ficaram fora d'agua a casa particular do Sr. Schrader, o novo edificio do Club Germania, a casa do Sr. Deeke e a typographia do «Blumenau Zeitung», faltando, porém, só muito pouco para chegar a agua á altura do assoalho.

Durante um dia e meio a comunicação da cidade assegurou-se por meio de bôtes e canôas, que iam e vinham, prestando soccorro quando era necessario, em alguns casos justamente em tempo. Perda de vida, pelo que sabemos, não a houve, apesar de se terem espalhado boatos que a asseguram. Tão grande é o prejuizo material que por emquanto não se o pode calcular. Afogaram-se tambem muitos animaes, principalmente porcos e gallinhas. As vaccas e cavallos salvaram-se nos morros. Na manhã de domingo, quando a agua subia mais ligeira, o terror e a confusão eram geraes; homens clamando soccorro ou lamentando a perda de tudo o que possuíam; vaccas a mugir, porcos a gritar como se estivessem sendo mortos. Ouvia-se o estalar dos ranchos e casas de

madeiras que cahiam. Muitas dessas casas foram levadas pelas aguas e viradas até ficar o assoalho para cima. Nas ruas fluctuavam trastes de casas entre peças de madeiras partidas, que em parte ficaram suspensas nos fios telegraphicos ou na linha electrica. Para onde se dirigia a vista não se via senão confusão e desolação.

O rio passou rapido, veloz, carregando troncos enormes de arvores, madeiras de construcção, partes de pontes, etc... Acima da cervejaria do Sr. Rischbieter a torrente procurou novo leito, mandando para a direita um braço, o qual, passando entre a padaria do Sr. Lang e a escola particular do Sr. Hertel, formou uma verdadeira cachoeira de 2 m. de altura. A Ponte Aguda foi levada até á casa do barqueiro, a qual tambem está para cair. Desta maneira a correnteza ficou um tanto desviada da margem direita, muito em proveito da cidade baixa.

As familias que tiveram de deixar suas casas foram recebidas amigavelmente por aquelles cujas casas ficaram fóra d'agua. Alguns passaram a noite no matto, onde construíram ranchos de palmitos. Cerca de 200 pessoas refugiaram-se no convento dos frades franciscanos, onde foram hospedadas nas salas da escola. Os intrépidos monges patentearam nesses dias de verdadeiro infortunio uma grande abnegação e sincera hospitalidade, que nunca lhes serão esquecidas. Tambem a casa do pastor evangelico abriu as sua portas a varias familias, dando-lhes abrigo.

Na segunda feira ás 2 horas da tarde a agua alcançou a maxima altura, medindo-se no fluviómetro 16, 29 m. acima do nivel normal do rio. Em seguida a agua começou a cair, primeiro devagar, depois mais ligeira e outra vez mais devagar. Agora, que as ruas estão fora d'agua, a cidade outr'ora tão risonha offerece um aspecto horroroso. Em todas as casas notam-se os vestigios da inundaçáo; os quintaes parecem montes de ruínas, as casas estão cheias de lama e lixo.

A chuva continúa fez demorar muito os trabalhos de limpeza. Do lado do rio desabaram diversas dependencias, como cozinhas e armazens. Muitas casas de moradias soffreram grandes estragos, ficando abatidas e fendidas, outras ameaçam ruir. Em algumas das que estiveram quasi inteiramente sob agua tem-se diante dos olhos um horrivel espectaculo de destruição: os tectos cahidos, as paredes rasgadas, os moveis uns em cima dos outros, no chão, quebrados e estragados, os assoalhos cobertos de uma espessa camada de lama, que exhala um cheiro repugnante. Quantos lares tranquilos ficam assim totalmente arruinados!

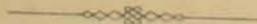
Será um problema difficilimo, durante o proximo tempo vindouro, o de casas de moradia. Os inquilinos das casas que a

agua enchera até ao telhado, não poderão tão cêdo tornar a morar n'ellas, e se o fizerem, não havendo outro remedio, não deixarão de apparecer molestias das que costumam grassar depois de grandes inundações. Tempos difficeis, pestilencia e carestia é que nos esperam, segundo todas as apparencias.

Não se pode ainda dar idéa geral da situação da colonia, pois que foram cortadas as vias de communicação, chegando-nos apenas escassas noticias. Alguns districtos, como o do Garcia, do Encano e do Indayal, ao que parece, pouco soffreram. Neste ultimo lugar a agua penetrou somente em poucas casas, não obstante estar a enchente allí mais alta do que em 1880. Na Itoupava-baixa dizem que é enorme o prejuizo, na de cima é pequeno. Do valle do Testo até agora só temos noticias duvidosas, entre outras a de ter sido arrebatada a ponte da Pommeroda. No Timbó a agua elevou-se até passar por cima do balcão da venda do sr. Richard Paul, julgando-se lá impossivel poder a cidade inteira ficar debaixo d'agua. Pelo que se nos referiu, o valle do Rodeio esteve todo inundado. Na Hansa o damno é grande. Tambem está toda cortada a communicação com esta parte da colonia. Da situação da colonia mais acima nada sabemos de certo; julgamos-a, porém, pessima nas margens do Braço do Sul.

Por toda parte as plantações estão devastadas; principalmente nas ferteis baixadas dos afluentes os pastos estão cobertos de lama e areia. Quanto aos alimentos para os homens e pastos para animaes as cousas vão muito mal. Os nossos colonos têm tempos difficeis diante de si.

A estrada de ferro teve de suspender o serviço no sabbado e só daqui a muito tempo poderá recommal-o na linha inteira até á Hansa. Verdade é que as pontes resistiram á impetuosidade das torrentes, mas houve grandes estragos em muitos trechos da linha e o restabelecimento da mesma consumirá grandes sommas. Felizmente a usina electrica no Gaspar Pequeno ficou em bom estado, haverá, porém, muito a concertar na linha, de modo que por enquanto não se poderá contar com luz, nem força. Em pessimas condições acham-se as nossas vias de communicação. Numerosas pontes foram-se com as aguas, boeiros cahiram em ruina, caminhos foram sepultados por terras desprendidas das ladeiras e dos morros. 500 contos de réis mal chegarão para restabelecer tudo como estava.



ORATORIA SACRA CATHARINENSE

Panegyrico de S. Sebastião

(Continuação da pag. 93)

Eis aqui, Senhores, posto que mal esboçado, o quadro dos heroicos feitos com que Sebastião illustrou a Igreja, deixando-nos um exemplo de fidelidade a Deos em seu martyrio, de perseverança em sua fé e de coragem em seu doloroso padecimento. Cumprenos agora ser imitadores de tão preciosas virtudes. Não quero dizer que busquemos o martyrio, derramando nosso sangue. A Religião de Jesus Christo já não precisa de Martyres: ella está profundamente arraigada nos corações de todos, porque foi sufficientemente auctorisada por meio de estupendos milagres. « O martyrio do Christão deve consistir, assim exprime o sabio Bispo de Clermont, em mortificar as suas paixões, soffrer com paciencia os trabalhos e afflições desta vida e desprezar as delicias do mundo, tendo só por objecto de suas aspirações os bens eternos ». E' procedendo assim que confessamos a Jesus, dando d'elle testemunho diante dos homens, afim de que elle tambem nos reconheça por filhos perante seu Pae celestial, como nos prometteo. *Omnis ergo qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego in coram Pater meo, qui in cælis est.*

Concluindo, senhores, esta breve oração, eu vos exhorto com todas as forças de minha alma a coadjuvar a devota associação que actualmente trata de levantar este Templo ao Santo Martyr, por cuja intercessão o Céu nos tem perservado do flagello da peste. Imitai a esses abençoados Fieis nos sentimentos de fervor e ardente dedicação pelo culto do Senhor de seus Santos. Chamo igualmente a vossa attenção sobre o feliz pensamento, que os mesmos Fundadores tem concebido, de collocar n'esta Capella a milagrosa Imagem de Nossa Mãe Santissima, sob o glorioso titulo de Senhora dos Navegantes. Quem de vós na verdade não tem ouvido referir, e talvez testemunhado, os prodigios operados por essa extremosa Mãe, e solicita Advogada nossa sobre as ondas do oceano? Quantas vezes o temerario nauta surprehendido por uma tempestade, observando com terror seu dismantellado navio, que rola sem leme e sem norte sobre as vagas enfurecidas, vê a cada instante abrir-se no seio do oceano a sepultura que o deve tragar? Porém n'esse momento terrivel elle sente uma dextra vi-

gorosa, que o arranca da borda do abysmo, fazendo a bonança succeder ao medonho combate dos elementos, e o conduz ao porto do salvamento para ainda passar dias felizes nos braços da carinhosa esposa e dos filhos queridos. E' a protecção d'essa Virgem que jámais abandona o homem no momento do perigo, e intercedendo constantemente por elle na presença do Creador, torna-se digna dos nossos cultos, do nosso amor e reconhecimento eterno. Si fordes gratos, pois, a tantos beneficios sobre nós derramados, em nome da Rainha dos Anjos, nossa Mãe Amabilissima, e do illustre defensor da Fé, cuja imagem respeitavel aqui veneramos hoje, eu ousou assegurar-vos a sua valiosa protecção sempre que o mortifero contagio assolar a terra.

E vós Inclyto Martyr da Religião do Messias, continuai a interceder por nós na presença d'Aquelle por cujo amor derramastes vosso sangue no meio de crudelissimo tormento, e invocando sobre nós suas bençãos pedi-lhe a necessaria graça, para que um dia possamos reunir-nos comvosco na Patria dos escolhidos.

Arcypreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva.

ACCROSTICO

Nunca esqueças, querida da minha alma,
Ideal que na minha solidão
Nectarisastes sempre a minha dor
Indizível,—que foste a tentação
Henue e cariciosa, muda e calma,
P infiltrar-me no peito um novo amor...

Florianopolis, 1—9—1907.

Ezequiel

ELLA...

Ella não gosta de me vêr pensar...
 Diz que estou triste, quando a vida é bella!
 E entristece tambem... sem se lembrar
 que eu penso apenas na alegria della!

Alberto Bramão

Pesquizas de carvão em Santa Catharina

Da MEMORIA publicada pelo Dr. Benedicto dos Santos nos *Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto*, n. 9, de 1907, intitulada PESQUIZAS DE CARVÃO NO SUL DO BRAZIL, extractamos o que se segue, referente ao nosso Estado. Diz o illustrado scientista:

« O terreno hulheiro do Brazil, sibem que descoberto ha mais de século, não tinha sido senão incompletamente estudado antes da criação da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra do Brazil, de que era chefe o sabio geologo Dr. I. C. White.

Ficou demonstrado que a formação carbonifera no Brazil estende-se do Sul do Estado de S. Paulo ao Rio Grande do Sul.

As camadas carboniferas existentes têm os seus bordos mergulhando, até um certo ponto, no sul de S. Paulo, augmentando de espessura á medida que se affastam para o sul. E' assim que a camada denominada BARRO BRANCO, que é a penultima inferior, tem 0, m 30 a 0, m 50 no Paraná, 1 m a 1 m 30 em Santa Catharina e 2 m 30 a 2 m 50, e mesmo mais, no Rio Grande do Sul.

Nota-se tambem que as camadas de carvão mergulham para o sul, pois a camada que afflora no Cedro, Fernandes Pinheiro, Teixeira Soares, etc., no Paraná, a uma altura de cerca de 886 metros, afflora no Tubarão a 228 metros, em Treviso a 90 metros e em Cresciuma a 44 metros. E essa mesma camada é explorada no Arroio dos Ratos a cerca de 100 metros de profundidade.

Constituição petographica do terreno hulheiro. — As principaes rochas do terreno hulheiro do Brazil são grés, schistos argilosos e argilas.

Os grés são, na sua maior parte, de cimento calcareo; sendo, porém, ás vezes, argilosos passando a verdadeiros chistos. Os grés das camadas mais superficiaes são claros, de grã grossa, sempre mais ou menos friaveis; os das camadas medias são duros e calcareos, contendo, ás vezes, incrustações de crystaes calcareos; e os mais profundos, de 100 metros em diante, são quasi sempre micaccos, molles e de grã menos grosseira.

Quando o grés começa a se apresentar muito micaceo, contendo laminas pequenas de mica paralellamente á estratificação, elle torna-se schistoso e, então, as esperanças de se encontrar outro leito de carvão, quando se faz a sondagem, arrefécem completamente.

Os schistos são quasi sempre negros e formam sempre a lapa da camada carbonifera, sendo a capa formada pelo grés. Em

todas as camadas carboníferas existe schisto negro, alternando com o carvão: em algumas existem grés ou argilas claras.

Os grés e schistos fornecem camadas mais ou menos regulares, que alternam sem ordem determinada. Encontram-se também conglomeratos em nível inferior ao carvão.

Os grés se mostram ás vezes em bancos muito espessos, cuja potencia attinge 20 m e até mais. Na sondagem em Cresciúma havia um banco de 26 m 61 de grés sem intercalação de schistos.

Camadas de carvão — As camadas de carvão existentes no terreno hulheiro do Brazil são, como dissemos, em numero de quatro. Destas são perfeitamente exploraveis em Santa Catharina as duas inferiores, denominadas BONITO e BARRO BRANCO.

A camada da BONITO apresenta em certos pontos uma espessura enorme, chegando a ter mesmo mais de 5 m., como no Tubarão. O carvão é infelizmente sempre misturado com schisto negro. Vê-se ao meio da massa do schisto um numero enorme de camadas finissimas de um carvão muito brilhante. Ha, em compensação, bancos de um metro e mais de carvão puro.

A camada do BARRO BRANCO é considerada como a melhor, quer quanto á qualidade e á quantidade de carvão, quer quanto á continuidade do leito carbonifero. A camada do BONITO tem como capa e lapa um schisto negro argiloso difficillimo de ser cortado pela sonda a diamante.

A camada BARRO BRANCO apresenta sempre o aspecto seguinte: capa formada de um grés argiloso amarello ou roxo com listas amarellas; segue-se um banco de carvão; em seguida uma camada do mesmo grés e depois outro banco de carvão, sendo a lapa formada sempre por schisto argiloso negro ao qual segue-se de novo o grés. Muitas vezes existem tres bancos de carvão separados por camadas mais ou menos expessas de grés amarello.

Esse grés amarello caracteriza perfeitamente a camada BARRO BRANCO, devido a sua presença constante no leito carbonifero que tem esse nome.

Acima da camada BARRO BRANCO está a denominada CARAHÁ, que tem cerca de 0, m. 50 de carvão, tendo para capa um schisto negro e argiloso e para lapa grés.

A quarta camada tem pequena espessura.

Fósseis. — Em alguns pontos da mina do Tubarão, em nível inferior ao em que se acha o primeiro affloramento carbonifero, encontrei, em um grés branco muito friavel magnificos fósseis do grupo dos *calamitas*, e alguns que me pareciam ser *annulorios*.

Encontram-se ainda, em um calcareo escuro, alguns fósseis

animaes. Ultimamente, em um affloramento de carvão em Treviso, encontrei em um schisto negro carbonoso situado a 111 m. de altitude, esplendidas impressões fosseis que me parecem ser *sigillaria pachyderma*, *s. elegans* e folhas de feto. (Reservo os exemplares para serem mais bem classificadas na Escola de Minas.)

Em Cresciuma tenho encontrado, em um schisto negro, ao nivel da lapa da camada carbonifera algumas impressões impossiveis de se determinar.

.....

Ao sul do Estado de Santa Catharina passa a formação carbonifera que se dirige para o Rio Grande, com largura de alguns kilometros, tendo os bordos a léste, entre Treviso e Urussanga, cerca de 12 kilometros de Treviso, passando depois entre Cocal e Cresciuma, cerca de 7 a 8 kilometros de Cresciuma. A camada carbonifera em Cresciuma, cujo maior banco tem 0, m 33 de carvão, parece-me ser a grande camada BARRO BRANCO, já bastante visinha dos seus bordos a léste.

Petroleo. — Tanto no Paraná, como em Santa Catharina, tem-se encontrado, em grande quantidade, *residuos de petroleo*, que tem uma notavel semelhança com uma hulha bem brilhante. Esses residuos são encontrados em fendas mais ou menos verticaes.

Apparecem tambem impregnações de betumes e asphalto nos schistos. Essas impregnações podem ser indicio certo de petroleo a maior profundidade.

Sobre este assumpto o Dr. Euzebio Paulo de Oliveira diz: «Um dos horisontes geologicos mais caracteristicos da formação carbonifera é o dos schistos betuminosos contendo reptis fósseis. Deixando de lado o do Iraty, já conhecido por longo tempo, o primeiro que tive occasião de examinar demora nos arredores de Canoinhas. Partindo dessa Villa, rumo N. 60° E. piza-se sempre sobre schistos argilosos de cores variadas, superpostos aos pretos: a espessa vegetação que cobre o terreno não permite ver sedimentos em grande extensão. Alguns diques de diabases cortam esta formação. O leito do arroio do Tigre, affluente do Rio Negro, a 14 kilometros da Villa de Canoinhas, é constituido em grande extensão de lages duras de schisto preto cheirando fortemente a kerøzene. Este schisto é acompanhado de diabase; delle foi retirado um residuo semi-fluido que, analysado no laboratorio da Escola de Miras, como substancia natural, deu o seguinte resultado:

Oleos leves contendo essencia de petroleo	10 0/0
Oleos pezados formados quasi que exclusivamente de petroleo	20 0/0

(*Continúa*)

Dr. Benedicto dos Santos

A exportação da Laguna nos tempos coloniaes

— » « —

Estamos organisando um quadro do movimento de exportação da Laguna no biennio de 1819-1820, baseado sobre documentos officiaes ineditos. Publical-o-emos no fasciculo de Novembro.

E' um estudo muito interessante. Em tal época, ha quasi um seculo, mantinhamos relações directas não só com o Rio de Janeiro, mas tambem com a Bahia, Pernambuco, etc. As maiores transacções, porém, eram realisadas com a praça da Ilha de Santa Catharina, denominação essa que figura nos despachos de exportação, em vez de Villa do Desterro. Diremos em nota separada o numero de embarcações empregadas nesse serviço, seus titulos, donos e carregadores. Entre os generos exportados avulta o peixe salgado, especialmente o bagre, em quantidade enorme, de cuja circumstancia originou-se o appellido de *bagreiros* aos lagunenses. E' lamentavel que tenha desaparecido dentre nós a lucrativa industria da pesca, para cuja prosperidade temos elementos de sobra nas nossas extensissimas lagoas e nas aguas do Atlantico, que nos favorece, ainda, com algumas ilhas, nas proximidades da costa, para base do trabalho da pescaria.

Ver-se-á do quadro que alguns artigos desapareceram da exportação da Laguna, por exemplo: — o trigo — por abandono completo da sua cultura; a cebola, por declinio tal, que chegamos a importal-o, etc.

O primeiro navio sahido do porto da Laguna no anno de 1819 foi despachado no dia 2 de Janeiro. E'ra a sumaca *Felicidade*, de propriedade do mestre Luiz Gomes de Figueiredo, e dirigiu-se para Pernambuco. O manifesto da sua carga foi o seguinte:

50.000 bagres catingas—cento a	4\$800	240\$000
25.000 ditos ditos « «	5\$000	125\$000
32.144 « « « «	5\$600	180\$000
40.000 « « « «	6\$000	240\$000
200 alqueires de farinha a	600	120\$000
1.000 moringues cento	5\$000	50\$000
100 alqueires de favas a	320	32\$000
1.000 resteas de alhos cento	2\$000	20\$000
		<hr/>
		1.007\$000

Pagou de direitos 20\$140 réis.

José Johanny

A PROMESSA DE MARCOLINA

(Continuação da pag. 87)

E correu para fóra do quarto, onde já não podia a infeliz suffocar a torrente impetuosa de suas lagrimas.

A janella da sala deixava entrar os abundantes clarões da lua. Marcolina estendeu os braços ao céu illuminado:

— Meu Deus! amparae a sua alma, e protegei-nos, santo lenho de Jesus!

Richard sahira nesse momento da alcova.

Marcolina correu ao seu encontro:

— Não se chama um padre, não se chama um medico?

— Ella não quer ninguem. Pedio-me apenas que lhe dêsse o seu crucifixo de marfim, quando estivesse para entregar a alma a Deus.

Ficaram ambos a ouvir os doces murmurios da noite, acclarados pelos raios da lua misericordiosa e terna.

— Que desgraça! sim, uma desgraça irremediavel, Richard!

Parece que Nossa Senhora, com pena de mim, arrancou-me do seio o coração e fez-me estatua para poder supportar todas estas desventuras. E Anninha, Richard? e Anninha?

— Pela salvação de minha alma, que a amo!

— Ama Anninha? Você a quer para si? Diga?

— Seria a minha unica ventura! exclamou o moço, levantando a cabeça ao céu, como se exigisse o testemunho dos anjos.

Um clarão divino cobrio o rosto de Marcolina, que se fez de uma belleza ideal.

— Seria a sua unica ventura? disse ella sorrindo, com os olhos humidos e o regaço offegante.

— Seria.

— Louvado seja Deus! bradou a menina, apertando as mãos de Richard e desprendendo um suspiro de ineffavel contentamento.

A' porta da alcova appareceu a cabeça livida de Anninha.

— Marcolina!

A viuva agonisava. Estremeciam-lhe as magras mãos, cingidas sobre o crucifixo, humido de suor e de lagrimas.

Quando Marcolina ajoelhou-se aos pés da cama, a pobre mulher exhalava o derradeiro suspiro, articulando ainda:

— Deus receba a minha alma.

Anninha sahio do quarto nos braços de Marcolina e de Richard, inanimada e fria.

Richard continuou a frequentar a casa daquellas duas crianças desamparadas.

Anninha respirava aos poucos, como uma musica, como perfume, como um bonito dia de verão; ia acabando naturalmente, sem que ninguem descobrisse por tras das melancolias da menina a figura inexoravel da Morte.

Richard pediu oficialmente, isto é, á Marcolina, a mão de Anninha.

Marcolina participou o occorrido á irmã. Anninha abaixou a cabeça e pôz-se a chorar.

— Por que choras?

— Por que vou morrer. A alma de mamãe está me chamando, Marcolina.

Houve um enterro, cujo esquife sahio da vizinhaça, e Anninha assistio á funebre cerimonia, como se fosse a festa do seu casamento.

— Sabes, Marcolina? Quero pedir-te um favor.

— Sim? acudio a menina sorrindo.

Não viste uns tumulos brancos com um anjinho em cima, de marmore, quando fomos com mamãe, ha dous annos, ao cemiterio de S. Francisco de Paula?

— Nem me lembro.

— Pois promette-me que has de trabalhar para fazeres levantar sobre a minha cova um anjinho assim!

— Tola!

— Não faz mal, promettes? Juras?

— Juro! replicou Marcolina, grave e melancolica.

Richard veio á noite. Anninha recebeu-o com uma reserva especial. O moço admirou-se. Chamou Marcolina á parte.

— O que tem Anninha?

— Estou morrendo, murmurou uma vóz, junta aos dous.

Marcolina e Richard voltaram-se bruscamente. Anninha excessivamente pallida encostava-se a uma cadeira, cerrando os olhos e apertando com a mão livre o peito arquejante.

Marcolina amparou-a entre os seus braços, anciosa e louca. Anninha arfou convulsivamente, e os seus dedos descerraram-se pouco a pouco... Estava morta.

O que Marcolina soffreu... Para que tentar no estylo debil exprimir as mais cruciantes e terriveis dores? Marcolina sobreviveu ao naufragio tremendo de sua familia.

Uma idéa jamais a desamparou: foi o desejo funebre da irmã, em possuir um mausoléu branco, adornado com um anjo de marmore.

Começou a trabalhar, a trabalhar affoutamente, dia e noite, sem descanso. Em vão! As raras moedas mal chegavam para os gastos da casa. Um dia, bateram-lhe á porta; era um velho game

nho, enlulado e cheiroso, que veio offerecer-lhe meios para ella lançar-se nos abysmos da desgraça e da prostituição.

Marcolina repellio-o indignada.

— Oh! minha mãe! exclamou ella, muito custa ser honesta e feliz!

Não dormio durante a noite. No dia seguinte, convulsa e sombria, esperou pela visita do velho, depois de receber um bilhete em que lh'a participavam.

— O senhor fará o que eu desejo?

— Tudo, tudo!

— Pois bem; mande levantar um mausoléo sobre a cova de minha irmã!

— Oh!

— Só assim.

— E a senhora? E tu?

Marcolina reprimio um gesto de enojo.

— Eu irei entregar-me á sua pessoa. Espere-me no seu quarto. Sobre a cova de Anninha erguia-se cinco dias mais tarde um formoso e singelo mausoléo de marmore.

N'essa noute, o velho gamenho, entrando em casa, estremeceu de volupia quando o criado lhe disse que no seu quarto esperava-o uma mulher.

Marcolina estava morta em cima da cama, com um vidro de arsenico ao pé de si.

No travesseiro havia um bilhete, que o velho abriu aterrorizado: «Cumprí a minha promessa. Aquí estou!»

FIM

Luiz Guimarães Junior.



NOTAS

Collaboradores da "Revista,"

Iniciamos neste numero a publicação de um interessante estudo do nosso illustrado collaborador Dr. Jacob Huddleston Slater sobre a religião dos povos antigos que habitam as ilhas Andaman e outras.

No numero de Novembro daremos á publicidade um apreciavel trabalho historico intitulado „A Abrilada em Santa Catharina,„ escripto pelo nosso emérito collaborador e conterraneo Sr. capitão de fragata Henrique Boiteux.

Folha do Commercio

Aos nossos distinctos collegas Srs. Chrispim Mira e Martinho Callado felicitamos pelo segundo anniversario do seu brilhante quotidiano, cuja acção benéfica aos interesses publicos já se tem feito sentir de modo inolvidavel diversas vezes, o que lhe assegura a crescente prosperidade em que se acha, sob o influxo do acolhimento geral dos catharinenses.

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos :

Um livro impor.ante — folheto impresso no estabelecimento litho-typographico de Alexandre Borges & C. do Rio de Janeiro, contendo as merecidas apreciações que, pelas columnas da *Folha do Commercio*, de Florianopolis, fez o nosso illustrado patricio 1º tenente J. Vieira da Rosa ao trabalho, infelizmente ainda inedito, do talentoso catharinense Sr. capitão-tenente Lucas A. Boiteux sobre a *Historia de Santa Catharina*. O autor do artigo demonstra a elevada somma de dedicações patrioticas que ao nosso Estado têm consagrado incessantemente os quatro irmãos Boiteux: — Hyppolito (negociante), Henrique (capitão de mar e guerra), José (bacharel em direito) e Lucas (capitão-tenente), e dá uma noticia do trabalho historico a que se refere e cuja leitura lhe determinou qualificar a obra de—grandiosa, “porque revela muito esforço, muita erudição e muito gosto, além de ensinar-nos com clareza a conhecer o nosso passado, desde os primeiros povoadores até hoje.”

— *Vozes de Petropolis*, excellent revista quinzenal dedicada a assumptos religiosos, scientificos, litterarios, etc. E’ dirigida pelos RRevms. PP. Franciscanos da bella cidade de Petropolis.

— Estatutos da “Associação Irmão Joaquim”, de Florianopolis. Aos estatutos precede uma gravura representando o benemerito *Irmão Joaquim*, e no final do livrinho lê-se um resumo historico da caridosa instituição, ideada pelo nobre espirito do professor Luiz Pacifico das Neves, sob a acção de cuja energia, perseverança e altruismo têm progredido sempre, prestando inestimaveis beneficios aos vencidos da vida. O folheto está nitidamente impresso, o que muito recommenda as officinas da Escola dos Artifices, onde foi preparado.

— Circular do illustre patricio Sr. Dr. Fulvio Adduci, communicando, como 1º secretario, a reorganisação da Sociedade Catharinense de Agricultura, que passou a denominar-se Sociedade Catharinense de Agricultura, Industria e Commercio, ampliando, assim, o circulo da sua cooperação utilissima em prol dos interesses geraes do Estado.

A Directoria e as diversas commissões, a saber: de Agricultura, Varias Industrias, Propaganda Commercial e Redacção da Revista, estão compostas de cavalheiros de reconhecido merito e muito dedicados ao Estado. Como presidente continúa o distincto Sr. Dr. Leboa Regis, um dos conterraneos que mais esforços hão empregado nos ultimos tempos para renome e prosperidade economica de Santa Catharina.

A inundação em Blumenau

Do nosso collega *Urwaldsbot*, de Blumenau, de 8 deste mez, transcrevemos, com a devida venia, a desenvolvida noticia que deu sobre a horrivel calamidade que vem de soffrer o mais importante municipio do Estado. Para minorar, ainda que parcamente, os enormissimos prejuizos soffridos pelo riquissimo municipio no referente á viação, que era modelar, o Sr. Coronel Governador do Estado solicitou do Sr. Presidente da Republica o auxilio de 1.000.000\$000 réis, e nesse sentido os nossos representantes no Congresso Federal apresentaram um projecto de lei, que foi bem recebido geralmente. Os habitantes que ficaram em circumstancias precarias foram soccorridos com alimentos e outros auxilios, pelo Governo do Estado, e por productos de subscrição aberta em varios municipios, na Capital Federal e em alguns Estados. Os prejuizos particulares são enormes, ascendendo a muitas centenas de contos de réis.

A Abrilada em Santa Catharina

A orientação, toda ella contraria ao sentir da maioria dos brazileiros, que, mais accentuadamente imprimira D. Pedro I á politica nacional depois da violenta dissolução da constituinte, bem demonstrava o seu alienamento aos principios professados pelos próceres da independencia, para apegar-se aos dos reaccionarios, no geral inimigos da nova patria.

Educado em velhos moldes; sem preparo intellectual para bem comprehender e discernir das complicadas e controversas theorias governativas; dotado de character autoritario; de genio violento e impulsivo, não admittia D. Pedro I, para satisfação de seus interesses e do de sua familia, a menor opposição ás suas idéas. Abriu, por isso, lucta, cujo resultado foi a sua abdicção em 7 de Abril de 1831.

Em todas as provincias do Brazil, onde o espirito liberal já havia avassallado a opinião e aberto largas brechas no poder autocrata, a inesperada queda do imperante abalou fundo o prestigio de seus partidarios; d'ahi para a consequente derrocada, foi obra de um momento.

A oppugnação regressiva era representada em Santa Catharina pelo presidente chefe de divisão Miguel José de Souza Mello e Alvim, pelo commandante das armas brigadeiro Miguel Pereira de Araujo Barreto, tendo como director politico o deputado geral Diogo Duarte Silva, todos brasileiros adoptivos. Em antagonismo a estes, haviam encontrado os patriotas na pessoa do capitão de engenheiros Jeronymo Francisco Coelho o seu mentor; tinham n'elle os absolutistas o maior e mais terrivel dos camartellos. Por si só, o grande lagunense, talento de escól, acacalado por solido e variado preparo scientifico e litterario, era bastante para levar de vencida os anheladores do novo periodo colonial.

Auxiliado, Jeronymo Coelho, por José Antonio Rodrigues Pereira, seu compadre, João Francisco Coutinho, José da Silva Mafra, José Maria da Luz, Joaquim Machado de Souza, José Caetano Pereira, Francisco Livramento e outros, fundou a *Sociedade Patriótica Catharinense*, cujo fim era sustentar a Liberdade e a

Independencia Nacional; aggrupou assim todos aquelles que se batiam por uma independencia de facto e não por uma ficticia. Para ser membro da citada sociedade, conforme lê-se nos seus estatutos, mais tarde publicados no *Catharinense*, periodico fundado e redigido por aquelle grande e lucido espirito, o primeiro jornal que appareceu em Santa Catharina, era indispensavel e o mais essencial dos requisitos ser probo; ter moral pura e, além disso, ser justo e amante da Liberdade de seu paiz: brasileiro nato ou adoptivo, sendo que para estes ultimos exigia-se: se solteiros, 25 annos de residencia no Brazil; se casados com brasileiras, que tivessem mais de quatro filhos nascidos na terra e residencia de 16 annos. D'essa aggremação faziam parte muitos dos officiaes pertencentes á guarnição da praça.

A chegada da noticia da abdicação de D. Pedro I, apenas divulgada pela cidade, deu motivo a grandes manifestações de regozijo por parte da população; ao anoitecer d'esse dia appareceram brilhantemente illuminadas as casas dos patriotas, os intitulados *judeos*. Em um pequeno theatro particular, sito na então rua do Senado, em espectaculo de gala, foi repetida a representação da comedia *Frederico 2º, rei da Prussia, em Habolwert, no condado de Glatz, por Falmeno*. A essa funcção apresentaram-se as senhoras trazendo ao peito e aos cabellos, como ornamento, symbolicos ramos de cafeeiro.

A visivel effervescencia que desde então começou a reinar entre os patriotas e entre os officiaes e inferiores da guarnição, impacientes pela retirada do presidente e do commandante das armas, mais se accentuou; accrescia ainda que o desgosto entre os soldados era grande, visto como havia onze mezes que se lhes não pagava saldo... N'este estado de espirito foi deliberada a deposição de ambas as autoridades.

Sabedor do que se tramava, mandou João Moreira da Silva avisar tanto ao presidente como ao commandante das armas. Ao encarregado da missão respondeu o primeiro que não era criança para ter medo e o segundo, incredulo, rio-se.

A guarnição estacionada na cidade do Desterro compunha-se então: do 10º de caçadores, sob o commando do coronel Antonio Pinto de Araujo Corrêa; do 13º, commandado pelo coronel José Leite Pacheco; do 8º, commandante, tenente-coronel João Vieira Cardoso; 4º de artilharia de posição, commandado pelo major Patricio Antonio de Sepulveda Ewerard, do qual era capitão Jeronymo Francisco Coelho e finalmente do 7º de artilharia montada, sob o commando do tenente coronel Pedro Lins de Medeiros. Este ultimo batalhão havia pouco que se achava na cidade; procedente

de Montevidéo, fôra mandado aquartellar na Armação da Piedade, d'onde, por difficuldades de municiamiento, passou para a freguezia de S. Antonio e depois para os quartéis do Campo do Manejo.

Como dissemos, muitos dos officiaes faziam parte da *Sociedade Patriótica Catharinense*; dentre elles, como mais exaltados, destacavam-se o alferes do 13º Francisco Borges de Barros, (*) que gozava de muita affeição entre seus collegas e commandados e o sargento do 8º, Manoel de Freitas Sampaio, filho do Desterro, querido, respeitado pelo seu talento, seriedade e recto proceder, dispondo por isso de grande prestigio entre os companheiros.



Alferes MANOEL DE FREITAS SAMPAIO

Para celebrar a elevação ao throno de D. Pedro 2º, foi resolvida a realisação de um grande baile nos salões do Paço Municipal, á testa do qual, como iniciador, pôz-se o major José Antonio da Luz: era então presidente da Camara o capitão de 2ª linha José da Costa Pereira, rico negociante e proprietario.

Chegado o dia 22 de Abril, marcado para a sumptuosa festa, enorme multidão ao anoitecer apinhava-se na praça, em frente ao edificio, na contemplação dos virentes arcos de folhagens, engalornados de festões de flores, galhardetes pendentes, tudo em destaque por profusa, caprichosa e artistica illuminação. Quatro bandas de musica ajudavam a alegrar aquelle ambiente, já por si tão animado. Entre a enorme massa de populares que accudira não só

(*) Irmão de Domingos Borges de Barros, depois visconde de Goyana e senador do Imperio.

da cidade como dos arredores e que ali se comprazia a admirar e commentar o fausto dos convidados, eram vistos, em grupos, confabulando reservadamente com alguns officiaes, os cadetes e sargentos, não só do 8º e 13º batalhões, como também dos demais.

A's 9 horas em ponto, regorgitando os salões de tudo quanto havia de mais selecto na sociedade desterrense, fez sua entrada o presidente Alvim, acompanhado de sua familia; mal havia, porém, transposto os humbraes do salão de honra, eis que do meio da multidão começam a reboar gritos de: *Fóra o Presidente e o Governador das Armas! Fóra os Pés de Chumbo!* Esses gritos tinham sido iniciados pelo sargento Manoel de Freitas Sampaio e pelo alferes Borges de Barros, seguidos immediatamente pelos demais companheiros. Para inquerir desceu o commandante das armas, trazendo de regresso a nova de que acabava de estallar uma sedição militar. Como era de suppôr, tal noticia estabeleceu verdadeiro panico; enquanto a multidão apavorada corria pelas ruas a fóra, os convidados confusa e precipitadamente abandonaram os salões em demanda das suas residencias, e os officiaes, por sua vez, pela rua da Cadea, tomaram a direcção do Campo do Manejo, onde estavam aquartellados seus batalhões.

Recolheu-se o presidente a palacio e com elle o commandante das armas, sendo immediatamente convocado o Conselho do Governo, composto do vice-presidente Francisco Luiz do Livramento, João Prestes Barreto da Fontoura e do coronel do 43, de 2ª linha Joaquim Soares Coimbra, afim de deliberarem sobre o grave acontecimento.

Conta José ^{Mendes} ~~Moraes~~ da Costa Rodrigues, em seus apontamentos, que tal foi a precipitação com que foi abandonado o paço municipal que o presidente da Camara, na sua fuga, mal teve tempo de ordenar a dous sobrinhos seus, José e Francisco, um de 13 e outro de 10 annos, que tomassem conta da baixela de prata que ia ser usada na festa.

Estes dous meninos, acompanhados por dous escravos de seu tio, Matheus, mulato, de officio sapateiro e João *Pé Só*, crioulo, pedreiro, tudo arrecadaram em uma sala e depois de fechada a porta do edificio se recolheram á casa de uma velha tia, na rua dos Ilhéos.

Pouco tempo depois do toque de rebate, em marche-marche, com direcção á praça desceram o 8º, 10º e 13º batalhões, mettendo-se em linha com frente para palacio; só mais tarde chegaram o 4º e 7º de artilharia, cujas peças foram retiradas do armazem do edificio da escola regia, onde hoje está o sobrado chamado dos Artigos Bellicos, e outras dos Quarteis Velhos.

Logo que chegaram as tropas foi á praça o coronel Soares Coimbra, em nome do governo, para saber qual a intenção d'ellas e o que pretendiam. Teve como resposta de que ellas exigiam a deposição immediata do Presidente e do Commandante das armas e a entrega do governo ao Vice-Presidente.

Diante d'esta exigencia, deliberou o Conselho do Governo ir incorporado entender-se com os amotinados e fazer-lhes ver que era preciso esperar a determinação da Côrte, pois era natural que seriam nomeadas novas autoridades. Não annuiu a tropa aos argumentos de Prestes da Fontoura. Diz-se que quando este se dirigio aos officiaes do 13º, chegaram elles a referir-se ao seu commandante, cuja decisão acceitariam, mas que tendo elle se dirigido ao commandante este, depois de pequena hesitação, dissera-lhe: já agora o meu Batalhão aqui está, portanto quero a demissão immediata.»

Em vista d'isto voltou o Conselho a palacio donde regressou ás 11 horas, com a declaração de que tanto o presidente, como o commandante das armas, annuiam ao desejo da tropa e que no dia seguinte ás 10 horas da manhã passariam o governo.

Emquanto isso se dava, diversos grupos de exaltados percorriam as ruas da cidade debaixo de gritos de: *Fóra os Pés de Chumbo* e de vivas ao Brazil. Não deixaram de commetter certas violencias, taes como quebramento de vidraças de moradias de influentes contrarios. A casa que mais soffreu foi a do commendador Anacleto José Pereira da Silva.

A noticia de que far-se-ia a entrega do governo, foi recebida pelo tropa e pelo povo com verdadeiro delirio; debaixo de interminaveis vivas recolheu-se ella a quarteis, para no dia seguinte, em parada, prestar honras ás novas autoridades.

Pela manhã do dia 23 appareceram todas as ruas juncadas de folhas de cafezeiro; era esse o distinctivo que traziam militares e civis, na barretina, na bocca das armas, no peito ou nos chapéos; igualmente as mulheres, participando do entusiasmo o traziam, como já haviam feito, nas tranças e ao peito.

A's 10 horas, effectivamente, realisou-se a cerimonia da entrega da presidencia ao vice-presidente commendador Francisco Luiz do Livramento, e do commando das armas ao coronel do 13º batalhão Antonio Pinto de Araujo Corrêa.

O vice-presidente, que se conservou até 6 de Agosto, foi substituido pelo illustre catharinense Feliciano Nunes Pires e o commandante das armas pelo tenente-coronel João Cardoso Vieira, nomeado interinamente por decreto de 27 de Abril de 1831. Este tomou posse em 14 de Junho do mesmo anno e servio até 20 de

Dezembro de 1832, dia em que teve execução a Lei que extinguiu o Commando das Armas na Provincia.

Logo que assumio a presidencia o commendador Livramento foi o seu primeiro acto conseguir entre os principaes negociantes um emprestimo para fazer o pagamento de dois mezes de soldo ás tropas. Os nove mezes restantes que se lhes devia só foram pagos em Agosto. Durante oito dias não cessaram as festas promovidas para celebrar tão faustoso acontecimento.

Manoel de Freitas Sampaio foi promovido a alferes. Não lhe perdoou, porém, o chefe de esquadra Alvim; diz-se que, devido á sua influencia, como ministro que veio a ser, conseguiu a passagem do estimadissimo official para a terceira classe do exercito, razão pela qual foi cortada sua carreira militar.

Homem de grande força de vontade e de character firme, não se abateu Sampaio. Nomeado escrivão do Juizado de Paz da cidade do Desterro, dedicou-se com afinco ao estudo de direito, tornando-se em pouco tempo, em questões forenses, um dos mais competentes.

Como advogado no fóro da cidade de S. José primou, não só pelos seus conhecimentos juridicos, como pela sua extrema honradez.

Era homem corpulento, de bella physionomia, muito sizo, dotado de voz forte: fallava com muita facilidade, porém pausadamente. Falleceu o notavel catharinense em avançada idade em 1871.

H. Boiteux

Os indigenas da America do Norte

Seu numero não diminue, como se crê geralmente. Acham-se num momento de transição, á aurora de um novo periodo da sua historia. O numero de indigenas dos Estados Unidos (sem contar a Alaska) era, em 1908, de 300.545. Delles 70.000, pouco mais ou menos, são protestantes, 106.000 são catholicos, os outros são pagãos. No Canadá sua situação actual é analoga. As estatisticas officiaes de 1909 contam 111.043 indios, 3.406 mais do que em 1905. 10.479 pequenos indios frequentam escolas profissionaes, em numero de 20, internatos em numero de 57 e 231 escolas primarias. 57 dos seus estabelecimentos de instrucção dependem do governo, 109 são mantidos pelos catholicos e 148 pelos protestantes.

(Fr. Schelpelern, *Filskucren*, Copenhagen, Abril.)

O VALLE DO ITAJAHY

Quando escrevemos, em 1905, a *Chorographia de Santa Catharina*, tínhamos plena certeza de que muitas omissões e erros commettiamos, pois não viajamos, então, pelo magestoso Itajahy, não viramos suas margens sorridentes, não apreciaramos suas etcupavas sonoras e ignoravamos o que ia de progresso por esses valles lateraes dos tributarios submissos do Assú.

Escrevemos por informações e até bem insignificantes foram ellas com relação aos municipios do Norte do Estado, justamente a zona que mais convinha mostrar, como exemplo de trabalho intelligente, aos nossos queridos co-estadanos.

O que escrevemos hoje é destinado á segunda edição daquella obra, que por esses tres ou quatro annos, depois que obtivemos o maior numero de dados a respeito do Estado, pretendemos publicar. Pensamos que sairá, então, um trabalho digno da nossa formosa terra, que é, talvez, sem par em bellezas e riquezas naturaes.

* * *

Depois de seis horas de viagem por mar, ou dez horas de carro, á partir do Estreito, chega-se á cidade do Itajahy, sita na barra do rio, ou melhor, entre o Assú, o Mirim, o Canhadufa e os morros de rochas meio schistozas que formam os costões da barra e das Cabeçudas. n/

A cidade que vio nascer Lauro Müller está edificada numa planicie de innundação do grande rio que lhe deu o nome e que, segundo o competentissimo Sr. capitão-tenente Lucas Boiteux, devia-se pronunciar *tayahy*, isto é, *tayá* (*caladium* muito conhecido) e *hy* (agua). E', como se vê, um vocabulo guarany.

A posição geographica da referida cidade é, segundo o Dr. Dadt, 26° 53' 42" de lat. Sul e 5° 28' 21" Oeste do Rio. Segundo Mouché é 26° 54' 20" de latitude e 5° 29' 13" de long. As coordenadas achadas pelo Sr. Odebrecht são 26° 54' 37" de lat. e 5° 29' 14" de longitude. As coordenadas do Sr. Dadt merecem, como se vê, menos fé, pois differem de 1' 22" da longitude de Mouché e 1' 5" da de Odebrecht. Em longitude accusa tambem uma differença de 1' 8" para aquelles dois aferidores. Um minuto de arco sendo igual a uma milha, segue-se que o Sr. Dadt deslocou mais para o sul e para oeste cerca de 2400 metros a cidade. E' de crêr que a differença seja occasionada pela escolha da posição em que foram determinadas as coordenadas. As do engenheiro Odebrecht, sobre o/

tudo, merecem-nos todo o credito, porque S. S. é muitissimo escrupuloso nos seus trabalhos, e tão escrupuloso que já o nosso saudoso chefe general Dionizio nos dizia que accitava como optimas todas as obras do Sr. Odebrecht.

Como se vê, a posição geographica desta cidade torna-se recommendavel, e penso mesmo que muito mais que as outras cidades da nossa marinha, pois que, enquanto Florianopolis, S. Francisco e Laguna escondem-se da acção directa dos ventos do largo, Itajahy offerece-lhes a frente, recebendo, no verão, suas frescas caricias. Além disso é completamente desafogada, não possuindo, senão no seu extremo sul, marroas que impeçam a acção dos ventos.

O terreno em que assenta a bonita cidade pertence ao periodo post-plioceno ou quaternario. Nada sabemos de fosseis encontrados na vastissima planicie que vem desde o Indayal, em Blumenau, até á barra, mas é provavel que aquelles terrenos encerrem bellas preciosidades, dignas de figurarem em museo de paleontologia.

Sabemos que os terrenos marginaes do Assú são fertilissimos, o que é natural, afinal, pois sendo um grande deposito fluvial, as rochas são sedimentos de todas as origens. Allí devem ser encontrados todos os materiaes que formam as nossas serranias, pois que o Assú provem do conjuncto dos tres Itajahys que, como se sabe, nascem em regiões que podemos chamar distinctas entre si.

O material depositado e que forma a enorme varzea, contem necessariamente as ardozeas e arenites desintegrados da Boa Vista, as diabases, os trachitos, os basaltos e os granitos que formam os grandes massiços que vêm, desde aquelle bizarro campo, lajeando o Itajahy do Sul, até sua confluencia ao do Oeste, afiastando-se desde lá, cada vez mais, á proporção que desce para o suzerano.

As rochas que formam a serra do Geral, nas alturas em que tem nascimento o do Oeste, devem ser da mesma natureza das do municipio de S. Joaquim, isto é, devem ser rochas eruptivas. Assim tambem os campos de Papuanduva, d'onde vem o Norte. Ora, todas essas rochas, frequentadas pelos raios, desgastadas pelas aguas, pelos ventos, pelos animaes e pelo homem, vêm arrastadas nas enxurradas, misturadas com um sem numero de organismos, animaes e vegetaes, que morreram. É todo esse *melange* produzio os aberrimos terrenos onde vemos a canna de assucar, o café e outros productos tropicaes.

•••

Ao municipio de Itajahy pertence apenas um trecho de 30 kilo-

metros do rio deste nome. A oito kilometros ao montante encontra-se a barra do Itajahy-mirim, onde se ostenta uma grande serraria para o preparo de caixinhas de charutos.

Além das soberbas varzeas, pertencem ainda ao municipio os terrenos riquissimos do Luiz Alve^z, região montanhosa, e que ostenta o Bahú, morro que, pela sua configuração, mereceu um tal nome. Ahí, como já disse alguém, reside um verdadeiro museu de preciosidades mineræas. 5/

Quem viaja num dos pequenos vapores da companhia fluvial, tem, devido á morosidade da marcha d'aquelles navios, tempo e oportunidade para apreciar as paysagens ribeirinhas, que, seja dito, já não possuem a selvatica belleza do alto rio. Como compensação depara-se allí com bellas vivendas, cercadas de pastagens, onde brincam nédias vaccas leiteiras.

No Poço Grande termina o municipio de Itajahy e começa o de Blumenau, um colosso que se estende longitudinalmente por cento e sessenta kilometros e por cem no sentido latitudinal, ou cerca de 10.000 kilometros quadrados de superficie. Encravado entre nove municipios elle é, não só o maior, como o mais rico e prospero.

As margens do Itajahy são não muito altas, e formam-n'as, como já fizemos vêr, um terreno de pequena cohesão, facilmente esboroavel ao combate da corrente. Um ou outro ponto tem trechos de arenitos e o terreno elevado em collina, onde apparece o barro vermelho, destoando por completo das terras baixas. Assim são as margens até ás proximidades do Gaspar, onde já os morros têm-se avisinhado mais, elevando tambem as barrancas. Até o Gaspar, e mesmo até muito acima, o fundo do rio deve ser de rochas moveis, mas no Belchior apparecem os grandes blocos rolados, que formam um impedilho á franca navegação até Etoupava. Mais de uma vez encahamos nas Balisas, apezar do vapor possuir menos de um metro de calado.

No morro do Aipim, já na cidade de Blumenau, vimos uma rocha sedimentar roxa, que forma o referido morro.

Seguem agora, ora approximados, ora mais affastados, morrotes arredondados, sempre acompanhando as curvas do rio, que de Etoupava ou Altona para o montante deixa de ser navegavel. Desapparecem os terrenos inteiramente planos, que são substituidos por terras fracamente onduladas.

•••

Além de Altona o rio entra francamente na região das corredeiras, etoupavas e pequenos saltos, e estes são como que degrãos

de rochas crystalinas, de grão cuja parte horizontal é formada pelos bellos, profundos e longos estirões, onde o rio dorme tranquillo. Em certos estirões a profundidade é grande. Vimol-a de 12 metros na bifurcação ou confluencia do Benedicto com o Assú, e sabemol-a de 24 metros no kilometro 61 da estrada de ferro Santa Catharina. Precisamente nesse ultimo ponto existem rochas metamorphicas onde observamos bastantes curiosidades. Tambem chamou-nos a attenção presença de conglomerados bellissimos.

Em artigo que publicamos n' *O Dia* tratamos já deste assumpto. Fizemos notar que, desde que da estrada de ferro se observa o Buger Kopk, a região entra a modificar-se. Os morros são mais altos e rochosos. E' a Serra do Mar, que bi-parte-se no Morro Pelado, para dar passagem ao Itajahy-assú, que corre rapido, rumoroso e espumante, formando de cabeça rochoso e alteroso, onde apenas lichens existem, uma península, em cujo cimo existe uma bandeira metalica.

No kilometro 69 da estrada de ferro, estação terminal, o nosso rio perde a denominação de Itajahy-guassú. E' ahi a confluencia do rio do Norte, mais poderoso do que o do Oeste, ou, pelo menos, de igual volume d'agua. Brigam, as vezes, os dois potentados.

Na ultima e terrivel cheia, que nos pegou nas cabeceiras do rio dos Indios, a principio o rio do Norte levou de vencida o seu rival, mas bem depressa teve de ceder o logar áquelle, pois as chuvas cahiram com mais força para as ribanceiras do Oeste.

*
* *

Sigamos agora, primeiramente, o rio Hercilio, ou do Norte. A's suas margens a Companhia Colonisadora Hanseatica de Hamburgo estabeleceu colonias, nos 652 mil hectares de terras feracissimas que o governo lhe cedeu. Nós não estudaremos as condições actuaes da referida companhia e apenas nos referiremos ás questões physicas do local ou da região importantissima que occupamos actualmente. O rio Hercilio, desde a sua bifurcação com o do Oeste até o Raphael é todo cheio de etoupavas. Um ou outro pequeno trecho plano permite a parada das aguas. O mesmo succede de Raphael a Neu-Bremen, si bem que nesse ultimo pedaço os estirões já se apresentem maiores.

As terras marginaes, de morros, que tanto estreitam o valle do Hercilio até Hammonia, tornam-se mais desafogadas do morro do Carrapato para cima. Já no Kraiel e no Indios, affluentes d'aquelle, os valles são muito lindos e fertes, si bem que um tanto humidos e dados ás sezões. Esta febre flagella aquella população

durante os mezes do verão, não existindo absolutamente no inverno e na primavera.

As terras marginaes do Indios inclinam-se suavemente para o rio, á margem do qual ha pequenas varzeas, que os colonos agricultam, mas que estão, como succede agora, sujeitas a serem damnificadas pelas aguas.

O INDIOS é um affluente da margem direita do Kranel. Ambos tiram suas origens da Serra do Mirador, que, tendo nascimento no angulo formado pelos dois Itajahy, nas proximidades de Hammonia, segue depois para N. W. até entroncar-se na Geral, ahi pelas adjacencias dos campos de Papuanduva. Esta Serra, como a do Mar, forma uma successão de chapadões estreitos, que dividem as aguas dos referidos rios.

* * *

O que, sobre tudo, fére a attenção do recém-chegado ao Indios é a exuberancia da vegetação.

O arvoredado florestal toma aqui proporções gigantescas, e mesmo as hervas rasteiras revestem-se de côres e possuem vîgores extraordinarios. E' o calor, o calor e a humidade, elementos primordiales, essencialissimos para obtenção de vegetação luxuriante. Quem vem a este recanto selvagem, goza, em caminho, de uma paysagem deliciosa.

Na unica eminencia da estrada, olhando-se para sudoeste, a vista acompanha o Kranel no trecho em que elle descreve um ramo de parábola, a descoberto, e em varzea onde dias antes existiam bellas pastagens e onde se encontra hoje a vaza trazida pela ultima cheia. No fundo elevam-se os cabeços rochosos do Mirador; mas, apesar de ser commum este quadro aqui no Estado, a disposição que tomam o rio e a serra offerece certo encanto. Effectivamente, no fundo escuro do matto, ou sombreado em parte por elle, o Kranel parece um ophidiano enorme. Depois, quando limpida apresenta-se a atmosphaera, o macisso do Mirador destaca-se tão nitido no horrisonte, que encanta a vista, e convidam-nos, rio e serra, a poetisar.

* * *

Em nossas entradas quotidianas, ou no penetrar diariamente mais na floresta, encontramos ensejo para observar a Fauna, a Flora e a Geologia dos terrenos ribeirinhos.

Continúa)

Vieira da Rosa

1º TENENTE

Notas Historicas

(Continuação da pag. 95)

- 6º — **Coronel Lauro Severiano Müller**, bacharel em mathematicas, eleito em 30 de Dezembro de 1899, reconhecido a 21 de Abril de 1900, empossado a 3 de Maio do mesmo anno. Resignou em 10 de Outubro de 1902.
- 7º — **Dr. Hercilio Pedro da Luz**, engenheiro civil, eleito em 10 de Junho de 1900, reconhecido em 13 de Julho, empossado a 18 do mesmo mez. Terminou o mandato em 31 de Dezembro de 1905.
- 8º — **Coronel Gustavo Richard**, eleito em 18 de Fevereiro de 1903, reconhecido em 20 de Abril, tomou posse em 3 de Maio, tudo no mesmo anno. Resignou em 10 de Outubro de 1906.
- 9º — **Coronel Dr. Felipe Schmidt**, bacharel em mathematicas, eleito em 18 de Fevereiro de 1903, reconhecido a 20 de Abril, tomou posse em 3 de Maio de 1903. Terminou o mandato em 31 de Dezembro de 1908.
- 10º — **Dr. Hercilio Pedro da Luz**, eleito em 30 de Janeiro de 1906, reconhecido a 22 de Abril de 1909, tomou assento a 3 de Maio do mesmo anno. Termina o tempo a 31 de Dezembro de 1914.
- 11º — **Dr. Felipe Schmidt**, eleito em 30 de Janeiro de 1909, reconhecido em 20 de Abril, tomou posse em 3 de Maio, tudo do mesmo anno. Termina em 31 de Dezembro de 1917.
- 12º — **Coronel Dr. Lauro Severiano Müller**, eleito a 17 de Fevereiro de 1907, reconhecido a 20 de Abril, empossado no mesmo dia. Acaba o seu mandato em 31 de Dezembro de 1911.

III

DEPUTADO ÀS CORTES DE LISBOA (1821-1822)

(1ª CADEIRA)

1º — Lourenço Rodrigues de Andrade — padre.

Continúa)

Rodolpho Baptista de Araujo

A RELIGIÃO DOS POVOS ANÃOS

(Continuação da pag. 109)

II ETHICA

Da *justiça* tem idéas simples e probas.

Quando os inglezes estabeleceram pela primeira vez uma colonia de degradados nas ilhas, os aborigenes não lhes deixavam um momento de socego. Continuamente sahiam dos seus mattos e faziam chover settas sobre os uzurpadores. Mas nessas lutas os selvagens evitavam cuidadosamente ferir os trabalhadores que cumpriam penas, porque os reconheciam coagidos no roubo que se fazia do seu paiz. Em vista desse proceder dos aborigenes, que foi logo verificado, os officiaes inglezes tomaram o alvitre de trazerem cadeias nos braços, simulando-se forçados, afim de se isentarem dos ataques.

Os seus conceitos sobre o *casamento* são quasi identicos aos do christianismo, que, como se sabe, baseam-se sobre as leis naturaes. A bigamia, a polygamia, tão frequentes entre os negros, lhes são inteiramente desconhecidas; e não admittem razão alguma que possa determinar a dissolução do vinculo conjugal. Fidelidade matrimonial não é entre elles excepção, mas a regra. As dissensões entre esposos, que naturalmente ás vezes apparecem, ficam facilmente resolvidas, com ou sem intervenção de amigos.

Parentesco, mesmo muito remoto, é considerado impedimento matrimonial, e muito se escandalisam com os inglezes, que nessa materia têm procedimentos menos severos. Aos viuvos não é prohibido casarem-se novamente, mas de muito maior consideração gozarão elles si se conservarem no estado de viuvez, vivendo em continencia.

Um exemplo frisante de *são imperio sobre si mesmo*, que apresentam esses povos, é o que se refere ao jejum. Principia no decimo terceiro anno, mais ou menos, e dura diversos annos. Durante essa prolongada phase da vida abstêm-se da carne de porco e da de alguns outros animaes, de mel e de diversos outros alimentos.

Mas a sua virtude principal é a *caridade para com o proximo*, virtude que se mostra pela hospitalidade, pela liberalidade, e, especialmente, pelo carinho amoroso para com os filhos, parentes, aleijados e doentes.

III IDÉAS SOBRE A NATUREZA E HISTORIA DO HOMEM

Na exposição destas theorias não mencionarei as narrações biblicas que com ellas se relacionam. Os que não tiverem boa re-

miniscencia farão bem lendo, previamente, os primeiros capitulos do livro de Moysés ou de alguma historia biblica.

A immortalidade da alma

A alma, segundo elles, é immortal. Quando o homem viveu bem, vai para o céo, com Púluga. Mas quando viveu mal, não observando a lei de Púluga, é condemnado e vai para um lugar destinado a castigo, mas não para toda eternidade. (Esta é a differença mais essencial da doutrina christã).

Num desses dois lugares espera cada alma a resurreição dos corpos, para a qual Púluga dará o signal por um terremoto, que matará todos os homens na terra. Desde então começará uma vida sem doenças, sem dores, numa terra nova.

Creação do homem

Depois de fazer o mundo, Púluga creou um homem, a quem chamou Tomo. Este nome me parece muito interessante. Em hebraico o primeiro homem se chamou ADAM (sem pronuncia nasal do *m*). Como as vogaes são pouco constantes na evolução das linguas, devemos considerar só as consoantes: no andamanez Tm; no Hebraico Dm. Ora a mudança do T em D é tão frequente que grande numero de palavras tem em latim *t* e em portuguez *d*. Por conseguinte é muito provavel que a palavra hebraica *Adam* e a palavra andamaneza *Tomo* sejam, originalmente, uma e a mesma palavra.

E assim os andamanezes conservaram até o nome do primeiro homem.

Como na narração biblica, Púluga collocou Tomo num jardim, prohibindo-lhe comer os fructos de algumas arvores. Tambem lhe deu fogo e lhe ensinou muitas cousas praticas, entre ellas cosinhar carne de porco.

Sobre a criação da primeira mulher ha differentes tradições entre as diversas tribus andamanezes. Por isso seria necessario alongarmo-nos demasiadamente para referil-as.

Quando Tomo, o primeiro homem, já não vivia na terra, os seus descendentes começaram a desobedecer a lei de Púluga. Irado por isso, Púluga enviou uma grande inundaçào, que cobriu toda a terra. Só dois homens e duas mulheres salvaram-se numa canoa.

Feita esta ligeira descripção da religião dos andamanezes, vamos dizer algumas palavras sobre a religião dos outros povos anãos, que são menos conhecidos. Como se verá, a semelhança é evidente e prova a antiguidade desta religião, que ficou sem alteraçào em partes tão distinctas do globo.

Continúa

Dr. Jacob Huddleston Slater

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

Biographia

(Continuação da pag. 112)

« Porquanto: sendo El-Rei, meu muito amado senhor, servido determinar em carta regia, datada de 31 de Junho de 1776, que no seu real nome fizesse comprehender significativamente ao general do exercito do sul João Henrique Bohm o bom uso que fez do fausto dia 31 de março, para cumprir as suas disposições, e o bem que as ordenou aos uteis e gloriosos fins a que as dirigio, ordenando-lhe que á testa das tropas significasse ao sargento-mór Manoel Soares Coimbra que á Sua Magestade foram presentes o amor do real serviço e a valentia, constancia e presença de espirito com que elle se distinguio nas acções daquelle glorioso dia, e que o mesmo Senhor em signal da satisfação que delle tem lhe faz mercê do posto de tenente-coronel, do qual principiará a exercer e a vencer tempo e soldo desde que á mesma hora fôr declarada á testa das tropas na sobredita fórma.

O faço assim saber por esta minha portaria, que lhe ficará servindo de titulo, para que se execute o que o sobredito Senhor é servido ordenar. Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1776. — *Marquez do Lavradio.* »

Concluida a commissão de que acima fizemos menção, passou Coimbra a commandar a villa de S. José do Norte e toda a margem do Rio Grande desta parte, porque a este tempo constava já officialmente que a famosa expedição hespanhola ao mando do general D. Pedro Cevalhos brevemente chegaria ás aguas da America Meridional, e que traçava o plano de desembarcar o seu exercito entre o laga-mar da barra e a freguezia do Estreito, com designio de retomar o Rio Grande.

Era consequentemente necessario fortificar estes pontos, do que dependia não só a segurança da conquista que se acabava de fazer, como da provincia inteira de S. Pedro. Para tão importante commissão foram esquecidos os nomes de officiaes generaes, e só lembrado o de Coimbra, que no decurso da guerra o exercito tinha visto desempenhar as mais arduas emprezas; e com effeito com infatigavel zelo e pericia pôz aquelles pontos em estado de defeza, augmentando as fortificações da barra da parte do norte, e dando-lhe mais regular construcção. Apenas estes trabalhos se

concluíram, e o general informado de que D. José Vertiz, general hespanhol, á frente de um corpo do exercito marchava de Montevidéo a retomar o Rio Grande, e não sendo possivel que Coimbra se multiplicasse para tantas e tão diversas commissões, é chamado para o ponto que mais próximo perigo ameaçava, e marcha a reforçar as guardas avançadas do Albardão, por onde o inimigo devia penetrar, com quatro companhias de granadeiros, disposto a fazer ali uma defesa que obstasse os progressos do inimigo.

Neste estado se achavam as cousas quando o general Bohm recebeu ordem da Côrte para a suspensão absoluta das hostilidades, e que um official superior do maior conceito e capacidade fosse o portador das ordens da Côrte da Hespanha, sobre o mesmo objecto, dirigidas ao general Cevalhos. E para que nem esta honrosa commissão naquella campanha fosse incumbida a outro official, foi Coimbra o portador dessas participações ao general hespanhol, o que desempenhando voltou ao commando do norte.

Corria o anno de 1779 quando o exercito seguiu para o Rio de Janeiro. Coimbra se incorporou então ao seu regimento e nelle se recolheu áquella capital, coberto de gloria pelas suas preclaras e heroicas acções praticadas á face de um exercito inteiro. Passaremos agora aos seus serviços no Rio de Janeiro, onde jámais esteve ocioso.

Commandando ora o regimento d'Estremoz, ora o de Bragança, pelo impedimento de seus chefes, continuou a dar testemunhos de suas qualidades que sempre o distinguiram em grão eminente; honra e desinteresse nas commissões de que era encarregado, como patenteou com o espolio do forte de Santa Barbara, mandando distribuir pelos soldados a parte que lhe tocava; amor, zelo e cuidado pela conservação da tropa ao seu mando, do que resultou a afeição com que obedecia aos seus preceitos, apesar de ser rigido observador da disciplina.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, que succedeu ao marquez do Lavradío, no governo do Brazil, em 1779, fazendo de Coimbra o mais distincto conceito, o empregou constantemente nas commissões da maior ponderação. Rebelando-se os indios de uma aldêa proxima de Cabo-Frio, foi elle quem, passando áquelle districto, restabeleceu a tranquillidade entre os moradores, fazendo conduzir para a capital do Rio de Janeiro os cabeças da rebelião.

Continúa)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

Pesquisas de carvão em Santa Catharina

(Continuação da pag. 123)

E' uma substancia solida, com aspecto de parafina.

Dou esta analyse sómente a titulo de curiosidade, pois ella não apresenta de forma alguma a riqueza do schisto em petroleo ou seus derivados.

No arroio dos Pardos, affluente do rio Canoinhas, 12 kls. S. 40° do Tigre, a mesma formação se apresenta, occupando grande extensão do leito. O schisto, além de reptífero, é rico em nodulos de pederneira.

Terreno carbonifero.— O terreno carbonifero acha-se muito bem representado em Santa Catharina, onde se encontram magnificos affloramentos de carvão, principalmente no lugar denominado —Minas do Tubarão.

E' esse ponto a estação final da E. F. D. Thereza Christina e dista 80 kilms. do porto da Laguna.

Está situado na base da Serra Geral e é atravessado pelo rio Tubarão, que, nascendo mesmo nas vertentes da serra, vem desembocar na barra da Laguna.

Da Laguna á Estação das Minas o terreno é todo granítico.

A dous kils. apenas das Minas começam a apparecer rochas sedimentarias, indicando terrenos mais modernos. A um kilometro além da estação, começam a ser encontrados os affloramentos, aqui e alli, das quatro camadas carboniferas existentes.

Sondagens no Bonito e Barro Branco—Fui incumbido, em Agosto de 1904, de tirar toda a planta da zona carbonifera do Tubarão. Em Outubro comecei a fazer uma sondagem proxima á estação, afim de verificar si, abaixo da camada do Bonito, existia outra.

Esta sondagem tinha sido iniciada pelo Dr. Prado Seixas, que se retirou do Tubarão por incommodos de saude.

Começou a sondagem atravessando-se 4 m. de conglomeratos, seguindo-se schisto argiloso negro. Tem depois uma grossa camada de grés argiloso claro, vindo mais schisto, depois mais grés e afinal granito a 33m. e 40.

Ficou demonstrado que, cerca de 76m. abaixo da camada do Bonito, no Tubarão, encontra-se o granito, visto estar o Bonito a 24m. de altitude, o ponto de sondagem a 198ms. e granito a 33ms. abaixo deste ponto.

A sondagem foi executada por *battage*, por não termos co-roa de diamantes.

Ora, não sendo a sonda apropriada para trabalhar por tal processo, não apresentando nenhuma resistencia aos choques, a cada instante tinha um accidente a remediar.

Houve até desastres horrorosos, como de quebrarem as ferramentas de alargamento, ficando completamente presas nas paredes do furo.

Com muito cuidado e extrema paciencia consegui, apesar dos innumerous contratemplos, levar a sondagem até o fim, terminando-a em Janeiro de 1905.

O avançamento diario, nessa sondagem, foi insignificante, cerca de 0m.,20 a 0m.,30 por dia de 10 horas de trabalho.

A Estação das Minas do Tubarão, hoje Lauro Müller, é um magnifico local para estudar-se a stratigraphia completa da formação carbonifera do Brazil, visto que existe uma estrada de rodagem que, partindo de Lauro Müller, vae até á região dos campos, subindo em rapidos zig-zags a Serra Geral, partindo de uma altitude de 198 m. 8, que é a da Estação Lauro Müller, e indo a uma altitude de mil e tantos metros, talvez de 1200 a 1500 ms.

A estrada do Arroio do Rasto apresenta, pois, um corte geologico de 1300 ms., ficando toda a zona de rochas estractificadas comprehendida entre o granito de marinha e o basalto que forma as cumiadas de toda a Serra Geral e que faz erupção entre os grés, metamorphoseando em parte essa rocha.

O corte geologico é mais ou menos o seguinte: Sobre o granito vê-se uma camada delgada de grés claro, da formação devoniana; sobre este uma camada de grés duro azulado, primeiro termo da série das rochas carboniferas: seguem-se schistos argilosos negros, sobre os quaes existe uma camada de conglomeratos de 4ms. de expessura.

Esta camada limita-se a uma pequena zona proxima á Estação.

Sobre o conglomerato encontram-se camadas de um grés branco amarellado molle, contendo impressões de calamitas.

Seguem-se, depois, camadas de schistos, grés e carvão, alternadas, sobre as quaes encontra-se grés vermelho, que faz contacto com o basalto a 862m5 de altitude, ou seja a 663m.5 acima da Estação Lauro Müller.

Em Abril de 1906 voltei de novo ás Minas do Tubarão a fim de fazer uma sondagem para bem determinar a differença de nivel entre as camadas de *Barro Branco* e *Bonito*, a expessura desta, assim como a qualidade do carvão nella encontrado, etc.

(*Continúa*)

Dr. Benedicto dos Santos

Terceiro Congresso Brasileiro de Geographia

2ª COMMISSÃO—GEOGRAPHIA PHYSICA

A COSTA CATHARINENSE

PELO

DR. JOSÉ ARTHUR BOITEUX

PARECER

Comprehende um unico capitulo a *Memoria* intitulada *A Costa Catharinense*, da lavra do Dr. José Boiteux, apresentada ao 3º Congresso Brasileiro de Geographia.

Neste trabalho, em que o seu autor demonstra, com a mais alta proficuidade, uma grande somma de conhecimentos especiaes, concernentes á materia que com muita felicidade descreve, encontra-se um dos mais valiosos subsidios que se podem imaginar relativamente ao estudo da potamologia do sinuosa e caprichosa costa catharinense, em toda a sua prolongada extensão, que attinge a mais de 500 kilometros.

Este bem ponderado e primoroso trabalho em questão é, nos limites da materia de estudos nelle contidos, uma excellente contribuição de arguta indagação e demoradas locubrações scientificas, cujo resultado magnificamente assoberba e engrandece os conhecimentos geographicos daquella parte do Brazil.

Nesta utilissima producção, em que notamos *de fond en comble* os mais bellos traços de um espirito velado por uma sadia e robusta intelligencia, o muito erudito Dr. Boiteux nos offerece uma *monographia* altamente preciosa, em que podemos estudar, com vantagem e superioridade de vista, toda a vasta região hydrographica de que é fartamente dotado o futuroso Estado de Santa Catharina.

*
*
*

No grande numero de inveterados estudiosos que em uma série continúa de esforços gigantescos, se empenham com uma dupla e vigorosa energia na ardua porém fructuosa tarefa da diffusão dos conhecimentos geographicos de sua terra, vemos assomar, com uma alentada estoicidade de espirito, o valoroso Dr. Boiteux, que, affrontando e superando todos os obices que se lhe antolham, coopera com um fulgurante enthusiasmo na solução dos magnos problemas de que nos falla Élisée Reclus, afim de conseguirmos *le Grand Livre de la sagesse humaine*.

Ao bello espirito de iniciativa do autor da *Costa Catharinense* devemos, *la noblesse oblige que nous disions la plus pure verité*, a instituição, verdadeiro desfecho de luz magestosamente reflectindo sobre o espirito da Nação inteira, que deverá reunir e consolidar todo o elemento basico para que se estabeleçam definitivamente todos os variados ramos da evolução dos povos brasileiros, em todas as direcções compensadoras de suas multiplas energias e inexoravel actividade, muito consentaneas á sua indole de profunda indagação.

*
* * *

A' medida que vamos penetrando nas profundas subtilezas das cousas que instituem os adiantamentos de um povo, mais se vae accentuando a nossa preponderancia no concerto das nações evolutivas, e mais se avolumam os nossos thesouros emanados de um numero infinito de inexgottaveis mananciaes, que constituem as incalculaveis riquezas da Patria Brasileira.

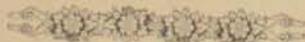
Nesta marcha assombrosa de um progresso positivo, evidentemente demonstrado, o Brazil, no decurso de tres seculos, num grandioso desfecho de energias bem aproveitadas e efficientes em todo o ponto de vista, será a primeira nação do mundo, e a lingua portugueza exercerá um vasto predominio em todos os povos civilisados: — será o idioma official (1).

É esta a nossa previsão, e não é destituída de uma base provavel.

Terminando o nosso desvalioso parecer referente á *monographia* de que aqui nos occupamos, votamos com intensa sinceridade e singular carinho para que seja ella publicada e obtenha a muito merecida honra de figurar nos annaes do 3º Congresso Brasileiro de Geographia:

Sala das Sessões, em 15 de Setembro de 1911.—*João Barcellos*, relator. — *Joaquim Gil Pinheiro*. — Major *Domingos Nascimento*. — *L. Pires da Rocha Pombo*. — *Manoel F. Ferreira Correia*.

(1) Este calculo que aqui tomamos a liberdade de apresentar acha-se isento de uma analyse minuciosa, pois prende-se intimamente a incerteza de um futuro remoto.



O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

NOTAS PARA ESTUDO

(Continuação da pag. 104)

O Imperador vendo que alguns ministros não interpunham a sua auctoridade para fazer cessar a crise tremenda, deixou-se dominar pelo desespero e demittiu-os, chamando de novo alguns dos antigos membros do Gabinete de 4 de Outubro de 1836.

A' excepção de Souza França e de Carneiro de Campos, que se haviam conduzido na gravissima emergencia com superior criterio, não desmerecendo da confiança do Imperador, nem da Nação, os demais foram substituidos por Manoel Jacintho (fazenda); Vilella Barbosa (marinha); João Vieira (guerra); e Pereira da Cunha (imperio). Tal era o Ministerio de 5 de Abril de 1831.

Essa mudança, porém, desagradou immensamente ao partido liberal, por que os novos titulares eram francamente hostís aos seus principios políticos, que repouzavam sobre a geral aspiração dos brazileiros natos. A crise manifestava-se cada vez mais intensa. Os liberaes, apoiados na população, requeriam a reintegração de todo o ministerio de 18 de Março. D. Pedro I não os quiz attender. SOUZA FRANÇA, solidario com os seus co-religionarios, foi então ao Imperador e apresentou excusa de seus serviços, visto não ter sido attendida a exigencia do seu partido e da população nacional da capital do imperio. Assim dignificado deixou as funcções ministeriaes no dia 6 de Abril o notavel lagunense.

Reflectindo, porém, sobre a natureza critica do momento, o Imperador achou prudente contemporizar, transigindo em parte: —considerou sem effeito o gabinete que nomeára no dia anterior e organizou o ministerio de 6 de Abril, chamando para compolo dois liberaes, membros do gabinete de 18 de Março, a saber: Bernardo da Gama (para a pasta do imperio) e José Manoel de Almeida (para a da marinha). As demais pastas foram occupadas por: João Carlos (estrangeiros), José Ignacio Borges (justiça); continuando Manoel Jacintho (fazenda) e João Vieira (guerra).

Em vez de attenuar, essa medida tibia do Imperador veio aggravar a crise, que attingio ao auge no dia seguinte (7 de Abril), com o conhecido temoroso movimento popular, ante o qual D. Pedro abdicou na pessoa do seu filho.

Para governar a nação, emquanto a Assembléa Geral não resolvesse a respeito pelos meios regulares, os senadores e deputados, reunidos com o povo, numa praça da cidade, acclamaram

um triumvirato, composto dos estadistas senadores Carneiro de Campos (marquez de Caravellas), Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e brigadeiro Francisco de Lima e Silva.

Essa REGENCIA PROVISORIA reintegrou, então, o Ministerio de 18 de Março, deixando apenas de tomar parte Hollanda Cavalcanti, que foi substituído pelo brigadeiro José Ignacio Borges.

A 26 de Abril Bernardo da Gama retirou-se do Ministerio. Coube a SOUZA FRANÇA a honrosa incumbencia de accumular as funcções dessa pasta (imperio), o que comprova a sua aptidão e alto gráo do conceito de que gozava.

Em 18 de Junho a Assembléa Geral elegeu a REGENCIA PERMANENTE para administrar o paiz durante a menoridade de D. Pedro II. E a 13 de Julho a REGENCIA PROVISORIA passou a responsabilidade dos negocios publicos á sua successora.

MANOEL JOSÉ DE SOUZA FRANÇA deixou, então, com os demais companheiros, os cargos ministeriaes, sendo-lhe successores: na pasta da justiça o grande DIOGO ANTONIO FEIJÓ, e na do imperio JOSÉ LINO COUTINHO, uma das figuras mais sympathicas dos primeiros annos da monarchia brazileira.

De 1831 a 1839 SOUZA FRANÇA desempenhou, com muita saliencia, o mandato de representante da nação no parlamento.

Em 1840, aos 5 de Agosto, foi nomeado presidente da Provincia do Rio de Janeiro. Tomou posse do cargo a 22 do mesmo mez e deixou-o a 1º de Abril de 1841. Foi o 3º presidente daquela provincia e exerceu a administração com proficiencia, honradez e proficuidade.

Em 1845 voltou ao parlamento, na 5ª legislatura, como deputado pelo Rio de Janeiro, e foi reeleito pela mesma provincia para a legislatura seguinte (1847-1848). Da sua competencia, do seu patriotismo, do seu character adamantino fallam eloquentemente os annaes legislativos d'aquella phase memorabilissima da nossa historia parlamentar.

Em 1848 publicou o notavel estadista catharinense, sob o pseudonymo de UM BRAZILEIRO, uma obra que causou sensação no mundo politico — *Retrospectos dos erros da Administração do Brazil*.

A 8 de Fevereiro de 1856 o CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA falleceu na cidade do Rio de Janeiro, ladeado da consideração dos grandes do Imperio e da estima dos seus concidadãos, que veneraram nelle o exemplo frizante do quanto podem a intelligencia, o estudo, o amor ao trabalho e a honradez acrisolada.

(Continúa)

José Johnny

176

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

(Continuação da pag. 106)

Agora vamos vêr que o alimento, apropriado á passar pelos diversos tecidos, sob forma de sangue, é quasi que immediatamente expropriado por esse mesmo sangue, que, após o ter trazido em um flux, o reconduz em um refluxo.

O ar atmospherico é formado da mistura de dois gazes — azoto e oxygenio — na proporção de 79 de azoto e 21 de oxygenio; ora, o ar aspirado vai ter directamente aos pulmões, os globulos do sangue se apoderam do oxygenio e vão distribuil-o sobre todo o percurso da circulação, em todos os reconditos do organismo. E como o oxygenio é o comburente por excellencia, elle começa immediatamente sua obra de destruição, isto é, de desassimilação.

Combinando-se com os elementos dos tecidos, e mais particularmente com os elementos carbonados, o oxygenio forma acido carbonico e sua combinação com o hydrogenio formará agua. Esses detricitos organicos produzidos no systema venoso desprendem-se pela via pulmonar. Aspiramos oxygenio e expiramos acido carbonico e vapor d'agua. Assim seguidamente. A permuta é permanente, e mesmo muito accelerada, sem treguas nem repouso, do nascimento até á morte. Tão accelerada, essa permuta, que é sufficiente meio minuto para que toda a massa do sangue faça uma volta completa! Admittindo-se para cada volta uma media de 8 litros, essês 8 litros passarão 2.875 vezes pelos pulmões, os quaes receberão desse modo, em 24 horas, 232 hectolitros de sangue carregado de velhos materiaes de demolição, que devem absolutamente ser substituidos, afim de ser mantido o equilibrio.

Isso não é tudo; vamos ainda tomar em consideração outras perdas. Visto que, a não ser o azoto, que absorvemos respirando e que restituimos integralmente pelos pulmões, nada mais exhalamos, não importa sob que forma, pelas vias respiratorias, é natural que por outra forma tenha uma porta de sahida o que resta queimado no organismo. Cabe essa funcção aos rins. Em estado normal os rins excretam, em média, 1.300 a 1.500 grammas de urina por dia, a qual contem pouco mais ou menos 32 a 37 grammas de uréa, sejam 15 ou 17 grammas de azoto proveniente uni-

camente do facto de combustão dos tecidos pelo oxygenio. A uréa é cerca de 3 vezes mais rica em azoto que as materias as mais azotadas conhecidas, porque ella encerra quasi 47%. Ajuntemos a essas perdas as provenientes do suor, da perspiração cutanea e outras.

Se a assimilação é uma tomada de posse, a desassimilação é uma restituição. A quem? Evidentemente ao vegetal, sobre o qual directamente ou indirectamente, todos vivem. Por que o vegetal empresta, mas não dá nada a ninguem, mesmo durante a nossa vida. Nós não somos proprietarios do nosso proprio corpo, que nos escapa parcialmente a todo minuto, indo-se em fragmentos pela fuga das excreções cutaneas, pulmonares e renaes. Sim, o vegetal cobra pouco a pouco seus emprestimos: retoma o carbono, o azoto, o oxygenio, os saes, que lhe pedimos a cada aspiração, e que lhe restituimos a cada excreção, a cada expiração, emquanto não chega a expiração final, pela morte, que será para elle a restituição suprema e definitiva.

Conselho. — Como a analyse nos ha revelado o valor nutritivo de cada alimento, cabe-nos fazer uma escolha judiciosa entre os comestiveis que melhor convêm ao nosso estado actual. Assim, se tivermos necessidade de azoto para nos tornarmos mais fortes, mais gordos; ou, se precisarmos de carbono para entreter simplesmente nosso calor animal, usaremos, segundo o caso, seja de carne de animaes silvestres, de carnes vermelhas, de queijos, de ovos, etc., porque esses alimentos são muito ricos em azoto; ou, então, nos alimentaremos, de preferencia, de féculas, de toucinhos, de substancias gordurosas, comestiveis que abundam em carbono.

IV

Influencia da latitude sobre a alimentação

Já deixamos dito, no curso deste estudo, que o ar é o grande regulador da nutrição, considerando-se que, pela combustão que elle provoca, que activa ou retarda, segundo sua maior ou menor densidade, a desassimilação opera-se mais ou menos rapida, visto como ella está rigorosamente subordinada á quantidade de oxygenio aspirada. Deve-se levar em conta os diversos exercicios physicos, que acceleram, em larga proporção, o jogo normal dos pulmões, e que fazem o homem de acção physica perder sempre mais quantidade do que o homem sedentario, unicamente porque o primeiro respirará com mais intensidade. E' isto uma regra geral, que não soffre nenhuma especie de excepção.

(*Continúa*)

J. B. Franc

O fim da Republica Catharinense

COMBATE NAVAL DE 15 DE NOVEMBRO DE 1839

Officio do commandante da Divisão Naval

Illmº. e Exmº. Sr.—Tive a honra de participar a V. Exa. a feliz entrada da Laguna pela Força Naval e de terra, mas não o podia fazer com as particularidades da acção e final resultado, porque quando o participei ainda estava dando providencias e em laborioso trabalho.

Foi o dia 15 de Novembro aquelle que a Providencia tinha destinado para que a divisão naval, que tenho a honra de commandar em operações na provincia de Santa Catharina, se cobrisse de eterna gloria e fizesse triumphar as Armas do nosso Augusto Imperador.

Noticias atterradoras circulavam e todos os dias os emissarios do inimigo as espalhavam referindo providencias por elles tomadas: — amarras de ferro fechando a barra, e, ultimamente, embarcações cheias de pedras mettidas no fundo. Isso me punha nas mais apuradas e tristes circumstancias, e muito mais porque o lugar onde tinha aportado era dos mais desabridos para conservar-me. A brigada de operação com falta de cavallos e os poucos que haviam sem pastos. Falta de mantimentos ia-se experimentando e punha no maior cuidado o Sr. Tenente-Coronel José Fernandes dos Santos Pereira, commandante da 1ª Brigada: a confiança que nós merecíamos de V. Ex.ª mais fazia esforçar nossos desejos a vencer difficuldades, que a cada passo se accumulavam; esgotei minhas fracas idéas em planos, que logo distrahia a proporção que me occorriam, pois ardua era a empreza em um lugar que tinha a passar com as embarcações, onde um tiro de pistola cruza da fortaleza ao banco, muito mais havendo embarcações de guerra em linha, 6 peças de artilheria na fortaleza, fuzilaria e differentes obstaculos; esgotei, pois todas as minhas idéas e deliberei no dia 14 o ultimo plano, e o communiquei a varios commandantes e elles me prometteram antes succumbir com honra, quando a sorte nos fosse adversa, do que praticarem a menor acção em menoscabo de nossas armas. Nutrido dos mesmos sentimentos, não esperei mais que patentear o meu plano ao distincto Sr. Tenente-Coronel José Fernandes dos Santos Pereira, commandante da 1ª Brigada, e o puz em pratica logo que o vento N. me foi propicio. Dei as minhas ordens e dispuz a Força Naval da maneira que se segue:—Canhoneira nº 14, ao mando do muito intrepido 2º Tenente Manoel Moreira da Silva;

Lanchão n.º 1, ao mando do bravo Guarda Marinha Antonio José Pereira Leal; N.º 2, ao mando do Guarda Marinha Joaquim Rodrigues da Costa; N.º 3, ao mando do valente escrivão José Manoel da Silveira; N.º 4, ao mando de um patrão; todas essas embarcações, guarnecidas com cento e cinquenta homens, deveriam abordar a escuna de guerra *Itaparica*, para a metterem no fundo, ou desfazer as correntes, se acaso as tivesse, afim de poderem entrar as mais embarcações. E ainda com dôr do meu coração eu conhecia que deveria perder pelo menos metade dessas guarnições; comtudo criticas eram minhas circumstancias, e mais gloria caberia aos que escapassem, por terem o arrojo de ir abordar uma embarcação de guerra debaixo de uma bateria, a menos de tiro de pistola, e uma cortina com mais de 300 fuzis, quatro barcas de guerra e cinco com fuzilaria. Seguiam-se na popa, a duas amarras de distancia, as Canhoneiras n.º 6 e 13, commandadas pelos denodados 1.º Tenentes Francisco Pereira Pinto e Francisco Luiz da Gama Roza, (com o designio de distrahir parte do fogo que a fortaleza e embarcações deveriam fazer sobre os lanchões); a 3 amarras pela popa dessas canhoneiras ia o patacho *S. José*, depois o brigue-escuna *Eólo*, brigue-escuna *Concha*, escuna *Bella Americana*, patacho *Desterro* e canhoneira *Belico*, em distancia de meia amarra uma das outras. Assim acommetemos a fortaleza e embarcações de guerra, que em todos os sentidos nos faziam terrivel fogo: o signal da Bandeira Nacional, no tópe grande do brigue escuna *Eólo*, onde eu ia, repetido por toda a Divisão Naval, indicava—Imperador—e dever da leal e denodada Marinha Brazileira. A este signal nada mais se ouvia senão fogo e vivas ao Nosso Caro e Augusto Imperador o Senhor D. Pedro II, e eu via bater com o maior entusiasmo as nossas bravas guarnições, como a quem lhes faltava o tempo para anniquillar seus inimigos. Cortada a linha inimiga pelo denodado 2.º Tenente Manoel Moreira da Silva, foram entrando todas as embarcações e em menos de duas horas estava o inimigo derrotado e vencido e algumas embarcações em fuga. Ellas se achavam fundeadas em um semicirculo, sendo as escunas de guerra *Itaparica*, *Libertadora*, *Cassapava*, canhoneira *Lagunense* e cinco embarcações com fuzilaria, e logo se seguiam o palhabote de guerra *Seival* e canhoneira *Sant'Anna*, (as quaes, fugindo, em breve tempo foram prezas da escuna *Bella Americana*), e lanchões ns. 1 e 3—sem que se podesse apanhar a guarnição, por fugirem por cima dos baixos. Mandeí abordar as embarcações, porém o inimigo ateou fogo na escuna *Itaparica* e em duas embarcações menores. Atalhou-se o fogo em um patacho novo. A escuna *Cassapava* foi ao fundo pelos rombos que soffreo, porém está já sobre fundas

para ser tirada. Completas foram a nossa victoria e a derrota do inimigo, pois até foram mortos todos os commandantes, menos o seu chefe Garibaldi (1): tomámos 5 peças de artilheria da fortaleza, posto que estivessem na praia, 5 peças da *Itaparica* e 3 rodizios das 3 canhoneiras: finalmente a relação nº 1 mostra as embarcações e munições de guerra e embarcações mercantes que tomámos, a nº 2 os mortos e feridos.

Quando a Divisão Naval entrou na Laguna, ao mesmo tempo entrou na Villa a distincta e brava columna commandada pelo benemerito Sr. Tenente Coronel José dos Santos Pereira.

Não posso particularisar commandante, official ou guarnição da Divisão Naval, porque todos se portaram com a maior intrepidez e valor, porém direi que a justiça reclama que o Governo de Sua Magestade deve ter muito em conta os serviços prestados pelo 2º Tenente Manoel Moreira da Silva e por todos os commandantes e que a marinha Brazileira tem em si mesma officiaes distinctos.

Toda esta gloriosa acção nos custou 30 mortos e 38 feridos de nossos companheiros e o apparelho das embarcações todo cortado. (2)—Deos Guarde a V. Ex^a—Bordo do Patacho *Desterro*, surto na Laguna, em 23 de Novembro de 1839. — Illmº e Exmº Sr. Francisco José de Souza Soares de Andréa, Presidente e General — **Frederico Mariatt**— Capitão de Mar e Guerra, Commandante da Divisão

(1) Nas suas *Memorias* escreveu **Garibaldi** :

“O combate foi o mais horrivel e mortifero que se poderia julgar.

Annita ficou sempre a meu lado, no posto mais perigoso, não querendo nem desembarcar nem aproveitar-se de nenhum allivio, e sem ao menos inclinar-se como faz o homem mais bravo quando vê a mécha approximar-se do canhão inimigo.

Ordenei-lhe que fosse pedir reforço ao general, dando-lhe a minha palavra de que, se me enviasse esse reforço, entraria na lagõa perseguindo os imperiaes e tratando-os de tal maneira que elles não pensariam em desembarcar, embora tivesse eu de lançar fogo á sua flotilha. Obriguei **Annita** a prometter-me que ficaria em terra enviando-me a resposta; mas com bastante pezar meu foi ella mesma quem a trouxe.

O general não tinha soldados para me mandar e ordenava-me que não deitasse fogo á esquadra inimiga, e que viesse para a terra, salvando as armas e munições.

Obedeci. Debaixo do fogo, que não cessou um momento, conseguimos fazer transportar á terra as armas e munições. **Annita** dirigio a operação, enquanto eu, passando de um navio a outro, collocava no logar mais inflammavel de cada um delles o fogo que o devia devorar.

Foi missão terrivel, que me fez passar em revista mortos e feridos. Era um verdadeiro açougue de carne humana; andava-se por cima de montões de cadaveres.

Uma nuvem de fumo envolveu os navios, e os nossos bravos tiveram ao menos sepultura digna delles. „

(2) Das forças republicanas, que se compunham de mil e tantos homens, o numero de mortos foi de 120.

pevide da romã, o sorriso fugia mais meigo e puro como a espiral do incenso transparente.

Tudo nella valia um thesouro, um thesouro de lei, um thesouro virgem e copioso.

Era alva como o dia e terna como os halitos da noite.

Os rapazes do logar andavam todos ás tontas por causa da filha do José Paz.

Ella, porém, meneava a eloquente cabeça e, com um sorriso entre a ironia e o gracejo, despedia, um por um, os suspiros dos seus innumerados enamorados.

José Paz dissera-lhe um dia:

— Que tal achas o Manoel dos Affogados, hein?

Rosinha fitou os olhos rasgados e humidos na bôcca entre-aberta do rotundo autor de seus dias.

— Por que?

— Responde direito, pequena. Isso não é responder ao que te disse!

— Por que me pergunta, meu pae? repetio ella, tornando-se séria e pensativa.

José Paz era bronco; optimo homem, excellentissimo cidadão, respeitador do proximo... mas bronco. Tem paciencia, meu velho! tu eras redondamente bronco!

Não comprehendeu a intenção da filha, e quiz fazer valer os seus direitos paternaes, suffocando na nedia perna duas volumosas palmadas.

A moça quebrou entre os dedos phreneticos as petalas de um bogary, e:

— Faça-me um favor, meu paesinho, um grande favor. Olhe: nunca me falle em casamento!

— E quem te disse que se tratava de casamento?

— Nada mais simples. O Manoel escreveu-me...

— Oh?!

— E' Verdade, escreveu-me!

— E o que resava a carta?

Os olhos do José Paz faiscavam de curiosidade e de colera.

— Pedia-me permissão para lhe fallar nas idéas a meu respeito. Respondi-lhe que não lh'a dava, e acabou-se!

— Toma uma beijoca! toma!

Rosinha, sorrindo, entregou as faces ao pae, que as expôz a um diluvio de beijos tempestuosos.

O Manoel dos Affogados recebeu á noite um robusto desgano da bocca do José Paz.

As amigas ás vezes fallavam-lhe em casamento.

Rosinha erguia desdenhosamente os hombros e olhava com tristeza para o céu.

—Tens alguém de olho, hein! O Chico do Silva? O Clarindo da Eusebia? O Clarindo! não se me dá de apostar em como é o Clarindo.

—Nem um, nem outro. O homem que eu hei de estimar um dia. . .

—Acaba!

—Ainda não nasceu, tola!

E terminava a sessão entre gargalhadas e motejos geraes.

A alma de Rosinha era semelhante a esses jardins agrestes que brotam no meio das florestas, cheias de plantas e de flores, mas sem o menor cultivo.

Faltava a thesoura do sagaz jardineiro para alinhar os graciosos canteiros e os selvagens pendões; essa thesoura era o amor que, mais dias menos dias, nos ataca nas encruzilhadas, altivo e irresistivel como os bandidos hespanhoes.

O amor, para Rosinha, valia o que vale uma folha secca no mais copado arvoredado da matta, ou um fructo mirrado no galho das mangueiras abundantes. Ella ria-se á idéa de poder amar um dia, e o seu espirito brilhante arrufava-se ao simples pensamento de entregar aquella mão branca e assetinada ás mãos absurdas dos habituaes namorados do Jordão.

José Paz era homem de faca e calháo, como se dizia no tempo das phrases sinceras. Adorava a filha e tinha horror aos janotas do Recife.

O caso passou-se da seguinte forma:

A madrinha de Rosinha, senhora de altos haveres e elegante posição, habitava um custoso palacete na capital de Pernambuco. José Paz, que a conhecera no tempo em que a troca de alguns productos agricolas haviam-n'o conduzido á cidade, convidou-a a ser madrinha da criança. A mãe da menina morrera no acto de dar luz á filha. José Paz, bronco mas prudente, pozera na pessoa da comadre todas as suas grandes esperanças para os dias das provações e das desventuras.

—Eu sou pobre, dissera elle, porém sou «arreconhecido». Vossa mercê verá. E, depois, a pequeninha é uma mangazinha! E' bonita e geitosa como os passarinhos do céu.

A ricaça sorrindo respondera á exquisita phraseologia do matuto com a mais fina e generosa cordialidade.

—Quer fazer o baptisado aqui no Recife, ou prefere que eu vá ao Jordão? Estou prompta.

(Continúa)

NOTAS

Collaboradores da Revista

O sr 1.º Tenente José Vieira da Rosa, cuja collaboração começa neste fasciculo com o valioso estudo sobre *O Valle do Itajahy*, é um dos catharinenses que mais se empenham pelo renome do nosso Estado. Como escriptor, o distincto patricio publicou uma obra valiosa, em 1904, a *Chorographia de Santa Catharina*, e na imprensa tem continuamente trabalhado, occupando-se, com rara dedicação e muita competencia, de multiplos assumptos, que se prendem aos interesses de Santa Catharina.



Em agradecimento

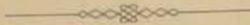
O importante diario *O Paiz*, da Capital Federal, externou a respeito da *Revista Catharinense* os seguintes benevolos conceitos :

“Dentre as novas publicações que temos recebido, merece sem duvida especial menção a *Revista Catharinense* que, na Laguna, publica o Sr. José Johanny, proecto advogado naquella cidade sul-catharinense.

Assumptos historicos, geographicos, literarios e estatisticos constituem o plano a que se amoldou a interessante *magazine*.

Pelo summario do segundo numero, que acabamos de receber, bem os leitores avaliarão da feitura da *Revista Catharinense*.

.....
Com satisfação registramos o apparecimento de tão interessante publicação.”



A Época

Embora tardiamente, devido às circumstancias da periodicidade da *Revista*, significamos aos nossos estimados collegas d'*A Época*, de Florianopolis, as mais effusivas congratulações pela passagem do seu primeiro anniversario, augurando-lhe, no novo estadio, o mesmo merecido geral acolhimento que soube logo conquistar do publico o magnifico hebdomadario fundado pelo distincto e competente patricio Dr. Henrique Fontes.



Exportação da Laguna em 1819-1820

Por conveniencia de paginação addiamos para o fasciculo de Dezembro a publicação da tabella e informações relativas á exportação da Laguna no bienio de 1819-1820.

Aos nossos assignantes communicamos que estamos procedendo á cobrança relativa ao primeiro semestre, podendo ser-nos enviada por vale postal a respectiva importancia, obsequio que muito nos penhorará.

17 DE NOVEMBRO DE 1889

Adhesão do Estado á fôrma republicana

A' 17 de Novembro de 1889, isto é, dois dias depois de proclamada a Republica, no Rio de Janeiro, o nosso Estado adherio a ella, e foi a Camara Municipal do Desterro, pelo seu presidente Coronel Elyseu Guilherme da Silva, o orgão official que declarou solemnemente esta adhesão.

Este factio historico poucos conhecem, e foi tendo em vista a sua completa ignorancia que nos animamos a projectar um raio luminoso sobre o passado, este passado que já vae se perdendo nas dobras do esquecimento.

O Coronel Elyseu Guilherme era nessa época o presidente da Camara Municipal e foi perante ella que o governador provisorio do Estado prestou compromisso, depois de haver a Camara declarado que o Estado de Santa Catharina adheria ao movimento republicano.

Tudo o que avançamos aqui está mencionado nas duas actas lavradas no mesmo dia e depositadas ainda hoje na Secretaria do Conselho Municipal.

Eis as actas :

Sessão extraordinaria, em 18 de Novembro de 1889 — Presidencia do Coronel Elyseu Guilherme — Ao meio dia compareceram os Srs. Vereadores: Elyseu, Izetti, Firmo, Ferreira, Wendhausen, Richard, Joaquim Caetano, José Gonçalves e José Verissimo de Carvalho, que prestou juramento, os quaes tomaram assento, faltando com causa justificada os demais Srs. Vereadores.

Aberta a sessão foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. Presidente, Coronel Elyseu Guilherme, declarou ter convocado a presente sessão extraordinaria para que a Camara, em face dos acontecimentos occorridos no paiz desde o dia 15 do corrente, se pronunciasse como lhe cumpria.

Expoz o Sr. Presidente, coronel Elyseu Guilherme, os factos capitaes occorridos, considerando como definitiva e irrevogavelmente assentada a forma republicana no governo do paiz.

Desenvolveu em seguida as bases e principios dessa forma governativa sob as suas duas faces, unitaria e federativa, e disse que esta ultima era uma longa aspiração do paiz, por vezes manifestada no parlamento, e ainda recentemente no congresso liberal.

Que o grande acontecimento diante do qual nos achavamos, era a solução natural e legitima a essas aspirações, pelo que sem abalos, nem perturbações da ordem, facto unico na Historia, o admiravel evento operou-se entre os applausos e o extase da nação inteira.

Disse que a fôrma monarchica, regimen de excepção no continente americano, não tinha raizes no Brazil, e só a uma circumstancia accidental, que incidio com a declaração da independencia, foi devido o seu estabelecimento, tolerado até hoje pelo povo brasileiro.

Que esse systema tendo cahido, acha-se hoje integralizado o systema americano, e nenhum partido, como nenhum poder, poderá levantar-se contra elle.

A republica é um facto, e um facto grandioso, que faz de cada provincia um estado soberano, com leis proprias, agindo livremente com toda força de seus recursos em prol da propria grandeza e prosperidade, só ligada ao poder central pelos laços unicos da federação, isto é, pela necessidade de defeza commum e representação externa.

Declarou que o novo regimen sustenta e garante o direito de vida, liberdade e propriedade do cidadão, e que portanto é dever de cada um que tenha amor á patria concorrer com todas as suas forças para consolidar de modo mais completo e perfeito a obra grandiosa do governo popular, que vem de fundar-se.

Concluiu o Sr. Presidente, Coronel Elyseu Guilherme, dando conta á Camara do officio do governo provisorio do Estado de Santa Catharina, recebido ao abrir-se a sessão, o qual vae abaixo transcripto.

Em seguida propoz que a *Camara, adherindo á inauguração* da republica brasileira, telegraphasse ao governo provisorio da Nação e officiasse no mesmo sentido ao governo provisorio do Estado de Santa Catharina, o que sendo posto a votos, foi unanimemente approvedo.

Por ultimo o Sr. Presidente pediu a *união* e a *harmonia* de todos os habitantes do Estado republicano de Santa Catharina, de quem d'ora em diante dependerá unicamente o engrandecimento do mesmo Estado.

Ninguem mais querendo usar da palavra o Sr. Presidente levantou a sessão.

— OFFICIO DO GOVERNO DO ESTADO REPUBLICANO CATHARINENSE, 17 de Novembro de 1889. — Communicamos que hoje assumimos o governo do Estado Republicano Catharinense, por aclamação da Força militar de terra e mar, Club republicano e povo. — Sau-

damos-vos fraternalmente. — Coronel *João Baptista do Rego Barros Cavalcante*. — Dr. *Alexandre Marcellino Bayma*. *Raulino Julio Adolpho Horn*. — Aos Vereadores da Camara Municipal do Desterro.

E para constar eu Patricio Marques Linhares, secretario interino da Camara, lavrei a presente acta. — aa) *Elyseu Guilherme da Silva* — *Germano Wendhausen* — *José Gonçalves da Silva* — *José Verissimo de Carvalho* — *Arthur C. Teixeira* — *Arthur Satyro Izetti*.

Acta da posse do governo provisório — A's quatro horas da tarde compareceram os Srs. Vereadores Elyseu, Izetti, Firmo Ferreira, Wendhausen, Richard, Joaquim Caetano e José Verissimo. Reunida extraordinariamente a Camara Municipal compareceu o governo provisório do Estado Federal de Santa Catharina, composto do Sr. Coronel João Baptista do Rego Barros Cavalcante, Dr. Alexandre Marcellino Bayma e Raulino Julio Adolpho Horn, aos quaes o Sr. Presidente Coronel Elyseu Guilherme da Silva deferio o juramento de manterem a ordem e os direitos dos cidadãos, promover todo bem para o Estado Federal de Santa Catharina, exercendo com zelo e liberdade as funcções do governo, e como assim o prometteram sob sua honra, foi-lhes lido o competente termo, lavrado no livro respectivo, e a que assignam com a Camara. E nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levantou a sessão »

Restabelecida assim a verdade historica, dando a Cezar o que é de Cezar, cumpre-nos lamentar tão somente os desvarios do regimen inaugurado com flores, mas que tanto sangue e que tantas victimas tem custado.

Donato Silva

A acção da violencia desperta a reacção violenta. Uma anarchia elimina-se por outra, até que, na plaga desbravada pela saca e resaca do sangue, o despotismo emergente das ruinas da desordem substitua a multidão por Cesar. Todos os terrores afundiram-se no vórtice do Terror. A Talião historica é infalivel. O Christo o disse naquellas palavras de sublime simplicidade : «Quem com ferro ferir, com ferro será ferido». As demagogias são cataclysmos passageiros : Todas as revoluções da vertigem popular naufragaram na dictadura. Só as revoluções do direito são definitivas.

Ruy Barbosa.

Miraculosa

Vem sempre visitar-me
Todos os dias, sem falhar um dia,
E creio mesmo que antes de accordar-me
Ella anda já solícita e risonha
A preparar affagos para dar-me,
Refolhando-os de luz e de alegria
Emquanto ainda no Azul minha alma sonha.

Faz-me sempre surpresas deliciosas,
Tantas e tantas que nem sei dizel-as...
Arrebata-me às vezes d'entre rosas
Para elevar-me ao seio das estrellas.

Urde-me sonhos tenues e suaves
De uma delicadeza irreal, celeste,
Sonhos mais do que excelsos, ineffaveis,
Com que sorrindo o coração me veste.

Por isso no meu lar simples e pobre
Não ha mingua de risos nem fadiga.
Desde o romper do dia á noite o cobre
O manto azul da minha doce Amiga.

*
* *

O' almas núas, corações desertos,
Vencidos, que só tendes amargura,
E andaes chorando pávidos e incertos
Na mais triste e penosa desventura...

Soturnos desolados,
Si quereis sonhos rútilos, radiosos,
Côr do Céu, côr do Mar, sonhos dourados,
Immarcesciveis como sóes gloriosos.

Ide serenos, cheios de confiança,
Buscar allívio para o vosso pranto,
Ide acolher-vos sob o suave manto
Da linda Fada olympica — Esperança.

Não ha melhor amiga
Nem mais jovial e affavel companheira :
O coração que aos olhos seus se abriga
Ha de viver cantando a vida inteira.

MUNICIPIO DE BRUSQUE

(Continuação da pag. 114)

A sua importação funda-se em fazendas, louça, carne secca, bebidas espirituosas, sabão, assucar branco e crystalizado, drogas, ferragens, vidros, sal, fumo, calçados, objectos de armariño e outros artigos de fabrico estrangeiro.

Conta o municipio diversas casas commerciaes, algumas dellas de grande movimento, como sejam as dos negociantes João Bauer, Guilherme Krieger, Carlos Renaux, além de outras que vão se desenvolvendo de maneira assás vantajosa.

Viação

As estradas, como já o disse um dos nossos mais illustres estadistas, são para a actividade humana, sob todas suas multiplas e variadas modalidades, o mesmo que o ar é para a vida organica.

São o grande canal sobre cujas aguas livremente se balança e vaga o barco da civilisação; são o espaço livre que se offerece sem embaraços ao vôo altaneiro e rapido das especulações commerciaes, das ambições de todas as especies, das satisfações de todas as necessidades que cercam o homem por toda a parte e por toda a vida.

E', emfim, a grande artéria da civilisação.

O municipio de Brusque, dotado de uma boa rede de viação, a qual acha-se em geral em bom estado de conservação, deve por esse facto o seu crescente adiantamento moral e material. As suas estradas em uma e outra margem do rio Itajahy-mirim ligam a séde da villa não só aos diversos nucleos existentes no municipio como tambem aos municipios de Nova Trento, de Blumenau pelo sul e norte, á cidade de Itajahy, a Camboriú, Porto Bello e Tijucas.

Conta o municipio de Brusque uma extensa rede de estradas de rodagem, onde diariamente transita grande quantidade de carros, carroças e carroções, puxados por cavallos e burros.

Os districtos de Porto Franco, Lageado, Guabiruba do sul e do norte, Limeira, Aguas-Claras, Aguas-Negras, Barracão e Azambuja, centros populares e agricolas e muito productores, são servidos de magnificas estradas, que muito têm concorrido para o progresso e florescimentos seus.

Ainda assim resente-se o municipio, pelo valle do Itajahy-mirim, de uma estrada regular que abra transacções com a grande e adiantada cidade de Lages, uma das mais importantes circumscripções do Estado. Existe, é certo, em projecto esta via de comunicação, mas o que se faz preciso é pôr em realisação este

serviço publico, cujos resultados, sem duvida, serão de grande importancia, porque virão facilitar as negociações commerciaes e consequentemente dar desenvolvimento á actividade daquelles povos, desembaraçando-os das difficuldades que os assoberbam e que são muitas.

Indole e costumes

O povo do municipio é morigerado e trabalhador, hospitaleiro e de sentimentos nobres. Em sua maior parte oriundo da Alemanha e da Italia, é assás respeitador da autoridade publica, a que muito acata. Podemos affirmar, sem mêdo de contestações, que os habitantes de Brusque primam pela ordem, demonstrando em os seus actos a confiança que depositam nas instituições que nos regem.

Os seus costumes são simples, chãos e já muito adaptados aos dos naturaes, com quem convivem em ampla e perfeita harmonia.

Instrucção

O municipio conta 13 aulas publicas de ensino primario, sendo 4 na séde da villa: uma do sexo masculino, uma do sexo feminino e duas mixtas; 2 mixtas na Guabiruba da norte, uma na Guabiruba do sul, uma nas Aguas Claras, tres no Cedro Grande, uma na Limeira, uma na Pedra Grande, uma no Porto Franco, uma no Barracão do Gaspar e uma no Cedro Pequeno.

A frequencia dessas aulas é de 890 alumnos, segundo os dados que nos foram fornecidos.

População

Pelo ultimo recenseamento deu uma população de 6.000 pessoas, devendo, porém, hoje ter mais ou menos 8.600 habitantes.

Religião

A predominante é a catholica apostolica romana, que, sem contestação, é a da maioria da população, mas ha ainda confessos do Presbyterianismo, cuja seita é diminuta.

Rendas Publicas

A receita estadual no anno de 1896 foi da importancia de Rs. 35.000\$000.

A renda municipal no mesmo periodo subio a Rs. 17.000\$000.

A despeza municipal no mesmo estadio foi de Rs. 16.945\$578.

A estação telegraphica no mesmo anno poduzio a somma de Rs. 3.455\$680.

A estação postal a quantia de 480\$000.

(*Continúa*)

A. Moreira Gomes

O VALLE DO ITAJAHY

(Continuação da pag. 140)

A Fauna é a conhecida de todo o Estado, não faltando nestas virgens mattas nem os tapyrus, nem os leopardus-jaguar, nem o concolor, nem o pardalis. Desde o maior de todos, aquelle pachyderme peryssodactyle a que nos referimos, até aos minusculos seres da nossa riquissima entomologia, são encontrados com abundancia. A mamalia, especialmente, tem para nós um grande valor economico, pois cada anta representa uma economia de dez ou doze arrobas de carne, cujo valôr monetario é, sem duvida, de uns sessenta mil réis.

A Flora é representada tambem de um modo notavel. O valle do INDIOS achando-se a duzentos e tantos metros sobre o nivel do mar, possui todos os caracteristicos de uma região sub-tropical, e embora o thermometro costume, no inverno, a accusar uma temperatura minima de quatro e cinco abaixo de zero, os cipós, as orchideas e um sem numero de outros vegetaes das zonas quentes ostentam suas viridentes folhagens.

Quanto á geologia pouco temos visto. Uma grossa camada de terra de lavoura, ou solo aravel, cobre o terreno argiloso do subsolo. Que é um terreno primitivo e das collinas, não padece duvida. O da Serra, a avaliar pelos fragmentos que temos observado nos arroios, é sedimentario, de grande antiguidade e tambem eruptivo.

*
* * *

Passamos uma rapida visita pelo Itajahy do Norte até ao ponto em que o attingimos. Mais tarde, na nossa occupação, talvez tenhamos occasião de percorrel-o até suas nascentes. Estudalo-emos, então. Não queremos ser réos do mesmo crime de que nos accusamos no começo deste.

E', como se vê, um estudo geral. Particularisaremos, isto é, entraremos em detalhes, mas antes precisamos, descendo á confluencia dos dois rios, seguirmos pelo do Oeste. Já descrevemos tambem, em artigo, num dos jornaes de Florianopolis, toda esta região comprehendida entre o Morro Pelado e o Rio do Sul.

Agora dizemos simplesmente que o do Oeste, a partir do salto para cima, é perfeitamente navegavel até além do Trombudo. Nós não queremos, porém, passar da barra do Itajahy do sul, porque até ahi chegámos.

Toda esta região, desde o Morro Pelado até ao Pouso Redondo, é flagellada pelas febres palustres. Na Lontra, especialmente, ella ataca fortemente, matando a população. O que ha de mais in-

interessante nesta molestia é o attribuirem-n'a os habitantes aos italianos. Dizem que era por aqui desconhecida, mas depois que vieram os italianos começou ella. Por mais extravagante que pareça esta crença, não deixa, afinal, de ser um tanto razoavel.

Sabe-se que os mosquitos, especialmente os anophelides, são os transmissores do mal. O facto, porém, da existencia do mosquito, não é prova concludente de que a febre deva existir. Necessariamente será preciso que haja um paludoso, um doente que transmitta, por intermedio daquelle insecto, o mal. Ora, os italianos, isto é, os moradores de certas zonas onde a febre desde muito existia, e que vieram para o montante do Itajahy, em trabalhos da estrada de ferro, podiam ser doentes das terriveis sezões. Não affirmamos que o mal se tenha propagado por esse modo. O que dizemos é que seria possivel a sua propagação assim. Demais, tanto faz que o vento impilla os mosquitos que com suas picadas transmittem o mal, como que esse mal tenha sido levado pelo homem. Elle existe, e o character com que ataca não é dos mais benignos, pois não são benignas as molestias que conduzem o doente á cova.

Agora entremos em alguns detalhes. Caminhemos pelos valles lateraes do grande municipio, ou, antes, por algumas linhas principaes.

Tambem em artigos nos jornaes da Capital tratamos do Benedicto, Cedro, Santa Maria, etc.

Vieira da Rosa
CAPITÃO

Palestras sobre lavoura e criação

O BÉRNE

Vamos dizer algumas palavras sobre os meios a empregar para curar a praga do bérne e tambem as medidas preventivas para evita-lo e alguns dados estatisticos sobre o

Prejuizo dos bérnes nos couros

Calcula-se o prejuizo que os criadores brasileiros têm nos couros em onze mil contos de réis, porque a totalidade dos couros têm carrapatos e cincoenta por cento têm bérnes. Um couro com carrapatos perde de dez a quinze por cento, e, se tem bérne, perde trinta por cento, e, quando, simultaneamente, existem as duas pragas, a depreciação é de quarenta por cento. Calculando-se sobre seis milhões de couros que deve produzir o Brazil, em virtude de sua povoação bovina, tambem calculada em vinte milhões de cabeças, e dando a cada couro o valor de quinze mil réis, teriamos que a industria pecuaria perde, todos os annos, nove mil contos nos couros que têm carrapatos e bérnes e dois mil contos nos que só tem carrapatos.

E' opportuno declarar que o gado do Rio Grande do Sul tem carrapatos, mas não têm bérnes.

A observação de alguns criadores affirma que os bovidos de côr preta são os mais atacados pelos bérnes.

O homem é tambem algumas vezes victima desse terrivel parasita.

Medicamentos—Um pedaço de fumo de rôlo, em decocção em aguardente e uma pitada de sublimado corrosivo.

Outra fórmula.—Pó de fumo de rôlo, com azeite de mamona, quente. Este remedio é muito usado nos Estados de Minas e S. Paulo.

Terceira fórmula.—Partes iguaes de kerozene e azeite de mamona e talo de fumo, préviamente esturricado e reduzido a pó. Misture-se.

Modo de applicar.—Raspar o animal com uma raspadeira que tenha dentes quebrados, afim de tirar as cascas que tapam o orificio dos bérnes, e applica-se em seguida, com uma brocha, em dia de sol bem quente.

Na fazenda Campo Bello, do Dr. Eduardo Cotrim, está em experimentação um preparado americano.

Concluidas as experiencias da applicação desse medicamento, se o resultado fôr bom, daremos, em outro artigo, o nome desse preparado, seu preço, meio de adquiril-o, etc.

No caso da existencia de tumores formados pela larva já desenvolvida, é preciso extrail-a, o que se consegue com certa pericia, por simples compressão entre os pollegares, para o que é preciso, além de habilidade, bastante energir muscular; produz tambem bom resultado a introduccção, no orificio do tumor, de um pedaço de toucinho comprimido, de fórmula a difficultar a respiração, o que obriga a larva a atravessar o toucinho, buscando o ar atmosferico.

Alguns veterinarios aconselham applicar sobre o tumor uma mecha de algodão embebida em uma solução phenicada de cinco por cento e conservando-a durante trinta minutos, mais ou menos; esta receita faz diminuir a sensação dolorosa e o prurido (comichão), facilitando a extirpação, que deve ser feita no dia seguinte.

Outros autores preconizam a lavagem dos tumores com solução de tabacina, formol e creolina, ou então abril-os e extrahir as larvas.

Prophylaxia—Sendo grande o numero de animaes a preservar do terrivel parasita que é o berne, aconselhamos mantel-os em pastos ou campos limpos, sem capoeira, livres de carrascaes e pantanos (bréjos, mangue) e lagoas, abrigados por capões do matto, pois a *Dermatobia Syanivensis*, que é a mosca productora do bérne, desenvolve-se como o *stegomia fasciata*, o transmissor da febre amarella, nas aguas estagnadas.

Attendendo á conveniencia economica, é necessario construir um banheiro para banhar os animaes com antiparazitidas.

Si, porém, o numero de animaes for pequeno, deve-se manter rigorosa hygiene da pelle, pelo uso da raspadeira e escova e a applicação de antiparazitidas.

Estes parazitidas são compostos de substancias de cheiro activo, que por isso afugentam as moscas que depõem as larvas do bérne, d'ahi a razão do seu efficaz emprego como recurso preventivo.

A mosca

Tem quinze millimetros de comprimento, cabeça amarella escuro, thorax azulado, azas enfumadas, abdomen de cor azul metalico e brilhante.

A larva

E' posta, como já foi dito, pela mosca *Dermatobia Syanivensis*, que a depõe sobre a pelle dos animaes e immediatamente penetra no fuliculo, ao qual entumece e dilata.

O pêllo cáe e a parede do fuliculo constitue a capsula em que ella fica enquistada.

A primeira fórmula larvar (larva moscardo), tem a parte anterior dilatada com discos *tormentosos muito pronunciados*, seguida da extremidade posterior longa e estreita, o que lhe dá um aspecto caracteristico.

Na muda seguinte, que se realiza no tumor, dentro do qual a larva evolue, vê-se apparecer a segunda forma larvar, conhecida então pelo nome de bérne.

E' uma larva de cor branco-sujo, como a precedente, de fórmula ovoide e coberta de numerosos tomentos.

Por muito tempo acreditou-se serem larvas differentes, póstas por moscas tambem differentes; coube ao professor R. Blanchard provar, de modo inconcusso, tratar-se de dois estados successivos da larva *Dermatobia Syanivensis*.

(Ext. d' O Paiz)

Dario de Barros

Mappa da exportação da Laguna no biennio de 1819-1820

Generos	Unidade	1819		1820	
		Quantid.	Valor Oficial	Quantid.	Valor Oficial
Farinha de mandioca	alqueire	30.493	10.820\$200	38.576	12.383\$920
Milho	"	12.386	3.966\$720	12.731	4.266\$920
Bagre	um	799.789	3.121\$860	326.799	1.059\$720
Feijão	alqueire	1.317	971\$360	2.760	2.071\$140
Favas	"	2.613	865\$720	2.302	775\$446
Tainha	uma	55.794	468\$960	78.511	582\$800
Cebola	restea	3.775	302\$000	2.950	236\$000
Couro secco	um	375	285\$600	445	382\$400
Amendoim	alqueire	545	218\$000	444	195\$120
Miragaya	arroba	121	115\$280	91	88\$000
Moringue	um	1.800	90\$000	200	10\$000
Arroz pilado	sacco	47	88\$600	75	240\$000
Burriquete	um	8.780	83\$280	3.875	37\$200
Algodão em rama	arroba	56	71\$680	—	—
Alho	restea	6.000	60\$000	1.800	18\$000
Peixe preparado	barril	7	11\$200	—	—
Tainha de escabeche	um	—	—	48.501	493\$200
Mantas de cabeçudos	"	—	—	50	4\$800
Savelha	"	—	—	2.600	10\$800
Xarque	arroba	—	—	430	619\$200
Jurubebés	um	—	—	322	\$960
Pescada	arroba	—	—	20	25\$000
Trigo	alqueire	—	—	103	131\$840
Arroz com casca	"	—	—	330	158\$400
Pranchão	duzia	—	—	22	105\$000
Gomma	alqueire	—	—	16	51\$200
Pinhão	"	—	—	6	3\$840
			21.540\$460		24.063\$900

Algumas notas

Essa exportação foi feita no anno de 1819 por 1 bergantim, 8 sumacas, 9 lanchas, 1 cutter e 2 canoas de coberta, que realizaram 60 viagens, sendo: 1 para Pernambuco, 5 para a Bahia, 10 para o Rio de Janeiro, 2 para Santos e 42 para a Ilha de Santa Catharina. Em 1820 foi effectuada por 2 bergantins, 9 sumacas, 1 escuna, 3 hiates, 21 lanchas, 1 cutter e 2 canoas de coberta, em 79 viagens, das quaes: 3 para Pernambuco, 1 para a Bahia, 16 para o Rio de Janeiro, 1 para Santos, 57 para a Ilha de Santa Catharina e 1 para Montevidéo.

Todas essas embarcações pertenciam á praça da Laguna.

Não temos dados para determinar a população do então extenso município da Laguna no biennio 1819-1820. Tomando-se, porém, como base, o censo procedido em 1837 cujo mappa publicaremos brevemente, não podia ser maior de seis mil habitantes, dos quaes dois mil seriam escravos.

O coefficiente, portanto, da produção, em face do valor exportado em 1820, seria de 4\$010 réis por habitante.

Os dados de que nos servimos para a confecção do mappa e notas encontram-se no livro da "*Conferencia das Listas de carga das embarcações despachadas pelo Consulado da Laguna de 30 de Janeiro de 1819 a Novembro de 1820.*" pertencente ao archivo municipal.

José Johanny

A RELIGIÃO DOS POVOS ANÃOS

(Continuação da pag. 143)

OUTROS POVOS ANÃOS

1—OS SEMANGOS EM MALACCA

Em relação a estes pygmeus estamos perfeitamente instruídos pela notável obra recentemente publicada por dois eminentes escriptores inglezes — Skeat e Blagden. No appendice do primeiro volume publicam grande quantidade de medidas de craneos, que provam, com certeza mathematica, que estes povos, juntamente com os andamaneses, de quem já tratámos, com os negrillos da Africa central e com os bushmannos constituem uma só familia de povos.

Vou resumir o mais possível a longa exposição de Skeat sobre a religião desses semangos:

— Existe *um só* Deus. E' de exterior sobrenatural. O seu halito é *como fogo*. Está agora *invisível*. Sabe tudo o que fazem os homens e a sua vontade é *toda poderosa*. Acções peccaminosas o fazem *irado*; mas ás vezes as *perdoa*. E' *juiz* supremo das almas: as boas vão para o *céu*, que é cheio de arvores fructíferas; as más cahem num *lago ardente*. Elle existiu antes de todas as creaturas e fez o *céu*, os espiritos e as almas dos homens. Os corpos dos homens mandou-os fazer por um espirito subordinado.

E' de notar que este ultimo conceito, differente da nossa theologia, não se acha entre os outros pygmeus, o que demonstra ser elle de origem mais recente. Provavelmente chegou dos vizinhos Indios, em cujos livros antigos esta idéa se acha.

Quanto á ethica, como entre os andamanezes reina severa *monogamia*, absoluta *fidelidade* conjugal, sendo o *adulterio* punido com a morte.

2—OS BUSHMANNOS

Por uma combinação engenhosa Alice Werner, no seu artigo sobre a arte dos bushmannos, prova que este povo habita ha 4000 annos, pelo menos, os lugares da Africa do Sul onde ainda se acham. A base desse calculo é a seguinte: desviado, desde tempo remotissimos, de seu leito primitivo, o rio Vaal no seu segundo curso encaminhou-se pelo centro de uma rocha, cortando uma grande figura nella esculpida. A profundidade do corte

segundo calculos verosimeis, permite determinar-se a época em que teve começo a acção erosiva das aguas, anterior á qual é o trabalho de esculptura a que nos referimos.

Vê-se, pois, que os bushmannos sabem de longa data a arte da pintura e do relevo.

A excellente revista ethnographica *Anthropos* publicou gravuras de alguns trabalhos de arte desses povos, e o aspecto me agradou muito mais do que o dos velhos trabalhos dos egypcios e babilonios. A cultura primitiva dos bushmannos evidencia-se, porém, claramente dos instrumentos com que fazem suas obras de arte. Só trabalham com uma pedra, dura e um pouco afiada, e com ella alcançam esses resultados, que são, em verdade, admiraveis.

Da sua religião sabemos pouco, porque nenhum branco conseguiu ainda assistir aos seus mysterios; mas este pouco basta para se ter uma idéa geral.

O seu *unico* Deus (na sua lingua se chama *Cagn*) é o *Creador e Senhor* de todas as cousas. Existia antes do sol. *Não podemos vel-o* com os olhos, mas o conhecemos com o coração. Delle vêm a chuva e a secca, a vida e a morte, a falta e a abundancia de caça. A elle rezam os bushmannos na guerra e em todas as necessidades.

Temos uma dessas orações: — « Cagn, Cagn, não somos nós os vossos filhos? Não vêdes a nossa fome? Dae-nos de comer ». E Cagn nos dá (dizem os bushmannos) ás duas mãos cheias.

Creem numa vida depois da morte. A morte é só um somno, diz um proverbio bushmanno.

Recentemente, numa revista ingleza, o Dr. Stow elogiou a moral pura desses povos, o seu amor á paz, o seu desinteresse, o carinho para com os paes, as creanças, os doentes.

3—OS NEGRILLOS DA AFRICA CENTRAL

Sobre estes povos escreveu o bispo francez *Le Roy*, que entre elles viveu durante vinte annos, como missionario nas florestas africanas. Elles tambem adoram um Deus unico e pessoal, e esperam depois da morte premio ou castigo, idéa inteiramente esquecida entre os povos delles visinhos. O que *Le Roy* diz sobre a ethica destes povos é completamente identico aos conceitos dos outros povos anãos.

CONCLUSÕES DESSES FACTOS

Até agora os eruditos acatholicos, que não querem crer numa religião directamente revelada, dão sobre a origem da religião a seguinte explicação, que muito ligeiramente resumo:

No principio os homens não tinham religião. Por medo das forças da natureza começaram a crêr em espiritos. Depois suppuzeram que esses espiritos moravam em pedras, em animaes, em plantas. Então começaram a fazer imagens de taes deuses. Em seguida imaginaram uma hierarchia de deuses, com um Deus supremo. Emfim este Deus supremo ficou só, como o unico Deus dos Judeos e dos Christãos.

Contra essas supposições a Santa Escriptura dizia claramente que o Deus unico e verdadeiro se revelou aos homens desde o principio e que foi por uma aberração da intelligencia humana, seguida da corrupção dos costumes, que os homens começaram a adorar varios deuses, a venerar animaes, pedras e imagens.

Agora, para os que tinham duvidas, com sinceridade, relativamente a essa questão, apresenta se ella resolvida scientificamente em favor da Santa Escriptura.

A sciencia puramente profana provou que a religião mais antiga reconheceu um só Deus, e que, portanto, o polytheismo dos romanos e gregos é um caracteristico da degeneração de taes povos, que declinaram da pureza primitiva da moral.

No meu livro já citado demonstrei isto tambem acerca da historia da religião dos egypcios, na primeira antiguidade monotheistica, que se foi corrompendo durante trinta séculos até essa religião vergonhosa de Isis, que os romanos acharam naquelle paiz. O mesmo pode-se demonstrar em relação a outros diversos povos, os babilonios, os australios, os indios da America do Norte, os esquimãos, etc.

E o que dizem agora esses eruditos, que fallavam contra este ponto da doutrina christã?

Um só, o inglez Andrew Lang, deu-se por convencido e escreveu um livro sobre a origem da religião, dando por insubsistente a sua antiga doutrina e demonstrando a evidencia da nossa. Os outros têm-se abtido de apreciações.

Nas novas edições de Tiele, Max Müller, Chantepie de la Saussaye, Pfeleiderer e outros não se encontra nem ao menos o nome de — pygmeus, continuando nelles a figurar as opiniões já refutadas victoriosamente pelas novas descobertas.

E' que a sciencia moderna quer verdade... mas não toda verdade.

Dr. Jacob Huddleston Slater

Laguna

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

NOTAS PARA ESTUDO

(Continuação da pag. 150)

SUA ACCÃO NA ASSEMBLÉA CONSTITUINTE DE 1823

As paginas que se vão seguir são o attestado irrefragavel das extraordinarias qualidades moraes, intellectuaes e civicas que se concretisavam na personalidade do conselheiro Souza França.

Não se encontrará aqui certamente, já o dissémos, a pompa do vigor tribunicio de Andrade Machado, de Antonio Carlos, de Araujo Lima; vêr-se-á, porém, que a carencia desses dotes oratorios Souza França a suppria vantajosamente pela sensatez da sua interferencia assidua nos debates, sempre consagrado aos principios mais liberaes e ás idéas mais generosas, revelando completa independencia de character, attributo este que caracterisou sempre a sua adamantina figura moral.

Na 2ª sessão, a 9 de Maio de 1823, ao tratar-se da urgencia da votação do projecto de Antonio Martins Bastos concedendo plena e completa amnistia a todos os que, directa ou indirectamente, se tivessem envolvido em assumptos politicos referentes á independencia e ao systema monarchico, quer se achassem presos, ausentes ou expatriados, Souza França rompeu a discussão:

—« Eu voto a favor da urgencia. E' necessario, Sr. presidente, derramar generoso balsamo sobre as feridas que muitos cidadãos têm recebido do governo, por divergencias de suas opiniões politicas em tempo de crise, em que talvez fosse mistér á segurança publica a pratica de meios violentos, que já hoje não são precisos. Eu não entro no conhecimento dos motivos que deram causa e fizeram necessarios esses meios: o que digo é, fossem elles quaes fossem, têm cessado agora que estamos reunidos nesta assembléa. E' necessario, pois, repito, que lancemos salutifero balsamo sobre suas feridas. Por que havemos nós de deixar correr dellas por mais tempo o corrosivo vurmo do odio e da vingança, quando sabemos que dilatando-se este pelos amigos e parentes dos queixosos, deve por força engrossar um partido de mal-contentes, cuja dissidencia pode vir a ser nociva á causa publica da nossa independencia? A nossa força, Sr. presidente, consiste mais na intimidade da nossa união do que no numero dos nossos soldados; desunidos

seremos sempre fracos, quando unidos seremos invencíveis. Congracemo-nos, pois, congratemo-nos que assim o exige o bem da nossa causa; e seja a medida que adoptemos para esse effeito o esquecimento dos erros, dos desvios e suspeitas passadas».

Contra o voto de Andrade e Silva e de Andrade Machado, a Assembléa julgou urgente o projecto de amnistia.

*
*
*

O espirito liberal do illustre lagunense manifestou-se claramente na sessão de 17 de Maio, ao discutir-se o projecto de Rodrigues Carvalho sobre a revogação do Alvará de 30 de Março de 1818, prohibitivo das sociedades secretas:

«Leis más, disse França, são a peor sorte que ha de tyrannia, principalmente em materia crime. Muitos historiadores gostaram do asserto theologico — *alia sunt mala quia prohibita sed alia sunt prohibita quia mala* — sem reparar na differença que vai de legislar para o foro interno ou para o foro externo; d'aqui nasce esse montão de leis inquisitorias, que erigindo em crime os actos indifferentes dos cidadãos, acabam de perder o resto da liberdade dos povos.

Uma lei civil nada mais é do que uma medida politica ordenada a promover um bem, ou a remover um mal na sociedade. Actos indifferentes não podem ser objecto de leis penaes: a lei que os prohibe ataca directamente a liberdade civil do cidadão; e é desta classe o Alvará de 30 de Março de 1818, sujeito á discussão.

As sociedades secretas são tão más em sua essencia, como são as sociedades publicas; todas ellas são instituições indifferentes para o bem e para o mal; a differença que ha entre umas e outras é que as primeiras têm pessoa moral civil, podem obrar em corpo, entretanto que as outras não podem ter representação politica: e esta é toda quanta pena lhes pode impor o legislador.

Dir-me-hão que o que se faz em segredo não é bom. Miseravel sophisma, contra o qual se podem apresentar muitos argumentos practicos!

A sociedade dos jesuitas era approvada pelo governo espirital e temporal, comtudo abusou, se é verdade o que della se diz, e foi extincta pelo mesmo governo que a tinha approvado.

O segredo é a pedra angular e principal fundamento de muitas instituições.

O Evangelho, por exemplo, nos ensina que façamos a esmola e todavia occultemos a nossa mão bemfeitora que a dá.

Muitos homens inflammados do zelo da caridade christã, e seguindo esta maxima, por ventura pretendem bem fazer á

humanidade com uma successiva receita; unem-se em segredo para com mão occulta soccorrer ao proximo, formam uma sociedade ad-hoc, e qual é o seu fundamento? O segredo da sua obra. E esta sociedade por que é secreta poder-se-ha dizer que é má? Não, certamente.

Por outro lado, é um principio de jurisprudencia nomothetica que é sempre má a lei que por sua natureza não pode preencher o seu fim. Ella mostra a importancia do legislador e tal é a condição do Alvará de que tratamos.

Quem me pode prohibir a mim ou a outro qualquer que em sua casa dê uma partida, dê um chá, e que depois d'elle obre em compromisso com os concorrentes? Ninguem certamente. A lei fica á porta da casa do cidadão, não pode influir no interior della; e vem assim a ser inefficaz e impotente a respeito do fim que se propõe.»

Continuando a discussão, na sessão de 20 de Março, França affirmava:

«Eu conheço que pode haver presumpção de abuso, em taes sociedades secretas; mas entendo, tambem, que presumpção gratuita do legislador não é nunca motivo sufficiente para se prohibir com penas e erigir em crimes actos de sua natureza innocentes; porque isso é atacar directamente a liberdade civil do homem social.»

E a uma replica vigorosa de Andrade Machado, que combatia com empenho o projecto :

«O crime cobre-se ordinariamente com o corpo do segredo, mas nem sempre ha crime onde ha segredo: e é isto o que eu quiz dizer e que agora o desejo.

O meu argumento está, pois, de pé: uma sociedade não pode ser considerada em sua essencia como má, somente porque é secreta. E' mistér que seu instituto seja criminoso, que attente contra as leis existentes, para ser considerada como má: e em tal caso a differença que vai, de facto, é ser praticado o crime por um ou por muitos, em unidade de acção.»

(*Continúa*)

206

José Johnny

Os annaes da vida dos homens bons têm grande utilidade: commovem os nossos corações, inspiram-nos a esperanza e mostram-nos grandes exemplos.

Stuart Mill

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

(Continuação da pag. 153)

Ora, o coefficiente da dilatação do ar sendo de onze trigésimos, é evidente que o ar a zero, e a volume igual, bem entendido, será mais denso e conterá mais oxygenio do que o ar aquecido a 30 grãos. Notemos que o que se denomina calor, frio, verão, inverno, se resume em uma simples questão de dilatação ou de condensação atmospherica. Emfim, como a densidade do ar é toda relativa á altitude e tambem á estação, segue-se que ás temperaturas extremas — congelações, calores torridos — deve corresponder um maximo ou um minimo de alimentação. E' assim, portanto, que para se garantir do frio e entreter seu calor natural no estado normal, os habitantes das latitudes polares são obrigados a recorrer ás graxas e oleos animaes, preciosos combustiveis que não contêm menos de 70 a 80 % de carbono; emquanto que as populações das regiões tropicaes seguem um regimen diametralmente opposto. São as fructas que formam a base da sua nutrição, por que as fructas são pobres em carbono, contendo-o apenas na proporção de 10 a 12 %.

Si do equador se transportasse ao polo um habitante do Sudão, elle seria obrigado a conformar-se com o genero de vida dos laponios, sob pena de morrer de frio. Paralellamente, um laponio transportado para o equador seria fatalmente atacado de enfermidade do figado se demorasse em tornar-se frugivoro. E' o que acontece geralmente aos europeos que vão habitar os paizes quentes. Ao contrario: trate-se de organizar uma expedição ao pólo e não se escolherá os homens mais fortes. Ter-se-á necessidade de compôr a equipagem com pessoas de solido estomago e excellentes garfos.

Objectar-se-á, talvez, que os abyssinios, cuja força e qualidades de resistencia são conhecidas, dão-se muito bem com um regimen animalisado, comquanto proximos visinhos do equador. E' factó, e outros povos lá se encontram na África, habitando as mesmas latitudes, que em nada lhes são inferiores em estatura e energia e cuja alimentação se compõe exclusivamente de carne. O joven explorador Vesepuy, morto ultimamente apenas reentrado em França, depois de ter realizado a travessia do continente africano, desde o Oceano Indico até ao Atlantico, encontrou em sua passagem um povo — o Masai — typos de vigor e de belleza

physica, que se nutrem unicamente da carne de suas bestas, sendo, para elles, considerado o vegetal como sagrado. Que prova isto? Simplesmente que, entre esses povos, os effeitos ordinarios da latitude são combatidos e neutralizados pela altitude: é sabido que ha planaltos africanos tão frios como o Monte Branco. Ha muito tempo, de resto, que se denomina a Abyssinia de Suissa africana. Portanto, abyssinios e masaís não são excepções da regra.

E agora, se das zonas extremas passarmos aos climas temperados, o effeito do ar em suas relações com a alimentação será menos brusco, sem duvida, mas com o andar do tempo o resultado final será quasi equivalente. A nutrição animalisada muito abundante será rica em azoto, o que augmentará, excessivamente, a uréa, tornando, assim, difficil, se não muitas vezes impossivel o funcionamento regular dos rins, encarregado especialmente de eliminar a uréa contida no sangue. Nesse caso o acido urico se precipitará e teremos, então, os calculos urinarios ou a gotta, senão a apoplexia. Tal regimen, porém, não apresentará nenhum inconveniente para as pessoas que se entregam, por habito, á penosas occupações corporaes, porque, por isso mesmo, a respiração será activada e a superabundancia da uréa será destruída pelo jogo acelerado dos pulmões. Ao contrario, se a alimentação se compuzer principalmente de farinaceos, será o figado o prejudicado. O figado tem por triplice função fabricar a bÍlis, o assucar e supprir os pulmões em caso de insufficiencia de oxygenio, para operar uma boa combustão das materias carbonadas transformadas em graxas.

Pois bem, os farinaceos fornecendo abundantemente a glucose e carbono, a formação da graxa indicará claramente que o oxygenio inspirado se acha em desproporção com o carbono incorporado. O figado ficará, portanto, estafado, e fatalmente não poderá desempenhar bem a sua triplice tarefa. Manifestar-se-á, consequentemente, uma molestia do figado. Nos casos de alimentação insufficiente ha excesso de combustão: a perda é superior ao ganho, e teremos, por isso, a anemia, a miseria physiologica, a decadencia da saude, dando logar á tuberculose, á todas as sortes de molestias mais ou menos graves, a que fica exposto um organismo sem defesa. Emfim, logo que ha excesso ou falta de alimentação, é sempre, num como noutro caso, o estado pathologico que se manifesta, em seguida a uma ruptura de equilibrio entre os alimentos ingeridos e o oxygenio absorvido.

(*Continúa*)

J. B. Franc

Pesquisas de carvão em Santa Catharina

(Continuação da pag. 147)

Installada uma pequena sonda a diamante, com a qual tenho sempre trabalhado, movida por um motor de quatro cavallos, mais ou menos, começou a sondagem em Maio ao nivel da lapa da camada *Barro Branco* e proxima a uma galeria que existe nesta camada, tendo uns 50 m. de comprimento, mais ou menos. A sonda atravessou somente grés até á profundidade de 22m.38, onde encontrou 1m.16 de schisto negro argiloso com uma-lista de carvão.

Continuou a alternancia de grés diversos com schisto negro, predominando sempre o grés.

Appareceram vestigios de carvão ainda a 26m. e a 46, estando a camada carbonifera procurada a 64. m 625 de profundidade.

O corte dessa camada é o seguinte: 0.m 30 de carvão, 0m.18 carvão e schisto carbonoso; 0. m 48 de schisto; 1.m 685 carvão; 0 m.12 schisto; 1 m. 185 carvão; 0m.07 schisto; 0.m 10 carvão; 0. m 45 schisto e 0.m 43 de carvão.

Ao todo 5.m 02, sendo 3.m 72 de carvão, 1.m 12 de schisto e 0.m 18 de schisto e carvão, misturados.

A sondagem continuou até á profundidade de 100.m 28 sem ter encontrado o granito, chegando a essa profundidade no dia 7 de Junho, com uma media de mais de tres metros de avançamento diario.

Foi esta uma sondagem das mais felizes, não só quanto ao resultado, como quanto á marcha dos trabalhos, pois que o unico accidente havido foi a perda no furo de dous carbonados, felizmente retirados de novo.

Sondagem em Treviso — Terminada a sondagem no *Barro Branco* foi a sonda transportada para a colonia de Treviso, a 22 kilms. ao sul de Lauro Müller.

Desta localidade ao Treviso encontra-se sempre a formação carbonifera.

Vêm-se os mesmos grés e schisto e vêm-se mesmo afflora-mentos de carvão.

Sobre esta formação estendem-se camadas delgadas de um schisto argiloso branco-azulado e na serra encontra-se o basalto, quasi sempre muito fendilhado. Cortando-se as camadas sedimentarias vem-se sempre diques de diabases em diversas direcções, ás vezes com dimensões enormes.

Foi installada a sonda em Treviso, começando a trabalhar no dia 30 de Julho.

Encontramos a 6m. de profundidade uma grossa camada de cascalho, impossivel de ser atravessada pela sonda ou pela tubagem.

Mudei então a sonda, recuando alguns metros do leito do rio e comecei de novo a sondagem, tendo-se feito antes um reconhecimento prévio no terreno, por meio de um ferro de mina de 3 metros.

Abaixo de 0m. 30 de terra, encontramos 0m.90 de carvão, porém muito decomposto.

Seguiram-se grés, schistos e, ás vezes, verdadeiras camadas de pyrite de ferro, sempre de uma largura enorme, prejudicando sempre a coroa de diamantes, ou seja por partir um diamante, ou por descraval-o, ou por multiplicar a coroa de aço, tão corroida ficava ella.

No dia 1º de Agosto, á profundidade de 51m.64, depois de 1m. 15 de um grés extremamente calcareo e muito duro, appareceu *diabase*, cortando-se nesse dia 8m.70 dessa rocha. Seguiram-se mais 1m.71 de diabases e 5m. de grés calcarea; depois appareceu de novo a *diabase*.

Depois de ter atravessado 3m. de *diabase* reconheci estar perfurando um grande dique de *diabase* e, portanto, perdendo tempo inutilmente.

Resolvi parar o trabalho de sondagem neste ponto, mudando-o para um outro ponto, fugindo do dique de *diabase*, cujo afflora-mento descobri e cuja direcção determinei rigorosamente, afim de não encontral-o de novo.

A nova sondagem começou a 16 de Agosto, encontrando, á 7m.54 de espessura, carvão de muito boa qualidade, tendo para capa uma camada de 6.94 de espessura de grés escuro argiloso e para lapa grés amarello-escuro com manchas brancas.

E', pois, uma camada em optimas condicções de exploração, pequena profundidade, boa espessura, capa e lapa bem resistentes.

Depois de muitas camadas de grés e schistos, a sonda atravessou 0m.16 de schisto carbonoso e carvão misturados, 2m.29 de schisto negro argiloso, vindo em seguida nova camada de carvão a 55m.61 de profundidade. Tivemos 1m.48 de carvão, 1m.18 de schisto carbonoso, 8m.52 de carvão, seguindo-se schisto argiloso pardo-escuro.

E' tambem uma excellente camada de carvão. Nesse lugar em que sondamos pode-se fazer uma exploração de carvão em condicções muito favoraveis, principalmente se a E. F. D. Thereza Christina for prolongada até Araranguá, como se espera.

Por meio de um poço pode-se extrahir duas boas camadas carboniferas, separadas menos de 50m. uma da outra.

Esta ultima sondagem fora levada até á profundidade de 138m., em busca de granito, não o encontrando, porém, até essa profundidade.

A segunda sondagem, no Treviso, terminou com um desastre. Formou-se, á cerca de meio metro acima do fundo do furo, uma garganta, de sorte que, na occasião de retirar das hastes a coroa de diamantes, que tem diametro maior, não podia de modo algum atravessar a garganta formada.

Em movimento o motor e o guincho, rebentou-se o cabo da extracção, cahindo todo o conjuncto de hastes, barriletes e coroa, no fundo, peiorando a situação.

Afinal consegui salvar todas as hastes, depois de quatro dias de trabalho insano, ás vezes desde as seis horas da manhã até meia noite.

E' que perder-se perto de 140m. de hastes no furo, ficando sem poder trabalhar em outro ponto, não era uma perspectiva muito agradável para quem era responsavel pelos trabalhos, muito embora não pudesse ser culpado.

A garganta formava-se com certeza por causa de deslizando nas camadas de um schisto argiloso molle, cuja inclinação era muito grande.

Em um schisto argiloso negro, logo abaixo da camada carbonifera mais superficial, encontram-se fosseis vegetaes, taes como *sigillarias*, etc.

Sondagens em Cresciuma—Da colonia Treviso fiz transportar as machinas para Cresciuma.

Nesse percurso todo encontra-se a formação carbonifera, havendo affloramentos em Bellino, a cerca de 9 kilometros de Treviso.

Em Cresciuma, situada a 44 metros sobre o nivel do mar, afflora uma camada de carvão, que parece ser a do Barro Branco. Tem a camada a secção seguinte:

Terra vegetal; schisto negro e carvão (0 m. 10); schisto com listas de carvão (0,59) carvão puro brilhante (0 m. 80); grés molle amarrellado (0 m. 335); carvão puro (0 m. 33); carvão misturado com schisto (0 m. 20); carvão puro (0 m. 16); schisto negro; grés duro.

Este é o melhor affloramento em Cresciuma. Nota-se perfeitamente a continuidade da camada, mas muito irregular.

Em muitos pontos já a parte superior da camada foi lavada pelas aguas, vendo-se apenas abaixo do grés amarello o banco de 0 m. 33 de carvão, que é o melhor e o mais espesso e do qual tenho tirado algum carvão, constatando a sua boa qualidade.

O carvão é brilhante, bem puro, contendo pouca quantidade de pyrite de ferro.

A sondagem em Crescuma começou a 27 de Novembro de 1906, atravessando camadas de argila clara, schisto argiloso negro e grés, alternadas, dominando a rocha schistosa até cerca de 30 metros, ponto além do qual começou a dominar grés de varias qualidades.

Colloquei uma tubagem de 2 m. até o schisto duro; a agua calcada pela bomba não appareceu na superficie, apezar da tubagem.

Foi necessario levar a tubagem até 6 metros, revestindo toda a parte permeavel do furo.

A sonda encontrou vestigios de carvão a 26 metros, e a 109 metros em uma camada de schisto argiloso pardo.

A sondagem continuou atravessando-se grés, conglomeratos e schistos diversos até á profundidade de 123 m., onde encontrei diabase.

Perfuraram-se 10 m. nesta rocha.

Para o sul de Crescuma constata-se a continuidade da formação carbonifera até certo ponto áquem do Araranguá.

Sondagens no Araranguá. — Nesta villa o terreno é de formação alluvionaria até grande profundidade.

Foi installada em Araranguá uma poderosa sonda de aço granulado para ir além de 400 metros de profundidade.

Começada a sondagem em Setembro, depois de pequena camada de terra e grés molle, apenas encontrou a sonda areia e cascalho grosso, tornando-se impossivel o avançamento da sondagem sem tubagem.

Tubado o furo, foi levada a sondagem até á profundidade de 80 m., encontrando-se sempre o mesmo material, areias e cascalhos, contendo estes enormes blocos de basalto.

Dissolvida a Commissão de Carvão, foram os trabalhos em Araranguá paralisados até nova ordem.

A sonda em Araranguá é movida por um motor de 8 cavallos, havendo uma bomba de cavallo e meio, sendo a caldeira capaz de 18 cavallos, a cargo do conductor F. Dahne.

A sonda está hoje em Fernandes Pinheiro, a cargo do Dr. Eusebio de Oliveira, é accionada por um motor de 13 cavallos e a caldeira capaz de fornecer 25 cavallos.

Existe ainda um motor de 3 cavallos, que movimenta um dynamo para o serviço de iluminação.

E' uma sonda de aço granulado.

No Cedro, Estado do Paraná, está installada uma sonda a diamante, movida por um motor que faz corpo com a sonda.

Afinal a sonda com que trabalho actualmente em Cresciuma é uma pequena sonda a diamante, capaz de 150 a 200m. de profundidade, accionada por um motor de cerca de 4 cavallos.

Tratando-se de uma sondagem rapida, levada a uns 50m. de profundidade mais ou menos, é uma sonda esplendida, porque póde ser installada rapidamente, póde ser conduzida para qualquer ponto pela sua simplicidade e levesa, e poderia fazer 50m. em uma semana.

Alguns dados sobre o carvão.—As jazidas carboniferas do E. do Paraná estão algumas ao longo da E. F. S. P. Rio Grande, á cerca de 87 a 90 kils. da cidade da Ponta Grossa, onde a E. Rio Grande encontra a E. F. do Paraná. Esta vem ao porto de Paranaguá com um percurso de 200 kilometros.

O percurso total do carvão das jazidas ao porto de embarque será de 400 kils. mais ou menos.

A mina do Cedro dista 54 kils. de Ponta Grossa, em estrada de rodagem.

As jazidas da parte oeste do Estado estão ainda mais longe das estradas de ferro.

As jazidas em Santa Catharina, no ponto mais favoravel, nas Minas do Tubarão, distam 80 kils. do porto da Laguna ou 110kils. de Imbituba.

Construido o porto de Massiambú, na enseada do mesmo nome e proximo de Florianopolis, ficará o percurso augmentado de uns 60 kilometros.

O carvão de Treviso teria de sahir por Lauro Müller, a 22 kilometros de Treviso.

O de Cresciuma teria que ir a Pedras Grandes, Estação da Thereza Christina, a 48 kils. de distancia, salvo si for prolongada a E. Thereza Christina até Araranguá, passando por Cresciuma ou suas proximidades.

Qualidade do Carvão—O carvão de algumas camadas, como o do *Barro Branco*, póde ser utilizado mesmo como sahe da mina, fazendo-se apenas uma escolha rapida no sentido de separar a pyrite n'elle existente.

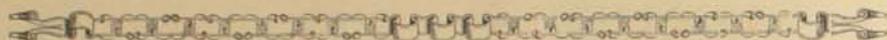
Têm-se feito varias experiencias em estradas de ferro com o carvão brasileiro, constatando-se sempre a sua boa qualidade.

Quer no Paraná, quer em Santa Catharina, o nosso carvão portou-se, em estradas de ferro, como se fosse carvão inglez.

Analyse do carvão brasileiro — A analyse do carvão brasileiro feita nos Estados Unidos (casa Baldwin Locomotive) deu :

	Rio Grande Sul	Santa Catharina	Paraná
Humidade	4	0.3	
Materias volateis	31.3	33.40	38.06
Carbono Fixo . .	39.92	42.58	61.3
Cinzas	35.78	23.72	2.72
Enxofre	1.62	2.67	
	<hr/> 102.62	<hr/> 102.67	<hr/> 102.62
Densidade 1.27			

Dr. Benedicto dos Santos



Cantae !

O' Virgens que passaes, ao Sol-poente,
Pelas estradas ermas, a cantar !
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantae-me, nessa voz omnipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seára reluzente,
O Vinho, a Graça, a Formozura, o Luar !

Cantae ! cantae as limpidas cantigas !
Das ruinas do meu Lar desenterrae
Todas aquellas illuzões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
O' suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantae !

Antonio Nobre

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

(Continuação da pag. 145)

Diffundida por este tempo a noticia de que na ilha da Trindade, do dominio portuguez, se achavam piratas de diversas nações, resultando d'ahi graves damnos ao commercio do Brazil, ordenou a côrte de Portugal que se organizasse no Rio de Janeiro uma expedição armada para expulsal-os. A não *Nossa Senhora dos Prazeres* e outros vasos, formavam a expedição, levando a tropa necessaria para o desembarque. Commandava em chefe o marechal José Raymundo Chichorro, e Coimbra em segundo lugar, incumbindo-o o vice-rei dos preparativos para o desembarque das tropas, que sob o seu commando devia estacionar na ilha. Não offerece ella desembarque seguro, e por isso com indisivel trabalho se salvaram os petrechos de guerra. O exemplo de Coimbra e sua actividade, já na construcção dos alojamentos indispensaveis para a conservação da tropa que alli com elle devia estacionar por alguns annos, já no seu soffrimento e resignação, lutando com as privações que então se experimentára, animou a tropa de tal maneira que tudo se conseguiu com applausos do vice-rei, que lhe dirigiu por isso bem merecidos elogios.

Retirado da ilha da Trindade passou logo a ser incumbido, por virtudes de ordens da côrte portugueza, da exploração das minas do sertão da villa do Macacú, e da prisão de grande numero de facinorosos que então constava achar-se ali reunido, e contrabandistas de ouro, que com escandalosa infracção das leis roubavam os direitos reaes. Penetra Coimbra aquelle aspero sertão, no meio do qual se vê na presença de ingremes serras e de rios difficeis de atravessar. Estes obstaculos se tornariam invenciveis para outro official que não possuisse a robustez de Coimbra e o habito de soffrer longos e penosos trabalhos: abre uma estrada e prosegue na tentativa dos descobrimentos que lhe foram confiados, penetrando a alcantilada serra de Canta-Gallo, onde apenas achou indicios vehementes de terem ali permanecido os bandidos, que receando o golpe fatal que os aguardava, se tinham retirado. Construiu então armazens e quartéis para a tropa, estabeleceu guardas para evitar a permanencia de facinoras nas proximidades e deu todas as providencias necessarias á segurança da nascente povoação do Canta-Galo, da qual Coimbra, sem contradicção, foi o verdadeiro fundador. Elogiado pelo vice-rei, retira-se para o Rio de Janeiro em 20 de Abril de 1787.

Achava-se de novo commandando o seu regimento quando, por decreto de 13 de Maio de 1789, é promovido a coronel chefe

do regimento de Santa Catharina, mas chegando pouco depois ao Rio de Janeiro o novo vice-rei conde de Rezende, por elle recebeu o despacho de governador desta capitania: (*) Antes, porém de seguir para o seu novo destino, foi nomeado pelo mesmo vice-rei seu ajudante de ordens, tal era o conceito e estima que delle fazia! Adiante veremos como, por suggestões de seus invejosos, se tornou o vice-rei um seu verdadeiro verdugo! O cuidado que então dava à Côrte de Portugal a segurança de Santa Catharina, pelo receio de ser facilmente invadida pelos francezes revolucionados em 1789, aconselhou aquelle governo a nomeação de Coimbra para governador da Capitania, certo de que o seu comportamento, no caso de uma invasão, seria bem diverso daquelle que se deu em 1777 quando os hespanhões a invadiram. Obedece Coimbra e é recebido em Santa Catharina pela tropa e povo com o maior jubilo; aquella recebendo o seu antigo e honrado commandante, comprazendo-se de ver premiados seus relevantes serviços, e este um administrador capaz de promover a prosperidade do paiz.

Empossado do governo no dia 17 de Janeiro de 1791, entrou com ardor proprio de seu genio a dar movimento ás machinas necessarias á execução de seus vastos planos. Todos os ramos de industria mereceram o seu cuidado. A agricultura, essa fonte inexaurivel da publica felicidade, e a povoação para o interior do paiz, um dos elementos que mais podia concorrer para o almejado fim, mereceram particularmente a sua attenção. Com estas vistas fez logo expedir destacamentos para a estrada de Lages, um commandado por official para a Boa Vista, e outro para o Trombudo, sendo o seu projecto fundar uma freguezia em cada um destes pontos; pois que desta maneira se poderia facilitar a communicação com a villa de Lages e conseguir que essa estrada aberta pelo governador interino José Pereira Pinto, por virtude de ordem do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, se tornasse util ao paiz, chamando a povoação para os sertões que a bordam.

Novas recommendações da Côrte de Portugal sobre a segurança de Santa Catharina o obrigaram a lançar mão dos debeis recursos que tinha á sua disposição para a pôr ao abrigo de alguma surpresa do inimigo.

(Continúa)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

(*) No Archivo da camara municipal da cidade do Desterro, em o livro de registro das patentes dos governadores, se acha registrada a do governador Coimbra.

A alma do outro mundo

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

Luiz Guimarães Junior

(Continuação da pag. 160)

— Muito agradecido á Senhora! acudira o pae, vermelho de gratidão e calor; o baptisado ha de ser aqui mesmo. Eu trago a filhinha! Não me custa um fio de cabelo da cabeça.

Realizou-se, pois, o baptisado de Rosinha no Recife, com todo o apparato e pompa.

José Paz abria enormes olhos e desprendia uns suspiros, capazes de, em collaboração com a trombeta de Jerichó, abalar os alicerces do mundo.

A esplendida comadre chamou-o á parte, á noite, e :

— Saiba de uma cousa, caro senhor, disse ella sorrindo meigamente. Esta menina de hoje em diante considero-a filha minha.

José Paz cortejou tres vezes, puchando os manguitos do casaco.

— Portanto, compadre, hei de ir mais de uma vez vel-os no Jordão, lugar que adoro, e outras vezes Rosinha virá passar commigo...

— Pouco tempo, sim comadre? pouco tempo. Esta menina é a cousa melhor que eu tenho no mundo, e repare! repare! nos seus olhinhos parece que eu vejo rir para mim a alma da defunta.

O pobre do homem idolatrava a criança, como um naufrago o fragil lenho que o ampara do choque horrendo das ondas.

Rosinha cresceu á sombra dos cuidados paternos e dos carinhos da sua illustre madrinha. A comadre de José Paz ia de longe em longe ao Jordão, e era signal de festa a presença da millionaria entre os habitantes do logarejo.

No tempo em que Rosinha contou vinte e um annos, a madrinha foi ao Jordão buscal-a com o maior alvoroço.

— Mas no dia dos annos della! murmurou José Paz, enfiado com a exigencia da comadre.

— E' por isso mesmo. Hoje á noite dou uma « soirée »...

O honradissimo matuto abriu os olhos prodigiosamente.

— « Soirée! » articulou elle, tropego e pasmo.

— Não é caso de morte, não, meu amigo. Uma « soirée » é

uma reunião alegre, galante, com muita musica, muitas moças, muitos rapazes distinctos.

José Paz escapou de engasgar-se engolindo a phrase dos « rapazes distinctos ».

— Minha afilhada é moça de mais ou menos sociedade, e eu quero dal-a por prompta em pouco tempo.

— Prompta para que, comadre ?

— Santo Deus ! O Senhor está hoje com a bilis horrivelmente excitada, compadre ! Diga-me uma cousa : acha que eu estimo sua filha ?

— Oh ! muito !

— Bravo ! nesse caso deixe-me eu sempre guial-a no mundo.

— Mas, gaguejou José Paz, esfregando um botão do collete, a ponto de arrancar-o, a Rosinha pouco pode ser, por mais que vossa mercê deseje ! A pobreza. . .

— Quem lhe lembrou agora a pobreza, homem ?

— Isso não precisa lembrar, comadre, atalhou José Paz, com o sorriso triste ; é o meu pão nosso de cada dia !

— Espero em Deus proteger sua filha sempre, proseguio a millionaria, ferindo o chão impacientemente.

José Paz metteu a viola no sacco, e poz-se a contar as taboas do assoalho.

— Levo-a hoje ; o trem de ferro não tarda. Rosinha ! chamou ella com a voz vibrante e imperiosa.

A menina veio abraçar a madrinha e receber-lhe a benção, envolta em ondas de alegria.

A ricaça bateu nas faces da afilhada com um certo ar de importancia materna, que lhe ia ás mil maravilhas.

— Veste-te depressa, anda.

— Aonde vou eu ? perguntou a menina, fitando os olhos luminosos no rosto carrancudo do pae.

Vaes ao Recife, vaes á minha casa, vaes a um baile !

— Vossa mercê, interrompeu José Paz, trémulo, disse ainda agora, que era uma. . . uma. . .

— « Soirée » ou baile, vem a ser o mesmo, compadre. Uma « soirée » soberba, Rosinha ! Has de te recordar ainda dos lanceiros de que tanto gostavas !. . . Tra, la, la, la, la, le, li, la, la !. . .

José Paz estava em brazas ; o suor corria-lhe da testa á barba com a rapidez das enchurradas nas grandes cheias.

A millionaria acompanhou Rosinha ao quarto da menina, e emquanto auxiliava-a na simples e graciosa « toilette » :

— Prepara-te, meu bem, que nunca te divertistes como hoje á noite !

Hoje é o dia dos meus annos, volveu Rosinha enfiando o corpete de lã salpicada.

— Pois festejaremos o dia dos teus annos ás direitas! Toma, toma o alfinete.

— E espera muita gente, minha madrinha?

— Alguma; gente escolhida, já se vê. Amanhã iremos passar o dia em Cachangá!

— Oh! Eu não volto de manhã cedinho?

— Qual!

— Papae massa-se devéras!

— Teu pae é um grosseiro de lei. Se não fosse teu pae e meu compadre, eu o trataria hoje como merece.

— Porque? Virgem do céu!

Imagina que lhe fallei na „soirée” e o pobre do homem franzió o nariz, como se eu te fosse levar á tua perdição e ao teu mal.

Ah! Elle franzió o nariz?

E Rosinha mirou-se ao espelho, parando por um instante os olhos intelligentes na sua imagem um pouco desmaiada e pensativa. As mãos que alcochetavam o vestido, cahiram frias ao longo do corpo.

As lufadas do vento norte traziam o longinquo uivo do wagon que se approximava

Quando Rosinha entrou ás oito horas da noite, no salão festivo, pela mão de sua madrinha, agitou-se entre damas e cavalheiros um murmurio de admiração.

A filha de José Paz estava bella como o amor, e irradiante como a estrella da manhã. Já não trazia sobre o corpo o vestido com que viera do Jordão, mas uma fina, uma transparente tulle, atravez da qual os nitidos contornos debuxavam-se com uma riqueza oriental. Seus longos cabellos negros, enroscados pela artistica mão de um cabelleireiro francez, emmolduravam-lhe, mais brilhantes que um diadema, a expressiva e sentimental cabeça.

De seus olhos, sorpezos pela luz e pela harmonia vibrante da orchestra, escapavam-se doridos e tenues lampejos.

O vestido roçava dous palmos o tapete do salão; e em seu collo abundante, largo e nú, um fio de perolas offegava ao movimento precipite da respiração oppressa.

A ricaça apresentou a afilhada a todos os seus convidados.

Cada qual admirava com mais entusiasmo os preciosos dotes da recém-chegada, cabendo ás mulheres a parte da inveja na colheita geral de applausos.

Rosinha nem estava triste, nem satisfeita. Faziam-lhe mal aquellas arandellas fulminantes, a cujo reflexo era o seu perfil

representado na limpidez de vinte espelhos enormes. Por vezes cuidava escorregar na perfida lanugem do tapete espesso.

Quando a orchestra atacou com brio e delirantes adejos uma valsa de Schuloff, então muito em moda nos primeiros salões de Pernambuco, a alma da creatura, habituada a ouvir apenas susurro dos rios e a cantiga magoada dos passaros, sobresaltou-se e deixou-se voar na correnteza daquellas novas harmonias, como uma petala solta e arrebatada pela torrente impetuosa da chuva.

O que era aquillo, santo lenho de Christo? aquillo que a enleiaava, que a perturbava, que a consumia, e ao mesmo tempo fazia derramar ondas de perfume e de ignotos desejos no seu coração extactico?

A valsa reboava, tremenda e voluptuosa, confundindo os pares e dobrando a cabeça das elegantes sobre o hombro tremulo dos cavalheiros.

Rosinha seguia todo aquelle panorama vertiginoso com essa especie de terror e de alegria que se experimenta quando se engole um bocado de «hachich». O leque fechado, estremecia no seu regaço, torcidos pelos dedos febris e impacientes. Com a pelle humida, a boca-entre aberta, o seio convulso, ella acompanhava os compassos delirantes da valsa, agitando sob a fimbria da cambraia o pé suffocado nas dobras do setim branco.

Terminada a valsa, a millionaria acenou-lhe que se aproximasse. A filha do José Paz caminhou até ao divan em que estava a madrinha, aterrorisada e pallida, como se houvesse commettido um crime.

—Que tens tu?

—Por que, minha madrinha?

—Vejo-te branca, que me pareces uma defunta!

—E' verdade, acudiu uma senhora presente; talvez o calor da sala lhe faça mal!

—Não, não tenho nada, respondeu a pequena.

E por acaso viu-se retratada no primeiro espelho, sombria e livida de causar espanto a si propria.

—Vamos lá dentro, Vem, Rosinha!

A menina aceitou o braço da ricaça e punha o pé no rendado capacho do corredor que ia ter á sala do refeitório, quando a orchestra deu signal de uma quadrilha franceza.

—Porque tremes, Rosinha! tens alguma cousa por força!

—Tenho medo da musica, minha madrinha, volveu ella, abrindo a bocca em um sorriso melancolico.

—Queres dansar esta quadrilha?

(*Continúa*)

Notas Historicas

(Continuação da pag. 141)

[DEPUTADO Á ASSEMBLÉA CONSTITUINTE

(13 DE MAIO A 12 DE NOVEMBRO DE 1823)

2º — Diogo Duarte Silva — empregado publico.

1ª LEGISLATURA
(1826 - 1829)

(Eleição por provincias. Systema indirecto, ou eleição de 2 grãos. Instrucções de 26 de Março de 1824)

3º — Diogo Duarte Silva.

2ª LEGISLATURA
(1830 - 1833)

4º — Diogo Duarte Silva.

3ª LEGISLATURA
(1834 - 1837)

5º — Diogo Duarte Silva.

4ª LEGISLATURA
(1838 - 1841)

6º — Brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho.

5ª LEGISLATURA
(1842 - 1844)

7º — Brigadeiro Jeronymo Francisco Coelho. (Foi chamado aos Conselhos da corôa para gerir a pasta da guerra. Aceitou o encargo e foi reeleito).

6ª LEGISLATURA
(1845 - 1847)

8º — Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.

7ª LEGISLATURA
(1848 - 1849)

(Systema indirecto—Lei nº 387 de 17 de Agosto de 1846).

9º — Dr. Joaquim Augusto do Livramento — bacharel em direito.

8ª LEGISLATURA
(1850 - 1852)

10º — Dr. Joaquim Augusto do Livramento.

9ª LEGISLATURA
(1853 - 1856)

11º — Dr. Joaquim Augusto do Livramento.

(Continúa)

Rodolpho Baptista de Araujo

NOTAS

Collaboradores da "Revista,"

Donato Silva, cuja collaboração principia neste fasciculo, é pseudonimo de intelligente e muito estudioso patricio, residente em Florianopolis, e cuja penna adextrada têm-se occupado, ha muito, na imprensa, de assumptos litterarios, sociaes e scientificos.

Dr. José Boiteux

Este nosso illustrado co-estadano tem actualmente no prélo duas obras: *A Costa Catharinense*, monographia apresentada ao 3.º Congresso Brasileiro de Geographia, em Coritiba; e o 1.º volume de *Diccionario Historico e Geographico de Santa Catharina*, trabalho que constará de dois volumes.

Livros, revistas, jornaes, etc.

Em elegante folheto, nitidamente impresso na Escola de Aprendizizes Artifices de Florianopolis, recebemos a offerta dos artigos que o nosso collega Sr. Chrispim Mira publicou em Junho deste anno nas columnas editoriaes do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, sob o titulo *O Perigo Allemão*.

O autor, que é uma das mais apreciaveis intelligencias da actualidade catharinense, em cujo jornalismo salienta-se pela belleza da linguagem, pela originalidade dos conceitos e pela independencia que sempre revela na apreciação dos homens e das cousas, nasceu e conviveu durante por muitos annos num dos centros coloniaes allemães do nosso Estado — a bella Joinville de hoje. Por todas essas circumstancias os artigos a que nos referimos constituem uma joia litteraria, um depoimento insuspeito e concludente e um grande serviço, portanto, prestado sinceramente ao culto da verdade e aos interesses de Santa Catharina.

Tambem percorremos todo o extenso norte catharinense, observando-o, e outra não é a opinião que fazemos da acção benefica no passado, no presente, e ainda mais a esperar no futuro, dos antigos colonos germanicos e seus descendentes em prol do desenvolvimento do nosso Estado. Comparando-se antigos centros de povoações luso-brazileira — com Brusque, Blumenau, Joinville, S. Bento — terse-á a razão dos votos que o Sr. Chrispim Mira faz no final do seu primeiro artigo, "para que todo o Brazil possa ter a felicidade de ver-se largamente povoado por essa raça digna, obreira e victoriosa, a que Santa Catharina deve a gloria de cidades exemplares como Joinville e Blumenau."

Muito agradecemos ao distincto jornalista patricio a sua offerta gentilissima e preciosa.

— Acha-se publicada em folheto, impresso com perfeição na typographia Boesken, de Florianopolis, a sentença proferida pelo Exmo. Sr. Dr. Candido Valeriano da Silva Freire, dignissimo juiz seccional, na acção ordinaria promovida por Jordan, Gerken & C. e outros negociantes de Joinville contra o Governo do Estado.

A sentença condemna a Fazenda Estadual a restituir aos autores a quantia de 58.809\$704 rs., cobrada indevidamente, e é um trabalho juridico de summa importancia, como todas as producções do erudito e integerrimo magistrado que a assigna.

Agradecemos o exemplar que nos foi presentado.

SOCIEDADES DE TIRO

OS PINTO BANDEIRAS

Sendo habitual todas as aggremações, de qualquer caracter que sejam, escolherem um nome patronimico para egide, venho lembrar para uma das nossas sociedades de tiro, formada ou por ser formada, o nome do extraordinario catharinense brigadeiro Raphael Pinto Bandeira, cujas proezas na conquista do Rio Grande aos castelhanos tornaram-se lendarias. Realmente, nenhum outro cabo de guerra mais o avantajou.

Na expulsão dos castelhanos do territorio sul-riograndense muito contribuíram os filhos da terra catharinense, não só em tropa constituída militarmente, como os heroicos *barrigas verdes*, como em grupos isolados, lagunistas a operarem por conta propria, constituindo as celebres arriadas, ainda hoje celebradas.

Tão ouzadas e temerosas eram aquellas algarás, taes os arrojados commettimentos praticados e tal a fortaleza de animo de quem as dirigia e de quem obedecia, que ainda hoje constituem orgulho dos nobres filhos da terra riograndense.

Os herões chefes daquellas arriadas em nada ficaram a dever aos do norte; o mesmo sentimento patrio incendiado nos peitos de Henrique Dias, Felipe Camarão, Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira, de 1630 a 1654, lavrou nos dos Pinto Bandejas, Cardoso Leite e outros. Se os do norte, na defesa do sagrado solo patrio, desobedeceram ás ordens da metropole que os mandava abater armas aos batavos, dando-lhes a posse da terra brazileira desde o Sergipe até á Parahyba do Norte, para assegurar a independencia de Portugal, os do sul, dignos descendentes dos bandeirantes que na mesma época alargavam os dominios brazileiros para oeste, tambem o fizeram um seculo mais tarde, revoltando-se contra o ajuste feito entre Portugal e Hespanha, que entregava a barra do Rio Grande e todas as campinas ao sul e oeste ao jugo castelhano.

As arriadas eram digressões á mão armada organisadas por grupos de *aventureiros* mal constituídos militarmente, sob a direcção de um chefe ouzado até á temeridade, e que, na defesa do solo patrio, lançava-se á emprezas verdadeiramente audaciosas e ariscadissimas contra o inimigo, quer estivesse elle á descoberto ou entrincheirado.

Conhecedores, palmo a palmo, do terreno em que operavam, de seus menores accidentes se serviam, ora para o ataque pre-

meditado, ora para, por precaução, se occultarem, e nunca por terror; seus assaltos sempre inesperados, imprevisos, rapidos, rudes e violentos, levavam certa a debandada aos inimigos.

Quer atacando de frente, quer fingindo uma retirada para atrahir o inimigo e depois de chofre, com impetuosa furia cahir sobre elle, e de roldão, á pata de cavallo, leval-o de vencida para além das fronteiras, mostravam-se sempre intemeratos e cavalheirescos para com os prisioneiros.

A essas audazes cohortes pouco se lhes dava o passadio: fosse elle farto ou de forçada sobriedade, era o de menos; do mesmo o vestuario, o bastante para cobrir suas enrilhadas carnes adustas pelo sol ou engelhadas pelo frio. Sem nenhuma bagagem para que não lhes tolhesse os movimentos, andavam só com a vestimenta do corpo; calças de ganga, camisa curta, ás vezes um gibão e umas grossas polainas de couro; os pés quasi descalços; a cabeça abrigada por alto e longo chapéo de palha tosca; e dos hombros a penderem uma *bruaca* de couro crú com alimentos, quando os tinham.

Desses indomitos guerreiros, sempre ao chouto, chumbados aos arnezes de seus corseis, brandindo as armas ao primeiro appello, tudo sacrificando á defesa do patrio lar, nasceram heroes que enchem nossa historia de fulgurantes lances e cuja lembrança nunca deve ficar esquecida; dentre elles vamos destacar os bravos lagunenses Francisco Pinto Bandeira e seu primogenito Raphael Pinto Bandeira, o façanhudo barriga verde, flagello das hostes castelhanas.

Francisco Pinto Bandeira distinguio-se na Colonia do Sacramento, donde veio tenente. Casou-se na sua villa natal, Laguna, em 1738 com D. Clara Maria da Silveira, de cujo casal nasceu Raphael no anno seguinte. Mandado para o Rio Grande, vae commandar o *fortim* Jesus Maria José, no Rio Pardo, onde repelle com seus 60 commandados uma expedição vinda das Missões, composta de 1000 indios dirigidos por Sepé e um jesuita: é ali ferido.

Novo assalto soffre em 1754, o fortim, porém com seus dragões repelle Francisco Bandeira os atacantes e faz-lhez innumerados prisioneiros. Segue Gomes Freire na campanha das Missões, como capitão do regimento de dragões, recebendo a investidura do commando de dous esquadrões de paulistas e lagunistas, compostos de 174 homens; e a guarda avançada de expedição. Em todos os combates se salientou desde o passo do Jacuhy até á tomada de S. Lourenço (1756). Não se conformou com o ajuste de 1763. Nomeado commandante da guarda avançada da *Tratada*, d'ahi sahio para castigar o coronel D. Antonio Catani, que com

500 homens e muitos índios, apoiado em 6 boccas de fogo, sorrateiramente se tinha fortificado á quem das raias do ajuste. Commandava Pinto Bandeira um total de 230 homens, guerrilheiros como elle, e abrindo uma vereda, depois de ter estudado a posição occupada pelo inimigo, por ella investe e arroja-se sobre o inimigo com tal impeto que o derrotou completamente. Arrazou o campo entrincheirado, trazendo como trophéos prisioneiros, officiaes e praças, viveres em quantidade, munições, artilharia e mais de 14 mil cabeças de gado.

De Francisco Pinto Bandeira dizia em correspondencia official, datada de 1763, o governador Luiz M. da Silva Paes, que «o capitão Francisco Pinto Bandeira é só o que nestas partes tem obrado com zelo e actividade» «e os castelhanos tanto se tinham avançado e estariam em Tramandahy se o capitão F. P. Bandeira os não impedira». No supplemento ás instrucções confidas na carta regia de 9 de Julho de 1774 ao vice-rei do Brazil, Pombal escrevia: § 21 «...contando muito tambem com o capitão Francisco Pinto Bandeira, homem valoroso ao qual se deve em primeiro logar o defender duas vezes o Rio Pardo, em uma foi ferido».

Este insigne patriota, que era filho do ajudante José Pinto Bandeira, procurador do Concelho da Villa da Laguna, em 1725, e de D. Catharina de Brito, tambem lagunense, morreu em 1772 no posto de coronel do terço de auxiliares de cavallaria do Rio Grande de S. Pedro, deixando para continuador de sua gloria o seu primogenito Raphael Pinto Bandeira, nascido na hoje cidade da Laguna em 1739. No exercito de Gomes Freire verificou praça em 31 de Julho de 1754, em Santo Amaro, sob os nomes de seu pae. No ataque ás forças de Catani extreou brilhantemente. Em 1763 é nomeado tenente de dragões e isto proporcionou-lhe energia para redobrar nas hostilidades contra os hespanhoes. Era um dos insurgidos contra o ajuste e tantas fez que chegou a ser destituído do posto, o que aliás ficou sem effeito graças ás rogativas e intervenções do governador José Marcellino. Para Raphael não havia descanço em quanto houvesse castelhano a afugentar; dias consecutivos, mezes inteiros passava-os elle na impenitente missão de esphacelal-os. Seu nome valia por um exercito.

A sorrateira empreza de Vertiz-Salhedo ao se apossar do Rio Grande, commandando 1400 homens, isto depois de fundar a fortaleza de Santa Tecla, não passou despercebida aos vigilantes cerberos da fronteira. Descia as Missões uma columna de 600 homens e um contingente de índios sob o commando de D. Antonio Gomes; contra elle foi mandado Raphael, que a 2 de Janeiro de 1774 os encontrando acampados no arroio Sta. Barbara, os ataca

com tanta ousadia que os leva de vencida, fazendo prisioneiro o proprio commandante, officiaes e 80 soldados, munições de guerra, 1200 cavallos, 300 bestas, etc. O plano de Salcedo era apossar-se do Rio Pardo. As forças de Pedroso mandadas contra elles não lhe puderam oppôr maior resistencia e sobre o forte investio o castelhano. Não contara porém que ahi já estivesse Raphael, o qual contando com os seus 120 centauros de audacia daria conta dos inimigos vinte vezes superiores.

Ao primeiro embate cedem os nossos á alguns esquadrões hespanhoes, numerando mais de 400 homens, destacados do grosso do exercito. Certos da victoria avançam: porém não contam elles com o extratagemas de Raphael em attrahil-os para um formidavel brejal. Repentinamente apparece-lhes Raphael pela retaguarda levando-os a chafurdarem-se no pantano em uma debandada sem igual.

Em sua retirada teve Salcedo para vigial-o até Camaquan o fogoso Raphael. Não podendo atacar os castelhanos, devido ás ordens que tinha, contentava-se Raphael em jogar as peiores partidas ás tropas. Quer de noite, quer de dia, não os deixava socegadas, tresmalhando-lhe o gado e fazendo fugir os cavallos de suas montarias.

Abateu-se o orgulho do castelhano audaz e elevou-se á glorificação o nome de Raphael Pinto Bandeira, indo circular a sua fama na corte portugueza. Promovido a sargento-mór, tratou-se de lhe dar fóros de nobreza.

No supplemento ás instrucções contidas na carta regia de 9 de Julho de 1774, datadas da Ajuda, em 8 de Agosto do mesmo anno, enviadas pelo marquez de Pombal, ao vice-rei do Brazil, marquez do Lavradio, consta o seguinte... «17. O mesmo deve o dito tenente-coronel praticar a respeito do valorosissimo capitão (que era na guerra do Conde de Bobadella) Pinto Bandeira e de seu filho, digno successor Raphael Pinto Bandeira, que em tres de janeiro proximo precedente destruiu o corpo castelhano, commandado pelo capitão D. Antonio Gomes, junto ao rio Pequery. 18. Logo que chegarem os referidos papeis serão os sobreditos despachados sob informação de v. ex. mandar com elles, assim da graduação, estimação commum, em que os sobreditos se acham actualmente como dos despachos, que lhes serão mais bem acceitos: isto é, ou Habitos de Christo com tenças, ou de Fóros, tendo os meios necessarios para sustentar a decencia delles; ou de Alcaydarias Móres dos Lugares por elles conquistados, e restaurados; erigindo-se para este effeito em Villas, cujos nomes se lhes dêem por appellidos e Solares das suas respectivas Familias.»

(*Continúa*)

H. Boiteux

REPUBLICA CATHARINENSE

DOCUMENTOS PARA SUA HISTORIA

Proclamação do Presidente José Marianno de Albuquerque Cavalcante

HABITANTES DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA. — Uma facção inimiga do feliz systema de Governo Monarchico Constitucional que nos rege, dominando desgraçadamente sobre a Capital da Provincia do Rio Grande do Sul, promove a desobediencia ao Governo Central e concita maliciosamente o desmembramento das outras Provincias do Imperio, convidando-as para uma ficticia Federação, ou para uma chimerica Republica: em seu delirio atreve-se a mesma facção a avançar boatos, espalhados por alguns secretarios em periodicos redigidos por seus Chefes, que esta Provincia ha de adherir promptamente aos seus tenebrosos planos. Avança ainda mais: diz que já estaes com ella para, unida com a do Rio Grande, formar uma Nação Independente! Podereis ouvir, ou podereis ler, honrados Catharinenses, sem horrorisar-vos e sem inflamar-vos de justa colera, um semelhante ataque á nossa honra, ao nosso constitucionalismo, e á santidade de vossos juramentos? Não, não é possível. Mas não basta só horrorisarmo-nos, é preciso que nos disponhamos a sustentar a Integridade do Imperio, os direitos da Nação e a vossa dignidade, repellindo qualquer insulto ou a menor tentativa que ouzem fazer para obrigar-nos a seguir seus desvarios. Sim, Catharinenses, quem está no gozo do melhor Systema de Governo conhecido, não deve querer experimentar aquelle de que não conhece senão as bellas theorias e para o qual a funesta e larga experiencia dos nossos conterraneos e mesmo a nossa nos tem mostrado *que ainda não estamos preparados*. Se, pois, esses outros povos da America, ciosos, como nós, da sua Independencia e Liberdade, luctando ha tantos annos ainda não puderam consolidar um tal systema e tendem hoje alguns delles para a Monarchia Constitucional Representativa, esperando achar n'ella ancora de salvação, quereíamos nós, por uma contradicção inconceptivel, imitando o cão da fabula, deixar a realidade pela sombra, e sombra tão sinistra?! Não, certamente: os que desejam e só podem aspirar a essa fatal mudança, são os que nada receiam perder e tudo têm a ganhar, são aquelles que arrogando-se injustamente o titulo de Patriotas só ambicionam o Mando Absoluto e o gozo das riquezas, que possam satisfazer

suas desvairadas e insaciáveis paixões, muito embora o Povo pa-deça, o Commercio entorpeça, a Lavoura definhe e as Artes paralysem.

A maioria mesmo dos habitantes d'aquella rica provincia de-testa e abomina os principios subversivos e só quer a União, a Integridade, a Lei e a Ordem. E' mesmo de esperar que os illustres guerreiros, que dirigiram o primeiro movimento, só tendente á mudança da administração Braga, consigam pelos seus louvaveis esforços livrar a sua cara Patria dos horrores em que os Anarchistas pretendem abysmal-a. Se, porém, o espirito do mal ficar victorioso (o que Deus não permitta), nós deveremos voar em soccorro da legalidade e cobrir a nossa Extrema, defendendo-a de qual-quer aggressão e do menor contagio da Anarchia. Armemo-nos, pois, Bravos Catharinenses; o vosso presidente será o primeiro a collocar-se á vossa frente, elle conta com o vosso valor, com o vosso Patriotismo e com a vossa adhesão e firmeza nos sagrados juramentos á liberal Constituição que nos rege. Viva a Nação Brasileira! Viva a Constituição e a Integridade do Imperio! Viva a Assembléa Geral Legislativa do Brazil! Viva o Senhor D. Pedro 2º! Viva o Regente em nome do Imperador! — Palacio do Governo da Provincia de Santa Catharina, em 23 de Janeiro de 1836.
José Marianno de Albuquerque Cavalcante.

(Do Archivo da Presidencia da Provincia, Livro 8º de Registros, folhas 7 e 9.)

Actas da Camara Municipal da Villa da Laguna

DURANTE O PERIODO REPUBLICANO

Sessão extraordinaria de 27 de Julho de 1839 — PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA — Achavam-se presentes seis vereadores, faltando um por não se ter ainda juramentado. — Aberta a sessão deu para trabalho della o mesmo presidente a resposta aos officios recebidos do Sr. coronel commandante da Divisão - Libertadora, datados de 25 e 26 do presente, os quaes por copia foram remettidos aos respectivos Juizes de Paz das quatro Parochias deste Termo; tendo-se nesta data respondido aos mesmos officios, isto depois dos mesmos vereadores abaixo assignados terem prestado juramento e tomado posse no mesmo dia acima. O Sr. Presidente deu a sessão por fechada e assignaram commigo secretario, que o escrevi. *aa) Oliveira — Carpes — Floriano — José de Andrade — Freitas — Leal — Ferreira.*

Acta da declaração da Independencia do Estado Catharinense, providencias para a eleição do Presidente Provisorio, etc., etc.

Sessão extraordinaria de 29 de Julho de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA. — Achavam-se presentes seis vereadores, faltando com causa justa Antonio Joaquim Teixeira. — Aberta a sessão e lida a acta da antecedente foi seu conteudo approvado. — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e nove, aos vinte e nove dias do mez Julho do dito anno, nesta Villa de Santo Antonio dos Anjos da Laguna, em as casas da Camara, e achando-se reunidos os Vereadores abaixo assignados, presididos pelo Vereador Presidente Tenente Vicente Francisco de Oliveira, ahi em observancia de um officio do Illm. Sr. Canabarro, Coronel Commandante em Chefe da Divisão Auxiliadora e Libertadora Rio Grandense, datado de vinte e cinco do dito mez de Julho — declarou-se a Independencia do Estado Catharinense, Livre e Independente, adoptando o systema Republicano Rio Grandense em todo o circulo que as Fileiras da Divisão Auxiliadora Libertadora Rio Grandense têm avançado neste Municipio e em os mais da Provincia, ficando assim formado um Estado Republicano Livre Constitucional e Independente. Foram unanimes em que se expedisse proclamas a todos os Juizes de Paz das Freguezias deste Municipio, declarando-se da vontade unanime o que esta Camara acaba de celebrer, e que com o maior enthusiasmo se lhe dê a devida publicidade, bem como que se expeça circular a todos os eleitores da Parochia para que no dia 4 do mez de Agosto proximo futuro se apresentem perante o Juiz de Paz da Cabeça do Termo, munidos dos seus respectivos diplomas, para este lhe marcar o dia, hora e local de reunião para a eleição do Presidente Provisorio do Estado e d'aquelles que não forem presentes se expeçam aos immediatos diplomas authenticos, servindo de regra para esta eleição as Instrucções de 26 de Março de 1824 e as mais em vigor tendentes a este objecto; outro sim, que se expeçam as precisas ordens aos Commandantes das Guardas Nacionaes, para que circulem em todo o Municipio e nos pontos libertados da Cidade do Desterro, afim de procederem ás precisas reuniões. Trataram mais de que se expedissem ordens aos respectivos Juizes de Paz do Termo para que, em virtude do que o mesmo

Sr. Commandante em Chefe pondera em o citado officio respeito aos bens e fazendas das pessoas que desampararam esta Villa e mais Districtos, procedam uma arrecadação judicial, e com toda a individuação a quem pertence, nomeando depositarios seguros que delles tomem conta, até decisão do Governo Provisorio, que se vai crear. Deu-se então posse ao Vereador da Camara Domingos Custodio de Souza e ao Juiz de Paz Antonio José Machado e scientificou-se aos mesmos que para o dia 4 de Agosto foram avizados os Eleitores a apresentarem seus diplomas para eleição de Presidente interino. Nesta mesma data se remetteram as proclamações acima ditas do Coronel da Divisão Auxiliadora aos Juizes de Paz dos Districtos para dar publicidade, assim mais outra desta mesma Camara. O Sr. Presidente houve a presente sessão por fechada, e assignaram. Eu José Pinto dos Reis, secretario que a escrevi:— *aa) Oliveira — Andrade — Carpes — Freitas — Leal — Souza.*

Sessão extraordinária de 31 de Julho de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA. — Achavam-se presentes cinco vereadores, faltando com participação os Vereadores Antonio Joaquim Teixeira e Domingos Custodio de Souza. Aberta a sessão e lida a acta da antecedente foi seu conteudo approvado. O Sr. Presidente deu por motivo para a presente sessão o cumprimento ao officio do Coronel Commandante da Força Libera David Canabarro, que participa ter creado um Chefe de Policia em Garopaba, que diz ser o Major Claudino de Souza Medeiros, e manda crear Chefes de Policia em todos os demais pontos do Estado e manda a esta Camara estabelecer paradeiros deste ponto aos mais pontos do Estado até onde as operações militares requerem: — em consequencia do mesmo officio mandou o mesmo presidente officiar aos Juizes de Paz do Districto desta Villa para nomearem paradeiros até Villa Nova, e aos Juizes de Paz de Villa Nova para os nomearem até Garopaba, respondendo-se ao mesmo Commandante das Forças que se havia dado cumprimento ao seu officio, e, satisfazendo-se-lhe a pergunta, que o Tenente-Coronel da Guarda Nacional de Infantaria é o cidadão Francisco Gonçalves Barreiros.

Nesta mesma sessão se officiou ao Juiz de Paz do Districto desta Villa para propor Inspectores de Quarteirões, pela ausencia de alguns, segundo consta a esta Camara.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada; e assignaram.— Eu José Pinto dos Reis, secretario que escrevi: *aa) Oliveira — Andrade — Leal — Carpes — Freitas.*»

NINHO DE MARINHEIROS

E' para mim um grande prazer toda a vez que tenho occasião de visitar a pittoresca terra catharinense; ao avistal-a sinto um mixto de alegria e saudades invadir o meu ser: riem os olhos, confrange-se o coração.

Duas razões explicam este estado d'alma; a primeira, toda intima, fala de affecto e de dedicação, é a terra de meu marido e do seu sentir delicia-me de compartilhar: a segunda é a lembrança que me vem da minha patria de origem, a França, pelos innumerados pontos de semelhança que apresenta a costa de Santa Catharina com a franceza.

Assim, no brilho do sol a doirar as montanhas e a matizar as folhagens das arvores que cobrem as encostas, no azul do mar que ora affaga as praias luzentes, segredando-lhes ciciosas harmonias, ora sob a acção do vento sul as fustigas sem piedade, tenho a deliciosa impressão do scenario da *Côte d'Azur*, não certo com aquella natureza trabalhada, porém mais agreste, mais cheia de encantos locaes.

Faz recordar a brumosa Bretanha, o amor extremado que alli todos consagram ao mar; são attestado d'isso as numerosas embarcações, geralmente de pesca, que a sulcam em todas as direcções, dando vida ás suggestivas paizagens que se desenrolam de qualquer ponto da ilha.

Quem se dér ao trablho de perscrutar as casinhas que pelos declives das montanhas se alcandoram sobre fragas salientes, mirando quasi todas o mar, quaes vigias infatigaveis a seguir os que n'elle labutam, encontrará presas á almofadas, bastidores e mesmo a rusticos teares as mulheres e filhas dos pescadores occupadas todas no fabrico de rendas, bordados e tecidos. A mesma vida da mulher bretã, lá cercada de brumas, alli banhada de luz!

E não é de estranhar, porque a origem é a mesma: para os Açores levaram seus costumes e sua industria muitas familias bretãs, expatriadas pela iniqua revogação do edito de Nantes, transportadas depois pelos açoristas para alli muito mais tarde.

Na sua lide para attender e auxiliar os encargos casaleiros são sempre zelosas e previdentes.

Entretidas no trabalho, de quando em vez desviam d'elle os olhos, para interrogar o céu si algum perigo poderá porventura ameaçar os entes queridos, que andam pelo mar em fóra a mourejar. Do céu descem ao mar os olhos, para pousar de novo no trabalho, se tudo está sereno e promissor...

Si uma nuvem, porém, mais densa se accumula para as bandas do sul, ou si qualquer outro indicio lhes annuncia mudança de tempo, o trabalho é posto de lado e em sobresalto, cheias de angustias pela sorte do marido, filho, pãe ou irmão, ameaçados pela tormenta que se vae desencadear, correm confiantes á ermida proxima, a implorar á Senhora dos Navegantes.

E' n'aquella boa terra de marinheiros e de pescadores, ninho de todos os bons sentimentos nascidos do contacto do homem com o mar, que muito poderá fazer a LIGA MARITIMA BRAZILEIRA para a transformação dos processos de pesca empregados e elevar a artehalieutica á altura que merece, não só em bem do futuro d'aquella gente, como tambem do paiz.

A criação de uma escola de pesca e de ostreicultura, taes como existem em França, é serviço de alta valia, que de certo terá o apoio da nação.

Em nome das mulheres d'aquelles simples e bondosos homens do mar, venho fazer este appello á LIGA.

Josephina Vincent Boiteux

Sonata

*Do immenso Mar maravilhoso, amargos,
Marulhosos murmurem compungentes
Canticos virgens de emoções latentes,
Do sol nos mórnos, mórbidos lethargos...*

*Canções, leves canções de gondoleiros,
Canções do Amor, nostalgicas balladas,
Cantai com o Mar, com as ondas esverdeadas
De languidos e trémulos nevoeiros!*

*Tritões marinhos, bellos deuses rudes,
Divindades dos tártaros abyssmos,
Vibrai, com os verdes e ácres electrismos
Das vagas, flautas e harpas e alaúdes!*

*O' Mar supremo, da flagrancia crúa,
De pomposas e de ásperas realezas,
Cantai, cantai os tédios e as tristezas
Que érram nas frias solidões da Lua...*

Cruz e Souza

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

(Continuação da pag. 179)

V

Carnívoros e vegetarianos

Todos os povos fortes, gregos, romanos, sem fallar dos modernos, foram grandes comedores de pão. O grão, como o disse Homero, faz a força do homem. Os que se divertem a assignalar o perigo das raças amarellas, a predizer as futuras invasões da Asia, não reflectem que esses povos se nutrem de arroz, e que os rizophagos têm sido e serão sempre inferiores physicamente aos artophagos: questão de alimentação.

Na sua historia da guerra do Peloponeso, *Thucydide* narra que as centenas de Spartiatas prisioneiros dos Athenienses, na ilha da Sphacteria, bem que sujeitas ás condições restrictivas de inimigos, recebiam ainda, todavia, segundo nossas medidas, um pouco mais de um litro de farinha por cabeça e por dia.

De outra parte, sabemos, por *Polybo*, que a ração ordinaria de um soldado romano equivalia a 1.663 grammas de trigo. Cada legionario triturava seu grão por meio de pequena mó portatil, amassava seu pão e o cosia.

A farinha assim obtida não era, certamente, superior, mas o pão nutria do mesmo modo, estando completo. E os exercitos francezes da republica e do imperio, que fizeram tão grandes commettimentos, eram, por assim dizer, compostos unicamente de vegetarianos, visto como a França camponeza de então representava nove decimos dos effectivos.

Na realidade a nutrição dos camponezes é racional, porque é perfectamente adaptada ao ambiente atmospherico e corresponde, sob todos os pontos de vista, á somma de esforços que exiguem os rudes trabalhos agricolas. Pão em abundancia, toucinho, oleos, legumes seccos, feijão, ervilha, favas, lentilhas, batatas, manteiga, queijo, ovos. Este regimen, que reúne, ao mesmo tempo, o alimento plastico e o alimento respiratorio, não offerece uma alimentação completa? No pão encontra-se a gluten que dá a fibrina: musculos e nervos; os legumes e os ovos são fartamente

carregados de albumina; o queijo e a manteiga fornecem a caseína; e o toucinho e os oleos abundam em carbono. Si, nesses diversos alimentos, o amido e a fécula dominam, o excedente de carbono e o sobejo de farinaceo serão combustionados pelas aspirações de ar puro, respirações amplificadas e aceleradas sob o esforço. De mais o camponez vive sempre ao ar livre, aspirando-o puro, quer de dia, quer de noite. Não se supponha que o habitante dos campos, como o das cidades, repouse sob cobertores de lã. Salvo o pae ou a mãe, toda a ninhada dorme em espaçosos armazens, por onde circulam livremente os quatro ventos. Jámais um sorvo de ar viciado penetra seus pulmões; além disso dupla ração de oxygenio, diurna e nocturna. Assim, o alimento assimilado não se demora no organismo: á incorporação segue-se quasi immediatamente a eliminação. Se a comparação não fosse trivial, poder-se-ia dizer que, á exemplo das casas commerciaes que se supprem, á proporção que vendem, o trabalhador dos campos renova sem cessar seus materiaes organicos sem os inconvenientes das perturbações gastricas.

E' por isso que o camponez permanece moço pelo character, sempre bem disposto e alegre, rejuvenescido cada dia pela carne nova. O ar livre e o trabalho são para elle duas fontes de juventude: se o trabalho não existisse, precisaríamos invental-o.

Hoje a sciencia aconselha o retorno á hygiene simples; recommenda expressamente aos debilitados dormir com as janellas abertas; expede os tuberculosos para os planaltos mais elevados. A medicina, depois de ter inefficazmente exgotado suas formulas, submete-se, emfim, ao impeccavel e grande codigo da natureza.

Mas este regimen, todo relativo á vida ao ar pleno, seria mal supportado pelos habitantes das cidades. O trabalhador dos grandes centros de povoação, o operario, que quasi sempre dorme em pequenos compartimentos, sem ar sufficiente, em companhia de outros, torna-se fatalmente carnivoro. Nunca será de mais a carne que elle comer, para reparar suas perdas diarias.

Ainda que muito azotada seja sua alimentação; ainda que diariamente ingira um grande bife, isto não o perservará, senão imperfeitamente, da anemia a que todos os habitantes dos grandes centros estão sujeitos, sem distincção, a menos que faça continuos passeios aos campos.

(Continúa)

J. B. Franc

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

NOTAS PARA ESTUDO

(Continuação da pag. 177)

Preocupava-o muito que a nação entrasse no conhecimento pleno dos seus direitos e deveres civicos, e por isso propunha na sessão de 24 de Maio:

«Como o nosso fim neste assumpto é que se vulgarisem os trabalhos da assembléa, quereria eu que as Camaras Municipaes assignassem por tantos exemplares do *Diario* quantas fossem as parochias do seu Districto; e que aos respectivos vigarios se incumbisse tel-os sempre patentes aos domingos e dias santos em as Sachristias da Matriz de cada freguezia, para allí os lerem os freguezes, ou os ouvirem ler, visto que allí concorrem todos os habitantes, de suas distanciadas residencias, para cumprirem com os preceitos da Igreja; pois, em verdade, se taes *Diarios* vão com direcção aos escrivães das Camaras dos Conselhos, ninguem, ou muito poucos cidadãos haverão por eiles competente lição do que se passou na Assembléa: o *Diario* ficará na gaveta do Escrivão: e só será comunicado, quando muito, aos seus amigos: será uma propriedade do Escrivão e não do publico.»

As rendas das Camaras, eram, porém, em geral tão exiguas naquelles tempos, que parecia impossivel permittirem dispendios para tal fim; affigurou-se-lhe, porém, remediavel o mal:

«Bem vejo que podem faltar a muitas Camaras rendas para esta despeza; mas, em tal caso, com uma pequena finta do Conselho, que talvez não exceda de vintem, ou dous vintens por anno, se pode fazer o preço da assignatura, o que não deve escandalisar, quando dalli resulta á massa da nação o bem geral de diffundirem nella, por este meio, os conhecimentos dos seus direitos e dos seus deveres, que tanto hão de concorrer para a geral civilisação que é mistér promover.»

Afinal o artigo foi emendado e redigido pela seguinte forma:

«Será remettido o *Diario da Assembléa* a todas as Camaras do Imperio e será pago por aquellas que possam pagar; e as que, por informações dos corregedores, dadas ás juntas da Fazenda, não tiveram rendas, lhes será distribuido gratuitamente. As Camaras facilitarão a leitura do *Diario* a todas os cidadãos pelos meios que lhe parecerem proprios.»

Na sessão de 3 de Junho, continuando a discussão sobre as sociedades secretas, insistia Souza França:

«Não posso de modo algum convir nem nas penas moderadas que se pretendem estabelecer contra as sociedades secretas. Tomo por fundamento da minha opinião primeiramente o principio geral que tenho adoptado e por outras vezes expellido nesta assembléa; isto é: que as sociedades secretas são entidades indifferentes por sua natureza para o bem e para o mal, e não podem portanto ser cohibidas por meio de leis penaes, que as reputem absolutamente criminosas: e em segundo logar a razão particular de que as penas apontadas para se as impedir de exercicio, vêm a ser de condição inexequível, porque em regra comprehende a muitos individuos simultaneamente, de sorte que na pratica se ha de usar de uma connivencia forçada para declinar a execução.

Um exemplo pode servir de illustração ao que digo. Supponhamos que o ministro da policia de qualquer cidade ou villa tem noticia de que ahi ha uma sociedade secreta, a qual por ventura não annunciou ao governo a sua existencia, como della se exige; e que verificando o corpo de delicto respectivo tem de impor-lhe a pena (que reputo correccional, de mera policia) que se segue.

O numero de membros da sociedade pode ser indefinido: pode ella ser composta de 30, 40, 50, e mais individuos: e em pequenas povoações podem esses individuos ser as pessoas mais conspicuas, ou de maior monta do logar, pelos seus estabelecimentos ou empregos civis, militares, ecclesiasticos, etc.

Eis pois o ministro embaraçado: porque ou ha de exterminar a todos, segundo a lei; e em tal caso despoeva um logar por mezes inteiros: o que vem a ser impolitico por muitas razões e a pena mui grave, porque ataca simultaneamente a muitos individuos convivinhos de uma povoação; ou aliás deixa de applicar-se a pena substituindo ao rigor da lei o arbitrio da equidade, o que não é menos inconveniente pela immoralidade que nisso vae á sociedade onde se deve manter em virginal pureza o respeito da mesma lei.

Não approvo portanto as penas indicadas contra o mero segredo das sociedades; sendo ellas correccionaes e de policia cumpre que sejam mui moderadas, e não graves, como indirectamente vem a ser pelo que acabo de expor.»

Na sessão do dia 7 ainda se debatia Souza França pelos principios de tolerancia e liberalismo que propugnava:

«Não me posso conformar, senhor presidente, com a opinião de que sejam castigados, como se pretende, os membros das sociedades secretas, contra as quaes se provar o facto de dogmatisarem contra a religião, e contra a moral: porque entendo ser isso contrario aos principios geraes da associação politica.

Supponhamos que dez, ou doze cidadãos de opinião contraria ao systema da religião e moral recebida com o espirito da philosophia sómente, e ordem a esclarecer o seu entendimento em conclusões de verdades abstractas, fazem e compoem uma sociedade, cuja instituição é restricta á expansão dos conhecimentos dos socios sobre estes dous pontos. Pois porque o seu instituto é restricto a tratar philosophicamente de principios contrarios á religião e moral do paiz, já hão de ser tratados como perturbadores do publico, quando as suas opiniões não passam do recinto de uma litteraria discussão? O jurar-se que taes são os seus principios, é asseverar de uma maneira a mais solemne o que dentro de cada um se passa; porque assentam por ventura ser contraria á sociedade a admissão de socios, que não admittem os mesmos identicos principios, sobre que se ha de discorrer na sociedade. Em uma palavra é livre o pensar, é livre o communicar com outro o que eu penso, salva a paz e quietação do publico: e como quer que a minha conferencia com um ou mais socios não aggrave o publico, porque hei de ser punido como perturbador? Não é isto pôr prisões ao entendimento?»

A nobresa dos sentimentos de França teve ainda uma occasião de manifestar-se por nova face, na sessão de 10 de Junho.

A Commissão de Legislação apresentára parecer opinando não pertencer á Assembléa o deferimento do pedido que os escravos Ignacio Bastos e outros, vencidos por Agueda Caetana no tribunal de supplicação, em uma causa movida sobre sua liberdade, fizeram á Assembléa para que podessem tratar livremente de sua vida, até que se decidisse a questão de sua liberdade.

Fallou primeiro Rodrigues de Carvalho, como relator da Commissão: justificando o parecer disse que os requerentes pediram revista do processo, em tempo, e foi-lhe concedida, mas não tiveram meios de a seguir, e por isso não poderam aproveitar-se da graça. Ora, disse, nós não podemos suspender a execução de uma sentença legalmente proferida; e por isso, o remedio que se podia dar era soccorrel-os com dinheiro para seguirem os termos da revista; mas a Assembléa não faz esmolas e por isso a Commissão foi de parecer que não podia deferir-lhe.

Seguiu-se com a palavra Carneiro da Cunha. Não era entendido em jurisprudencia, affirmou, e por isso não se oppunha absolutamente ao parecer da commissão; mas sempre quizera que a assembléa tomasse em consideração a sorte de taes miseraveis, e que ao menos se remetesse o negocio ao governo, recommendando-lhe que os auxiliasse sobre o que pretendiam.

(continua)

José Johanny

Notas Historicas

(Continuação da pag. 192)

10ª LEGISLATURA

(1857 - 1860—1ª cadeira)

Eleição por districto de um só Deputado com sup-
plentes. Systema indirecto ou eleição de 2 graos. Lei nº 842
de 19 de Setembro de 1855

13º—Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.

14º—Almirante-Conselheiro Jesuino Lamego Costa, 2º barão da
Laguna—supplente.

Chamado de novo aos Conselhos da Coroa para gerir a pasta da
guerra, pela segunda vez foi reeleito deputado pela provincia o

15º—Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.

16ª LEGISLATURA

(1861 - 1864—2ª cadeira)

(Eleição por circulo de 2 deputados, abolidos os supplentes. Systema
indirecta ou eleição de 2 graos. Lei nº 1032 de 18 de
Agosto de 1860)

16º—Conselheiro Francisco Carlos da Luz, lente de Pyrotechnia.

17º—Conselheiro Jesuino Lamego Costa—2ª barão da Laguna.

12ª LEGISLATURA

1864 - 1866

18º—Conselheiro João Silveira de Souza, —lente de direito.

19º—Conselheiro João de Souza Mello e Alvim, —bacharel em ma-
thematicas.

13ª LEGISLATURA

1867 - 1868

20º—Conselheiro João Silveira de Souza.

21º—Conselheiro João de Souza Mello e Alvim.

Convidado pelo Conselho da Corôa para gerir a pasta dos estran-
geiros, foi de novo reeleito deputado pela provincia o

22º—Conselheiro João Silveira de Souza.

14ª LEGISLATURA

1869 - 1872

23º—Conselheiro Jesuino Lamego Costa

24º—~~Conselheiro Francisco Carlos da Luz~~

*substituido. Foi Manoel de Hosli-
meo de Fonseca Galvão*

15ª LEGISLATURA

1872 - 1875 (2 cadeiras)

25º—~~Dr. Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão, magistrado.~~

57º—Cap. de Fragata Thomaz Pedro de Bittencourt Cotrim—Offi-
cial de marinha.

Rodolpho Baptista de Araujo

(Continúa)

O MUNICIPIO DE BRUSQUE

(Continuação da pag. 167)

Importação e Exportação

Segundo os dados que pudemos colher, o movimento durante o anno de 1896 foi o seguinte

Importação	Rs. 2:000\$000.000
Exportação	Rs. 2:733\$000.000

Corpo Eleitoral

Compõe-se de 750 eleitores o corpo eleitoral do municipio.

Divisão Judiciaria

Constitue por si só uma comarca de primeira entrancia, a qual foi creada pela lei nº 16 de 3 de Novembro de 1891, contendo apenas um Districto de Paz.

Divisão Municipal

Nucleo colonial a principio, foi elevado á Villa e Municipio sob a denominação de S. Luiz Gonzaga pela Lei Provincial nº 920 de 23 de Março de 1881, cuja installação realizou-se no dia 8 de Julho de 1883.

O governo municipal é composto de cinco Conselheiros, que exercem o poder legislativo do municipio, havendo mais um Superintendente a quem incumbe executar as leis e administrar os negocios publicos municipaes.

Divisão Ecclesiastica

Conta uma freguezia sob a invocação de S. Luiz Gonzaga, a qual foi erecta pela lei prov. nº 693 de 31 de Julho de 1873 e tem diversas capellas filiaes, fazendo parte do Bispado do Paraná. (*)

Divisão Policial

O municipio conta apenas um Commissariado e um sub-Commissariado de Policia e acha-se dividido em vinte e um quartelões policiaes.

Topographia

Brusque — antiga S. Luiz Gonzaga, villa e cabeça da comarca do mesmo nome, acha-se situada á margem esquerda do rio Itajahy-Mirim, na vertente suave da collina que termina n'esse rio, e conta ruas espaçosas e longas, bem edificadas e elegantes.

(*) Actualmente do de Santa Catharina.

A villa de Brusque, que fica distante da Capital do Estado 120 kils, da cidade de Itajahy 38 kils, de Blumenau 38 kils, da villa de Nova Trento 28 kils, da villa de Tijucas 62 kils, de Porto Bello 75 kils., embora muito nova vae, entretanto, se desenvolvendo com bastante rapidez, e já conta cento e vinte casas distribuidas pelas seis seguintes ruas; *Barão de Ivinhema*, antiga Direita; *Presidente Correia*; *Directoria*; *General Ozorio*, antiga das Carreiras; *Matriz da Passagem*, que são todas largas e espaçosas. Contem, mais, dous templos, sendo 1 Catholico e outro Evangelhico, ambos de estrutura elegante e bem acabados. A matriz é um edificio bello e muito digno de nota pelo seu todo quer interno, quer externo.

Contem uma só torre e esta em forma de castello o torna ainda mais attrahente pela sua elevada altura e posição em que se acha; o templo acatholico tambem com uma só torre agudissima, cujo apice termina em uma cruz, é do mesmo modo vistoso e elegante. Acham-se ambos construidos em duas collinas paralelas e em frente á villa.

Conta mais a villa diversas casas commerciaes, algumas de grosso trato e outras espalhadas pelo municipio; uma estação telegraphica, a cargo de um habil e distincto chefe, cidadão Luiz Müller; um juizado de direito, uma escrivania do judicial e outra de paz; uma Agencia de Immigração; um Commissarido e sub-commissariado de policia; um sociedade de Tiro; uma casa de immigrants; um Tabellionato; uma Collectoria estadual; tres hotéis; tres fabricas de cerveja; uma de gazozas; uma Philarmonica; uma fabrica de meias; um dita de tecidos finos; uma de tecidos grossos; duas de sapatos; tres casas de confecções e modas; duas de fabrico de roupa branca; uma confeitaria bem regular; uma encadernação; duas padarias; duas cocheiras; duas marcenarias; duas fabricas de carros; dous relojoeiros: um constructor naval; dous agrimensores; um açougue; tres ferrarias; dous selleiros; tres alfaiatarias; um cabellereiro; duas balsas de passagem — uma ao sul e outra ao nordeste da villa; — dous cemiterios, sendo um da Comunidade evangelhica; dous templos, um catholico e outro evangelhico; um Paço do Governo Municipal e diversos sobrados.

Rica e bem movimentada, a villa de Brusque em tempos não muito longo será um emporio commercial e agricola pela sua posição, amenidade de clima e indole do seu povo.

(*Continúa*)

A. Moreira Gomes

ESTUDOS ARCHEOLOGICOS

—«»—

Os sambaquis no Sul de S. Catharina

1880

(Continuação da pag. 73)

Em todos esses Sambaquis têm sido encontrados, principalmente nos do Magalhães, Roseta e Cabeçuda, muitos esqueletos humanos, uns calcinados e outros em perfeito estado de composição, ossos de animaes, de peixes (desconhecidos), cascas de ostras, mariscos de muitas qualidades, (algumas até raras, entre nós), caramujos e collares feitos de dentes, proprios do uzo indigena; e, o que muito interessa á sciencia archeologica para descobrimento dos costumes e civilização dos que jazem nessas enormes pyramides, a que o vulgo chama morro de berbigão, foram encontrados por diversos, especialmente pelo Dr. Francisco José de Freitas, que aqui se acha, como ajudante do fiscal do governo na estrada de ferro D. Thereza Christina, uma porção de pedras (trabalhadas) para abrir ostras; pedaços de pucaros de barro; muitas balas de pedras (tamanhos diversos); machados, panellas com bonitos desenhos, tudo com perfeição d'arte, e, ainda, alguns craneos, pelos quaes se poderão reconhecer as feições características da raça antiga e fazer-se outras observações.

O celebre geólogo, que prestou, em 1876, relevantissimo serviço á sciencia e ao Brazil, na commissão de exploração dos recifes coralleiros e praias consolidadas do Norte, o illustrado inglez Dr. Carlos Frederico Hartt, roubado tão cedo pela cruel morte, teve occasião de analysar os dois Sambaquis desta cidade—Magalhães e Cabeçuda—colhendo ricos objectos, craneos e esqueletos, que devem existir, hoje, no muzeu nacional. Ignoramos quaes os estudos por elle feito a esse respeito; si apresentou ou não, algum trabalho escripto; porém affiançamos que elle declarou, na occasião de encontrar um craneo, completamente corroído pela acção do tempo, que aquelle pertencia á um indigena fallecido havia muitos seculos.

Nós não somos especialistas, não conhecemos certos principios necessarios á analyse d'esse factos; mas tudo nos induz a crer que esses sambaquis encerram, occultas, algumas verdades

historicas que a sciencia com facilidade poderá descobrir. Que significam esses monumentos encontrados no littoral?

São, ou não, documentos subsistentes da vida e dos rudimentos industriaes das primitivas e quasi desconhecidas civilisações?

Sim, diremos nós; esses montes formados, não em um dia, mas em seculos, denotam que, em época bem remota, a costa da Laguna éra habitada por uma nação indigena que vivia da pesca e de outros trabalhos artisticos, e a acção do tempo não os tem consumido para devidamente serem mais tarde estudados e apreciados.

E' fora de duvida que esses monumentos têm tres procedencias: primeira, os Sambaquis que se acham á beira mar, como os de Cabeçuda e Magalhães, foram formados por numerosas tribus que alimentam-se de ostras, mariscos, peixes. Depositadas as conchas em monticulos, foram augmentando até formarem o aspecto de collinas: segunda, os que se acham no centro, longe do mar e dos rios, por isso mesmo que são menores e de formas mais modestas, foram resultado tambem da pesca, conduzidos os mariscos, ostras etc., para esses logares em panellas, pucaros, cestos etc., pelos indigenas, que depois da época propria de pesca e das ostras, ainda comiam o que antes colhiam; pois não pode ter explicação possivel a formação d'esses montes de conchas, etc., em logares onde o mar nunca poderia ter dominado; terceira, finalmente, segundo nos parece, os pequenos Sambaquis, de formas diversas dos outros, foram feitos para servirem de monumentos de algum facto importante, como, por exemplo, tumulo d'algum maioral ou cacique.

O assumpto, qualquer que seja a face de o encarar, é importante e de muito interesse para a historia patria.

Ouçamos a esse respeito a opinião das autoridades competentes: O Dr. Rozendo Moniz disse: «No Rio de Janeiro, desde Cabo Frio até Paraty, em Santa Catharina, desde S. Francisco até Laguna, existem Sambaquis em montões e collinas, em alguns logares, na extensão de 500 metros, constituídos pelo consideravel deposito de cascas de ostras, procedentes dos indigenas, em todo esse littoral.

Em quantos seculos se formaram tão expessos acervos, a custa do avultadissimo numero de conchas, amontoadas pelos autochthones?

Para algumas pessoas ha indícios manifestos de que taes depositos remontam á épocas pre-historicas, pelo motivo de muitas

descobertas de esqueletos humanos, misturados com instrumentos de pedra e artefactos de antiquissimas industrias.

D'ahi as naturaes inducções de que, no interior dos Sambaquis, sepultavam-se muitos adoradores de Tupan.

Faltam-nos habilitações para discorrer sobre pontos que, devidamente estudados pela archeologia, podem abalar e até destruir muitas asseverações scientificas de Zimmerman, Luboch, Figuiet e Quatrefages.

No limitadissimo circulo de brazileiros que se entregam a esses estudos, tão positivos e interessantes, quão desdenhados pela ignorancia fátua, já existe mais de uma opinião propensa a aceitar, nesta parte d'America, a existencia do homem fossil, da época terciaria, fundando-se para tanto em signaes caracteristicos de algumas ossadas extrahidas dos Sambaquis.

«E' de crer que da viagem, ultimamente realisada até á costa de Santa Catharina, pelo sr. Viemer, distincto archeologo vindo ao Brazil em commissão do governo francez, resultassem precisos esclarecimentos, com que se adiantem questões de tamanha importancia para o mundo civilisado.»

«Em uma memoria escripta pelo Sr. conde de La Hure, em 1864, depois que examinou os referidos Sambaquis, no estreito do rio S. Francisco, nesta provincia, observa-se que estes depositos de conchas se acham espalhados sobre toda a costa do Brazil desde o norte do Pará até á lagoa dos Patos. Estão situados em distancia variavel do estuario do Oceano, e muitos encontram-se mesmo prolongando-se em terras á margem de cursos d'agua, afluentes, ou visinhos do mar. Por toda a parte têm o nome de Sambaquis».

O exame destes montões de conchas, accrescenta o mesmo observador, é destinado a projectar muita luz sobre os costumes, habitos e talvez origem de uma das mais antigas raças de homens do Brazil, porque todos elles são monumentos das civilisações mais primitivas; de uma sociedade inicial; são formados todos dos destroços da instrucção de um povo, que dominou por muitos seculos sobre toda a costa brazileira. E conclue que os Sambaquis do Brazil são analogos aos de Dinamarca, onde se os conhece pelo nome de — Kjøkkenmondingo, isto é, destroços de cosinha »

Francisco Izidoro Rodrigues da Costa

Novembro, 1881.

Illusões

*Na praia lá da Boa Nova, um dia
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castello, o que é a phantasia,
Todo de lapis-lazzuli e coral!*

*Naquellas redondezas não havia
Quem se gabasse dum dominio igual:
Oh Castello tão alto! parecia
O territorio dum Senhor-feudal!*

*Um dia (não sei quando, nem sei donde)
Um vento secco de mau sestro e spleen
Deitou por terra, ao pó que tudo esconde*

*O meu condado, o meu condado, sim!
Porque eu já fui um poderoso Conde,
Naquella idade em se é conde assim...*

Antonio Nobre

Madame Curie acaba de obter o premio Nobel e falla-se ainda em sua candidatura á Academia de Sciencias de França.

Esta senhora, como se sabe, tomou parte activissima nas pesquisas e descobertas que celebrizaram seu marido Pierre Curie. Em 1897, em seguida á descoberta dos raios uranicos feita por Béquereel os esposos Curie dedicaram-se a pesquisar se haveria outras substancias, além do *uranium*, que podessem emittir irradiações e produzir o mesmo effeito. Foi madame Curie que começou esses estudos. Ella encontrou então corpos cuja radio-actividade era maior do que a do *uranium*. Procurou isolar esses corpos, concentrados com muitos outros em certos mineraes, e assim obteve ella uma substancia cuja actividade é cerca de 400 vezes maior que a do *uranium*. Em recordação á origem polaca de sua esposa, Curie deu a essa substancia o nome de *polonium*.

No curso dessas pesquisas os esposos Curie encontraram uma outra substancia fortemente differente da primeira por suas propriedades chimicas. Era o *radium*, cuja actividade radiante representa 900 vezes mais intensidade do que a do *uranium*. E foi ainda madame Curie que conseguiu determinar o peso atomico dessa substancia nova, da qual os sabios esposos poderam reunir quasi 2 grammas extrahidas, por elimentações successivas, de mais de doze toneladas de mineraes de *uranium*.

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

(Continuação da pag. 145)

Examinando pessoalmente as fortalezas e os petrechos de guerra, fez reparar, como lhe foi possível, as ruínas que achou, e vendo que o regimento de linha, unica força á sua disposição para defender um paiz accessivel em toda sua extensão, se achava reduzido a menos da metade da força e carregado de soldados velhos e estropeados, que pediam suas baixas, resolveu conferir-lh'as, e passou a recrutar para o levar ao seu estado completo, procedendo com tanta imparcialidade e circumspecção que nem os filhos de viúvas, nem aquelles que mais falta faziam á lavoura, deixaram de ser attendidos e licenciados nos tempos proprios de plantação e colheita, para se empregarem nos trabalhos ruraes, afim de que não mingoasse, antes prosperasse, a producção. A estreiteza do quartel da tropa e a eminente ruína que ameaçava o velho, pequeno e quasi demolido edificio, cujas ruínas ainda se veem, dando perfeita idéa de sua capacidade, não podia deixar de merecer a attenção de um governador tão attento a todos os ramos da publica utilidade. Era portanto precisa a construcção de um novo e mais vasto aquartelamento e que tivesse tambem capacidade para alojamento da tropa que, de necessidade, viesse reforçar a guarnição da ilha, em tão melindrosa crise, aliviando desta arte os habitantes, do pezo com que eram carregados de boletins na passagem da tropa para o Sul.

Resolvido enfim a emprender uma obra que as circumstancias reclamavam e que mui discretamente ajuizou que della resultaria não só a commodidade dos habitantes como a economia dos cofres publicos, traça de sua propria mão o plano desse vasto edificio, cuja planta, remettendo para a Côrte de Portugal, foi alli approvada, dando igualmente conta ao vice-rei do Estado, que tambem a approvou.

Bem conhecia Coimbra a debilidade dos meios da fazenda real para levar a effeito tão gigantesco projecto, mas a pratica de empregar no serviço chamado — fachina — os soldados do regimento, adoptada em Santa Catharina por todos seus predecessores nas obras reaes, o obrigou a lançar mão desse recurso, unico com que podia contar.

Divididos os soldados em turmas, sob inspecção de officiaes honrados, ou inferiores habeis, começou o trabalho de obter os precisos materiaes; e á proporção que os ia obtendo, empregavam-se soldados na aprendizagem de officios de pedreiros e carpinteiros, expediente que muito lhes aproveitou para depois ganharem os meios de subsistencia, quando obtiveram suas demissões. A regularidade, a boa ordem com que os soldados trabalhavam de fachina na obra, na qual eram revezados diariamente, faziam com que elles se empregassem com gosto em um serviço que lhes não era pesado, e que reconheciam ao mesmo tempo ser de absoluta necessidade; e o exemplo que lhes dava Coimbra, que possuia o dom de inspirar enthusiasmo, presidindo aos trabalhos da obra, da qual elle mesmo era o inspector, apparecendo nella a cada momento, fez que, como por encanto, se levantasse com incrivel rapidez esse bello edificio, que ainda hoje não só tem servido de adorno á capital da provincia, como tem sido e será para o futuro a origem da prosperidade della.

O amor que Coimbra consagrava ao paiz e os desejos que nutria do seu augmento, lhe fez conceber tambem o projecto de construir um hospital, pelo estado de ruina em que se achava esse velho estabelecimento, mais proprio para adquirir enfermidades, que para cural-as; mas o tempo lhe faltou, porque um inexperado, imprevisto e fatal acontecimento veio perturbar a execução de seus nobres, uteis e importantes projectos. Os brilhantes successos da carreira de Coimbra, quer na paz, quer na guerra, parece que se coroavam em Santa Catharina com as reformas e estabelecimentos por elle meditados e postos em execução. Grande numero de soldados convertidos em artifices pelos seus esforços, eram um instrumento utilissimo em sua mão, por que melhorando a sorte de muitos, utilisava á real fazenda, á qual pela falta de rendas e de remessas do Rio de Janeiro, em nada absolutamente elle podia acudir.

Não obstante a enorme divida de soldos e fardamentos indispensaveis á manutenção da tropa, esta se achava completamente fardada e disciplinada por efeitos de discretas economias. Os officiaes já não experimentavam os vexames por que então haviam passado, pois que esse genio providente, a que nada escapava, com a criação de uma caixa no regimento, providenciou para que por ella fossem aliviados, por meio de adiantamentos, da penuria em que alguns viviam, pelos retardamentos de seus soldos, vendo-se obrigados a rebatel-os pela terça parte e até pela metade.

(*Continúa*)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

DUPLA PERSONALIDADE

Em Springfield, Massachusetts, nos Estados Unidos, os magistrados vêm de começar as instrucções de um processo criminal que ficará famoso.

Uma manhã percebeu-se em Cawsand, localidade vizinha de Springfield, que uma casa de campo pertencente á viuva Dow, tinha sido arrombada durante a noite. Mrs. Dow tinha-se ausentado por alguns dias, deixando sua casa á cargo de sua filha Harriett e duma amiga, Miss Blackstone. Um melfeitor tinha surpreendido as duas jovens, e, enquanto ellas, apavoradas, gritavam por soccorro, desfechou-lhes seu rewover, matando Miss Blackstone e ferindo gravemente Miss Harriett.

O crime tornou-se mysterioso durante alguns dias. Depois, quando Miss Harriett pôde fallar, ella indicou como seu aggressor Mr. Bertram Spencer, um dos mais ricos commerciantes de Springfield.

Esta revelação foi acolhida com uma incredulidade geral. Bertram, collocado á frente de uma casa importadora das mais prosperas, membro do Conselho Municipal, presidente de diversas sociedades religiosas e de ensino, muito conhecido por sua caridade, era de uma reputação inattacavel: accusal-o de furto vulgar era uma pura loucura.

Ora, Miss Dow não hesitava. O assassino era portador de uma mascara negra, que cahira na luta. Ella tinha formalmente reconhecido Spencer. Os magistrados iam dispensar o interrogatorio da moça, julgando-a perturbada, quando um delles, para dissipar as supposições da joven, emittio, sorrindo, a idéa de confrontar o signal dos dedos do malfeitor, deixado sobre diversos moveis, com o pollegar da mão de Spencer. Ninguém duvidou que elle se prestaria de bom grado a essa experiencia.

Ella não teve logar, porém. Com effeito, quando o juiz, que foi á casa do commerciante, lhe explicou o motivo da sua visita:

— E' INUTIL, EU FALLAREI, respondeu o homem tranquillamente. E confessou seu crime; accrescentou, todavia, que não tinha penetrado na casa com a intenção de derramar sangue; que sómente utilisou-se de sua arma para impôr silencio ás duas jovens e para salvar assim a sua reputação. Alguns dias depois, confirmando esta declaração, Spencer declara que vai dar um bom conselho ás mulheres dizendo-lhes qual deve ser sua conducta em presença de gatunos. "Si as mulheres, disse elle, ficam inteiramente quietas, quando apercebem um gatuno, jamais se lhe tocará num cabello da cabeça. Mas quando ellas se mettem a gritar de pavor, o homem perde seu sangue frio, e não é mais responsavel pelo que faz."

Indicamos ás mais impressionaveis das nossas leitoras este aviso de um larapio amator. Deve ser bom. E' prova o engenheiro systema de defesa que elle invoca.

Foi reconhecido, com effeito, que o accusado levava uma existencia em parte dupla; de dia, sob a virtuosa apparencia de um habil negociante, occupava-se de seus trabalhos e de suas funcções sociaes; á noite, munido de uma lanterna furta-fogo e de um

«pé de cabra», elle fazia saltar as portas das casas e das caixas-fortes. Spencer não nega os factos: reconhece-se autor de duas ou tres duzias de roubos, cujos culpados não tinham podido ser encontrados. Spencer affirma que até ao momento da visita do juiz elle não tinha consciencia dos seus crimes; que o negociante Spencer não tinha nada de commum com o gatuno do mesmo nome, e que um e outro viviam em reciproca ignorancia, sob um mesmo bonet.

E' impossivel prever o resultado a que chegarão os alienistas, porque tudo dependerá do exame medico desse culpado, ou desse doente, como o leitor quizer. O que, entretanto, devo-se notar é que alguma cousa ha a estudar-se meticulosamente. Ha numerosos annos, com effeito, que os neorologistas se esforçam, nos hospicios dos alienados, a esclarecer os curiosos mysterios da dupla personalidade, assumpto sobre o qual os annaes da Salpêtrière e os trabalhos da Escola de Nancy nos dão tão bizarros exmplos.

O primeiro caso de dupla personalidade que se acha registado na historia, é, sem duvida, o de um joven bavaro chamado Sorgel, sujeito epileptico que, em seguida a uma crise, assassina um rachador de lenha. Preso, Sorgel não tenta negar: confessa seu crime com a simplicidade de uma criança. Durante uma semana, elle abunda em detalhes sobre as circumstancias do homicidio immotivado que tinha commettido. E, subitamente, elle retoma posse da sua personalidade primitiva: esquece todo o seu crime hediondo, a sua confissão, as condições da sua prisão. E bem que isso tenha tido lugar ha uma centena de annos, numa época em que não se suppunha mesmo as bizarrias das molestias da personalidade, os juizes de Sorgel ficaram convencidos da sua irresponsabilidade e o infeliz foi internado num asylo de alienados.

Uma outra historia, não menos curiosa, é a que aconteceu em S. Remo, ha doze annos.

Sabe-se que muitos batalhões de *bersagliers* compõem a guarnição dessa alegre estação invernal da Riviera. Entre o corpo de officiaes, o capitão Focci, ligado ao estado maior, passava por um dos mais brilhantes. Uma tarde, Focci, vestido de simples soldado, entra no dormitorio da caserna, despe-se, e, inapercebido, toma logar num leito desoccupado. De manhã elle se levanta ao toque da alvorada e junta-se aos homens de sua companhia para os exercicios.

Em vão os homens esperavam a chegada do seu capitão: elle não apparecia. Alguns soldados, seus visinhos immediatos na fileira, admiram-se desse novo recruta que tão fortemente parecia-se com uma figura bem conhecida. Um tenente aproxima-se, então, e faz a chamada dos homens. Ao nome de "Focci", lançado em clarim, pela official, elle manda ao soldado voluntario sahir da fileira, e o faz conduzir á sua casa. Focci teve um torpor de alguns instantes; depois revestio seu uniforme, faz sellar seu cavallo e passou á caserna sem se aperceber do que se passára.

(Da revista «Mon Dimanche»)

A alma do outro mundo

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

Luiz Guimarães Junior

— Não.

— Ora!

— Nem sei o que sinto, parece mesmo que não estou bôa!

— E' o terror pela admiração que causas hoje aqui, faceira!

Rosinha abriu o leque e voltou os olhos para a sala. Os pares da quadrilha tomavam posição com a disciplina imprescindível que a elegancia impõe aos seus adeptos. Havia falta de uma contra-figura.

Rosinha, silenciosa, deixava o leque pairar sobre o seu seio alvo, como a aza da borboleta que refresca o calice de uma rosa.

Um cavalheiro aproximou-se ás duas senhoras. Era um rapaz de vinte e cinco a vinte e seis annos, de olhar penetrante e semblante energico. Dirigiu-se á millionaria, beijando-lhe antes de tudo a mão enluvada, com um aprumo digno de figurar na galeria da regencia franceza.

— Serei tão feliz que minha tia me aceite para par desta quadrilha? O Couto está furioso; não tem «vis-a-vis». Olhe!

— Ah! é só por isso que você me convida?

— Que idéa, minha tia! Desde o principio da «soirée» só pensei em ser seu par em duas quadrilhas, uma polka e tres valsas inglezas.

— Tá, tá, tá!... Pois agradeço-lhe a fineza, senhor meu sobrinho!

— Não aceita!

— Propriamente não; mas resgato a minha recusa offerecendo-lhe cousa melhor.

Por um naturalissimo movimento encontraram-se os olhos do moço e os olhos da filha de José Paz.

O cavalheiro saudou-a. Rosinha correspondêo ao cumprimento enleada e confusa.

— Meu sobrinho Adriano Carvalhal! Minha afilhada Rosinha!

Foi a apresentação feita com a mais gentil graça pela dona da casa.

A orchestra deu principio á quadrilha. O Couto impacientava-se no meio de uns collarinhos altissimos. Adriano arqueou cortez-

mente o braço, onde a mão da menina descansou timorata como o pé de um passaro no poleiro de uma armadilha.

Rosinha pouco entendia dos habitos excepcionaes do mundo elegante, o grande mundo, assim chamado para distinguir-se do... pequeno, talvez. Ella frequentara algum tempo as aulas de um bom e austero collegio de irmãs de caridade no Recife, bairra da Boa-Vista, onde aprendera com extrema finura de espirito os simples rudimentos da educação feminina. José Paz tanto resmungou, tanto gesticulou, tantas revoluções proporcionou aos ouvidos e aos olhos da comadre, que a menina sahiu do collegio e foi esconder a sua formosura nas frescas paizagens do torrão natal. Alli ia vê-la a madrinha e d'ahi vinha ella raras vezes ao Recife, acompanhada sempre pelas despedidas casmurras do pae.

Agora veja lá, comadre, se a acostuma na «lerdeza» um anno inteiro!

— Que quer dizer com isso, compadre?

— Quero dizer, com perdão de Vmce, que a pequena nasceu debaixo da palha e que a riqueza dos grandes pôde tontear-lhe a cabeça!

— Ora, não diga asneiras.

Quando Rosinha estendeu a mão ao cavalheiro na primeira figura da contra-dansa, sentiu um suor frio orvalhar-lhe a espadua ardente. Ha que tempo não dansava ella!

Muitos mezes antes, no Jordão, um tal Chico valente (perdô-me, valente, se não te escrevo o appellido com letra maiuscula!) arranjára um «baile» em casa, para commemorar não sei que fausto anniversario, que terminou por um rasgadissimo «samba». Dansou-se quadrilha nessa occasião! Quadrilha acompanhada á guitarra, á maracá, á violão e á clarineta! Uma clarineta que teve o estupendo poder de inventar uma porção de notas desconhecidas na musica até hoje!

Mas a mulher soube por instincto dansar, como a ave sabe voar e o peixe cirzir a agua com as ariscas barbatanas!

Quando o creador arrancou da entranha da terra o diamante, ordenou-lhe: «brilha!» — A' flor: «perfuma!» — Formando o homem, disse-lhe: «ama!» — Creando a mulher, exclamou: «dansa!».

Rosinha deu por terminado o introito da quadrilha, respirando soffregamente como alguem que escapou de affogar-se e que volta á tona da agua. No emtanto dansava com a mesma ternura e mimo com que o cysne retalha a onda tranquilla, e um casal de andorinhas procura-se, espreita-se, persegue-se e beija-se no ether transparente.

Um jornalista, que estava a um canto da sala tomando notas, traçou a seguinte, esmerando-se no corte da letra:

«Toilette» branca de tulle; perolas ao pescoço e nos braços; olhos profundos como a noite, graça de Venus na dança; movendo o talhe e derreando meigamente a eloquente cabeça.»

Salvo o estylo, o jornalista sahiu-se perfeitamente no retrato da «princeza do baile». E' phrase habitual.

Adriano bebia os perfumes daquella basta e escura cabelleira, estremecendo e aspirando.

Era um rapaz de espirito; fallava pelos cotovellos e tinha uma maneira especial e attrahente de interpellar as damas em geral. Ao pé de Rosinha, Adriano ficou mudo como as esphinges de Pharaó!

A filha de José Paz pedia aos santos de sua devoção que fizessem o milagre de encurtar-lhe o supplicio da quadrilha. Toda a vez que a musica forçava-a a sugerir-se ás regras geometricas da dança, a menina cobria-se de uma fugitiva pallidez, substituida immediatamente pelas chammas carmineas do enleio virginal.

As senhoras que formavam o quadro da quadrilha devoraram-n'a com olhos de Juno encolerizado. Nem as via, siquer, a filha de José Paz.

Afinal Adriano Carvalhal, depois de uma tremenda luta com a consciencia, que o accusava de imbecil, dirigiu a palavra ao seu formoso par:

— E' a primeira vez que a vejo aqui, murmurou elle como um collegial medroso.

— Em «soirée» articulou Rosinha apalpando uma por uma as palavras indecisas, é a primeira vez que eu venho á casa de minha madrinha. Estive aqui, ha dez mezes, pouco mais ou menos, no dia em que se casou D. Florinda; mas não se dansou nessa noite.

— Ah! no dia do casamento de minha tia? Eu tambem estava longe por esse tempo. Hoje é que lamento a minha voluntaria auzencia!

A filha de José Paz aventurou por sua conta e risco algumas perguntas vagas:

— O senhor foi o sobrinho de minha madrinha que fez uma viagem...?

— Ao Ceará? Justamente. Mas por mais que percorresse aquella formosa provincia, não me lembra de ter encontrado olhos iguaes aos que me deslumbram hoje!

A filha de José Paz, sem comprehender o sentido daquellas artificiosas palavras, olhou profundamente para Adriano.

O «tourista» mordeu a ponta do bigode e abaixou os olhos, confuso.

Estava acabada a quadrilha. Rosinha aceitou o braço do cavalheiro e ambos cruzaram por algum tempo o illuminado salão.

Deram de rosto com a millionaria, que discutia modas com uma professora das irmãs de caridade.

— Então? exclamou a tia de Adriano, sorrindo á afillhada, como te sentes agora, má?

Adriano acudiu immediatamente:

— Pois estava incommodada?

Rosinha estremeceu, e respirando com uma doçura encantadora:

— Incommodada, não; mas não me sentia bem nesta sala. Parecia-me que a luz incendiava-me e as flôres me suffocavam!

— Oh! mocidade! interrompeu a millionaria, batendo com o leque no hombro nú da afillhada. Caprichos que passam!

— Realmente, volveu Adriano Carvalhal, faz nesta sala um calor insupportavel. Não será possível, minha tia, darmos um passeio pelo terraço?

— Tanto é possível que quasi todas as senhoras lá estão. Leve a Rosinha; leve-a. Vá, minha flôr! Reparem no effeito das arandelas de côr sobre o jardim!

— A senhora é uma fada, minha tia!

— E tu és um lisongeiro, meu sobrinho. Que queres? E' o privilegio da velhice: encantar por intermedio de phantasmagorias, já que a realidade affasta do rosto o encanto verdadeiro!

— Queixa-se por ter hoje vinte minutos mais de idade?

— Bom, bom, deixemos de denguiques. Mal sabe você que o elegante par que lhe dei conta na presente hora... Oh! acertei: são dez horas e meia, justamente a hora em que ella nasceu!

— Minha madrinha! exclamou a menina, accessa em rubores.

Adriano Carvalhal imbebeu a vista anciosa nos olhos tremulos de Rosinha. Estava formosa a filha de José Paz, formosa e suave, como um raio da lua no seio de uma rosa.

Foram ao terraço que dava sobre o sitio, em cujas arvores ondulavam aos affagos do vento nocturno miriades de lampeões furtacôres. O céu, recamado de estrellas, entendia-se como um tape-te ideal aos soberanos passos da lua serena e melancolica.

Varias senhoras e cavalheiros, de bruços no encosto de pedra, conversavam entre risos, adejos de leques e momos graciosos.

(*Continúa*)

Luiz Guimarães Junior

RECEITAS E CONSELHOS

VINHO DE LARANJAS

Depois de descascadas as laranjas são espremidas para se obter todo o succo, cõa-se e enche-se um barril de quinto, tendo-se antes misturado 7 1/2 kilos de assucar grosso.

Preparado um descanço (picadeiro) para assentar o barril, o qual uma vez assente ahí deve ficar até o final da fermentação, adapta-se ao batoque um tubo curvo de um decimetro de diametro, de forma que um dos ramos fique á superficie inferior do batoque e o outro vá mergulhar em um vaso contendo agua. Deve-se ter todo o cuidado de, todos os dias, encher o vaso onde mergulha o ramo do tubo, para que por elle não penetre ar, visto como os gazes sahindo por elle, formam bolhas que ao arrebentar-se fazem soltar a agua.

Deve-se fermentar o liquido seis ou oito dias e ver-se-á que a fermentação está concluida quando não mais subirem gazes pelo tubo. Deve-se descançar mais dous ou tres dias e tranvaza-se. O barril deve estar em lugar fresco.

Deve-se ter o cuidado de bem vedar a entrada do ar pela junta do tubo com o batoque.

O vinho assim obtido é muito semelhante ao do Porto.

BATATAS

CONSERVAÇÃO

Regras geraes: — Abrigal-as do frio, que as gela; do calor, que as faz germinar; da humidade, que as decompõe; e da luz que as enverdece.

Um dos melhores meios, e ao mesmo tempo dos mais simples, de conservar as batatas, consiste em mettel-as em palha dentro de uma pipa. Para que não grêlem, convem escaldal-as, deixando-as por alguns minutos em agua quente sem lhes alterar a pelle, e seccal-as depois.

MEIO DE AS TORNAR MAIS GOSTOSAS

Se as batatas forem aguosas e de máo gosto, não se mettão em agua fria quando se as quizer cozer; neste caso convem logo a agua fervente.

Desinfecção das latrinas

Sulphato de ferro.	100	grammas
« de cal	130	»
« de zinco.	5	»
Carvão vegetal.	5	»

20 grammas desta mistura são sufficientes para desinfecar uma latrina.

NOTAS

Nossos collaboradores

Honra as paginas deste fasciculo da *Revista* uma pequena e elegante produção litteraria da Exma. Sra. D. Josephina Vincent Boiteux, esposa do nosso illustrado conterraneo Sr. capitão de fragata Henrique Boiteux. *Ninho de Marinheiros* grava a impressão suave que o espirito da gentilissima escriptora recebeu numa das suas visitas á costa catharinense, bellamente semelhante ás costas bretãs; e é um appello para o ensino profissional aos arrojados e sympathicos pescadores patricios.

Anno Novo

A todos os cavalheiros que tiveram a captivante gentileza de nos dirigir cumprimentos de boas festas, significamos muitos agradecimentos e retribuimos os votos de felicidades auguradas.

O Democrata

Agradecemos a visita deste collega que vem de publicar-se nesta cidade sob a direcção do intelligente conterraneo Sr. Arlindo Cordeiro.

O Dia

Festejando a passagem da data inicial da sua publicação, ha 10 annos, este nosso distincto collega de Florianopolis publicou, em 1.^o deste mez, uma excellente edição illustrada, com texto variado e magnifico. *O Dia*, na nova phase, começada ha um anno, com a reentrada, para a redacção, do illustrado Dr. Thiago da Fonseca, e com o auxilio brilhante que lhe levou o talentoso jornalista catharinense Dr. Nefeu Ramos, seu redactor politico, honra sobremaneira a imprensa patricia e merece, por isso, completo applauso.

Aos seus distinctos redactores nossos cumprimentos.

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos:

A Constellação. revista litteraria mensal, orgão do gremio litterario José de Alencar, do Ceará. E' uma excellente publicação, nitidamente impressa e magnificamente marchetada de produções litterarias em prosa e verso.

— *Vozes de Petropolis*, conceituada magazine sobre assumptos scientificos, religiosos, artisticos, litterarios e sociaes, publicada em Petropolis.

Republica Catharinense

Damos neste fasciculo inicio á publicação dos documentos e notas relativos á Republica Catharinense. Pedimos ás pessoas que possuam quaesquer documentos referentes áquelle notavel periodo da nossa historia, o obsequio de nol-os facultarem para serem estampados e divulgados, prestando-se, assim, um grande serviço ao estudo do nosso passado.

A proclamação do presidente José Marianno de Albuquerque Calvacanti, feita aos catharinenses em 1836, foi-nos proporcionada pelo illustrado conterraneo Sr. capitão de fragata Henrique Boiteux, a cuja dedicação muito já deve esta *Revista*.

SOCIEDADES DE TIRO

OS PINTO BANDEIRAS

(*Continuação da pagina 197*)

Não descançou Raphael depois das facções de Santa Barbara e do Tabatingahy. A despeito do numeroso exercito sob o commando do marechal Bohn, toda a guarda da fronteira do Rio Pardo estava a cargo do indefectivel e ardoroso chefe.

Em Outubro de 1775 reunio tres esquadrões de clavineiros, compostos de 150 homens, todos escolhidos, e partio do Rio Pardo em direcção a S. Martinho, posição missioneira, julgada inexpugnavel, situada em espessa e impraticavel serra.

Instruido da sua posição desde a campanha de Gomes Freire, só por surpresa se poderia apossar; e pela retaguarda, por veredas impraticaveis, subindo e descendo cumiadas perigosas, cahio de improviso sobre o forte na madrugada de 31 de Outubro, aprisionando todos, em numero de 150.

Depois de ter desmantelado este forte, adiantou-se por mais de doze leguas, levando de vencida as guardas hespanholas, esparsas por aquelle territorio.

De regresso trouxe a avultada presa de 6.000 rezes, 400 animaes cavallares, toda a artilheria e armamento que encontrou.

Estava de posse da chave das Missões, com a tomada de S. Martinho. Quando delineou o marechal Bohn o plano de recuperar a villa do Rio Grande, foi approvada pelo vice-rei a escolha de Raphael para o ataque da fortaleza de Santa Tecla, quartel general castelhano.

Em principio de Janeiro avança do Rio Pardo o invicto cabo á frente de 400 homens, ou 8 esquadrões, em demanda do Camaquam, vadeando pelo passo de Cima, aprisionando alguns soldados hespanhoes e avultado numero de animaes cavallares. Do Rio Pardo tambem sahira Patricio José Correa da Camara, major de dragões, na qualidade de immediato de Raphael, conduzindo o trem, escoltado por sessenta e poucos soldados.

Chegam em certa manhã os exploradores tão perto do forte que uma columna, tendo á frente o proprio commandante do forte, vem á descoberta. Quiz Correia da Camara atacal-o, porém Raphael já tinha seu plano assentado e faz com que isto não aconteça.

Sem artilheria, dispondo de diminuta gente, não a queria expôr. Resolveu assediar a dita fortaleza, para o que principiou logo a

arrebanhar todo o gado existente nos proximidades d'ella, privando assim os detentores dos meios de abastecimento. As partidas que estavam fóra, capitaneadas por D. Ayla e um tenente, e as carretas saídas para Montevidéo, sob o mando de D. Gaspar de La-praça, cahiram em poder de Raphael.

Sem reforços, extenuados pela vigília constante que obrigara o cerco, persistia o valente sargento mór, animando e confortando os seus. No fim de um mez de duras privações, a arrogancia do commandante castelhano abateu, capitulando, com as honras de guerra. O commandante, com engenheiro, quatro officiaes, um capellão, um cirurgião e 210 soldados, tomaram caminho da fronteira. Ao saber deste desastre, um reforço que vinha em soccorro da dita fortaleza, retrocede.

No dia seguinte arrazaram os vencedores a fortaleza, rematando a destruição pelo incendio. Para repartir com seus officiaes e soldados, como tropheos, trouxe Raphael Pinto Bandeira 600 bois e 2000 cavallos mansos.

A noticia de tão extraordinario feito causou verdadeira sensação no paiz, e em Lisboa verdadeiro jubilo e alivio.

Em 30 de Julho expedio o marquez de Pombal o notavel aviso no qual se lê:.. «5ª A valorosa obediencia e promptissima resignação com que o sargento mór Raphael Pinto Bandeira foi atacar com 400 cavallos, sem outra forragem que o capim, e sem infantaria ou artilheria algua de bater, hua fortaleza de cinco baluartes, guarnecida com 200 homens, e provida com munições de guerra e boca para se defender, e o constante espirito de firmeza com que se sustentou diante della por vinte e seis dias, faltando-lhe todos os soccorros de mantimentos, de sorte que chegou a ser reduzido á extrema necessidade de se sustentar e aos seus subalternos com raizes e com ervas do campo, emquanto se lhe não rendeu a dita Fortaleza, e não fez sahir d'ella, no dia 26 de Março, o Governador e a Guarnição hespanhola; foram factos que não poderão deixar de augmentar muitos quilates na consideração de S. Magestade ao grande conceito que já tinha dos distinctos merecimentos do digno official.

6º E querendo o mesmo dar-lhe alguns signaes sensiveis de Sua Real Benevolencia. Ha por bem creal-o coronel de sua legião de tropa ligeira, privativa e exclusivamente composta de Aventureiros naturaes de territorios do Rio Grande, Viamão, Rio Pardo e de outros territorios que fazem ao sul até o Rio da Prata e ao Ocidente até onde chegarem os confins do nosso Continente.

7º A dita legião consistirá em 600 homens de infantaria e cavallaria...

8º Ao mesmo tempo houve Sua Magestade, outrosim, por bem fazer mercê ao dito Raphael Pinto Bandeira do habito da Ordem de Christo, com duzentos mil réis de tença, não obstante o Posto de Sargento-mór que occupa, sem exemplo; porque tambem o não tem o que elle obrou no serviço de S. Magestade, atacando e rendendo a sobredita Fortaleza de Santa Tecla, nas circumstancias referidas.»

Quando em 1777 cahio a ilha de Santa Catharina em poder de Cevallos coube a Raphael Pinto Bandeira a defesa do norte do Rio Grande. Graças ás providencias tomadas por elle as forças hespanholas mandadas á Laguna tiveram de recuar do seu intento de posse, completamente desbaratadas.

O vice rei Marquez do Lavradio, officiado ao governador de S. Paulo, sobre o facto dizia: «Neste instante recebo uma carta do commandante da Laguna, em que me diz estar aquelle porto ainda por nós e que chegava, em seu soccorro, o coronel Raphael Pinto Bandeira, de sorte que julgo — *poderão principiar os castelhanos a ter o pago que elles merecem.*»

Feita a paz, retiradas as forças, assumio o commando da guarnição que devia defender a fronteira. Seu nome valia por um exercito e sua fama era notoria, e por todo o paiz admirado e respeitado.

Séria desavença surgio entre o Governador e o coronel Raphael, devido o primeiro não tolerar a influencia do segundo. Esta divergencia mais se accentuou quando José Marcelino coagira os vereadores e outras autoridades a que cumprissem a sua ordem da mudança da capital de Viamão para Porto Alegre.

O prestigio de Raphael offuscava o de José Marcelino e este em certa occasião encontrando-se com aquelle na via publica arranca da pistola para alvejal-o. Raphael, sem siquer se exaltar, deteve promptamente o braço do adversario, e disse-lhe com a fleugma propria de um valente — Esta não presta! Puche outra, brigadeiro!

Apaixonado o governador, deixou-se arrastar pelo rancor. Accusou (1779) Raphael pelo delicto de haver occultado 10.153\$100, desviado os quintos reaes e ter-se locupletado com as presas apanhadas em Santa Barbara, S. Martinho e Santa Tecla. Como medida preventiva prendeo-o e confiscou seus bens. A todas estas violencias não se oppoz Raphael Bandeira.

Ao ter conhecimento desse acto do governador, quasi que estalou um alvoroço na Capitania; reuniu-se a Camara de Porto Alegre e jurou, em acto solemne, como Raphael era victima de uma perseguição.

Seguiu preso para o Rio de Janeiro em Maio de 1779 afim de comparecer perante o Conselho de Guerra. Apezar das intrigas e aleivosias urdidas por José Marcelino, taes foram as representações e appellos enviados a bem de sua soltura que, apenas inqueridas as testemunhas de defesa, a rainha D. Maria I, por decreto de 8 de Janeiro de 1780, mandou restituir o coronel Raphael ao continente e ao commando do seu regimento e que os autos fossem conclusos ao vice-rei para serem archivados.

Na mesma occasião veio ordem para que José Marcelino voltasse ao Rio, de regresso ao Rio Grande, confirmado no posto de coronel do Real Exercito. Foi a 5 de Outubro de 1780 nomeado commandante da fronteira da villa do Rio Grande, o mais arriscado de todos os postos militares do Sul do Brazil.

Foi seu nome lembrado para chefe de uma commissão demarcadora dos limites com os hespanhoes; em vez desse, porém, a metropole elevou-o ao cargo de governador interino do Continente, exercicio de cujo cargo assumio a 30 de Maio de 1784, conservando-se n'elle quasi tres annos.

Certos attritos entre Raphael e os hespanhoes confinantes, motivados por uma guarda mandada collocar sobre o Piratiny, fizeram com que o vice-rei Conde de Cunha, muito politicamente chamasse o coronel Raphael á côrte. Ali chegado deliberou ir á Lisboa, afim de tratar dos negocios seus.

Recebido na côrte de Lisboa com especiaes preferencias, foi condecorado e, de regresso á patria ornavam-lhe os punhos bordados de brigadeiro do exercito portuguez, vindo assumir novamente o governo do Continente, na qualidade de Coronel e Brigadeiro do Regimento do Rio Grande de S. Pedro.

A sua avultada fortuna podia fazel-o descançar, rodeado daquella veneração que as suas proezas, em todos os tempos, lhe grangearam, mas não lhe dava tempo para isso o seu temperamento, nem o espinhoso cargo que occupava.

Depois de uma vida accidentada, de tantas e inolvidaveis proezas na defesa do patrio lar, a 9 de Janeiro de 1795, na villa do Rio Grande, fallecia o brigadeiro Raphael Pinto Bandeira, com menos de 58 annos de idade.

Grande benemerito e insigne lutador de outr'ora, sirvam teus feitos de licção e exemplo aos filhos da terra que te vio nascer, e que a tua lembrança guardem-n'a as gerações como um phanal de civismo.

H. Boiteux

REPUBLICA CATHARINENSE

DOCUMENTOS PARA SUA HISTORIA

(Continuação da pag. 201)

Sessão extraordinaria de 1º de Agosto de 1839.—PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA—Acharam-se presente seis Vereadores, faltando com participação o Vereador Domingos Custodio de Souza. Aberta a sessão e lida a acta da antecedente, foi seu conteúdo approvedo.

O Sr. Presidente mandou prestar juramento e dar posse ao Vereador Tenente Luciano José da Silva, desempossando o Vereador Antonio José de Freitas, a quem fez prestar juramento e empossar do cargo de Juiz de Paz do segundo anno do presente biennio de 1839-1840, e assim mais ao tenente Francisco Pacheco dos Reis, de Escrivão do Juiz de Paz do primeiro Districto.

Mandou mais o mesmo presidente expedir officios para os Juizes de Paz desta Villa e da freguezia nova de Sant'Anna para fazerem reunir as Guardas-Nacionaes afim de se conhecer as forças e estado do armamento, em cumprimento das Ordens do Sr. Coronel Commandante das Forças Liberaes. Igualmente respondeu-se a um officio de um Professor das primeiras lettras do Tubarão em que pede a esta Camara que lhe assegure o seu ordenado. E mandou o mesmo Presidente se entregasse Diploma ao Juiz de Paz Supplente Antonio José de Freitas. O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. Eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi. — *aa*) — *Oliveira — Andrade — Leal — Carpes — Teixeira — Silva.*

Sessão extraordinaria de 3 de Agosto de 1839.—PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA — Acharam-se presentes cinco Vereadores, faltando com causa justa Domingos Custodio de Souza e Antonio Joaquim Teixeira — Aberta a sessão e lida a acta da ultima, foi o seu conteúdo approvedo.

Deu o Sr. Presidente por motivo da presente sessão que se officiasse ao Illm^o. Cidadão Coronel David Canabarro, Chefe da Divisão Libertadora, ponderando-se a necessidade de preencher os logares publicos desta Villa ou nomeação de novos empregados, em logar dos que se ausentaram desta Villa e até hoje se não têm apresentado, deixando em desamparo os archivos publicos. Igualmente foi determinado que se officiasse ao mesmo Sr. Coronel participando-se já se acharem nomeados os paradeiros para conduções dos officios desta Villa até á Freguezia de Sant'Anna, e

dalli por diante, até onde forem avançando as forças do Estado ficarão a cargo da nomeação do Juiz de Paz da mesma Freguezia Nova de Sant' Anna, e que se participasse acharem-se nomeados os Eleitores de Parochia para comparecerem nesta Villa no dia 4 do presente, para se proceder á eleição do Presidente do Estado, conforme as Instruções de 26 de Março de 1824, por elle indicadas; bem como acharem-se em exercicio as Commissões nomeadas em todos os Districtos para arrolamento e deposito dos bens abandonados pelas pessoas que se ausentaram deste Municipio, em consequencia dos acontecimentos de 23 do passado; e que se havia determinado por intervenção do Juiz de Paz do Districto desta Villa e da Freguezia Nova de Sant' Anna, aos Commandantes das Guardas Nacionaes, para procederem reuniões e conhecimento do estado da força e armamento, para se lhe dar conta, conforme tem requisitado; remettendo-se-lhe o mappa do Batalhão de Infantaria que pelo Juiz de Paz desta Villa veio enviado na data de hoje a esta Camara. Igualmente respondeu-se a tres officios do Juiz de Paz da Villa Nova, datados de 2 do presente, em que avisa ter nomeado os parados, a Commissão para arrecadação dos bens dos que se evadiram e participa se achar doente e por isso não poder vir á reunião do Collegio Eleitoral. O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. Eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi: — *aa) Oliveira — Andrade — Leal — Carpes — Silva.*

Sessão extraordinaria de 5 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA — Acharam-se presentes seis Vereadores, faltando com causa justa o Vereador Domingos Custodio de Souza. — Aberta a sessão e lida a acta da antecedente, foi seu conteúdo approvedo.

O Sr. Presidente deu por motivo que em consequencia dos officios do Cidadão Coronel David Canabarro, de 3 do presente e manifesto que o mesmo Senhor dirigiu a esta Camara, com a mesma data, se fizessem circulares aos Juizes de Paz de todos os Districtos do Municipio para convidarem os cidadãos de mais Luzes e Patriotismo para no dia 10 do corrente se reunirem nesta Villa para a nomeação de seis membros que devem formar o Corpo Representativo Republicano, para delles sahirem os Chefes das diversas administrações, como Interior, Fazenda, Guerra, Marinha, etc. Bem como concordaram que se remetteste ao dito Coronel Chefe, por copia, a acta da proclamação da Independencia do Estado, lavrada no dia vinte e nove do passado, constante deste livro a fs. 63. — Igualmente se remetteu por copia a proclamação que esta Camara fez affixar nos differentes Districtos deste Municipio,

com data de 29 do passado, tudo a requerimento do mesmo Sr. Coronel Chefe. Igualmente officiou-se ao Revm^o. Vigário desta Matriz para que no dia sete do presente celebrasse missa na presença dos eleitores que hão de eleger o Presidente do Estado Catharinense Republicano, Constitucional, e elogio analogo ao objecto. E nesta mesma sessão determinou o mesmo Sr. Presidente se des-se posse ao Sr. José Prudencio dos Reis e competente juramento para servir de Vereador desta Camara, por lhe competir, segundo o numero que havia obtido em votos, ficando desempossado do mesmo cargo o Sr. José Pereira Carpes. Remetteu-se aos Juizes de Paz dos Districtos, por copia, o Manifesto do Sr. Coronel Chefe da Divisão, que acima se menciona, para se lhe dar a publicidade que pelo mesmo Sr. foi recommendada. O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. — Eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi: — *aa)* — *Oliveira — Andrade — Carpes — Leal — Silva — Teixeira.*

Sessão extraordinaria de 7 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OIVEIRA — Acharam-se presentes seis Vereadores, faltando com justa causa o Vereador Domingos Custodio de Souza. — Aberta a sessão e lida a acta da antecedente foi seu conteúdo approvado. — Foi entregue o livro das actas das eleições de Deputados, vindo do Collegio Eleitoral onde se acabou de proceder á eleição do Presidente do Estado Catharinense Republicano, Constitucional, Livre e Independente, acompanhado do officio do Secretario do Collegio Eleitoral.

O Sr. Presidente determinou se extrahisse Diploma e se o enviasse immediatamente ao Illm^o. Sr. Tenente Coronel Joaquim Xavier das Neves, para a Villa de S. José, para vir tomar conta da presidencia, visto ter sido eleito com dezeseite votos; o Revm^o. Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, com quatro votos; e assim mais se officiasse ao Tenente-Coronel Joaquim Teixeira Nunes, commandante das Forças Libertadoras da Vanguarda, com urgencia ao Capitão Joaquim José da Costa, para facilitarem a remessa do officio áquelle Sr. Neves; ao que se deu cumprimento immediatamente.

O Sr. Presidente mandou dar posse e juramento ao Vereador o Capitão Bartholomeu Antonio do Canto, por lhe tocar em maioria de votos.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. Eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi: *aa)* — *Oliveira — Andrade — Leal — Silva — Reis — Teixeira.*

Sessão extraordinaria de 8 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR TENENTE VICENTE FRANCISCO DE OLIVEIRA — Acharam-se presentes cinco vereadores, faltando com justa causa os vereadores Domingos Custodio de Souza e Antonio Joaquim Teixeira. — Aberta a sessão e lida a acta da antecedente foi seu conteúdo approvedo.

Resolveu-se que se officiasse ao illm^o. Sr. Coronel David Canabarro, Chefe da Divisão Libertadora, participando ter-se officiado ao Tenente-Coronel Joaquim Xavier das Neves, para vir prestar juramento e tomar posse do cargo de Presidente do Estado Republicano; participando-se mais que se havia convidado todos os cidadãos dos differentes Districtos, mais illuminados e de mais patriotismo, para se reunirem nesta Villa em o dia dez do presente, para a eleição dos seis membros que hão de compôr o Corpo Governativo. Igualmente resolveu-se que se officiasse aos Juizes de Paz desta Villa e de Imaruhy, para prevenirem a sahida por atacado dos generos de importação, principalmente o sal, por ser de primeira necessidade.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. Eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi: — aa) — *Oliveira — Andrade — Leal — Reis — Silva.*

Velocidades

Sabe-se que ha locomotivas que, em curtas distancias, sobre terrenos planos e em linha recta, attingem á velocidade de 120 kilometros por hora. Quanto aos automoveis, ninguem ignora que nas suas carreiras extraordinarias têm ultrapassado o limite de 160 kilometros em igual tempo. Os passaros podem tranquillamente desenvolver grandes velocidades. A codorniz percorre 17 metros por segundo, ou sejam 61 kilometros por hora. O pombo-correio faz 100 kilometros por hora. A aguia realisa 112 kilometros e a andorinha, o mais veloz dos passaros, consegue a grande ligeireza de 67 metros por segundo, ou 241 kilometros por hora.

A Valsa da Escadaria

Os successos da celebre valsa da *Viuva Alegre* incitaram muitos imitadores a introduzir nas suas operetas uma phantasia valsada, que se tornasse o *clou* da peça. O publico, em geral, acolheu essas innovações com favor.

A derradeira palavra do *chic*, actualmente, é a *Valse de l'escalier*, que vem de ser exhibida em Londres, na ultima opereta de Lehar. A originalissima coreographia é realizada descendo os autores, a valsar, uma larga escadaria que conduz á sala, no primeiro plano da scena.

O successo foi de tal ordem que o publico alegre, tanto em Londres como em Paris, Berlim e New York logo conseguiu professores dessa dansa acrobatica, pagando-lhes principescamente. Alguns excentricos já se têm arriscado a levalla para muitos salões. Esta valsa original é muito graciosa, diz uma revista franceza. Apreciemol-a ligeiramente por este poetico extracto do catalogo de um professor de choreographia:

“Quando a orchestra arrasta o par no seu movimento giratorio de aventura, o dansarino é o primeiro a collocar seus sapatinhos sobre um degrau inferior. Sua dançarina domina, então, de toda a altura do degrau superior. O cavalheiro parece um supplicante de amor que se abaixa para implorar as graças da sua dama.”

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

NOTAS PARA ESTUDO

(*Continuação da pagina 208*)

Interveio, então, França. «Em tempos antigos, disse, veio ao Brazil uma carta régia, ou não sei que outro diploma, para que o procurador da corôa e fazenda e solicitador desta promovessem de officio as causas de liberdade dos escravos. Tenho idéa de que esse diploma se acha registrado nos livros da antiga extincta provedoria da fazenda desta provincia do Rio de Janeiro: e eu hei de ter notado em um indice a sua data e numero do livro em que se acha registrado. Cahio, porém, essa lei em esquecimento, porque não interessava senão a esses miseraveis e obrigava ministros a trabalharem de graça em favor delles.

«De força devia cahir em esquecimento uma lei desta natureza; mas ella existe e a sua disposição é salutar no caso. Reviva a observancia da lei e dê-se a uma classe de individuos tão miseravel aquella mesma protecção publica que lhe não negou, antes positivamente outorgou, um governo despotico. Para fazer leis novas e zelar a observancia das leis velhas é que nós aqui nos ajuntamos. Que importa que um miseravel supposto escravo de um injusto senhor tenha notorio direito a ser declarado livre, se não tem dinheiro para o primeiro requerimento que ha de fazer, e se a sua pessoa está á disposição do mesmo injusto senhor com quem ha de litigar?

«Eu tenho sido testemunha de muitos casos destes em que a oppressão do escravo e o seu desamparo são o unico titulo do seu captiveiro: ainda hontem me appareceu um destes miseraveis, com o testamento em que lhe fôra legada a liberdade; e não obstante o qual fôra prezo como escravo fugido, pela barbaridade do testamenteiro, que á força o detinha no captiveiro. Tal immoralidade dos nossos conterraneos deve acabar, pondo-se estes infelizes debaixo da protecção que lhe dá uma lei existente, cuja observancia deve reviver. Eu me encarrego de examinar a sua data e darei conta a esta assembléa da minha diligencia, porque tenho lembrança de haver notado em um indice.»

A um aparte do deputado Accioli, Souza França continuou:

«O direito que tem o escravo, como qualquer outro individuo livre, para requerer perante a justiça, é liquido, e está na disposição geral da lei. Mas essa não é a questão: a questão é que além desse direito individual, o favorece o direito de protecção con-

cedido á sua condição, como miseravel que é. E' este um direito outorgado á classe em geral, bem como o é aquelle que se concede aos orphãos, prodigos, mentecaptos, etc., a cujo juízo se dá um fiscal que vigia e é ouvido em todas as suas demandas judiciaes,

«O legislador entendeu que a causa da liberdade dos escravos era causa que tinha alguma cousa de publica, quiz que como tal fosse ajustada pelo procurador da Coroa, na demanda da sua liberdade. A lei é justa; e se digna de um governo despotico, muito mais de um systema verdadeiramente constitucional. Observe-se, pois, a lei; o procurador da Coroa que faça o seu officio em beneficio destes infelizes; e em grande parte serão soccorridos na sua miseria e precisão.»

Afinal, por proposta de França, e após longo debate, foi addiada a discussão, até elle apresentar a lei a que se referia.

Partidario do individualismo, França combateu a enumeração que no artigo 13 do projecto sobre governos provinciaes se fazia das attribuições dos Conselhos dos governos provinciaes:

«A enumeração que no projecto se faz dos artigos que hão de ser da attribuição dos Conselhos dos governos provinciaes me parece defeituosa, tanto na substancia de alguns dos mesmos artigos, como pela maneira com que se acham enunciados.

«Diz-se, por exemplo, com uma enunciação muito vaga e geral, que aos mesmos Conselhos compete — fomentar a agricultura, industrias e artes. Eis aqui temos uma proposição vaga e indefinida, que deixa ao arbitrio dos mesmos Conselhos pôr em pratica quantos despropositos lhe vierem á cabeça, a titulo de ensinança em materia de agricultura, industria e artes, havendo-se por ventura como medidas mui apropriadas á fomentar qualquer destes artigos, quando será muitas vezes necessario a publicação de uma lei para cumpridamente se adoptarem taes medidas, se ellas não forem talvez contrarias ao fim que se propoem.

«A mim parece que o maior favor que um governo pode deliberar (ao menos a principio) a todos os ditos respeitos, é não se embaraçar immediatamente com a pratica e correntesa dos trabalhos de cada um dos cidadãos nos diversos misteres a que applicam a sua industria.

«Tudo o que ao governo cumpre é dar impulso aos mesmos trabalhos, facilitando os meios de se elles fazerem o menos penosos: que o interesse de cada um em particular é o melhor fomento que pode haver para pôr os homens em acção.»

Na mesma sessão (20 de Junho) foi discutido o n. 3 do art. 13 do referido projecto, o qual dava ao presidente da Provincia a faculdade de suspender os magistrados. França discutio-o:

«Os magistrados podem abusar, é verdade, e muitas vezes têm abusado de sua jurisdicção; mas o presidente não é sujeito menos acondicionado e suspeito de abuso, do que são os magistrados: é, portanto, muito perigoso sujeitar a sorte destes aos caprichos d'aquelle.

«Eu creio que se houvermos de estabelecer tal dependencia entre o poder executivo e o judiciario, mui pouco irá nisso a liberdade pratica dos povos, para o subtrahir aos vexames causados pelo abuso do poder.

«Todos os homens tendem a este abuso, e quando não o podem exercitar sem dependencia de outro, facilmente renunciam á sua vaidade e se ligam com aquelle de quem dependem, para o conseguir.

«Os presidentes são homens como os outros, e em regra, podemos avançar, salvo muito poucas excepções, se alguma vez houverem de suspender magistrados, não será pelos males que estes causarem em geral na administração da justiça, com os abusos de sua jurisdicção: estes serão sempre o pretexto, mas o movel immediato da sua acção, é e será sempre um resentimento e desaffeição particular.

«Se o magistrado fizer tudo o que agradar ao presidente, seja bom ou mau, certo deve estar de não ser nunca suspenso: porque o demais, pouco importa; e se tiver de lhe desagradar, ainda que por amor da justiça seja, não lhe valerá a honra ter servido bem o cargo, para deixar de ser sacrificado ao capricho do presidente.

«A experiencia quotidiana nos dá disto exemplos: motivos particulares são grandes razões de estado a respeito de muita gente.

«Votarei, portanto, para que tal doutrina não passe.»

Na sessão seguinte (21 de Junho) veio á discussão o art. 17, dando ao presidente, em Conselho, a faculdade de suspender os magistrados.

França mostrou-se um espirito superior nessa discussão:

«Parece-me, Sr. Presidente, defeituosa a doutrina deste artigo emquanto estende indefinidamente a autoridade dos presidentes das provincias á suspensão dos respectivos magistrados. Eu entendendo ser cousa indispensavel marcar-se o modo e circumstancias em que hajam de ter lugar semelhantes suspensões. E' materia de muita importancia e extremada delicadeza em um systema constitucional representativo, para se deixar á discreção e arbitrio de um presidente de provincia.

«Ella traz consigo uma implicita invasão do poder judiciario, cuja independencia deve ser, quanto possivel for, tão respeitada e sustentada por todas as leis regulamentares que se houverem de fazer, como a independencia dos outros poderes, em cuja divisão se esteia por igual o edificio dos governos liberaes.

«Eu conheço que as malversações de muitos magistrados farão talvez necessarias medidas coercitivas que atalhem os males irreparaveis que elles podem fazer aos povos com o abuso do poder que lhes é confiado: mas devemos acautelarnos de ir, querendo prevenir um mal, causar outro de não menores consequencias; que vem a ser a dependencia e consequente combinação dos dois poderes, em detrimento da justiça! Eu não reputo os presidentes que houverem de ser das provincias homens de melhor tempera do que o hão de ser os magistrados que para ellas se nomearem; pois uns e outros são da escolha do poder executivo.

«Concluo, portanto, que se deve restringir a doutrina do artigo para que não tenham logar semelhantes suspensões sem que haja um motivo legal, sobre o qual deve ser ouvido, em todo o caso, previamente, o magistrado: de sorte que a intimação da suspensão assente sobre factos certos e verificados com audiencia do mesmo magistrado.»

Propugnador convicto da plena independencia dos tres poderes, na sessão de 23 de Junho elle teve occasião de se manifestar contra o art. 19, que determinava ao Imperador a obrigação de communicar á Assembléa a suspensão que houvesse de fazer de presidente de Provincia:

«Além de que, disse, nem menos vejo utilidade pratica em se essa providencia admittir; pois tudo quanto ella importa no conceito é estender as raias da autoridade do corpo legislativo sobre o executivo, em materia que, fallando absolutamente, lhe não deve ser subordinada por via da regra; porque induz, como se vê, ingerencia de um em outro poder, e consequente confusão, cuja anomalia só pode-se admittir praticamente nos casos de summa utilidade publica, que não descubro na nossa hypothese.»

(*Continúa*)

270

José Johnny

Na China, quando morre um soberano, o povo é obrigado a tomar luto por cem dias. Nesse periodo não se effectuam casamentos, nem se toca instrumento algum de musica.

As guerras no século passado

5.000.000 de victimas

Uma sociedade pacifista de Londres, a *Peace Society*, costuma affixar nas exposições internacionaes um quadro interessantissimo, demonstrando o numero de homens mortos nas guerras que se succederam durante o século passado. Esse quadro figurou recentemente em Turim e é effectivamente para horrorisar. Descrevendo-o, diz uma revista franceza: Na parte superior vê-se uma grande barra vermelha, com as datas 1800-1898, onde se lê uma inscrição que fixa em mais de 800.000 a cifra de homens mortos durante as guerras inglezas da conquista das Indias Orientaes. Depois vêm as guerras da epopéa napoleonica: as linhas sangrentas englobam os annos de 1800-1815, durante os quaes succumbiram perto de 1.000.000 de soldados. Em 1828 a Russia e a Turquia perdem 120.000 homens; de 1830-1840 a Hespanha e Portugal 150.000. De 1830 a 1847 a conquista da Algeria custa 100.000 vidas humanas. As guerras civis de 1848 occasionam, na Europa, a perda de 60.000 homens, mortos durante as insurreições.

De 1854 a 1856 mais de 800.000 russos, francezes, inglezes, italianos e turcos são picados, massacrados, ou mortos de molestias sobre as margens do Mar Negro: é a guerra da Criméa. De 1839 a 1860, as tres guerras que a Gran-Bretanha promoveu contra a China não fizeram menos de 60.000 victimas. A guerra da Italia, em 1859, occasionou 80.000 mortes.

Mais a baixo estão assignaladas no quadro torrentes de sangue bem mais consideraveis, correndo na America de 1861 a 1866. E' a guerra da Successão, a mais terrivel e a mais longa das guerras civis: ella devora exactamente 951.186 unidades humanas.

De 1860 a 1867 os francezes na Syria, na China e no Mexico determinam a morte de 80.000 homens. Ao mesmo tempo a guerra da Dinamarca figura com perda de 5.000 soldados. Em 1866 immensas carneiras recebem os cadaveres de 100.000 prussianos, austriacos e italianos.

A guerra do Brazil e do Paraguay, que se desenrolou de 1866 a 1870, occasionou a morte de 330.000 homens. De 1860 a 1874 as guerras inglezas em Nova Zelandia e na Abyssinia, representam 20.000 baixas.

Em relação á guerra franco-alemã os calculos da *Peace Society* figuram 380.000 vidas sacrificadas. A guerra turca-russa, que surgiu em 1877, foi não menos mortifera: 344.000 combatentes, dos quaes 172.000 russos, cahiram para não mais se levantarem.

Uma cifra collectiva abrange as guerras inglezas no Afghanição, dos annos de 1839 a 1842 e 1878 a 1880. Do lado inglez as perdas foram de 80.000 homens. Para os Afghãos o numero de mortos é incalculavel.

Ha 30.000 em 1884: é o balanço da guerra de Tonking.

O anno seguinte figura com 15.000 na Servia e na Bulgaria.

A guerra da China e do Japão, em 1897, diminue de 25.000 unidades os batalhões da raça amarella. Em 1898, a guerra declarada á Hespanha pelos Estados Unidos custa 90.000 homens. De 1800 a 1899 isto é, durante todo o seculo XIX, as guerras inglezas na Africa, comprehendido o começo da guerra da Africa central, deixaram sobre os campos 220.000 soldados mortos.

Isto faz um bonito total: **cinco milhões de mortos.**

Devemos, entretanto, notar que a *Peace Society* mencionou, apenas, em relação ás Americas, as guerras da Successão, Brazil-Paraguay e Yankee-Hespanhola, esquecendo-se das continuas lutas armadas que se desenrolaram em todo o Novo Mundo durante o século passado, tanto interna como externamente, cujas perdas devem ser computadas em muitos milhares de homens.

Um chapéo de 3.600\$000 réis

Que pensa a leitora do preço de 6.000 francos (3.600\$000 réis, em moeda brasileira) por um chapéo de senhora? Parece excessivo, mas é verdadeiro. Esta pequenina fortuna foi paga á M. Luvis, a celebre modista parisiense, pela princeza Miahesco de Bucarest.

Como descrever esse chapéo? E' como uma chuva de pennugens... A alvura nitente oscilla encantadoramente ao menor sopro... e a suave ondulação sedosa desse milagre de plumas contrasta com o negro da immensa fôrma...

Mas si sómente o chapéo custou 6.000 francos, quanto não deve ter custado o vestido, e todos esses mil nadas de enfeites e de joias que são indispensaveis! Decididamente essa pequena princeza roumania deve custar muito cara ao seu marido. E' verdade que ella é muito bella. E a belleza, mais do que a intelligencia, tudo justifica e tudo merece.

Banho ás arvores

Os horticultores allemães acharam um engenhoso meio de antecipar a vegetação das arvores e dos arbustos, empregando banhos quentes. Rega-se o tronco com agua aquecida a uma temperatura de 30 a 40 grãos centigrados e em seguida colloca-se a planta numa estufa, onde se desenvolverão os renovos. O lilaz, por exemplo, é obtido, por este methodo, com uma antecipação de 8 a 10 dias. E' muito simples, como se vê. A operação deve ser feita no inverno, no momento em que o vegetal está em repouso. Este tratamento, diz a revista franceza d'onde traduzimos a noticia, tem dado optimos resultados.

Hora eterna

A meu pae

A noite estende a constellada véste;
a lua, como uma ave, se equilibra
na curvidade esplendida celeste!

A Terra vóa... e sente em cada fibra
do seu seio fecundo, avigorante,
a luz sadia que o Universo vibra.

O vento, como um órgão doudejante,
passa cantando, célere, cantando
uma ballada... de éther penetrante.

O mar herculeamente vae jogando
vagas tão altas, vagas que parecem
montanhas sôltas n'agua fluctuando.

Os organismos dos arbustos crescem,
e o orvalho infiltra seiva e atmosphéra
pelos póros dos lirios que florescem.

E grasna o môcho uma canção austéra
no campo santo — a noite sem auróra,
onde não bate o sol da primavéra!

Pois foi n'essa hora mesmo, foi n'essa hora
que elle morreu... que a vida lhe fugio
n'uma lagrima tremula... sonóra.

Uma mulher, chorando, lhe vestio
frouxa mortalha... e quatro mãos pegaram
nas alças do caixão... e elle partio...

Quando passou o féretro, o fitaram
umas creanças tristes... Nesse instante
as almas d'ellas creio que choraram...

Desgrenhada, nervosa, vacillante,
como uma doida, minha mãe queria
seguir meu pae... (oh! scena agonisante!)

e ao mesmo tempo, olhando-me, dizia:
«Não chores, filho: saberei lutar
p'ra que não falte o pão de cada dia...

Carlos de Faria

MISCELLANEA

De onde vem a palavra "Boycottar"

Um capitão irlandez, Jayme Boycott, administrador dos imensos domínios de lord Irne, na Inglaterra, tornara-se odioso pelas maneiras exigentes e vexatorias com que desempenhava as suas funcções. Para se vingarem, os camponeses rendeiros reuniram-se e combinaram pol-o em completo sitio: não trataram mais dos seus animaes, recusaram-se a laborar as suas glebas de terras, negaram-se, por completo, a lhe vender a menor quantidade que fosse de alimentos. Reduzido a morrer de fome, o administrador teve de abandonar os domínios em cuja direcção tornara-se intoleravel.

Algum tempo depois, os chefes do partido irlandez, Parnell e Michel Darret, almoçavam em casa de um cura da visinhança, John O' Malley, e palestravam sobre tão curiosa vindicta publica.

—Deve-se procurar uma palavra, diz Parnell, para designar este processo de defesa.

— Já está achada, replica o cura, sorrindo: deve-se qualificar de *boycotting*.

—Perfeitamente. Está adoptada, concordaram Parnell e Darret.

Por causa da "eniravée"

Talvez as nossas leitoras não acreditem, mas é verdade, que a moda das saias "travadinhas" lançou em Roubaix (França) muitissimas familias na miseria, pois calcula-se em 20 mil operarios, empregados na industria de tecelagem, que se encontram sem trabalho.

O presidente do syndicato dos fabricantes, sendo entrevistado por um jornalista, declarou-lhe que a industria textil de Roubaix atravessa presentemente uma crise gravissima, pois tendo baixado 50 por cento a venda de tecidos para confecção de saias, houve que sustar-se tambem a producção desses tecidos e dahi ficaram milhares de operarios sem trabalho.

O pessoal belga foi despedido, assim como os operarios francezes. Foi restringido o numero das horas de trabalho.

E os efeitos dessa crise fez-se sentir ainda nas industrias annexas, como sejam a cardagem, a fiação, a tinturaria, a calandragem, etc.

Para agravar esta crise ha ainda a circumstancia de não se vender tecidos para a confecção de "saias de baixo", visto que as saias "travadinhas" dispensam esse artigo de "toilette"; e tambem o facto de, com apenas um metro quadrado, ou pouco mais, de "foularde" de seda, se confeccionar as blusas, tambem presentemente adoptadas com o nome de "Kimonss".

E aqui teem as nossas leitoras como do uso das saias que lhes entram o andar resultou uma crise, a braços com a qual se encontra uma das mais importantes industrias da França. Terrível moda!..

O propheta da aviação moderna

Verdadeiro propheta foi o illustre frade inglez Roger Bacon (1214-1294), denominado o *Doutor Admiravel*, um dos maiores representantes da sciencia experimental da idade média, e a quem se attribue, tambem, a invenção da polvora. Desde o seculo XIII elle predisse os nossos meios de locomoção moderna. "Pode-se, escreveu elle, construir botes que não precisarão de remadores, grandes navios que serão conduzidos por um só homem, e marchando com mais ligeireza do que os conduzidos por uma multidão de marinheiros. Haverá carruagens que rolarão com uma ligeireza inimaginavel, sem auxilio de animaes. Serão, emfim, feitas machinas para voar, nas quaes o homem, estando assentado ou suspenso ao centro, fará mover qualquer manivella, que imitará o movimento de azas para bater o ar, como as dos passaros.

Roger Bacon não tentou realizar o que elle presentia. Entretanto, taes concepções tão avançadas, tão temerarias para a sua época, fazem delle o verdadeiro propheta da locomoção automovel terrestre, maritima e aerea.

A ALIMENTAÇÃO

A VIDA PROLONGADA PELA NUTRIÇÃO RACIONAL

(TRADUZIDO PARA A "REVISTA CATHARINENSE")

(*Continuação da pag. 205*)

No ambiente das officinas ou fabricas ha permuta de ar viciado e de materias organicas, que se desprendem do organismo pelo só facto da respiração. O ar aspirado, que em seu estado puro contem 21 % de oxygenio, desde que passa pelos pulmões não encerra mais do que 16.03 %. E', portanto, uma perda de 4.97% de oxygenio, que se traduz pelo desprendimento de um volume quasi igual de acido carbonico. E si este acido, em vez de se exhalar em pleno ar, fica retido entre as quatro paredes dum compartimento, a athmosphera ficará alli contaminada dentro em pouco e cada qual respirará o ar expirado por seu visinho, o que, certamente, terá como consequencia desordens organicas mais ou menos graves.

A boa qualidade da alimentação reagirá, certamente, contra a má qualidade do ar. Mas não são equivalentes os efeitos. De facto, comquanto coma-se dez vezes mais carne na cidades do que no campo, as populações urbanas estão longe, bem longe, de gozar da mesma robusta saude dos camponezes. Si o elemento do interior dos paizes não viesse renovar frequentemente a população das grandes cidades, ella desapareceria anniquilada após a terceira ou a quarta geração. Apesar dessa constante nova seiva regenerativa, as cidades estão, de facto, povoadas de phantasmas de homens, de enfezados, de rachiticos, de degenerados, mostrando signal evidente de proxima desaparição.

Em resumo: os carnivoros das grandes agglomerações humanas serão sempre, por deficiencia de bom ar, inferiores, como saude e robustez, aos vegetarianos dos campos.

VI

Conclusão

Do conjuncto deste estudo resalta esta triplice conclusão:

- 1º Que a hygiene alimentar, graças aos conhecimentos que temos adquerido, tornou-se uma sciencia exacta;
- 2º Que a alimentação, por indispensavel que seja, está subordinada á respiração;
- 3º Que, emfim, o ar é o supremo regulador de todo regimen alimentar.

Conformando-nos com as indicações contidas em cada um dos capitulos que precederam, seguiremos um regimen hygienico, scientifico. Não se deve, todavia, esquecer nunca que todo regimen, qualquer que elle seja, está estreitamente submittido á respiração, isto é, á acção do ar, que é o agente directo da desassimilação.

Ora, pelas contingencias da vida moderna, que obriga o homem — naturalmente destinado ao ar livre — a uma vida de planta de estufa, é bem raro, principalmente nas grandes cidades, onde a maior parte da população vive nos quartos, nos armazens, nas secretarias, nas fabricas, nos escriptorios, que o ambiente das clausuras corresponda á quantidade do bom ar necessario para assegurar uma boa combustão vital. Dahi todas as perturbações, todas as desordens graves, em seguida ao desequilibrio entre a assimilação e a desassimilação.

Para attenuar esse mal devemos recorrer á gymnastica dos pulmões. Por esse meio conseguiremos duplicar a capacidade respiratoria, e isso sem que o doente tenha necessidade de deixar seu quarto, nem mesmo sua cadeira. E uma vez exercitada esta gymnastica durante o periodo de seis mezes, os pulmões não voltarão jamais ao seu primeiro estado de atonia. (*) Aliás tornar-se-á um habito este salutar exercicio, dando ao individuo a completa felicidade natural, decorrente do axioma de Hyppocrates: *Mens sana in corpore sano*.

J. B. Franc

(*) Publicaremos brevemente os ensinamentos indispensaveis á gymnastica dos pulmões.

(N. da R.)

A IDADE DA TERRA

Dois sabios americanos, o chimico Frank Wrigglevorth Clarke e o philosopho George F. Becker, acabam de fazer calculos sobre a idade do nosso planeta. Chegaram elles, por vias differentes, a conclusões mais ou menos identicas, facto que nos leva a dar fé ao que dizem.

Os dois sabios asseguram que a Terra não tem menos de cincoenta milhões de annos nem mais de setenta.

Em 1862, lord Kelvin declarou que a idade da Terra podia ser de quatrocentos milhões de annos. Mais tarde, depois de novos calculos, o mesmo sabio determinou o maximo de quarenta milhões de annos sómente.

Em 1890, M. de Lapparent fixou uma cifra de oitenta milhões.

Em 1895, King e Barns inclinaram-se para 24 milhões.

Em o anno passado W. J. Sollas nos fallou de cento e cincoenta milhões.

Como se vê as opiniões dos scientists estão longe de ser unanimes.

A THEORIA COSMOGONICA

DO

PROFESSOR SVANTE ARRHENIUS

(TRADUZIDO DO FRANCEZ PARA A «REVISTA CATHARINENSE»)

A theoria nova apresentada pelo illustre physico de Stockolmo e que, por sua engenhosidade, sua audacia, sua verosimilhança, provocou ao principio o espanto, depois a admiração e por fim o entusiasmo do mundo sabio, está na sua hora de ouro: é, aliás, o caracter de todas as grandes conquistas do espirito humano nos dominios da verdade scientifica.

A genial concepção de Laplace sobre a origem dos mundos, tão seductora na sua magestosa simplicidade, não é, como se sabe, «inteiramente» acceitavel. *No seu conjuncto* explica bem a origem do systema solar, mas nas minudencias acha-se, por vezes, em falta. Demonstra como nasceu o mechanismo do qual a nossa Terra faz parte, mas é muda no que concerne á *evolução dos mundos*.

De mais, é preciso hoje, numa theoria cosmogonica bem equilibrada, fazer intervir as descobertas recentes feitas na ordem das sciencias astronomicas e physicas. Laplace não podia fazer uma obra como exigem os nossos conhecimentos actuaes, porque elle ignorava a spectroscopia, a radioactividade, as ondas electricas, as theorias electronicas da materia, desconhecidas na sua época.

Arrhenius teve o merito de coordenar todos esses elementos numa concepção feliz. Sua theoria não deixa na sombra nenhum ponto essencial: elle vai mesmo até ao ponto de explicar o transporte da vida de um mundo a outro. Eis de que maneira: O sabio sueco concebe, no universo, a intervenção geral de *duas* forças necessarias: a primeira é a *gravitação universal*, ou *attracção universal*, descoberta e formulada por Newton; a segunda é a *pressão da radiação*, cuja existencia, demonstrada em 1873 e 1876 por Maxwel e Batroli, foi confirmada pelas classicas experiencias de Lebedew. O valor dessa pressão é de quatro milligrammas por metro quadrado, á superficie da terra, em virtude da acção dos raios solares projectados normalmente sobre uma superficie escura.

Si a primeira força, a gravitação, é indispensavel para explicar o movimento das esferas que enchem o espaço celeste, a segunda não parece menos precisa para explicar o mechanismo da sua evolução.

Esta repulsão radiante faz que os astros percam continuamente a materia: a atmosphaera coronal do sol é, sem duvida alguma, constituida desta maneira. Ha, assim, em torno dos astros incandescentes, sóes e estrellas, uma emissão continua de «poeiras cosmicas», electrizadas negativamente.

Mas, si os astros perdem a materia por essa forma, a recebem tambem: cometas e estrellas errantes sulcam o céu. Por vezes, meteoritos, verdadeiros fragmentos mineraes, separados de corpos celestes que se collidiram, cahem sobre a terra: o espaço é, portanto, cortado de elementos materiaes errantes — uns de dimensões microscopicas, outros mais importantes.

Demais, os corpos radio-activos que existem sobre a terra — e talvez, mesmo, todos os corpos que lhe constituem a superficie mineral, perdem, sem cessar, o *helium*, que se desprende para a atmosphaera, diffundindo-se no espaço inter-planetario.

Essas moleculas gazozas vão, portanto, errar no espaço, muito affastadas umas das outras, e, por consequencia, constituem-se concurrencias gazozas frias: a temperatura de um gaz, depende, com effeito, dos seu choques moleculares e estes são tanto menos frequentes quanto mais raras forem as moleculas constitutivas. Avalia-se em 200 grãos abaixo de zero a temperatura dessa agglomerações gazozas.

Quantas particulas adventicias de poeiras cosmicas electrizadas vêm introduzir-se nesse meio gazozo dilado, no curso da sua viagem inter-astral, ficam immediatamente circumdadas de gaz, que determina a conjuncção. As poeiras electrizadas tornam luminosa a massa gazozas, e tanto mais quanto mais baixa for a temperatura. Então a massa gazozas rarefeita torna-se visivel, como uma mancha leitosa sobre o fundo do céu negro: é uma *nebulosa* que acaba de nascer, primeiro estádio da formação dum mundo. Podemos analysar ao spectroscopio a luz desses astros tornados visiveis e certificar assim que elles não contêm senão hydrogenio, helium e um elemento ainda desconhecido sobre a terra, ao qual deu-se o nome de *nébulium*. Tem-se, assim, confirmação da presença do hydrogenio e do helium nos espaços celestes: são os únicos corpos que permanecem gazozos sob temperaturas baixas.

Essas nebulosas desempenham um papel perservador: ellas detêm, á passagem, as radiações calorificas emittidas pelas innumeras estrellas do céu. Se essa acção interceptativa cessasse, aquellas radiações nos appareceriam como uma abobada de fogo e a vida extinguir-se-ia em todo o universo.

Ellas se condensam pouco a pouco, porque cada particula material adventicia cahe sobre o centro de gravidade da massa: quan-

to mais se avança a condensação, mais se eleva a temperatura. Então começa a era *estrellar*: uma estrella está nascida. Productó de um meio em incessante movimento, ella, por seu turno, toma um movimento de rotação e seu resfriamento começa assim.

Esta rotação vae-se accelerando á proporção que as dimensões diminuem pela contracção. A força centrifuga augmenta, portanto, ao mesmo tempo, de modo a determinar que um *annel equatorial* se possa destacar da estrella central. Mais tarde elle se destruirá em consequencia da dissymetria nascida da irradiação e a materia se agglomerará em um planeta, cujo nascimento fica assim comprehendido. Laplace teve esta concepção do modo da formação dos planetas, mas elle tomava como ponto de partida a nebulosa já levada á alta temperatura. Arrhenius nos conduz mais longe, pela sua concepção da nebulosa *fria*.

As poeiras cosmicas podem viajar através do espaço impellidas pela pressão da radiação. Arrhenius calcula que uma particula de poeira de 0^{m} , 00016 soffre uma repulsão dez vezes mais intensa do que a força da attracção. Pode-se, portanto, calcular o tempo que uma tal particula gasta a ir do sol á terra: acha-se 56 horas mais ou menos.

Ora, o sabio astronomo italiano Ricco tem verificado que decorrem 54 horas entre a apparição de uma grande mancha solar e a apparição duma aurora boreal, formada precisamente pela chegada de poeiras electricas nas camadas superiores da atmosphaera terrestre.

As estrellas formadas pela condensação das nebulosas têm, ao principio, uma atmosphaera de helium e de hydrogenio. Então começa no astro novo a evolução *creadora*, sob a influencia de enormes pressões existentes em seu interior. O helium e o hydrogenio, que são os ultimos termos das transformações da materia pela *degradação*, são, sem duvida, os primeiros termos das transformações pela *integração*. A formação desses aggregados complexos da materia, a que denominamos *corpos simples* ou *elementos*, é exercida, portanto, no interior das estrellas, sob a influencia das pressões formidaveis que lá reinam. Arrhenius pensa que deve reinar no centro do sol uma temperatura de mais de 6 milhões de gráus, e que elle é formado de compostos endothermicos, de *explosivos*, ao pé dos quaes a nitro-glycerina não seria mais do que um brinquedo de creanças.

(*Continúa*)

Alphonse Berget

A SCIENCIA PARA TODOS

Beneficios da tintura de iodo

O professor Paulo Reclus, membro da Academia de Medicina, de Pariz, exaltou ha dias os beneficios da tintura de iodo, cuja applicação começou ha um seculo, no tratamento das escrophulas, pelo medico genovez Coindet.

Como todas as coisas humanas, a tintura de iodo teve suas horas de triumpho e de esquecimento. Na era pasteuriana, o acido phenico e o sublimado puzeram-n'a completamente de lado.

Chegou a hora da desforra: hoje, em França, medico que se respeite não emprega outro antiseptico, contanto que seja preparado recentemente.

Que milagres realiza ella? Dil-o Reclus: Desinfecta os instrumentos chirurgicos e evita todas as infecções.

Os seus dois constituintes, o iodo e o alcool, penetram na profundidade da pelle e das mais anfractuosas chagas, matando inexoravelmente todos os germens.

O dr. Reclus viu curar com a tintura de iodo, em duas semanas, membros esmagados que, por outro processo, levariam mezes.

Para tornar acceptica qualquer chaga basta chegar-lhe a tintura com um pincel de pello de lontra e cobril-a com um panno.

—Em outra revista franceza, de 28 de Janeiro deste anno, encontramos o seguinte:

“O methodo preconizado presentemente para o tratamento das feridas, na cirurgia militar, comprehende um primeiro curativo antiseptico rapido, por meio de pinceladas de iodo, de modo a impedir a infecção da ferida.

“Assignalamos este methodo, diz a revista, porque elle é de uma applicação muito simples, convindo, portanto, ser uzado nos accidentes do trabalho.

“Produzido o ferimento deve-se applicar-lhe logo uma pincelada de iodo e cobril-o com um pedaço de gaze. Não haverá infecção.”

Radiographia

Os signaes radiotelegraphicos emittidos pela estação T. S. F. da torre Eiffel, de Pariz, são actualmente percebidos, ao largo do Atlantico, por navios situados a 4.600 kilometros, apezar da pouca energia da corrente electrica dessa estação. Um gerador electrico muito mais possante vai ser installado, para o que já está em construcção uma nova sala subterranea ao pé da torre.

As excavações de Alésia

As excavações emprehendidas pela Sociedade de Sciencias de Semur, no Monte-Auxois, célebre pelo assédio das legiões de Cezar, têm produzido resultados inesperados. Pelos objectos rituaes, as figuras de bronze, os vasos e as armas, que têm sido desenterrados, vê-se que a Alésia era um centro importante de civilisação desde a primeira idade do ferro e que essa civilisação não lhe foi trazida do Meio-Dia, pelo valle do Rheno, mas sim transmittida por immigrações de tribus vindas do Este. Disso são provas os signaes dos ritos religiosos, figuras e vasos achados no seu solo, em tudo semelhantes aos das antigas povoações do valle do Danubio. Deste modo se reconstitue a historia da França a antiga Gallia, de ha mais de 2.500 annos.

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

(Continuação da pag. 217)

O estabelecimento de uma officina de calçado foi tambem outro grande auxilio a beneficio da tropa, pois que officiaes e soldados achavam ali esse indispensavel soccorro por modico preço. A estrada de Lages estava melhorando com a collocação das guardas da Boa-Vista e Trombudo, e frequentada pelos lageanos, que abastecendo o mercado da ilha com gados e outros generos, levavam em torno fazendas, sal, etc. Todos os ramos, emfim, da publica administração tinham recebido algum melhoramento no curto espaço de dois annos e meio do seu governo, quando Coimbra é chamado ao Rio de Janeiro em 8 de Julho de 1793, por officio do vice-rei, dirigido directamente a elle e á Camara da capital, avisando-a de que vinha interinamente governar a capitania o tenente-coronel João Alberto de Miranda Ribeiro. Em companhia deste veio tambem o ouvidor da comarca do Rio de Janeiro, José Antonio Valente, encarregado de devassar os actos de Coimbra, sendo seu accusador, em uma extensissima conta, o celebre provedor da real fazenda João Prestes de Mello.

Até este ponto vimos Coimbra coberto de louros, reputado e apreciado pelos seus superiores; uma nova phase, porém, de desgostos, injustiças e perseguições se descobre daqui em diante, até que o tempo, confundindo seus adversarios, faz apparecer a verdade. Era porém necessario, por assim dizermos, que apparecesse essa desagradavel occurrencia para, sem temor de errarmos, dizer que o quadro da vida do homem notavel por feitos heroicos será sempre imperfeito se não notarmos esses embates da desventura, filhos da inveja, que lhe hão de trazer a perseguição, e é então quando suas virtudes se hão de apresentar mais radiantes.

Era, pois, totalmente impossivel que Coimbra, sendo reformador e creador, escapasse á sorte porque passam todos os homens de genio em circumstancias identicas: tinha inimigos, por que homens ha d'espírito tão apoucado que nem um momento de repouso querem sacrificar em beneficio do publico, e outros tão pouco illustrados que nem comprehendem que o seu proprio bem depende das reformas em que leva a mira o homem de genio, e menos tem virtude bastante para se não tornarem inimigos daquella autoridade, que com razão os admoesta de sua negligencia.

Em todos os regimentos ha bons e máos officiaes, ignorantes e illustrados; porém quanto honroso não é á memoria de Coimbra que a nata dos officiaes, isto é, os mais habeis e honrados, fossem seus amigos!

Tinha inimigos em Santa Catharina, repetimos; e no Rio de Janeiro invejosos da sua gloria, e por sua desgraça era brasileiro e vivia numa época em que os portuguezes só julgavam dignos de apreço os seus conterraneos. Como poderiam, pois, vê-lo governador de uma capitania, quando até então só os portuguezes eram contemplados para esse emprego!

Indisposto que o tivessem seus inimigos com o vice-rei, arvoraram de seu accusador esse miseravel João Prestes de Mello, que sendo, havia dous annos, um simples amanuense da junta da fazenda do Rio de Janeiro, achava-se então occupando em Santa Catharina o cargo de provedor da real fazenda, homem de baixo nascimento, ignorante, e sem merito algum, mas que podia desempenhar a farça de um acrisolado amor pelos interesses da fazenda, homem, enfim, proprio para servir de instrumento de alheias paixões para derribar Coimbra.

Resoluto o vice-rei, como adiante se verá, a consumir essa obra de iniquidade, não nos devemos admirar que a sua eleição de ministro devassante recahisse no ouvidor José Antonio Valente, o opprobrio da magistratura, e o mais proprio para satisfazer e agradar esse maniaco e despotico conde de Rezende, então vice-rei do Estado, que envidando todos os meios para levar a effeito seus negros planos, chegou ao ponto de mandar espalhar em Santa Catharina as informações originaes de conductas dos officiaes do regimento e fortalezas, dadas por Coimbra (assumpto sempre de grande segredo), para ter por seus inimigos aquelles que contemplados nellas, foram menos favorecidos em taes informações. Ainda hoje se veem algumas dessas informações de conducta em mãos particulares.

Chegado que fosse á Santa Catharina aquelle ministro, abre essa devassa monstro em 23 de Julho de 1793, e a arbitrariedade dos primeiros actos indicaram logo as injustiças e despotismos que ia commetter com o maior escandalo e infração das leis. Os bens de Coimbra são logo sequestrados; seus amigos, seus filhos (neste numero entrou um de menor idade) e seu genro, o tenente-coronel José da Gama Lobo Coelho d'Eça, encarcerados nas prisões das fortalezas e incommunicaveis por mais de um anno.

(*Continúa*)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

Notas Historicas

(Continuação da pag. 209)

16ª LEGISLATURA 1876 - 1877 (2 cadeiras)

(Lei do terço, ou representação das minorias — Systema indirecto, Lei nº 2675 de 20 de Outubro de 1875)

27 — Conselheiro Francisco Carlos da Luz.

28 — Capitão de Fragata Thomaz Pedro de Bittencourt Cottrim.

17ª LEGISLATURA 1878 - 1881 (2 cadeiras)

20 — Conselheiro João Silveira de Souza.

30 — Conselheiro João de Souza Mello e Alvim.

18ª LEGISLATURA 1882 - 1884

Eleição directa—31 de Outubro de 1881—Districtos de um só deputado — Lei nº 3099 de 9 de Janeiro de 1881 — 18 municipios e 38 parochias, 1º Districto — Desterro.

11 MUNICIPIOS E 21 PAROCHIAS (1º Escrutinio) 1156 eleitores

Dr. Alfredo Escragnolle Taunay, bacharel em mathematicas, 506 votos.

Dr. Olympio Adolpho de Souza Pitanga, bacharel em direito, 434 votos.

Dr. Pedro Betim Pais Leme, engenheiro civil, 134 votos.

Dr. Sebastião Antonio Rodrigues Braga, engenheiro civil, 75 votos.

Dr. Duarte Paranhos Schutel, medico, 5 votos.

Conselheiro João Silveira de Souza, 2 votos.

Não tendo nenhum dos candidatos desputantes obtido maioria absoluta de votos, entraram os dois primeiros mais votados a segundo escrutinio, o qual procedeu-se a 9 de Dezembro de 1881, cujo resultado foi o seguinte: 2º Escrutínios, 1283 eleitores:

31 — Dr. Alfredo Escragnolle Taunay, eleito, 648 votos.

Contendor, Dr. Olympio Adolpho de Souza Pitanga, 632 votos.

(*Contínua*)

Rodolpho Baptista de Araujo

RECEITAS E CONSELHOS

BETUME PARA LOUÇA E VIDRO

Mistura-se um litro de leite com igual porção de vinagre; coase para separar os coagulos do leite; juntam-se ao leite 5 claras de ovos bem batidas, e por fim cal viva peneirada, e forma-se uma massa que, depois de secca, serve para os uzos indicados.

BETUME PARA UNIR PORCELANA, LOUÇA VIDRADA, ETC.

Tira-se a nata a 250 grammas de leite, lava-se até que a agua saia limpida, espreme-se para lhe tirar a agua, e mistura-se com 6 claras de ovo. Pizam-se á parte 15 dentes de alho, para lhes extrahir o summo, que se junta ás duas primeiras substancias, e tritura-se então tudo num almofariz, juntando pouco a pouco cal viva em pó finissimo até formar uma massa secca e bem liza. Quando é precisa esta massa, mõe-se um bocado com agua, e põe-se nos fragmentos ou nas fendas da louça, etc., apertam-se com cuidado os objectos assim unidos, e deixam-se seccar á sombra. Este cimento, depois de bem secco, resiste ao fogo e á agua fervente.

MOSQUITOS

MEIO DE OS AFUGENTAR

Os vapores de camphora afugentam os mosquitos; é portanto conveniente pôr um pedaço de camphora numa caixa, e depois collocar-a sobre a luz de uma vela, tendo cuidado em que a camphora não arda

NODOAS DE AZEITE E DE OUTROS OLEOS

Cobrem-se com gemma de ovo e depois com um panno de linho fino humedecido com agua a ferver, esfregam-se duas ou tres vezes, levanta-se então o panno, que terá attrahido a nodoa e a gemma do ovo, lava-se a fazenda com agua quente e deixa-se seccar.

NODOAS DE CAFÉ

Tiram-se facilmente estas nodoas nas fazendas brancas lavando-as primeiro com agua pura e depois com agua de sabão.

Este processo é sufficiente para a maior parte das fazendas de côr; mas como ha cores que podem estar alteradas, é melhor, neste caso, diluir uma gemma de ovo cru em pequena quantidade de agua quente, e lavar a nodoa com esta mistura.

Se as nodoas forem antigas, juntem-se á mesma agua com gemma de ovo algumas gottas de espirito de vinho.

NODOAS DE GORDURA EM SEDA, LÃ E LINHO

Misturam-se 12 gottas de essencia de therebentina e igual porção de alcool com cré, até formarem massa, com a qual se esfrega a nodoa em secco, ou humedecida com agua.

A alma do outro mundo

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

Luiz Guimarães Junior

(Continuação da pag. 223)

Adriano Carvalho conduziu Rosinha a uma parte mais isolada do terraço, e ali ficaram ambos por alguns momentos a contemplar as irradiações da noite.

Adriano sentia-se fascinado. O poder daquela ingenua formosura, meio selvagem e meio civilizada, saqueava-o por todos os lados.

Onde estava o «dandy» dos salões, o elegante dos passeios, o «tourista» corajoso e insaciavel! Chegára a sua vez de comprehender o symbolo de Hercules aos pés tentadores de Omphalta.

A noite entornava entre ambos o seu thesouro de harmonias, de provocações, de delirios magos e insensatos. Ouvia-se perto do terraço suspirar a agua do repucho, e na escuridão das moitas os grillos chilreavam monotonos e tristes. Rosinha lembrou-se do Jordão, do seu pae, do seu quartinho alvo e pobre, de suas camaras da margem do rio, e debruçando-se no paredão, embebeu os olhos aclarados pela lua no mysterio que cercava os tranquilllos arvoredos.

— Que bella noite! dizia Adriano com a voz lenta e inspirada. Noite de poesia! noite de amor! noite da mocidade! Dir-se-ia que as almas dos que amaram em vida transformam-se em raios de estrellas e raios de lua, para ensinarem aos que vivem o sagrado romance do amor!

Rosinha pendeu para o lado de Adriano Carvalho o ouvido attencioso e começou a embalançar-se, como uma garça, nas vagas melodiosas das palavras d'elle. O moço proseguiu:

— Não sei se todos sentem o que eu sinto nestas noites tranquilllas e luminosas. A noite é para mim um livro encantado, onde minha alma aprende a ler os mysterios do mundo desconhecido. Que voz humana reproduz os sons magoados do vento nas ramas espalmadas do arvoredos? E o murmurio da agua? Não se assemelha ao rumor indizivel de palavras celestes, que nos convidam a amar e crêr na ventura, embora fugitiva, da existencia?

Os olhos de Rosinha banharam-se em clarões ideaes; todo o seu ser tremia subjogado por um peso doloroso e doce ao mesmo

tempo. A lua derramava ondas de leite e de luz no regaço da noite amorosa.

Resoou no salão da festa o clamor apaixonado de uma valsa.

Rosinha ergueu a fronte, como se fôra livre de um pesadello cruel. Estava pallida, e de sua pupilla negra jorravam deslumbrantes raios.

— Não valsa? perguntou ella a Adriano.

— Impacienta-a a minha companhia?

— Oh! não! não é por isso!

— Gosta da valsa?

— Eu? muito; mas não sei valsar.

— Impossivel!

— Pergunte á minha madrinha. Se o senhor soubesse o que eu senti, assim que ouvi tocar aquella musica, ainda agora!

— Diga-me!

— Nem eu sei explicar a mim mesmo! Parece que criei outra vida, e ao mesmo tempo a morte agarrou em minhas mãos. Veja.

Adriano Carvalho escondeu entre as suas a mãosinha da menina, palpitante e fria como o gelo.

— Que bonita noite! acrescentou ella, afastando as mãos e voltando-se para o céu.

— Noite para o amor!

— Noite para a saudade!

— Tem saudades?

— Que quer que lhe responda, Deus de misericordia, se eu mesma pergunto ao meu coração o que isto é!

E occultou o rosto na seda entreaberta do leque.

A millionaria entrou no terraço nesse momento.

Rosinha mudou bruscamente de posição, sentindo no hombro a mão de sua madrinha.

— Que tens, Rosinha?

— Dores de cabeça, minha madrinha. Mas isto passa!

E estremeceu, recebendo o choque electrico da vista de Adriano Carvalho.

— Venham para a sala. Não tarda a ser servido o chá.

Adriano disse á Rosinha perto da sala:

— Volta amanhã para o Jordão?

— Volto.

— De manhã ou de tarde?

A dona da casa acudiu a estas últimas palavras:

— Que é lá isso, minha rica? Amanhã passamos juntas o dia em Cachangá!

Adriano teve um lampejo de alegria.

— E papae, minha madrinha?

— Pois eu não o preveni? Só no trem das oito horas, depois de amanhã, é que partes. Irei contigo.

Durante o resto da noite Rosinha não dansou mais uma quadrilha. Adriano Carvalhal imitou-a, apesar dos rogos e das maliciosas ameaças da tia.

No dia seguinte, em Cachangá, correu tudo ás mil maravilhas. Rosinha, porém, conservou-se triste, sem saber por que, triste como se o lucto houvesse invadido os limpídos dominios de sua alma.

A madrinha indagou curiosa da causa daquella tristeza.

A menina sorriu melancolicamente, e respondeu ao acaso:

— Lembranças do Jordão!

A noite, igual a da vespera, desceu cheia de aromas, de estrellas e de encantadores mysterios.

Adriano Carvalhal perguntou-lhe se estava arrependida de ter vindo ao Recife.

— Estou.

O moço contemplou-a surprehendido.

— A sua historia de hontem me fez mal. A historia das almas que voltam para ensinar a gente a amar e a crêr na felicidade!

Quando Rosinha chegou ao Jordão José Paz já ardia de impaciencia. Recebeu a commadre e a filha com ar carrancudo e porte brutal.

— Aqui lh'a trago. Fez um figurão!

— Faço idéa!

— Dansámos toda a noite!

— Pois tu tambem dansaste?!

— Uma quadrilha só, meu pae, para fazer a vontade á minha madrinha.

A fronte de José Paz desenrugou-se um pouco, e das narinas empoladas sahiu-lhe a respiração offegante e larga.

A' tarde a millionaria despediu-se da afilhada e do compadre:

— Adeus, Rosinha. Adeus compadre!

— Até, comadre, até!

— Até breve, se Deus quizer!

— Com a ajuda de Maria Santissima!

Quando o comboio partiu era Ave-Maria. O céu argenteava-se aos primeiros clarões da lua.

Rosinha estava pensativa e muda. José Paz olhou-a entre as duas pupillas, e:

— Tiveste uma saudadesinha do teu velho, lá naquellas festanças da cidade, minha filha?

Rosinha abriu-lhe os braços, e atirou-se-lhe ao peito, chorando convulsivamente.

José Paz, admirado, levantou a cabeça da filha e quiz certificar-se de que realmente eram lagrimas que lhe banhavam o rosto:

— Mas tu nunca choraste assim, menina! Que diabo de feitiço é este?!

Os soluços e as lagrimas redobraram de intensidade. José Paz carregou o sobr'olho e dirigindo os olhos para as bandas do Recife:

— Ah! senhora comadre! disse elle consigo; parece-me que você já está começando a perder a pequena!

IV

A alma de Rosinha sobressaltou-se dahi por diante, mais de uma vez, com a lembrança da noite da festa. Os rumores da musica, o cheiro das flores e o cheiro das cambraias roçantes, o fulgor vertiginoso das luzes, todo o romance provocador do baile e dos salões, abria-se de par em par ante os olhos estaticos do seu coração virginal.

No recatado socego do humilde quarto do Jordão ella procurava debalde suffocar os gritos da recordação pungente e deliciosa que a atormentava sem cessar. Era uma lucta tremenda, e n'que o seu espirito estorcia-se offegante.

Os luminosos phantasmas daquella noite do delirio e do prazer vinham reclamar á cabeceira da menina uma lagrima e um sorriso de sincera reminiscencia.

Ella abria a janella da alcova, debruçava-se febril, como se quizesse atirar-se á estrada deserta, e embebia os olhos abrazados nos nevoeiros exparsos:

— Meu Deus! exclamava, unindo ao seio as mãos palpitantes: isto não se acabará nunca?

José Paz recebeu em sua alma, como um choque immediato, a melancolia da filha. Ficou sombrio, mudo, intratavel, elle que era a tagarellice em carne e osso!

Foi aos Prazeres, onde tinha negocio a tratar, e quando passava em frente á capella, viu no adro o vigario da freguezia.

José Paz cortejou-o humildemente.

— Por aqui, Sr. José? Isto é volta de negocio, hein?

— E' verdade, Sr. vigario. Venho fallar com o Manoel do O a respeito de umas taboas de pinho que me encommendaram dos Duros.

(*Continúa*)

Luiz Guimarães Junior

NOTAS

Brazileiros illustres

As quatro individualidades distinctissimas cujas vidas se extinguiram no transcurso de Fevereiro — Marquez de Paranaguá, Conselheiro Leoncio de Carvalho, Barão do Rio Branco e Visconde de Ouro Preto — disse-o toda a imprensa e o sabe o paiz inteiro — foram modelos de virtudes civicas, em devotamento continuo aos interesses geraes do paiz.

O primeiro, no scenario da vida politica do Imperio figurou como estadista de plana superior, na época aurea da nossa historia, em que floresceram as capacidades extraordinarias que se chamaram Marquez do Paraná, Nabuco de Araujo, Marquez de Olinda, Souza Franco, Zacharias, Visconde do Rio Branco, etc.; e na Republica, comquanto affastado das agitações politicas, continuou, até succumbir aos 91 annos de idade, a prestar o concurso da sua competencia a várias obras de proveito nacional.

O segundo, se com outros serviços não houvesse concorrido para a grandeza da nossa patria, bastavam, para o sagrarem um benemerito, os seus inestimaveis trabalhos, nos dois regimens, (especialmente a Lei de 19 de Abril de 1878, obra sua, quando ministro) em prol da mais importante das questões internas: a diffusão do ensino intellectual.

O terceiro — dil-o o consenso unanime da nação — é a primeira figura dos grandes homens que, por feitos extraordinarios — se evidenciaram no periodo republicano como estadistas consummados. Seus serviços dirimindo, na esphera serena do direito, as nossas velhas controversias internacionaes de limites; dilatando o immenso territorio patrio por composições felicissimas; assegurando a paz do continente sul-americano, ha quasi um decennio, por meio da sua acção diplomatica sagacissima e sábia — o tornaram idolatrado pelos seus compatriotas e admirado com respeito pelas nações que comnosco se relacionam. Comquanto substituido por um espirito equilibrado, calmo, intelligente e culto, como o é o do illustre catharinense Sr. Dr. Lauro Müller, em cuja envergadura de estadista a nação inteira confia tranquillamente, a morte do Barão do Rio Branco é, com justa razão, considerada uma calamidade nacional.

O ultimo é um dos vultos collossaes da nossa historia politica e social. A sua longa trajetoria terrena — sempre recta e bemerita no trabalho incessante da politica, da administração, do jornalismo, da advocacia, constitue uma rara documentação do grau elevadissimo a que pode attingir a moral humana, considerada na sua accepção generica. No meio da bancarrota de character que vem caracterisando estes ultimos decennios, a sua figura olympica conservou-se severamente intangivel, servindo sempre á causa da civilisação, do direito, da grandeza da patria. Espiritos desse quilate glorificam o meio em que se produziram e honram a especie humana.

Henrique Boiteux

O nosso illustre conterraneo e collaborador Sr. capitão de fragata Henrique Boiteux deixou o commando do cruzador *Tymbira* e acaba de ser nomeado director da Bibliotheca e Museu de Marinha, em substituição ao almirante reformado Sr. Candido dos Santos Lara.

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos penhorados:

A Pedagogia da Vontade, discurso proferido pelo Exmo. Sr. D. João Becker, Bispo de Florianopolis, aos bachareis do Gymnasio Santa Catharina, a 13 de Dezembro de 1911. E' mais um notavel attestado da intelligencia, da erudição e do largo descortino de vistas do emerito principe da Egreja, essa pequenina producção, elaborada em linguagem tersa e elegante, para incutir no espirito da mocidade estudiosa a idéa da educação da vontade pela acção do pensamento. Grande prazer nos proporcionou a leitura do excellente livrinho e muito penhorado ficamos pelas palavras gentis que precederam á offerta.

— *Contribuição ao estudo da pathogenia dos ruidos musicaes do coração* — these apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e defendida em 22 de Dezembro do anno findo pelo joven catharinense Dr. Elyseu Guilherme da Silva Junior. Este nosso distincto co-estadoano tem-se revelado uma intelligencia apreciavel no estudo da sciencia medica, merecendo sempre o applauso insuspeito e honrosissimo dos seus mestres. A these a que nos referimos e que não é, aliás, o seu primeiro trabalho publicado, trata com muita proficiencia, no dizer dos competentes, do difficilimo ponto que lhe coube defender, e a prova do seu valor excepcional está na nota de *distincção* com que foi approvada.

— Circular da sympathica e valiosa associação de Florianopolis — *Liga Operaria Beneficiente de Santa Catharina*, communicando a posse, em 1.º de Fevereiro, da nova Directoria. E' seu presidente o rosso distincto conterraneo Sr. João de Bittencourt Machado; vice-presidente Vidal J. O. Dutra; 1.º secretario Pedro Evaristo Dias; 2.º secretario Jesé Maria Taboas e thesoureiro Carlos Kersten.

Victal Baptista de Araujo

Deste distincto lagunense, que ha longos annos reside no Matto Grosso, onde occupa posição social e politica elevada, tivemos a honra de receber um amavel cartão de cumprimentos — revelação da sua nimia gentileza e extremado amor á terra em que nasceu.

Livraria Editora --- de Jacintho Silva

7, RUA RODRIGO SILVA : ENTRE AS DE S. JOSÉ E ASSEMBLÉA

RIO DE JANEIRO

Esta importante livraria é agente da *Revista Catharinense*, na Capital Federal, encarregando-se da venda avulsa e recebimento de assignaturas e annuncios.



EM AGRADECIMENTO

Como manifestação do nosso muito reconhecimento ás maneiras gentis pelas quaes o distinctissimo co-estadano Sr. Dr. José Arthur Boiteux nos anima a proseguir na publicação da *Revista Catharinense*, para cuja prosperidade já tem, aliás, o illustre patricio envidado varios elementos efficazes, transcrevemos do brilhante collega *Folha do Commercio*, de Florianopolis, a *Carta Bilhete* de 29 de Janeiro.

CARTA BILHETE

Rio, 29 de Janeiro de 1912.

E' a *Revista Catharinense*, que mensalmente se publica na cidade da Laguna sob a intelligente direcção do conceituado advogado e distincto jornalista José Johanny, uma publicação que deve ser encontrada na meza de estudos de quantos se interessam pelas cousas do nosso Estado.

Escasso no Brazil é o numero de publicações congeneres e nenhuma das que conheço leva vantagem á que o nosso conterraneo teve a temeridade de lançar ao publico.

Numerosos são os documentos que, por esparsos, não se aproveitam devidamente, e a esmo se encontram povoando os velhos archivos das nossas mais antigas municipalidades.

Que excellente oportunidade para serem elles impressos nas paginas da *Revista Catharinense*, mediante combinado auxilio das mesmas corporações...

Os que conhecem os «Documentos Interessantes», valiosa collecção do Archivo de S. Paulo, bem podem avaliar da importancia de uma medida que só vantagens encerra, e isso sem grande dispendio para os cofres das municipalidades, que muitas vezes em foguetorios para recepções de caciques mais ou menos empennachados, ou em auxilios a empreitadas eleitoraes, deixam correr das suas arcas pingues sommas.

No emtanto, depressa queimam-se os foguetes e outras peças pyrotechnicas, em breve tempo se apaga o vestigio do trabalho do galopim eleitoral, ao passo que o documento extrahido do pó dos archivos se transforma muita vez em clamyde victoriosa, como já temos o exemplo na nossa questão de limites...

Desde que iniciei a remessa destas «Cartas-Bilhete» que me impuz a obrigação de escrever algumas linhas sobre a excellente *Revista Catharinense*. Sinto-me devéras satisfeito por tel-o feito, apesar de não fazel-o como desejo, mas tão sómente como posso.

— J. B.



Hymno Catharinense

*Composto em 1834 por ocasião do anniversario da Independencia. Lettra
do conselheiro Jeronymo Francisco
Coelho e musica de João Francisco de Souza Coutinho.*



Da Patria a Grei
Tenha união;
Triumphe a lei
— Viva a nação!

Em outros tempos soffreu
A nação velhos abusos;
Agora tem livres usos,
Impera a Lei da Rasão.

Se a Nação, tresentos annos
Deu á Lysia obediencia,
Hoje goza Independencia,
Liberal Constituição.

Ao brado da Independencia,
Ao grito que o Brazil deu,
O velho mundo tremeu,
O novo mundo teve um irmão.

Desde então em nossas plagas
Divisou o mundo inteiro
No Pavilhão Brasileiro
Da Liberdade o Pendão.

Já no solo Americano
O Brazil independente
Em paz desfructa contente
A mais feliz condição.

Nosso genio, nosso clima,
Os nossos costumes puros,
Nos annunciam futuros
Da mais longa duração.

Os luminosos preceitos
Da Justiça e da Igualdade,
Nos campos da Liberdade
Ha muito brotando vão.

Santo amor da Liberdade
Com tanta força vigóra
Que em nossa terra já agora
O ser livre é precisão.

Em nossos lares patricios
A' Patria cultos levemos,
A Ella todos juremos,
Respeito, amor, adhesão.

“Emquanto, ó Patria, correr
“Nosso sangue pelas vèias
“De ferreas, tôrpes cadeias
“Teus pulsos livres serão.

“Pela tua integridade,
“Por teus sagrados direitos,
“Os teus filhos de seus peitos
“Fortes muralhas farão.

“Inda quando os tempos mudem,
“Terás sempre um povo forte,
“A affrontar por ti a morte
“Em qualquer occasiào

“Tu verás um povo livre
“Quando a patria carecer,
“Todo o seu sangue verter
“Por tua conservação.

“Se, porém, quizer o Fado
“De teus filhos a derrota,
“De sangue a ultima gotta
“Contentes derramar farão.

“Inda assim, patria adorada,
“Aos teus gritos, aos teus ais,
“Os manes dos Liberaes
“Dos sepulchros surgirão.

“Quando emfim não existir
“Quem mais te sirva de escudo
“Finde a patria, acabe tudo,
“Não se soffra a escravidão !”

RUINAS

EM

Santa Catharina e Paraná

A descoberta de ruínas de um castello antiquissimo, construído de pedra de cantaria e cimento, junto do rio do *Cobre*, affluente do Piquiry, a 14 kilometros da cidade de Guarapuava, no Paraná, vem trazer bastante luz e explicar talvez a existencia de uma estrada carroçavel que em tempos idos cortou, de oeste para leste, o nosso actual Estado de Santa Catharina, estrada essa que ao chegar pouco aquem da serra da Fartura bifurcava-se em direcção á ex-colonia militar do Chopim e buscava para NE os campos de Guarapuava, no Paraná.

A referida estrada, cujos notaveis vestigios ainda hoje se encontram, era admiravelmente traçada, no dizer do inesquecível e illustrado Barão de Capanema, que della deu detalhada noticia, quando em commissão de demarcação de limites com a Republica Argentina; e attesta que a região mesopotamica catharinense comprehendida pelo Pepery-guassú e Santo Antonio a oeste, Chopim e Chapecó a leste, Iguassú ao norte e Uruguay ao sul era frequentada e conhecida, portanto.

Seria esta via de communicacão uma d'aquellas que os antigos peruanos estabeleceram em seus dominios e de que se aproveitaram os hespanhoes para tão facilmente conquistar o imperio dos Incas?

Não nos falla Francisco Xerez, na sua *Relação veridica da conquista do Perú e da provincia de Cuzco*, publicada em 1547, da estrada que atravessava Caxas e Guacamba, indo de Cuzco a Quito, distantes entre si mais de 300 leguas? Era um caminho plano e na montanha tão bem estabelecido e tão largo, que podiam caminhar de frente seis cavalleiros e ao longo d'elle corria a agua em canaes conduzida de longe, para se desalterar os viajantes, e em cada distancia de um dia de marcha existia uma casa para descanso dos mesmos.

A mysteriosa estrada de que tratamos passa pelo divisor das aguas, partindo do rio Paraná, patenteando-se por uma larga cava em uma coxilha chamada Dous Irmãos, proxima á campina do Americo; mais adiante, nas proximidades do rio Tracutinga, novamente se

encontram vestígios da mesma em diversos logares, com declives muito suaves, parecendo ter servido para transito de carretas. No campo Erê, sempre no dizer do Dr. Capanema, pôde-se acompanhar esta estrada, que ainda se acha bem conservada, sobretudo na entrada dos Muros, onde ella atravessa um banhado com um aterrado; vê-se ao lado a excavação de onde foi tirada a terra necessaria.

Mais para léste, aquem da serra de Sant' Anna, depara-se novamente com esta mesma estrada entrando na matta virgem, e em cujo leito crescem grossas arvores: nas margens do rio Sant' Anna reconhece-se o logar que era atravessado pela dita estrada.

Mais para léste, cerca de tres kilometros da fralda occidental da serra da Fatura, vê-se muito distinctamente, no terreiro de uma fazenda, a bifurcação desta antiga estrada, seguindo um ramo em direcção á colonia militar do Chopim, buscando, como dissémos, para NE os campos de Guarapuava, em direcção, portanto, das ruinas agora encontradas; o outro ramo segue para SE, em busca dos campos de Palmas, de onde, pelos campos de S. João, poderia ir ás minas do Tayó, nas visinhanças das quaes, ha poucos annos passados, tambem foi notificada a existencia de ruinas.

Refere ainda o Dr. Capanema que em todo o percurso desta estrada o que se encontra de mais notavel é um acampamento entrincheirado em um ponto estrategico admiravelmente escolhido, conhecido pelo nome de *Muros*. E' uma construcção collocada no ponto mais exposto á aggressão, pois fica proximo ao primeiro grande salto do Chapecó, até onde sóbe o peixe do Uruguay, e existem ainda os pesqueiros dos indios, os quaes encontrando abundancia de alimentos, ali de preferencia se agglomerariam; e ainda em não remota data, nas immediações do rio Saudade, havia numerosos toldos de corôados, que foram expulsos pelo seu director, sob pretexto de que lhe pertenciam aquellas terras.

Estes Muros são um cone truncado cuja parte superior é formada por uma plataforma horisontal com 36 metros de diametro, em que crescem velhos pinheiros. O talude tem a altura de cerca de tres metros, acha-se no cimo de uma collina que descamba para todos os lados, e era cercado por uma especie de trincheira circular com 340 metros de diametro. O ponto é elevado e podia corresponder-se por signaes com a serra da Fatura, com as montanhas que cercam a colonia militar do Xanxeré e até á serra do Gregorio, na estrada que se dirige a Nonohay, no Rio Grande do Sul.

Das excavações a que mandou proceder o Dr. Capanema, concluiu elle que estes *Muros* tinham sido um acampamento circular rodeado por uma taipa formada de dupla estacada, cheia de terra ou um para-peito só de terra. Dentro da taipa havia armazens e ran-

chos de palha, que foram queimados, e naturalmente a estacada interior ardeu conjunctamente, o que deu logar a desmoronamento successivo do enchimento de terra que, levada pelos chuvas, se foi acamando. Mais tarde, apodrecendo a estacada exterior, formou-se a rampa.

Talvez para oêste desta fortificação existissem as roças, a provavel origem do campo Erê, que se estende d'ahi até ao rio Capitinga, o que parece certo, pois refere o Dr. Capanema que lhe disseram existir na mesma direcção uma outra fortificação menor e que na margem opposta do Paraná, em territorio paraguayo, pouco acima do ponto de onde devia partir a antiga estrada, se encontra semelhante fortificação, mas muito desfigurada pelas escavações feitas em cata de thesouros.

Referem ainda que perto de Curityba ha tambem um entrincheiramento circular. Parece denotar isto a existencia de uma linha com pontos de abrigo ou defesa, ou mesmo estações de abastecimento para os que transitavam desde o Paraguay até Santa Catharina.

As seguras informações que nos dá Luiz Rodrigues de Acunã sobre a expedição que em 1508 foi ao Perú e as que referem Diogo Garcia e Ramirez, repetindo o que ouviram dos castelhanos que ficaram dos navios de Solis, em Santa Catharina, no anno de 1515, os quaes fallaram da « grande riqueza da terra e como junto á dita serra havia um rei branco que trazia bons vestidos, como nós outros, se determinaram a ir até lá...; » tudo demonstra que existio um systema de viação em época remota, que partia do Perú e vinha talvez ao Atlantico.

Por essa estrada, pensamos, desceram os habitantes que foram encontrados no littoral catharinense e appellidados *carijós*, que na propria linguagem quer dizer misturados, ou mestiços.

São concordes os navegantes que aportaram á Santa Catharina em affirmar que elles eram docéis, communicativos, industriosos, dados á agricultura, de uzos e costumes bem differentes de outras tribus, o que é uma prova bastante de que pertenciam á outra raça.

A descripção que d'elles nos faz Benot de Paulmier, que no navio *Espoir* esteve dous mezes em S. Francisco no anno de 1504, e que no seu regresso para França levou o indio Essomeric, filho do cacique Arosca, bem demonstra que pelos seus adornos e modo de vestir, de construir suas casas e certas commodidades, que elles não eram oriundos da gente da terra.

Quem nos dirá que não seriam povos oriundos do Perú, acosados pelos inimigos ali estabelecidos?

Tudo nos faz suppôr que os *carijós*, devido ao estabelecimen-

to no interior de outras tribus, guerreiras e ferozes, deslocadas de suas terras para o sul, pelo povoamento de S. Paulo, ficassem interceptados nas suas communicações primitivas com o centro e d'ahi o abandono d'aquella estrada.

Isso explica, na nossa opinião, a razão de não se ter aproveitado d'ella Alvaro Nunez Cabeça de Vacca, quando em 1541 en-cetou pelas cabeceiras do Itapocú a travessia para Assumpção, descrevendo enorme curva, apesar de ter para guias carijós e os padres Bernardo de Armenta e Alonso Lebron, que viviam em Santa Catharina. Tão pouco della se servio D. Hernando Trejo em 1554, depois de abandonar, acossado pela fome, a povoação que, dous annos antes fundara em S. Francisco; preferio elle seguir a trilha do seu antecessor.

As ruinas agora encontradas no rio do Cobre vêm fortalecer a idéa de ter sido obra dos Incas a construcção desta estrada, porque unicamente elles empregavam na construcção de seus edificios a pedra talhada, de comprimento e largura de cinco a seis pés e tão bem unidas que não se via o ponto de junção.

Que por todos os titulos, mais tarde, os jesuitas do Paraguay e das Missões se aproveitassem da estrada em questão, para exploração de minerios e outros mistéres, é muito aceitavel.

E' de presumir tambem que os bandeirantes paulistas d'ella igualmente se utilisassem desde o anno de 1631.

Rezam as chronicas que os campos dos Ibiturunas, assim denominados os campos de Palmas e os que se estendem ás fronteiras com a Argentina, eram primitivamente habitados pelos indigenas Caeneangs ou Coroados, inimigos irreconciliaveis dos guaranys, que não consentiam na passagem dos jesuitas das Missões para estes lados, facultando-a e auxiliando no entretanto aos paulistas nos seus ataques ás ditas Missões.

Expulsos os jesuitas da provincia de Guayra, foram os bandeirantes, chefiados por Antonio Rapozo Tavares, tendo como tenentes Theodorico de Mello, Antonio Bicudo, Simão Alvares e Manoel Norato, levar seus ataques ás missões a léste de Uruguay, onde desde 1831 tinham começado aquelles a levantar estabelecimentos.

Da região a léste do Pepery, Santo Antonio, Campo Eré até o oéste do Chopim e Chapecó sahio em Março de 1641, pelo Uruguay abaixo, em 300 canoas, a expedição de 400 paulistas e 2700 indios alliados, que foi atacar a missão de Assumpção, fundada em 1630, á margem direita do Uruguay e do Acaraguay e transferida sete annos depois para a bocca do Mbororé, em posição muito mais segura. A este ataque oppuzeram os jesuitas 4.000 guaranys; do combate travado, ambos os partidos se consideraram victoriosos.

O facto, porém, é que, não obstante esse real, ou apparente triumpho, os jesuitas e indios abandonaram esse logar, como já tinham abandonado o de Araraguay.

Nesse mesmo anno os jesuitas das missões entre Paraná e o Uruguay vieram atacar dous fortes occupados pelos paulistas, um no Tabaty e outro no Apetereby, conhecido pelos paulistas por Pepery.

Em 9 de Março de 1652 os paulistas, divididos em dous corpos, atacaram ainda as missões entre os rios Uruguay e Paraná. Ainda nos meados do século XVIII os jesuitas das missões mantinham a oéste do Pepery no Jaboty, ou Pepery-mirim, um posto de observação chamado — Espia — para dar noticias dos movimentos dos paulistas.

Tendo reconquistado os territorios que julgavam pertencer-lhes, trataram logo os paulistas de descobrir e minerar ouro em Minas Geraes e Goyaz; abandonaram essas terras, podendo assim os jesuitas regressar então para as margens do Uruguay.

Serve o que acima fica dito para explicar a existencia do acampamento entrincheirado encontrado e descripto pelo illustre barão de Capanema, e dos demais encontrados no nosso territorio.

H. Boiteux

VOLTA AO PAIZ AZUL

URNAS

A' MÃE

*Fugio? — Espera: vamos ver. — Supporta
A dôr; socega... Mas para onde iria?
Quem, para o firmamento, abriu-lhe a porta?
Quem foi? quem é? — quem, pobre mãe, seria?*

*Tão branca estava!... mas não 'stava morta...
E quando inda cantava, e quando ria,
Subita mão dos laços d'oiro a corta;
Fóge... e a estrella subia... subia... subia...*

*Como está longe!... Agora tu que esperas?
Nossas leivas tão curtas e maninhas;
E que rosaes tem ella nas esphas!*

*Oh! mãe, andam os sóes e as andorinhas
Atraz de azues e atraz de primaveras,
E o eterno azul em flôr no lar não tinhas...*

Luiz Delfino

A THEORIA COSMOGONICA

DO

PROFESSOR SVANTE ARRHENIUS

(Continuação da pag. 246)

Vimos a maneira, para uma nebulosa, de effectuar-se o nascimento pela agglomeração de moléculas gazozas em torno das particulas de poeiras expellidas pela radiação. Mas ha uma outra circumstancia a notar, e é aqui que scintilla o genio de Arrhenius, por que essa segunda maneira demonstra a *ressurreição dos mundos*.

Nossa estrella, nascida, vai evoluir; vai mover-se, resfriar-se. Ella verá morrer, em seu torno, os planetas concomitantes, á medida que seus raios não forem mais assás quentes para lhes fornecer a vida. Ella acabará, portanto, por se recobrir, a seu turno, de uma crosta opaca, apenas fendida, de tempos a tempos, por erupções, devidas á energia concentrada sob sua superficie. E errará nos céos

Assim vagando este systema virá, ou a encontrar uma outra nebulosa, e nesta hypothese seus globos solidos se affastarão immediatamente dos centros de condensação e irão contribuir para a formação de um mundo novo; ou o sol morto chocar-se-á com outro sol morto.

Neste caso, um choque terrivel terá logar. A quantidade de calor resultante da força extraordinaria do embate bastará para volatilizar instantaneamente toda a materia constitutiva desses dois mundos em conflicto. Mas não é tudo. Esses dois mundos, superficialmente extinctos, estão carregados de obuzes, accumulados em seus centros. A violencia do embate, destruindo o involucro, os põe em liberdade, e assim, de um jacto, irrompe todo o calor que elles tinham, no decurso de milhões de séculos, absorvido para se formarem. Consequentemente todos os elementos se desassociam, occorrendo, portanto, essa «desaggregação atomica» que transforma toda a materia existente em seus termos ultimos: o helium e o hydrogenio

Esse choque é geralmente obliquo; deste modo dois jactos gazozos incandescentes se escapam em espiral desse systema: uma nebulosa *espiral*, semelhante a dos «Cães de Caça», forma-se, assim, com um ou mais centros de condensação em sua massa, provenientes dos corpos que se chocaram, agglomerados em primeiro logar. Então, um mundo novo está nascido.

Não é um sonho. Esses phenomenos se produzem no espaço aos nossos olhos. Quando uma estrella nova, uma *nova*, para em-

pregar a linguagem dos astrónomos, apparece no espaço sombrio, como a *nova* Perseo ha alguns annos, evidentemente produzio-se um cataclisma do genero que citamos.

Assim os mundos evoluem, perdendo a materia; assim os astros povoam o espaço de productos de sua desagregação. Esta materia, estes átomos de hélium e de hydrogenio condensam-se sobre os fragmentos de astros extinctos e sobre as poeiras; as nebulosas nascem e transformam-se em estrellas para evoluir, resfriar-se e morrer; enquanto que, no curso de sua evolução, o nascimento dos elementos chimicos, que só se opéra após a formação das estrellas, constituem, simultaneamente, um aperfeiçoamento e uma decadencia, porque marca um passo para o processo final. Mais tarde ainda chega a vida organica, de durabilidade ephemera, si se considera os immensos intervalos de tempo que comporta a evolução de um mundo. Depois o resfriamento final, a morte... e, emfim, a resurreição pela collisão ou pela penetração numa outra nebulosa, feita de átomos procedentes de outros mundos. Assim se concebe o cyclo eterno pelo qual o Universo se renova sem cessar.

Arrhenius não encerra nisso a sua grandiosa concepção. Procura, tambem, mostrar que a vida, igualmente, se renova através o espaço e o tempo e que, tanto como as poeiras cosmicas, os germens vivos podem viajar através o céu e levar a vida de um mundo a outro.

Os germens animados, com effeito, pelo menos os germens « elementares », como certos sporos, têm, pouco mais ou menos, a densidade da agua e um diametro approximado desse diametro « critico », a partir do qual a pressão da radiação, força repulsiva, o expelle sobre a gravitação, força attractiva. Esses sporos, visto sua pequenez, gastam um tempo enorme a cahir através a atmosphaera gazona, porque a resistencia do ar, na queda, é tanto mais pronunciada quanto mais fracas forem as dimensões dos corpos que tombam.

Taes sporos podem ser elevados, por uma corrente de ar ascendente, aos limites da atmosphaera terrestre. Lá elles encontram as poeiras electrizadas, de que fallámos, as quaes os electrizam e os impellem para o céu.

Elles são então apprehendidos pela influencia da pressão da irradiação, que os lança no espaço e os faz viajar. Alguns sporos, mesmo, « unir-se-hão » á particulas de poeiras errantes e, nestas condições, esses sporos, assim transportados, levarão 80 dias para chegar á distancia da orbita do planeta Marte, 4 annos para chegar á de Jupiter, 12 annos á de Neptuno e 21 annos á de Uranio. Para attingirem ao systema mais próximo de nós, o da estrella de Centau-

ro, precisarão de muitos milhares de annos. Acolhidos á particulas de poeiras encontradas na sua trajectoria, e vindo estas a soffrer um pouco mais a força da attração do que a da repulsão, elles poderão penetrar até ao solo de um planeta, uma vez que consigam chegar á sua atmosphaera, e lá cahir muito lentamente, por causa da resistencia deste á sua queda.

Um só germen que chegue assim sobre um astro onde as condições de vida sejam possiveis, para lá terá conduzido a vida. Os seres que nascerem começarão a sua lenta evolução e a vida organica terá tomado posse do planeta.

Mas esses germens supportarão as duras condições da sua viagem transastral?

Elles terão, não o esqueçamos, de supportar temperaturas muito baixas, approximadas do zero absoluto (273 graus abaixo do zero dos nossos thermometros); elles terão de soffrer a acção microbicida das radiações ultra-violetas e a do vácuo.

Resistirão elles a tantas causas de destruição?

A isso a experiencia responde — «sim». D'Arsonval, Mac Faidor, Paul Becquerel têm demonstrado, experimentalmente, que grãos e germens não perdem seu poder germinativo e podem permanecer no vácuo a 200 grãos abaixo de zero, durante dias e mezes, sem perder seu poder.

Quanto aos effeitos de uma iluminação excessiva, respondem as experiencias dos Drs. Roux e Duclaux. Estes dois scientistas conseguiram conservar com vitalidade durante muitos mezes, em espaço sem nenhum ar, diversos sporos de carbunculo, sob a claridade constante de poderosa luz solar, emquanto que expostos ao ar pereceriam em pouco tempo. O vácuo e o frio do espaço inter-sideral são, portanto, causas de perservação. É verdade que Paulo Becquerel obteve a morte rapida de sporos seccos de aspergilos pela acção prolongada dos raios ultra-violetas. Mas é preciso não esquecer que nessas experiencias a origem luminosa ultra-violeta estava, por assim dizer, em contacto com os germens, emquanto que no espaço ella está muito affastada e a intensidade luminosa varia na razão inversa do quadrado das distancias.

A concepção de Arrhenius applica-se, pois, á transmissão da vida; esta vida organica não será, portanto, serião um perpetuo recommecamento, como a vida cosmica dos mundos.

Tal é, reduzida a seus pontos essenciaes, a grandiosa theoria do illustre physico sueco.

Alphonse Berget

(Do *Larousse Mensuel Illustré*, de Paris, Janeiro de 1912.)

REPUBLICA CATHARINENSE

DOCUMENTOS PARA SUA HISTORIA

(Continuação da pag. 233)

Sessão extraordinaria de 9 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR CAPITÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO. — Acharam-se presentes cinco Vereadores, faltando com participação os Vereadores Domingos Custodio de Souza e Antonio Joaquim Teixeira. — Aberta a sessão e lida a acta da antecedente foi seu conteúdo approvado.

O Sr. Presidente pôz em discussão se examinasse as Instrucções dos Paradeiros remettidas a esta Camara pelo Illm. Sr. Coronel David Canabarro, afim de augmentar ou diminuir os estatutos, conforme as circumstancias deste Estado Catharinense; á vista do que, foram os mesmos Senhores Vereadores de unanime parecer que se observasse os mesmos estatutos, menos na parte do artigo unico § 3º, isto é, na parte que trata dos cavallos, que devem conservar os mesmos paradeiros, ficando concedidos tres cavallos aos mesmos, em seu privilegio, para o serviço, e sendo o mesmo Regulamento archivado. Determinaram mais que se officiasse ao Juiz de Paz de Villa Nova e ao desta Villa, pedindo-se a relação nominal dos paradeiros que os mesmos teem nomeado, desta Villa até aos pontos que as Forças Militares Libertadoras têm avançado: assim mais que se remetterssem copias das mesmas instrucções aos mencionados Juizes.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada, e assignaram. Eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi: aa) — *Canto — Andrade — Reis — Silva — Leal.*

Acta da sessão extraordinaria para a eleição de seis membros que hão de compor o Corpo Governativo do Estado Catharinense Republicano Constitucional, Livre e Independente.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e nove, aos dez dias do mez de Agosto do dito anno, nesta Villa de Santo Antonio dos Anjos da Laguna, na Casa da Camara e sala das sessões, aonde se reuniram o Presidente e Vereadores della, abaixo assignados, faltando com participação e causa justa os Vereadores Domingos Custodio de Souza e Antonio Joaquim Teixeira, para effeito de se proceder á nomeação de seis membros que devem compôr provisoriamente o corpo Governativo do Estado Catharinense Republicano, Constitucional, Livre

e independente, para cujo effeito se haviam igualmente reunidos os cidadãos que foram convidados, passaram elles a entregar suas cédulas, que foram recebidas pelo Presidente da Camara, as quaes chegaram ao numero de cento e setenta e uma. Immediatamente passou o dito Presidente, com os mais Vereadores, e com toda a publicidade, á apuração dos votos, sendo escrutadores o secretario della e o Vereador José Prudencio dos Reis, tudo na presença dos mais Vereadores. Achou-se obterem votos os cidadãos seguintes:— Antonio José Machado, cento e vinte e tres; Vicente Francisco de Oliveira, cento e dez; Joaquim José da Costa, cento e quatro; José Pacheco dos Reis, cem; João Antonio de Oliveira Tavares, noventa e um; Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, oitenta e dois; Antonio Claudino de Souza Medeiros, oitenta; Padre João Jacintho de S. Joaquim, setenta e quatro; Bartholomeu Antonio do Canto, quarenta e tres; José Prudencio dos Reis, trinta e cinco; Joaquim de Souza França e Antonio José de Freitas, a vinte e cinco votos; Domingos José da Silva, quinze; Luciano José da Silva, treze; Domingos Custodio de Souza, doze; Manoel Luiz da Silva, onze; Americo Antonio da Costa, dez; José Joaquim Lopes, Francisco Pacheco dos Reis e Jacintho José Ferreira, a sete; Francisco Gonçalves Barreiros e Marcolino S. do Castro Lima, a seis; Antonio A. Ignacio, quatro; Francisco José das Neves, Antonio Francisco, José Francisco Pereira, Manoel Teixeira da Silveira e Miguel Marques Rabello, a tres; Elias José de Souza, Domingos G. da Veiga, Silverio Pereira da Silva e José Gaspar, a dois; Francisco Antonio do Canto, dois; Patricio Manoel de Bittencourt, José Francisco Ferreira, Antonio Francisco Pereira, Manoel Joaquim de Souza, Francisco da Silva Lessa, Marcos José da Silva, João José Nunes, José Garcia, Manoel Francisco de Souza, Brigido José Duarte e Albino José da Rosa, a um. E desta forma se verificou serem os seis mais votados, que devem compor o Conselho Administrativo, os cidadãos seguintes: Antonio José Machado, Vicente Francisco de Oliveira, Joaquim José da Costa, José Francisco dos Reis, João Antonio de Oliveira Tavares, Padre Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro: — aos quaes determinou a mesma Camara que se lhes remetteste seus diplomas com officio competente, para que estejam promptos para a primeira reunião, logo que seja necessario, para darem andamento aos seus trabalhos, para o que serão avizados; e que se emmassassem e enlacrassem todas as listas para serem archivadas com o competente rótulo, em que assignaram.

E assim houveram por concluida a presente sessão e assignaram. E eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi: aa) —

Bartholomeu Antonio do Canto — Floriano José de Andrade — Manoel Luiz da Silva Leal — Luciano José da Silva — José Prudencio dos Reis.

Sessão extraordinaria de 13 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR CAPITÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO. — Acharam-se presentes cinco Vereadores, faltando com causa justa os Vereadores Antonio Joaquim Teixeira e Domingos Custodio de Souza. — Aberta a sessão e lida a acta da antecedente, foi seu conteúdo approvedo.

Foi apresentado um officio do tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes em resposta ao que esta Camara lhe dirigiu em sete do corrente, respeito á remessa do diploma ao tenente-coronel Joaquim Xavier das Neves, o qual foi approvedo.

Officiou-se aos membros do Conselho Governativo, remetendo-se-lhes os diplomas, conforme se havia resolvido na sessão antecedente.

Officiou-se ao Illm. Sr. Coronel David Canabarro remettendo-se a lista dos seis membros eleitos para o Conselho Governativo e seis supplentes, pedindo-se esclarecimento se se deveria tambem avisar ao Capitão Joaquim José da Costa ou ao 1º Supplente, visto aquelle achar-se no Commando da Força da frente: — ponderouse mais ao mesmo a necessidade de nomear-se um encarregado de cobrança das Rendas Nacionaes, visto que por esta falta se estão extraviando. A Camara assignou as Instrucções dos Paradeiros, presentemente estabelecidos, desde o ponto desta Villa até o logar do Siriú, e determinou se os remetterssem aos Juizes de Paz desta Villa e Freguezia de Sant' Anna. Igualmente resolveram se passasse Portaria ao Procurador desta Camara José Francisco Ferreira para dar principio ás cobranças dos redditos desta Camara.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. Eu José Pinto dos Reis, Secretario que a escrevi: aa) — *Canto — Leal — Reis — Andrade — Silva.*

O transatlantico "dernier-cri"

Uma grande companhia de navegação ingleza faz construir um transatlantico á turbinas, que terá 333 metros de comprimento e deslocará 70.000 toneladas. Este gigante dos mares possuirá, não sómente uma sala de bailes, um theatro, um jardim, uma avenida de palmeiras, com cafés e lojas, mas ainda *golf-links*, um "court" de tenis, um campo de cricket, uma piscina, uma sala de cultura physica... e bilhares. Estes serão suspensos *à la cardan*, (systema de articulação mechanica permittindo movimentos em todos os sentidos) o que lhes dará uma estabilidade completa. O novo *steamer* custará 50.000.000 de francos, cerca de 30 mil contos da nossa moeda.

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

(Continuação da pag. 249)

Em crime de lesa-magestade, o proprio marquez de Pombal não procederia com mais rigor!

Durante o curso da devassa, que esteve aberta por mais de um anno, e na qual se inqueriram 700 testemunhas, foi tão grande o escandalo nas ameaças e nas prisões das pessoas que não depunham contra o governador; a gritaria e insultos aos deponentes chegaram a tal ponto, que o proprio governador interino, João Alberto, deu disso conta ao vice-rei, o qual ordenou logo que a devassa se fechasse; o que, com effeito, se executou em 17 de Junho de 1794.

Emquanto a parcialidade do Ouvidor manifestava-se sem reboço algum, a do vice-rei nada tinha a lhe invejar, chegando ao ponto de reprehender o governador João Alberto por ter feito á Coimbra, no seu embarque, as honras que se costumavam fazer aos governadores rendidos, reputando-o já criminoso e banido das honras militares só por que Préstes era seu accusador, de quem recebia novas accusações, julgando falsas as recommendações que a Camara da capital dirigira em favor de Coimbra, repellindo finalmente as demonstrações de dedicação que lhe davam as pessoas distinctas do paiz.

O terror que inspiravam os actos despoticos do vice-rei, as ameaças do Ouvidor devassante, o exterminio dos filhos, genro e amigos de Coimbra, e a prisão de algumas pessoas mais conscienciosas do paiz, tantos actos, emfim, da mais feroz perseguição, não podiam deixar de fazer impressão num povo humilde e tímido, e consequentemente facil era arrancar de alguns individuos um juramento como pretendiam os seus adversarios; ainda assim é para admirar que nem um só artigo contra o sagrado de sua honra seus inimigos conseguissem provar, restando á Coimbra, apenas, o justificar-se do abuso do emprego dos soldados nas obras publicas, se abuso se pôde chamar o exercicio de virtudes, que só revertiam em utilidade da fazenda real e do bem publico, que ainda hoje o desfructa; oppozeram-lhe delongas no processo, não obstante as recommendações da Côrte portugueza, expedidas em avizo de 3 de Novembro de 1798 e carta régia de 28 de Maio de 1790, que deliberando-lhe elogios, ordenavam, a primeira a brevidade na conclusão do processo, e a segunda que se não desse

execução a qualquer sentença que contra elle se proferisse, sem real resolução, e que se fizesse remessa para a Côrte dos respectivos autos sem que delles ficasse traslado no Rio de Janeiro.

Quasi oito annos passou Coimbra naquella capital, soffrendo a cruel situação que acabamos de ver, sendo infructiferos todos os esforços que fazia para dar andamento ao seu processo; mas essa mesma delonga, parece que lhe convinha, porque ainda restava á Coimbra dar uma prova de virtudes que as brilhantes occurrencias de sua carreira lhe não deram logar a patentear. Se na prosperidade o vimos como militar bravo nos combates, modesto e desinteressado depois da victoria, como administrador politico, zeloso e infatigavel no bem publico, na adversidade temos a admirar a sua paciência e a sua magnanimidade. Tranquillo no meio do furacão que ameaçava submergil-o em perpetua desgraça, elle conservou constantemente a serenidade e socego de espirito, filho da pureza da sua consciencia, e sem jamais formar queixas contra seus verdugos; com resignação esperava o exito do seu processo, quando um diploma régio, cheio de honras e de graças, lhe facultava liberdade para comparecer na Côrte de Portugal, cujo soberano, convencido da sua innocencia, mandou expedir ao mesmo tempo ordem ao vice-rei para mandar concluir a importante obra do aquartelamento, objecto principal das accusações, e que todas cahiram por terra quando se notava que com elle sómente se tinha despendido dos cofres da fazenda real a insignificante quantia de 600\$000 réis.

Que confusão para seus inimigos!

Corria o anno de 1801 quando Coimbra chegou á Lisboa, acompanhado do seu processo, sem que ficasse traslado algum no Rio de Janeiro, como expressamente estava determinado; e o mesmo foi comparecer naquella Côrte, que justificar-se plenamente e fazer desaparecer n'um momento esses imaginarios abusos de autoridade de que seus adversarios injustamente o accusaram. D. João IV, então Principe Regente, o recebeu benignamente e lhe distribuiu assignaladas mercês! É logo despachado brigadeiro dos reaes exercitos: concede-lhe uma Tença em favor de suas filhas, em cujo padrão expressamente se declara a sua innocencia «e que com calumnias pretenderam offuscar o credito adquirido com o seu procedimento no real serviço.»

(Continúa)

Manoel Joaquim de Almeida Coelho.

MISCELLANEA

O secretario electrico

Sobre a mesma base em que se funda a transmissão dos sons pelo telephone, a distancias quasi illimitadas, acaba a firma Mix & Genest, em Berlin, de inventar um apparelho que permite, por meio de um lapis ligado a uma corrente electrica, escrever manuscritos, desenhos, etc., directamente, á qualquer distancia.

A manipulação é a mais simples possivel: o correspondente escreve na estação de origem com o lapis sobre papel commercial ou outro qualquer, e na estação receptora apparece em outro papel ligado á corrente electrica a lettra original do expeditor. Não é necessaria a presença de pessoa alguma para a acção receptiva,—pois a escripta realiza-se de modo proprio, mudando o apparelho a folha de papel essim que esta estiver cheia.

As galinhas gostam de vinho

Descobriu-se um meio de fazer augmentar a postura das galinhas: dar-se-lhes vinho a tomar. Eis a noticia dessa recente e interessante experiencia:

M. Joubert, professor de agricultura em Fontaineblau, França, tomou doze galinhas de 6 mezes de idade, e as dividiu em dois lotes de seis.

Cada gallinha do primeiro lote recebeu por dia: pela manhã, 60 grammas de cereaes, ao meio dia 150 grammas de batatas cozidas e á tarde 50 grammas de restos de pão. Verduras em abundancia

As gallinhas do segundo lote receberam a mesma nutrição, com a differença, porém, de ter sido o pão embebido em 10 centilitros de vinho, para cada gallinha, e por dia.

Desta mistura as gallinhas mostraram gostar immensamente.

O primeiro lote, que não teve vinho, forneceu as seguintes quantidades de ovos: outubro, 4 ovos; novembro, 1; dezembro, 0; janeiro, 22.

O segundo lote forneceu: outubro, 28 ovos; novembro, 57; dezembro, 44; janeiro, 46. Um differença, portanto, de 148 ovos, em favor do emprego do vinho na ração das gallinhas.

Com um outro lote de gallinhas da mesma raça, de idade, porém, de 8 mezes, a experiencia em favor do vinho foi de 87 ovos nos 3 mezes de inverno.

Contra o alcoolismo

Uma senhora franceza, amiga da temperança, Madame Day, legou recentemente á Academia de Medicina uma somma de 100.000 francos (60 contos) para ser empregada na criação de dois premios. Um será entregue á pessoa que descobrir um remedio efficaz contra o alcoolismo; o outro á que souber curar a *dipsomania*.

Dipsomania é o nome scientifico da affecção que os populares francezes designam por esta phrase — *Avoir le gosier en pente*. Esta molestia se caracteriza por uma sêde inextinguivel, que somente o vinho e fortes bebidas alcoolicas mitigam momentaneamente.

O Ministro da Instrucção publica da França acaba de auctorizar á Academia de Medicina a acceitar este legado.

O anel do divorcio

Os norte-americanos inventaram o anel do divorcio.

Foi em Chicago, cidade que regista o *record* do divorcio, que as senhoras da alta sociedade conceberam esta nova moda do *divorce-ring*.

Os que, com a separação legal, perderam o anel conjugal, o substituem por um anel collocado no dedo minimo da mão direita, anel que, muitas vezes, não é outro se não o proprio anel nupcial, cortado e adaptado ao seu novo destino.

O *divorce-ring* permite assim, de modo economico, á divorciada, revelar discretamente seu novo estado social. Isso lhe evita, da parte das pessoas que não estão ao corrente do seu divorcio, as perguntas desagradaveis sobre a saude de "seu marido" e outras interrogações embaraçantes.

OS TANGARÁS

PASSAROS DANSARINOS

Ao ler um artigo publicado pelo Sr. Ernesto Niemeyer em um dos numeros da «Neue Deutsche Zeitung», sobre os *Tangarás*, veio-me á mente o que me referio meu pae ha longos annos, ao regressar de uma das suas viagens á capital do nosso Estado, relativamente ao espectáculo que por mais de um hora o embeveceu, ao presenciar nas proximidades dos Morretes — a dança dos tangarás.

Dizia elle que caminhava vagarosamente quando, ao entrar em uma curva que fazia a estrada, ouviu o chilrear de muitos passaros; attrahido pelas suaves modulações, cautelosamente se aproximou e á curta distancia deparou, pouzados em um longo e desfolhado ramo de uma arvore, á beira da estrada, um bando de tangarás. Sabedor de que estes passaros, pela manhã e á tarde, quando reunidos, executam caprichosas dansas, sempre dirigidos por um *maestro*, deixou-se ficar quieto a espera da oportunidade.

Não tardou muito a satisfação de seu immenso desejo de apreciar aquillo que sabia por ouvir dizer, pois a diversão d'aquelles mimosos passaros em breve teve inicio. Dirigidos pelo chefe do bando, o qual, depois de um gorgeio especial e de bater as azas, se foi collocar á direita de seus companheiros, alinharam-se todos, modulando cada um o seu canto; depois d'isto entraram elles, sempre dirigidos pelos trinados do maestro, cada um de per si, da direita para á esquerda a saltar e voltijar, indo pousar em ordem inversa junto ao *maestro*. A cada marca correspondia uma pausa, determinada pelo cessar de bater de azas do mandante, para seguir-se nova, modulada por canto diverso.

Foi para meu pae, dizia elle, um dos espectáculos que mais o maravilharam, pois davam-lhe aquelles passaros dansarinos um exemplo de disciplina e obediencia difíceis de conseguir em agrupamentos humanos.

O artigo a que acima nos referimos é o que se segue, traduzido e publicado no *Anuario do Rio Grande do Sul*, de Graciliano de Azambuja:

«Existe nas mattas virgens que cobrem ainda parte da costa de Santa Catharina um pequeno passaro de côres vivas, tendo na linguagem brasilica o nome de — tangará —.

Os naturalistas deram a este passaro, que se assemelha ao tentilhão, a denominação de *tangare*. O nome scientifico da familia é *Tanagridae*. Ente as especies que habitam o Brazil meridional ha duas que se pôdem enumerar entre os mais bellos passaros: a saber: a *tapiranga* (*Rhamphocelus brasiliensis*), a qual é da côr de san-

gue, tendo as azas e a cauda pretas, e o *tangará lustroso* (*calliste theorica*), que possui uma plumagem esplendida, reluzindo em varias côres.

Os tangarás executam verdadeiras dansas. E' verdade que são muito chucros, e torna-se, pois, difficil observal-os. Só por acaso pôde o caçador ser testemunha de uma dessas dansas. Ha duas especies de dansas, inteiramente differentes. N'uma das dansas acham-se pouzados os tangarás sobre um galho, em numero indeterminado — de quatro a dez. Um delles é o *maestro* e dirige a dansa; acha-se pouzado na ponta da fileira, do lado direito. Elle começa a cantar e depois bate com as azas. Neste momento todos os outros passaros se põem a cantar. O tangará que se acha na ponta do lado esquerdo levanta o vôo por sobre a cabeça dos outros para ir se collocar ao lado do *maestro*. Para esse fim todos os outros abandonam, saltando, seu respectivo posto, para ir occupar o do visinho. Agora o dansarino ao qual tocou o lugar da ponta procede do mesmo modo como seu antecessor, dirigindo-se para o lado do marcador: os outros trocam de logares. Assim segue a diversão até ter tocado a vez a todos os tangarás: então evidentemente finalisa uma marca e faz-se uma pequena pausa.

Ha uma outra maneira de dansar, a qual exige a co-participação de quatro comparsas, de modo a formarem um quadrilatero de 2 a 3 metros de face. O marcador toma posição num galho situado no centro. Desde que elle começa a cantar e a bater com as azas, todos os outros, em numero de quatro, como já ficou dito, erguem o vôo e trocam de lugares, fazendo-o diagonalmente; isto é, por sobre a cabeça do cantor-marcante, que nesta contra-dansa fica privado de dansar e limita-se sómente a bater activamente o compasso com as azas.»

H. Boiteux

O grande canhão da marinha ingleza

O arsenal de Devonport recebeu os primeiros canhões de 13,5 polegadas de que tanto se tem fallado e que são destinados a armar o grande couraçado *Lion*.

E' facil de julgar, pelas cifras abaixo, que esses canhões marcam um progresso consideravel sobre os canhões de 12 polegadas, dos quaes são armados todos os cruzadores e couraçados modernos em serviço.

O pezo de metal que os 10 canhões de 13,5 polegadas do *Lion* representam é de 12.500 libras, emquanto que 10 peças de 12 polegadas representam apenas 8.500 libras.

Desde que o armamento do *Lion* esteja terminado, o Almirantado inglez fará collocar canhões do mesmo calibre sobre os seus couraçados em construção, taes como o *Thunderer*, *Monarch*, *Conqueror*, *Orion*, etc.

Todavia, apezar da potencia desse monstruoso canhão, annuncia-se que para tomar avanço sobre a Allemanha, que faz fabricar actualmente canhões de 14 polegadas para a sua marinha, o Almirantado inglez estuda e ensaia ha algum tempo a construção de um canhão de 15 polegadas.

O QUE DIZ O DOUTOR

Tratamento do gago

A gaguez é, sem contradicção, uma das enfermidades mais aborrecidas e mais prejudiciaes aos que della soffrem, tornando-lhes a existencia penivel e, por vezes, extremamente difficil. Por isso é de admirar que ainda exista um tão grande numero de gagos, quando com um pouco de vontade e de energia pode-se fazer cessar facilmente essa... enfermidade.

A gaguez provem de uma desordem nervosa, seja original, seja accidental. Sabe-se que em seguida a um susto, a uma pancada sobre o craneo, pode-se ficar subitamente atacado desse mal.

O tratamento, como se pode prevêr, pertence á psychotherapia. Não podemos indicar melhor a pratica efficaz, do que narrando, nestas linhas, ligeiramente, a cura seguida por um dos nossos especialistas mais eminentes, e que a deu a publico após o seu restabelecimento completo.

Desde a idade de oito annos elle vinha soffrendo de uma gaguez muito pronunciada. Á custa de esforços consideraveis e graças a uma vontade de ferro elle conseguiu ser nomeado substituto de lente da Faculdade de Medicina de Paris. Mas, nessa alta situação elle tinha necessidade de fazer uzo continuo da palavra para ensinar e examinar.

Que fazer para se não tornar ridiculo ante os alumnos e ante os candidatos? Elle resolveu, então, submeter-se a um tratamento sério sob a direcção do Dr. Chervin. Eis as differentes phases dessa cura, descriptas pelo ex-paciente:

«Comecei o tratamento á 8 de Agosto de 1901. Tomei compromisso de honra de guardar silencio absoluto durante a primeira semana do tratamento, e de não pronunciar uma só palavra, que fosse, fóra dos exercicios, os quaes realizaram-se na casa do Dr. Chervin. Foi a phase mais custosa do tratamento.

«Só por escripto eu me entendia com as pessoas de minha familia. Se alguem, encontrando-me nas ruas, vinha-me fallar, eu tirava da minha carteira uma folha de papel, e escrevia: "Seguindo um tratamento contra a gaguez, sou obrigado a estar mudo durante oito dias". Um dos meus clientes lamentou-me, suppondo que eu tivesse ficado idiota.

«Os exercicios, na casa do doutor, duravam quatro horas por dia. Consistiam elles em fazer a reeducação completa da palavra. Na primeira semana aprendi a respirar, a fazer a *pose* da voz, a emittir sons simples, a executar a gymnastica dos labios, a pronunciar algumas palavras lentamente.

Na segunda semana me foi permitido o uzo da palavra, sob a condição, todavia, de não fallar senão muito vagarosamente e syllabando cada nome: isto, como é de vêr, dava motivos, muitas vezes, á risadas dos circumstantes. Nesta segunda semana, em que se toma o habito de uma nova linguagem, tornam-se necessarias muito mais attenção e força de vontade do que na primeira. Si se quer obter successo é preciso, systematicamente, recommençar toda a phrase que não sahio absolutamente correcta. Durante a terceira semana abandona-se a syllabação das palavras e aprende-se a dividir as phrases e a dar inflexão ás vozes, lendo algum livro lentamente, pausadamente.

Mas a convalescença, durante a qual devem ainda ser feitos exercicios diariamente, dura mais de um anno.

Portanto, com vontade e tenacidade, é sempre seguro o tratamento da gaguez.

Dr. Drack

(Da revista *Mon Dimanche*, de Paris.)

Como advinhar um numero pensado

Dizei a uma pessoa que pense em qualquer numero; que o dobre; que a esse producto ajunte 4; que multiplique essa nova somma por 5. Em seguida accrescente o numero 12 e multiplique tudo por 10. Do total mandae diminuir o numero 320. Perguntae-lhe, depois dessas operações, qual o producto final. Desse cortae os dois ultimos algarismos e o numero que os preceder é o pensado pela pessoa.

Um exemplo para tornar mais claro o modo de proceder :

Supponhamos como numero pensado	7
Do qual o duplo é	14
Juntando-se 4 o total é	18
Multiplicando-se 18 por 5 temos	90
Sommando-se-lhe 12, ficam	102
Multiplicando por 10 obteremos	1020
Deste numero diminuindo-se	320
	700
Restam	

Cortando desse numero as duas ultimas cifras, o algarismo que resta é o numero pensado.

Qualquer que seja o numero pensado pela pessoa, o resultado é sempre certo.

O JUSTO E A JUSTIÇA POLITICA



Para os que vivemos a pregar á republica o culto da justiça como o supremo elemento preservativo do regimen, a historia da paixão que hoje se consumma, é como que a interferencia do testemunho de Deus no nosso curso de educação constitucional. O quadro da ruina moral daquelle mundo parece condensar-se no espectáculo da sua justiça, degenerada, invadida pela politica, joguete da multidão, escrava de Cezar. Por seis julgamentos passou Christo, tres ás mãos dos judeus, tres ás dos romanos, e em nenhum teve juiz. Aos olhos dos seus julgadores refulgiu successivamente a innocência divina, e nenhum ousou estender-lhe a protecção da toga. Não ha tribunaes, que bastem, para abrigar o direito, quando o dever se ausenta da consciencia dos magistrados.

Grande era, entretanto, nas tradições hebraicas, a noção da divindade do papel da magistratura. Ensinam ellas que uma sentença contraria á verdade affastava do seio de Israel a presença do Senhor, mas que, sentenciando com inteireza, quando fosse apenas por uma hora, obrava o juiz como se creasse o universo, porquanto era na funcção de julgar que tinha a sua habitação entre os israelistas a magestade divina. Tão pouco valem, porém, leis e livros sagrados, quando o homem lhes perde o sentimento, que exactamente no processo do justo por excellencia, daquelle em cuja memoria todas as gerações até hoje adoram por excellencia o justo, não houve no codigo de Israel norma, que escapasse á prevaricação dos seus magistrados.

No julgamento instituido contra Jesus, desde a prisão, uma hora talvez antes da meia noite de quinta-feira, tudo quanto se fez até ao primeiro alvorecer da sexta-feira subsequente, foi tumultuario, extrajudicial, e attentatorio dos preceitos hebraicos. A terceira phase, a inquirição perante o synhedrim, foi o primeiro simulacro de fórma judicial, o primeiro acto judicatorio, que apresentou alguma apparencia de legalidade, porque ao menos se o praticou de dia. Desde então, por um exemplo que desafia a eternidade, recebeu a maior das consagrações o dogma juridico, tão facilmente violado pelos despotismos, que faz da santidade das fórmas a garantia essencial da santidade do direito.

O proprio Christo dellas não quiz prescindir. Sem autoridade judicial o interroga Annás, transgredindo as regras assim na competencia como na maneira de inquirir; e a resignação de Jesus ao martyrio não se resigna a justificar-se fóra da lei: «Tenho fallado publicamente ao mundo. Sempre ensinei na synagoga e no templo a que affluem todos os judeus, e nunca disse nada ás occultas. Porque me interrogas? Inquire dos que ouviram o que lhes fallei: esses sabem o que eu lhes houver dicto.» Era o appello ás instituições hebraicas, que não admittiam tribunaes singulares, nem testemunhas singulares. O accusado tinha jus ao julgamento colectivo, e sem pluralidade nos depoimentos criminaes não podia haver

condemnação. O apostolado de Jesus era ao povo. Se a sua predica incorria em crime, pullulariam os testemunhos directos. Esse era o terreno juridico. Mas, porque o filho de Deus chamou a elle os seus juizes, logo o esbofetearam. Era insolencia responder assim ao pontifice. *Sic respondes pontifici?* Sim, revidou Christo, firmando-se no ponto de vista legal; «se mal fallei, traze o testemunho do mal; se bem, porque me bates?»

Annás, desorientado, remette o preso a Caiphás. Este era o summo sacerdote do anno. Mas, ainda assim, não tinha a jurisdicção, que era privativa do conselho supremo. Perante este já muito antes descobrira o genro de Annás a sua perversidade politica, aconselhando a morte de Jesus, *para salvar a nação*. Cabe-lhe agora levar a effeito a sua propria malignidade, «cujo resultado foi a perdição do povo, que elle figurava salvar, e a salvação do mundo, em que jamais pensou.»

A illegalidade do julgamento nocturno, que o direito judaico não admittia nem nos litigios civis, agrava-se então com o escandalo das testemunhas falsas, alliciadas pelo proprio juiz, que, na jurisprudencia daquelle povo, era especialmente instituido como o primeiro protector do réu. Mas, por mais falsos testemunhos que promovessem, lhe não acharam a culpa, que buscavam. Jesus calava. Jesus *autem tacebat*. Vão perder os juizes prevaricadores a segunda partida, quando a astucia do summo sacerdote lhes sugere o meio de abrir os labios divinos do accusado. Adjura-o Caiphás em nome de Deus vivo, a cuja invocação o filho não podia resistir. E deante da verdade, provocada, intimada, obrigada a se confessar, aquelle, que a não renegara, vê-se declarar culpado do crime capital: *Reus est mortis*. «Blasphemou! Que necessidade temos mais de testemunhas? Ouvistes a blasphemia.» Ao que clamaram os circumstantes: «E' réo de morte!»

Repontava a manhã, quando á sua primeira claridade se congrega o synhedrim. Era o plenario que se ia celebrar. Reunira-se o conselho inteiro. *In universo concilio*, diz Marcos. Deste modo se dava a primeira satisfação ás garantias judiciaes. Com o raiar do dia se observava a condição da publicidade. Com a deliberação da assembléa judicial, o requisito da competencia. Era essa a occasião juridica. Esses eram os juizes legaes. Mas juizes, que tinham comprado testemunhas contra o réo, não podiam representar senão uma infame hyprocrisia da justiça. Estavam mancommunados, para condemnar, deixando o mundo ao exemplo, tantas vezes depois imitado até hoje, desses tribunaes, que se conchavam de vespera nas trevas, para simular mais tarde, na assentada publica, a figura official do julgamento.

Sahia Christo, pois, naturalmente condemnado pela terceira vez. Mas o sanhedrim não tinha o *jus sanguinis*, não podia pronunciar a pena de morte. Era uma especie de jury, cujo veridictum porém, antes opinião juridica do que julgado, não obrigava os juizes romanos. Pilatos estava, portanto, de mãos livres, para condemnar, ou absolver. «Que accusação trazeis contra este homem?» Assim falla por sua bocca a justiça do povo, cujo sabedoria juridi-

ca ainda hoje rege a terra civilisada. «Se não fosse um malfeitor, não t'ò teríamos trazido», foi a insolente resposta dos algozes togados. Pilatos, não querendo ser executor num processo, de que não conhecera, pretende evitar a difficuldade, entregando-lhes a victima :

«Tomae-o e julgae-o segundo a vossa lei.» Mas, replicam os judeus, bem sabes que «nos não é licito dar a morte a ninguem». O fim é a morte, e sem a morte não se contenta a depravada justiça dos perseguidores.

Aqui já o libello se trocou. Não é mais de blasphemia contra a lei sagrada que se tracta, senão de attentado contra a lei politica.

Jesus já não é o impostor que se inculca filho de Deus: é o conspirador que se corôa rei da Judéa. A resposta de Christo frustra ainda uma vez, porém, a manha dos calumniadores. Seu reino não era deste mundo. Não ameaçava, pois, a segurança das instituições nacionaes, nem a estabilidade da conquista romana. «Ao mundo vim» diz elle, «para dar testemunho da verdade. Todo aquelle que for da verdade, ha-de de escutar a minha voz.» A verdade? Mas «que é a verdade?» pergunta, defenendo-se, o cynismo de Pilatos. Não cria na verdade; mas a da innocencia de Christo penetrava irresistivelmente até ao fundo sinistro dessas almas, onde reina o poder absoluto das trevas. Não acho delicto a este homem; disse o procurador romano, sahindo outra vez ao meio dos judeus.

Devia estar salvo o innocente. Não estava. A *opinião publica* faz questão da sua victima. Jesus tinha agitado o povo, não alli só no territorio de Pilatos, mas *desde Galiléa*. Ora acontecia achar-se presente em Jerusalém o tetrarcha da Galiléa, Herodes Antipas, com quem estava de relações cortadas o governador da Judéa. Excellente occasião, para Pilatos, de lhe rehavere a amizade, pondo-se, ao mesmo tempo, de boa avença com a multidão inflammada pelos principes dos sacerdotes. Galiléa era o *forum originis* do Nazareno. Pilatos envia o réo a Herodes, lisonjeando-lhe com essa homenagem á vaidade. Desde aquelle dia um e outro se fizeram amigos, de inimigos que eram. *Et facti sunt amici Herodes et Pilatus in ipsa die; nam antea inimici erant ad invicem*. Assim se reconciliam os tyrannos sobre os despojos da justiça.

Mas Herodes tambem não encontra por onde condemnar a Jesus, e o martyr volta sem sentença de Herodes a Pilatos, que reitera ao povo o testemunho da intemerata pureza do justo. Era a *terceira* vez que a magistratura romana a proclamava. *Nullam causam invenio in homine isto ex his, in quibus eum accusatis*. O clamor da turba recrudesce. Mas Pilatos não se desdiz. Da sua bocca irrompe a *quarta* defeza de Jesus: *Que mal fez elle? Quid enim mali fecit iste?* Cresce o conflicto, acastellam-se as ondas populares. Então o proconsul lhes pergunta ainda: «Crucificareis o vosso rei?» A resposta da multidão em grita foi o raio, que desarmou as evasivas de Herodes: «Não conhecemos outro rei, *senão Cezar*.» A esta palavra, o espectro de Tiberio se ergueu no fundo da alma do governador da provincia romana. O monstro da Capréa, trahido, consumido pela febre, crivado de ulceras, gafado da

lepra entretinha em atrocidades os seus ultimos dias. Trahil-o era perder-se. Incurrer perante elle na simples suspeita de infidelidade era morrer. O escravo de Cezar, apavorado, cedeu, lavando as mãos em presença do povo: «Sou innocente do sangue deste justo».

E entregou-o aos crucificadores. Eis como procede a justiça, que se não compromette. A historia premiou dignamente esse modelo da suprema cobardia na justiça. Foi justamente sobre a cabeça do pusillanime que recahiu antes de tudo em perpetua infamia o sangue do justo.

De Annás a Herodes o julgamento de Christo é o espelho de todas as deserções da justiça, corrompidas pelas facções, pelos demagogos e pelos governos. A sua fraqueza, a sua inconsciencia, a sua perversão moral crucificaram o Salvador, e continuam a crucifical-o, ainda hoje, nos imperios e nas republicas, de cada vez que um tribunal sophisma, tergiversa, recúa, abdica. Foi como agitador do povo e subversor das instituições que se immolou Jesus. E, de cada vez que ha precisão de sacrificar um amigo do direito, um advogado da verdade, um protector dos indefesos, um apostolo de idéas generosas, um confessor da lei, um educador do povo, é esse, a *ordem publica*, o pretexto, que renasce, para exculpar as transacções dos juizes tibios com os interesses do poder. Todos esses acreditam, como Poncio, salvar-se, lavando as mãos do sangue, que vão derramar, do attentado, que vão commetter. Medo, venalidade, paixão partidaria, respeito pessoal, subserviencia, espirito conservador, interpretação restrictiva, razão de estado, interesse supremo, como quer que te chames, prevaricação judiciaria, não escaparás ao ferrete de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não ha salvação para o juiz cobarde.

Ruy Barbosa

A menor republica do mundo

A menor republica conhecida é a de Tavolara, pequena ilha situada a 12 kilometros, pouco mais ou menos, das costas da Sardenha. Essa ilha tem de largura 2 kilometros e conta uma população de 55 habitantes.

A soberania da ilha de Tavolara foi concedida em 1836, pelo rei Carlos Alberto, da Italia, á familia Barsoleoni. Durante perto de 50 annos o rei Paulol reinou em paz nesse reino microscopico. Ao morrer, em 30 de Maio de 1882, esse soberano exprimiu o desejo de que nenhum dos seus parentes o succedesse no throno. Em vista disso foi proclamada a Republica. A constituição dá ás mulheres o direito do suffragio e o presidente é eleito por 10 annos.

O melhor barometro

Quer o leitor fabricar um barometro seguro e pouco dispendioso?

Tome um barbante de um metro de cumprimento e deixe-o mergulhado durante uns quinze dias numa solução bem concentrada de sal de cosinha. Depois de tel-o feito seccar, suspenda-o contra uma parede, amarrando-lhe, em baixo, uma pequena pedra ou qualquer outro pezo. Para communicar bom tempo, o pezo baixará; e subirá para indicar chuva.

Na parede, em face do pezo, far-se-á uma marca para se poder verificar os movimentos desse barometro.

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

(Continuação da pagina 237)

Na sessão de 25 de Maio foi submittido á discussão um projecto de Muniz Carvalho no qual se liam os dois seguintes artigos:

«Artº 1º — Aquelles portuguezes que presentemente residem no Brazil, com intenção de permanecerem, e que teem dado provas não equivocadas de adhesão á sagrada causa da independencia e á augusta pessoa de S. M. Imperial, são declarados cidadãos brasileiros.

«Artº 2º — Aquelles, porém, cuja conducta for suspeita, o governo fica auctorizado, por espaço de tres mezes, contado da data do presente decreto, a fazer retirar immediatamente para o seu paiz.»

Era, como se vê, uma medida odiosa e inconvenientissima essa outorga ao Executivo. Necessario se tornava combater esse symptoma de demagogia, appellando-se para a ordem judirica, unico fundamento solido das instituições sociaes.

Souza França tomou parte nesse prelio e combateu magnificamente, como se vê:

«Chegou-me finalmente o turno; e tambem direi pela primeira vez os meus sentimentos sobre o projecto em discussão.

«Eu o reputo injusto e impolitico; pois que nelle se levanta uma odiosa e indevida distincção entre os membros da grande familia brasileira, distincção que agrava os sentimentos da antiga rivalidade de origem patria que cumpre suffocar, para que da intima união de todos os individuos da mesma familia resulte a sua força, que tanto é mistér augmentar na grande causa da nossa independencia politica.

«Senhores, eu não posso deixar nunca de respeitar os direitos do homem uma vez adquiridos. Nas sociedades humanas tudo o que se chama direito publico deriva da convenção tacita, ou expressa, com que os seus membros permanecem unidos: e essa convenção induz um contracto que deve religiosamente ser guardado, se queremos ser justos.

«Todos nós, portuguezes e brasileiros, compunhamos, como se sabe, uma só familia derramada por todas as vastas possessões do Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves: donde resultava que o cidadão do reino do Brazil o era tambem dos outros reinos de Portugal e Algarve, e vice-versa.

«Os direitos de cidade erão, portanto, reciprocos entre os oriundos de uma e outra parte. Chegou a época da separação politica

dos dois reinos: apartaram-se. Eis nasce uma nova ordem de cousas: mas quaes são os seus effeitos immediatos?

«Restringir e concentrar esses direitos aos habitantes, sómente, de cada um dos reinos. Os habitantes do Brazil deixarão de ser, pois, cidadãos de Portugal e Algarve, e ficarão sendo sómente do Brazil, e vice-versa. Este foi o presupposto com que nos separamos e proclamamos a nossa independencia politica. Os direitos de cidade, ou de cidadão brasileiro, ficaram sendo communs, sem nenhuma distincção, a todos os portuguezes residentes que pronunciaram a vontade de permanecer entre nós.

«Como é, pois, que agora lhes vamos diminuir esses direitos, com restricções de classes? Não é isto sermos injustos e refractarios á tacita convenção com que estes homens nos ajudaram a proclamar a independencia do nosso paiz, que elles adoptaram por patria?

«Muitos ha, diz-se, que não são affectos á causa da independencia; muitos brasileiros tambem, digo eu, lhe são desaffectedos; e todavia não são lezados em seus direitos de cidade.

«A lei dos contractos entre muitos compromittentes não exclue nunca da partilha dos interesses reciprocos da companhia aquelles que são dissidentes do accordo do maior numero; e se o fizesse seria uma lei iniqua: e nas revoluções politicas é um absurdo pueril pretender a uniformidade absoluta de opinião, que só é filha do tempo e da experiencia.

«Talvez o que hoje se mostra desaffectedo á causa da independencia, seja depois o seu mais acerrimo defensor quando se convencer dos interesses della, que agora não alcança.

«Em uma palavra: a pena legal deve sempre recahir sobre o crime, não sobre a presumpção delle: e opiniões não são, nem jamais foram crimes senão no imperio da tyrannia.

«Quando algum, pois, dentre nós praticar factos contrarios á independencia proclamada e estatuida, o consideremos trahidor á patria; como tal o submettamos a processo segundo as leis existentes que a esse crime castigão, seja o delinquente europeu ou oriundo do Brazil: antes disso, porém, não. Eu odeio e detesto toda a providencia que se procura por caminhos e meios avessos da justiça. O presente projecto toca de injusto, agrava á uma classe de cidadãos preponderantes por seu numero e faculdades; chama-os todos a partido, e quebra a união da familia cujos laços se deve estreitar, quanto for possivel; por isso eu disse a principio que elle era injusto e impolitico: voto, portanto, pela sua regeição.»

(*Continúa*)

José Johanny

A alma do outro mundo

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

Luiz Guimarães Junior

(Continuação da pag. 255)

— Chegue-se, homem, chegue-se. Que cara é essa? Parece-me assombrado! Tem-te ido mal a vida?

O vigário era um homem repolhudo, sincero e de excellentes qualidades intellectuaes. O povo dos arredores e da freguezia adorava-o e recebia-lhe as palavras como balsamo para todas as dôres.

E' fora das cidades que ainda se póde encontrar hoje o verdadeiro culto e o sagrado respeito que o povo deve consagrar aos sacerdotes de Christo.

Em abono da verdade, declare-se já que o padre da roça ou, cingindo-nos á gíria do Norte, o padre do matto, com difficuldade poderá conseguir ser mão entre as ovelhas do seu rebanho. Dir-se-ia que a solidão e os costumes innocentes desses logarejos são incentivo profundo para a religião e para o commercio espirital dos pastores da Igreja com os sentimentos de caridade, pobreza e santidade, impostos pela doutrina de Jesus.

Elles vivem allí em face da natureza brutal, entre seus inebriantes encantos, suaves murmurios e lampejos mysteriosos, como os primitivos anachoretas nos oasis do seu deserto, com a alma aberta ás irradiações do céu e aos saborosos favos da meditação.

O crime refugiado nos centros das faustosas capitaes deixou em invulneravel tranquillidade o campo, onde se manifesta á plena luz a omnipotencia da virtude e a virtude da religião.

E depois, tudo por lá explica a harmonia desse calmo poder que faz girar a terra tumultuosa, que accende o facho eterno dos astros e derrama no calice das flôres a gotta de orvalho e a gotta de ambrozia.

Crescem as arvores sem tropeços nem estufas, salta do botão a rosa livre do monstruoso enxerto, deslizam as fontes, á vontade, entre as grammas verdes e por baixo das lianas virgens que se entrelaçam, jorram as cachoeiras, espalmam-se as ramas, suspiram as aves e cruzam-se no ar as borboletas de ouro, sem que a mão do botânico, a sanha do naturalista mude-lhes o rumo, corte-lhes as raizes, arranque-lhes as pennas e coza-lhes as azas independentes!

Como não ser religioso, não ser bom, não ser puro e nobre, cercado de tanta pureza e de tanta liberdade?

José Paz aproximou-se ao vigário, descobrindo-se com o mais infantil respeito.

— Então? Não me respondes, homem? Estás com a cara amarrotada hoje!

— Nem sempre a gente é feliz, Sr. vigário!

— Conta-me lá as tuas infelicidades, anda. Senta-te aqui.

Acondicionou-se o padre sobre o musgoso paredão que rodeava o adro e acenou a José Paz que fizesse o mesmo.

— Obrigado a vossa reverendíssima. Eu pouco me posso demorar. Ainda quero voltar com dia ao Jordão.

— A proposito, e tua filha?

José Paz devorou um retumbante suspiro.

— Vae de boa saúde, graças á Maria Santíssima.

O padre fitou lentamente o semblante carrancudo do matuto.

— Ora vamos, Sr. José, você alguma cousa tem que me esconde.

— Eu?

— Sim, você. Suspirou fallando em sua filha, de maneira a fazer-me acreditar em alguma cousa má que lhe tenha acontecido.

— Pois ahí vae, Sr. vigário. Pão, pão, queijo, queijo.

— Desembucha, homem!

— A pequena foi ha poucos dias a uma... uma... não sei o que, um baile, parece-me que se chama tambem baile, no Recife, em casa da madrinha.

— A tal senhora rica?

— Isso mesmo. Eu teimei em não deixal-a arredar pé de minha companhia; mas Deus quer, Deus manda, e depois eu devo favores á comadre!

— Sê grato, que o céu te agradecerá.

— Foi-se ao tal baile a menina, e voltou-me triste, que é mesmo de espantar a gente. Leva as tardes inteiras sem tugar nem mugir, ora lendo em um livro, ora revirando os olhos para o céu.

— Que lê ella com tanto interesse?

— Disso não entendo eu, Sr. vigário. Mas a pequena foi sempre amiga de livros, e me parece a mim...

— Parece-te a ti, toleirão, que deverias ter prohibido essas leituras, que nunca trazem ventura aos espiritos fracos e ás almas vacillantes. Queima-lhe todos os livros.

— Oh! Sr. vigário!

— Queima-lhe os livros; é o primeiro passo para a salvação

della, e em seguida... mas tu não o farás!

— O que?

— Não a deixes passear muito pelo Recife, nem figurar em casa de gente rica. A moça pobre, José, só possui a sua virtude, que é o seu dote e a sua salvaguarda. Os bailes quasi sempre são os inimigos da virtude!

José Paz deu um salto mortal e fez-se da côr da cêra.

— Não me comprehendeste, homem. Tua filha é menina intelligente, sagaz e delicada; conheço-a perfeitamente e mais de uma vez lhe ministrei com as minhas mãos o doce corpo do Nosso Senhor Jesus Christo.

Si ella fosse uma brutinha, eu nada te diria; porém as relações com a madrinha, o tempo de collegio, e mais do que tudo, a sua finura de intelligencia, ser-lhe-hão de pouco amparo desde a hora em que o inimigo começar a fazer das suas!

— Vou queimar os livros todos!

— Estas tristezas della teem por origem a idade e o melindre de sua natureza especial.

— Oh!

— Que é lá?

José Paz ia dar sahida á palavra, e estacou de subito.

— Falle! Falle, Sr. José Paz, que falla com um amigo.

O matuto abaixou a voz:

— Rosinha trouxe uns vestidos, que a madrinha lhe deu, e umas bugigangas exquisitas.

— Incommoda-te isso?

Os olhos de José Paz fulguraram como as azas de vagalume.

— Vou queimar tudo! exclamou elle victoriosamente!

— Nada de bestidades, José!

— Nem bestidade, nem meia bestidade, Sr. vigario! Ainda hontem estava a pequena a botar uns olhos tristes por cima do vestido estendido na cama, que fazia dó. O tal vestido cheio de «requififes» e trapalhadas com que ella foi ao baile da madrinha!

— Isso é proprio da idade, homem! Deixa a pequena. Em se tirando á mulher o vestido, é o mesmo que aparar as azas de um curió! O vestido é a aza della!

— Por isso, replicou José Paz sentenciosamente, não é preciso que ella vôle!

O vigario riu-se da sahida dô matuto, e pondo os olhos no horisonte, onde se agglomeravam com instantanea rapidez nuvens sobre nuvens:

— Vá tratar dos seus negocios, vá, José, que não tarda por ahi algum chovisco forte. Deus o guarde e tambem a pequena.

— Amen, Sr. vigario, e vossa reverendissima por muitos annos.

José Paz despedio-se do padre e já distava uns vinte passos do adro, quando o vigario chamou-o de novo.

— Não faça asneiras, José! Com bons conselhos e carinhos é que se levam as almas delicadas. Se tu entornas o caldo!

— Vossa reverendissima sabe quanto eu quero áquella filha; é a menina dos meus olhos e o sangue das minhas veias. Mas...

— Mas o que? Acaba!

— Mas queimo-lhe os vestidos! Lá isso queimo!

E dobrou a encruzilhada que o conduzia á casa do Manoel do O.

O vigario gastou alguns momentos a contemplar a viagem ondulante das nuvens que corriam para o poente.

José Paz chegou ao Jordão pela volta das sete horas; era noite fechada e a tempestade, que de todo havia desaparecido, fôra substituída pelos meigos suspiros da aragem nocturna e pelo reverbero dos astros no firmamento tranquillo.

Rosinha estava á janella do seu quarto, quando o pae bateu á porta.

José Paz entrou pensativo na pequena e pobre casa de sua residencia. Deu a mão a beijar á filha e sentou-se com estrondo em um velho banco, que gemeu amedrontado.

— Fallou com o Manoel?

— Fallei, mas não se arranjou nada. Ando agora na maré das caipóras.

— Por que diz assim, meu paesinho!

A menina enrolou os braços no pescoço do matuto e encostou-lhe á barba hirsuta o rosto perfumado.

José Paz estremeceu, victima de um ataque de ternura, e com a mão livre acariciou a onda dos cabellos negros da menina, desmanchados sobre as costas virginaes.

Immediatamente, porém, como se fôra mordido por uma cobra traidora, elle afastou de si Rosinha, e levantou-se de repente:

— Tu me queres fazer uma cousa que vou pedir?

A menina contemplou-o pasma.

— O que é?

— Está uma noite que faz gosto, e na porta do Chico ha gente muita... Eu vou lá dizer que te venham buscar para um passeio.

(Continúa)

Luiz Guimarães Junior

RECEITAS E CONSELHOS

COLLA PARA CONCERTAR LOUÇA

Ferve-se em agua um pedaço de vidro branco; quando estiver bem quente, tira-se e immerge-se immediatamente em agua fria para o tornar muito friavel; piza-se, passa-se por uma peneira fina e mistura-se com clara de ovo: amalgama-se a mistura sobre uma pedra de marmore para a tornar bem homogenea e dura quanto possivel. Este cimento liga tão fortemente os pedaços de louça partida, que o objecto não torna a quebrar-se por onde foi emendado.

RATOS

O chloreto de cal é um preventivo infallivel contra os ratos, que fogem, como da peste, do cheiro deste desinfectante.

A grande difficuldade para apanhar os ratos está no engodo, que elles muitas vezes desprezam, por melhor que seja; descobriu-se porém que as sementes de girasol exercem sobre elles uma attracção irresistivel.

FERRUGEM

Elimina-se das peças delicadas, esfregando-as com borracha (guta-percha) da que se emprega para tirar a tinta do papel.—A eliminação das grossas camadas de ferrugem obtem-se, mettendo os objectos enferrujados numa solução de chloreto de estanho, durante 12 a 24 horas, conforme a camada é menos ou mais espessa. O banho não se deve demorar excessivamente por que assim attacará o proprio ferro. Tirados do banho os objectos, lavam-se em agua, depois em amoniaco e seccam-se rapidamente. No fim deste processo o ferro tem a apparencia de prata; polindo-o, dá-se-lhe o aspecto normal.

FORMIGAS

A hera pisada afugenta as formigas vermelhas; os ramos de absintho ou losna as formigas pretas. Afugentam-se dos barris de assucar, fazendo em volta da bocca destes um largo risco de cré.

MANCHAS RUBRAS, REBELDES

Tiram-se do corpo, passando-as pela manhã e á noite com um pincel molhado numa solução, contendo: *chlorhydrato de amoniaco* 4 g. *acido chlorhydrico medicinal* 5 g. *glycerina* 30 g. *leite virgem* 50 g. .

AZEITE

Faz-se com que o azeite dure mais e dê maior brilho á luz, misturando-o em partes iguaes com uma solução de sal commum filtrada; depois de bem misturado pela agitação, deixa-se repousar até que venha todo acima: decanta-se e usa-se.

NOTAS

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos:

O Clero e a Sua Missão Moderna, (quarta carta pastoral de D. João Becker, Bispo de Florianopolis, ao Clero e ao povo de sua Diocese). Em 48 paginas, impressas na typographia Brazil, de Florianopolis, o eminente prelado que tão proficientemente preside aos destinos desta circumscripção ecclesiastica, trata eruditamente, embora de forma perfunctoria, das seguintes theses: 1. Significação da palavra Clero; 2. Estado Ecclesiastico; 3. A Dignidade Sacerdotal; 4. Vocação Ecclesiastica; 5. Aurea Escala; 6. O Celibato Ecclesiastico; 7. Incriminações ao Clero; 8. O Clero e o Povo; 9. A acção moderna do Clero; 10. A Civilisação e o Clero; 11. O Clero Nacional; 12. Principio de Economia Politica; 13. O Nacionalismo e o Clero; 14. Orientação Politica do Clero; 15. Responsabilidade do voto; 16. A má imprensa; 17. A boa imprensa; 18. O Clero e a imprensa; 19. O Clero e a sua missão moderna.

E' uma obra digna do espirito erudito e amplissimo de salutar visão moderna do eminente principe da Igreja.

— *Revue Franco-Brésilienne*. — Rio de Janeiro. — E' uma magnifica publicação, quer pelo lado graphico, quer pela parte intellectual. Unico orgão francez no Brazil, esta importante revista trata proficientemente de todos os assumptos importantes que se relacionam com os interesses franco-brazileiros nas suas diversas modalidades. Além dessa parte principal, figuram nas suas columnas artigos e informações sobre assumptos geraes e grande copia de gravuras nitidas.

Dae ás crianças a "Lombrigueira" do pharmaceutico-chimico Silveira, para livral-as dos vermes (lombrigas).

Capitão de Fragata H. Boiteux

Visita actualmente o nosso e seu Estado natal, a que tanto tem servido, o illustre collaborador desta revista Exmo. Sr. Capitão de Fragata Henrique Boiteux.

Ao distincto patricio e sua dignissima consorte, que o acompanha nesta excursão, significamos nossos cumprimentos de boas vindas e votos de feliz permanencia na terra catharinense.

Com o uso do "Elixir de Nogueira" do pharmaceutico-chimico Silveira, póde-se usar banhos frios ou mornos.
Não tem resguardo.

Livraria Editora --- de Jacintho Silva

7, RUA RODRIGO SILVA : ENTRE AS DE S. JOSÉ E ASSEMBLÉA
RIO DE JANEIRO

Esta importante livraria é agente da *Revista Catharinense*, na Capital Federal, encarregando-se da venda avulsa e recebimento de assignaturas e annuncios.

Invasão da ilha de Santa Catharina

ESCRIPTO EM 1853 (1)



Setenta e seis annos hão decorrido que a ilha de Santa Catharina viu abordar hostilmente ás suas praias a famosa expedição hespanhola, composta de 114 velas (2), entre vasos de guerra e de transporte, conduzindo do porto de Cadiz 10.000 homens de tropas regulares, ao mando do general D. Pedro Cevallos, já célebre nos annaes do Brazil pela invasão da fronteira do Rio Grande do Sul durante a guerra de 1762, e que maior nomeada adquirio ainda pela da referida ilha; acontecimento politico que, occupando vivamente a lembrança de muitas pessoas que o testemunharam, pois que se liga a recordações dolorosas, nem por isso as occurrencias que tiveram logar no periodo da invasão, bem como as causas que as produziram, deixam de ser ignoradas.

Relataremos, portanto, quanto sobre este notavel successo tem chegado ao nosso conhecimento, já por documentos officiaes, que consultámos, e já pela tradição a mais bem fundada, e, para que o nosso pequeno trabalho se torne mais util, remontar-nos-hemos a factos que o occasionaram e se prendem aos de que nos vamos occupar.

Celebrado o tratado de paz de 1763, que pôz termo á descórdia ateada entre Portugal e Hespanha, estipulou-se que esta restituiria á primeira, na America Meridional, o Rio Grande do Sul, que lhe havia conquistado no curso d'aquella guerra. Quatorze annos

(1) Este trabalho foi escripto por J. A. C. (será Joaquim Almeida Coelho?) e offerecido ao commendador Polydoro do Amaral e Silva, então procurador-fiscal da thesouraria de Santa Catharina. A importancia historica dos pormenores é grande, principalmente no que se refere ao procedimento dos *Barrigas Verdes*. O manuscripto era de propriedade de Sebastião Pereira Alves e foi publicado em 1862 na *Revista Popular*, do Rio de Janeiro.

H. Boiteux.

(2) Desferra de Cadiz no dia 13 de Novembro de 1776 a poderosa armada hespanhola composta de tres divisões, em numero de 6 náus de linha, 6 fragatas, 7 corvetas e embarcações ligeiras e 96 transportes, grandes e pequenos; ao todo 115 velas; guarnecida por mais de 2.000 marinheiros, sob o commando do almirante marquez de Casa Tilly, e conduzindo perto de 10.000 marinheiros de desembarque, ao mando superior de D. Pedro de Cevallos Cortez y Calderon.

Nota de H. Boiteux.

erão decorridos que tal estipulação se tinha formado, e a Hespanha, apesar das mais vivas reclamações da côrte de Portugal, não só não cumpria a restituição ajustada, como até, fazendo reviver caducas pretensões, se mostrava inclinada a estender as suas fronteiras aquem do Rio Grande, (pretenção que, depois de solemnes tratados, vimos reproduzir-se por parte do tyranno de Buenos-Ayres ha pouco derrubado), argumentando constantemente que as suas guardas deviam ser collocadas nas Torres; e de facto o conseguiria, attentos os poderosos recursos de que a mesma Hespanha dispunha, e a fraqueza e desleixo da côrte de Portugal, se a provincia do Rio Grande Sul não tivesse por esse tempo um governador com as heroicas qualidades de que se ornava o brigadeiro José Marcellino de Figueredo, cuja memoria será sempre saudosa n'aquella provincia pelos relevantes serviços que lhe prestou, como se exprime o sabio visconde de S. Leopoldo; e nós acrescentaremos que «muito se deveu tambem ao patriotismo e bravura do brigadeiro Raphael Pinto Bandeira (*), e á de outros filhos do paiz». Durante, pois, aquelle periodo de 14 annos, e no remanso da paz, viram-se os portuguezes constantemente obrigados a repellir as injustas aggressões dos hespanhóes com as armas na mão, e até algumas tentativas se fizeram para os expulsar do Rio Grande, mas todas foram infructiferas, em razão das consideraveis forças de mar e terra que ali conservavam; até que, convencido o governo portuguez de que só pelo recurso das armas obteria o cumprimento daquelle tratado de paz, enviou antecipadamente ao Brazil tres bravos regimentos de infantaria, denominados Moura, Bragança e Extremóz, commandados pelo tenente general João Henrique Bohm, e, quando julgou opportuno, ordenou ao marquez de Lavradio, então vice-rei do Estado, que reunidos estes corpos ás forças do paiz, formando dest'arte um respeitavel corpo de tropas, sob o commando do mesmo tenente-general e auxiliado pela esquadilha do chefe Roberto Mac Dwall, se apoderasse do Rio Grande, o que gloriosamente se effectuou no memoravel dia 31 de Março de 1676. Eis aqui, pois, a viagem da invasão de Santa Catharina. Inflammados os hespanhóes injustamente contra Portugal, por haver entrado na posse do territorio que incontestavelmente lhe pertencia, declararam-lhe a guerra, e seu rei Carlos III envia á America o famoso armamento de que acima fizemos menção, com ordem especial de apoderar-se de Santa Catharina, diversão favoravel ao plano de reconquistar o Rio Grande.

(*) Natural da Laguna.

Logo que o marquez de Pombal descobriu o plano de operações que a expedição hespanhola devia pôr em pratica, ordenou que Santa Catharina se fortificasse e guarnecesse em ordem a poder resistir á premeditada invasão, e para instrumento de tão importante fim nomeou o marechal de campo Antonio Carlos Furta do de Mendonça (Barbacena, por ser filho do visconde deste titulo, em Portugal) que se achava governando a provincia de Goyaz.

Em virtude, pois, da citada ordem o marquez vice-rei, ainda a braços com a guerra da restauração do Rio Grande, envidando os ultimos recursos, acudiu á Santa Catharina com os necessarios petrechos de guerra e com o maior numero de tropas de que podia dispôr, bem como com as sommas necessarias para o seu prompto pagamento; recursos que infelizmente todos se vieram a perder.

Empossado o general Barbacena do commando das forças de Santa Catharina, que consistiam no regimento de infantaria de linha da mesma ilha, no seu estado completo e excellentemente disciplinado, devido aos esforços e genio militar do brigadeiro Manoel Soares Coimbra, que no anno de 1769 o tinha recrutado, ou antes formado de novo, e commandadas pelo respectivo coronel, e que mereciam a maior confiança; de uma ou duas companhias de artilheria do Rio de Janeiro, e dos corpos milicianos, denominados então auxiliares de infantaria e cavallaria, commandados pelo respectivo sargento-mór; forças aliás consideraveis, senão sufficientes para defender aquella ilha, ao menos apta para fazerem uma honrosa retirada para a terra firme, é inquestionavel que, se ellas tivessem á sua frente um chefe intrepido, se teriam poupado os males que soffreram os infelizes catharinenses e a tropa portugueza conservaria a reputação que lhe grangeou a bravura e fidelidade com que por séculos resistiu ás aggressões dos hespanhóes e outros estrangeiros, em todas as partes onde se estendia o seu dominio. Empossado, dizemos, aquelle general, do commando, em vez de manter a disciplina da tropa, ganhar a sua affeição e confiança, como exemplo de bravura e de moralidade, e dar providencias tendentes ao desempenho de uma missão de tal transcendencia, que não importava menos do que a segurança de um ponto da America portugueza, que com razão se reputava a chave dos mares do Sul, bem pelo contrario, elle só se entretinha com passa-tempos pouco decorosos e com manejos de uma furiosa intriga, de que eram victimas o governador da capitania Pedro Antonio da Gama Freitas, a quem roubava as attribuições que como tal lhe competiam, brigadeiro José Custodio de Faria e sargento mór Manoel Vieira Leão, encarregados das fortificações, menos-

prezando-os, e outros officiaes capazes de o ajudarem com os seus talentos e conselhos. Avançamos uma semelhante asserção porque se não observa em Santa Catharina uma só fortificação permanente, nem outros meios de defesa traçados pelo general Barbacena, á excepção de algumas trincheiras de que se vêem ainda os vestigios, e é notavel que uma se construísse na barra da Lagoa, por onde jamais podia ser atacada, pois que apenas permite curso a pequenas canoas. Cabe, porém, aqui confessarmos que se lhe deve a abertura da estrada denominada Tres Pontes, que dá transito da capital para a freguezia das Necessidades, com o fim de facilitar a marcha da tropa para a mesma freguezia; obra aliás bem pensada, e que a commodidade publica ainda hoje desfructa, quando até então, para se passar por via de terra da capital para aquelle ponto, era necessario quasi remontar o Corrego Grande, trajecto assás extenso, para tomar a estrada de Itacorohy.

No estado, pois, de desharmonia em que constantemente se conservava o general Barbacena, como acabamos de exprimir, com o governador da capitania e outros officiaes, por effeitos da sua soberba e do seu orgulho, não nos deve ser estranho que pouco incremento tivessem as fortificações da ilha, e menos ainda que se não dessem providencias na terra firme a operar contra o inimigo, no caso de ser obrigado a retirar para ella, conforme as ordens da côrte, e quando restava ao mesmo general unicamente a esperança de que a esquadra ao mando do chefe Roberto Mac Dwal, composta de quatro náos e algumas fragatas e brigues, e por conseguinte muito inferior á hespanhola, se opporia a esta, e que dest'arte estava seguro do premeditado ataque, e sorprendido com o aviso de que a esquadra inimiga, abandonando a barra, se achava ancorada na Caixa d' Aço (Porto Bello), e que o tenente José Henriques, da artilheria do Rio de Janeiro, que se achava destacado na fortaleza da Ponta Grossa, havia desertado para a esquadra inimiga, que no dia 20 de Fevereiro entrára á mesma barra do norte, e que provavelmente revelaria ao general Cevallos a confusão em que se achavam os defensores, porque a todos era patente, por não terem á sua frente quem os dirigisse com a necessaria intrepidez; então, perplexo e irresoluto, o general Barbacena chama a conselho de guerra o governador da capitania e officiaes superiores dos corpos (com excepção dos do regimento de Santa Catharina, porque a esse tempo este corpo se achava guarnecendo a freguezia das Necessidades) e, expondo-lhes a fraqueza de meios para resistir ao inimigo, assenta-se em abandonar a ilha e retirar para o Cuba-tão, sem fazer o menor esforço para sustentar a reputação das armas portuguezas.

O general Cevallos, logo que foi informado pelo transfuga José Henriques do plano do chefe portuguez, isto é, do abandono da ilha, conforme se tinha delibérado no conselho de guerra e não tendo a temer a esquadra portugueza, que elle sabia ter dado á vela para o Rio de Janeiro, em virtude da resolução do conselho convocado a bordo pelo chefe Mac Dwal, de não expôr a esquadra ás vicissitudes de um combate com forças superiores, por ser aquella a unica força marítima com que o Brazil contava para a defesa de suas costas, agindo o conselho em semelhante resolução de accordo com as ordens do marquez vice-rei; convencido finalmente o general invasor da facilidade de occupar a ilha e suas fortificações, desembarcou um corpo de tropa na praia de Canavieiras, e apoderando-se da fortaleza da Ponta Grossa, cujo commandante, o capitão Simão Rodrigues Proença, rendeu á discreção, marchou pela estrada da freguezia das Necessidades sobre a capital da ilha, da qual tambem se apoderou, sem disparar um fusil, no infausto dia 25 de Fevereiro de 1777.

Cumpre-nos aqui observar que o general Barbacena, apenas tocou a rebate, fez marchar seu filho menor Luiz Carlos para Lages, donde tomou a estrada do Rio de Janeiro, acompanhado pelo capitão do regimento de Santa Catharina Manoel Gomes de Athayde: tanto é verdade que seu pae, em vez de defender o paiz que lhe fôra confiado, já meditava o plano de o entregar ao inimigo e retirar-se para aquella capital.

A retirada da tropa portugueza para a terra firme se fez confusa e desordenadamente, e a orphandade em que ficaram os pacíficos habitantes da ilha lhes infundia tal terror, elevou a tanto a consternação, que todos se julgavam felizes em abandonar seus domicilios e quanto possuíam de mais precioso, com tanto que salvassem as vidas e escapassem á licença que de ordinario soffrem os povos dos paizes conquistados; sendo n'este caso especialmente bem fundados os seus temores, vendo que o general maior era o mesmo Cevallos, inimigo figadal dos portuguezes, e que na guerra de 1762 deixou eternamente gravados na memoria dos habitantes do Rio Grande do Sul e colonia do Sacramento os horrores por que os fez passar.

São na verdade incalculaveis os males que soffreram os desgraçados catharinenses n'esse doloroso trance, alguns dos quaes nem consolação tiveram de achar uma embarcação que os transportasse á terra firme, ficando consequentemente sujeitos á lei dos invasores. Felizmente, porém, forçoso é dizel-o, os hespanhoes guardaram as leis da guerra para com os habitantes que de facto não tomaram armas para guerreal-os, respeitaram as propriedades,

conservaram os archivos publicos e não lançaram contribuições.

Depois da occupação da ilha os hespanhoes guarneceram as fortalezas das barras, cujos commandantes tiveram ordem de as evacuar, e tentaram apoderar-se de alguns pontos da terra firme, dirigindo expedições destinadas a submeter as freguezias da Enseada de Brito e Villa Nova de Sant'Anna, da primeira das quaes se retiraram lançando fogo á igreja, e da segunda os seus habitantes com armas os expulsaram: honra lhes seja tributada!

Firmada a capitulação offercida pelo general Barbacena, a tempo que se achava já no Cubatão, ordenadas algumas disposições para segurar a posse da ilha, e recolhidos os prisioneiros a bordo da esquadra, Cevallos deu á vella para o Rio da Prata, donde marchou para o Rio Grande com intenção de cobrir-se de louros, que o seu orgulho lhe pintara faceis de colher á custa do exercito do general Bohm: mas a opinião geral concordava que, achando-se este á frente de numeroso e aguerrido exercito, ia aquelle general receber no mesmo theatro o devido castigo das crueldades que perpetrára na invasão de 1763.

Até aqui temos visto a negligencia de um general, que, sem tentar a sorte das armas, só cuidou em salvar-se, abandonando ao inimigo um terreno de mais de cinco leguas, que tantas ha da praia de Canavieiras, onde desembarcou, até á capital da ilha, entre-cortado de serras, e que por isso offercia, senão a vantagem de defender-se bizarramente, ao menos a de cobrir e proteger a retirada dos habitantes para a terra firme, afim de evitar que suas preciosidades fossem presas do inimigo; mais adiante veremos a sua desobediencia ás ordens da côrte, procedimento de que podiam resultar as maiores desgraças ao Brazil, se a suspensão das hostilidades, ajustada pelas respectivas côrtes, e em seguida o tratado de paz, concluido no mesmo anno de 1777, não puzessem termo ás occurrencias da guerra, ateadas especialmente na fronteira do Rio Grande do Sul, onde dois generaes caprichosos, á frente de tropas aguerridas, iam decidir da sorte da bella e importante provincia de S. Pedro.

Permitta-se-nos agora uma pequena digressão, se assim se pôde chamar o que passamos a expôr, para darmos mais ampla idéa do objecto de que nos occupamos.

(*Contínua*)

J. A. C.

O progresso nacional é a somma das actividades, das energias, das virtudes de todos, do mesmo modo que a decadencia nacional é a somma das fraquezas, dos egoísmos e dos vícios de todos.

Stuart Mill

REPUBLICA CATHARINENSE

DOCUMENTOS PARA SUA HISTORIA

(Continuação da pag. 270)

Sessão extraordinaria de 15 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR CIDADÃO BARTHOLOMEU ANTONIO CANTO. — Aberta a sessão com cinco Vereadores, faltando com participação e causa justa os Vereadores Antonio Joaquim Teixeira e Domingos Custodio de Souza. Lida a acta da sessão antecedente foi seu conteúdo approvedo.

O Sr. presidente apresentou dois officios do cidadão Coronel David Canabarro, Chefe da Divisão Auxiliadora, datados de 14 do presente, sendo um em resposta aos officios que esta Camara lhe dirigiu com data de 8 e 13 do presente mez, do que ficou a Camara inteirada, e outro remettendo o officio e diploma que se havia enviado ao tenente-coronel Joaquim Xavier das Neves, por intermedio do tenente-coronel Teixeira, para vir tomar posse do cargo de Presidente do Estado, para o que havia sido eleito, participando que aquelle Teixeira lhe havia reenviado o dito officio por não ter podido fazel-o seguir a entregar ao mesmo Neves e ficando a Camara inteirada resolveu que, á vista da impossibilidade que presentemente havia de ser entregue o officio e diploma ao presidente eleito, se officiasse remettendo o diploma ao Vice-Presidente, o Reverendo Vicente Francisco dos Santos Cordeiro, convidando-o para vir tomar conta da presidencia, o que assim se praticou.

Na mesma sessão foi de unanime deliberação que se officiasse ao cidadão Joaquim de Souza França, para que interinamente se encarregasse da arrecadação das Rendas Nacionaes nesta Villa, de cuja repartição havia sido membro, visto o abandono em que se acha a arrecadação das mesmas rendas, recommendando-se que fizesse os competentes assentos para em tempo prestar suas contas, o que assim se praticou.

Igualmente officiou-se ao procurador da Camara fizesse efectiva a arrecadação de todas as rendas desta Camara que se acharem seus prazos vencidos e que com toda a brevidade apresentasse suas contas de receita e despeza, para lhe serem tomadas.

Igualmente officiou-se aos cidadãos Claudino de Souza Meeiros e Revmo. João Jacintho de S. Joaquim enviando-se-lhes os diplomas e convidando-os a virem tomar posse do cargo de Membros do Conselho Governativo do Estado, pelo impedimento do Revmo. Pe. Vicente Ferreira e do Capitão Joaquim José da Costa,

segundo os officios que se receberam mais, sendo um destes de Costa e outro do coronel David Canabarro, relativo á dispensa do mesmo capitão Joaquim José da Costa, o que foi unanimemente approved, visto a necessidade da prestação dos serviços do mesmo na Força da Vanguarda, em que se achava empregado. Não havendo nada mais a tratar, o Sr. presidente houve a sessão por acabada e assignam todos commigo José Pinto dos Reis, secretario que escrevi.—aa) *Canto—Andrade—Leal—Reis—Silva.*

— — — —

Sessão extraordinaria de 16 de Agosto de 1839 — PRESIDENCIA DO VEREADOR O CIDADÃO CAPITÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO— Acharam-se presentes cinco Vereadores, faltando, com participação, os Vereadores Antonio Joaquim Teixeira e Domingos Custodio de Souza.

Foi apresentado um officio do cidadão coronel David Canabarro, de 15 do presente, em que participa ter lhe o Juiz de Paz de Villa Nova, Manoel Teixeira da Silveira, representado que por motivo de desavenças não lhe convinha continuar a exercer naquella Freguezia o cargo de Juiz de Paz, em que actualmente se achava servindo, e que elle coronel, em attenção á mesma representação, pretendia empregal-o em outro serviço, nesta villa. Bem como propõe se seria conveniente estar a Freguezia da Villa Nova e a de Imaruhy sujeitas a um Chefe de Policia; foi a mesma Camara de unanime parecer que se officiasse ao mesmo coronel autorisando que poderia o Chefe de Policia, que diz haver nomeado, policiar as duas freguezias do Imaruhy e Villa Nova, até á installação da Governo Provisorio do Estado. Igualmente que se officiasse ao Juiz de Paz Supplente da freguezia de Villa Nova para exercer o mesmo emprego, emquanto durasse o impedimento do actual Juiz de Paz, e que se officiasse igualmente ao cidadão João José Nunes para vir: digo—a Zeferino José Nogueira da Silva para vir tomar posse e juramento do emprego de Juiz de Paz Supplente daquella freguezia, por ser immediato em votos. Igualmente se respondeu a outro officio do mesmo coronel, datado de quinze do presente, em que manda admittir a dispensa do cargo de Membro do Conselho ao Capitão Joaquim José da Costa, visto achar-se empregado no Commando das Forças da Vanguarda.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignam. E eu José Pinto dos Reis, secretario que escrevi.—aa) *Canto—Andrade—Leal—Silva—Reis.*

Documentos Historicos

Francisco de Brito Peixoto

E' tempo de mencionar os serviços prestados por Francisco de Brito Peixoto na colonisação da Laguna, da qual foi o fundador juntamente com o seu pai Domingos de Brito.

Documentos incontestaveis demonstram que Francisco de Brito, por si e por pessoal enviado á sua custa e dirigido por seu genro João de Magalhães (de onde vem o nome de Magalhães dado ao bairro da actual cidade da Laguna), em 1726 abriu caminho para o Rio Grande do Sul, Maldonado, Montevidéo e Buenos Ayres, tendo de vencer a opposição dos indios Tapes e Minuanos, que eram sustentados pelos Hespanhóes.

No interesse de esclarecer o assumpto, e particularmente no interesse da historia de Santa Catharina, convém transcrever a patente, pela qual Francisco de Brito foi nomeado capitão-mór da Laguna, da Ilha de Santa Catharina e do Rio Grande. Ella resume os serviços prestados até 1721.

Patente de Capitão-Mór a Brito Peixoto.

«D. João, por graça de Deus, Rei de Portugal, etc. Faço saber aos que esta patente virem, tendo respeito ao serviço que o capitão Francisco de Brito Peixoto me tem feito em o descobrimento de novas terras inhabitadas no Estado do Brazil, conquistando gentio, extinguindo feras, e até ultimamente situando uma povoação na Laguna, intitulada Santo Antonio dos Anjos, convocando para ella casaes a sua custa, que hoje se acham cultivando terras e dellas fazendo commercio para as Villas do Sul e a cidade do Rio de Janeiro, de carnes, peixes e legumes, com utilidade da fazenda Real, fazendo com a sua industria facilitar os caminhos daquelles sertões para o Rio Grande de S. Pedro, mandando á sua custa explorar a campanha deste dito Rio Grande, Montevidéo e Maldonado, empellido os estrangeiros o fazerem negocio pela costa; e sendo mandado pelo governador do Rio de Janeiro á uma diligencia á dita costa até á nova Colonia, a fez á sua custa sem acceitar cousa alguma; e arribando áquella costa uma não que ia para Macáo, a soccorrêo de mantimentos, de que necessitava, havendo-se com grande desvello e dispendio de sua fazenda, nas dilatadas jornadas que fez por muitos sertões, levando muitos escravos, mantimentos e materiaes, tudo encaminhado á se povoarem e dilatarem

povoações; convidando e concorrendo para ellas com muita gente pelo bom modo e liberalidade, com que obrigava os habitantes, que se achavam promptos para o que fosse conveniente ao meu serviço, e por esperar d'elle que d'aqui em diante continue na conservação e augmento..... Hei por bem de lhe fazer mercê do posto de capitão-mór das terras da Laguna e seu districto com a Ilha de Santa Catharina sua annexa, e do Rio Grande de S. Pedro, por tempo de trez annos...

Dada na cidade de Lisboa Occidental ao 1º dia do mez de Fevereiro de 1721. O Secretario André Lopes de Lavre a fez escrever. EL-REI.» (*)

Manoel da Silva Mafra

(Da Exposição Historica-Juridica)

(*) Azevedo Marques. Verba—*Francisco de Brito Peixoto.*

Uma grande emoção suprime a salivação

Tem-se observado entre a maior parte dos criminosos que, prezos, ficam os primeiros dias sem poder salivar; e entre os condemnados á morte, que não podem mais cuspir desde o instante em que o carrasco principia a proceder á toilette mortuaria.

Balzac nos conta um caso curioso dessa suppressão de salivação, produzida por uma violenta emoção.

«Sobre uma fragata em pleno mar, escreve elle, foi commettido um roubo. Quando, depois de um inquerito infeliz, o capitão desesperava de não poder fazer justiça, o contra-mestre annunciou que no dia seguinte elle descobriria o gatuno.

«Grando emoção a bordo. Na manhã seguinte o contramestre fez reunir a equipagem sobre o castello da proa e disse que ia descobrir o culpado. Ordenou em seguida a cada homem que lhe extendesse a mão e nella botou uma pequena quantidade de farinha recommendando-lhe que fizesse immediatamente uma bola com essa farinha e saliva.

«Houve um marinheiro que não poude fazer a bola... porque não tinha saliva.

—Eis o gatuno! disse o contramestre, apontando-o. E com effeito o marinheiro confessou a sua falta.»

ARICÓ E CAÓCOCHEE

OU

UMA VOZ NO DESERTO

HISTORIA FUNDADA EM FACTOS

POR

JOÃO HENRIQUE ELLIOT
1º TENENTE DE ENGENHEIROS

EM 1844

INTRODUCCÃO

Para que a seguinte exposição seja mais sufficientemente entendida, é necessario dar ao leitor uma succinta descripção dos campos de Palmas e seus contornos, mostrando as causas que produziram os sinistros acontecimentos que vou narrar.

Os campos de Palmas, collocados vantajosamente entre dois grandes rios (o Iguassú e o Goyo-en, ou Uruguay) são compostos, pela maior parte, de pittorescas campinas, que offerecem por todos os lados uma perspectiva continuamente variada e sempre interessante: pelo Oriente, longas planicies, no meio das quaes tombam em mil cascatas as turbulentas aguas do Chapecó, contrastam bellamente com as partes do Sudoeste, cortadas por grossas restingas e pintadas com magnificos capões, por onde o sombrio Chopim, rolando suas turvas aguas, embrenha-se pelas solidões do interminavel sertão. A Nordeste o Iguassú, serpenteando mansamente por immensos vargedos, e navegavel sem interrupção até oito leguas do campo. A' mesma distancia á Sudoeste, o Goyo-en, ou Uruguay, abundante em peixe e bordado de florestas ricas em herba matte, offerecem novos canaes para o commercio, superabundantes mananciaes de riquezas, por sua natureza inexhauriveis. Quando os primeiros povoadores se estabeleceram n'estes campos, os unicos indigenas que os habitavam eram os da tribu de Condá, e estes pelo seu zelo e perseverança do capitão Hermogenes Carneiro Lobo Ferreira, primeiro commandante da nascente povoação, foram em pouco tempo reduzidos e aldeiados, perto do abarrancamento dos permanentes, formando-se por semelhante maneira, com esta gente, um forte baluarte contra as aggressões dos indios bravios (no caso que tentassem estes qualquer hostilidade), os quaes habitavam, em grande numero, o lado meridional do Goyo-en.

Neste tempo, demittindo-se o capitão Hermogenes Carneiro, foi nomeado commandante Pedro de Siqueira Côrtes. Então Condá, ligado por sentimentos de gratidão e amizade ao seu primeiro bemfeitor, acompanhou-o para a sua fazenda do Chopim.

Foi ahí que, em varias occasiões, affirmou existirem em poder dos índios do Goyo-en algumas crianças portuguezas e disse que elle (Condá), auxiliado com alguns presentes para os caciques, achava facil o seu resgate.

Em consequencia destas noticias o capitão Hermogenes enviou o Condá com alguns mais de sua tribu, carregados dos objectos mais apreciados pelos indigenas, para a remissão dos presos: e entretanto recommendou-lhes todo o empenho de convencel-os a abandonar a vida selvatica, ou pelo menos, organizar um tratado de amizade e intercurso com os primeiros e legitimos proprietarios do Brazil. Condá cumprio satisfactoriamente sua espinhosa missão, trazendo consigo, além de varias crianças brazileiras de ambos os sexos, duas tribus de índios, com suas mulheres e familias, que tinham deliberado deixar a vida errante e aldeiar-se, juntamente com os mais, nos campos de Palmas.

Os índios foram apresentados ao novo commandante que os recebeu com agrado, distribuindo por entre elles ferramentas, fazendas, etc., mas como eram numerosos, e muitos delles não se acostumavam com os nossos viveres e passadio, pediram licença para caçar nas mattas visinhas, a qual lhes foi promptamente concedida pelo commandante.

Até aqui tudo concorria para que se esperasse bom resultado da aliança com os índios, que já reduzidos, e em harmonia com os moradores, franqueavam os sertões de Goyo-en, e davam lugar a novas explorações e descobertas neste interessante rio. A humanidade ficou satisfeita e o philantropo contemplava com prazer o lisongeiro quadro que o futuro apresentava. Mas quanto foi curta a sua duração! O interesse, o sordido interesse, aquelle grande movel de todas as acções humanas, abriu uma nova boceta de Pandora sobre esta nascente povoação! Ateiou-se o facho da discordia.

O archote de intrigas e sizanias accendeu-se e, para cumulo da infelicidade, queimou com a maior virulencia duas pessoas, a quem imperiosas circumstancias impunham o dever de se conservarem em união; eram estas o primeiro commandante capitão Hermogenes, e o outro o actual Pedro de Siqueira Côrtes.

Neste tempo seguio aquelle para S. Paulo, levando consigo Condá e seus protegidos resgatados do matto: a ausencia de tal protector foi funestissima e fatal aos índios. Pessoas mal intercio-

nadas começaram a espalhar boatos que os indígenas premeditavam um ataque contra a povoação; e, ou porque o commandante realmente acreditasse em taes boatos, ou (o que é mais provavel) por que desejasse neutralisar todos os planos do seu rival, o que infelizmente estamos vendo praticar em nosso tempo por pessoas de muito mais alta e elevada posição: o certo é, que não perdeu tempo em deprecar força armada, como que se esta, tendo de vir de distancias, podesse obviar esse fantastico e sonhado ataque. Com a chegada deste auxilio organisou uma escolta, sob pretexto de ir ao matto buscar os indios, que se entretinham em suas innocentes caçadas, e os conduzir para a povoação, mas sua fixa intenção era de assassinal-os, porque em lugar de entregar esta força á disposição de uma pessoa de humanidade, honradez e intelligencia, escolheu para commandante um ignorante e brutal fanatico, bem conhecido pela sua ferocidade e malvadez. Dadas as instrucções a este digno instrumento, que as devia executar, não era necessario ser propheta para antecipar as consequencias e prevêr o desastroso futuro que estava imminente. Chegada a escolta onde estavam os indios abarracados, lhes foi intimada a ordem do commandante para seguirem á povoação.

Os selvagens obedeceram submissamente, nunca suspeitando a infernal trama que estava contra elles urdida. Marcharam, pois, seguindo a escolta e no segundo dia de viagem, na sahida de uma pequena campina (tendo sido já de antemão concertado o plano de massacre) por um signal dado, os indios foram de subito acommettidos e ferozmente assassinados, sem que até então tivessem dado inicio algum da mais pequena insubordinação. Uma segunda escolta foi então mandada em busca de algumas familias, que andavam dispersas do grosso da indiada, e, como era de esperar, a mesma tragedia e as mesmas atrocidades foram perpetradas.

Não deve aqui ficar em silencio a heroica e louvavel conducta do digno capitão commandante da escolta, o qual deu não equivocada prova de sua coragem e bravura, escolhendo para alvo do seu destimido bacamarte uma china, quasi cega, que tinha tido toda a apparencia de ter visto mais de oitenta invernos. Depois destes gloriosos feitos de armas, as mulheres e crianças que tinham escapado da carnificina, foram conduzidos como em triumpho para a povoação; as chinas e alguns de seu filhos ainda pequenos entregues a indios aldeiados, e os mais vendidos como escravos, áquelles que mais offereceram.

Tão pernicioso foi este exemplo que os indios, seduzidos pelo vil interesse, pela esperanza de lucro, sacrificaram diariamente as infelizes mães para poderem vender seus filhos. E a gente, que se

diz moral e christã, que olha para esta sanguinolenta mortandade de indios como para uma brincadeira de bom gosto! Outros ha, que acreditam piedosamente que a exterminação inteira destes primogenitos do Solo Americano será um bem muito apreciavel, um augmento de civilisação *summum bonum* para o paiz!

Quanto está no século das luzes eclypsado o espirito de religião! Quanto menospresados os sentimentos de humanidade e de moral, para o que se olha com absoluto indifferentismo! Deixando estas acções anti-philantropicas confundidas com os seus indignos autores, direi sómente que o tempo mostrará se este reprehensivel procedimento trará alguma ventura para a localidade, onde tão crueis como escandalosos assassinatos foram commettidos, ou, se pelo contrario, aquelle espirito de vingança, tão natural a esta gente, não as impellirá um dia a perpretrarem actos que compromettam seriamente a sua tranquillidade e dos moradores de Palmas; e privar o paiz, por muitos annos, de gozar daquellas vantagens que a belleza do seu clima, a fertilidade do seu terreno e sua feliz posição geographica davam-lhe todo o direito de esperar.

PARTE I

O rio Goyo-en (*) ou Uruguay, distante oito leguas, pouco mais ou menos, dos campos de Palmas, corre por muitas milhas pelo centros de magnificas florestas e pittorescas campinas, e depois, surgindo magestosamente do sertão, banha por um lado as longinquoas planicies de Corrientes e Entre-Rios: por outro lado os antigos povos das Missões e dilatados campos da Cisplatina, até que, juntando-se com o grande Paraná, forma o formoso Rio da Prata, que logo abaixo de Montevidéo perde-se na immensidade do Atlantico. Pelo lado meridional deste rio habitavam varias tribus de indios ainda livres e independentes, governados pelos seus caciques, vivendo no estado da natureza; subsistiam de peixe, caça e fructas, que o grande rio e espaçosas mattas que bordam suas margens, lhes forneciam com abundancia.

Entre ellas a mais distincta, pelo seu numero e renome de seu chefe, era a de Nonohay, velho cacique que se fez celebre em varias sanguinolentas guerras com os ferozes e temiveis botocudos, cujos aldeamentos estão collocados nas agrestes serras do oriente, e contra as tribus que habitavam os interminaveis sertões de Paiquerê.

(*Continúa*)

(*) *Goyo-en* — rio que não dá váo.

ELEMENTOS DE CIVILIDADE

A apresentação

Não se apresenta ninguém sem se ter pelo menos a maxima probabilidade de que a apresentação será bem recebida por ambos.

Apresenta-se o mais moço ao mais velho e o inferior ao superior.

Não se apresenta uma senhora a um cavalheiro; mas este a uma senhora, depois de haver conseguido permissão della.

A apresentação faz-se, estando de pé as pessoas que se apresentam uma a outra, e indicando o apresentante simplesmente o nome do apresentado. Os apresentados cumprimentam-se, inclinando a cabeça; não se oferecem as mãos.

As cartas de apresentação, recommendando alguém, devem ser simples, attentiosas e delicadas, visto que se trata de obsequiar uma pessoa sem violentar aquella perante quem se intercede. Entregam-se ao recommendado abertas e desprovidas de sello, mas o que as acceita deve fechal-as, sem as ler, na presença de quem lhe as dá, para denotar confiança. Podem ser entregues pessoalmente á pessoa, a quem são dirigidas, ou remetidas pelo correio depois de convenientemente franqueadas por estampilhas.

Cumprimentos

Quando duas pessoas conhecidas se encontram, a saudação deve partir da inferior para a superior, do mais moço para o mais velho e do homem para a mulher, se elle presume que a ella não importa ser reconhecida. De noite, é prudente não reconhecer ninguém.

O homem saúda, tirando cortezmente o seu chapéu e pondo-o logo sem esforço. Esta especie de cumprimento é mais ou menos attentiosa, conforme a hierarchia das pessoas, a quem se dirige. A mulher responde ao cumprimento com a cabeça, inclinando-a ligeiramente, e com os olhos, imprimindo á sua saudação graça e dignidade.

Quando o homem se encontra com uma senhora, que tem de saudar, se vai fumando, retira immediatamente o cigarro ou o charuto, para fazer o cumprimento. Se conversa com a senhora, a quem sauda, fica descoberto, com o chapéu na mão, mas deve ella apressar-se em dizer-lhe que o ponha. Para evitar o ridiculo de estarem muito tempo descobertos deante de uma senhora, que pode ser indiscreta ou ignorar a attenção que se deve a um cavalheiro, muitos homens saudam as senhoras tirando e pondo logo o chapéu.

Quando duas pessoas caminham juntas, o lugar de honra é a direita na rua e do lado da parede no passeio. Em grupo o lugar de honra é no meio.

Quando alguém de um grupo é saudado, todo o grupo responde a saudação; mas uma senhora não responde á saudação que se faz ao seu ou aos seus companheiros, os quaes, pelo contrario, correspondem, quando ella é cumprimentada.

Além do cumprimento de tirar o chapéo, ha o simples cumprimento de mão, menos respeitoso, porém, acaso, mais elegante. Consiste em levantar o ante-braço direito até tocar com as pontas dos dedos na testa, com a palma da mão voltada para o rosto, e deixal-o decair docemente até a posição horizontal.

O aperto de mão é um cumprimento de amizade e de intimidade. O mais moço e o inferior deve esperar sempre que o mais velho ou superior lhe estenda a mão. Não se estende a mão morta; no aperto de mão deve de haver uma certa electricidade suave, que denote a vida e a estima.

Em conversa

Em visitas de cerimonia deve-se fugir de conversar em assumptos commerciaes, politicos e religiosos.

Não se interrompe a pessoa, com quem se conversa, e presta-se todo o interesse e attenção á conversação.

Não se fazem appartes, nem se fala em linguagem desconhecida de algum dos presentes.

Evitam-se quanto possivel os pronomes pessoaes e possessivos com que o individuo, affrontando os outros, se quer dar importancia a si proprio: não se diz por exemplo: *Eu* vou para *minha* casa; mas: Vou para casa.

Conversando com pessoas honorificadas ou nobres, evita-se o frequente uso do seu titulo: falla-se com ellas como com qualquer cavalheiro.

Para se fazer em conversação boa companhia deve-se estar ao corrente dos successos diarios, como livros, representações theatraes, exposições, etc., omitindo-se os escandalos.

(*Continúa*)

As creanças de menos de quatro annos que viajam em bondes na Austria pagam meia passagem. Em vista de continuas fraudes, porém, as administrações tomaram uma providencia decisiva: — Toda a criança cuja altura passar de um metro paga passagem inteira.

—A clara do ovo é um dos melhores reconstituintes para os convalescentes e para as creanças debilitadas. Os inglezes a misturam até com café e chá.

—Um limão exposto ao calor dá muito mais summo do que um limão frio.

O brigadeiro

Manoel Soares Coimbra

(Continuação da pag. 272)

Obteve entrar para o Monte-Pio, mercê que nesses tempos era difficil de alcançar, e a graça de cavalheiro da Ordem de Christo aos dous filhos varões que lhe restavam; (*) e se lhe concedeu finalmente, por decreto de 12 de Outubro de 1801, a graça de confirmação da proposta militar do seu regimento, não obstante as reformas que nella tinha mandado fazer o tenente-general José Narcizo, commandante das tropas do Rio de Janeiro; proposta na qual, por mercê especial, seu neto (o brigadeiro José Maria da Gama, hoje barão de Saican) é promovido a tenente, tendo apenas oito annos de idade, e indistinctamente contemplados não só os seus amigos, como todos aquelles que, em seus depoimentos na devassa, se mostraram seus adversarios; exemplo de moderação rara vezes imitado! Outras mercês tinha ainda Coimbra de esperar da real munificencia; mas a sua saude, que principiava a alterar-se, o aconselhou a encorporar-se sem demora ao seio de sua familia.

Regressando á Santa Catharina, em 1802, entrou novamente no commando do seu regimento, e não perdendo jámais de vista a conservação desse aquartelamento que tantas fadigas e suores lhe tinham custado, e esquecendo inteiramente a ingratição com que fôra tratado, todos foram testemunhas de que á sua custa lhe ia fazendo os reparos indispensaveis, mandando transportar de sua fazenda do Passa-Vinte, e por seus escravos, as madeiras necessarias, e n'um dia em que se achava no quartel occupado neste util fim, foi acommettido de grave enfermidade: e como o perigo crescia a cada instante e os signaes de morte se apresentavam cada vez mais pronunciados, decidiram os professores assistentes declararem o seu verdadeiro estado. Longe de sossobrar o espirito de Coimbra, elevou-se. Ouviu a noticia com socegado semblante, testemunho da serenidade de sua alma, e, agradecendo, pediu immediatamente os Sacramentos, conforto certo da jornada, dando a si proprio o parabem de ter por pouco tempo de soffrer a pena do desterro. Foram-lhe administrados os soccorros espirituaes, edifican-

(*) Manoel Soares Coimbra, que falleceu muito moço, de 24 para 25 annos, no posto de major do mesmo regimento, e Joaquim Soares Coimbra, que morreu no posto de brigadeiro reformado, no dia 8 de março de 1844.

do-se os circumstantes com a devoção e formalidade do moribundo, e abraçando ternamente sua familia (*), recommendando-lhe a pratica das virtudes em que a educara, exhalou o ultimo suspiro no infausto dia 19 de Setembro de 1807, assistindo-lhe até expirar o Rev. Fr. Manoel de Santo Elisiario, commissario da Ordem Terceira, e Francisco José Ramos, professor regio de latim. Assim terminou sua carreira este militar de raro genio, como temos visto, tendo de idade 69 annos e mezes, deixando levantar á sua memoria alguns padrões para o fazer lembrado ás futuras gerações. Foi sepultado com as honras de sua patente, e na capella de Nossa Senhora das Dores da cidade do Desterro descançam seus restos mortaes.

Manoel Joaquim de Almeida Coelho

(*) Da certidão que temos presente do casamento do brigadeiro Coimbra, consta que, sendo capitão de granadeiros casara em Santa Catharina, a 16 de Março de 1770, com D. Aniceta Zuzarte, filha legitima do alferes Antonio George Zuzarte e Rita Maria Pinto, natural e baptisada na matriz da cidade do Desterro, servindo de testemunhas José Luiz do Livramento e o sargento-mór Jacintho Jacques Nicós.

Deste casamento houveram filhos, alguns dos quaes morreram recém-nascidos; dos que se crearam são: o mais velho Manoel Soares Coimbra, que morreu com 24 para 25 annos de idade, sendo major do regimento de seu pai;—Joaquim Soares Coimbra que, sendo capitão do mesmo regimento, falleceu no posto de brigadeiro reformado a 8 de Março de 1884—João Soares Coimbra, que, muito creança, morreu sendo alferes do mesmo regimento..... D. Maria, que casou com o tenente-coronel do regimento José da Gama Lobo Coelho d'Eça;—D. Rosa, que morreu solteira pelos annos de 1817 ou 1818—D. Anna, que casou por esses annos com Luiz Gonzaga Mayer, e D. Clara que, solteira, ainda hoje recebe o meio soldo de seu pai.

Immigrantes em Santa Catharina

Durante o anno de 1910 entraram na Hospedaria de Florianopolis 378 immigrantes, constituindo 75 familias, sendo :

Allemaes.	320
Austriacos.	16
Suissos.	21
Italianos.	14
Russos.	7

Durante o 1º semestre de 1911 entraram na mesma Hospedaria 889 immigrantes, sendo :

Allemaes	825
Suissos	22
Austriacos	21
Italianos	1
Russos	20

O QUE DIZ O DOUTOR

Tratamento das flatulencias do estomago

Os medicamentos que devem ser empregados contra flatuosidades são determinados pelas causas das quaes ellas provêm.

Quando os gazes e a inchação do ventre sobrevêm logo após as refeições, sem reacção dolorosa notavel, derivam elles de insufficiencia secretoria e de atonia muscular do estomago. Combate-se, por consequencia, esse meteorismo por agentes que deverão, de uma parte, provocar rapidamente uma abundante secrecção de succos digestivos, e, de outra parte, restituir ás fibras musculares sua contractilidade habitual. Esta dupla acção será efficazmente pedida a certas plantas da familia das umbelíferas, e, particularmente, ao aniz verde, ao caminho, á angelica, ao funcho, ao coentro, á alcaravia.

A infusão de sementes de aniz verde, de coentro ou de funcho—doze minutos em agua fervente—deve ser tomada uma hora depois da refeição e tão quente quanto possivel. Pode-se tambem fazer uzo da tintura dessas plantas á dóze de vinte gottas num meio copo d'agua quente assucarada.

Este tratamento pelas umbelíferas, efficaz nos casos de flatulencias por causa de asthenia estomacal e de insufficiencia de succo gastrico é, ao contrario, formalmente contra-indicado quando os gazes são devidos á fermentações acidas dos alimentos, quando ha uma hypersecrecção de acido chlorhydrico normal, ao mesmo tempo que uma inflammação chronica, dores e caimbras no epigastrio. Neste genero de dispepsia, em lugar de se procurar excitar a motilidade do estomago, visto já estar exagerada, é necessario acalmar a irritação gastrica e restabelecer a marcha regular dos phenomenos chimicos da digestão.

Conseguir-se-á isso fazendo uzo de pós absorventes ou de alcalinos, tomados uma hora ou duas depois da refeição, e bebendo-se infusões quentes de flores de tilia ou de folhas de laranjas.

Depois da comida deve o doente ficar em repouzo durante uma hora, recostado, com a cabeça alta. O café, o chá, o vinho serão absolutamente supprimidos.

Além das duas especies de meteorismo de que vimos de tratar, ha uma terceira, de origem puramente nervosa. Trata-se, neste caso, de *surmenés*, de neurasthenicos, de pessoas deprimidas por desgostos ou inquietações, dotadas de sensibilidade excessiva, muito emotivas, muito impressionaveis, que, sem molestia do estomago, resentem, seja em jejum, seja ao começo, ao meio ou ao fim do repasto, seja uma hora ou duas após, caimbras no epigastrio,

seguidas immediatamente de um crescimento enorme do estomago, com oppressão e batimentos do coração.

Ao fim de uma ou de algumas horas, produzem-se eructações inodoras e o resto dos gazes passa para os intestinos. O enfermo sente que desapareceu um obstaculo que havia nas proximidades do pyloro: é o espasmo que cessou. Mas é susceptivel de reaparecer no mesmo dia.

Duas plantas são approvadas para esses casos: a camomilla e a hortelã pimenta. As propriedades sedativas da primeira são bem conhecidas. A infusão será feita com cinco ou seis cabeças de camomilla por chicara e tomada quente. Quanto á hortelã, pode-se empregar as folhas: mas commumente serve-se da tintura ou da essencia, algumas gottas com agua assucarada.

Dr. Drack

As pombas

*Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia, sanguinea e fresea, a madrugada.*

*E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Rufando as azas, sacudindo as pennas
Voltam todas em bando e em revoada.*

*Tambem dos corações, onde abotôam,
Os sonhos, um por um, céleres vôam,
Como vôam as pombas dos pombaes.*

*Na azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações não voltam mais...*

Raymundo Corrêa

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

(*Continuação da pagina 283*)

Na sessão de 1º de Julho foi apresentado o longo projecto de lei marcial, comminando penas terriveis a quantos fossem julgados, ás commissões militares, suspeitos de fazerem causa commum com os portuguezes.

Assignaram o projecto: Antonio Carlos, Ribeiro Machado e Silva, Carneiro de Campos, Barão de Santo Amaro, Veloso de Oliveira, Araujo Lima, Silva Maia, Pereira da Cunha, Moreira da Gama, Martim Francisco, Fernandes Pinheiro, Rodrigues de Carvalho.

Só entrou em discussão na sessão do dia 11, tornando-a agitadaissima. Fallaram a favor Ribeiro de Andrade, Fernandes Pinheiro, Henrique de Rezende e Andrade e Silva. Este principiou fazendo a apologia da vindicta: «A lei da represalia é justa e tão antiga como o mundo. Em todos os tempos, em todas as nações se têm praticado represalias; talvez não haja uma só que não tenha feito uso dessa medida».

Contra o projecto manifestaram-se na tribuna Vergueiro, Cruz Gouvêa, Costa Barros e Souza França.

«Este projecto de lei, disse França, deve ser considerado em duas relações: a 1ª respeita ao que decretaram as côrtes de Portugal nos momentos criticos de supprimirem uma revolução das suas provincias continentaes, e se fez posteriormente extensivo ás nossas provincias do Brazil; a 2ª respeita á economia do nosso governo interno quando occorram semelhantes conjuncturas politicas. Quanto á 1ª parte não me parece motivo bastante para se ordenar esta lei o procedimento que tiveram as côrtes de Portugal, fazendo applicavel ás nossas provincias, que ellas ainda reputam parte integrante do reino unido, uma lei cuja sancção teve por motivo somente reduzir á ordem as alterações dos povos do seu verdadeiro territorio.

O motivo de represalia, que tenho ouvido aqui fazer valer nesta hypothese, para se admitir o projecto, não existe absolutamente: ou, antes, é uma falsa apparencia de razão somente com que se abona o projecto.

O que no caso se dá é uma escandalosa imitação do procedimento que tiveram as côrtes de Portugal com as suas provincias revoltadas, estando, aliás, as nossas, como estão, pacificas e adherentes ao systema do governo, que geralmente se tem abraçado. Porém que as côrtes de Portugal não fizeram para o Brazil a lei a que nos referimos é manifesto do processo da mesma lei: ella foi

motivada pela urgencia de se acudir com remedio prompto e decisivo á explosão de um volcão politico, cuja cratera principiava a fumar nas suas provincias e ameaçava do tiro das suas lavas o coração do reino.

As côrtes de Portugal, pois, não legislavam para o Brazil com as ameaças de um decreto, que era filho do momento e d'outras circumstancias mui extranhas á causa da independencia do Brazil.

O deputado Luiz Paulino, porém, que era membro d'aquelle congresso por parte da provincia da Bahia, querendo que aproveitasse aos seus conterraneos a parte benefica do mesmo decreto, fez em 24 de Março uma indicação ao dito respeito, attento á luta em que se achavam os bahianos contra as tropas de Portugal, que occupavam a sua capital. Discussio-se a materia e final venceu-se que se generalizasse o decreto á todas as provincias que o congresso havia como partes integrantes do reino-unido.

Mas ainda quando intenção houvera das côrtes de Portugal, em tratar as nossas provincias militarmente pelo citado decreto, não vejo eu que houvesse condigna represalia ao dito respeito se não em tratar-mos tambem militarmente as provincias do mesmo Portugal, se algumas lhe estivessem adherentes das que o Brazil pretendesse ter o direito de accessão; mas tratarmos nós mesmos as nossas mesmas provincias—adherentes, amigas, pacificas, constituintes e compromittentes como se acham—pela mesma identica maneira com que Portugal ameaça as suas quando revoltadas, é politica que não entendo.

.

.

Senhores, nós abundamos em leis criminaes a todos os respeito e prouvera a Deus não houvessem tantas nem tão inhumanas como algumas são. Por falta de leis não hão de ficar impunes os cidadãos brazileiros refractarios ao novo pacto social em que se tem empenhado a nação. E' ociosa, é impolitica, portanto, a lei que ora se nos propõem: ella só servirá para nos fazer um mal, que é perdermos a justa confiança que devem ter as provincias nos seus representantes, que enviaram a este congresso para as constituir, e não para as ameaçar; para as honrar de uma justa confiança de seu inalteravel patriotismo e não para as injuriar com a presumpção de crimes politicos, que se não podem nunca esperar de brazileiros que, expontaneamente e á uma voz, se propõem constituir em novo systema de governo. Voto, portanto, contra o projecto, como ocioso e impolitico que me parece.»

Continúa

José Johanny

O REMORSO

*Aquelle, que domina os céos brilhantes,
Artifice da machina estrellada,
Ante cuja grandeza os reis são nada,
Átomo a terra, os seculos instantes :*

*O Deus, que contra os vicios negrejantes
Pela voz dos trovões ao homem brada,
Da misera virtude atropellada
Vinga os tristes suspiros penetrantes :*

*Sem que o mortal com lagrimas o peça,
Juiz imparcial, juiz superno
Na causa do innocente se interessa :*

*Manda-te resurgir do horror eterno,
Devorante remorso ! Em ti começa
O supplicio dos maus, dos maus o inferno.*

Manoel Maria du Bocage

Lei dos numeros

Quem olhar para a installação dos algarismos abaixo notará uma admiravel igualdade de ordem dos numeros. E' trabalho de um insigne mathematico, professor da Universidade de Harvard, em Cambridge, nos Estados Unidos da America do Norte.

1 vez 8 e 1 fazem 9
12 vezes 8 e 2 fazem 98
123 vezes 8 e 3 fazem 987
1234 vezes 8 e 4 fazem 9876
12345 vezes 8 e 5 fazem 98765
123456 vezes 8 e 6 fazem 987654
1234567 vezes 8 e 7 fazem 9876543
12345678 vezes 8 e 8 fazem 98765432
123456789 vezes 8 e 9 fazem 987654321

1 vez 9 e 2 fazem 11
12 vezes 9 e 3 fazem 111
123 vezes 9 e 4 fazem 1111
1234 vezes 9 e 5 fazem 11111
12345 vezes 9 e 6 fazem 111111
123456 vezes 9 e 7 fazem 1111111
1234567 vezes 9 e 8 fazem 11111111
12345678 vezes 9 e 9 fazem 111111111
123456789 vezes 9 e 10 fazem 1111111111

Notas Historicas

(Continuação da pag. 250)

2º DISTRICTO — LAGUNA

7 MUNICIPIOS E 17 PAROCHIAS

(1º Escrutinio) 940 eleitores

Manoel José de Oliveira, advogado, 449 votos.
Dr. Manoel da Silva Mafra, magistrado, 439 votos.
Conselheiro Francisco Carlos da Luz, 51 votos.
Capitão Luiz Martins Collaço, proprietario, 1 voto.

Visto não ter nenhum dos candidatos desputantes obtido maioria de votos, foram a segundo escrutinio os dois primeiros mais votados, o que se effectuou a 9 de Dezembro de 1881 dando o seguinte resultado:

(2º Escrutinio) 948 eleitores

32 — Dr. Manoel da Silva Mafra, eleito, 498 votos
Contendor, Manoel José de Oliveira, 481 votos.

Chamado aos conselhos da corôa para fazer parte do ministerio de 21 de Janeiro de 1882, acceitou a gerencia da pasta da justiça e procedeu-se á nova eleição de deputado por este districto em 9 de Abril de 1882, a qual deu este resultado:

(1º Escrutinio) 961 eleitores

33 — Conselheiro Manoel da Silva Mafra, eleito, 501 votos.
Contendor, Manoel José de Oliveira, advogado, 460 votos.

19ª LEGISLATURA

1885 (2 cadeiras)

Eleição directa — 1 de Dezembro de 1884 — Districto de um só deputado — Lei nº 3099 de 9 Janeiro de 1881 — 18 municipios e 40 parochias. 2199 eleitores.

1º DISTRICTO — DESTERRO

11 MUNICIPIOS E 22 PAROCHIAS

(1º Escrutinio) 1354 eleitores

34 — Dr. Duarte Paranhos Schutel, medico, eleito, 688 votos.
Contendor, Dr. Alfredo Escragnolle Taunay, 666 votos.

2º DISTRICTO — LAGUNA

7 MUNICIPIOS E 18 PAROCHIAS

(1º Escrutinio) 825 eleitores

35 — Conselheiro Manoel da Silva Mafra, eleito, 506 votos.
Contendor, Dr. Thomaz Argemiro Ferreira Chaves, bacharel em direito, 323 votos.

(Continúa)

Rodolpho Baptista de Araujo

MISCELLANEA

A origem da palavra "Yankee"

Eis aqui, segundo um sabio hollandez, uma curiosa versão da origem da palavra *yankee*, que se considera geralmente como uma corrupção de *english*.

Na opinião desse sabio a palavra *yankee* remonta além da época da Successão (1860 - 1865), ou mesmo á da Independencia (1775 - 1783). A origem deve ser achada na época da occupação hollandeza do decimo setimo século.

Sabe-se, com effeito, que New-York, fundada pelos hollandezes, se chamava ao principio Niew-Amsterdam, e que ella não se tornou definitivamente ingleza se não em 1674.

Ora, na época das guerras entre a Inglaterra e a Hollanda conflictos surgiram na America entre os colonos inglezes e hollandezes, e estes foram chamados por aquelles de *Yankees*, palavra formada de dois nomes hollandezes muito communs: *Jan* (João) e *Kees* (Cornelio), do mesmo modo que o americano chama ao inglez de *John Bull* e que o inglez chama ao americano de *Brother Jonathan*.

Ha a notar, aliás, que *Jan* e *Kees* eram precisamente os nomes dos dois irmãos Witt, illustres homens de Estado que dirigiam então o governo dos Paizes Baixos.

A palavra "barricada"

A origem desta palavra, uzada geralmente para designar as trincheiras feitas nas ruas com carroças, moveis de toda a especie, etc., em occasiões de reacções populares contra as forças do Estado, encontra-se num interessante ponto da historia de França no século XVI. Em 1576 o duque de Guises fundou uma confederação do partido catholico, denominada *La Ligue* (a liga), cujo fim apparente era defender a religião catholica romana contra os Calvinistas, mas que em realidade visava destronar Henrique III e collocar os Guises, chefes dos *ligueurs*, no governo da França. Os confederados, alliados ao povo, oppuzeram-se á passagem das tropas de Henrique III, por meio de grandes obstrucções, em diversas ruas de Paris, feitas com barricadas. Dahi o nome de *barricadas*.

RECEITAS E CONSELHOS

PÃO DE ABOBORA

Descascam-se e tiram-se as sementes de 4 aboboras; cortam-se as mesmas em pedaços, e cozam-se por duas horas, pisando-as e passando-as por uma peneira; depois de frias ajunta-se á cada libra d'esta massa uma libra de farinha de trigo ou de centeio, e agua necessaria para formar uma massa meio dura, ajuntando-se-lhe mais um pouco de fermento, e deixando-se em um lugar quente durante 12 horas, coberta com uma colcha de lã para crescer; amassam-se em seguida, formando os pães, e pondo-os no forno convenientemente aquecido.

PÃO DE MANDIOCA

Duas libras de farinha de mandioca e uma de farinha de trigo, amassadas com agua e o fermento necessario, seguem-se depois as regras já dadas para o pão de abobora, e alcança-se um muito saboroso pão.

PÃO DE FUBÁ, CHAMADO PÃO DE COLONO

Toma-se uma libra de massa de batatas, ou de cará ralado, lavado e misturada com 2 libras de fubá fino, e juntando-se o fermento e agua quente, quanto baste, amassa-se, e depois deixa-se crescer por espaço de 12 horas; amassa-se outra vez antes de pôr no forno, e obtem-se um excellente pão, geralmente uzado pelos colonos allemães.

MEIO DE TORNAR A AGUARDENTE COM GOSTO DE VELHA

Misture-se em cada garrafa de aguardente 3 gottas de amoniac liquido; esta substancia neutralisa a pequena quantidade de acido acetico contido na aguardente, acido este que só desapparece quando a aguardente fica muito velha.

REMEDIO CONTRA O MÁO HALITO

O halito putrido das raizes dos dentes podres, passa, lavando-se a bocca com uma fraca dissolução de pedra hume em agua.

MEIO DE TIRAR A CATINGA DEBAIXO DO SOVACOS

Dissolve-se uma oitava de pedra hume em 8 onças de agua, e lava-se com esta agua o logar durante 3 ou 4 dias.

REMEDIO CONTRA OS PÉS FRIOS

Ponham-se duas onças de folhas de alecrim n'uma garrafa, que se encherá com aguardente; lavam-se os pés todos os dias ao levantar, com este liquido, e deixam-se seccar.

A alma do outro mundo

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

Luiz Guimarães Junior

(Continuação da pag. 287)

— Mas, meu pae...

— Vives aqui mettida agora, que é um agouro tal e qual. E' bom saihes, tomar ar, respirar. O proprio Sr. vigário...

— Que tem o Sr. vigário? acudiu Rosinha, de minuto em minuto mais admirada.

— Nada; com o Sr. vigário a cousa é outra. Fazes-me a vontade, não fazes?

— E «vosmicê» tambem vem?

José Paz recuou dois passos, como se o apanhassem em flagrante delicto.

— Eu não! Eu fico! Preciso ficar mesmo!

— Para que?

— Ai! Ai! Ai! Isto é muito perguntar, minha dona!

— Sô, não o deixo.

— Para ir ao Recife com a tua madrinha me deixaste!

— Papae!

— Para ir ao baile da madrinha tambem me deixaste!

— Mas...

— Para dansar com o diabo tambem me deixaste!

— Não falle assim, meu Deus!

José Paz estremecia vivamente e o suor gotejava-lhe da cabeça descoberta.

— Portanto, terminou elle com voz firme e as sobrancelhas torcidas, has de fazer-me o favor de me deixar agora tambem!

E sahiu arrebatadamente de casa.

Duas ou tres raparigas do logar, que estavam á porta do Chico Valente, vieram buscar Rosinha.

A menina envolvera-se em um chale e esperava o resultado das extravagancias paternas. O que seria aquillo? Por que motivo José Paz teimava ficar sô em casa naquella noite? Rosinha perdia-se em um dedalho de supposições impossiveis. Quando ella sahia no grupo das raparigas, José Paz entrava em casa e fechava-se hermeticamente por dentro.

O matuto não dava para ladrão, decididamente.

Ao penetrar no quarto da filha as pernas oscillavam-lhe como um matto de bambús fustigados pelo vento norte. Os olhos mechiam-se nas orbitas, á semelhança de duas quasi extinctas brazas que de vez em quando desprendem um fugitivo clarão sanguinolento. Parou, prestando ouvido aos rumores suspeitos. Mas apenas a aragem e o som débil das vozes afastadas turbaram o repouso da noite, José Paz creou coragem e abriu com a mão febril o bahú da filha.

O quarto estava ás escuras; por precaução o matuto apagára o candieiro e o velho lampeão, unicas luminarias dos seus dominios. Foi pelo tacto que elle se aventurou entre as cassas, crivos e chitas do pobre guarda-roupa da menina. Apalpou nos cantos do bahú, e seus dedos curvos arranharam a capa de cinco ou seis livros. Era a bibliotheca de Rosinha: o «Simão de Nantua», o «Thesouro das Meninas», «Paulo e Virginia» e outras producções da musa innocente e simples. O larapio, que descobre um sacco de moedas, não exhala suspiro de maior satisfação do que o que rugio nas cavernas do peito de José Paz. Apertou nas mãos phreneticas os livros e uniu-os ao seio humido e agitado.

Com a outra mão poz-se a reconhecer de um a um os vestidos da filha.

O primeiro que lhe cahiu nas garras foi o da «soirée» do Recife. Era elle, era elle com toda certeza! Aquella doçura da cambraia, as rendas e o perfume, até o perfume, guardado nas flácidas dobras, como uma pura recordação!...

Os dedos nervosos fizeram do vestido uma trouxa brutal e o arrancaram do bahú violentamente, enquanto um grito de prazer voava da garganta de José Paz. Depois do vestido o lenço bordado, laços da cintura e dos hombros, as botinas de setim e o leque, tiveram o mesmo destino impiedoso...

José Paz fechou cautelosamente o bahú e dirigiu os passos trôpegos para fóra do quarto. O latido de um cão na visinhança fello parar trémulo no limiar como um malfeitor surprehendido. A respiração assoviava-lhe atravez das humildes narinas.

Carregado com o leve fardo, chegou á pequena cozinha e tirou da janella uma acha de fenha inflammada. Saccudiu-a no ar, e as chammas, estalando com a resina do graveto, aclararam o compartimento. A porta da cozinha dava para uma especie de quintal, um terreiro despido de arvores, em cujo fundo corria uma parte da matta espessa.

Lançando ao meio do terreiro os vestidos e os livros, José Paz tornou á cozinha e arrebanhou uma multidão de galhos seccos e folhas de cajueiro. Voltou de novo ao logar onde deixara a pilha-

gem, e ajuntando em um mólho compacto os galhos e as folhas, aproximou-lhes a chamma do graveto. Repetidamente as labaredas da fogueira contorceram-se na escuridão.

De joelhos, defronte das chammass, José Paz quiz saborear por partes distintas, como um bebedor, gole a gole, a sua vingança e os resultados agradaveis de sua desaffronta paternal. Lançou neste novo auto de fé os livros em primeiro logar, um por um, rasgando-lhes as folhas purificadas pelos olhos da ingenua leitora.

Quando se faziam em cinzas os volumes do «Thesouro das Meninas», elle exclamava, batendo palmas e soltando uns uivos de alegria lúpina:

— Queima-te, diabo! queima-te, cão! Arde pr'ahi, tinhoso de uma figa!

Sucedeu ao «Thesouro das Meninas» o proverbial «Simão de Nantua», a este o mimo de Bernardino de Saint-Pierre, e assim por diante. José Paz saboreava o estrago com o entusiasmo dos inquisidores hespanhoes nas suas piedosas vinganças.

Chegou a vez do vestido e das restantes victimas.

O leque abriu o caminho. As elegantes varetas de sandalo racharam-se ao primeiro contacto do fogo.

Um meigo perfume elevou-se em espiral da chamma azulada, como o incenso da formosura, o incenso do amor, o incenso da mocidade!

As botinas arderam com uma velocidade espantosa. José Paz, alegrissimo, alegrissimo e rubicundo, ia lançar á fogueira o vestido, quando bateram repetidas vezes á porta da casa.

A mão erguida continuou a sustentar, longe da chamma, a alva tunica, que o vento affagava como affaga a nuvem e as espumas.

As pancadas na porta reproduziram-se com mais vivacidade. José Paz, atordoado e confuso, lançou á fogueira o vestido e correu á casa. Sem pensar, siquér, em desmanchar os vestigios do seu crime, o matuto puchou os ferrolhos da porta.

Era Rosinha.

— Que escuridão! disse ella.

José Paz conservava-se calado.

Nesse momento abriu-se na fogueira mais larga labareda que reflectiu até na estrada.

— Que luz é esta?! exclamou Rosinha, admirada. Que vem a ser este fogo?

E correu á cozinha. José Paz seguiu-a como o perdigueiro segue as pistas do caçador precipitado.

Rosinha viu a fogueira no terreiro e dirigiu-se para lá. Voa-vam, luctando com o incendio, alguns pedaços da cambraia e das

rendas. Duas ou tres capas de livros, torcidas e negras, feriram os olhos da menina, que duvidou do que via.

— Que é isto, meu pae ?

— Queimei tudo! tudo! tudo! bradou José Paz, com um grito de entusiasmo... O teu vestido, a ventarola, os livros, os sapatos, tudo o que te estava tirando o somno e fazendo-te ficar triste á tôa!

— Mas está doido, Deus do céu!

José Paz ria-se phreneticamente e agarrando as mãos geladas da filha:

— Já o demonio não te ha de de tentar mais, nunca mais, nunca mais! Foi o vigario quem me ensinou o remedio!

Os negros olhos de Rosinha acompanharam os derradeiros fragmentos da cambraia, que a aragem roubava ao fogo e perdiam-se na escuridão da noite.

V

A millionaria não poude supportar por muito tempo a ausencia da afilhada. Grande amor que lhe tinha? Sinceros desejos de fazer venturosa aquella gentil menina, tão digna de pizar as sedas da opulencia e sentar-se aos banquetes da felicidade?

Não sei, nem é da minha competencia entrar nesses labyrinthos femininos, de onde raramente consegue o curioso salvar-se com munições e bagagens. A alma humana é enigmatica e a alma da mulher é incomprehensivel. Um capricho, um simples capricho, ás vezes decide do futuro dessas creaturas adoraveis e adoradas, a cujos pés espalhamos com o mesmo sorriso, a mesma crença, as mesmas aspirações, as flores da mocidade e os thesouros da velhice.

A comadre de José Paz já não pertencia á elegante phalange das rainhas da sociedade, cujo leque tem mais força e soberania do que os sceptros reaes.

Ella ia declinando como um bello dia de verão, e por seu rosto, outr'ora encantador, estendia-se lugubrememente as nevoas do crepusculo e o frio da noite.

Passára essa senhora a sua mocidade derramando com prodigalidade espantosa pelos salões e pelas festas inebriantes, todos os momos da faceirice e todas as gentilezas da mais tentadora filha de Eva.

(Continúa)

Luiz Guimarães Junior

NOTAS

O Argonauta

Com magnifica edição especial, em papel assetinado, contendo oito paginas e variadissimo texto excellente, o nosso collega tubaronense "O Argonauta" festejou no dia 2 deste mez de Abril o seu primeiro anniversario.

Muitas felicitações por isso significamos ao seu ardoroso e intelligente redactor-proprietario Sr. João de Oliveira.

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos;

Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Vidal Ramos, Governador do Estado, pelo Exmo. Sr. Tenente-Coronel Caetano Vieira da Costa, Secretario Geral, em 30 de Junho de 1911. Este trabalho, nitidamente impresso na typographia a vapor da Livraria Moderna, de Florianopolis, é mais um documento comprovando a actividade, a competencia e a dedicação patriótica do distincto catharinense que, pela segunda vez, occupa o elevado e fatigante encargo de Secretario Geral do Estado. Das duzentas paginas desse excellente repositório de informações resalta, exuberantemente, que o honrado patriocio não é uma figura decorativa no cargo, mas um verdadeiro homem de estado, conscio de que a administração publica é uma sciencia, e que preciso se tornam para bem servir-a muita dedicação, muito estudo e larga visão intelligente.

— Calendario para 1912, confecção do gabinete typographico "Patria", dos Irmãos Bainha, em Urussanga. E' um primoroso trabalho graphico, que muito recommenda o gabinete dos habilissimos typographos catharinenses, que são os sympathicos e intelligentes irmãos Bainha.

Canal do Araranguá

Estas obras, a cargo do proficiente e honrado engenheiro Sr. Roberto Schieffler, proseguem com notavel proveito, constituindo já 26 kilometros de leito navegavel, da Laguna ao rio Congonhas, sendo 20 kilometros no canal em construcção.

No dia 9 do corrente mez de Abril effectuou-se a junção das aguas do canal artificial com as do rio Congonhas. Na parte já prompta do canal ha profundidade de 2 metros e na parte ainda em excavação ha fundo minimo de 1*50, de modo que a navegação dos pequenos vehiculos, que era feita penosa e demoradamente através das lagoas de Garopaba, Camacho e Santa Martha, transportando cereaes do municipio de Jaguaruna e parte dos de Tubarão e Urussanga, para o porto da Laguna, pode ser realizada de agora em diante por essa ligação provisoria, com diminuição de 20 kilometros de percurso, com segurança completa e sem os grandes inconvenientes de insegurança e demoras de baldeações motivadas pelos baixios das citadas lagoas.

E' uma obra importante, essa arteria que se estende em busca dos ubertos terrenos do municipio de Araranguá, e pena é que a exiguidade da verba que lhe tem sido votada não permitta um trabalho mais accelerado.

Mocidade! tomae o *Elixir de Nogueira*, do pharmaceutico SILVEIRA, antes do matrimonio.

José Luciano de Mattos

A' historia da imprensa da Laguna acha-se ligado honrosamente o nome deste nosso estimado conterraneo, fallecido no dia 30 de Março, nesta cidade, com 45 annos de idade.

A partir de 1898 dedicou-se á arte typographica, e fundou o *Blondinista* (1900); o *Commercio* (1903); *O Crepusculo* (1904); *A Actualidade* (1907) e o *Correio do Sul* (1909), dos quaes só está em publicação o ultimo, dirigido pelo nosso intelligente collega Sr. Mario Mattos, que dignamente succede ao seu estimado pae nos mistéres profissionaes e no encargo da numerosa familia do extincto, que em si unicamente encontra o necessario arrimo.

Barra da Laguna

As sondagens procedidas no primeiro trimestre deste anno demonstraram a profundidade média, sobre o banco, de 4^o 20, cerca de 14 pés inglezes. Houve dias de 15 pés, nunca descendo a sonda a menos de 12 pés.

Antes de começadas as obras a média era de 6 pés. Raramente se verificava profundidade de 9 pés, e isto nas occasiões das grandes marés das syzígias; descendo, por vezes, o nivel d'agua a 5 pés, em épocas de prolongada baixa-mar.

As constipações, que são tão perigosas, curam-se com o uso do *Vinho Creosotado* do pharmaceutico-chimico SILVEIRA.

Divida Passiva

Excluida a divida proveniente do emprestimo contrahido em 1895 com o Governo da União e juros correspondentes, cujo serviço nunca foi feito nem reclamado, a divida passiva do Estado, até a presente data, monta a 5.982:786\$426 assim descriminada:

Fundada em apolices vencendo juros de 5 por cento ao anno, resgataveis por sorteios semestraes	2.024:900\$000
Emprestimo externo com Emilio Erlang & C. de Londres	2.299:548\$333
Emprestimo externo com Dunn Fischer & C., de Londres	1.467:711\$375
Inscripta e fluctuante	160:626\$718
	<hr/>
	5.982:786\$426

Livraria Editora --- de Jacintho Silva

7, RUA RODRIGO SILVA : ENTRE AS DE S. JOSÉ E ASSEMBLÉA

RIO DE JANEIRO

Esta importante livraria é agente da *Revista Catharinense*, na Capital Federal, encarregando-se da venda avulsa e recebimento de assignaturas e annuncios.

Invasão da ilha de Santa Catharina

ESCRIPTO EM 1853

(Continuação da pag. 295)

Em verdade, a ilha de Santa Catharina, no centro da qual está situada a cidade de N. S. do Desterro, capital da provincia, não é susceptivel de uma segura defesa; accessivel em differentes pontos das praias que a bordam, ella pôde facilmente ser investida; e por isso o official encarregado da missão de a defender ou succumbirá debaixo das ruinas da cidade, ultimo ponto de defesa, ou se ha de render por falta de viveres, que infallivelmente experimentará se lhe interceptarem a comunicação com a terra firme adjacente, o que é mui facil. Convem, portanto, que, depois de pôr em pratica os esforços que aconselham a honra e o dever, aproveitando os desfiladeiros que offerece um terreno entrecortado de montanhas, como fica dito, se retire para a terra firme; e neste caso o ponto de S. João é com preferencia o mais vantajoso, não só por que domina a cidade, como por que do mesmo ponto partem as estradas do norte e sul, que convem guardar, e mais que todas a de Lages, comunicação importante com o interior da provincia, onde ha de receber os necessarios soccorros de todo o genero: e então o inimigo, dado o caso de que consiga apoderar-se da ilha, não poderá conservar-se nella por falta de viveres, havendo no continente quem lhes embarcê a passagem, como fica dito. Geralmente é esta a opinião dos engenheiros que têm planejado sobre a defesa deste paiz e é tambem a de Mr. Moneron, distincto official francez da expedição do conde de la Peroieyse, exposta nas suas observações, á vista das trez fortalezas da barra do norte (que elle julga inuteis á defesa) quando visitou esta ilha em 1785, exprimindo-se desta maneira: «que será um erro fazer a guerra nesta parte da America do Sul, excepto um golpe de mão, pelas difficuldades das subsistencias;» e foi exactamente o que experimentaram os hespanhóes em 1777, apesar da proximidade em que estavam das suas possessões do Rio da Prata, pois apenas os seus transportes de viveres eram prezados pelo vazos de guerra portuguezes, viam-se reduzidos ao extremo da penuria.

Analysaremos agora a conducta do general Barbacena depois de sua retirada para o Cubatão. O marquez de Pombal tinha mui judiciosamente determinado que, dado o caso de que este general não podesse defender a ilha, se retirasse para a terra firme, donde se

fariam ao inimigo as possíveis hostilidades; porém, que, se ahi mesmo não podesse conservar-se, marchasse com a tropa para o Rio Grande, a reforçar o exercito do general Bohn, prevendo bem que Cevallos, rendida Santa Catharina, iria fazer o seu desembarque em Montevideo e que daqui marcharia a bater o exercito portuguez e reconquistar o Rio Grande: mas que resultados se devem esperar de planos, ainda os mais bem combinados, quando os seus executores são Barbacenas?! A' vista de tão amplas faculdades, como general algum jamais teve em commissão desta natureza, é incomprehensivel o seu procedimento na retirada que fez para o Cubatão, e ainda mais na capitulação que ali firmou, precedendo conselho de guerra, para o qual foram convidados o governador da Capitania e todos os officiaes superiores dos corpos: porque, se elle pretendia conservar-se na terra firme, e d'ali hostilizar o inimigo, conforme se lhe tinha ordenado, devia postar-se o mais proximo possivel do theatro das operações, e então o ponto de S. João, como acabamos de ver, tem preferencia a outro qualquer, e, se tão pusillanime era que mesmo no Cubatão se não julgava seguro, porque não marchou para a Laguna, onde nenhum perigo corria de ser atacado?

Se tivesse tomado este expediente, obtinha todas as vantagens: primeira, ter abundancia de viveres para fornecimento da tropa, que o Cubatão lhe não podia ministrar por muito tempo: segunda, ter aberta a communicação com as provincias do Rio de Janeiro e S. Paulo, para receber socorros pecuniarios destinados ao pagamento da tropa, do Rio Grande para auxiliar no caso de algum revéz do exercito do general Bohn; terceira, cobrir a retirada dos habitantes que se não quizessem sujeitar a estranho dominio, e que nesse apoio da Laguna iam encontrar consolo á sua triste situação; quarta, finalmente, retomar Santa Catharina, que pelo abandono em que Cevallos a deixou na sua retirada, seria mais facil, prestando-se a esquadra portugueza a tão gloriosa empreza.

Somos chegados ao tempo de firmar-se essa fatal capitulação. Nem uma só das considerações que deixamos expostas occupou a attenção do general Barbacena, e, levado do terror que d'elle se apoderou, e em gráo tal que até se esqueceu que tinha de responder por sua reprovada conducta perante o inexoravel marquez de Pombal (que elle teve a fortuna de se ter já retirado do ministerio quando chegou a Portugal), offerece sem necessidade, e contra todas as regras militares, a mais infame capitulação, a qual poz nas mãos do inimigo, prisioneira de guerra, toda a tropa, isto é, praças de pret, que foi transportada para Buenos Ayres, onde soffreu duro trata-

mento, e os cofres reaes pezados de ouro amoedado! No acto de embarcar nas lanchas que os hespanhoes mandaram ao Cubatão para transportar os prisioneiros, ou, para melhor dizer, as victimas de alheios erros, consideravel numero de praças se occultou nas matas que bordam as margens do mesmo rio, e pernambucanos houve que, varando um extenso sertão, tomaram o ponto de Lages, donde se dirigiram para o norte, apparecendo depois no seu paiz natal: raro exemplo de amor da patria, de que os naturaes dessa provincia deram incontestaveis provas na difficil e porfiada guerra dos hollandezes. Pelo que respeita ao regimento de Santa Catharina, é doloroso ainda recordar que torrentes de lagrimas banharam nessa scena tragica (o embarque dos prisioneiros) as faces de muitos individuos queimadas pelos fogos da guerra, e especialmente no memoravel combate naval do Rio Grande, que no anno antecedente tinha tido lugar, ao abandonar seu paiz natal onde deixaram quanto de mais caro tem o coração humano, e separar-se dessas bandeiras, as primeiras que teve o regimento, e que com tanto entusiasmo tinha recebido pouco tempo antes e jurado defender; e, não podendo resistir á ignominia de os entregar ao inimigo, grande numero de praças se evadió ao embarque, para dar, pouco mais de um anno depois, o espectaculo de fidelidade ao soberano amor da patria, digna na verdade dos maiores encomios, apresentando-se ao governador portuguez Veiga Cabral na restauração da ilha, afim de continuar a prestar seus mal galardoados serviços. As bandeiras dos tres regimentos portuguezes foram collocadas na Sé de Buenos Ayres, onde ainda se conservam, para attestarem aos vindouros a inercia do general Barbacena; e é notavel que, sendo ali contempladas pelos nossos jovens catharinenses, depois da batalha de Moron, apparecesse entre elles e os intrepidos rio-grandenses, porque tambem ali se achavam os estandartes do antigo regimento de dragões perdidos na fortaleza de Santa Tecla em 1763, a idéa de as reclamar, e que não teve effeito por não ferir as susceptibilidades de uma nação com quem o Brazil deseja conservar a mais perfeita harmonia.

O maior numero de praças, que se entregaram prisioneiras, pertencia ao regimento do Porto, por não serem praticas das localidades do paiz que iam deixar.

Quanto á officialidade dos corpos em geral, estipulou-se que seria transportada para o Rio de Janeiro em vasos hespanhões, o que se effectuou, com excepção do brigadeiro José Custodio de Faria e Sá, official distincto pelos seus talentos e relevantes serviços prestados em diversos pontos do Brazil, e com especialidade no governo da provincia do Rio Grande do Sul, que, temendo ser victima de alheias culpas, preferiu expatriar-se, acompanhando Ce-

vallos para Buenos Ayres, onde viveu largos annos, sem que no decurso delles nem Portugal lhe perdoasse, nem a Hespanha o admittisse em seu serviço.

Tendo escripto a conducta da tropa de linha que guarnecia a ilha de Santa Catharina e as vicissitudes por que passou no memoravel acontecimento de 1777, de justiça nos parece que devemos agora fazer menção dos auxiliares dessa época, denominados depois milicianos, ou segunda linha do exercito.

Os terços de auxiliares em todas as crises da monarchia portugueza prestaram constantemente assignalados serviços, quer na Europa quer no Brazil.

Se interrogamos os tempos da restauração de Portugal em 1640, elles nos dizem que já nessa época engrossaram as fileiras desse glorioso exercito, que deu a liberdade e independencia aos portuguezes, enchendo de admiração o mundo inteiro pela sua bravura e patriotismo na lucta que sustentou contra as collossaes forças da Hespanha. Se consultamos factos historicos daquelle reino, desde 1807 em diante, tambem notamos que, com admiração de seus proprios inimigos, os corpos da segunda linha muito concorreram para expulsar do seu territorio essas hordas de vandalos sedentos de sangue e de rapina.

E se nos voltamos para o Brazil, vemos que em todos os tempos foram elles contemplados como o principal instrumento da sua defesa, e com especialidade da provincia de S. Pedro do Sul, onde desde remota idade até á sua extincção, foram esses bravos auxiliares que, mais do que a tropa de linha, defenderam a sua extensa fronteira á custa do seu sangue e das suas propriedades, não tendo ali havido um só combate em que elles não figurassem, do que concluímos que os auxiliares de Santa Catharina, disciplinados convenientemente, o que era bem facil de conseguir pela docilidade do character dos brazileiros e sua natural tendencia para os exercicios das armas, maximé em guerra defensiva, deveriam tambem ser de grande utilidade não só á defesa do proprio paiz, como até do limitrophe, se se soubesse tirar delles as vantagens de que são susceptiveis. Em prova desta asserção basta recordar a marcha do corpo de voluntarios milicianos para a campanha de Montevidéo, commandado pelo major José Corrêa de Carvalho, em 1818; a marcha para o Rio Grande do corpo de infantaria, ao mando do tenente-coronel Cypriano Coelho Rodrigues, e da quasi totalidade do regimento de cavallaria n. 19 para o mesmo destino, durante o curso da guerra de 1825, em secções commandadas pelo major graduado Antonio Claudino de Souza Medeiros e pelos capitães Domingos de Souza Pereira, Francisco de Assis Feijó e Silva e Manoel

Francisco de Souza Medeiros; sendo ainda notavel a rapidez com que á vóz do governador João Vieira Tovar correram a guarnecer os pontos accessiveis de desembarque, tanto da ilha, como da terra firme, quando a provincia foi ameaçada de estrangeira invasão em 1819. Creados os auxiliares de Santa Catharina poucos annos antes da invasão de 1777 e tirados de uma população morigerada, cujos officiaes eram a nata della pela sua representação na sociedade, desempenhavam ao signal de rebate os nobres e honrosos fins da sua instituição. Assim pois sabemos que, esquecidos dos perigos que ameaçavam as familias em sua ausencia, acudiram ás trincheiras que se lhes indicaram, e nellas permaneceram dispostos a cumprir o sagrado dever de amor e fidelidade ao soberano, até que se lhes intimou ordem de as abandonar, o que cumpriram possuidos de indignação, por se verem coactos de provar que elles eram os herdeiros dessa intrepidez e lealdade que tanto distinguia os portuguezes: honra seja tributada á memoria de tão dignos catharinenses.

Logo que o general Barbacena chegou ao Rio de Janeiro, por ordem do marquez vice-rei foi recolhido preso ao forte do Castello, onde se lhe formou processo, que o acompanhou para Portugal, destino que igualmente tiveram o governador da capitania Pedro Antonio e officiaes superiores dos corpos, bem como o major de engenheiros Manoel Vieira Leão e o capitão governador da fortaleza da Ponta Grossa, Simão Rodrigues de Proença.

Observaremos agora que, se a conducta do general Barbacena é digna de grave censura, como acabamos de ver, outro tanto devemos dizer do governador da capitania Pedro Antonio; pois notamos, além de outras faltas de que jamais a sua memoria se purificará, que este official preferio abandonar o seu governo, do qual podia fazer séde na Laguna, ou em outro qualquer ponto de terra firme, e embarcar para o Rio de Janeiro, sujeitando-se dest'arte á uma capitulação, na qual se não podia julgar comprehendido, pois que não era official da guarnição, antes o governador da Capitania, da qual apenas a ilha se achava em poder do inimigo; e é por isso que no conselho da guerra, a que respondeu em Portugal, se lhe impoz mais dura pena do que ao general, como adiante se verá.

Assim terminou este acontecimento politico, ou para melhor dizer este drama, que cobre de eterna vergonha a memoria d'aquelle general, por um procedimento que podia até arrastar a perda da provincia de S. Pedro, pois que, deixando a capitulação aberta á estrada de Santa Catharina para o sul, se os hespanhoes para ali dirigissem suas forças, facilmente podiam atacar a retaguarda do

exército portuguez, cuja frente era então ameaçada por Cevallos; permittio, porém, a fortuna que, ao tempo que os postos avançados de ambos os exercitos já se chocavam no Albardão, se publicasse a suspensão d'armas, a que se seguiu o tractado preliminar de paz e limites de 10 de Outubro do mesmo anno de 1777, celebrado entre a rainha D. Maria I e Carlos III, em virtude do qual se restituiu Santa Catharina ao dominio portuguez, em troca da colonia do Sacramento, que passou a pertencer á Hespanha (art. 22).

No seguinte anno de 1778 se retiraram os hespanhoes, e o coronel Francisco Antonio de Veiga Cabral, na qualidade de governador da capitania, nomeado por portaria do marquez vice-rei do estado datada de 25 de Abril do mesmo anno, tendo aportado aos Barreiros e aquartelado na fazenda do capitão Antonio Rodrigues Rachadel, d'aqui se correspondeu com o general hespanhol Guilherme Vonghan sobre o objecto da entrega da ilha, a qual se effectuou em virtude do auto de 3 de Julho; reuniu a tropa dispersa, e restabeleceu as autoridades civis, tanto na capital como nas villas de sua dependencia.

Apenas o governador Veiga Cabral participou ao vice-rei estar de posse da ilha, este lhe respondeu o que passamos a transcrever, porque julgamos que este trecho do seu officio pôde dar ampla idéa de algumas occurrencias deste successo politico. «Vejo o que V. S. me diz do estado em que achou a ilha, as fortalezas e as munições que lhe pertenciam, pelos quaes continuou V. S. a ver que esses infelizes homens que a entregaram aos castelhanos é que pareciam mais castelhanos e nossos inimigos do que aquelles que nós temos reputado como taes.

Agora que V. S. tem pizado todo esse terreno e reconhecido todos os logares que havia nessa ilha para nella se fazer a mais gloriosa defeza, poderá avaliar a que ponto terá chegado a ferida do seu coração, tendo visto tão mallogradas as minhas providencias e trabalhos, e que só com uma assistencia de Deus muito particular poderei ter suffocado no peito os effeitos que tão penetrantemente têm dilacerado o meu coração» (*)

A' esta resposta do vice-rei poderemos ainda ajuntar uma reflexão de M. Moneron nas suas citadas observações. Diz elle: «Ignoramos o numero de tropas que a côrte de Portugal conserva nesta colonia em tempo de guerra; mas, a serem exactas as infor-

(*) Veja-se o trecho deste officio do marquez vice-rei, datado de 22 de Agosto de 1778, que se acha registrado na secretaria do governo de Santa Catharina no livro competente.

mações que me foram ministradas, esse numero era consideravel em 1777; seria, porém, mais honroso para a nação portugueza que elle houvesse então sido muito diminuto, pelo miseravel comportamento que tiveram os defensores contra os hespanhoes.»

Foram condemnados em Portugal por sentença do conselho de guerra: o general Barbacena a perdimento do posto; o governador da capitania coronel Pedro Antonio da Gama Freitas e o capitão Simão Rodrigues de Proença, governador da fortaleza da Ponta-Grossa, á prisão perpetua, na qual falleceram: e por decreto de 14 de Janeiro de 1786 soltos, reformados nos mesmos postos e restituídos á posse dos bens que se lhes havia sequestrado, os officiaes superiores dos regimentos do Porto e Pernambuco, bem como o sargento-mor de engenheiros Manoel Vieira Leão.

Foram igualmente soltos, reformados com o soldo por inteiro, os officiaes superiores do regimento de Santa Catharina coronel Fernando da Gama Lobo, tenente-coronel Manoel Nunes Ramalho, sargento-mór Manoel Godinho de Mira, e reconhecida a innocencia destes tres officiaes, por não terem intervindo nos primeiros conselhos de guerra e terem procedido exemplarmente (palavras formaes do citado decreto de 14 de Janeiro de 1786) nos postos que guardaram a ilha de Santa Catharina, e assás elogiado o capitão Manoel Gonçalves Leão, governador da fortaleza da Barra do Sul, pelo seu comportamento: e por que era fallecido, determina o referido decreto se attendam a seus serviços nos requerimentos de seus filhos: em virtude do que perceberam estes até o fallecimento do ultimo, o capitão David de Azevedo Leão Coutinho, o soldo que vencía seu honrado pai, como se vivo fôra.

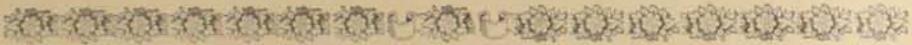
Concluimos o nosso pequeno trabalho com a seguinte observação. O general Barbacena em sua defesa lança sobre o marquez vice-rei as mais acres arguições, emputando-lhe a perda de Santa Catharina pela falta de recursos que lhe devia ter prestado; mas nós, acabando de ver pela resposta do mesmo vice-rei ao governador Veiga Cabral, que até achou, ainda depois da retirada dos hespanhoes, as fortalezas providas dos necessarios petrechos de guerra e outros meios indispensaveis para fazer uma gloriosa defesa, facilmente nos convencemos de que taes arguições são infundadas, e é por isso que o conselho de guerra, achando na defesa do mesmo general o seu proprio corpo de delicto, e prevalecendo-se da regra de que a falta de cumprimento de alheios deveres jamais nos desculpará de nossos erros, lhe impoz, quanto a nós, uma pena mais dura do que a privação da propria vida, condemnando-o á uma perpetua e ignominiosa existencia.

E é notavel que, sendo o mesmo general julgado na presença

de sua família, aliás preponderante em Portugal, e no principio do reinado da rainha D. Maria I, que tanto se empenhava em fazer-se amar pela doçura do seu governo, não menos em apagar da memoria dos seus vassallos as crueldades do ministerio Pombal, esta soberana jamais lhe commutasse a pena que lhe foi imposta, contemplação que aliás teve com o coronel do regimento do Porto, deixando-o por conseguinte acabar seus dias na obscuridade, que julgou bem merecida pelos seus feitos. (*)

J. A. C.

(*) De Fevereiro de 1777 a Fevereiro de 1853, em que esta memoria se escreveu, decorrem exactamente 76 annos, e os documentos de que nos servimos para a coordenar são os annaes do Rio Grande, as ordens do vice-rei, a defesa do general Barbacena e as observações de M. Moneron. Não sendo possível descobrir exactamente o dia em que aquelle general tomou o commando das forças de Santa Catharina, a combinação de factos succedidos em tempo do governador Francisco de Souza de Menezes e do seu successor Pedro Antonio, convence de que elle se investio do commando no anno de 1775



O sentimento da honra

Sê pobre e continua a sê-o, em quanto os outros em redor de ti se enriquecem pela fraude e a deslealdade; deixa-te estar sem emprego e sem poder, enquanto os outros mendigam as suas posições; supporta a dôr das esperanças frustradas, enquanto os outros veem realisar-se as suas á força de adulações; renuncia ao benevolo aperto de mão, pelo qual os outros se arrastam e humilham. Envolve-te na tua propria virtude e procura o teu pão quotidiano e um amigo verdadeiro. Se os teus cabellos se fizerem brancos sem que a tua honra tenha uma mancha, agradece a Deus e morre tranquillo!

S. Smiles

Assim como a agua acha o seu nivel, assim tambem qualquer nação achará infallivelmente em suas leis e em seu governo as disposições que convêm ao seu character. Isto está na ordem da natureza. Um povo nobre será sempre nobremente governado; um povo ignorante e corrompido sel-o-ha sempre ignobilmente.

S. Smiles

FRANCISCO XAVIER CARDOSO CALDEIRA

NATURALISTA

Orgulha-se o nosso Estado de ter sido berço de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, que no dizer do illustrado Dr. Ladislau Netto, pranteado director do Museu Nacional, deixou na memoria de seus compatriotas, como na antiga metropole tambem, a fama que deixa na terra uma intelligencia productiva e uma honestidade immaculada.

Nesse obreiro da sciencia, que tinha no rosto, como na alma, a contemplativa placidez que sóe implantar no espirito humano o exame da natureza, encontrou D. Luiz de Vasconcellos, vice-rei do Brazil, o homem talhado para crear e dirigir o museu de historia natural, que resolvera fundar no Rio de Janeiro. E nenhum outro, por seus acendrados conhecimentos e extremado amor ao trabalho, se achava tão nos casos para promptamente pôr em execução a idéa daquelle vice-rei, do que o erudito Francisco Xavier Cardoso Caldeira.

Emquanto, porém, occupava-se o vice-rei na construcção do projectado edificio pelos sentenciados das prisões da capital, ás instancias de Cardoso Caldeira, improvisou junto á dita construcção um deposito de productos zoologicos do Brazil, destinado sobretudo a enriquecer as collecções brazileiras do museu da metropole, para o que havia recommendado aos governadores das capitancias a remessa de especimens raros.

Chamou-se officialmente o citado deposito — CASA DE HISTORIA NATURAL, que tornou-se conhecida ao povo pelo suggestivo nome de CASA DOS PASSAROS.

Com o titulo de inspector, tendo sob suas ordens dois ajudantes, tres serventes e dois caçadores, foi encarregado da direcção e trabalhos do incipiente museu o distincto catharinense, que assim podia, em campo proprio, revelar os seus estudos taxidermicos e ornithologicos, a que se dedicara especialmente, e ainda grangear outros para transmittil-os, como fez, áquelles que a elle foram pedir.

Incançavel na sua obra, zelozo e dedicado em extremo, não se poupava o naturalista para que o improvisado museu em pouco tempo se tornasse o mais completo relicario ornithologico brazileiro. A's vezes, quando a caçada havia sido abundante, trabalhava até

depois de meia noite, para poder aproveitar as pelles, antes que apparecessem symptomas de putrefacção nos animaes e nesse dia todos se tornavam preparadores, inclusive os serventes, que eram caboclos escolhidos no Arsenal de Marinha.

Francisco Xavier Cardoso Caldeira, ainda no dizer do Dr. Ladislau Netto, bem pode ser apontado como primeiro representante da admiravel predisposição dos naturaes de Santa Catharina para a confecção de objectos artisticos, de conchas, de pennas e de escamas, com que hão adornado as exposições industriaes no Rio de Janeiro.

Durante vinte annos dirigio Francisco Xavier, conhecido vulgarmente por XAVIER DOS PASSAROS, a casa de Historia Natural, accumulando, pacientemente, com amor e carinho, em seus mostruarios, milhares de exemplares de passaros e de muitos outros animaes.

Falleceu este illustrado catharinense em 1810.

Parece que a sua morte arrastou a do museu, porque a CASA DOS PASSAROS foi extincta, sendo destinada desde logo para officina de lapidaria.

E' que para a gananciosa côrte que acabava de chegar, qual bando de abutres esfaimados, mais valia o brilho das pedrarias arrancadas á terra do que as ricas e vistosas pennas das aves que povoavam as florestas.

As collecções tão pacientemente organisadas e classificadas por Francisco Xavier foram retiradas dos armarios, deixando desde então de figurar aos olhos deslumbrados do publico, para, encaixotadas sem o menor cuidado, por pessoas inconscientes do valor d'ellas, serem remettidas e entregues fóra á guarda de dois ajudantes do Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas, seu substituto, os quaes nunca mais lhes puzeram os olhos no quarto onde as haviam emparedado e cuja entrada lhes foi formalmente vedada.

A incuria e o desleixo destruiam o trabalho de vinte annos do abnegado naturalista.

Pouco tempo depois, tendo-se encarregado o general Napion de examinar as ditas collecções, apenas achou em estado de imperfeita conservação cerca de cincoenta exemplares, dos mil passaros e de muitos outros animaes que alli tinham sido depositados.

Por iniciativa do illustrado general e sua propria coadjuvação, foram os restos de tão rico patrimonio conduzidos ao arsenal do exercito e conservados algum tempo naquelle estabelecimento, juntamente com uma bella collecção mineralogica e instrumentos de physica e chimica. Estes salvados daquella derrocada bem pou-

co tempo alli se conservaram, pois foram destruidos como impres-
taveis.

Como discipulo deixou Francisco Xavier Cardoso Caldeira a
João de Deus Mattos, que herdou do afamado mestre todas as
virtudes e qualidades. Quasi menino ainda recebeu desse mestre
as primeiras licções de taxidermia na propria casa de Historia Na-
tural ou dos PASSAROS. Occupou as funcções de porteiro e guarda,
sendo preparador desde 1814 no gabinete physico e mineralogico
dirigido pelo sabio João da Costa Azevedo, por ter sido discipulo
e depois ajudante de Francisco Xavier. Chegou a ser director inte-
rino do Museu creado mais tarde.

H. Boiteux

Capitão de Fragata



As náos

Sobre as azas pairando, as náos entram na lenta
Marcha de aves do mar, que chegam fatigadas,
E emquanto aos pés, sem flôr, uma vaga rebenta,
Outras cantam solaus rindo em torno grupadas.

Parecem cathedraes marmoreas, torreadas,
Fugindo a um velho mundo e fugindo á tormenta
Que entre nichos de pedra e agulhas lanceoladas
Rolam pesadamente a mole corpulenta.

Dromedarios do mar — intermino Sahara —
O' náos, vós affrontaes os ciclones, o grito
Que vem do abysmo fundo e furacões cara a cara.

Sois mais que esses trophéos lendarios de granito,
No seu pannejamento enorme de Carrara...
Vós, cuja base é o oceano e cupula o infinito.

Luiz Delphino

Notas Historicas

(Continuação da pag. 313)

20ª LEGISLATURA

1886 - 1889 (2 cadeiras)

Eleição directa — 15 de Janeiro de 1886 — Districto de um só deputado — Lei nº 3099 de 9 de Janeiro de 1881 — 19 municipios e 40 parochias. 2375 eleitores.

1º DISTRICTO — DESTERRO

11 MUNICIPIOS E 22 PAROCHIAS

(1º Escrutinio) 1370 eleitores

36 — Dr. Alfredo Escragnolle Taunay, eleito, 750 votos.

Contendor, Conselheiro Francisco Antunes Maciel, magistrado, 550 votos.

Contendor, Capitão-tenente José Carlos de Carvalho, 70 votos.

Sendo o Dr. Taunay escolhido senador por esta provincia em carta imperial de 28 de Agosto de 1886, ficou vaga a cadeira de deputado que elle occupava e para preencher-a procedeu-se á eleição em 6 de Novembro do mesmo anno, dando o seguinte resultado:

(1º Escrutinio) 981 eleitores

37 — Dr. Fernando Hackradt Junior, industrial, eleito, 731 votos.

Contendor, Dr. Olympio Adolpho de Souza Pitanga, 222 votos.

Contendor Dr. Duarte Paranhos Schutel, 28 votos.

2º DISTRICTO — LAGUNA

8 MUNICIPIOS E 18 PAROCHIAS

(1º Escrutinio) 1005 eleitores

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, 422 votos.

Conselheiro Francisco Xavier de Pinto Lima, magistrado, 408 votos.

Capitão de fragata Antonio von Honholtz, barão de Teffé, 175 votos.

Visto não ter reunido nenhum dos candidatos votados a maioria absoluta, entraram os dois primeiros em segundo escrutinio, procedido em 6 de Março, dando o seguinte resultado:

(2º Escrutinio) 990 eleitores

38 — Conselheiro Francisco Xavier de Pinto Lima, eleito, 536 votos.

Contendor, Conselheiro Manoel da Silva Mafra, 454 votos.

(Continúa)

Rodolpho Baptista de Araujo

A SAUDADE

— « » —

A palavra — saudade — é porventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idéa, o sentimento por elle representado, certo que em todos os paizes o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não o sei de outra nenhuma lingua — sinão da portugueza », — disse o immortal poeta de *D. Branca*, de *Camões* e de *Frei Luiz de Souza*.

Citar hoje um escriptor nascido ha 113 annos e morto ha mais de meio século, é correr o risco de ser acoimado de atrazado. Eu, porém, que, no meio dos innumerados e poderosos luzeiros contemporaneos, passo desapercibido e nullo, como ao lado das aguias, que se libram orgulhosas no espaço, — desapercibidas passam as andorinhas esquivas, — arrosto a censura dos grandes talentos modernos, porque tenho para escudar-me o respeito aos mestres e o amor á sinceridades dos velhos.

Garrett foi um exilado, e, como exilado teve occasião de sentir de uma forma profundamente grande esse — *gosto amargo de infelizes*, — esse — *delicioso pungir de acerbo espinho*, — que tanto ferem as almas simples, que tanto rasgam os corações sensiveis.

Já vi algures uma pequenina gravura, que, embora modesta e simples, perfeitamente representa esse sentimento de dôr e de abandono. Ali rasga poderosas aguas revoltas do oceano com a força pujante das suas machinas e dos seus helices um grande transatlantico. Em uma parte do convés apparecem duas pessôas apenas: — um homem e uma mulher. São emigrantes que correm á sorte, em demanda de melhores dias, em busca da felicidade que nunca gozaram.

Vão para longe, para muito longe, para o desconhecido, deixando atraz, aquem dos mares tumultuosos, o lar onde nasceram, onde cresceram, onde se entregaram aos brincos infantis, onde se amaram, onde sentiram as primeiras amarguras da vida...

E os olhos de ambos, em vez de olharem para o futuro, olham para o passado, para a estrada percorrida, para a larga esteira scintillante da nave que os leva para ignotas paragens...

As recordações acodem-lhes em turbilhão ao espirito: — pais, mães, irmãos, amigos, que vão ficando cada vez mais longe; a scena final das despedidas, os longos abraços, os osculos ardentes, as lagrimas dolorosas, a separação, enfim, a eterna separação, talvez!

E a saudade, então, enche-lhes a alma que soluça, rasga-lhes o coração que chora, fere-lhes os olhos com as lagrimas que saltam abrasadoras e inexgottaveis...

Ah! si pudessem ordenar a volta do navio que os arrasta, voar como o tufão para a praia de onde partiram, entrar novamente no lar estremecido, bradando:— Aqui estamos outra vez, voltamos para os vossos corações dilacerados, pais adorados, irmãos queridos, amigos sinceros e leaes! Deixamos aqui os nossos corações sangrando agonias, e voltamos, porque não podíamos viver sem elles, sem vós, sem o nosso lar pobre mas adorado!

Mas o mastodonte dos mares prosegue imperturbavel na sua marcha altiva, e leva-os, leva-os cada vez para mais longe, para outras terras, que elles não conhecem, para outros povos diferentes do seu...

Chegam, finalmente, olhando sempre para traz, como tentando ver ainda, através das brumas, através dos mares, através do espaço, aquelles que ficaram, a terra onde viveram, o lar onde nasceram.

E começa a viver da saudade de tudo que perderam e da esperança de conquistarem um dia tudo quanto perderam.

A's vezes a fortuna sorri-lhes, e voltam; ás vezes, a infelicidade persegue-os, e morrem em terra extranha, sem receberem no seu ultimo dia o beijo caricioso do coração materno, a doce e salvadora benção paternal, o derradeiro adeus dos irmãos e dos amigos!

Perderam a esperança tão afagada, tão doce, tão amada, de morrerem na terra do nascimento; mas a saudade acompanhou-os sempre, sempre, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, até que o ultimo alento vital os abandona, até que partem para a eterna jornada do tumulo...

*
*
*

Ha uma estrophe de Laurindo Rabello, que vem a proposito citar aqui, porque tambem fala na saudade — a flôr das sepulturas, a flôr da solidão, a flôr da sensibilidade:

O que tens, branca saudade?
Assim branca quem te fez?
Quem te poz tão desmaiada?
Minha flôr, que pallidez!

Sim:— ella tem a pallidez da dôr, a pallidez da amargura, a pallidez do isolamento, a pallidez da morte, porque é com saudades que adornamos a terra que nos roubá para sempre os sêres que nos são caros, e que — si os deixamos de chorar, — não deixamos de nelles pensar sempre, sentindo no coração a saudade da eterna ausencia.

Ha tambem uma quadra popular, — tão simples quanto expressiva, tão meiga quanto verdadeira:

«Até nas flôres se encontra
A diferença da sorte:
Umas — enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte.»

As rosas, as tulipas, as açucenas, os chrysantemos enfeitam a vida; os lyrios, as perpetuas, as — saudades — enfeitam a morte, cobrem os tumulos, vicejam sobre as sepulturas humildes:— são as flôres da tristeza, as flôres da amargura, as flôres da — saudade — que temos no intimo.

A vida, afinal, é uma longa saudade:— a puberdade tem saudades da infancia; a virilidade tem saudades da puberdade; a velhice tem saudades da mocidade, porque sempre amamos mais aquillo que passou e que não mais pode voltar.

A recordação de factos da nossa existencia, a troca de narrações do nosso passado, o que é — sinão a saudade do que foi?

Emquanto o cerebro pensa, emquanto o coração palpita, emquanto a alma sente,— a saudade ahi está sempre actuando sobre nós, embora não a presintamos.

Dizem que os poetas exageram quando falam em saudade eterna. Não exageram, não. Sem podermos medir a eternidade do tempo, medimol-a pelo tempo da duração da nossa vida. E, assim, a saudade eterna, porque a lembrança dos nossos que partiram para o *além*, para o outro lado da vida, nunca se apaga da nossa memoria. O tempo modifica-a, é certo, abranda-a, suavisa-a, mas permanece sempre ligada ao nosso coração, abrigada na nossa alma. Desapparece a dôr, mas fica o sentimento; enxugam-se as lagrimas, mas fica a tristeza.

E depois... quem sabe?... Si além d'esta, outra vida ha,— não passageira e ephemera, como todas as coisas do mundo,— mas perenne, eterna, medida pela propria eternidade, quem pode saber si o espirito dos que vão não conserva eternamente a saudade dos que deixaram aqui, neste vaiçem de luctas, de soffrimentos, de esperanças, de desenganos e de miserias?...

Quem poderá dizer si a saudade não é reciproca, si o que sentimos pelos mortos — o espirito dos mortos não sentirá por nós?...

Não é um mysterio a nossa propria existencia,— o nosso nascimento, a nossa passagem pela terra, a nossa morte?...

Nós nascemos para amar — como filhos, como pais, como irmãos, como amantes, como amigos,— e a saudade é um reflexo desse amor sentido sob diversos aspectos.

Maio — 1912.

Horacio Nunes

ELEMENTOS DE CIVILIDADE

(Continuação da pag. 385)

Do jantar

A' MEZA— Pelo modo por que procede á meza, o individuo revela immediatamente o meio em que foi educado e em que tem vivido.

O conviva senta-se á meza um pouco distante della, para que, inclinando o rosto, quando come, não lhe caiam nodoas no facto.

Não limpa o prato com o guardanapo, porque isso implicaria uma duvida sobre o asseio dos donos da casa.

Estende o guardanapo sobre as coxas e joelhos para resguardar o facto de nodoas.

As senhoras põem as suas luvas em cima da banca, ao lado do feque.

Não se apoiam os braços e as mãos sobre a meza.

O pão parte-se com os dedos.

O caldo come-se com a colher e não se assopra.

O peixe e hortaliças comem-se com o garfo na mão direita, tendo na esquerda um bocadinho de pão, para com elle auxiliar o garfo a separar e tomar a comida.

A carne fixa-se com o garfo na mão esquerda, cortando-a, á maneira que se vai comendo, com a faca na mão direita.

Não se rapa o prato com o pão nem se inclina para se tirar com a colher toda a comida.

Quando não veem descascados, os fructos seguram-se com o garfo, na mão esquerda, e descascam-se de cima para baixo, com a faca.

Nozes, amendoas e avellãs não se partem com os dentes.

Os fragmentos incomestíveis não se cospem sobre o prato; deitam-se nelle por meio da colher.

Quando ha brindes, fazem-se á sobremesa e escutam-se com attenção.

A primeira chavena de café offerece-se á pessoa a quem se quer considerar.

A primeira pessoa a levantar-se da meza e a passar para a sala é a dona da casa.

(Continúa)

REPUBLICA CATHARINENSE

DOCUMENTOS PARA SUA HISTORIA

(Continuação da pag. 297)

Sessão extraordinaria de 27 de Agosto de 1839 — PRESIDENCIA DO VEREADOR O CIDADÃO CAPITÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO— Achando-se presente toda a Camara foi aberta a sessão e lida a acta da antecedente foi seu conteúdo approvado.

O Sr. Presidente apresentou á Mesa varios officios, que foram respondidos, e foi de unanime approvação que se fizesse dar publicidade a um edital que foi remettido pela Commissão Encarregada da Despeza da Marinha do Estado e assim mais que se dêsse entrada á exposta que foi apresentada por Joaquina Maria, mulher de José Joaquim Cardoso, cuja exposta é de nome Filisbina. Igualmente resolveram que se officiasse ao cidadão Manoel Silvestre Soares para vir tomar posse e juramento de Juiz de Paz supplente da Freguezia de Sant'Anna. Igualmente se deu posse e juramento a Jacintho José do Nascimento do cargo de carcereiro da Cadêa desta Villa, por proposta do Juiz Municipal.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignam. E eu José Pinto dos Reis, secretario que escrevi. — *aa) Canto — Andrade — Leal — Reis — Souza — Silva — Teixeira.*

— :: —

Sessão extraordinaria de 28 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR CIDADÃO CAPITÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO. — Acharam-se presentes todos os Srs. Vereadores. Aberta a sessão e lida a acta da anterior, foi seu conteúdo approvado.

O Sr. Presidente convocou a Camara para dar posse e juramento ao vice-presidente do Estado o Exm^o. Cidadão Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, que se veio apresentar em virtude do officio que esta Camara lhe dirigio em data de quinze do presente, acompanhado do diploma da eleição feita no dia sete do dito mez, isto em razão de não poder ir á mão do Cidadão Joaquim Xavier das Neves, que então tinha sido eleito Presidente, cuja posse e juramento, depois de prestado e feito reconhecer como tal á vista dos expectadores, ordenou a mesma Camara que se fizesse publico por editaes, que se lhe havia dado posse.

No mesmo momento foi recebido um officio do Juiz de Paz

desta Villa e ficou de se dar resposta e pondo-se em discussão foi resolvido que se remetteste por copia ao Juiz de Paz de Villa Nova, visto tender á representação feita sobre Antonio Silveira Tavares.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignam. E eu José Pinto dos Reis, secretario que escrevi. — *aa) Canto — Andrade — Leal — Reis — Souza — Silva — Teixeira.*

—:—

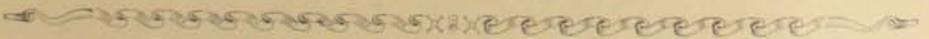
Sessão extraordinaria de 16 de Agosto de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR CIDADÃO CAPITÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO. — Acharam-se presentes todos os Vereadores. Aberta a sessão e lida a acta da anterior foi seu conteúdo approvedo.

O Sr. Presidente propoz que se convidasse aos Parochos e musica deste Termo para effeito de se cantar um *Te-Deum* em acção de Graças pela posse do Presidente e membros do Estado, o que sendo apoiado pela Mesa officiou-se ao Sr. José Pacheco, ao Vigarario desta Matriz e ao de Imaruhy para o dia 3 de Setembro. Concordou a mesma Camara de officiar-se aos Srs. membros do Conselho Governativo para no dia 2 de Setembro se acharem na sala das sessões afim de se dar juramento e posse de seus cargos, o que assim se praticou. Foi apresentado á Mesa um officio do Exm^o. Presidente do Estado com uma proclamação, que depois de lida se mandou dar publicidade em todos os quatro Districtos.

Foi recebido um officio do Juiz de Paz de Villa Nova em resposta ao que esta Camara lhe havia dirigido sobre uma parte que do mesmo deu o Juiz de Paz desta Villa, cujo officio foi remettido por copia ao dito Juiz de Paz desta Villa para dizer a respeito.

Foi mettido a despacho um requerimento de Manoel Antonio Mattos requerendo que lhe desonerasse da fiança que prestou na arrematação dos subsidios feita por Joaquim da Silva Baião. Accentou a Camara por despacho que juntasse o termo de arrematação.

Não havendo mais do que tratar o Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. E eu José Pinto dos Reis, secretario que escrevi: — *aa) Canto — Andrade — Leal — Reis — Silva — Teixeira — Souza.*



O som é um movimento vibratorio dum meio ponderavel. O som se propaga em linha recta com a velocidade media de 340 metros por segundo.

—A luz é um movimento vibratorio do ether (meio imponderavel que se acha por toda parte, tanto nos espaços inter-estellares como nos inter-molleculares). A luz se propaga em linha recta com a velocidade de 300.000 kilometros por segundo.

ARICÓ E CAÓCOCHEE

OU

UMA VOZ NO DESERTO

HISTORIA FUNDADA EM FACTOS

POR

JOÃO HENRIQUE ELLIOT

1º TENENTE DE ENGENHEIROS

EM 1844

(Continuação da pag. 303)

A joven Aricó, filha de Nonohay distinguia-as entre as mais donzellas da sua igualha tanto quanto sobresahe a assucena sobre as mais flores do campo; bem como entre todos os mancebos intrepidos e assignalados pela sua destreza no arco, coragem na guerra e pericia nas caçadas, o mais insigne era CACÓOCHEE.

Estes dous jovens selvagens amavam-se reciprocamente; o amor tanto nos desertos, como nas cidades, mostra-se por mil pequenas circumstancias e atencões, e por isso quando Caócochee triumphava do feroz *ming* (1), matando-o a sua pintada pelle era destinada e offerecida para a cama de sua amada, e quando com suas felpudas frechas matava o gigantesco *Inhoron* (2) os seus melhores pedaços eram reservados para o cesto de Aricó; esta, pela sua parte, ajuntava fructas, preparava o mel e guardava para seu amado, em pintadas cuias, as odoríferas aguas do *Botiã*. (3)

Foi no tempo da cahida do pinhão, que enlevados com as fructas e entretidos com a caça, estes dous filhos da natureza anoiteceram nas sombrias magnificas florestas que ladeam ao grande Goyoen.

Apenas chegaram a uma linda e arenosa praia, disse o indio á sua companheira:— descei o vosso cesto; é longe ainda a nossa moradia, e vossos frageis membros necessitam de descanso. Em seguida sentaram-se em uma alva pedra, cuja base, coberta de musgo, era mansamente lavada pelas ondas.

A noite estava calma e serena; os ventos se tinham retirado

(1) *Ming* — onça.

(2) *Inhoron* — anta.

(3) *Aguas do Botiã* — Os indios extrahem do palmito do Botiã um licor saboroso e agradável.

para os seus subterraneos palacios, e á excepção de algum travesso *Pirajú* (1) que, paulatinamente brincando ao suave clarão da lua, misturava suas douradas escamas com as prateadas aguas do Goyoen, nada mais perturbava o silencio que reinava neste umbroso bosque.

A invencivel difficuldade que eu acho em deixar estes logares onde descançam os ossos de meus pais (diz Caócochee, suspirando,) a idéa de separar-me deste fertil e delicioso valle, rico em fructa e caça, deste magestoso rio abundante em peixe; de tudo emfim quanto a natureza aos seus filhos offerece, acabrunha-me na realidade, contrista o meu coração; mas este encontra muito maiores sacrificios em apartar-me de ti, oh! amada e agradável Aricó.

—E para que vos haveis de apartar de mim (diz Aricó desfeita em lagrimas), por ventura tenho perdido de vosso amor, tanto que vos aborreça a minha presença? Não (respondeu o indio) *Tupé* (2) sabe que cada dia mais te amo; porém o temível *Condá*, irmão de meu pai, que vive em paz com os brancos de Curramburg, (3) veio mandado por elles para contractar uma alliança com as tribus de Goyoen; elle volta daqui a um mez e leva-me consigo, vossa gente talvez não o queira acompanhar, consequentemente não consentirão que vás commigo. A minha gente existe onde está o meu coração; tu, oh! Caócochee, para mim és tudo, commigo nada me falta, e ausente de ti não tenho o menor prazer; assim como o fragil cipó desenlaçando-se da arvore, que o sustenta, cahindo em terra, e sendo pizado pelas féras, sécca e morre, assim separada de ti deixará de existir a tua Aricó.

—Eu jamais deixar-te-hei enquanto viver, diz o joven selvagem, abraçando-a; o braço forte de Condá e o terrível arco de Caócochee bastarão para defender-te das iras da tua tribu. E dizendo isto se levantaram ambos e dirigiram seus passos pela margem do rio com destino ás suas cabanas.

PARTE II

A CHEGADA DAS TRIBUS

Tudo era confusão e rumor no alojamento de Nonohay: eccoavam os golpes dos machados de pedra nos mattos visinhos e che-

(1) *Pirajú* — o dourado.

(2) *Tupé* — Deus.

(3) *Curramburg* — Campo grande; assim chamavam os indios aos campos de Palmeiras.

gavam de toda a parte homens, mulheres, creanças e velhos carregados com os despojos da caçada; os *pirrames* estavam entupidos com caça e fructas, e os porongos cheios do espolio da industriosa abelha.

Era este o dia marcado para a reunião das tribus que, por convite de Condá, tinham sido chamadas para assistirem a um grande conselho e deliberarem acerca das medidas propostas por este aliado dos brancos. Em uma espaçosa ramada, preparada para esta occasião, varias mulheres estavam occupadas enchendo muitos porongos com aguardente de *aquiqui* (1), enquanto outras apromptavam os pintados *curús* (2) e preparavam as pennas de *ará-ra* e *inha-tamburg* (3) para ornar a frente de seus chefes.

Em frente das casas, abrigadas á sombra de umas antigas arvores, estavam enfileirados pequenos montes de *nós de pinho*, promptos para o agoreiro accender o fogo, logo que começasse a conferencia, finda a qual deviam principiar as danças do costume.

Da cõpa de um alto pinheiro o vigia fez o signal do apparecimento da gente e logo se distinguio a rouca vóz de uma buzina que, soando por intervalos pelas concavidades da montanha, gradualmente avançava para o alojamento. O velho Nonohay acompanhado de alguns guerreiros subio a uma alta colina para conhecer os vindouros; eram estes as tribus do Goyoen-chi (4). Os primeiros vinham conduzidos por *Haicofé*, guerreiro intrepido e sizudo, cuja comitiva era pequena em numero, mas formidavel pela sua coragem, ardil e astucia de seu chefe. Logo apóz vinha Nicafim, mancebo na flôr dos annos, flagelo das tribus que habitavam as margens do Paiquerê, e genro do valente Condá: os seus guerreiros numerosos e luzidos distinguiam-se entre os mais gentios pela destreza em arremessar suas valentes flechas e pela perspicacia e ardileza nas caçadas. Em ultimo lugar vinha o cacique *Jopaiá*, cujo alojamento existe nas serras do sul, inimigos dos brancos e terror dos viajantes que transitam pela estrada da Missões; a sua gente, mais numerosa que as areias da praia, era mais feroz do que os tigres, que quando entra o gelado inverno descem das montanhosas serras e devastam os campos de Currambur.

Conduzindo Nonohay os novos hospedes para o seu alojamen-

(1) *Aquiqui*—Uma bebida espirituosa feita de mel fermentado.

(2) *Curú*—Uma qualidade de panno das fibras da ortiga grande.

(3) *Inha-tamburg*—Corvo branco.

(4) *Goyoen-chi*—Goyoen pequeno.

to e logo depois chegando o *Climklin* com a sua gente e o velho *Areguá* com seus guerreiros, formaram todos um grande circulo e sentaram-se na verde e molle relva, abrigados dos ardentes raios do sol, á sombra de copadas arvores, que circumdavam o terreno. Um abundante banquete foi preparado para os vindouros, que ajuntando-se em pequenos grupos, trinchavam sobre folhas de palmito as diferentes carnes de diversas caças, enquanto os jovens selvagens de ambos os sexos distribuiam em pequenas cuias o aquiqui.

Acabado isto, os caciques, os anciãos e os principaes guerreiros retirando-se para um lado, e vestindo os pintados *curús*, tingiram os corpos e, cingindo as cabeças com capacetes de plumas, foram reunir-se no logar destinado para o conselho.

PARTE III

O CONSELHO

Os caciques das varias tribus, acompanhados pelos seus guerreiros e assentados em folhas de *botiá*, formavam uma grande roda no meio da qual ardia o fogo do agoreiro; este immenso concurso de selvagens de diversos castas reunidos, apresentava um interessante e romantico espectáculo. Os chefes estavam vestidos com compridas e pintadas *curús*; suas cabeças ornadas com capacetes de plumas de diversas côres, os guerreiros inteiramente nús e seus corpos pintados segundo os usos de suas tribus; os velhos, sobre cujas cabeças se achava semeada a neve dos annos, ainda conservavam o semblante de animo e vigor natural a seu estado selvatico: o Condá e seus companheiros traziam os cabellos compridos e estando meio vestidos, segundo os costumes dos brancos, contrastavam com os demais; estava finalmente ao meio deste circulo o agoreiro com uma vara comprida na mão, observando com attenção as evoluções das chammas de sua fogueira.

O Condá acompanhado pelo seu fiel Josséguem, mostrou então os presentes que tinham sido mandados pelo *Pahi-Cufá*, (*) morador nos campos do Chopim, consistindo em ferramentas, facas, etc., para os homens, fazendas, lenços, missangas e cousas semelhantes para as mulheres. Tudo foi distribuido conforme a qualidade e sexo de cada um e recebido com especial satisfação e alegria, á excepção de Jopaia, que, acceitando com grande indifferença, mostrou pouca affeição e sympathia para com quem as mandou.

(*Continúa*)

(*) *Pahi-Cufá* — Commandante velho.

UMA LUZ MYSTERIOSA

A revista *Annales des Sciences Psychiques*, que se publica em Paris sob a direcção do eminente professor Charles Richet, tendo como redactores, entre outros, os conhecidos cientistas Sir William Crookes, Camille Flammarion, professor Henri Morselli, Dr. Julien Ochorovicz, deu em seu fasciculo de Fevereiro deste anno a seguinte noticia, sob o titulo de

Uma luz mysteriosa em Corsega

«A *Voile d'Isis* publicou recentemente uma pequena noticia sobre uma conferencia effectuada por M. GISTUCCI, juiz em Sousse, (Tunisia), perante a Sociedade da Bibliotheca Idealista Lyonesa, occupando-se, entre outros assumptos, de uma luz mysteriosa que se mostra ha longo tempo numa localidade da Corsega (*). Tratando-se de um assumpto interessantissimo, que requer bons esclarecimentos, escrevemos a M. Antoine Rougier, professor da Faculdade de Direito de Aix, na Provença, pedindo-lhe obter do conferencista algumas informações supplementares a respeito. A resposta de M. Gistucci, em carta, damol-a em seguida.

Essas explicações não são, certamente, completas; e são de segunda mão; é de esperar, porém, que o phenomeno, agora trazido á grande publicidade, seja tratado por outras pessoas mais detalhadamente.

A carta: «Antecipo-me dizendo que não sou uma testemunha directa do phenomeno que relatei na minha conferencia de Lyon.

Isso affirmei, aliás, em tal momento. Mas esta circumstancia não enfraquece em nada a authenticidade do facto. Elle está estabelecido e averiguado por centenas de testemunhas. Muitos membros de minha familia, todas pessoas muito cultivadas, affirmam-me sob honra que o fogo mysterioso e inexplicavel de que tratamos existe realmente. Muitos amigos meus tambem o têm visto centenas e centenas de vezes, e estão promptos a attestal-o sob juramento. Um habitante daqui viu-o ainda este estio, no mez de Abril.

Esta luz mysteriosa manifesta-se em Bocagnano, uma grande aldeia da Corsega, situada a 40 kilometros de Ajaccio, na altitude de 800 metros, sobre a linha de Ajaccio a Bastia. Aparece numa parte da aldeia que se chama «Busso», mas o local preciso ainda não pôde ser determinado, porque desde que o observador se aproxima a 500 metros, mais ou menos, a luz desaparece. Vê-se perfeitamente a 2 kilometros: dá a impressão de uma lanterna, cujo fogo seria azulado. Aparece, desaparece e reaparece. E brilha durante toda a noite. E' principalmente visivel nas noites sem lua e escuras. De tempo immemoriaes falla-se desse fogo. Um velhinho, que eu conheci quando ainda era muito joven, isto é, ha vinte e cinco annos, me contou que seu avô lhe havia dito que os mais

(*) Ilha do Mediterraneo, pertencente á França.

idosos da aldeia haviam sempre observado o fogo de Busso. Engenheiros foram a Busso para marcar o ponto preciso onde se manifesta a luz; mas não o conseguiram. Segundo as probabilidades o fogo se manifesta num local onde ha rochedos com alguns vestigios de ruinas.

Esses engenheiros, parece-me, fizeram o *complot* do silencio para não evidenciarem a impotencia da sciencia official. No meu humilde parecer elles tinham obrigação de empregar todos os meios afim de fazerem uma communicação á Academia de Sciencias. Mas nenhum ousou affrontar os raios dos nossos doutos e infalliveis academicos.

O pequeno fogo mysterioso continúa lá, entretanto, e os habitantes da aldeia já não lhe prestam mesmo a menor attenção. E' preciso não admittir a hypothese estúpida de um embuste, pois que o fogo, ao que affirmam, brilha ha séculos. E' um fogo-fatuo? Creio que não se deve permittir esta hypothese, por tres motivos. Primeiramente não ha cemiterio nem lamaçal ou charco no sitio de que se trata. Depois, é tão pequena a quantidade de phosphoros que se tem podido encontrar em tal paragem, que não permite o phenomeno luminoso. Emfim todo o mundo conhece os fogos-fatuos, inclusive os proprios camponezes. Não! Não se trata disto. Não é a flamma de um fogo-fatuo, embora elle seja tambem azulado. Aliás os engenheiros a que me referi teriam dado do fogo essa explicação scientifica, e no emtanto não o fizeram.

Não pretendo dar desse phenomeno uma explicação de milagre ou de sobrenatural. Não creio nem num, nem noutro. Tudo obedece a leis admiraveis, das quaes não conhecemos senão uma bem pequena parte. Sob o ponto de vista de occultismo eu me arriscaria de boa vontade a emittir uma hypothese, mas muito raras, seguramente, seriam as pessoas dispostas a acceital-a. E' inutil, portanto, apresental-a. Si citei o facto em Lyon, foi unicamente para mostrar, de passagem, quanto nossa pobre sciencia é ainda acanhada, fraca, e sobretudo para mostrar quanto nossos scientists são pouco sensatos quando dizem: «Isto não é possível!» Pois que! pretendeis retrogradar-nos ás superstições e á ignorancia da idade média?...» E são numerosos os que affirmam: «Isto não é verdade! Não é possível!» A sciencia tem seu fanatismo, como a religião. São innumerous os que soffrem o seu jugo e é por isso que a evolução é tão lenta.

A' falta de explicações permittir-me-eis, caro senhor, narrarvos em duas palavras a ingenua e poetica legenda que sobre a luz mysteriosa os camponezes da região têm transmittido de geração em geração?

Em tempos remotissimos vivia em Bocagnano um conde, que era conhecido por todos pela sua malvadez e orgulho. Opprimia os fracos e seus crimes eram numerosos. Dizia-se entretanto muito religioso e a missa não começava nunca sem que elle estivesse presente. Um dia, porém, elle demorára-se na caçada, além da hora da missa. O capellão esperou-o, comtudo, durante algum tempo, porque conhecia-lhe o orgulho e a cólera. Entretanto, tal fôra a tardança, que persuadido ficou o sacerdote de que o fidalgo não vi-

ria assistir á missa, e dirigiu-se para o altar, começando-a. Justamente nesse instante o conde chega com toda sua comitiva e, furioso, fóra de si, por vêr que não se o tinha esperado, sóbe ao altar e de um golpe de espada prostra morto a seus pés o padre, revestido de seus habitos sacerdotaes. Immediatamente os relampagos brilham, os trovões roncam, a terra abre-se em fendas terríveis...

Os assistentes piedosos e honestos foram transportados miraculosamente para fóra. Os outros, com o conde, do qual eram dignos, foram engulidos no terremoto. Tudo desappareceu. Do castello nada resta sinão a lampada fiel que brilhava sempre na Capella para illuminar o Santo Sacramento. E ainda agora esta lampada brilha para lembrar ás gerações dos homens que a justiça de Deus está sempre presente, que elle recompensa os bons e pune os perversos.

Não me opponho de nenhum modo a que as explicações que venho de dar-vos sejam publicadas sob minha assignatura na conceituada revista de que me fallais.

M. Gistucci

O QUE DIZ O DOUTOR

Para os asthmaticos

Está proxima a estação durante a qual os asthmaticos mais sofrem dos accessos de suffocação. A neblinas, o frio humido, as variações da temperatura são para elles muito temives e determinam frequentemente a aggravação do mal.

Quasi todos conhecem o quadro verdadeiramente dramatico duma crise de asthma. O accesso principia geralmente á noite e muitas vezes sem que nada o tenha feito prever. Deita-se o asthmatico bem disposto, e bruscamente, ás 11 horas ou meia noite, accorda-se presa de uma violenta oppressão. O pobre doente sente no peito uma constricção angustiosissima. Levanta-se apressadamente, abre uma janella para entrar o ar—mas a crise é contínua; a respiração é incompleta, sibilante, convulsiva. Procurando facilitar-a elle toma as posições mais variadas. Mas a despeito de seus esforços a oppressão augmenta, a angustia é extrema.

E' raro ser isolado o ataque; ordinariamente repete-se por muitas noite seguidas e é acompanhado quasi sempre de catarro.

Comquanto se conheçam bem os symptomas da asthma e sua evolução, deficiente são os conhecimentos sobre sua natureza e verdadeira origem. Fica-se verdadeiramente confuso ante as causas que determinam os ataques. Ellas são muitas vezes as mais bizarras e as mais insignificantes.

A asthma está igualmente ligada ao temperamento arthritico. O Dr. Trousseau dizia: dertos, rheumatismo, gotta, hemorrhoides, gravelas, migraine, são affecções que podem ser substituidas pela asthma e reciprocamente. São expressões diferentes de uma mesma diáthese.»

Tem-se tambem assignalado a alternancia da asthma com a urticaria e as nevroses, taes como a epilepsia, a hypocondria.

Mas ante esta diversidade de causas determinantes, pergunta-se se a asthma é realmente uma molestia unica ou si ella não é, ao contrario, uma simples perturbação funcional, podendo ser produzida por affecções as mais variadas, como o são, por exemplo, as cephalalgias, as palpitações.

E' precisamente a opinião que sustenta, com competencia muito especial, o Dr. Moncorgé, de Monte-Dore. Na excellente obra que vem de publicar, este scientista affirma que a asthma não é outra cousa que não um phenomeno de reflectividade pulmonar ou nasal, susceptivel de ser provocado por toda sorte de molestias locaes ou geraes, de intoxicações passageiras ou permanentes. Tudo o que se constituir causa de hyperexcitação dos centros nervosos pode, em uma palavra, produzir ataques de asthma.

Resulta desta theoria que não é possivil instituir, como se pretendeu até aqui, um tratamento uniforme para todos os asthmaticos. Para cada caso é preciso primeiramente descobrir a causa que o produzio e applicar em seguida a medicação apropriada.

Nos intervallos dos accessos, porém, é que deve, mais particularmente, ser seguido esse tratamento especial. No momento da crise, serve-se sempre de remedios e processos habituaes, cuja efficacia de momento é reconhecida pela pratica.

(Continúa)

Dr. Drack

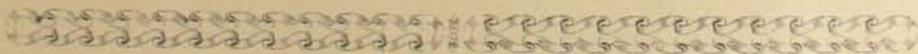


Tabella das velocidades comparadas por segundo

O homem, a passo, 1 m.; nadando, 1 m. 10; soldado marchando, 1 m. 33; cavallaria, a passo, 1 m. 83; brisa fresca, 2 m.; cavallaria, a trote, 4 m.; o homem correndo, 5 m.; cavallaria a galope, 5 m. 60; navios á vela, 6 m.; patinador, 8 m; cruzador rapido, 12 m. 50; torpedeiras, 15. m. 40; cyclista rapido, 15 m. 50; trem de passageiros, 19 m.; pombo-correio, 22 m.; tempestade, 24 m.; cavallo disparado, 27 m.; automovel de corrida, 28 m.; trem expresso, 32 m.; furacão 45 m.; som no ar 340 m.; Cyclone de Lisboa, 540 m.; balla Libel, 700 m.; obus, 900 m.; luz, 300.000 kilometros; electricidade, 440.000 kilometros.

A alma do outro mundo

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

Luiz Guimarães Junior

(Continuação da pag. 319)

No Recife era altamente considerada e o seu nome occupava um dos primeiros logares nos archivos da sociedade do fino tom.

Ninguém melhor do que ella passeiava sobre o tapete das salas as deslumbrantes «toilettes», e Celimena invejar-lhe-ia o manejo do leque palpitante.

Foi a dama, a princeza, a leôa dos bailes pernambucanos. Reservo seu nome na mais secreta pagina da minha carteira, por não me ser dado estampal-o em um escripto que será lido com certeza por... quinze a dezeseis pessoas!

A millionaria amava Rosinha. Por impulso espontaneo do coração, por originalidade, por excentricidade, por extravagancia mesmo, se admittirmos a palavra, mas amava sobejamente a formosa filha de José Paz.

Rosinha fazia-lhe o effeito das flores franzinas e debeis que crescem á sombra da arvore protectora.

Ella sentia um certo orgulho, uma louvavel vaidade em amparar aquelle meigo fructo do matto, que veio por accaso medrar á sombra de sua fortuna. Não era unicamente a amizade que a impellia aos braços de Rosinha; era, mais do que tudo, o desvanecimento, o entusiasmo promovido pela pratica das acções generosas.

Este é o segredo da alma da mulher: a mulher ama ou odeia; não ha meio termo. Dentro desses dois sentimentos transparece por vezes a vaidade, especie de meia tinta, meio clarão e meia sombra para a harmonia do quadro.

Rosinha tornou-se necessaria á existencia da millionaria, como o «cold-cream», o pó de arroz «à la maréchale», a pedra transparente e o perfume «frangipane».

Era um fragmento de sua vida, de seus gozos, de seus devaneios, de sua personalidade até. Se lhe faltasse, a ella, á opulenta dama, aquelle meio de expandir os seus recursos moraes e monetarios, morreria de certo.

Contam por ahi as chronicas galantes a delirante afeição de senhoras de assáz elevado merecimento social por cousas de pouco apreço. Uma expira vendo agonisar o seu «kingcharles»

predilecto; outra, encerra-se na mais profunda hypocondria pelo simples facto de ter seu namorado extrahido do rosto um par de suissas flammejantes; outra, perde-se, porque atravez de sua vida futura distinguio as fimbrias felpudas de um chale de cachemira ingleza; outra, finalmente, engole duas colheradas de arsenico porque, no ultimo baile a que esteve presente, sua rival grangeou maiores ovações do que ella e foi geralmente considerada senhora de mais apurado gosto na «toilette».

Era naturalissimo, portanto, o amor da millionaria pela afilhada; pelo menos mais sympathico e honesto aos olhos do mundo superior.

Depois da «soirée» varias amigas da ricaça perguntaram-lhe pela menina do Jordão.

— E' bem bonita! dizia uma.

— Não parece do matto. Tem um «dégagé»!

— Ella aproveitou-se um pouco das minhas licções, acudia a millionaria orgulhosamente. O que lhes posso garantir é que Rosinha é um anjo!

— Ou um demonio!

— Que diz?

— E então? minha amiga. As mulheres formosas são em geral a tentação da humanidade.

— Não me consta que os seraphins tentem ninguem!

— Deixe-se de graças!

— Onde móra ella, mesmo? Em um arrabalde, não?

— Meia hora de viagem pela estrada de ferro. Sabe onde é os Prazeres?

— Seja onde fôr. E' perto d'ahi a casa de sua afilhada?

— E'. Móra no Jordão.

— Bonito lugar?

— Qual! Uma miseria! Logar de pobres!

— Logo, a sua Rosinha é a feiticeira do Jordão?

— Justamente, e uma feiticeira virtuosa, o que vem a ser raro. A senhora nunca foi por aquelles lados?

— Nunca. De Pernambuco só conheço o Recife, Olinda e um ou outro arrabalde!

— Para uma elegante é quanto basta.

— Quando veremos de novo a sua afilhada?

— A todo momento. O pae é uma onça. Espuma de colera quando lhe roubo por algumas horas a menina. Mas jurei aos meus santos fazer de Rosinha uma perfeita moça!

— Com tal mestra, nada é impossivel.

— Ao menos no futuro dirão que eu servi para alguma cousa!

E a millionaria sorriu com os seus trinta e dous dentes scintilantes.

Era, pois, Rosinha, thema de dialogos espirituosos em plena capital. Ella, a flor do matto, o lyrio escuso e recatado, a branca açucena do sertão, sujeita ás analyses picantes de um mundo artificial e hypocrita! Mas desde a hora em que o pé da moça calca o tapete de um baile e volteia aos perfidos affagos da orchestra, a sociedade apodera-se d'ella como a multidão de um livro impresso, que, embora traçado entre lagrimas, serve de thema tanto ao estudo dos sabios como ao idiotismo dos imbecis.

A's nove e meia horas da manhã a millionaria chegava á porta da casa de José Paz. O matuto estava fora; Rosinha, que nessas occasiões ficava sempre em companhia de uma velha mulher da vizinhança, correu a abrir a porta, conhecendo as pancadas, como o maçõn as symbolicas palmas do templo.

A ricaça, rubra e abrazada, gotejava por todos os póros. A seda roçagante do seu vestido amoldava-se ao corpo em vastas nodoas, produzidas pelo suor e pelo cansaço.

Atravessou como uma avalanche o limiar da casa da afilhada, e cahiu, antes deitada que sentada, em uma especie de sophá ou girão que havia na saleta.

—Minha madrinha!

—Ah! minha filha! Ah! minha filha! que sacrificio! que horror! que calor desesperado! Eu morro!

—Venha para o meu quarto.

—Não; espera um pouco. Deixa-me respirar o ar fresco. Decididamente se eu andasse um quarto de hora mais, morria!

—Que prazer me deu em vir cá! Tenho estado tão aborrecida!

—Vamos para o Recife. Queres?

Rosinha sorriu com ternura:

—Si eu pudesse!

—Ora essa! quem te prohibe?

—Papae!

—Sempre queria ver isso!

—Olhe, minha madrinha, replicou Rosinha abaixando a voz, ha cousas que a gente custa acreditar, mas. . . . acontecem.

—Por exemplo?

—Meu pae ficou furioso desde o dia que eu vim de Recife.

—Hei de perguntar-lhe! deixa estar!

—Pelo amor de Deus, nada lhe diga. Ahi está dindinha Paula que é capaz de contar tudo, quando elle chegar. Falle baixo.

—Vamos ao teu quarto, então.

Sinto-me mais alliviada. Safa! que calor!

A distancia da estação da Bôa-Viagem ao Jordão é sofrível; uns vinte minutos de passo regular.

Habitualmente a millionaria tomava um cavallo na estação, ou fazia o itinerario a pé, com a fresca da tarde.

Naquelle dia o ar abrazado accommettera-a com toda a arrogancia, e ella por infelicidade não pôde encontrar conducção possivel até á casa de José Paz. Por um capricho naturalissimo, affrontando o sol, a poeira e a fadiga, a millionaria atravessara o espaço que a separava do Jordão, como se tivesse na Bôa-Vista saboreando o panorama que da rua da Aurora se desenrola sobre o rio e sobre o mar.

Rosinha conduzio-a ao seu quarto, nú dos ornatos e galanterias que formam o bem-estar das alcovas das moças em geral. Apenas na parede, mal caiada, viam-se duas imagens emmolduradas toscamente: «Maria Magdalena» e o «Nascimento de Jesus».

Os lenções da cama da menina é que luziam como corollas de lyrio ou pendões de jasmins.

Um brando aroma de innocencia, de malvas e de boninas, enchia o compartimento. Sobre o lustroso tijolo do assoalho espalhavam-se petalas de uma flôr dourada.

— Andaste despencando flôres, menina!

Rosinha sorriu docemente, cobrindo-se de um rubor ideal.

— Foi um malmequer, disse ella, desviando os olhos. Eu quiz saber se seria feliz neste mundo!

— E então? continuou a millionaria, excitando com delicias o enleio da gentil creança.

— Não hei de ser, não, minha madrinha. A ultima folha disse que não.

— Vem cá. Abraça-me. Quero-te cada vez mais e com toda a certeza has de ser alguma cousa para o futuro!

Rosinha beijou a mão da millionaria e pendeu o ouvido para a janella escancarada do quarto. Chorava sobre uma pitombeira um sabiá da serra.

A menina pôz o dedo no labio, reclamando silencio. Depois cravou os olhos risonhos nos olhos da madrinha, e:

— Aquelle sabiá, disse ella, cantava esta manhã quando eu desfolhei o malmequer, pensando em minha vida.

— Bom agouro, então! Repara como elle dobra o canto! Olha! olha! bravo! parece que estão derramando moedas de ouro dentro de um prato!

(*Continúa*)

Luiz Guimarães Junior

RECEITAS E CONSELHOS

Tintura do Serralho para as moças palidas ficarem coradas

Dissolvem-se em 4 onças de alcool e 2 onças de agua 15 grãos de pedra-hume em pó, 15 grãos de acido oxalico e 25 grãos de Balsamo de Mecca, ajuntando-se depois 18 de carmin dissolvido em uma oitava de ammoniaco liquido.

Com um panninho fino embebido nesta tintura, untam-se as faces, que apresentarão um rosado elegante, de *côr natural*.

Pomada para tingir os cabellos de preto

Dissolve-se 1 oitava de pedra infernal em 3 oitavas de ammoniaco liquido e junte-se á 2 onças de banha; o uso prolongado desta pomada tornará os cabellos pretos.

Pomada para fazer crescer o cabelo e o impedir de cair

Manteiga de cacau	1 onça
Azeite	4 oitavas
Tannino	12 grãos
Quinina	6 grãos
Alcoolato aromatico	2 oitavas

Derretida a manteiga com o azeite, incorpora-se tudo perfeitamente e usa-se de manhã e de tarde em unções.

Pomada para tirar a caspa

Tomem-se 1 oitava de trincal em pó e 10 grãos de tartaro emetico, com um pouco d'agua de rosas; ajuntem-se 2 onças de tutano e uma onça de banha de gallinha ou pato e meia oitava de oleo de anginhos.

Pomada para alizar o cabelo

Oleo de ricino 1 libra, espermacete 2 onças; derretam-se e ajuntem-se oleo essencial de bergamota, 2 oitavas; oleo essencial de rosas, 5 gottas; oleo essencial de alambre, 1 gotta.

Remedio contra beiços rachados

Untam-se os beiços de vez em quando com um pedacinho de pedra-hume e á noite cobrem-se com a pellesinha que envolve o alho.

Outro

Derretem-se em 10 oitavas de oleo d'amendoas doces 4 oitavas de branco de balêia, 4 oitavas de cêra branca e junta-se alguma soagém (alface-brava) para colorir; cõa-se por um panno, aromatise-se com algumas gottas de essencia de rosas e vasa-se em caixinhas.

NOTAS

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos :

Revista Maritima Brasileira, do Rio de Janeiro, destinada aos interesses da Marinha Nacional de Guerra e Mercante. Esta conceituada publicação, que já conta 32 annos de existencia, facto que por si só mostra o valor da sua acção na imprensa technica, tem como Director o nosso ardoroso e illustrado co-estadano Sr. Capitão de Fragata Henrique Boiteux, e como Redactor-Secretario o distincto Sr. Capitão-Tenente Affonso Livramento, tambem filho do nosso Estado.

Depurai-vos antes de constituirdes familia, com o Grande Depurativo do Sangue "Elixir de Nogueira," do pharmaceutico chimico SILVEIRA.

Tenente-Coronel Caetano Costa

O director desta revista recebeu do illustre Sr. Secretario Geral do Estado a carta que se segue, em agradecimento ás palavras merecidas com que noticiámos a offerta do importante relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Coronel Governador do Estado:

" Gabinete do Secretario Geral — Florianopolis, 3 de Maio de 1912. — Meu caro amigo José Johanny. — Cordeaes saudações. — Por mais que deseje evitar o ruido em torno da minha obscura actuação na vida politica e administrativa do nosso Estado, desde a proclamação da Republica, não posso e nem devo occultar o meu reconhecimento pela bizarra cortezia com que a bella *Revista Catharinense*, que reflecte as excellencias do teu espirito culto, de ordem e de trabalho, e sobretudo a nobreza e independencia do teu character, noticiou o apparecimento do meu Relatorio, como Secretario Geral do Estado.

Já é um conforto e uma compensação, nestes tempos em que a ancia de subir depressa, de galgar posições, leva a maior parte dos homens publicos a fazerem-se vandalos de reputações que muita dedicação, tenacidade e sacrificios custaram ou estão custando, encontrar-se quem ao nosso esforço attenda e o proclame com desinteresse e independencia. E' o teu caso, e por isso mais intenso é o meu reconhecimento, que podes tornar publico. — Sempre ao teu inteiro dispôr — Sou o amigo e sincero apreciador. — **Caetano V. Costa.**

Não ha no Brazil quem desconheça as grandes virtudes do "Elixir de Nogueira," do pharmaceutico chimico SILVEIRA.

"O Catharinense,"

Ao espirito emprehendedor do distincto Sr. deputado Luiz de Vasconcellos, dedicadissimo ao progresso de S. Bento, deve a bella Villa da região serrana do norte o apparecimento do *Catharinense* em 1.º de Maio do anno passado. Fallecido o operoso Dr. Wolff, que alli estabelecera um magnifico atelier typographico, mantendo durante muitos annos o *Wolksbote*, ficaria a Villa de S. Bento sem um órgão na imprensa se não fôra o espirito progressista do digno moço, que não hesitou em fazer o sacrificio de adquirir por compra, dos herdeiros do velho jornalista, a excellente officina, fundando immediatamente o conceituado jornal de que é director.

Saudamos a Luiz de Vasconcellos pelo primeiro anniversario do *Catharinense* e felicitamos o aprazivel e futuroso S. Bento pelo estrenuo advogado de seus interesses, que possui na imprensa.

D. JACINTHO VERA

Primeiro Bispo de Montevidéo

Santa Catharina que antes déra illustre filho para honrar o episcopado argentino, tal foi D. Fernando Trechoy Sanabrya, o fundador da Universidade de Tucuman, tambem se desvanece de ter dado á Igreja da Republica do Uruguay seu primeiro chefe, D. Jacintho Vera.



Eram seus paes, como os do primeiro, oriundos da Hespanha. Quando de passagem para Montevidéo viram nascer na então villa do Desterro, a 6 de Julho de 1813, aquelle que mais tarde deveria ser o primeiro bispo uruguayo.

Na capital da antiga provincia Cisplatina foi Jacintho Vera testemunha, desde sua meninice até 1832, das sangrentas e agitadas commoções que se desenvolveram quasi sem interrupção naquelle cobiçado territorio.

Sentindo que nenhuma inclinação tinha pela vida das armas; horrorisado mesmo com o que diariamente via praticar a caudilhagem desenfreada, onde o odio e as vinganças implantados sobrepujavam todos os demais sentimentos humanos, procurou no seio da Igreja a trilha que de accordo com o seu character e suas idéas deveria seguir. Fez-se por isso sacerdote.

Verdadeiro crente e consciente de sua missão, tornou-se infatigavel apostolo do bem.

Sendo parochio da villa de Guadalupe, onde gozava de grande estima e consideração, dahí foi retirado para receber a honrosa investidura de Vigario Apostolico Uruguayo e bispo de Megara.

Nas luctas fraticidas que por tantas vezes têm ensanguentado aquelle paiz envolveu-se D. Jacintho Vera, não como partidario, mas sim como anjo da paz e da concordia; valia-se de sua influencia e interpunha sempre seus bons officios para que se abatessem as armas e cessassem as contendas.

Foi no exercício deste mistér que, não levando em conta a soler-
cia humana, a sua boa fé e ingenuidade fizeram-no praticar uma
acção que muito o desgostou e de que sempre se arrependeu.

Os desrespeitos à nossa soberania praticados pelos *blancos*,
então no governo, levaram o Brazil á guerra contra o Uruguay.

Sitiada em Dezembro de 1864 a praça forte de Paysandú por
forças de mar e terra, sob as ordens do commandante em chefe barão
de Tamandaré, acha-se o chefe *blanco* Leandro Gomes em apertadas
condições. Querendo o governo de Montevidéo mandar instrucções
áquelle chefe, concebeu a idéa de fazel-o por meio de emissarios
disfarçados, sob o pretexto de levarem soccorros medicos e espiri-
tuaes aos sitiados.

Prevalecendo-se de que para fins humanitarios sempre prompto
se achava D. Jacintho Vera, a elle se dirigiram solicitando a acceitação
da chefia da commissão, não só pela sua elevada posição como por
ter nascido no Brazil e portanto bem aceito pelo nosso almirante.

Promptamente accedeu D. Vera, sem siquer suspeitar da mascara-
da empreitada, e em companhia do vigario de S. Francisco, Martins
Perez, mais dois padres, quatro irmans de caridade, Dr. Vich e do
presidente da junta da hygiene, seguio para Paysandú.

Apresentado que foi ao almirante e supposto o fim a que iam,
não se negou o chefe de nossas forças a permittir-lhes o ingresso
na praça sitiada. Do mesmo parecer não foi o general Flores, nosso
alliado do partido *colorado*, por desconfiar do intuito.

Em caminho para a fortaleza assediada, ao passar a commissão
pelo nosso ultimo posto avançado, ordenou o arguto official comman-
dante della que fossem todos revistados, bem como suas bagagens.

Desta revista resultou a apprehensão de numerosas cartas, procla-
mações e artigos laudatorios, enaltecedores todos da defesa daquel-
le chefe e dando-lhe instrucções. Descobrio-se tambem que o Dr.
Vich não passava de uma mulher, conhecida amante de Leandro
Gomes. Levados á presença do almirante, este os mandou pôr
em liberdade, não deixando de, no entretanto, acerbamente censu-
rar o procedimento de D. Jacintho Vera.

Em extremo envergonhado, explicou o sacerdote ao almirante
que se achava innocente em toda aquella trama, tendo sido vilmen-
te ludibriado.

Desta empreza levou D. Jacintho Vera amarga lembrança pelo
vexame a que o expozeram, devido tão sómente á sua candura
d'alma.

No caracter de Vigario Apostolico do Uruguay e bispo de Me-
gara, assistio em 1869 ao Concilio Ecumenico, até que foi erecta

em bispado a diocese de Montevidéo, cuja cathedra occupou em 1878.

Não brilhou D. Jacintho Vera na litteratura, nas sciencias, nem tão pouco deslumbrou pelos seus rasgos oratorios; em compensação, porém, á grande altura chegou pelo seu proprio merito, por suas virtudes, por sua conducta exemplar e por uma caridade sem limites.

Espirito justiceiro, não admittia a propaganda sem o exemplo; não era intolerante e respeitava os mysteriosos arcanos da consciencia, limitando sempre a sua acção áquillo que lhe competia como primeiro chefe da igreja que dirigia.

Sua pessoa infundia carinho e veneração; frugal nos alimentos, simples no trajar, moderado em seus costumes, humilde em seus actos, tinha sempre bondoso sorriso nos labios. Caritativo, predicado que antes de usar os habitos palares já o exornava em alto gráo, era o amparo de quantos a elle recorriam. Sua porta sempre aberta aos necessitados, pois seus bens eram patrimonio d'elles, nunca deixou sahir ninguem sem ter enxutas as lagrimas.

Diz um biographo deste venerando sacerdote que a caridade era nelle tão proverbial que tendo varios curas depositado em suas mãos algumas economias feitas no desempenho de seus cargos, ao pedil-as, passados alguns tempos, respondeu-lhes Vera: «Dissestes-me que eram economias vossas, e para segurança de melhor fructo para vós outros depozitei-as nas mãos dos pobres de vossas parochias. Jesus Christo, que em seu evangelho se chama o representante dos pobres, vol-as restituirá, pagando cem por um, como havia promettido.»

A acção sacerdotal desse bondoso e caritativo homem da igreja manifestou-se em toda a parte, ora com solitudine extrema na visita aos enfermos, qualquer que fosse a condição social d'elles, ora nas calamidades das guerras civis, procurando uns e outros, visitando-os pessoalmente, lembrando pactos que dessem em resultado a paz e a harmonia entre os combatentes.

As suas *missões*, sobretudo nas campanhas, foram de grande vantagem para o paiz de adopção, porque nellas seu maior empenho era legitimar o vinculo sagrado do matrimonio, como requisito indispensavel para a estabilidade do lar e pedra angular da familia.

Disse delle um periodico de época: «Os habitantes do campo, criados sem culpa propria no fragor dos acampamentos, perdidos nelles os annos aptos para a instrucção moral e o habito do trabalho, endurecido o animo com o spectaculo diario da vingança cruel e do derramamento de sangue, se sentiam commovidos pela unção de sua palavra nessas missões constantes, uma das quaes accelerou o fim de sua existencia

Achava-se elle em Pão de Assucar quando veio-lhe surprehender a morte em 6 de Maio de 1881.

A cathedral de Montevidéo, em um sumptuoso mausoleo, sobre o qual se ergue a estatua do virtuoso prelado, guarda seus veneráveis restos mortaes.

H. Boiteux

Capitão de Fragata

Parochia do Tubarão

Relação dos Vigarios que têm dirigido a Parochia de N. S. da Piedade de Tubarão, creada pela Lei Provincial n. 32 de 7 de Maio de 1835:

1837-1841	— Padre João Jacintho de S. Joaquim
1841-1842	— " Manoel Teixeira Cruz
1843- — —	" Gaetano Francisco de Assis e Souza
1843-1844	— " Antonio Esteves Coimbra
1844-1847	— " João Jacintho de S. Joaquim (interino)
1847-1849	— " José Gnecco
1849-1850	— " José Maria da Costa Rabello
1850- — —	" João Jacintho de S. Joaquim (interino)
1851-1853	— " José Gnecco
1854- — —	Frei Francisco de Santa Izabel Athayde
1854-1859	— Padre Joaquim José dos Santos
1859- — —	" Manoel João Luiz da Silva (interino)
1859-1860	— " Joaquim Soares Teixeira
1860- — —	" Manoel João Luiz da Silva
1861-1866	— " Julio Carlos de Oliveira
1866-1867	— " Francisco José da Costa Souza
1867-1870	— " Julio Carlos de Oliveira
1870-1871	— " Arsenio Pessolano
	" Raffaele Daniele (coadjutor)
1871-1872	— " Manoel João Luiz da Silva (interior)
1872-1874	— " Julio Carlos de Oliveira
1875-1891	— " Cypriano Buonacore
1891-1896	— " Francisco Topp
1896-1897	— " Carlos Schmees
1897-1908	— " Bernardo Freise
1908-1911	— " Francisco Xavier Giesberts
1911-1912	— " José Francisco Bertero

A verdade pode permanecer occulta durante algum tempo, mas acaba sempre por abrir caminho; e a duração e certeza do seu triumpho são proporcionadas aos obstaculos com que lutou e ao tempo que durou o combate.

Samuel Smiles

REPUBLICA CATHARINENSE

DOCUMENTOS PARA SUA HISTORIA

(Continuação da pag. 339)

Sessão extraordinaria de 2 de Setembro de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR CIDADÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO. — Acharam-se presentes cinco vereadores, faltando com participação e causa justa os vereadores Antonio Joaquim Teixeira e Domingos Custodio de Souza. — Aberta a sessão e lida a acta da anterior foi seu conteúdo approvedo.

Foram presentes o S. Mr. Pacheco dos Reis, o S. Mr. Antonio Claudino de Souza Medeiros, o Capitão João Antonio de Oliveira Tavares, o Tenente Vicente Francisco de Oliveira e Antonio José Machado, aos quaes o Presidente desta Camara deferio o juramento aos Santos Evangelhos e empossou dos cargos de Membros do Conselho Governativo do Estado, para que foram eleitos no dia dez do mez passado, em virtude do que mandou a mesma Camara affixar editaes de reconhecimento neste e em todos os mais districtos e participar por officio ao Exmº. Sr. Presidente do Estado e ao Coronel da Divisão Libertadora David Canabarro e convidar aos mesmos para assistirem ao *Te-Deum* que terá logar na Matriz desta Villa no dia tres do andante.

Determinou a mesma Camara se remetesse diploma ao cidadão Antonio José de Freitas para exercer o cargo de Juiz de Paz, por impedimento do cidadão Antonio José Machado, e que se chamasse por officio ao cidadão Albino José da Rosa para vir prestar juramento de posse de Juiz de Paz do 2º anno deste Districto.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignaram. E eu José Pinto dos Reis, secretario que escrevi. *aa*). *Canto — Reis — Leal — Silva — Andrade.*

—:—

Sessão extraordinaria de 6 de Setembro de 1839. — PRESIDENCIA DO VEREADOR CIDADÃO CAPITÃO BARTHOLOMEU ANTONIO DO CANTO. — Acharam-se presentes seis vereadores, faltando com participação o vereador Domingos Custodio de Souza. Aberta a sessão e lida a acta da antecedente foi seu conteúdo approvedo.

O Sr. Presidente apresentou á mesa um requerimento de Manoel Antonio de Mattos pedindo exoneração da fiança feita a Joaquim da Silva Baião, o qual foi indeferido. A Camara determinou se officiasse ao Coronel David Canabarro, remetendo por copia o officio do Juiz de Paz desta Villa com a conta do trabalho da Commis-

são encarregada do arrolamento dos bens dos cidadãos que se ausentaram no dia vinte e tres de Julho proximo passado. Igualmente que se convidasse ao cidadão Francisco José de Souza, morador de Villa Nova, para vir prestar juramento de posse do cargo de Juiz de Paz, por lhe pertencer, por impedimento de varios cidadãos. A Camara ponderou que era necessario dar conta ao Exm^o. Presidente do Estado dos trabalhos da mesma Camara, occorridos desde a proclamação da Independencia do Estado. Foi remettido á Mesa um officio do Exm^o. Ministro do Estado dos Negocios da Fazenda, Justiça e Interior, pedindo conta dos trabalhos da Commis-são encarregada da arrecadação dos bens dos que se ausentaram desta Villa em 23 de Julho de 1839, ao que se respondeu e pediu-se esclarecimento ao Juiz de Paz desta Villa. Foi recebido outro officio do mesmo Ministro dos Negocios da Fazenda, Justiça e Interior, pedindo o Sello das Armas imperiaes que servia nesta Camara, o qual se mandou por portaria entregar pelo Procurador da Camara.

O Sr. Presidente houve a sessão por fechada e assignam. E eu José Pinto dos Reis, secretario que escrevi. — *aa) Canto — Andrade — Leal — Reis — Silva — Teixeira.*

Curiosidades

Segundo lemos num manuscripto do capitão Manoel Marques Guimarães, que foi proprietario da Armação das Balêas de Garopaba, e a quem devemos o retrato do intemerato e façanhudo *barriga-verde* brigadeiro Raphael Pinto Bandeira, damos abaixo uma lista dos preços-correntes em 1795 em Santa Catharina.

Garoupa secca	arroba	1\$000 a 1\$200
Egua	uma	4\$000
Gallinha	"	120 a 160
Bois (para sustento)	um	5\$760
Bois (para trabalho)	junta	16\$200
Aluguel de bois para condução de madeira	diario	640
Conductor da junta	"	640
Falqueijadores	"	240
Pedreiro	"	320
Carpinteiro	"	400
Pargos frescos	um	20
" seccos	arroba	1\$000
Carne de vacca	arroba	320
Farinha de mandioca	alqueire	320 a 400
Cavallo para serviço	um	8\$000
Carne de carneiro	kilo	10
Bagres seccos	cento	230
Azeite de balêa da pesca	canada ou medida	120

H. B.

HISTORIA CATHARINENSE

O 2º tenente JOSÉ DE JESUS

E' facto conhecido que uma commoção, quer se produza ella sobre o dominio physico, quer sobre o moral ou sobre o politico, póde, em certos casos modificar, transitoria ou permanentemente, ou mesmo aniquillar, o primitivo modo de funcionar do systema sobre o qual actuou; em outros, porém, pode dar logar ao apparecimento de novas forças, de cuja existencia nem siquer se suspeitaria e que entrando em acção produzem por sua vez effeitos extraordinarios, verdadeiramente surprehendedentes, os quaes bem estudados servem de guia e exemplo.

Para apontar factos não carecemos de recorrer a meio estranho; dentro do limitado ambiente catharinense encontramol-os e bem frisantes: mostram-nos elles completas metamorphoses operadas no character de certos individuos, depois que seus espiritos foram agitados pór successos desenvolvidos na época e dos quaes fascinados compartilharam.

Assim a quasi inesperada entrada por terra e mar de forças republicanas sul-riograndenses na Villa da Laguna, em auxilio dos catharinenses, e que deu em resultado a proclamação ali da república em Julho de 1839, serve para nos trazer a admiração e levar á posteridade a personalidade de Anna de Jesus Ribeiro; de meiga e casaleira donzella, quasi desconhecida, a não ser pela sua belleza, passou a ser pelo seu arrojo e energia a legendaria Annita Garibaldi, a heroína dos dois mundos.

Ligou seus destinos ao heroico Garibaldi, o commandante da esquadriha republicana, que como *Hernani* a *D. Sol*, lhe havia offerecido e ella acceitou gostosamente.

«Dormir sur l'herbe, boire au torrent, et la nuit
Entendre, en ailletant quelque enfant qui s'éveille
Les balles de mousquets siffler à votre oreille
Être errant avec moi, proscrite, et s'il le faut
Me suivre. a l'échafaud.

A' Annita Garibaldi segue-se o valoroso marítimo João Henriques, o qual como substituto de Garibaldi e como commandante da escuna de guerra *Itaparica* revelou-se o chefe de rara competencia nos preparativos da defeza do porto da capital da nascente republica, confiada á sua guarda emquanto durasse a ausencia do chefe, que mar em fóra fazia sagrar o novo pavilhão, tendo por égide a propria Annita.

A indomita bravura do marinheiro lagunense assignalou-se especialmente no memoravel combate de 15 de Novembro ao entrar a esquadra imperial á barra da Laguna; seu mutilado corpo voou com os estilhaços de seu navio, devorado pelo incendio ateado propositalmente pelas proprias mãos de Garibaldi e de Annita, para que não cahisse em poder dos adversarios.

Resta agora destacar um outro vulto, quasi desconhecido em nossa historia, mas que no entretanto bem merece ser lembrado e apontado.

Queremos fallar do piloto José de Jesus. De seus antecedentes pouco sabemos; relatemos, embora summariamente, o seu proceder como commandante da canhoneira *Imperial Catharinense* e depois do patacho de guerra *Bellico*, batendo-se com extremada galhardia pelo ideal que abraçara.

Preoccupado em extremo o governo imperial com os progressos dos republicanos sul-riograndenses e sabedor do que se tramava em Santa Catharina, tratou de organizar forças de terra e mar afim de oppôr-lhes paradeiro e fez por isso do porto do Desterro a sua base de operações.

Com o intuito de defender o porto da Laguna, cuja barra só admittia navios de pequeno calado, procurou armar em guerra todas as embarcações mercantes da praça. Dentre as muitas nomeações para commandantes e pilotos desses navios, fez a 30 de Junho de 1830 a de José de Jesus, para piloto da Armada e commandante interino da *Imperial Catharinense*, navio de propriedade do nomeado, fretado e armado pelo governo.

Voltou deste modo José de Jesus á sua primitiva carreira, pois a havia abandonado para entregar-se á vida commercial na então villa da Laguna, onde tinha sua casa.

Preparado e artilhado o seu navio foi mandado para a Laguna, afim de cooperar com os demais e sob as ordens do tenente-coronel Villas Boas, na defesa do porto.

Ao saber-se da aproximação de forças republicanas por terra, depois de reforçada a guarnição do *Imperial Catharinense* com uma parte da companhia da Serra, commandada pelo tenente Jacintho Cordeiro de Freitas, seguiu José de Jesus pelo rio Tubarão acima afim de impedir a passagem das forças invasoras.

A 21 de Julho apparecem as forças republicanas de mar pela barra, entrando logo em tiroteio com o lanchão armado *Lagunense*, retirando-se logo que em soccorro do mesmo appproximou-se a escuna *Itaparica*.

Sabedor do que se passava, no dia 22 desce José de Jesus o Tubarão, porém ao chegar ao lugar denominado *Carniça*, a uma

legoa da Laguna, é atacado furiosamente pelos republicanos que, ao mando do cabo Manoel de Castro Oliveira, ali se tinham entrincheirado.

Defendeu-se valentemente a guarnição da *Imperial Catharinense*, gastando até o ultimo cartucho. Vendo José de Jesus que não podia empregar eficazmente os tiros de seu canhões pela altura das margens do rio e que seria fatalmente presa do inimigo, fez signal de soccorro. A este signal, depois de alguma hesitação, accudio o *Lagunense*, porém, mal dirigido, cahio em poder do inimigo.

Diante dessa emergencia e para que seu navio não fosse presa dos republicanos, como haviam sido os outros, resolveu José de Jesus lançar-lhe fogo, abrindo antes, porém, um grande veio d'agua no fundo.

Com os restante da sua guarnição saltou á margem opposta e, abrindo passagem, embrenhou-se pelo interior da matta, indo apresentar-se depois de alguns días, com a sua guarnição, na cidade do Desterro.

Para galardoal-o por este serviço foi-lhe dado o commando do patacho *S. José Vigilante*, depois *Bellico*, com o qual fez parte da 2ª divisão da esquadilha que, sob o commando de Mariath, forçou a barra da Laguna.

Nesse memoravel combate, onde de parte a parte houve prodigios de valor, destacou-se José de Jesus, e o governo imperial para recompensal-o de tanta bravura promoveu-o a 2 de Dezembro de 1839 ao posto de 2º tenente da Armada.

Falleceu este bravo official neste Estado no dia 10 de Julho de 1841.

H. Boiteux

Capitão de Fragata

Desunidos pelas suas opiniões, os homens separam-se ainda mais pelos interesses. A cobiça é o motor da sua vida. Têm, por ventura, familia, patria? Têm-se a si mesmos e nada mais. Os sentimentos generosos, a honra, a fidelidade, a religião, tudo quanto inflammava os animos dos nossos antepassados são hoje palavras vãs... O calculo é a sua unica occupação. A palavra consciencia causa-lhes medo e espanto.

Frederic Schlegel

O character é a ordem moral vista através de uma natureza individual.

Emerson

Sciencias occultas

"Sabbado ultimo o Sr. Dr. Alberto de Sarak, conde de Dás, effectuou no palacio Guanabara mais uma sessão das suas demonstrações sobre as sciencias occultas do Oriente.

A ella assistiram, além do Sr. Hermes da Fonseca, presidente da Republica, e sua exma. familia, os Sr. Dr. Alvaro de Teffé e senhora, senadores, deputados e muitas outras pessoas gradas.

Principiou o Sr. Dr. Sarak por uma curta prelecção sobre as origens do esoterismo oriental, passando em seguida a corroborar com factos as suas palavras, a fazer germinar o trigo no espaço de 10 a 11 minutos, achando-se a terra nas mãos de um dos convidados, tendo dois outros depositado as sementes e regado a terra.

Achava-se o operador distante e nenhum dos seus movimentos passou despercebido.

Aliás tanto a terra como a semente e a agua foram fornecidos no proprio recinto, e não trazidas pelo operador.

Depois fez a experiencia da combustão expontanea dos tres elementos: terra, agua e ar, que produziram o quarto: o fogo.

O prato que continha a terra e a agua achava-se em mãos da senhora Teffé.

Depois de alguns momentos de esforço na projecção fluidica e sem muito se approximar, produziu-se uma pequena chamma branca, que se apagou, tornando a apparecer vermelha e em grandes dimensões.

Demonstrou em seguida a telepathia e a dupla visão. Para isso pediu ao Sr. marechal Hermes que escrevesse uma palavra qualquer em uma folha de papel e escondesse a palavra que havia escripto.

Dirigindo-se, então, a uma tela que estava preparada para a pintura de um quadro, escreveu a palavra "verité", a mesma que o Sr. presidente havia escripto.

Esta experiencia, tambem concludente, valeu ao professor Sarak novos applausos do auditorio.

Fazendo-se vendar então os olhos com pastas de a'godão e meia duzia de guardanapos, o que o punha na impossibilidade absoluta de vêr, jogou com o Sr. presidente da Republica uma partida de dominó, com fichas fornecidas pelo Palacio, causando graça a forma por que acertava com as pedras de que precisava, embora viradas.

Naturalmente foi o seu parceiro que ganhou a partida, embora pela sorte o contrario se devesse ter dado, pois que o adepto oriental tinha obrigado primeiro o Sr. marechal a tomar todas as pedras disponiveis.

Fez em seguida, ainda com os olhos vendados da mesma fórma, um grande quadro a oleo, cujo assumpto foi dado pela senhora de Teffé, executando fielmente o thema que lhe haviam dado,

Uma das mais notaveis experiencias medicas que fez foi a demonstração physiologica dos medicamentos á distancia, sobre si mesmo.

Um dos medicos que se achavam presentes acercou-se do Sr. Dr. Sarak e collocou ao lado direito da nuca (lado designado pelo Sr. Marechal) um frasco contendo atropina, escolhido tambem entre outros medicamentos por s. exc., diso resultando o effeito physiologico da dilatação da pupila direita, o que foi claramente demonstrado, pois, conforme a declaração do medico que o examinava, a dilatação era tal que nem o iris podia ver.

No curso da conferencia o Dr. Sarak prophetisou ainda um naufragio mais; que o Sr. Marechal Hermes faria uma viagem que lhe valeria uma victoria e que, infelizmente, um personagem do quem s. exc. era amigo iria brevemente "onde todos devemos ir", segundo a expressão do iniciado oriental.

A conferencia scientifica do Sr. Dr. A. de Sarak, feita em francez, foi coroada de grande exito, fazendo com que os assistentes o felicitassem muito."

(Do *Jornal do Brazil*, do Rio de Janeiro)

ARICÓ E CAÓCOCHEE

OU

UMA VOZ NO DESERTO

HISTÓRIA FUNDADA EM FACTOS

POR

JOÃO HENRIQUE ELLIOT

1º TENENTE DE ENGENHEIROS

EM 1844

(Continuação da pag. 343)

Depois de acabada esta cerimonia, expoz Condá o objecto de sua missão pela maneira seguinte: «Os moradores de Curramburg positivamente me enviam para solicitar um tratado de interesse e alliança com as tribus de Goyoen, e para provarem sua sinceridade mandam-vos estes presentes, podendo vós procurardes tudo aquillo de que necessitardes em troca de mel, cêra e outras producções deste vasto sertão.» Mostrou-lhes Condá as vantagens deste commercio e a abundancia que reinava nas habitações dos brancos; os campos cobertos de criações; os paiões recheiados de mantimentos, sem que nunca soffram fome e outras privações á que estão sujeitos aquelles que seguem a vida errante. A vossa gente (diz elle) é numerosa; as caças alongam-se e vós não tendes mais para onde vos estender; pelo lado do Poente está o feroz Cachrey, e o grande Paraná; pelo sul os brancos dos campos grandes, vossos inimigos que vos accusam de serdes os autores dos roubos e mortes perpetrados nas estradas; pelo do Nascente, os Botocudos, vossos contrarios implacaveis, e pelo do Norte os brancos de Curramburg, Guarapuava e tribus do Paiquerê. Portanto convido-vos em nome do Pahi-burgs, que móra na grande povoação e que governa todos os mais paizes e em nome do mesmo peço-vos que haja paz, união entre os filhos das florestas e habitantes dos campos; concluo certificando-vos que o *Pahi-Cufá*, com quem eu móro, por mim mandou convidar a todos aquelles dentre vós que quizerem acompanhala para o Chopim e então receberão mais presentes que lá ficaram e tomando conhecimento com o *Pahi-Cufá* que muito deseja ver-vos, garantindo a vossa segurança individual com sua propria vida.»

Ao ouvir este discurso, signaes de approvação foram manifestados pelos jovens selvagens de ambos os sexos.

O Vactong e Arrerué com a sua gente declararam que es-

tavam promptos para seguir: os velhos conservavam-se em profundo silencincio e o agoreiro, que parecia ter dado pouca attenção á narração de Condá, estava occupado, traçando linhas mysteriosas no apagado brazido de sua fogueira: foi então que o Jopaia levantando-se, attrahio a attenção de todos. Estava este cacique no zenith de seus annos; tinha uma estatura gigantesca e aspecto magestoso; um comprido e alvo *curú* descia de seus largos hombros arrastava no chão; uma formosa corôa de plumas de arara e *inhan-tamburg* circumdava sua frente e no nervoso braço, que sustentava uma grossa e comprida lança, distinguiam-se em pontuadas linhas os signaes de seu valor e o numero de seus mortos.

Respeitaveis anciãos e chefes dos povos (diz elle) todos nós temos ouvido as maleficas e insidiosas palavras de Condá, que procura persuadir-nos a entrar em paz e alliança com os brancos, e parece-me que alguns de entre vós estão decididos a acceitar o seu convite, como que se fosse possivel haver liga entre o tigre e o veado; entre o gavião e a pomba; entre o lobo e o cordeiro!

Tereis já tão depressa esquecido o massacre de nossos irmãos, tão cruel e barbaramente assassinados nos campos de Curitybanos?! Ainda branqueiam as planicies de Guarapuava com os ossos das tribus de Paiquerê, todas victimas da má fé e perfidia dos brancos: pensaes que elles usarão de mais lealdade conosco? Não basta que já estejamos tão diminuidos; ainda quereis apressar a exterminação dos poucos que nos restam?

Por minha parte declaro que regeito absolutamente com desdem todos os seus convites e desprezo sua amisade, preferindo a pobre independencia e liberdade que me legaram meus pais a todas essas promessas, em que não creio, e aos commodos e riquezas que se nos offerecem. As florestas abundam em caça: o rio em peixe e os pinheiros todos os annos prodigalisam-nos os seus saborosos fructos: precisamos porventura mais do que necessitaram nossos avós? Essas fazendas serão melhores para cobrir nossas familias do que os *curús* tecidos e fabricados pelas suas proprias mãos? Não nos illudamos, pois, com doces e meigas palavras e com fantasticas palavras; prefiramos os incommodos e perigos, os riscos e privações: preñramos emfim a mesma morte a qualquer alliança e relação com os brancos, que nos querem privar de nossas liberdades. O Jopaia acabou de fallar e um não interrompido murmurio se começou a ouvir por toda a assembléa, assim como depois de um calmoso dia de verão branda viração vindo agitar as folhas das arvores rompe o silencio do retirado bosque.

O agoreiro, que até aqui tinha conservado um profundo silencio, levantou-se e com gestos freneticos e voz terrível bradou:

Vai, oh! infeliz Vactong, vai, oh! credulo e desgraçado Akeruá. Os *innocentes* filhos de *Inha-tamburg* estão alegres; os corvos e cães de *Curramburg* esperam a vossa chegada. O grande Espirito levantou as nuvens, que escondem os eventos do futuro. Elles impacientes vos esperam para immolar-vos: eu vos antevejo estendidos, estrangulados e mortos nos campos; observo cadaveres arrastados pelas feras, sem que mão nenhuma junte os vossos ossos para depositar no sepulchro de vossos antepassados; vejo as vossas mulheres e filhos conduzidos para o captiveiro e espalhados por toda a parte; já echoam nos meus ouvidos os estrondos dos *bocaens*, (*) os gritos de desesperação e de furor; os gemidos dos moribundos; o pranto, a desolação de vossas mulheres já em viuvez e de vossos filhinhos orphãos e desvalidos; tudo isto por acreditarde nas promessas desses trahidores e sanguinolentos brancos.

Ide, partí; para que mais demora? Os filhos de Inham-burg estão gritando de fome e os corvos e cães esperam vossa chegada. Ide, que em breve sereis o alvo de suas balas e vos vereis sacrificados no altar da mais sanguinolenta e horrivel carnificina.

Depois destes prognosticos ditames, cobrio com a vara as linhas mysteriosas que tinha traçado sobre a cinza, *apagou o fogo* e cobrindo a cabeça com o *curú*, sahio para fóra. Esta terrivel propheta causou um choque electrico em todos os ouvintes; a maior parte mostrava aversão e horror ao proposto por Condá; os mesmos chefes que tinham determinado acompanhá-lo, pareciam atemorizados e vacillantes; foi por isso preciso que Condá exgottasse toda a sua dialectica, empregasse todos os meios de persuasão e lançasse mão de sua rethorica diplomatica para os desvanecer dos escrúpulos que lhes tinha infundido a narração terrivel do agoreiro.

PARTE IV

O FESTIM

Defronte da casa do conselho um bonito e espaçoso terreno havia sido preparado para nelle terem lugar as danças, que segundo a indole leviana e inconstante destes selvagens deveria começar logo que findasse a conferencia; aquelles que estavam um pouco antes occupados em negocios de maior sariiedade e importancia, pareciam agora esquecidos de tudo inteiramente, entregando-se de bom grado aos prazeres e divertimentos que tinham sido apromptados

(*) *Bocaens* — Espingardas

para esta occasião. Os fogos ateados dissipavam as sombras da escura noite e mostravam um curioso e estranho espectáculo. Os caciques e guerreiros assentados em torno das fogueiras; as mulheres enfeitadas com pennas de varias côres, formavam um extraordinario circulo, enquanto os jovens indios forneciam á toda a companhia o *aquiquí* em copiosas libações. O joven *Foqui* começou uma cantiga entoando louvores á sua amada Fangré e dizendo quanto sua belleza sobresahia ás mais donzellas de sua tribu, cantando a sua pericia e destreza em bordar os *curús* e trançar as delicadas cordas do *imbé*; attribuindo os seus bons e felizes successos nas caçadas áquellas lindas mãos que fiavam as cordas para o seu arco e arrumavam as plumas nas suas frexas. Depois descreveu as bellezas do verão; os *butiás* carregados com dourados cachos e vertendo saboroso licor; as arvores dos prados vergando ao pezo de seus fructos sazoados, e os favos das abelhas surtidos de mel; expôz tambem os prazeres que acompanham o gelado inverno, quando dos pinheiros abrem as maduras pinhas e fazem esparzir pela terra suas acastanhadas fructas, attrahindo de toda a parte os veados, grandes antas, ferozes tigres e mais diversas especies de caça; convidando a mocidade para as florestas e exercitando o valor dos intrepidos caçadores.

Emquanto assim cantava *Foqui*, os demais acompanhavam a cadencia de sua vóz, batendo nos arcos e lanças; e ficando cada vez mais enthusiasmados, levantavam-se todos, dançando em torno das fogueiras: as mulheres formando uma ala por fóra, os acompanhavam em todas as evoluções e cantigas, fazendo uma especie de côro.

O velho *Cafaia* continuou a cantiga e nella commemorou aquelles felizes tempos em que os virtuosos *Pandarás* (*) ajuntavam e acariciavam os filhos dos sertões, ensinando-lhes a arte de cultivar a terra e gozar em paz os fructos de seu trabalho, e cantou como depois pelas perseguições dos mãos brancos, Paulistas, foram dispersados e obrigados a procurar abrigo e asylo nas tenebrosas sombras dos mattos. Narrou depois as sanguinarias guerras com os ferozes Chocres que habitam as terras do Poente e as frevas, cujas farpas eram de uma pedra mais brilhante do que as escamas do Piraju; fallou das tribus do Paiquerê e da origem da sua rivalidade e concluiu louvando os bravos e valentes que se haviam assignalado nestas mortiferas guerras, exaltando-os por terem preferido a morte ao sacrificio de suas liberdades.

(Continúa)

(*) *Pandarás* — Padres.

O MUNICIPIO DE BRUSQUE (*)

— « » —

(Continuação da pag. 211 — e conclusão)

POVOAÇÕES

São poucas as povoações pertencentes ao municipio.

Barracão do Gaspar — Esta povoação fica situada ao norte, em um pequeno planalto, e conta cerca de 60 casas regulares, uma capella pequena, muito acciada, e um cemiterio. Caminha em florescimento e goza de bom clima e optima salubridade.

Porto Franco — Ao sul é banhada pelo ribeirão do mesmo nome; é povoação bem adiantada e de bastante futuro: conta já 105 casas regulares, distribuidas com symetria, e a sua população é activa e muito laboriosa. A séde sua está collocada em um valle delicioso e muito productivo. Possui uma capella bem regular, um pequeno cemiterio e uma escola mixta de ensino primario.

Aguas Negras — Pequena povoação ao sul, situada á margem do ribeirão do mesmo nome: conta umas 45 casas e uma capella.

A povoação do **Ouro**, pequena, mas muito promettedora em vista dos magnificos terrenos que a circumdam, conta já 30 casas e a sua população é muito laboriosa.

Azambuja — Pequena, mas florescente povoação, na distancia de tres kilometros da séde da villa, conta umas 30 casas e uma capella recentemente construida, onde se fazem pomposas festas, a que concorre grande massa de povo.

Além destes povoados contam-se mais as seguintes linhas, que todas se acham habitadas, sendo que nellas as casas são esparsas; a saber: Guabiruba do Sul; Guabiruba do Norte; Peterstrasse; Aguas Claras; Cedro Grande; Limeira; Pedra Grande; Cedro Pequeno; Planicie Alta e Bella Vista, as quaes todas vão florescendo a olhos vistos, promettendo em prazo breve tornarem-se centros populosos e ricos sob todos os pontos de vista.

O municipio conta 57 engenhos de serra, movidos á agua, 12 olarias, 120 engenhos de canna, 252 fabricas de preparar farinha, 60 de fabricar fubá, 90 alambiques para o preparo de aguardente e alcool e 1 fabrica de licôres.

(*) Este trabalho foi escripto em 1894.

CHRONICA

A Villa de Brusque, primitivamente Villa de S. Luiz Gonzaga, em territorio devidamente demarcado á margem esquerda do rio Itajahy-mirim, foi fundada em 20 de Agosto de 1860, com um nucleo de 54 allemães, dando-se-lhe o nome de «Colonia Brusque», em honra do presidente de então Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque. Teve a colonia por seu primeiro director o Barão de Schi-remburg.

Posteriormente fundou-se, em 1867, a colonia Principe D. Pedro, que mais tarde, em virtude de um Decreto de 1869, foi annexada a Brusque.

Em seu começo as difficuldades eram enormes, os colonos luctavam com um sem numero de embarços: aqui eram os selvico-las que faziam as suas investidas procurando readquirir os bosques e valles, até então a elles pertencentes, e que o homem civilisado usurpava-lhes pelo direito da força e do mando; alli era a falta de vias de communicção, que lhes facilitassem a entrada dos generos alimenticios e outras mercadorias que tanto se faziam necessarias. Os primeiros colonos que aqui se estabeleceram passaram enormissimos contratempos e não pequenos obstaculos soffreram no inicio da colonia, havendo mesmo de parte dos primeiros directores até falta de humanidade.

O esforço, a vontade indomita de que se revestiram, porém, deram-lhes força bastante para superarem todos os obices, todas as resistencias e assim colherem o fructo do seu insano trabalho. Mais tarde vieram as estradas, chegou o conforto e com elle a tranquillidade e os bons tempos de que tanto precisavam elles, os destemidos colonisadores deste abençoado torrão da grande terra catharinense.

A lei provincial nº 920 de 23 de Março de 1881 deu ás duas povoações a cathegoria de villa e municipio, com a denominação de S. Luiz Gonzaga, sendo séde a freguezia do mesmo nome, creada pela Lei nº 693 de 31 de Julho de 1873.

Em data de 8 de Julho de 1883 foi com toda a solemnidade installada pelo cidadão Luiz Fortunato Mendes, Presidente da Camara Municipal de Itajahy, a Villa e Municipio de S. Luiz Gonzaga, sendo os seus primeiros vereadores os cidadãos— Germano Wyllering — Guilherme Felipe Krüger — João da Silva Mafra Netto — Pedro Jacob Heil — Christovão Staack e Augusto Affonso Vianna.

Em 4 de Outubro de 1890 foi installado o fôro civil pelo Juiz Municipal 1º supplente Dr. José Augusto Moreira Guimarães, segundo o Acto de 2 de Setembro do dito anno; ficando pertencendo á comarca de Itajahy.

Foi mais tarde elevada á comarca pela Lei nº 16 de 3 de Novembro de 1891, sendo installada a mesma a 16 de Março de 1892 pelo seu primeiro Juiz de Direito Dr. Antonio Wanderley Navarro Pereira Lins, a cujo acto compareceu todo o governo municipal e grande concurso de cidadãos.

No anno de 1892 o povo da Villa, num momento de indignação contra o vigario, padre João Fritzen, levantou-se e pôl-o fóra do municipio. Por tal motivo transportou-se á séde desta Villa o Chefe de Policia de então, o illustrado e integro Dr. Candido Valeriano da Silva Freire, afim de syndicar dos factos: o que fez com a imparcialidade e criterio que o caracterisam, resultando voltar o dito padre para a bôa moralidade publica, sendo pouco tempo depois retirado da freguezia.

Dr. Alfredo Moreira Gomes

Só para mulheres

Na Inglaterra, como aliás em outras partes, o numero de mulheres isoladas, vivendo do seu proprio trabalho, é consideravel e cresce de dia para dia.

Esta interessante cathogoria de trabalhadores não ganha geralmente senão um salario assás modesto: ha milhares e milhares de mulheres que não ganham por mez mais que 40 ou 50 francos. Como viver honestamente e hygienicamente com recursos tão precarios?

Este problema angustiante foi examinado pela duqueza de Marlborough, num estudo consagrado ás suas compatriotas desherdadas da sorte, e publicado na grande revista ingleza *The Nineteenth Century*.

A duqueza de Marlborough, que se occupa com interesse e com intelligencia das questões operarias, verificou com tristeza que, em toda a Inglaterra duas cidades somente resolveram até ao presente, de um modo mais ou menos satisfactorio, o grave problema social da habitação das mulheres desamparadas: Glasgow e Manchester.

Glasgow possui um *Hotel para mulheres desamparadas*, com capacidade para receber 248 pessoas: o aluguel das camas custa de 35 a 60 centimos (200 a 360 réis). Este hotel é administrado pela municipalidade e realiza um lucro de 4 por cento.

Manchester offerece, porém, maiores cuidados ás mulheres. A grande cidade manufactureira resolveu o problema do alojamento ás suas operarias de uma forma mais completa.

Por 40 centimos por dia (240 réis) as operarias que habitam o hotel municipal podem pretender:

- 1— Um leito perfeitamente limpo, num bonito quarto bem arejado;
- 2— Um banho completo, agua fria e agua quente, com toalha de toilette;
- 3— O direito de lavar suas roupas e de fazel-as seccar nos vastos espaços do estabelecimento;
- 4— O direito de mandar preparar gratuitamente seus alimentos ou de fazel-o pessoalmente nas cosinhas do estabelecimento;
- 5— O direito de demorar-se no salão de alimentação e na grande sala de reunião do Hotel, onde está installada uma bibliotheca para seu uzo.

A duqueza de Marlborough conclue seu interessante estudo por um appello caloroso em favor da creação, em todas as grandes cidades do Reino-Unido, de hoteis para mulheres desamparadas, semelhantes aos de Manchester.

Notas Historicas

(Continuação da pag. 333)

21ª LEGISLATURA

Devia estender-se do anno de 1889 á 1893 (2 cadeiras). Fôra convocada a camara a reunir-se extraordinariamente a 20 de Novembro de 1889 por decreto de 15 de Janeiro do mesmo anno. Depois de haver celebrado sessões preparatorias, reconhecidos os poderes de grande numero de deputados, a camara achou-se dissolvida pela proclamação da republica em 15 de Novembro de 1889.

NO REGIMEN REPUBLICANO

Realisou-se a eleição em 21 de Agosto do mesmo anno, de accordo com a lei nº 3099 de 9 de Janeiro de 1881. (19 municipios, 40 parochias e 2217 eleitores.)

1º DISTRICTO — DESTERRO

11 MUNICIPIOS E 22 PAROCHIAS

(1º Escrutinio) 1256 eleitores

39º — Conselheiro João Silveira de Souza, eleito, 789 votos.

Contendor, Dr. Alexandre Marcelino Bayma, 361 votos.

Contendor, Antonio Justiniano Esteves Junior, 153 votos.

Contendor, Dr. Genuino Firminio Vidal Capistrano, 12 votos.

2º DISTRICTO — LAGUNA

(1º Escrutinio) 963 eleitores

Dr. Olympio Adolpho de Souza Pitanga, 442 votos.

Dr. Polydoro Olavo de Santiago, engenheiro civil, 408 votos.

Coronel Francisco Tolentino Vieira de Souza, advogado, 100 votos.

Coronel Raulino Julio Adolpho Horn, pharmaceutico, 13 votos.

Não tendo nenhum dos candidatos votados reunido maioria de votos, entraram os dois primeiros em segundo escrutinio, em 2 de Outubro, dando o seguinte resultado:

(2º Escrutinio) 841 eleitores

40 — Olympio Adolpho de Souza Pitanga, eleito, 566 votos.

Contendor, Dr. Polydoro Olavo de Santiago, 275 votos.

(Continúa)

Rodolpho Baptista de Araujo

O CONSELHEIRO SOUZA FRANÇA

(Continuação da pagina 311)

Na sessão de 19 de Julho aventou-se a these se o Imperador podia nomear dentre os Deputados o Intendente Geral da Policia, e, no caso affirmativo, se o Deputado, acceitando a nomeação, perderia a sua cadeira.

O debate, que foi prolongado, e no qual tomaram parte, a favor — Arouche Rendon, Carneiro de Campos, Pereira da Cunha, Rodrigues de Carvalho, e contra — Carneiro da Cunha, Vergueiro, Almeida e Albuquerque, Dias da Gama, teve por iniciador o deputado Souza França.

«Eu não posso convir, disse o illustre catharinense, em que desta assembléa se nomeiem para os empregos do Executivo quaesquer outros Deputados além dos Ministros de Estado actuaes, a respeito dos quaes a mesma Assembléa dispensou na sessão de hontem; pois isso seria estabelecer em regra uma excepção, e excepção motivada e qualificada de circumstancias que se julgaram imperiosas para se ella admitir; de sorte que não pode constituir exemplo a respeito de outros empregos pela singularidade de sua condição; pois se abrimos a porta a semelhantes anomalias, bem depressa poderemos *vêr os procuradores dos povos tornados em agentes do governo e seus instrumentos*, ou pelos cargos que occupam, ou por aquelles que ambicionam occupar. Senhores, sejamos francos em dizer a verdade, não é assim que havemos de corresponder á devida confiança que em nossa representação pôz o povo brasileiro.

Este não nos poderá taxar de menos zelosos da causa publica em contemporizarmos, como contemporizamos hontem, a respeito da escolha e emprego dos Ministros de Estado tirados desta assembléa; mas não será tão indulgente que nos excuse, se deste exemplo quizermos fazer regra; antes talvez nos taxe de ambiciosos, que cobrimos com as resoluções de agora, as nossas pretensões futuras.»

Não obstante, a Assembléa decidio que o Imperador podia nomear dentre os Deputados o Intendente Geral de Policia e que o Deputado não perderia por isso a sua cadeira.

Muitas queixas appareciam de violações do segredo das cartas nos correios. Na sessão de 26 de Julho o deputado Alencar apresentou a seguinte indicação: «Proponho que se diga ao Governo que tenha o mais particular cuidado sobre a Administração do Correio, afim de não ser violado o segredo das cartas».

França manifestou-se: — «As indicações não necessitam de ser apoiadas para serem discutidas nesta assembléa; o regimento

não o manda, nem sei que a pratica o autorise: eu tenho a palavra e fallarei, portanto, sobre a materia.

Sr. presidente, eu julgo bem desnecessaria esta indicação, porque *nisi utile est quod facimus, stulta est gloria*.

Não sabe o governo por ventura que o segredo das cartas é e deve ser respeitado e mantido entre povos civilisados?

Mais que muito o sabe.

Logo, que vamos nós de bom fazer com uma advertencia a quem está advertido do que cumpre praticar?

Teremos nós acaso esperanza de ganhar por esta via o laurel de evitarmos que se devasse o segredo das cartas dos nossos concidadãos, dos nossos constituintes?

Não, certamente.

Manifestaremos nisso, sim, bons desejos, mas na applicação de meios que são inefficazes bem lhe provaremos quanta é a nossa impotencia em remediarmos o mal cortando-o pela fonte dos abusos.

Sr. presidente, fallemos claro.

A razão por que se devassa o segredo das cartas no correio, é por que não ha responsabilidade publica do administrador.

Se este funcionario publico temesse a lei da responsabilidade, se esta pontualmente punisse as malversações que todos os empregados commettessem, bem creio eu que nem se haviam de abrir cartas no correio, nem outros muitos abusos excitariam as queixas dos nossos concidadãos contra os mesmos empregados.

A mim, não me importa, nem a nós nos deve importar se o governo patrocina ou não essa má obra; isto é questão muito indifferente para o caso, pois tanto isso deve servir de escusa aos officiaes do correio como se de boa feição com os seus superiores commettessem qualquer um outro crime contra a lei.

A obediencia activa de um cidadão livre tem limites demarcados na mesma lei: esta é a differença que vai delle a um vil escravo, instrumento passivo da tyrannia.

A abertura de uma carta por pessoa a quem ella não respeita é um crime, segundo as leis existentes do nosso paiz, e se é aberta pelo administrador do correio, ou se elle nisso consente, a elle somente é imputavel o delicto, o qual então implica uma triplicada culpa, porque nelle se dá cumulativamente a violação do segredo epistolar, a eleivosia da confidencia e a malversação do emprego publico.

A falta de repressão que entre nós vulgarisou o privilegio de os empregados publicos atacarem impunemente os direitos dos seus concidadãos, é a causa de cobrirem taes malversações com o

especioso nome de razões de Estado, sem nenhum pudor daquelles que as praticam.

Voto portanto contra a indicação, e se algum cidadão houver que se queixe de offensa de direito nesta parte, que venha a nós, que represente; pucharemos pela espada da responsabilidade e com o seu golpe sobre o administrador do correio talvez se abra exemplo que escarmente a temeraria ousadia com que assim se mofa da lei e dos bons costumes e da mais que soffrida paciência dos povos.

Não temos nada que mandarmos dizer ao governo sobre isto.

Repito, portanto, ainda uma vez e insisto que nos não deve importar neste assumpto o facto do governo: se existe, (fique embora envolvido na calliginosa nuvem da mysteriosa intriga com que obra), castigue-se o autor do delicto, que é o administrador do correio, em tal caso; não nos embaracemos com os cúmplices: é boa regra de administração de justiça criminal escarmentar em poucos a culpa que commetteram muitos.

Demais disso, os governos nunca são em regra maus, senão porque encontram instrumentos passivos das suas malversações nos agentes secundarios da administração publica.

Se estes têm o respeito á lei e o amor á justiça gravados no seu coração, embalde se esforçará o ministerio por trazel-os aos seus fins em sinistro desrespeito da mesma lei e dos bons costumes.

Mas que ha de fazer o administrador do correio sendo coacto pelo governo, dir-me-á alguém!...

Respondo que não ha coacção neste caso, da parte do governo, o que ha é servilismo, e servilismo muito baixo da parte do administrador, porque prefere commetter um crime, aggravado da aleivosia contra a confiança publica e de malversação do empregò que se lhe confiò, sómente por agradar e ganhar a vontade de um ministro de Estado, que o peita.

Façam-me a mim administrador do correio e eu lhes mostrarei em pouco tempo que não ha coacção que se tema.

Supponhamos que um ministro me mandava pedir as cartas: tinha a resposta prompta — «não lh'as mando, não quero.— As cartas são uma propriedade estranha, de que o administrador do correio é o fiel depositario; o deposito de qualquer indole e natureza que seja deve ser sagrado e como tal o reputam ainda mesmo as nossas leis antigas, oriundas de costumes muito menos civilizados que os nossos.

A Ordenação do Reino impõe pena ao depositario que se escusa com dizer que entregou o deposito ao juiz que o mandara fazer; o deposito confidencial e publico das cartas missivas não deve

ser conceituado em menos do que o das outras especies que andam no commercio dos homens.

Mas, me replicarão, pôde o ministro privar do officio ao administrador do correio!

Respondo que isso é terror panico.

Ninguem é tão máo que o queira parecer.

Nenhum ministro se aventura, e muito menos agora, a privar um empregado publico do seu officio sem motivo justificado; quando essa tentação tivera, bastava a liberdade da imprensa para se ella cohibir.

Se, porém, o administrador do correio tem adiantadas culpas ao cartorio e teme que a vara da justiça faça os officios da vingança do ministro, então tenha paciencia, que aos maus não é permittido viverem seguros por muito tempo; isso é privilegio sómente outorgado á virtude, quando a calumnia lhe não anda na esteira.

Finalmente, senhores, tempo virá em que os ministros de Estado serão effectivamente responsaveis ao publico por suas malversações. Mas ainda está longe. Por agora toca fazermos responsaveis os agentes secundarios, por elles principiemos a boa obra; eu prezo mais uma lei de responsabilidade effectiva do que uma constituição. Repito que não temos que indicar ao governo.»

José Johanny

Uma cidade invejavel

A cidade Kingenberg, na Baviera, Allemanha, conta actualmente 1.350 habitantes, que são, certamente, os mais felizes do mundo, relativamente á administração publica local. A municipalidade possui uma mina de barro especial, cujo rendimento é de quantia tal que, não só dispensa os habitantes de impostos municipaes, como, ainda, destribue 300 marcos, annualmente, a cada chefe de familia.

Uma cidade de sal

E' pena que ella seja tão longe, sem o que a villegiatura que vamos indicar «desafiaria toda a concorrência», como dizem os reclames.

E' a pequena cidade de Kilberg, na Galicia, excavada numa mina de sal gemma. As casas são em sal, as ruas são calçadas de sal. O monumento mais curioso é a igreja, constantemente alumia-da de luz electrica, que se reflecte feéricamente nos crystaes de sal das paredes e das esculpturas.

Deve ser interessante visitar essa pequena cidade.

Ha 30 annos que Kilberg está construida, e nesse longo decurso não se tem notado um só caso de molestia infecciosa. A mortalidade por causas ordinarias é representada por cifra muito baixa.

O QUE DIZ O DOUTOR

Tratamento da asthma

(Continuação da pag. 347)

Um ataque de asthma é ordinariamente composto de uma série de suffocações que se fazem sentir durante muitas noites seguidas, á mesma hora. Vamos indicar o tratamento a observar nessas crises, tão peniveis para os pobres doentes.

E' preciso, desde o principio, assentar o paciente, tendo a cabeça levantada; desembaraçal-o de vestimentas que possam impedir a livre circulação do sangue e fazer abrir as janellas, para que haja ampla ventilação. Quer na cama, quer em uma cadeira de encosto, deve ser completa a immobildade do paciente.

O quarto deve estar bem illuminado, porque a obscuridade accrescenta muitas vezes a difficuldade nervosa de respirar.

Pode-se experimentar então os pós e os cigarretes habituaes á base de datura e de belladona, fazer queimar papel nitrado, praticar inhalações de ether ou de iodureto de ethyle. Recorrer-se-á de preferencia á pyridine, que diminue muito sensivelmente o poder de reflectividade dos centros nervosos: uma colherada, das de café, num pires, collocado perto do doente: renovar a mesma doze duas ou tres vezes no dia.

As ventosas seccas, as cataplasmas sinapisadas, os banhos de pés a uma temperatura elevada, devem ser igualmente empregados.

Si a crise é muito violenta o medico se servirá de morphina em injeção sub-cutanea, depois de se ter assegurado que as ourinas do doente não contêm albumina.

Quanto a outros medicamentos, será preferivel nada tomar; entretanto reconhecemos que é muitas vezes bem difficil saber passar sem elles.

A antipyrina, á doze de uma ou duas grammas por dia, em 4 capsulas, tomada ás refeições, pode muitas vezes sustar os accesos astmaticos.

Tambem se consegue algumas vezes o mesmo com o sulfato ou o bromhydrato de quinino. Serve-se tambem muito de iodureto, e é preciso reconhecer-se — *un peu à tort e à travers* — a sua efficacia em alguns casos: eis a regra a seguir no seu emprego:

Quando o doente não tem o habito de o tomar, uma doze de uma a duas grammas por dia é capaz de sustar o accesso, tão rapidamente como a morphina. Em todo caso, comquanto a acção do

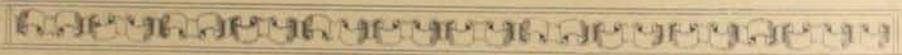
iodureto seja menos prompta, é entretanto quasi sempre muito eficaz. Associa-se de ordinario este medicamento ao opio para combater a tosse, ao chloral contra as insomnias, ao bromuro quando ha excitação nervosa geral.

Se, entretanto, o accesso produzir-se em um asthmatico em estado de ioduração habitual, deve-se suspender o emprego do iodureto. A brusca cessação do emprego é sufficiente, muitas vezes, para alliviar sensivelmente o doente.

Em todos os casos de crise média o Dr. Moncorgé, notabilidade franceza, aconselha, no principio, um purgativo salino ligeiro: depois, regimen lacteo para as pessoas fortes: dois litros de leite addicionado de agua de Vichy. Ao mesmo tempo far-se-á tomar bebidas diureticas quentes para augmentar a secrecção urinaria. Tratando-se de doentes fracos a alimentação deve ser composta de leite, ovos pouco cozidos, sopas e legumes. Evitar refeições succulentas, porque é inconveniente carregar o estomago, impondo-lhe longa digestão.

Fóra dos periodos das crises, e a titulo preventivo, prescreve-se geralmente aos asthmaticos o uzo de preparações iodadas: iodureto de potassio, xarope iodo-tannico, iodolose, etc., sempre em doses muito fracas e nunca de forma contínua. Deve-se alternar com o emprego do arsenico, cujas propriedades anti-asthmaticas são conhecidas desde a mais alta antiguidade. Utilisar-se-á seja o licor de Fowler, seja o arsenico ou cacodylato de soda.

Dr. Drack



Versos de Stecchetti

Estala-me a cabeça. O espectro ardente .

Da ardente febre amargurar-me vem:

Estou sem forças, pallido, doente,

Mas quando penso em ti sinto-me bem.

Mas quando penso em ti cessam as dôres

E as esperanças brotam como flôres.

Quizera a morte para não soffrer

Mas quando penso em ti quero viver.

Luiz Guimarães Junior

Lavanderia para bilhetes de banco

Uma recente invenção yankee

M. F. B. Churchil, de Shelbyville, no Estado de Indiana, America do Norte, vem de fazer uma invenção notavel: uma machina para limpar os bilhetes de banco.

O jornal-revista de New-York, *The Coming Nation*, deu em um de seus derradeiros numeros a descripção do apparelho. O engenheiro Yankee, empregado ha mais de 20 annos numa grande lavanderia, entristecia-se em vêr na circulação tantos bilhetes de banco immundos. Depois de experiencias minuciosas elle adquiriu a certeza de que as notas de banco podem ser lavadas do mesmo modo que as roupas, e imaginou o apparelho que *The Coming Nation* descreveu da maneira seguinte:

A lavagem das notas de banco. — Collocam-se os bilhetes numa corbelha metalica, e mergulha-se-a em uma bacia contendo solução sabonosa de soda. Um jacto de ar comprimido agita o liquido, e toda a materia extranha que adheriu á nota durante a circulação é desfeita em poucos minutos e destruidos os microbios. Em seguida immerge-se a corbelha em outra bacia, onde recebem as notas um banho de amidon, para dar corpo ao papel. Passam, então, para um seccador movel, que circula com immensa ligeiresa no meio de uma violenta corrente de ar: a força centrifuga expulsa em pouco tempo a ultima gotta d'agua.

Abre-se, enfim, a corbelha, faz-se passar os bilhetes entre dois cilindros: elles sahem limpos, sem dobras, inteiramente semelhantes a bilhetes novos.

Vejamos agora quaes são as vantagens:

Preciosos ninhos de microbios — Um bilhete de banco, em circulação, é habitado, em média, por 142.000 bacterias. Experiencias feitas em Washington sobre vinte e um bilhetes demonstraram que o mais limpo, um bilhete quasi novo, continha 14.000 microbios, e o mais sujo 586.000. Vê-se, portanto, de que grande utilidade é a lavagem e desinfecção dos bilhetes, para evitar o desenvolvimento das molestias microbiannas.

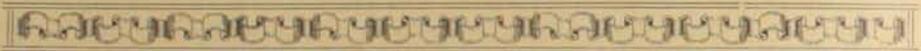
Mais ainda sob um outro ponto de vista o invento de M. Churchiel merece despertar a attenção dos governos.

O departamento do Thezouro, nos Estados Unidos, calcula em 1.183.000:000 de dollars o valor dos bilhetes emporcalhados que se retiram annualmente da circulação, substituindo-os por novos. Esses bilhetes são em numero de 200 milhões, sobre os quaes 80%, isto

é, 160 milhões, podem ser lavados. A reimpressão de cada um desses bilhetes custa um centavo e tres decimos, emquanto que a lavagem não custa mais que um decimo do centavo por centena de bilhetes, seja uma economia de dois milhões de dollars, dez milhões de francos (6.000.000\$000 réis). Admittindo-se, diz a revista de onde tiramos estes apontamentos, que a pratica dê um pouco de quebra, pode-se esperar uma economia annual de ao menos um milhão de dollars, o que não é para desdenhar.

Demais, como a vida média dos bilhetes, na America, é de dois annos para os de dollar (os que circulam mais), de tres e de quatro annos para as cédulas de valor maior, sua durabilidade, prolongada pela lavagem e desinfecção mechanicas, permittirá reduzir de metade o pessoal dos escriptorios de emissões.

Muitos bancos americanos tratam já de estabelecer lavanderias de bilhetes de banco, com o intuito de fazerem grande economia de tempo e dinheiro.



APPARIÇÃO

*Por uma estrada de astros e perfumes
A Santa Virgem veio ter commigo:
Doiravam-lhe o cabello claros lumes
Do sacrosanto resplendôr antigo.*

*Dos olhos divinaes no doce abrigo
Não tinha laivos de Paixões e ciumes:
Domadôra do Mal e do perigo
Da montanha da Fé galgára os cumes.*

*Vestida na alva excélsa dos Prophetas
Fallou na ideal resignação de Ascétas,
Que a febre dos desejos aquebranta.*

*No emtanto os olhos d' Ella vacillavam,
Pelo mysterio, pela dôr fluctuavam,
Vagos e tristes, apezar de Santa!*

Cruz e Souza

A alma do outro mundo

ROMANCE BRAZILEIRO

POR

Luiz Guimarães Junior

(Continuação da pag. 351)

O sabiá terminou o melodioso gorgueio por uns trillos penosos e ternos.

—E agora! Veja, minha madrinha, veja agora! Este choro tão triste, não será a imagem do meu futuro?

O sabiá abriu as azas e perdeu-se entre os galhos da matta obscura.

A millionaria fallou em theatros, bailes, toucados e outras banalidades graciosas de seu mundo official. Rosinha escutava-a como um passaro escuta as variações do «Carnaval de Veneza» em uma flauta saltitante. Eram harmonias novas para o seu coração ainda puro e ignorante; segredos e mysterios encantadores que a assaltavam, sem turbarem siquer o remanso angelico de sua alma peregrina!

O nome de Adriano Carvalhal entrou no dialogo.

— Elle falla-me de ti vinte e quatro vezes por dia.

E' um moço sympathico, disse Rosinha, corando de leve, o unico, proseguio ella, para disfarçar o seu enleio, que eu conheci naquella noite.

— Posso-te garantir que é um rapaz distincto na extensão da palavra, volveu a millionaria. A proposito: o que dirá teu pae se elle cá vier?

— Aqui, ao Jordão?

— Sim.

— Oh! minha madrinha, não cassôe!

— Por que? Achas que isso é peor que a fortaleza das Cinco Pontas?

— Não, mas um moço do Recife pizar a cabana de um pobre! Nossa Senhora nos defenda!

— Pois elle pediu-me que eu o trouxesse. Até quiz vir hoje mesmo!

— Oh!

— Pareces-me tola. Rosinha! Deixa as outras serem matutas, faz-te uma moça da cidade, que para isso te eduquei eu! Ora, não

se viram! Esta senhora com vergonha de receber em sua casa um moço com quem dansou toda a noite! E' falta de delicadesa, minha filha.

— Minha madrinha, está me experimentando!

— Estou, sim! Tens razão, estou te experimentando. Preciso indagar do que se passa por aqui, e eis o motivo porque fallei em Adriano. Nem elle me disse nada!

Rosinha mordeu levemente o labio.

— Ah! não disse nada?

— Nada.

— Melhor. Que vergonha, meu Deus! se seu sobrinho entrasse nesta casa!

— As melhores flôres, meu bem, nascem nos mais rudes can-teiros. Tu, Rosinha, és o bogary do matto!

— Pobre de mim!

— Hei de trazer o Adriano um dia ao Jordão!

Pelo amor de Deus, minha madrinha!

— Elle é poeta e gosta destas paysagens agrestes!

Tu lhe apparecerás tal qual como estás agora; de cabello solto e vestidinho de chita azul! A proposito: e o vestido que te dei!

Rosinha perturbou-se e volveu os olhos em redor de si. Tinha medo de mentir, a pobre rapariga! e ao mesmo tempo medo de denunciar as horrorosas sanhas de seu pae.

— Dei, minha madrinha.

— Hein?!

— Perdoa-me, sim? acrescentou a menina, beijando as mãos da velha elegante; foi um caso de esmola!

— De esmola?

— Uma menina dos Duros com quem me dou muito casou-se antes de hontem, e não tinha enxoval... A senhora não faria o mesmo?

— Tu és um anjo, mas um anjo que não deve viver no meio deste horrroso matto... Eu não dormiria descansada uma noite aqui!

— Com effeito!

Ouviram-se vozes na estrada. Rosinha reconheceu a de José Paz.

— Ahi vem papae. Trate-o bem, sim, minha madrinha?

— Porque me pedes isso? Ha alguma cousa contra mim?

— Exquisitices delle! Diz que minha madrinha só quer tirar-me de sua companhia!

— Toleirão!

— Quem lhe pede sou eu!

— Está bem. Não ha remedio! O teu sorriso e os teus olhos, feiticeira, conquistam tudo!

José Paz não sentiu grande entusiasmo com a presença da comadre. Quando soube que ella viera apenas vê-lo e não roubar-lhe a filha, o matuto desenrugou a testa e desfranziu o sobr'olho.

A' tarde a millionaria despediu-se, e foi, acompanhada por José Paz, esperar na estação a passagem do trem.

— Só muito amor por sua filha, compadre, me faz dar estes passeios !

— Eu sou um homem «arreconhecido,» comadre.

Chegando á casa, o matuto perguntou anciosamente á filha se tratara do vestido, do leque e dos livros queimados.

— Eu disse, respondeu Rosinha, com certa impaciência, que tinha dado o vestido a uma noiva da minha amizade.

— Fizeste bem, filhinha. Dá cá um abraço !

As impertinencias do matuto já atormentavam a menina. Mais de uma vez ella recebera o grumbido paterno com uma especie de aborrecimento visivel. Olhava para o céu e perguntava a Deus o motivo porque elle havia semeado tanta formosura e tanta pobreza, tanta falsidade e tanta fortuna no mundo.

Um dia recebeu Rosinha das mãos do criado da madrinha uma carta, em cujo sobrescripto lêra seu nome traçado por penna desconhecida.

O crioulo retirou-se, annunciando-lhe que viria buscar resposta meia hora depois.

José Paz não estava em casa, e a velha companheira, a dindinha Paula, approximou-se cambaleando.

E' uma carta de minha madrinha. Quer que eu vá ao Recife, mas vou responder-lhe que não posso !

Ella mentia a si propria, e o coração accusava-a pela primeira vez na sua vida, pulsando vivamente, a ponto de atordoal-a. Correu ao quarto; fechou a porta e abriu com as mãos vacillantes e geladas, a carta mysteriosa. Assignava-a o nome de Adriano Carvalhal.

«Tremo, escrevendo esta carta. Desde aquella noite da «soirée», Rosinha, (perdoe-me tratál-a assim), sua imagem me segue como a luz, como o ar, como o sangue, como a existencia. Amo-a de toda minha alma; idolatro-a com todas as minhas crenças de mocidade.

«Nunca mais se lembrou, não é verdade ? nunca mais se lembrou daquelles momentos venturosos que o céu me concedeu com uma prodigalidade indigna de mim.

«As minhas palavras, o meu sentimento, as minhas aspirações, doce criança, correram sobre o seu coração limpido, como as azas negras de um agouro, ou as negras azas de um crime.

«Recorda-se da musica, recorda-se dos vestidos, dos perfumes,

das estrellas daquela noite, mas de mim? de mim é impossivel que conserve uma lembrança, anjo da belleza e da virtude!

«Mas eu adoro-te, Rosinha! Rosinha, eu te amo! eu te amo! eu te amo!

«Rosinha! Desfolho o teu nome na minha bôcca, e, syllaba por syllaba, o decoro como o faminto ou o sequioso de morte.

«Quero ir lá vel-a, vel-a um momento, um minuto, um segundo, um pensamento.

«Responda-me em uma palavra: diga-me: «sim» e far-me-ha feliz como se pôde ser debaixo da misericordia de Deus. Se não me escrever pronuncie a palavra, faça um simples acceno ao portador, e isso me bastará.

«Creia que eu a amo! Amo! Nem sei o que escrevo! Onde está a eloquencia do amor, senão no fogo dos seus olhos, Rosinha, e na perturbação invencivel de meu espirito?

«Responda-me, allivie-me, salve-me! Eu aqui fico, tremulo e assustado, como um malfeitor que espera a sua condemnação ou a sua liberdade. Seja boa, tanto quanto é formosa.

«De joelhos lhe peço: ampare-me e creia no meu amor.

ADRIANO CARVALHAL».

O portador veio pedir a resposta. A menina lutou por alguns momentos, mas, encherdo-se de uma força heroica, exclamou:

— Resposta! Não tem resposta esta carta!

E fechando-se no seu quarto, desatou em prantos e soluços com o rosto afogado nos travesseiros.

VI

Adriano Carvalho amava a filha de José Paz.

Era amor profundo o que elle sentia? Amor capaz de todos os sacrificios, de todos os martyrios e de todas as lagrimas da sua vida?

Adriano percorria nessa época a encantada floresta dos vinte e cinco annos, de cujas arvores transparentes rolam os pomos de ouro, e em cujos bosques sombrios e suaves a brisa desperta as notas da esplendida symphonia do amor.

A mulher começa a fruir os primeiros delirios da existencia aos quinze annos, o homem aos vinte e cinco. Balzac, que entendia cathedricamente dessas cousas, deu ao homem até á idade de Christo os sabores da primeira mocidade, simples esboço do quadro futuro que representa a vida, e que não é mais do que o symptoma de uma vida posterior, denominada a experiencia!

(*Continúa*)

Luiz Guimarães Junior

RECEITAS E CONSELHOS

Remedio contra a embriaguez

Dá-se á pessoa embriagada a mistura de 16 pingos de Espirito de Mendesere (Acetite d'ammoniac) com uma onça de agoa asucarada: e como por encanto desaparecerão todos os symptomas do effeito alcoolico, e ficará o doente em poucos minutos como se não tivesse bebido senão agoa.

Remedio para tirar o habito de embriagar-se

Mistura-se: 1 onça de espirito de vinho com 2 oitavas de acido sulphurico e dá-se esta poção á pessoa dada a embriagar-se, e quando ella estiver em estado de embriaguez; terá vomitos tão fortes e ficará de tal sorte anojada, que deixará de uzar de bebidas alcoolicas.

Outro

Mistura-se uma onça de espirito de vinho, com uma oitava de ammoniac liquido: dá-se ao bebado, em estado de embriaguez.

Remedio contra callos

Para curar os callos nos pés, molha-se em acido acetico, ou vinagre distillado, uma folha de sabugueiro, que se corta exactamente do tamanho do callo; applica-se-lhe em cima, e deixa-se estar por espaço de vinte e quatro horas, cobrindo-a com panno gommado.

Repete-se esta applicação trez ou quatro dias consecutivos, mudando-se de cada vez a folha.

Muitas pessoas teem colhido bom resultado com este remedio.

Agua para destruir as verrugas das mãos e callos dos pés

Humedece-se as mesmas de dous em dous dias, com a mistura de duas oitavas de nitrato acido de mercurio e duas oitavas de vinagre.

Outro

Uma oitava de sal ammoniac dissolvido em uma oitava d'agua quente e uma oitava de acido muriatico.

Para prevenir os panaricios

Para prevenir os panaricios quando estes estão em principio, põe-se o dedo na tinta de escrever durante algum tempo; ou tambem se tem o mesmo resultado pondo o dedo durante algum tempo em tintura de iodo.

NOTAS

Livros, revistas, jornaes, etc.

Recebemos e agradecemos :

— *O Debate*, hebdomadario sob a intelligente direcção do nosso collega Sr. Herminio Menezes. Iniciou sua publicação no dia 19 deste mez, na aprazivel cidade do Tubarão, e é seu intuito consagrar-se á defesa dos interesses geraes da sociedade, sem dependencia de partidos politicos. Texto variado, bem escripto e excellentemente impresso no acreditado *Gabinete Patria*, dos Irmãos Bainha, em Urussanga.

— *Folha Rosea* — Bella folha litteraria de Ponta Grossa, no prospero Estado do Paraná. Optimas produções em prosa e verso contem o numero recebido, nitidamente impresso em bom papel roseo.

Para usar-se o grande depurativo do sangue "Elixir de Nogueira," do pharmaceutico-chimico SILVEIRA não é preciso ter em conta a idade ou sexo.

Correio do Sul

Ao nosso intelligente collega Sr. Mario Mattos felicitamos pelo segundo anniversario do seu apreciado *Correio do Sul*, e auguramos-lhe, no decorrer do anno recém-encetado, as recompensas jornalisticas de que é merecedor.

Visitantes illustres

No decurso do presente mez tivemos o prazer de receber as honrosas visitas dos illustres cavalheiros Srs. capitão José Vieira da Rosa, chefe da comissão de levantamento da carta itineraria do Estado e illustrado publicista, collaborador desta revista; e Dr. Fulvio Cariolano Adduci, deputado estadual e propecto advogado da Companhia de Estrada de Ferro S. Paulo Rio Grande.

As crianças que morrem durante o anno são inumeras, devido aos vermes (lombrigas); salvai-as com a *Lombrigueira* do pharmaceutico-chimico SILVEIRA.

Vital Baptista de Araujo

Acompanhados de uma gentil cartinha, em que reitera as bondosas expressões do seu amor á terra lagunense, em que nasceu, o distincto Sr. coronel Victal Baptista de Araujo nos enviou de Cuyabá dois apreciaveis folhetos de sua lavra: — *Reflexões criticas sobre a revolução de Matto Grosso* (1892), na qual o autor tomou parte activissima e saliente; e *Relatorios apresentados ao Governo do Matto Grosso nas administrações dos Srs. Coroneis Generoso Ponce e Pedro Celestino Costa*.

Ambos estão bem escriptos e comprovam a competencia intellectual, a energia civica e o caracter adamantino do illustre patricio, que muito honra á sua terra natal.

Livraria Editora --- de Jacintho Silva

7, RUA RODRIGO SILVA : ENTRE AS DE S. JOSÉ E ASSEMBLÉA

RIO DE JANEIRO

Esta importante livraria é agente da *Revista Catharinense*, na Capital Federal, encarregando-se da venda avulsa, etc.

Indice do Volume I

A

- A. Moreira Gomes (Dr.)** — Anchieta — 15
» » » » Município de Brusque — 41, 113, 166,
210, 368
Arcyprste Oliveira Paiva — Oratoria Sacra, — 25, 59, 92, 119, 216
Agradecimento — 33, 65, 258
Antonio Nobre — Cantae! — 185
» » — Illusões — 215
Alphonse Berget — Theoria Cosmogonica — 244, 265

BE

- Bateria Marechal Luz — 39
Blumenau debaixo d'agua — 115
Benedicto dos Santos (Dr.) — Pesquisas de Carvão em S. Catharina — 121, 146, 180

C

- Carlos de Faria** — Primavera — 24
« « « Hora Eterna — 240
Cruz e Souza — Sonata — 203
« « « Aparição — 379

D

- Documentos Historicos — 23, 55, 228
Donato Silva — 17 de Novembro de 1889 — 162
Dario de Barros — Palestra sobre a lavoura e criação — 169
Dupla personalidade — 218
Dr. Drack — O que diz o Doutor — 276, 308, 346, 376

EE

- Elysiario Quintanilha** — O Pescador — 22
Ensino aos Cegos nos Estados Unidos — 110
Elementos de Civildade — 304, 337

F

- Finanças do Estado — 43
Francisco Izidoro Rodrigues da Costa (Dr.) — Estudos Archeologicos — 47, 73, 212

G

Guerras no Seculo Passado — 238

H

Horacio Nunes — Primeiro de Janeiro — 75

« « A Saudade — 334

Henrique Boiteux — João Henriques — 81

« « A Abrilada em Santa Catharina — 129

« « Sociedades de Tiro, 194 — 226

Hymno Catharinense — 259

« « Ruínas em Santa Catharina e Paraná — 290

« « Os Tangarás — 274

« « Francisco Xavier Cardoso — 330

« « D. Jacintho Vera — 354

« « Curiosidades — 359

« « O 2º Tenente José de Jesus — 360

J

José Johanny — A Republica Catharinense — 1

« « O Padre Manoel João — 27

« « O General Laurentino — 51

« « A Exportação da Laguna nos Tempos Coloniaes — 124

« « O Conselheiro Souza França — 35, 102, 150, 175, 206,
234, 270, 282, 310, 372

« « Mappa da Exportação da Laguna no Biennio de
1819-1820 — 171

J. B. Franc — A Alimentação — 49, 84, 105, 152, 178, 204, 242

Jacob Huddleston Slatter (Dr.) — A Religião dos Povos Anãos —
107, 142, 173

José Vieira da Rosa (capitão) — O Valle do Itajahy — 135, 168

José Arthur Boiteux (Dr.) — Terceiro Congresso Brasileiro de
Geographia — 148

Josephina Vincent Boiteux (D.) — Ninho de Marinheiros — 202

J. A. C. — Invasão da Ilha de Santa Catharina — 290, 322

João Henrique Elliot — Aricó e Caócochee — 300, 340, 364

L

Luiz Guimarães Junior — A Promessa de Marcolina — 32, 45, 86, 125

Luiz Gualberto (Dr.) — Denominação de Santa Catharina — 67, 97

Luiz Guimarães Junior — A Alma do Outro Mundo — 157, 188, 220
252, 284, 316, 348, 380

- Luiz Delphino** — Volta ao Paiz Azul — 264
 « « As Naus — 332
Luiz Guimarães Junior — Versos de Stecchetti — 377
 Lavanderia para Bilhete de Banco — 378

M

- Manoel Joaquim Almeida Coelho** — O Brigadeiro Coimbra, — 19, 61,
 88, 111, 144, 186, 248, 271, 306
 Miscelanea, 241, 273, 314
Manoel Maria du Bucage — O Remorso — 312

N

- Notas — 64, 96, 127, 161, 193, 225, 256, 289, 320, 353, 385

O

- Octaviano Ramos** — Miraculosa — 165
Octavio Ramos — Velando um Berço — 83
 O Antigo Commercio Maritimo da Laguna — 63

P

- Parochia do Tubarão — 357

R

- Rodolpho Baptista** — Notas Historicas — 94, 141, 192, 209, 250, 313,
 333, 371
 Republica Catharinense, (documentos) — 198, 230, 268, 296, 338, 368
 Receitas e Conselhos — 224, 251, 288, 315, 352, 384
Ruy Barbosa — O Justo e a Justiça Politica — 278
Raymundo Corrêa — As Pombas — 309

S

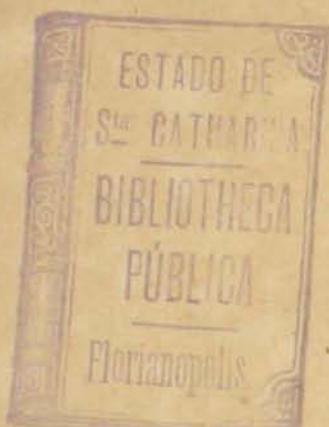
- Sciencias para Todos — 247
 Sciencias Occultas — 363

U

- Uma Luz Mysteriosa — 344

ERRATA

No trabalho *Notas Historicas*, do Sr. Rodolpho Baptista de Araujo, á pag. 371, ha duas emendas a fazer-se: onde se lê---decreto de 15 de Janeiro, leia-se: de 15 de Junho; e o titulo --- *No Regimen Republicano* --- (11ª linha) foi alli collocado por engano.



Typographia Johanny ...LAGUNA
SANTA CATHARINA

